A NOVA CRIAÇÃO

[Folha de rosto]

ESTUDOS
NAS
ESCRITURAS

"O caminho dos justos é como a luz
resplandecente, que brilha cada vez mais
até o dia perfeito." SÉRIE VI

A Nova Criação

"Daqui em diante, não conhecemos mais ninguém segundo a carne; sim, embora tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, agora, daqui em diante, já não o conhecemos mais assim. Portanto, se alguém está em Cristo, é a nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que todas as coisas se tornaram novas." ***2 Coríntios 5:16,17***

Ao Rei dos Reis e Senhor dos Senhores

EM NOME

SEUS SANTOS CONSAGRADOS,

QUE AGUARDAM A ADOÇÃO,

—E DE—

“TODOS OS QUE, EM TODOS OS LUGARES, INVOCAM O SENHOR”, “A FAMÍLIA DA FÉ”,

—E DE—

A CRIAÇÃO QUE GEME, EM DOR DE PARTO E À ESPERA DA MANIFESTAÇÃO DOS FILHOS DE DEUS,

ESTA OBRA É DEDICADA.

“Para que todos vejam qual é a comunhão do mistério que, desde o princípio do mundo, esteve oculto em Deus.” “No qual Ele nos abençoou abundantemente a nós em toda a sabedoria e prudência, tendo-nos dado a conhecer o mistério da Sua vontade, segundo o Seu bom prazer, que Ele propôs em si mesmo; para que, na dispensação da plenitude dos tempos, Ele reunisse todas as coisas em Cristo." ***Ef 3,4-5.9; 1,8-10***

Escrito em 1904 pelo Pastor Russell

[Fi]

"**A Nova Criação**"

PREFÁCIO DO AUTOR

MUITO do trabalho de todo servo de Deus é feito nas trevas — ou seja, assim como o tecelão de um belo tapete, ficamos nos bastidores, vendo pouco dos resultados de nossos esforços e confiando que, no tempo determinado pelo Senhor, ouviremos Seu "Bem feito" e veremos alguns frutos. "Ficarei satisfeito quando acordar à Sua semelhança."

No entanto, o Senhor, em Sua grande graça, nos deu encorajamento no que diz respeito à influência deste volume em várias partes do mundo, nos corações do povo de Deus. Tivemos o prazer de receber testemunhos de muitos a respeito das bênçãos recebidas por meio de uma melhor compreensão da justificação, da santificação e da libertação prometidas à Igreja na Palavra de Deus. Muitos outros nos relataram as bênçãos recebidas por meio dos conselhos bíblicos dados a maridos e esposas, pais e filhos, no que diz respeito aos caminhos da paz, da justiça e do crescimento na graça. Muitos também nos informaram sobre grandes bênçãos e auxílio no que diz respeito aos deveres, privilégios e obrigações dos Anciãos e Diáconos, bem como à ordem bíblica na Ecclesia. Regozijamo-nos com essas coisas e confiamos de que a boa obra continuará sob a orientação divina, para o louvor de nosso Senhor e para o conforto e edificação de Seu povo.

Chamamos a atenção para o fato de que, desde que este volume foi escrito, a luz se tornou ainda mais clara no que diz respeito às grandes Alianças de Deus. Vemos agora que a Aliança da Lei era um prenúncio da Nova Aliança (da Lei), que está prestes a ser estabelecida na Segunda Vinda de Jesus, pelo grande mediador, Jesus, a Cabeça, e a Igreja, Seu Corpo — o antítipo de Moisés, que escreveu: "O Senhor, vosso Deus, vos suscitará, dentre vossos irmãos, um Profeta como eu." Moisés foi meramente o tipo desse Profeta maior, e a Aliança da Lei que Moisés mediou foi meramente um tipo ou prenúncio da Aliança da Lei maior da era milenar.

Deus levantou Jesus, a Cabeça desse grande mediador, em primeiro lugar,

quando O ressuscitou dentre os mortos. Desde então, Ele está levantando a Igreja como a nova criação; e quando todos os irmãos do Corpo de Cristo tiverem sido reunidos do mundo por meio do conhecimento da Verdade e santificados pelo espírito santo e forem considerados dignos pela fidelidade até a morte, e todos tiverem sido elevados pelo poder de Deus das condições terrenas para as condições celestiais como o Corpo de Cristo, o grande Melquisedeque antitípico estará completo, um Sacerdote em Seu Trono — o grande mediador da Nova Aliança será entronizado em poder divino. Então, a Nova Aliança entrará em vigor, como Deus disse a Israel: "Eis que vêm os dias, diz o Senhor, em que farei uma Nova Aliança com a Casa de Israel e com a Casa de Judá."

O mediador antitípico, após pagar à Justiça Divina, plena e eternamente, o preço do resgate por Adão e sua raça, assumirá o controle total e, sob essa Nova Aliança, assim selada, dará início à obra de abençoar e restaurar todos os dispostos e obedientes da raça de Adão. Todos os que entrarem em harmonia com o Senhor serão contados como parte da descendência terrena de Abraão, até que, finalmente, ao final do milênio, todos os que exercerem fé e obediência sejam reconhecidos pelo Senhor como a descendência de Abraão. "Ao se tornarem essa descendência, todas as famílias da terra se abençoarão."

Inadvertidamente, o nome "Nova Aliança", que se refere às relações de Deus com o mundo durante o milênio, tem sido usado em relação à aliança que está agora em vigor durante a era evangélica com a Igreja. Nossa Aliança, é claro, é uma nova aliança no sentido de que é diferente da Aliança judaica do Monte Sinai, mas não é A Nova Aliança. A Aliança da Igreja é mencionada na Bíblia como uma "Aliança pelo Sacrifício". Ter essas questões em mente será benéfico para os leitores deste volume. Todas essas alianças estão relacionadas entre si. Todas elas foram representadas e tipificadas em Abra-ham e na aliança que Deus fez com ele. A Igreja é denominada Semente Espiritual de Abra-ham e comparada às estrelas do céu. O mundo da humanidade, à medida que entra

[Fiii]
em harmonia com Deus, se tornará a semente terrena de Abraão —como as areias da praia. A Semente Espiritual será o canal de bênção para a semente natural.

O tema da justificação não mudou, mas se ampliou e se esclareceu. Se escrevesse este volume hoje, o autor faria algumas pequenas variações na linguagem, mas sem qualquer mudança real no que diz respeito ao significado e à aplicação da palavra justificação.

Vemos agora que uma justificação para a vida é uma coisa, e uma justificação para um grau maior ou menor de amizade com Deus é outra. Abraão, por exemplo, e os fiéis antes do Pentecostes, foram justificados para a amizade com Deus e para ter um grau maior ou menor de comunicação com Ele por meio da oração, etc.; mas não podiam ter justificação plena até que o Sangue da Expiação tivesse sido derramado e até que tivesse sido apresentado e aceito pela Justiça Divina — o Pai. Da mesma forma, pode-se dizer que o pecador de hoje que se aproxima de Deus está no caminho da justificação — ele teria mais do favor de Deus do que se estivesse voltado para o pecado.

Certa vez, falamos de um pecador nessa condição como sendo justificado, porque ele acreditava em Jesus como seu redentor e estava caminhando em direção a uma consagração plena de si mesmo. Agora vemos que, embora a atitude do pecador, assim como a dos Antigos Justos, pudesse ser denominada "justificação provisória", ela não alcançaria a condição de uma justificação plena e completa do pecado até que o pecador se apresentasse totalmente em consagração ao nosso grande Sumo Sacerdote, Jesus, e fosse aceito por Ele em nome do Pai. Então, sob a cobertura do mérito imputado do sacrifício de Cristo, o pecador seria aceitável ao Pai sob o manto de Cristo e gerado pelo espírito santo.

É uma sorte para as massas que ouviram falar de Jesus e acreditaram parcialmente que sua posição perante o Senhor *não* é a de justificação plena, pois Ele se recusa a justificar plenamente qualquer um até que se tornem, por aliança, Seus discípulos, seguidores de passos. Isso porque a justificação só pode ocorrer uma vez para cada indivíduo, e se ele fizer mau uso dessa justificação e não conseguir a vida eterna, ficaria em uma situação pior do que se nunca tivesse sido justificado. Se não for justificado

e gerado pelo espírito no tempo presente, ele não pertence à Igreja, mas terá parte no mérito do sacrifício de Cristo e na justificação que Seu Reino oferecerá a todos os membros da família humana — com exceção da Igreja —, sendo que a Igreja receberá aquilo que é melhor, que Deus reservou para aqueles que O amam: glória, honra, a imortalidade e a natureza divina.

Para muitos, talvez não pareça valer a pena mencionar essas sutis distinções sobre o tema da justificação; e, no entanto, tendo recebido essa compreensão mais clara do Plano Divino, temos prazer em transmiti-la a todos os que têm fome e sede de justiça — a todos os Estudantes da Bíblia em todos os lugares.

Que o Senhor continue a abençoar este volume para o bem de Seu povo, é a oração do autor,

CHARLES T. RUSSELL

Brooklyn, N.Y., 1º de
outubro de 1916

ÍNDICE

ESTUDO I
"NO PRINCÍPIO"

Vários começos — A Terra existia — Uma semana criativa para sua ordenação — A duração dos dias-época — A admissão do Prof. Dana de especulações infundadas por parte dos cientistas — A persistência das espécies refuta a teoria da evolução — Os pombos do Sr. Darwin — Uma teoria da cosmogonia — Testemunhos leais dos Profs. Silliman e Dana — O primeiro dia-época criativo — O segundo, idem — O terceiro, idem — O quarto, idem — O quinto, idem — O sexto, idem — O homem, o Senhor da Terra, criado na Aurora da sétima época — Resumo de "Meeting Place of Geology and History" (O ponto de encontro entre a geologia e a história), de Sir J. W. Dawson, LL.D., F.R.S. — A sétima época — Dia da semana criativa — Sua duração — Seu descanso — Seu objetivo e resultado — O Grande Jubileu, celestial e terrestre, previsto para o seu término..... 17

ESTUDO II
A NOVA CRIAÇÃO

A Nova Criação, Separada e Distinta de Todas as Outras — Por Que Escolhida Entre a Criação Humana, e Não Entre Outras
—O Objetivo da Sua Eleição — Missões Presentes e Futuras — Como São Gerados e Nascem para a Nova Natureza — A Estreita Relação de Todos os Seus Membros entre Si e com Seu Capitão, Cabeça e Noivo — Desenvolvimento e Provas da Filiação
—O sexto sentido, ou sentido espiritual, da nova criação para o discernimento das coisas espirituais — Por qual nome a nova criação deve ser conhecida, a fim de ser leal à Cabeça e não se separar de nenhum dos irmãos?..... 59

ESTUDO III
O CHAMADO DA NOVA CRIAÇÃO

Somente os "chamados" são elegíveis — Quando começou esse chamado da "grande salvação" — Um chamado ao arrependimento, não um chamado à natureza divina — O chamado judaico — O chamado do evangelho — Por que não são chamados muitos "grandes", "sábios" ou "poderosos" são chamados — A exaltação é a recompensa pela verdadeira humildade — O caráter é uma condição do chamado — O mundo durante o milênio não será chamado, mas comandado — O tempo do chamado do evangelho é limitado — A nova criação é chamada ou atraída pelo Pai
—Cristo, nossa sabedoria — Cristo, nossa justificação — Justificação real e

considerada — A "nova criação" precisa de justificação?—O

fundamento da justificação—A justificação dos antigos justos difere da nossa—A justificação na Era Milenar—Cristo se tornou para nós a santificação—A santificação durante a Era Milenar—Duas consagrações distintas nos tipos levíticos—Nenhum deles tinha herança na terra—A grande multidão—A santificação de duas partes—A parte do homem—A parte de Deus
—As experiências variam de acordo com os temperamentos—A santificação não é perfeição nem emoção—"Quem cura todas as tuas doenças"—Necessidade do Trono da Graça—Como a justificação se funde com a santificação—A consagração desde o fim do "alto chamado"—A salvação ou libertação da Igreja 85

ESTUDO IV
A NOVA CRIAÇÃO PREDESTINADA

Visão geral da eleição — O pensamento correto — Nenhum prejuízo para os não escolhidos — Distinção entre "escolhidos" e "muito escolhidos" — "Há um pecado que leva à morte" — "É coisa terrível cair nas mãos do Deus vivo" — A grande multidão — Suas vestes lavadas e brancas no sangue do Cordeiro — A videira escolhida e seus ramos
— Várias eleições no passado — Nenhuma delas foi eterna — Jacó e Esaú como tipos — "A Jacó eu amei" — "A Esaú eu
Odiado" — Faraó — "Justamente para esse propósito eu te levantei" — Deus nunca coage a vontade — Faraó não é exceção a essa regra — "Deus endureceu o coração de Faraó" — A nação de Israel escolhida — "Que vantagem, então, tem o judeu? Muito em todos os aspectos" — Os escolhidos, "a nova criação" — Significado da "graça" — Ilustração de "os próprios do rei" — Predestinados "para serem conformados à imagem de Seu Filho" — "Os chamados segundo o Seu propósito" — Qualificações e características dos "chamados" — "Se Deus é por nós" — Parafraseando o argumento do apóstolo — Assegurando nosso chamado e nossa eleição — A pista de corrida — "Corro em direção à meta" — "Sabendo que fomos escolhidos por Deus". 163

ESTUDO V
A ORGANIZAÇÃO DA NOVA CRIAÇÃO

As "pedras vivas" para o templo espiritual — A nova criação nominal versus a real — O "mistério de Deus" e o "mistério da iniquidade" — A organização do Grande Anticristo — A confiabilidade das Escrituras — Liberdade concedida ao mundo e ao cristianismo institucional
—Ordem a partir da confusão — "No tempo devido" — "O fim dos séculos" — A videira plantada pelo Pai — "Os doze apóstolos do Cordeiro" — Paulo, o sucessor de Judas — Número de apóstolos limitado a doze — A comissão apostólica — Os

— O apóstolo Paulo "nem um pouco atrás" dos outros apóstolos — A inspiração dos Doze — Supervisão divina dos escritos dos apóstolos — "Sobre esta rocha edificarei a minha igreja" —

Harmonia dos evangelhos — Chaves da autoridade — Infalibilidade apostólica — Objeções consideradas — "Um só é o vosso mestre" — A verdadeira igreja é "o rebanho de Deus"—Apóstolos, profetas, evangelistas, mestres — A organização do Senhor para a nova criação é absolutamente completa — Ele também é seu superintendente — Os dons do espírito cessaram com o fim de sua necessidade — Unidade da "fé que uma vez por todas foi entregue aos santos"—Unidade de força, anticristã—Bispos, anciãos, diáconos—Verdadeiro significado de "profeta"—Humildade essencial ao ofício de ancião—Outras qualificações necessárias—Diáconos, ministros, servos—Mestres na Igreja—Muitos devem ser capazes de ensinar

—"Não sejais muitos de vós mestres, irmãos" — "Não tendes necessidade de que alguém vos ensine" — "Aquele que é ensinado" e "aquele que ensina" — O papel da mulher na Igreja — As mulheres como colaboradoras — "Que ela se cubra." 195

ESTUDO VI
ORDEM E DISCIPLINA NA NOVA CRIAÇÃO

Significado da ordenação — Somente os Doze são ministros plenipotenciários

—"Clero" e "leigos"—A escolha de anciãos e diáconos—A ordenação de anciãos em cada ecclesia—Quem pode ser escolhido para ser ancião e como—A maioria não é suficiente—Vários ministérios—Um ministério remunerado?

—Disciplina na Ecclesia — Chamados equivocados para pregar — "Admoestai os indisciplinados" — Admoestar não é uma ordem geral — Repreensões públicas são raras — ""Cuidem para que ninguém retribua o mal com o mal" — Incentivar ao amor — "Nossa reunião" — Variedade e caráter de nossas reuniões — A doutrina ainda é necessária — Oportunidades para perguntas — Ilustração de reuniões proveitosas — "Que cada um esteja plenamente convencido em sua própria mente" — Serviços fúnebres — Dízimos, coletas, obras de caridade.....273

ESTUDO VII
A LEI DA NOVA CRIAÇÃO

A concessão de uma lei implica a capacidade de cumpri-la — A Lei Divina conforme originalmente escrita — Uma lei de vida não poderia ser dada à raça caída — Redenção não pela lei, mas pela graça — A aliança da lei cumprida e a nova aliança selada pelo único sacrifício de Cristo — A Lei do Sinai destinava-se apenas ao Israel carnal—A Lei da Nova Aliança—O mandamento sob o qual os santos são formados—A nova criação, separada e distinta na relação divina e na aliança—Crescimento na apreciação da Lei Perfeita

— Correndo em direção à meta e permanecendo firmes nela — A Regra de Ouro — A Lei Perfeita da Liberdade 349

ESTUDO VIII
O DESCANSO, OU SÁBADO DA NOVA CRIAÇÃO

A mudança na forma de agir de Deus data da cruz — O fato de os apóstolos pregarem nas sinagogas no dia de sábado não significa que o sábado judaico ou o sistema judaico sejam considerados obrigatórios para a nova criação — O local em que se prega o evangelho não afeta a mensagem—Nem o dia — Origem do primeiro dia da semana como sábado cristão — Sua observância começou muito antes da época de Constantino — Quase todas as manifestações do Senhor ressuscitado ocorreram no primeiro dia — A observância geral do primeiro dia como sábado é motivo de gratidão—Não se trata, contudo, de uma designação divina — A França e o número sete — O sábado de Israel como tipo — Quando o sábado da nova criação teve início e como ele perdura..... 379

ESTUDO IX
O JULGAMENTO DA NOVA CRIAÇÃO

Jeová, o Grande Juiz do Universo — Todas as bênçãos, favores etc. provêm de Jeová, por meio do Filho — A nova criação será associada e o co-herdeiro de Cristo — "Todo o poder no céu e na terra me foi dado"— O julgamento do Pai para a condenação da humanidade já foi expresso — O julgamento durante o milênio será de misericórdia e assistência — O julgamento executivo final será de justiça sem misericórdia — O julgamento da nova criação durante a era evangélica — A nova criação julgada pela Lei Perfeita do Amor — A supervisão da Cabeça Gloriosa sobre o Corpo — "Com que julgamento julgardes, sereis julgados"—Devemos julgar a nós mesmos adequadamente—"Aquele que me julga é o Senhor"—A Igreja deve julgar certas questões
—"Se teu irmão pecar contra ti" — Perdoa setenta vezes sete — Ofensas contra a Igreja — Todos devemos comparecer perante o Tribunal de Cristo 395

ESTUDO X
O BATISMO DA NOVA CRIAÇÃO

O batismo no século II — Padrinhos no batismo — Cerimônias batismais da Igreja de Roma — O batismo infantil: por que foi introduzido — Testemunho das Escrituras sobre o batismo — A visão dos "discípulos"
—"Visão batista"—A visão correta—O batismo na morte de Cristo

—"Por um único espírito, todos somos batizados em um único corpo" — O batismo de fogo — O batismo simbólico na água — O batismo simbólico é necessário? — O símbolo adequado — Quem pode administrá-lo
—A formulação das palavras — Repetição do símbolo — "Batizados pelos mortos". 421

ESTUDO XI
A PÁSCOA DA NOVA CRIAÇÃO

O jugo do Egito e a libertação dele, no tipo e no antítipo —"A Igreja dos Primogênitos"—"Nós, sendo muitos, somos um único pão"—A comemoração ainda é apropriada—Quem pode celebrá-la—Quem pode oficiá-la—Uma ordem de culto—Páscoa-Páscoa—Trechos da Enciclopédia de McClintock e Strong 457

ESTUDO XII
PRIVILÉGIOS E OBRIGAÇÕES CONJUGAL E OUTROS DA NOVA CRIAÇÃO

Várias Obrigações da Nova Criatura — "Todos Um em Cristo Jesus"— Não há implicação de associação promíscua — Homem e mulher na ordem divina — A liderança do homem não é tirania — O casamento da nova criação — Conselhos às novas criaturas nas diversas condições da união conjugal — No caso de abandono — A consciência como teste final — Eunucos, virgens, celibato — "Somente no Senhor" — Responsabilidades parentais 485

ESTUDO XIII
OBRIGAÇÕES PARENTAIS DA NOVA CRIAÇÃO

Grandes obrigações estão ligadas ao exercício dos poderes reprodutivos — Influências pré-natais — "Instrua a criança no caminho em que deve andar!" — A influência das escolas dominicais — A confiança das crianças — O poder da sugestão na educação infantil — Nossos filhos em tempos de dificuldade — Diversões adequadas e inadequadas — O casamento dos filhos das novas criaturas.....519

ESTUDO XIV
DIVERSAS OBRIGAÇÕES TERRENAS DA NOVA CRIAÇÃO

"Provejam coisas honestas aos olhos de todos os homens" — "Não devem nada a ninguém" — "Emprestem, sem esperar nada em troca" — Cortesia cristã — "Não se preocupem com o amanhã" — "Minha meta é Cristo, e somente Cristo" — "É mais fácil um camelo passar

pelo buraco de uma agulha do que a um rico entrar no Reino de Deus" — Seguro — Organizações de benefício mútuo, etc.— Interferência conscienciosa — "Abençoar a Deus e amaldiçoar os homens" — Obrigações sociais — "Honrai a todos os homens" — A nova criação deve participar de eleições públicas? — A nova criatura e as reformas morais — O uso de roupas caras — Esperemos pelo adorno da "glória, honra e imortalidade" 563

ESTUDO XV
OS INIMIGOS E AS PROVAÇÕES DA NOVA CRIAÇÃO

"O Velho Homem" — O Mundo como Inimigo da Nova Criação — O Grande Adversário — Ele Era um Mentiroso e um Assassino desde o Início — Os Cúmplices de Satanás no Mal — Legiões de Demônios — Como a Primeira Mentira de Satanás se Perpetua — Ciência Cristã e Teosofia — ""Não lutamos [apenas] contra carne e sangue" — O ministério do mal — As tentações do adversário — "A oração da fé salvará o doente" — "Se Satanás expulsar Satanás", seu reino definha — Ame a justiça — Odeie a iniquidade — ***Marcos 16:9-20*** — A Igreja nominal como adversária da nova criação — A armadura de Deus 599

ESTUDO XVI
A HERANÇA PRESENTE DA NOVA CRIAÇÃO

Como primícias do espírito — Esperanças verdadeiras versus falsas — Nossa esperança — O ladrão no Paraíso — O desejo ardente de São Paulo — "Nossa morada terrena" e "nossa morada celestial" — A cena da Transfiguração — "O primeiro a ressuscitar dentre os mortos" — Alegrias atuais da nova criação — "Pedi, e recebereis, para que a vossa alegria seja completa"— A fé, um fruto do espírito e parte da herança da nova criação. 659

ESTUDO XVII
A HERANÇA DA RESSURREIÇÃO DA NOVA CRIAÇÃO

Os olhos e os ouvidos da fé devem ser treinados para apreciar as coisas espirituais com clareza — "Assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo" — A vida após a ressurreição — Anastasis — Levantar-se novamente ou a ressurreição — Não é um julgamento ou provação pelos pecados passados, mas outra provação para a vida — "Considerados dignos de alcançar a ressurreição"—Castigo pelos pecados desta vida — "Os pecados de alguns homens precedem o julgamento" — "Assim é a [principal] ressurreição dos [especiais] mortos" — "Ainda não se manifestou o que seremos" — "Seremos semelhantes a Ele." 693

[F17]

ESTUDOS DAS ESCRITURAS

ESTUDO I
"NO PRINCÍPIO"

Vários começos — A Terra existia — Uma semana criativa para sua organização — A duração dos dias-época — Admissão do Prof. Dana de especulações infundadas por parte dos cientistas — A persistência das espécies refuta a teoria da evolução — Os pombos do Sr. Darwin — Uma teoria da cosmogonia — Testemunhos leais dos Profs. Silliman e Dana — O primeiro dia-época criativo — O segundo, idem — O terceiro, idem — O quarto, idem — O quinto, idem — O sexto, idem — O homem, o Senhor da Terra, criado na Aurora da sétima época — Resumo de "Meeting Place of Geology and History", de Sir J. W. Dawson, LL.D., F.R.S. — A sétima época — Dia da semana criativa — Sua duração — Seu descanso — Seu objetivo e resultado — O Grande Jubileu, celestial e terrestre, previsto para seu término

Muitos são os agentes de Jeová, e incontáveis suas forças, ligadas a um ou outro aspecto de sua criação; mas por trás de todos eles está sua própria sabedoria e poder criadores. Somente Ele é o Criador e, como afirmam as Escrituras, "Toda a sua obra é perfeita". Ele pode permitir que anjos maus e homens maus pervertam e façam mau uso de sua obra perfeita; mas nos assegura que o mal não terá permissão por muito tempo para causar destruição e dano; e que, por fim, quando Ele restringir e destruir o mal, perceberemos que Ele o permitiu apenas para testar, provar, refinar, aperfeiçoar e tornar sua própria santidade, seu caráter gracioso e seu plano ainda mais resplandecentes aos olhos de todas as suas criaturas inteligentes.

Quando lemos em Gênesis: "No princípio, Deus criou os céus e a terra", devemos lembrar que esse princípio não se refere ao universo, mas meramente ao nosso planeta. Foi então que "as estrelas da manhã cantavam juntas" e todos os filhos angelicais de Deus "gritavam de alegria" — quando o

[F18]
Senhor lançou os alicerces da Terra e "fez da nuvem o seu manto, e das trevas densas o seu envoltório" (***Jó 38:4-11***). Mas um começo ainda mais antigo é mencionado na Bíblia; um começo anterior à criação desses filhos angelicais de Deus; como lemos: "No princípio era o Verbo [Logos], e o Logos estava com Deus, e o Logos era Deus: este estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por meio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez." (***João 1:1-3***) (Veja Série V, Cap. 3.) Visto que o próprio Jeová é de eternidade a eternidade, ele não teve começo: o "Unigênito" tem a alta distinção, acima de todos os outros, de ser "o princípio da criação de Deus" — "o primogênito de toda a criação". (***Apocalipse 3:14***; ***Colossenses 1:15***) Outros começos surgiram sucessivamente à medida que as várias ordens angélicas foram criadas, uma a uma; e esses começos ocorreram no passado, de modo que suas hostes puderam gritar de alegria quando as criações da nossa Terra, relatadas em Gênesis, tiveram seu início.

Ao examinarmos criticamente as expressões do Gênesis, percebemos que há uma distinção entre a criação dos céus e da terra (***versículo 1***) e as regulamentações subsequentes — ou seja, a ordenação destes —, bem como as criações posteriores da vida vegetal e animal. São essas operações subsequentes que são descritas como a obra divina de seis dias marcantes. ***O versículo 2*** nos diz que, logo no início do primeiro dia daquela semana criativa, a terra *estava* — embora sem forma (ordem) e vazia (deserta) — deserta, vazia e em trevas. Esse ponto importante deve ser claramente destacado. Se reconhecido, ele corrobora imediatamente o testemunho da geologia até o momento; e, como seremos obrigados a contestar as deduções dos geólogos em alguns pontos, é bom que reconheçamos e descartemos prontamente tudo o que não precise ser defendido em prol da Bíblia. A Bíblia não diz quanto tempo decorreu entre o *início*, quando Deus criou o céu e a terra, e o *início* da semana criativa empregada para aperfeiçoá-los para o homem; nem os geólogos concordam

[F19]
entre si quanto à duração desse intervalo — alguns extremistas se entregam a especulações descabidas de milhões de anos. Passando, então, ao período criativo — a ordenação das coisas em nossos céus e na terra, em preparação ao Paraíso de Deus como morada eterna do homem —, observamos que esses "dias" não são declarados em lugar algum como dias de vinte e quatro horas; e, portanto, não somos obrigados a limitá-los dessa forma. Constatamos na Bíblia que a palavra *"dia"* significa época ou período. O fato de ela ser usada *com mais frequência* em referência a um período de vinte e quatro horas não tem importância, desde que tenhamos o relato de "o dia da tentação no deserto... quarenta anos" (***Salmos 95:8-10***), e, às vezes, um "dia" ou "tempo" representando um período de um ano (***Números 14:33, 34***; ***Ezequiel 4:1-8***), além da afirmação do apóstolo: "Um dia com o Senhor é como mil anos." (***2 Pedro 3:8***) Certamente esses dias-época não eram dias solares; pois está registrado que o sol não era visível até o quarto dia — a quarta época.

Acreditamos que nossos leitores concordarão que, embora a duração desses dias-época não seja indicada, estaremos justificados em supor que eram períodos uniformes, devido à sua estreita identidade como membros da única semana criativa. Portanto, se pudermos obter prova razoável da duração de um desses dias, estaremos plenamente justificados em supor que os outros tiveram a mesma duração. Encontramos, então, evidências satisfatórias de que um desses "dias" criativos foi um período de sete mil anos e, portanto, que toda a semana criativa seria 7.000 x 7, o que equivale a 49.000 anos. E embora esse período seja infinitesimal quando comparado a algumas estimativas geológicas, ele é, acreditamos, razoavelmente amplo para a obra representada como tendo sido realizada nesse período — a ordenação e o preenchimento da Terra, que já "existia", mas "sem forma [ordem] e vazia [vazia]".

O Prof. Dana, ao comentar os dados a partir dos quais os cientistas formulam suas conjecturas e o método de cálculo por eles empregado, afirma:

[F20]

"Nos cálculos do tempo decorrido a partir da espessura das formações, há sempre *grande incerteza*, decorrente da dependência dessa espessura de um afundamento progressivo [afundamento regular do solo]. Nas estimativas feitas a partir de depósitos aluviais [solo depositado pela água], quando os dados se baseiam na espessura das acumulações em um determinado número de anos — digamos, os últimos 2.000 anos —, essa fonte de *dúvida* afeta todo o cálculo desde sua base e o torna quase, se não totalmente, *sem valor*...Quando a estimativa... se baseia na quantidade de *detritos* [resíduos finos] descarregados por um rio, ela tem mais valor; mas mesmo aqui há uma fonte de *grande dúvida*."

Examinemos a questão do ponto de vista da Bíblia, acreditando que ela é a revelação divina e plenamente convencidos de que quaisquer discrepâncias que possam ser encontradas entre o testemunho bíblico e as suposições dos geólogos são erros destes últimos, cujas filosofias ainda não alcançaram uma base ou um desenvolvimento totalmente científico.

Também não é necessário supor que o autor de Gênesis soubesse tudo sobre o assunto que registra — a duração desses dias e seus resultados precisos. Aceitamos o relato de Gênesis como parte da grande revelação divina — a Bíblia — e constatamos que sua sublime afirmação, em poucas frases, é de maneira notável corroborada pelas pesquisas científicas mais rigorosas. Ao contrário, nenhum dos "livros religiosos" dos pagãos contém nada além de afirmações absurdas sobre esse assunto.

Há uma grandeza na simplicidade daquela declaração inicial do Apocalipse — "No princípio, Deus criou". Ela responde à primeira indagação da razão — De onde vim e a quem sou responsável? É realmente lamentável que algumas das mentes mais brilhantes de nossa época tenham se desviado desse pensamento de um Criador inteligente para o reconhecimento de uma força cega que funciona sob a lei da evolução e da sobrevivência do mais apto. E, infelizmente, essa teoria não só encontrou aceitação geral nas mais altas instituições de ensino, como também está sendo gradualmente incorporada aos livros didáticos de nossas escolas públicas.

É verdade que apenas alguns são ainda ousados o suficiente para negar totalmente a existência de um Criador;

[F21]
mas mesmo os devotos, sob essa teoria, minam a estrutura de sua própria fé, bem como a dos outros, quando afirmam que a criação é meramente o reinado da Lei Natural. Sem remontar muito ao passado, eles supõem que nosso sol ejetou imensos volumes de gases que finalmente se consolidaram, formando nossa Terra; que, aos poucos, *o protoplasma* se formou, uma pequena larva, um *micróbio*, surgiu, sem que saibam como. Eles precisam admitir a existência de um poder divino necessário para dar até mesmo esse pequeno impulso inicial à vida — mas procuram incansavelmente alguma Lei Natural também para isso, a fim de não precisarem, de forma alguma, de um Deus Criador. Afirma-se que essa descoberta já está quase concluída. Esses "sábios" pensam e falam sobre a Natureza em vez de Deus — suas obras, suas leis, suas retribuições etc. — um Deus cego e surdo, de fato!

Eles afirmam que, sob as regras da Natureza, *o protoplasma* evoluiu para um micróbio, ou larva, que se contorcia, se retorcia e reproduzia sua própria espécie e, ao encontrar utilidade para uma cauda, desenvolveu uma. Mais tarde, um de seus descendentes, ainda mais inteligente, concluiu que remos, ou barbatanas, seriam úteis e os desenvolveu. Outro, mais tarde, foi perseguido por um irmão faminto e, saltando para fora da água, teve a ideia de que as barbatanas, se desenvolvidas ainda mais, se tornariam asas; e gostou tanto desse novo estilo que permaneceu fora da água, decidindo então que pernas e dedos seriam convenientes e os desenvolveu. Outros membros da família seguiram outras "ideias", das quais pareciam ter um estoque inesgotável, como evidenciado pela grande variedade de animais que vemos ao nosso redor. No entanto, no devido tempo, um desses descendentes da primeira larva que havia alcançado o grau de desenvolvimento de um macaco teve um nobre ideal em sua mente — ele disse a si mesmo: "Vou me livrar da minha cauda, deixar de usar as mãos como pés, me livrar da minha pelagem e desenvolver um nariz, uma testa e um cérebro com órgãos morais e reflexivos. Vou usar roupas feitas sob medida e uma cartola de seda, me chamar de Darwin, LL.D., e escrever um relato da minha evolução."

[F22]

O fato de o Sr. Darwin ser um homem capaz fica evidente pelo sucesso que teve em impor sua teoria aos seus semelhantes. No entanto, o filho devoto de Deus, que confia em um Criador pessoal e que não está disposto a descartar precipitadamente a Bíblia como sua revelação, logo será capaz de perceber o sofisma da teoria do Sr. Darwin. Não basta que o Sr. Darwin observe que, entre seus pombos, conseguiu desenvolver certas raças com características peculiares — penas nas pernas, cristas na cabeça, gargantas protuberantes etc.; outros já haviam feito o mesmo com aves domésticas, cães, cavalos etc., e os floristas haviam feito experiências com flores e arbustos etc., obtendo resultados semelhantes. A novidade do Sr. Darwin foi a *teoria* — de que todas as formas de vida *evoluíram* a partir de um início comum.

Mas as experiências do Sr. Darwin com seus pombos, assim como as de qualquer outro criador de raças ornamentais, devem ter apenas corroborado a afirmação bíblica de que Deus criou cada criatura segundo a sua *espécie*. Existem maravilhosas possibilidades de variedade em cada *espécie*; mas as espécies não podem ser misturadas nem novas *espécies* formadas. A aproximação mais próxima é chamada de "hibridização" — e todos sabem que as novas espécies assim formadas carecem da capacidade de perpetuar sua espécie. Além disso, o Sr. Darwin deve ter notado, assim como outros, que seus pombos "de raça" precisavam ser mantidos cuidadosamente separados de outros de sua espécie, caso contrário, eles se deteriorariam rapidamente até o nível comum. Mas, na natureza, vemos as diversas espécies, "cada uma segundo a sua espécie", inteiramente separadas umas das outras e mantidas assim sem qualquer cercamento artificial, etc. — mantidas assim pela lei de seu Criador. Como crentes no Criador pessoal, podemos ter certeza de que a especulação humana errou a verdade na medida em que ignorou nosso Deus, sua sabedoria e seu poder, conforme descrito em Gênesis.

Talvez nada tenha contribuído mais para obscurecer e minar a fé em Deus como Criador, e no relato de Gênesis como Sua revelação, do que o erro de interpretar os "dias-época" de Gênesis como dias de vinte e quatro horas. As diversas estratificações de rochas e argilas provam, sem sombra de

controvérsia que longos períodos foram consumidos nas poderosas mudanças que elas representam. E quando descobrimos que a Bíblia ensina sobre um "dia-época", estamos preparados para ouvir as rochas dando testemunho em exata concordância com o relato bíblico, e nossa fé neste último é grandemente fortalecida; sentimos que não estamos confiando em nossas próprias suposições ou nas de outros homens, mas na Palavra do Criador, abundantemente atestada pelos fatos da natureza.

Uma Teoria da Cosmogonia

Para o benefício de alguns de nossos leitores, exporemos brevemente uma das visões sobre o período criativo, conhecida como "Teoria de Vail" ou "Teoria do Domo", que agrada especialmente ao autor; posteriormente, nos esforçaremos para traçar uma harmonia entre essa visão e a narrativa de ***Gênesis 1:1-2:3***.

Partindo da condição mencionada em ***Gênesis 1:2***, "A terra era", deserta, vazia e em trevas, os sábios não tentarão adivinhar o que Deus não revelou a respeito de como Ele previamente reuniu os átomos da terra. As coisas não reveladas pertencem a Deus, e fazemos bem em esperar pacientemente por suas revelações futuras no devido tempo. Com picareta, pá e um olhar crítico, o homem descobriu que a crosta terrestre é composta por várias camadas, ou estratos, uma sobre a outra, todas as quais dão indícios de terem sido, outrora, moles e úmidas — exceto as rochas básicas sobre as quais essas camadas, ou estratos, estão, com mais ou menos regularidade, construídas. Essas rochas básicas indicam claramente que já foram macias e fluidas devido ao calor intenso; e os cientistas geralmente concordam que, não muito abaixo da "crosta", a Terra ainda está quente e derretida.

Como essas rochas básicas e ígneas — granito, basalto etc. — devem ter sido, em algum momento, tão quentes a ponto de expulsar de si todos os elementos combustíveis, e como são as rochas mais profundas, podemos concluir com segurança que houve um período em que toda a Terra estava em brasa. Naquela época, deduz-se, a água e os minerais (hoje encontrados nas camadas superiores, ou

[F24]
estratos, depositados na água) devem ter sido expelidos na forma de gases; e devem ter constituído uma cobertura impenetrável que se estendia por milhas ao redor da Terra em todas as direções. O movimento da Terra em torno de seu eixo se estenderia a esses gases que a cercavam, e o efeito seria concentrá-los, mais particularmente sobre o equador terrestre. À medida que a Terra esfriasse, esses gases também esfriariam e, assim, se transformariam de gases em sólidos e líquidos, com os minerais mais pesados gravitando em estratos em direção ao fundo. A Terra, naquele período, provavelmente se assemelhava à aparência atual de Saturno com seus "anéis".

À medida que o processo de resfriamento avançava, esses anéis separados e distantes adquiririam gradualmente um movimento rotativo diferente do da Terra e, assim, gravitaram cada vez mais para perto dela. Um após o outro, esses anéis precipitaram-se sobre a superfície da Terra. Após a formação do "firmamento", ou "expansão", ou "atmosfera", essas inundações provenientes dos "anéis" descendentes atingiriam naturalmente a Terra a partir da direção dos dois pólos, onde haveria menor resistência, por serem os pontos mais distantes do equador, o centro da força centrífuga do movimento da Terra. A ruptura desses "anéis", em longos intervalos, provocou inúmeros dilúvios e acumulou estratos sobre estratos na superfície da Terra. A corrente de águas dos pólos em direção ao equador distribuiria de diversas maneiras a areia, a lama e os minerais; a água, fortemente mineralizada, cobriria assim toda a superfície da Terra, exatamente como descrito no início da narrativa do Gênesis.

Durante cada um desses longos "dias", de sete mil anos cada, uma determinada obra progredia, conforme relatado no Gênesis; cada um possivelmente terminando com um dilúvio que provocava mudanças radicais e preparava o caminho para etapas ainda mais adiante da criação e da preparação para o homem. Essa teoria vailiana pressupõe que o último desses "anéis" era o mais livre de minerais e de todas as impurezas — água pura; que ele ainda não havia se rompido e caído no dia da criação de Adão, mas que cobria completamente a Terra como um véu translúcido acima da atmosfera. Ele servia, assim como o vidro branqueado de uma estufa,

[F25]
para equalizar a temperatura — de modo que o clima nos pólos fosse pouco, ou quase nada, diferente do clima no equador. Sob tais condições equilibradas, plantas tropicais cresceriam em todos os lugares, como a geologia mostra que de fato aconteceram; e tempestades resultantes de mudanças rápidas de temperatura devem, então, ter sido desconhecidas; e, por razões semelhantes, não poderia ter havido chuva.

O relato bíblico concorda com isso; declarando que não havia chuva na Terra até o dilúvio; que a vegetação era regada por uma névoa que subia da terra — uma condição úmida, semelhante à de uma estufa. (***Gênesis 2:5,6***) Após o dilúvio nos dias de Noé, ocorreram grandes mudanças, acompanhadas por uma significativa redução da expectativa de vida humana. Com o rompimento do véu aquoso, a condição de estufa cessou: a trajetória equatorial do sol tornou-se mais quente, enquanto nos pólos a mudança deve ter sido terrível — uma transição quase instantânea de uma temperatura de estufa para o frio ártico.

Evidências dessa mudança repentina de temperatura foram encontradas na região ártica: dois mastodontes completos foram encontrados incrustados em gelo transparente e sólido, que evidentemente os congelou rapidamente. Toneladas de presas de elefante foram encontradas na mesma Sibéria congelada, um local com frio inóspito demais, na escala da história, para elefantes, mastodontes etc. Um antílope foi encontrado da mesma forma, preso em um enorme bloco de gelo naquela região ártica. O fato de ter sido subitamente surpreendido é claramente demonstrado pela presença de grama não digerida em seu estômago, indicando que o animal a havia comido apenas alguns minutos antes de morrer congelado — e isso em um local onde agora nenhuma grama poderia crescer.

Essa repentina chuva de água — essa ruptura repentina da camada que mantinha o calor da Terra e do sol de maneira uniforme — produziu os grandes campos de gelo e montanhas de gelo das regiões árticas, dos quais, a cada ano, centenas de icebergs se soltam e flutuam para o sul, em direção ao equador. Pelo que podemos avaliar, esse tem sido o processo há séculos, mas está diminuindo continuamente. Aqui vemos a Era do Gelo

[F26]

Era Glacial, ou Período Glacial, dos geólogos, quando grandes icebergs, levados por correntes rápidas, abriram profundas fendas por toda a América do Norte, claramente visíveis nas colinas; o noroeste da Europa também apresenta o mesmo testemunho em suas colinas. Mas não é assim no sudeste da Europa, na Armênia e arredores — o berço de nossa raça, onde também a arca foi construída e perto da qual, no Monte Ararat, ela finalmente repousou. O testemunho do Prof. Wright e de Sir T.W. Dawson, LL.D., F.R.S., é de que, nas proximidades da Arábia, ocorreu um *afundamento* geral *da terra* e uma elevação subsequente. O testemunho, em geral, parece sugerir que a arca flutuou em um redemoinho relativamente calmo, à margem da correnteza geral das águas. Isso é indicado pelo depósito aluvial extremamente espesso que se afirma estar presente em toda aquela região. Evidentemente, toda a Terra foi inundada por águas provenientes dos Polos Norte e Sul, enquanto o berço da raça humana foi tratado de maneira especial, primeiro sendo afundado e, em seguida, no momento oportuno, elevado. A esse respeito, observe as palavras do célebre geólogo, o Prof. G.F. Wright, da Faculdade de Oberlin, Ohio, conforme relatado no New York *Journal*, de 30 de março de 1901, da seguinte forma:

O Dilúvio Corroborado

"O Prof. George Frederick Wright, do Oberlin College, um geólogo ilustre, retornou da Europa. Ele escreveu 'The Ice of North America' (O Gelo da América do Norte) e outras obras geológicas, estudando e descrevendo o período glacial. Ele esteve em uma viagem científica ao redor do mundo. Passou a maior parte do tempo estudando as formações geológicas e os indícios na Sibéria, embora suas explorações o tenham levado a outras partes da Ásia e à África.

"O principal objetivo do Prof. Wright era responder, se possível, a uma questão há muito debatida entre geólogos: a saber, se a Sibéria já havia sido coberta de gelo, assim como a América do Norte e partes da Europa, durante o período glacial.

"Muitos geólogos, incluindo vários eminentes cientistas russos, acreditam que a Sibéria esteve coberta de gelo.

"Com base nos resultados de seus estudos atuais, o Prof. Wright acredita firmemente que, na época remota em que a América do Norte estava coberta de gelo, a Sibéria estava coberta de água."

"E a água e o gelo eram praticamente fases do dilúvio bíblico.

"Primeiro, leia uma descrição do dilúvio em Gênesis, bastante resumida:

[F27]

"'E o dilúvio durou quarenta dias sobre a terra, e as águas cresceram e levantaram a arca, que se elevou acima da terra.

"'E as águas prevaleceram excessivamente sobre a terra; e todas as altas colinas que estavam sob todo o céu ficaram cobertas.

"As águas subiram quinze côvados, e as montanhas ficaram cobertas.

"'Tudo o que tinha fôlego de vida nas narinas, de tudo o que havia na terra seca, morreu... E somente Noé permaneceu vivo, e aqueles que estavam com ele na arca.

"E as águas prevaleceram sobre a terra por cento e cinquenta dias." ***Gênesis 7:17-24***

"Agora ouça o que o Prof. Wright teria dito:

"Não encontrei sinais de fenômenos glaciais ao sul do 56º paralelo. Ao norte disso eu não fui, mas, com base em outros indícios, estou convencido de que a terra estava coberta de gelo, assim como a nossa, onde sinais disso são encontrados hoje em dia até mesmo ao sul, em Nova York.

"Não encontramos indícios de um afundamento extensivo de toda aquela região, o que lança uma nova luz sobre tudo aqui.

"'Em Trebizonda, às margens do Mar Negro, havia evidências de uma depressão de 700 pés. Isso ficou demonstrado pelos depósitos de cascalho nas colinas.

"No centro do Turquestão, as águas atingiram sua maior altura, pois lá encontramos esses depósitos a mais de 2.000 pés acima do nível do mar.

"O sul da Rússia está coberto pelo mesmo depósito de terra preta que encontramos no Turquestão.

"Havia ainda outras evidências de que as águas haviam coberto essa parte do globo. Uma delas é a presença, até hoje, de focas no Lago Baikal, na Sibéria, a 1.600 pés acima do nível do mar. As focas que encontramos são da espécie ártica e são da mesma espécie que as encontradas no Mar Cáspio.

"A única teoria, portanto, é que elas ficaram presas ali quando as águas recuaram. Talvez a descoberta mais maravilhosa de todas tenha sido na cidade de Kief, às margens do rio Nippur, onde foram encontrados utensílios de pedra a 53 pés abaixo do depósito de terra negra, indicando que a água chegou ali após o surgimento da humanidade.

"Isso nos permitiu, portanto, determinar a idade dessa depressão. Isso mostra que, desde que o homem chegou lá, houve uma depressão de 750 pés em Trebizonda, e no Turquestão do Sul as águas tinham mais de 2.000 pés de profundidade. Os utensílios encontrados eram semelhantes aos fabricados na América do Norte antes do período glacial, o que constitui um bom fundamento para acreditar que a depressão se formou ali quando ocorreu a avalanche glacial aqui.

"Na verdade, foi, praticamente, o dilúvio."

[F28]

Conhecendo o fim desde o princípio, Jeová calculou com precisão o momento da introdução do homem na Terra de modo que o último dos anéis desabasse em um dilúvio exatamente na hora certa para destruir a raça corrompida nos dias de Noé e, assim, dar início à atual dispensação, conhecida nas Escrituras como "este mundo mau atual". A remoção da camada aquosa não só trouxe as mudanças das estações do verão e do inverno e abriu caminho para tempestades violentas, como também tornou possível o arco-íris, que foi visto pela primeira vez após o dilúvio, pois anteriormente os raios diretos do sol não conseguiam penetrar na camada aquosa de forma a produzir o efeito do arco-íris. ***Gênesis 9:12-17***

Desde que escrevemos o texto anterior, recortamos da revista *Scientific American* a seguinte declaração sucinta, da própria autoria do Prof. Vail:

"Aquele mamute congelado

"Ao editor da *Scientific American*:

"Li com grande interesse, em sua edição de 12 de abril, a nota sobre a recente descoberta do corpo de um mamute, em câmara frigorífica, pelo Dr. Herz, na região coberta de gelo da Sibéria Oriental. Isso, ao que me parece, é mais do que uma 'Pedra de Roseta' no caminho do geólogo. Ela oferece o testemunho mais forte em apoio à afirmação de que todas as épocas glaciais e todos os dilúvios que a Terra já testemunhou foram causados pelo declínio progressivo e sucessivo dos vapores primitivos da Terra, que pairavam sobre nosso planeta da mesma forma que os vapores das nuvens dos planetas Júpiter e Saturno pairam sobre esses corpos celestes hoje.

"Permitam-me sugerir aos meus colegas geólogos que resquícios dos vapores aquosos terrestres possam ter girado em torno da Terra como uma cúpula semelhante à de Júpiter, mesmo até épocas geológicas muito recentes. Tais vapores devem cair principalmente nas regiões polares, pelo caminho de menor resistência e maior atração, e certamente como vastas avalanches de neves telúrico-cósmicas. Além disso, tal cobertura, ou teto mundial, deve ter amenizado o clima até os pólos, proporcionando assim pastagens para o mamute e seus congêneres do mundo ártico — criando uma Terra-estufa sob um teto-estufa. Se isso for admitido, não podemos estabelecer limites para a magnitude e a eficiência das avalanches dessa cobertura em devastar um mundo de vida exuberante. Parece que o mamute do Dr. Herz, assim como muitos outros encontrados enterrados no gelo das geleiras, com a comida ainda não digerida em seus estômagos, prova que ele foi repentinamente surpreendido

[F29]
por uma queda esmagadora de neve. Nesse caso, com grama na boca ainda não mastigada, ele conta uma história infalível de morte em um túmulo de neve. Se isso for admitido, temos o que pode ter sido uma *fonte* totalmente competente *de neves glaciais*, e podemos escapar de bom grado da alternativa pouco filosófica de que a Terra esfriou para obter sua camada de neve, enquanto, a meu ver, ela *obteve suas neves e esfriou*.

"Durante a era ígnea, os oceanos subiram aos céus, juntamente com uma reserva imensurável de sublimações minerais e metálicas; e se admitirmos que esses vapores se organizaram em um sistema anular e retornaram ao longo das eras em grandes parcelas, alguns deles perdurando até mesmo até a era do homem, poderemos explicar muitas coisas que hoje são obscuras e desconcertantes.

"Já em 1874, publiquei algumas dessas reflexões na forma de panfleto, e é com a esperança de que os pensadores deste século XX lhes dediquem atenção que volto a evocar a 'Teoria da Copas'.

Isaac N. Vail."

A Semana Criativa

Com essa visão geral da criação em mente, voltemo-nos agora ao relato do Gênesis e procuremos harmonizar essas conjecturas com suas afirmações. Em primeiro lugar, observamos que a Semana Criativa está dividida em quatro partes: (1) Dois dias, ou épocas (segundo nossos cálculos, 2 x 7.000 equivalem a 14.000 anos), foram dedicados à organização da Terra, em preparação para a vida animal. (2) Os dois dias seguintes, ou épocas (segundo nosso cálculo, mais 2 × 7.000 equivalem a 14.000 anos adicionais), foram dedicados ao surgimento da vegetação e das formas de vida mais simples — moluscos, etc. — e à formação de calcário, carvão e outros minerais. (3) Os dois dias-épocas seguintes (em nosso cálculo, 2 × 7.000 equivalem a 14.000 anos) trouxeram à existência criaturas vivas que *se movem* — no mar e na terra —, a vegetação, etc., ainda em progresso, e tudo se preparando para a introdução do homem, a imagem terrena de seu Criador, "coroado de glória e honra", para ser o rei da Terra. (4) A criação do homem, a obra final, ocorreu no final do sexto dia, ou época, e no início do sétimo: como está escrito — "E no sétimo dia Deus terminou a obra que havia feito, e descansou."

[F30]

Dois Testemunhos Fiéis

O professor Silliman declara:

"Cada grande característica da estrutura do planeta corresponde à ordem dos eventos narrados na história sagrada... Essa história [a Bíblia] fornece um registro importante tanto para a filosofia quanto para a religião; e encontramos no próprio planeta a prova de que o registro [da Bíblia] é verdadeiro."

Referindo-se ao relato da criação em Gênesis, o Prof. Dana declara:

"Nessa sucessão, observamos não apenas uma ordem de eventos, como aquela deduzida pela ciência; mas há um sistema nesse arranjo e uma profecia de longo alcance que a filosofia não poderia ter alcançado, por mais instruída que fosse."

Ele acrescenta ainda:

"Nenhuma mente humana testemunhou os eventos; e nenhuma mente, nos primórdios do mundo, a menos que dotada de inteligência *sobre-humana*, poderia ter concebido tal esquema, nem teria colocado a criação do sol, fonte de luz para a Terra, tão tempo depois da criação da luz, precisamente no quarto dia; e o que é igualmente singular, *entre* a criação das plantas e a dos animais, quando tão importante para ambos; e ninguém poderia ter alcançado as profundezas da filosofia manifestadas em todo o plano."

O Primeiro Dia da Época Criativa

E o espírito de Deus pairava sobre a face das águas.
E Deus disse: "Haja luz". E houve luz.

A natureza e a causa física da luz ainda não são compreendidas de forma perfeita — ainda não surgiu uma solução satisfatória para a questão: "O que é a luz?". Sabemos, no entanto, que ela é um elemento essencial em toda a natureza; e não nos surpreende encontrá-la em primeiro lugar na ordem divina, quando chegou o momento de a energia divina funcionar sobre a terra deserta e vazia para prepará-la para o homem. A natureza da energia divina representada pelo "cobrir" parece ser *vitalizante*, possivelmente energias elétricas e luzes como a *aurora boreal*, ou luzes do norte. Ou, talvez, a energia tenha trazido para baixo alguns dos pesados anéis de matéria aquosa e mineral

[F31]
e, assim, a luz e as trevas, o dia e a noite, tornaram-se distinguíveis, embora nem as estrelas, nem a lua, nem o sol fossem, no menor grau, discerníveis através dos anéis pesados, ou faixas que ainda envolviam a Terra.

"Tarde e manhã — Primeiro Dia." Assim como nos dias solares hebraicos, também nesses dias-época a tarde vinha primeiro, levando gradualmente a cabo o propósito divino até sua conclusão, quando outro dia de 7.000 anos, destinado a outra obra, começaria na escuridão e progrediria até a perfeição. Esse período, ou "dia", é cientificamente descrito como azóico, ou sem vida.

O Segundo Dia-Época Criativo

E Deus disse: "Haja uma 'extensão' [firmamento, atmosfera] no meio [entre] das águas; e que ela separe as águas das águas". Assim, Deus separou as águas abaixo da atmosfera das águas acima da atmosfera. E Deus chamou o firmamento [extensão, ou atmosfera] de céu.

Este segundo dia-época de 7.000 anos foi inteiramente dedicado à formação de uma atmosfera. Provavelmente ela se desenvolveu de maneira perfeitamente natural, como a maioria das maravilhosas obras de Deus, embora não por isso menos fruto de seu desígnio, ordenação e criação. A queda do "anel" de água e minerais, que permitiu que a luz penetrasse até a Terra durante o primeiro dia-época, atingindo a Terra ainda aquecida e suas águas superficiais ferventes e fumegantes, produziria vários gases que, ao subirem, constituiriam uma camada protetora, ou firmamento, ou atmosfera, ao redor de toda a Terra, e tenderiam a manter as águas remanescentes dos "anéis" afastadas da Terra. Esse "dia", tanto quanto as Escrituras mostram, também pertenceria ao período Azóico, ou sem vida; mas a geologia se opõe a isso, alegando que as rochas próprias dessa época apresentam rastros de vermes e imensas quantidades de pequenos moluscos, cujos restos são evidenciados nos grandes leitos de calcário. Eles denominam isso a era paleozóica da primeira vida — o período Siluriano. Isso não está em contradição com o relato bíblico, que simplesmente ignora essas formas mais primitivas de vida.

[F32]

A tarde e a manhã — o Segundo Dia — terminaram com a plena realização do desígnio divino a respeito dele: a separação das nuvens e dos vapores, etc., das águas superficiais por meio de uma atmosfera.

O Terceiro Dia da Época Criativa

E Deus disse: "Que as águas que estão debaixo do céu se reúnam em um só lugar, e que apareça a terra seca". E assim foi. E Deus chamou a terra seca de Terra, e à reunião das águas chamou de Mares. E, tendo isso sido realizado e aprovado por Deus, Ele disse: "Que a terra produza erva tenra, ervas que dêem semente e árvores frutíferas que dêem fruto segundo a sua espécie, em que esteja a sua semente, sobre a terra"; e assim foi.

A geologia corrobora plenamente esse relato. Ela nos mostra que, à medida que a crosta terrestre esfriava, o peso das águas tendia a fazê-la dobrar-se e deformar-se — algumas partes, ao serem pressionadas para baixo, tornaram-se as profundezas dos mares; outras, ao serem empurradas para cima, constituíram cadeias de montanhas — não de forma repentina, mas gradualmente, uma cadeia seguindo a outra. Não devemos supor que todas essas mudanças tenham ocorrido sequer nos sete mil anos deste terceiro dia-época; mas, antes, que ele tenha testemunhado apenas o início do trabalho necessário como preparação para o surgimento da vegetação; pois, evidentemente, a geologia está correta ao afirmar que algumas grandes mudanças dessa natureza são de data relativamente recente. Mesmo no espaço de um século, tivemos pequenos exemplos desse poder; e não nos surpreenderemos se os próximos anos nos trouxerem novos surtos da natureza; pois estamos em outro período de transição — o início da Era Milenar, para a qual são necessárias condições alteradas.

À medida que as águas escoavam para os mares, a vegetação brotou — cada uma segundo sua própria classe ou espécie, com sementes em si mesma para reproduzir apenas sua *própria espécie*. Esse aspecto está tão estabelecido pelas leis do Criador que, embora a horticultura possa e de fato contribua muito para proporcionar variedade na perfeição, ela não pode alterar a *espécie*. As diferentes famílias de vegetais não se unirão nem se misturarão mais do que as diversas famílias animais. Isso demonstra um desígnio — não apenas de um Criador, mas de um Criador inteligente.

[F33]

A geologia concorda que a vegetação precedeu as formas superiores de vida animal. Concorda também que, nesse período inicial, a vegetação era extremamente exuberante — que musgos, samambaias e trepadeiras cresciam imensamente mais e mais rapidamente naquela época do que hoje, porque a atmosfera estava extremamente rica em gases carbônicos e nitrogenados — tão rica neles que os animais que respiram não poderiam ter prosperado naquela época. As plantas, que hoje crescem apenas algumas polegadas ou alguns pés de altura, mesmo na linha do equador, atingiam na época um crescimento de quarenta a oitenta pés e, às vezes, dois ou três pés de diâmetro, conforme demonstrado por vestígios fósseis. Sob as condições que se sabe terem prevalecido na época, seu crescimento não só seria imenso, mas também deve ter sido muito rápido.

Nesse período, afirmam os geólogos, nossos leitos de carvão foram formados: plantas e musgos, que possuíam grande afinidade pelo gás carbônico, armazenaram em seu interior o carbono, formando carvão, preparando assim nossos atuais depósitos de carvão enquanto purificavam a atmosfera para a vida animal das épocas posteriores. Essas vastas turfeiras e camadas de musgo, por sua vez, foram cobertas por areia, argila etc., trazidas por novos levantamentos e afundamentos da superfície terrestre, por maremotos e por outros "anéis" descendentes das águas acima do firmamento. Praticamente o mesmo processo deve ter se repetido com frequência, pois encontramos camadas de carvão uma sobre a outra, com vários estratos de argila, areia, calcário etc. entre elas.

À tarde e pela manhã, o terceiro dia-época de 7.000 anos cumpriu sua parte na preparação do mundo, de acordo com o desígnio divino. Na geologia, ele é denominado Era Carbonífera, devido aos seus depósitos de carvão, petróleo etc.

O Quarto Dia da Época Criativa

E Deus disse: "Haja luzes no firmamento [extensão, atmosfera] do céu para separar o dia da noite; e que sirvam de sinais, para as estações, para os dias e para os anos; e que sejam luzes na extensão [atmosfera] para iluminar a Terra"; e assim foi. Deus fez [ou fez brilhar — um verbo diferente que não significa "criou"] duas grandes luzes; a luz maior para

[F34]

governar o dia [para indicar a hora do dia] e o menor, para a noite; e também as estrelas.

As realizações de um dia-época foram transferidas para o seguinte, e estamos justificados em supor que a luz do primeiro dia se tornou cada vez mais nítida durante os dois dias seguintes, à medida que anel após anel descia das águas acima do firmamento para as águas abaixo dele, até que, no quarto dia-época, o sol, a lua e as estrelas pudessem ser vistos; não tão claramente como hoje em um dia ensolarado, até depois do dilúvio de Noé — o último dos "anéis"; mas claramente discerníveis, no entanto, através do véu translúcido das águas — como hoje em um dia enevoado ou à noite. O sol, a lua e as estrelas há muito brilhavam no véu exterior da Terra, mas agora chegara o momento de permitir que essas luzes no firmamento fossem vistas; para que os dias — antes marcados por uma luz opaca e acinzentada, como a que vemos em algumas manhãs chuvosas, quando o sol, a lua e as estrelas ficam invisíveis por causa das nuvens — se tornassem mais distintos, de modo que o astro do dia pudesse, por meio de sua trajetória, marcar o tempo para o homem e as bestas quando fossem criadas e, ao mesmo tempo, começasse a oxigenar o ar, preparando-o assim para os animais que respiram. Mais tarde, no mesmo dia de 7.000 anos, a lua e as estrelas também apareceram — para influenciar as marés e estarem prontas para marcar o tempo à noite, para conveniência do homem.

Não devemos supor que o desenvolvimento da vida vegetal tenha cessado durante o quarto dia, mas sim que tenha progredido — a influência crescente do sol e da lua servindo para fazer surgir ainda outras variedades de gramíneas, arbustos e árvores. A geologia também mostra avanços nesse período — insetos, caracóis, caranguejos etc. Espinhas e escamas de peixes também são encontradas em veios de carvão; mas isso não perturba a ordem; pois a formação dos leitos de carvão evidentemente continuou após o terceiro dia
— estendendo-se assim até o período dos répteis. Esse "dia" corresponde mais de perto ao que a geologia designa como período *"Triássico*". A tarde e a manhã — o quarto dia de sete mil anos, ou 28.000 anos a partir do início desta obra — chegaram ao fim, testemunhando um grande progresso na preparação da Terra para o homem.

[F35]

O Quinto Dia da Época Criativa

E Deus disse: "Que as águas se encham de enxames de criaturas vivas, e que as aves voem acima da Terra na atmosfera aberta do céu". E Deus criou as grandes baleias e toda criatura viva que se move, com as quais as águas se enchem, segundo a sua ESPÉCIE, e toda ave alada segundo a sua ESPÉCIE. E foi como Deus planejou.

Como os oceanos quentes da Terra fervilhavam de criaturas vivas, desde as águas-vivas até as baleias, pode-se avaliar pela profusão de vida nos mares quentes do sul atualmente. Os répteis, que viviam em parte na água e em parte na terra (anfíbios), também pertencem a esse período, durante o qual os atuais continentes e ilhas estavam gradualmente se elevando e novamente afundando, ora inundados por ondas maiores ou menores que desciam, ora banhados por maremotos. Não é de se admirar que restos de moluscos, etc., sejam encontrados nas montanhas mais altas. E não é de se admirar que os imensos leitos de calcário em todas as partes do mundo sejam às vezes chamados de "cemitérios de moluscos", pois são compostos quase exclusivamente de conchas aglomeradas. Que fervilhante vida deve ter havido quando aqueles trilhões incontáveis de pequenas criaturas nasceram e, ao morrerem, deixaram cair, uma a uma, suas pequenas conchas! Lemos que — Deus os abençoou para que se multiplicassem. Sim, mesmo uma existência tão humilde e por um tempo tão breve é uma graça, uma bênção.

Não discutamos além do que o relato das Escrituras exige. A Bíblia não afirma que Deus criou separadamente e individualmente as miríades de espécies de peixes e répteis; mas apenas que a influência divina, ou o espírito, pairou, e, por propósito divino, o *mar gerou* suas criaturas de vários tipos. Os processos não são declarados — uma espécie pode, sob condições diferentes, ter-se desenvolvido em outra; ou, a partir do mesmo protoplasma original, diferentes ordens de criaturas podem ter-se desenvolvido sob condições distintas. Ninguém sabe, e é imprudente ser dogmático. Não nos cabe contestar que até mesmo o protoplasma do lodo paleozóico possa não ter surgido por meio da ação química das águas altamente mineralizadas

[F36]
desses mares. O que afirmamos é que tudo isso ocorreu como resultado da intenção e do desígnio divinos e, portanto, foram criações divinas, quaisquer que fossem os meios e os agentes envolvidos. E afirmamos que isso é demonstrado tanto pelos fatos da natureza quanto pelas palavras do Gênesis; que, independentemente de como as criaturas do mar tenham sido produzidas, elas foram levadas à condição em que cada uma se encontra, dentro de sua própria espécie — onde as linhas das espécies não podem ser ultrapassadas. Esta é a obra de Deus, independentemente dos meios pelos quais tenha sido realizada.

Este dia, ou época, corresponde muito bem à era dos répteis, segundo os cientistas. Tarde e manhã — Quinto Dia — 35.000 anos desde o início da obra de ordenação da Terra como lar e reino do homem.

O Sexto Dia da Época Criativa

E Deus disse: "Que a Terra produza seres vivos segundo a sua espécie — gado, répteis e bestas da Terra, segundo a sua espécie". E assim foi; Deus criou as bestas da Terra segundo a sua espécie, o gado segundo a sua espécie e os répteis da Terra segundo a sua espécie. E Deus viu que assim estava feito e aprovou.

Nessa época, as condições na Terra estavam se tornando mais estáveis; a crosta havia se espessado em centenas de pés de areia, argila, conchas, carvão e vários outros minerais acumulados — alguns provenientes de rochas desintegradas lançadas por terremotos, outros dos "anéis" que outrora circundavam a Terra e outros ainda de depósitos animais e vegetais; além disso, a própria Terra deve ter esfriado consideravelmente durante esses 35.000 anos. Uma área suficiente da superfície terrestre estava agora acima do nível do mar e bem drenada por cadeias de montanhas e vales, estando pronta para os animais inferiores, que aqui são divididos em três tipos: (1) répteis terrestres, criaturas de sangue frio que respiram — lagartos, cobras, etc.; (2) animais terrestres, ou bestas, diferenciados dos animais domésticos, especialmente adaptados para serem companheiros do homem, e aqui referidos como (3) gado. O ar, nessa época, também já estaria purificado de elementos inadequados para animais que respiram, absorvidos por ele pela vegetação exuberante do período carbonífero, assim como os hidrocarbonetos em excesso haviam sido absorvidos dos

[F37]
oceanos pelos minúsculos moluscos, preparando o terreno para a proliferação de criaturas marinhas que respiram.

Aqui, mais uma vez, não precisamos discutir desnecessariamente com os evolucionistas. Admitiremos que, se Deus quisesse, Ele poderia ter criado todas as diferentes espécies da vida animal por meio do desenvolvimento de uma a partir da outra, ou poderia ter desenvolvido cada espécie separadamente a partir do lodo protozoário original. Não sabemos qual método Ele adotou, pois isso não está revelado nem na Bíblia nem nas rochas. Está, no entanto, claramente revelado que, seja qual for a maneira que Deus escolheu para realizá-lo, Ele *fixou* as espécies animais, cada uma "segundo a sua espécie", de tal forma que elas não mudam; de tal forma que a engenhosidade da mente humana não conseguiu ajudá-las a mudar. Aqui está a marca do Criador inteligente em sua obra; pois se a "Natureza" ou a "força cega" tivessem sido as criadoras, ainda as veríamos avançando cegamente, ora evoluindo, ora regredindo; não veríamos tal fixidez das espécies como contemplamos ao nosso redor na natureza.

Podemos razoavelmente supor que foi justamente no final do sexto dia-época que Deus criou o homem; pois sua criação foi a última, e está claramente declarado que Deus *concluiu* sua obra criativa, não no sexto, mas "no sétimo dia" — sendo a divisão do homem em duas pessoas, dois sexos, evidentemente, o ato final.

E Deus disse: "Faremos o homem à nossa imagem e semelhança; que ele tenha domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre o gado, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam sobre a terra". Assim, Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou; e Deus os abençoou e lhes disse: "Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e subjugai-a e dominai-a; e tenhais domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo ser vivo que se move sobre a terra".

Tendo em vista nossas observações anteriores de que a linguagem das Escrituras não proíbe a possibilidade de as plantas, as criaturas aquáticas e as criaturas terrestres terem se desenvolvido, em maior ou menor grau, ou evoluído, em suas diversas espécies, convém que

[F38]
observarmos a grande diferença na linguagem utilizada ao se referir à criação do homem. Esta última é uma declaração específica do exercício direto do poder criativo divino, enquanto as outras não o são, mas implicam, ao contrário, um desenvolvimento:

"E a *terra produziu* erva", etc.

"Que as *águas produzam* os animais rastejantes", etc. "Que a *terra produza* animais vivos segundo a sua espécie, gado", etc.

Existem dois relatos da criação — aquele que acabamos de considerar, que trata do assunto brevemente e em sua ordem histórica, e outro que se segue a ele em ***Gênesis 2:4-25***. Em outras palavras, a divisão dos capítulos foi feita no lugar errado — os dois relatos deveriam constituir, cada um, um capítulo. O segundo é um comentário sobre o primeiro, explicando os detalhes. "Estas são as gerações", ou desenvolvimentos, dos céus e da terra e de suas criaturas, desde um tempo anterior à existência de qualquer planta ou erva. O primeiro e principal relato usa a palavra "Deus" ao se referir ao Criador; e o segundo, ou relato comentário, ressalta que foi Jeová Deus quem realizou toda a obra — "no dia" em que criou os céus e a terra —, abrangendo assim o todo como um único dia-época ainda maior, incluindo a obra dos seis dias já enumerados.

A palavra Deus no primeiro capítulo deriva da palavra hebraica comum *Elohim*, um termo plural que poderia ser traduzido como *"Deuses*" e que, como já vimos, significa *"os poderosos*".* O "Unigênito" do Pai foi certamente seu agente ativo nessa obra criativa, e ele pode ter contado com a colaboração, na execução de seus detalhes, de uma hoste de anjos aos quais também se aplicaria a palavra *elohim,* aqui como em outras partes das Escrituras.+ É apropriado, portanto, que o segundo relato, ou o relato comentado, chame nossa atenção para o fato de que Jeová, o Pai

---

*Veja Volume V, pp. 72, 73.

+Ibid.

[F39]
de tudo foi o Criador, independentemente de quem tenha sido usado como seus honrados representantes e instrumentos. Os detalhes adicionais do segundo relato a respeito da criação do homem podem ser devidamente considerados aqui. Ele declara:

Jeová Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego da vida, e o homem tornou-se um ser vivo.

Deus foi glorificado em todas as suas obras anteriores e em cada criatura, por mais insignificante que fosse, mesmo que nenhuma delas pudesse devidamente agradecer-lhe, apreciá-lo ou mesmo conhecê-lo. O propósito divino havia previsto tudo isso desde o início e estava se preparando para o homem, que estava destinado a ser a obra-prima da criação terrestre, ou animal. Não se diz do homem, como das criaturas marinhas, "Que os mares se enchem de seres vivos", nem como dos animais terrestres inferiores, "Que a terra produza"; mas está registrado, ao contrário, que ele foi uma criação especial de seu Criador, "feito à sua própria imagem". Não importa se se entende a imagem dos *Elohim* ou a imagem de Jeová, pois os *Elohim* não eram "filhos de Deus" e à sua semelhança no que diz respeito ao poder de raciocínio e à inteligência moral?

Não devemos entender essa "imagem" como uma forma física; mas, antes, como uma imagem moral e intelectual do grande espírito, moldada de maneira adequada às suas condições e natureza terrenas. E quanto à "semelhança", ela sem dúvida se refere ao domínio do homem — ele deveria ser rei da Terra e de suas criaturas abundantes, assim como Deus é o Rei de todo o universo. Aqui está o campo de batalha entre a Palavra de Deus e a chamada Ciência Moderna, diante da qual o mundo inteiro, especialmente os eruditos — incluindo os líderes intelectuais de todos os seminários teológicos e os ministros em todos os púlpitos de destaque —, se curvam, adorando o deus científico chamado "Evolução". As duas teorias estão em direto confronto: se a teoria da Evolução for verdadeira, a Bíblia é falsa, de Gênesis ao Apocalipse. Se a Bíblia for verdadeira, como defendemos, a teoria da Evolução é totalmente falsa em todas as suas deduções no que diz respeito ao homem.

[F40]

Não é apenas o relato de Gênesis sobre a criação do homem à imagem divina que deve decidir a questão, por mais fortes que sejam as declarações da Palavra: toda a teoria da Bíblia sustenta o relato de Gênesis e se mantém ou cai com ele. Pois, se o homem tivesse sido criado de outra forma que não pura, perfeita e mentalmente bem dotada, ele não poderia, com verdade, ter sido chamado de "imagem de" Deus; nem seu Criador poderia tê-lo colocado à *prova* no Éden para testar sua aptidão para a vida eterna; nem sua desobediência ao comer o fruto proibido poderia ter sido considerada pecado e punível, como de fato foi, com uma sentença de morte; nem teria sido necessário redimi-lo dessa sentença.

Além disso, declara-se que "o homem Cristo Jesus" foi o "anti-lutron", o *preço do resgate* (ou preço correspondente) pela culpa desse primeiro homem e, portanto, ele deve ser considerado um exemplo, ou ilustração, do que o primeiro homem era, antes de pecar e ser submetido à condenação divina à morte.

Sabemos também que existem hoje, assim como existiram no passado, muitos homens nobres por natureza, dos quais Deus declara que todos são pecadores e, como tal, não são reconhecidos por Jeová, a menos que se aproximem dele com arrependimento, com base no mérito do sacrifício de Cristo, e obtenham seu perdão. A posição de todos os que assim se aproximam de Deus é declarada como sendo exclusivamente por Sua graça, sob o manto da justiça de Cristo. E o resultado, segundo nos é informado, deve ser a *ressurreição*, ou *restauração*, à perfeição, antes que qualquer um possa ser pessoal e inteiramente satisfatório para o Criador. E, no entanto, foi esse mesmo Criador que se comunicou com Adão antes de sua transgressão e o chamou de seu filho, e que declara que Adão e nós, seus filhos, nos tornamos "filhos da ira" e passamos a estar sob condenação por causa do pecado, o qual Adão não possuía quando foi criado como "filho de Deus". ***Lucas 3:38***

Tão certo quanto "todos os santos profetas desde o início do mundo" declararam que o milênio vindouro seria "tempos de *restauração* de todas as coisas anunciadas", tão certo é que a teoria da evolução está em violento antagonismo com as declarações de Deus por meio de todos

[F41]
os santos profetas. Pois a restauração, longe de ser uma bênção para a raça humana, seria um crime contra ela se a teoria da evolução estivesse correta. Se, por força cega ou outros processos evolutivos, o homem tenha vindo subindo, por meio de esforços tediosos e trabalhosos, do protoplasma à ostra, da ostra ao peixe, do peixe ao réptil, do réptil ao macaco, do macaco ao homem mais primitivo e do homem mais primitivo ao que somos hoje — então seria um dano terrível à raça se Deus a *restaurasse* ao que Adão era, ou possivelmente forçasse a restauração ainda mais — de volta ao protoplasma. Não há meio-termo nessa questão; e quanto mais cedo o povo de Deus se decidir positivamente, de acordo com a Sua Palavra, melhor será para eles, e mais certos estarão de não cair em algumas das teorias evolucionistas e que negam o resgate, agora em voga e que buscam enganar, se fosse possível, os próprios escolhidos. Que Deus seja fiel, ainda que isso prove que todo evolucionista é mentiroso. ***Romanos 3:4***

Não podemos aqui entrar em detalhes sobre a criação de Adão, para discutir seu organismo, ou corpo, seu espírito, ou sopro de vida, e como esses elementos, unidos, constituíram nele um ser vivo, ou alma. Isso já foi apresentado em outro contexto.*

A fertilidade deles na descendência evidentemente não estava de forma alguma ligada à transgressão, como alguns têm suposto, mas fazia parte da bênção divina. A única relação entre a queda e sua maldição, ou pena, a esse respeito foi, conforme afirmado, um *aumento* das gestações e dores da mãe, correspondendo ao trabalho árduo e ao suor do rosto do homem. Esses fardos se tornaram mais pesados na medida em que a raça se tornou degenerada e fraca, mental e fisicamente. O objetivo da fecundidade terá sido alcançado quando tiver nascido uma prole suficiente para, em última instância, *preencher* (não reabastecer) a terra. É verdade que um número imenso já nasceu — possivelmente cinquenta mil milhões — e agora repousa na grande prisão da morte; mas esses não são em número excessivo; pois a terra atual

---

*Volume V, Cap. XII.

[F42]
superfície da Terra, se toda ela fosse adaptada para o homem, como acabará por ser, comportaria duas ou três vezes esse número — sem levar em consideração a possibilidade de outros continentes surgirem das profundezas dos mares, assim como os atuais surgiram no passado.

Cientistas de mentalidade cética vêm, há muito tempo, buscando provar que o homem já existia na Terra muito antes do período indicado no Gênesis, e cada osso encontrado nas argilas ou cascalhos inferiores é minuciosamente examinado com o objetivo de conferir ao cientista reputação mundial como o homem que desmentiu a Palavra de Deus. Já nos referimos à falta de confiabilidade de tais evidências,* como a descoberta de pontas de flecha entre o cascalho de um período antigo. Em alguns casos, pelo menos, comprovou-se que elas foram obra de índios modernos, que as esculpiram próximo ao local onde encontraram as pedras de sílex adequadas.+

---

*Não ignoramos a teoria do homem pré-adâmita e a tentativa de explicar, dessa forma, as diferentes raças da família humana. Mas nos apegamos à Bíblia como revelação de Deus e, portanto, superior a todas as conjecturas humanas. Ela declara a solidariedade da família humana em termos inequívocos, dizendo: "De *um só sangue* Deus fez todas as nações dos homens." (***Atos 17:26***) E, novamente, que Adão foi "o *primeiro homem*". (***1 Coríntios 15:45, 47***) Além disso, a história do dilúvio é muito explícita ao afirmar que apenas oito seres humanos foram salvos na arca, e todos eles eram filhos de Noé — descendentes de Adão. A variedade de tipos humanos, ou raças, deve ser explicada com base no clima, nos costumes, na alimentação etc., e especialmente com base no isolamento mútuo dos diversos povos em diferentes regiões, pelo qual as peculiaridades se fixaram. Isso é ilustrado pelo fato de que europeus que vivem por muito tempo entre os povos da Índia ou da China adquirem certa semelhança com seus vizinhos, enquanto seus filhos, nascidos nessas terras, apresentam uma semelhança ainda mais forte na pele e nas feições — influenciados, sem dúvida, pelo ambiente em que a mãe viveu durante o período de gestação. Um exemplo dessa assimilação é fornecido pelos chineses de um determinado distrito, que se identificam com os israelitas dispersos pelas turbulências que encerraram a era judaica — por volta de 70 d.C. Esses judeus tornaram-se tão profundamente chineses a ponto de serem indistinguíveis como judeus — a mais resistente das raças.

+Volume II, pp. 34, 35.

[F43]

Em uma reunião do *Instituto Filosófico de Victoria,* há pouco tempo, foi afirmado que "uma análise cuidadosa havia sido realizada pelo professor Stokes, F.R.S., Sir J. R. Bennett, vice-presidente R.S., pelo professor Beale, F.R.S., e outros, sobre as diversas teorias da evolução, e foi relatado que, até o momento, *nenhuma evidência científica* havia sido encontrada que corroborasse a teoria de que o homem tivesse evoluído a partir de uma ordem inferior de animais; e o professor Virchow havia declarado que havia uma ausência total de qualquer tipo de fóssil correspondente a um estágio inferior no desenvolvimento do homem; e que qualquer avanço concreto no campo da antropologia pré-histórica, na verdade, nos afastou ainda mais das provas de tal conexão — a saber, com o restante do reino animal. Nesse ponto, o professor Barraude, o grande paleontólogo, concordou, declarando que, em nenhuma de suas investigações, havia encontrado qualquer espécie fóssil que se transformasse em outra. De fato, parecia que nenhum cientista havia ainda descoberto um elo entre o homem e o macaco, entre o peixe e o sapo, ou entre os animais vertebrados e os invertebrados; além disso, não havia evidência de que qualquer espécie, fóssil ou não, perdesse suas características peculiares para adquirir novas pertencentes a outras espécies; por exemplo, por mais semelhante que fosse o cão ao lobo, não havia elo de ligação, e entre as espécies extintas o mesmo se aplicava; não havia transição gradual de uma para outra. Além disso, os primeiros animais que existiram na Terra não deviam, de forma alguma, ser considerados inferiores ou degradados."

Citamos brevemente Sir J. W. Dawson, LL.D., F.R.S., a partir de seu resumo de suas recentes descobertas a respeito de "O Ponto de Encontro entre Geologia e História". Ele afirma:

"Não encontramos nenhum elo de derivação que conecte o homem aos animais inferiores que o precederam. Ele surge diante de nós como um novo começo na criação, sem qualquer relação direta com a vida instintiva dos animais inferiores. Os primeiros homens não são menos homens do que seus descendentes e, na medida de seus recursos, foram inventores, inovadores e introduzidores de novos modos de vida, tanto quanto eles. Ainda nem sequer fomos capazes de remontar o homem até à inofensiva

[F44]

[do Paraíso]. Tal como o encontramos nas cavernas e nos cascalhos, ele já é um homem caído, em desarmonia com seu ambiente e inimigo de suas criaturas semelhantes, inventando contra elas instrumentos de destruição mais fatais do que aqueles fornecidos pela natureza às bestas carnívoras... O homem, no que diz respeito ao seu corpo, é reconhecidamente um animal, da terra, terreno. Ele também é membro do reino *dos vertebrados* e da classe *dos mamíferos*; mas, nessa classe, constitui não apenas uma espécie e um gênero próprios, mas até mesmo uma família ou ordem distinta. Em outras palavras, ele é a única espécie de seu gênero e de sua família ou ordem. Ele está, portanto, separado por um grande abismo de todos os animais mais próximos a ele; e mesmo que admitamos a doutrina, até agora não comprovada, da derivação de uma espécie a partir de outra no caso dos animais inferiores, somos incapazes de fornecer os "elos perdidos" que seriam necessários para conectar o homem a qualquer grupo de animais inferiores...Nenhum fato científico está mais firmemente estabelecido do que a recência do homem na escala de tempo geológica. Não só não encontramos nenhum vestígio de seus restos mortais nas formações geológicas mais antigas, como também não encontramos restos dos animais mais próximos a ele; e as condições do mundo nesses períodos parecem torná-lo inadequado para a habitação do homem. Se, seguindo o sistema geológico usual, dividirmos toda a história da Terra em quatro grandes períodos, que se estendem desde as rochas mais antigas que conhecemos, o eozoico ou arqueano, até o moderno, encontramos vestígios do homem, ou de suas obras, apenas no último desses quatro períodos, e na parte final deste. De fato, não há prova incontestável da presença do homem até chegarmos ao início do período moderno. Existe apenas uma espécie de homem, embora muitas raças e va-
; e essas raças, ou variedades, parecem ter se desenvolvido em uma época muito remota e demonstrado uma notável estabilidade em suas descobertas posteriores. A história do Gênesis antecipou a história moderna
. Esse livro antigo é, em todos os aspectos, confiável e tão distante quanto possível dos mitos e lendas do paganismo antigo."

O Prof. Pasteur, o grande bacteriologista, era um opositor declarado do darwinismo; e se expressou da seguinte forma:

"A posteridade um dia rirá da tolice dos filósofos materialistas modernos. Quanto mais estudo a natureza, mais fico maravilhado com as obras do Criador. Rezo enquanto estou ocupado com meu trabalho no laboratório."

Virchow, o sábio russo, embora não fosse um cristão declarado, opunha-se de forma semelhante à teoria darwiniana do desenvolvimento dos seres orgânicos a partir dos inorgânicos, e

[F45]
declarou: “Qualquer tentativa de encontrar a transição do animal para o homem terminou em fracasso total. O elo intermediário não foi encontrado e não será encontrado. O homem não descende do macaco. Está provado, sem sombra de dúvida, que, nos últimos cinco mil anos, não houve nenhuma mudança perceptível na humanidade.”

Outros naturalistas também levantaram suas vozes contra as visões darwinianas.

Diante desses fatos, quão tolas parecem as dissertações ocasionais de “doutores” ou “professores” que fingem ser eruditos ao discutir “elos perdidos” ou sugerir que os dedinhos dos pés humanos estão se tornando inúteis e logo serão “eliminados pela natureza”, assim como “as caudas dos macacos já foram eliminadas”. Não temos múmias bem preservadas com quase quatro mil anos de idade? Não temos estátuas nuas em tamanho real quase tão antigas? Há caudas em alguma delas? Os dedinhos dos pés dessas estátuas são de alguma forma diferentes dos nossos de hoje? Não é toda a tendência da natureza como um todo de evoluir para o inferior? No caso das plantas e dos animais inferiores, não é necessária a sabedoria e a ajuda do homem para a manutenção dos tipos mais elevados? E, no caso dos homens, não é necessária a graça de Deus para sua elevação e para impedir a degeneração grosseira, como a que vemos na “África mais sombria”? E isso não está de acordo com as Escrituras? ***Rom. 1:21, 24, 28***

É apropriado que o povo do Senhor tenha bem presente a advertência dada a Timóteo pelo apóstolo Paulo: “Ó Timóteo, [...] evita as conversas profanas e vãs, e as oposições da falsa ciência.” (***1 Tim. 6:20***) Para enxergar claramente qualquer verdade, devemos olhar do ponto de vista da revelação divina. Devemos “ver a luz na Sua luz”. Então, ao contemplarmos a natureza sob a orientação do Deus da natureza, o efeito será expandir tanto o coração quanto o intelecto e nos encher de admiração e adoração, à medida que vislumbramos panoramicamente a glória, a majestade e o poder de nosso Criador Todo-Poderoso.

Ao fim da tarde e da manhã, no sexto dia, 42 mil anos após o início da “obra”, a Terra estava pronta para que o homem a subjugasse

[F46]
— mas ainda, como um todo, inadequada para ele. Sabendo de antemão da desobediência de sua criatura (e de todo o seu plano relacionado à sentença de morte, à sua redenção e à recuperação definitiva do pecado e da morte de todos aqueles que corretamente exercitassem suas experiências), Deus não esperou pela criação do homem até que a Terra estivesse totalmente pronta para ele, mas simplesmente preparou um Paraíso, um jardim no Éden — aperfeiçoando-o em todos os aspectos para a breve provação do casal perfeito — deixando para a humanidade, como trabalhadores condenados, a tarefa de "subjugar" a Terra e, ao mesmo tempo, adquirir com isso lições e experiências valiosas.

O Sétimo Dia-Época da Semana Criativa

E no sétimo dia Deus concluiu a obra que havia feito; e descansou no sétimo dia de toda a obra que havia feito.

Observando a sequência ascendente e progressiva dos seis dias, e tendo em mente a comemoração do fato de que o número sete, por si só, implica conclusão e perfeição, naturalmente esperaríamos que o Sétimo Dia da Época fosse mais maravilhoso do que seus antecessores. E assim o encontramos: só que sua parte importante fica, por um tempo — até o "tempo determinado" — oculta aos nossos olhos mentais de compreensão pela afirmação geral de que Deus descansou no sétimo dia de toda a sua obra. Quão estranho que Ele tenha interrompido a obra criativa em um ponto em que parecia estar prestes a ser concluída, como se um trabalhador preparasse todos os materiais para uma construção e, em seguida, desistisse de novas atividades sem realizar suas intenções originais!

Mas toda a questão se revela grandiosamente diante de nós quando percebemos que Jeová Deus descansou de sua obra de criação, cessou de prossegui-la, porque, em sua sabedoria, previu que seus desígnios poderiam ser melhor executados por outro meio. Deus considerou melhor permitir que sua criatura, Adão, exercesse seu livre arbítrio e, sucumbindo à tentação, caísse no pecado e em sua pena legítima, a morte — incluindo um longo período, 6.000 anos, de sofrimento e luta, como um condenado, contra um ambiente hostil.

[F47]
Deus considerou melhor permitir que ele, assim como um condenado, participasse da subjugação da terra; que levá-la como um todo à sua condição paradisíaca predita seria benéfico para o homem nessas circunstâncias; que seria conveniente que o homem compreendesse os princípios subjacentes à justiça divina e a extrema gravidade do pecado, e assim estivesse preparado para a graça a ser trazida ao mundo no tempo devido.

No entanto, uma das principais razões para Jeová ter cessado a obra criativa foi, sem dúvida, para que ela pudesse ser realizada por outro — por seu Unigênito — de uma maneira que não apenas glorificasse o Filho, mas também glorificasse o Pai, ao revelar as perfeições dos atributos divinos como nenhum outro curso poderia fazer. Isso ocorreu por meio da entrega de seu Filho para ser o redentor do homem — uma manifestação não apenas da Justiça Divina, que de modo algum poderia violar o decreto de que "o salário do pecado é a morte", mas que, simultaneamente, ilustrava o Amor Divino — compaixão por suas criaturas caídas a ponto de levar seu Filho à morte em favor do homem. A Sabedoria e o Poder Divinos também serão, em última instância, manifestados em cada aspecto do arranjo quando este estiver concluído.

Pode-se sugerir que, para o Pai, desistir do aperfeiçoamento do plano criativo a fim de que o Filho pudesse realizar essa obra durante o milênio, por meio de processos de restauração, não seria diferente das operações criativas anteriores, todas as quais eram *do* Pai e *pelo* Filho
— sem o qual nada do que foi feito teria sido feito. Mas respondemos: Não. A relação do Filho com a obra de restauração, com a qual este Sétimo Dia-Época se encerrará e trará a perfeição terrestre, será totalmente diferente de qualquer de suas obras anteriores. Em todas as criações anteriores, o Filho simplesmente agiu em nome de Jeová, utilizando poderes e energias que, em nenhum sentido, eram seus; mas, nessa grandiosa obra que está por vir, ele utilizará um poder e uma autoridade que lhe são próprios — o que lhe custou 34 anos de humilhação, culminando em sua crucificação. Por meio dessa transação, que a sabedoria e o amor do Pai planejaram para ele, ele "comprou" o mundo,

[F48]
comprou o Pai Adão e toda a sua descendência, e sua propriedade — a Terra — com todo o seu direito sobre ela como seu monarca "à semelhança de Deus". O Pai se deleitou em honrar o "Primogênito" e, portanto, planejou assim, e descansou, ou cessou os processos criativos, para que o Filho pudesse, assim, honrá-lo e ser honrado por ele.

Deus descansou, não no sentido de se recuperar do cansaço, mas no sentido de cessar de criar. Ele contemplou a ruína e a queda de sua mais nobre criação terrena por causa do pecado, mas não empregou nenhum poder para deter o curso da sentença de morte nem iniciou nenhum procedimento de restauração. De fato, pela lei que Ele impôs, Ele excluiu qualquer oportunidade de exercer misericórdia e clemência para com Adão e sua raça, exceto por meio do resgate. Sendo a pena a morte, e isso sem limite — a morte eterna, a "destruição eterna" — e sendo impossível para Deus mentir, impossível para o Juiz Supremo do universo reverter seu próprio decreto justo, tornou-se, assim, impossível para o Criador tornar-se diretamente o restaurador da raça, ou, em qualquer sentido ou grau, continuar sua obra criativa no homem condenado ou em seu domínio, a Terra.

Assim, Jeová Deus manifestou sua confiança em seu próprio grande plano das eras e em seu Filho Unigênito, a quem confiou sua plena execução. Essa confiança do Pai no Filho é usada pelo Apóstolo como uma ilustração de como nossa fé deve se apegar ao Ungido de tal forma que também possamos confiar a ele todos os nossos interesses e preocupações, no que diz respeito a nós mesmos, aos nossos queridos amigos e ao mundo da humanidade em geral: a declaração do Apóstolo é — "Nós, que cremos, entramos no descanso. Aquele que entrou em seu descanso, também cessou de suas próprias obras, assim como Deus cessou das Suas." Os crentes, assim como Deus, têm confiança perfeita na capacidade e na disposição de Cristo para levar a cabo todos os grandes projetos de Jeová em relação à nossa raça e, portanto, *descansam*, não do cansaço físico, mas da preocupação, da ansiedade, de qualquer desejo de tirar o assunto das mãos de Cristo ou de tentar garantir o resultado por qualquer outro meio.

[F49]

Se o descanso de nosso Criador — ou o fato de Ele não ter vindo prontamente em socorro de suas criaturas caídas — tiver, em qualquer grau, a aparência de indiferença ou negligência, isso não foi realmente o caso, mas meramente a manifestação do meio mais sábio e melhor para ajudar o homem — por meio do mediador. Se for sugerido que a obra de restauração deveria ter começado mais cedo, respondemos que o período do reinado do Pecado e da Morte, de 6.000 anos, não foi longo demais para que, por meio de nascimentos, surgisse uma raça em número suficiente para "encher a terra"; não foi longo demais para dar a todos uma lição sobre a "extrema pecaminosidade do pecado" e o severo salário que ele exige; não foi longo demais para permitir que os homens experimentassem seus próprios artifícios para sua própria elevação e percebessem sua futilidade. A vinda de nosso Senhor em seu primeiro advento para *redimir* (adquirir) o mundo, de modo que Ele tivesse o direito justo e equitativo de voltar para abençoar, elevar e restaurar todos os que aceitem sua graça — embora tenha ocorrido mais de 4.000 anos após a entrada da praga do pecado e da morte — é, no entanto, declarada nas Escrituras como tendo ocorrido no tempo determinado por Deus: "No tempo determinado, Deus enviou seu Filho". De fato, vemos que nem mesmo então teria sido o tempo devido, não fosse pelo propósito divino de chamar, reunir, aperfeiçoar e preparar a Igreja escolhida para compartilhar com o Redentor a grande obra milenar de abençoar o mundo — Deus, prevendo que seria necessária toda esta era evangélica para essa eleição, enviou seu Filho para a obra redentora com antecedência suficiente para realizá-la.

O Período de Cessação Divina, ou Descanso, da Atividade Criativa e Energizante em Relação à Terra

Há quanto tempo Jeová cessou, ou descansou, em sua obra criativa? Respondemos que já se passaram pouco mais de seis mil anos. Por quanto tempo seu descanso, ou cessação, continuará? Respondemos que ele continuará durante todo o Milênio — os mil anos do reinado do grande Mediador, realizando "a restauração de todas as coisas que Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas desde o

[F50]
"o mundo começou." (***Atos 3:21***) Será que a confiança de Jeová na realização de seu plano — que o levou a confiar tudo aos cuidados de Jesus — se revelará plenamente justificada? Será que o desfecho será satisfatório? Jeová Deus, que conhece o fim desde o princípio, nos assegura que sim, e que o Filho, à custa de quem o plano está sendo executado, "verá o fruto do sofrimento da sua alma e ficará satisfeito". (***Isaías 53:11***) Sim, todos os crentes que confiam, pela fé, na obra do seu redentor — passada e futura — podem ter plena certeza de fé de que "o que os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem ao coração do homem subiu conceber as coisas que Deus reservou para aqueles que o amam", especialmente para a Igreja; mas também as extensões, larguras, alturas e profundidades do amor, da misericórdia e das bênçãos de restauração, para todos aqueles do mundo não escolhido que, em seu dia milenar de graça, aceitarão de todo o coração as maravilhosas provisões divinas nos termos divinos.

Seis mil anos passados e mil anos futuros — sete mil anos do "descanso" de Jeová — nos levarão ao tempo em que o reinado milenar do Filho cessará por ter cumprido seu desígnio: a restauração dos dispostos e obedientes da humanidade à imagem divina e a subjugação da terra sob o homem, como seu domínio, seu reino. Então, tendo o trono e o reinado mediadores cumprido seu propósito, e tendo todos os corruptores da terra sido destruídos, "o Filho entregará o Reino a Deus, o Pai" — entregando-o à humanidade para a qual foi originalmente destinado, como está escrito.* (***1 Cor. 15:25-28***) "Então o Rei lhes dirá: [...] Vinde, benditos [aprovados] de meu Pai, herdei o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo" — a criação mundana. ***Mt. 25:31,34***

É a *duração* desse Sétimo Dia-Época, tão distintamente marcada pela história e pela profecia, que nos fornece a pista para a duração de todos os outros dias-época da criação

---

*Ver Vol. I, p. 305; Vol. V, p. 469; Vol. IV, pp. 617, 644, 645.

[F51]

. E todo o período de sete vezes sete mil anos, ou quarenta e nove mil anos, quando completado, conduzirá ao grande Cinquentenário e o introduzirá — o qual já observamos* como proeminente nas Escrituras, marcando grandes clímax no plano divino; os sábados diários de Israel culminam em 7 x 7, o que equivale a 49, levando ao e introduzindo o quinquagésimo, ou Pentecostes, com seu descanso de fé; seus sábados anuais, 7 x 7, equivalem a 49, introduzindo o quinquagésimo, ou ano do Jubileu; o ciclo ainda maior de 50 x 50, marcando o Milênio como o grande Jubileu da Terra. E agora, finalmente, descobrimos que o sábado, ou sistema de sete dias, em uma escala ainda maior que mede a criação da Terra, desde seu início até sua perfeição, é de 7 vezes 7.000 anos, o que equivale a 49.000 anos, dando início à grande época em que não haverá mais suspiros, nem mais choro, nem mais dor nem mais morte, porque a obra criadora de Deus terá então sido concluída no que diz respeito a esta Terra. Não é de se admirar que essa data deva ser marcada como uma data de Jubileu!

Os filhos angelicais de Deus "gritaram de alegria" (***Jó 38:7***) na Aurora da semana criativa da Terra e, após testemunharem, passo a passo, o desenvolvimento, finalmente viram o homem, seu rei, feito à imagem divina. Então veio a queda, por desobediência, no pecado e na morte, e as experiências terríveis dos anjos caídos que não mantiveram sua condição original, bem como a história egoísta e sangrenta do homem sob o reinado do Pecado e da Morte. Em seguida, sucedem-se sucessivamente a redenção, a seleção do Ungido (cabeça e corpo) por meio do sacrifício e o estabelecimento do Reino Messiânico com sua maravilhosa restauração de todas as coisas anunciadas por Deus pela boca de todos os seus santos profetas desde o início do mundo. Não é de se admirar, de fato, que haja júbilo no céu e na terra quando todas as criaturas inteligentes de Jeová contemplarem assim as extensões, alturas, larguras e profundidades, não apenas do Amor de Deus, mas também de Sua Justiça, Sabedoria e Poder.

---

*Ver Volume II, Cap. VI.

[F52]

Certamente, o Novo Canto poderá então ser entoado por todas as criaturas de Deus, tanto no céu quanto na terra, dizendo:

> *"Grandes e maravilhosas são as tuas obras, Senhor Deus, Todo-Poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei dos séculos!*
> *Quem não te reverenciará, ó Senhor, e glorificará o teu nome? Pois só tu és generoso.*
> *Pois todos os povos virão e se prostrarão diante de ti, porque as tuas obras justas se manifestaram."*
>
> ***Apocalipse 15:3,4***

"Assim diz o Senhor, que criou os céus: o próprio Deus, que formou a terra e a fez; ele a estabeleceu. Ele não a criou em vão, mas a formou para ser habitada." ***Isaías 45:18***

"E todas as criaturas que estão nos céus e na terra... e as que estão no mar... ouvi dizer: 'Bendição, honra, glória e poder sejam dados àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, para todo o sempre'." ***Apocalipse 5:13***

Desde que escrevemos o que precede, encontramos o seguinte sobre o assunto, da autoria do Prof. G. Frederick Wright, D.D., LL.D., datado de 19 de novembro de 1902, sobre o relato da criação no Gênesis.

O Relato do Gênesis

"O primeiro capítulo de Gênesis, que trata da criação do mundo, é um documento notável. É notável tanto pela habilidade com que evita possíveis conflitos com as descobertas científicas quanto por sua eficácia do ponto de vista literário. A julgar pela influência que exerceu, dificilmente há outra obra literária que se compare a ela. Seu objetivo evidente é desacreditar o politeísmo e enfatizar a unidade da Divindade. Isso é feito negando a pluralidade de deuses, tanto em geral quanto em detalhes, e afirmando que é o único Deus eterno de Israel quem criou os céus e a terra e todos os objetos nela contidos que os idólatras costumam adorar.

"A sublimidade deste capítulo é vista no fato de que, em todos os lugares onde sua influência não chega, prevalecem o politeísmo e a idolatria. A unidade de Deus e sua adoração como o único Criador de todas as coisas são mantidas apenas pelas nações que aceitaram este capítulo como uma revelação verdadeira e divina.

Compatível com a ciência

"Ao mesmo tempo, o avanço da ciência serviu mais para aumentar do que para diminuir nossa admiração por esta parte notável do grandioso livro dos Apocalipses da revelação divina. Em suas amplas páginas

[F53]
há espaço para que toda descoberta científica genuína encontre abrigo. Com sabedoria tão notável, a linguagem deste capítulo foi escolhida para evitar conflito com a ciência moderna, a ponto de um geólogo tão renomado quanto o Prof. J. D. Dana, da Universidade de Yale, afirmar com grande ênfase que era impossível explicá-la, a não ser pela teoria da inspiração divina.

"No versículo inicial, ele põe fim à controvérsia sobre a idade da Terra e, de fato, do sistema solar, por meio da simples afirmação de que os céus e a Terra foram criados no 'princípio', sem qualquer indicação de há quanto tempo esse princípio ocorreu. Mas o fato de que o sistema solar teve um princípio é comprovado pela ciência moderna com tanta clareza que nem mesmo o evolucionista mais ousado pode negá-lo. A doutrina moderna da conservação de energia prova que a ordem atual das coisas nem sempre existiu. O sol está esfriando. Seu calor está se irradiando rapidamente e se dissipando no espaço vazio. Em resumo, o sistema solar está se esgotando, e é tão claro quanto o meio-dia que esse processo não pode ter durado para sempre. Até mesmo a hipótese nebular implica um começo, e nenhum gênio humano jamais concebeu uma afirmação melhor desse fato do que a encontrada no versículo inicial da Bíblia.

A Criação Foi Gradual

"Todo este primeiro capítulo de Gênesis se baseia no princípio do progresso nesse método de criação. O universo não surgiu instantaneamente. Ele não estava completo desde o início. No princípio, temos apenas as forças físicas a partir das quais a grandiosa estrutura seria formada por um processo que se desenrola gradualmente ou, se alguém preferir dizer assim, um processo 'evolutivo'.* Isso é igualmente verdadeiro, independentemente da interpretação que se dê à palavra 'dia' (em hebraico, 'yom'). Por que um Criador Todo-Poderoso precisaria de seis dias — mesmo que cada um tivesse apenas vinte e quatro horas — para criar o mundo? A resposta é que o Criador não apenas possui poder todo-poderoso, mas também sabedoria infinita, e considerou adequado escolher um método de criação que envolve 'primeiro a folha, depois a espiga, depois o grão maduro na espiga'.

"Que existe um plano divino de evolução* fica evidente ao longo de todo este capítulo. A criação começa com a geração das formas mais simples de matéria e prossegue com a imposição, sobre elas, das atividades de força e energia que produzem luz. Segue-se a segregação da matéria que forma a terra, a separação da terra da água e da água sobre a terra daquela que se mantém em suspensão no ar. Se alguém desejar

---

*Como já indicado, é apenas no que diz respeito à criação do homem que a teoria da evolução entra em conflito com a Bíblia — e é apenas para atacar esse ponto que essa teoria existe ou encontra advogados.

[F54]
criticar a palavra “firmamento” e insistir em seu significado literal estrito, ele é impedido de fazê-lo pela afirmação subsequente (***Gênesis 1:20***) de que as aves foram criadas para voar acima da terra, no firmamento aberto dos céus. O meio que sustentava a água nas nuvens era aquele pelo qual as aves podiam voar.

Criação da Vegetação

“Na terceira etapa, a terra estava coberta de vegetação, que é a forma mais simples de vida, mas que, uma vez introduzida, traz consigo toda a série de produtos vegetais em desenvolvimento. A linguagem com que a criação das plantas é anunciada é tão abrangente que deixa amplo espaço para a teoria da geração espontânea, que ainda é uma das questões controversas da biologia. À luz disso, quão notáveis são as palavras ‘e Deus disse: Produza a terra erva;... e a terra produziu erva’.

“A mesma forma notável de expressão ocorre ao apresentar o quinto dia da criação, onde lemos (***Gênesis 1:20***): ‘E Deus disse: Produzam as águas em abundância seres vivos que se movam.’... E, novamente, ao apresentar a obra do sexto dia, a mesma frase é usada (***Gênesis 1:24***): ‘Produza a terra seres vivos segundo a sua espécie.’...Se alguém insistisse em interpretar essa linguagem de acordo com a mera letra, teria algo que nem a ciência nem a teologia aceitariam.

Um Criador Especial

“Quando se trata da criação do homem, utiliza-se uma expressão muito diferente. Diz-se que Deus criou o homem à sua imagem e soprou nele o fôlego da vida. Não é necessário considerar, neste momento, o que isso pode significar em relação ao modo de criação do homem. Mas a expressão corresponde adequadamente à dignidade exaltada que pertence ao homem quando comparado ao restante da criação animal. As características mais notáveis do homem são reveladas tanto neste relato quanto no subsequente sobre o início de sua trajetória. Não apenas se diz que o homem foi feito à imagem de Deus, mas ele está habilitado a governar sobre as bestas do campo e possui o dom da linguagem, por meio do qual pode dar nomes a elas. Além disso, ele é um ser dotado de livre arbítrio, que conhece a diferença entre o certo e o errado
— em suma, possui uma natureza moral que o coloca em uma categoria à parte.

“O fato de tantas coisas nos terem sido contadas sobre a criação, sem nada que seja absurdo ou fantástico, e com tão poucas coisas que criem qualquer dificuldade em harmonizá-la com a ciência moderna, é a evidência mais clara que podemos ter de que ela foi transmitida por inspiração divina. Nem mesmo Milton, com todo o seu conhecimento e com a vantagem

desse relato diante de si, conseguiu refrear sua imaginação o suficiente para evitar transformar em uma paródia toda a sua concepção da criação do reino animal. O que, senão a mão da inspiração, poderia ter refreado e guiado de tal forma o autor do primeiro capítulo do Gênesis?

O homem foi criado, não evoluiu

"Há uma enorme diferença entre o tamanho e o desenvolvimento do cérebro do homem e o dos membros inferiores da ordem dos 'primatas'.

"Fisiológica e psicologicamente, o homem difere ainda mais dos membros inferiores de sua ordem. Ele possui a capacidade de linguagem gramatical. É capaz de organizar seus pensamentos em frases, que podem ser representadas por marcos arbitrários no papel ou em alguma outra substância. O homem possui um ouvido para a harmonia na música, algo que nenhum animal possui. Isso envolve uma delicadeza de estrutura nos órgãos auditivos de caráter extremamente maravilhoso. Entre suas qualidades mentais, a do raciocínio científico ou indutivo é a mais notável quando comparada às capacidades mentais do reino animal.

"Em sua grande obra sobre 'Evolução Mental', Romanes acredita encontrar nos animais inferiores todos os rudimentos da capacidade mental do homem, mas eles são tão claramente rudimentares que mantêm a distância entre o homem e o animal quase tão grande como sempre. Ao reunir todas as manifestações de inteligência nos animais, ele constata que, juntas, elas manifestam tanta inteligência quanto uma criança de 15 meses. Mas essa inteligência não se encontra em nenhuma espécie isoladamente; uma espécie está mais avançada nesse aspecto em uma linha evolutiva, e outra, em outra...

Razão versus instinto

"Por mais apurado que seja o olfato do cão, ele não serve de nada para ensiná-lo geologia. Nem a acuidade visual da águia lhe é de qualquer ajuda no estudo da astronomia. Seria em vão levar um cão a percorrer o mundo para aprender a extensão da calota glacial durante o período glacial, pois ele não possui capacidade de raciocínio que lhe permita conectar as rochas nos Estados Unidos às suas formações originais no Canadá, ou as pedras arranhadas nas planícies da Rússia às montanhas escandinavas, de cujas formações elas foram arrancadas pelo gelo em movimento. Tais inferências estão totalmente além da capacidade canina...

Capacidade para a religião

"Em nada essa superioridade da mente humana se manifesta de forma mais marcante do que em sua capacidade de adquirir ideias religiosas por meio da literatura. Existem, de fato, maravilhosas exibições de porcos treinados que, por algum processo, podem ser ensinados a selecionar algumas letras em blocos para

formar algumas palavras simples. Mas nenhum animal pode ser ensinado a falar de maneira inteligível. A essa afirmação, nem mesmo o papagaio é exceção, já que suas palavras são meramente uma repetição de sons ininteligíveis até mesmo para ele próprio. Muito menos um animal pode ser ensinado a ler ou a ouvir com inteligência um discurso ou um sermão.

"Por outro lado, a Bíblia, que é um livro da literatura mais variada, contendo os mais elevados voos de poesia e eloquência já escritos e apresentando as concepções mais sublimes de Deus e da vida futura que já foram concebidas, foi traduzida para quase todas as línguas sob o céu e encontrou nessas línguas as figuras de linguagem apropriadas por meio das quais apresentar efetivamente suas ideias...

"É assim, quando vista do ponto de vista intelectual mais elevado, que a singularidade do homem na criação animal se manifesta melhor. Intelectualmente, ele está à parte. O nome científico do gênero ao qual o homem pertence é 'homo', mas a espécie é 'homo sapiens', ou seja, um corpo humano dotado de sabedoria humana...

"Alfred Russell Wallace, que descobriu de forma independente o princípio da seleção natural e o publicou ao mesmo tempo que Darwin, citou várias peculiaridades físicas do homem que não poderiam ter se originado apenas pela seleção natural, mas que apontavam irresistivelmente para a ação de um poder diretor superior.

Roupas e Ferramentas

"Entre elas, ele cita a ausência, no homem, de qualquer cobertura protetora natural. Dentre todos os animais, somente o homem usa roupas. Ele tece as fibras das plantas para formar um cobertor ou retira a pele de outros animais e a utiliza para cobrir seu próprio corpo nu, como abrigo contra as intempéries. As aves têm penas, as ovelhas têm lã, outros animais têm pelagem admiravelmente adaptada para sua proteção. Somente o homem carece dessa proteção, a não ser que a obtenha por meio do uso de sua própria inteligência. Até pararmos para pensar nisso, mal percebemos quanta inteligência está envolvida nos esforços do homem para obter roupas. Mesmo em uma questão tão simples como a de obter a pele de outro animal para fazer um manto, ele é obrigado, como passo preliminar, a ser o inventor de ferramentas. Nenhum animal jamais foi esfolado sem o uso de algum tipo de faca.

"Isso nos leva a outra boa definição do homem: um animal que usa ferramentas. A forma mais próxima do uso de ferramentas por animais é encontrada no elefante e no macaco. Sabe-se que um elefante já segurou um galho com a tromba e, ao alongá-la dessa forma, conseguiu remover objetos de partes do corpo que, de outra forma, seriam inacessíveis. Sabe-se que um macaco já usou um graveto para forçar a abertura de uma porta. Mas nunca se soube de nenhum animal que tenha fabricado uma ferramenta; ao passo que não há

nenhuma tribo humana tão limitada em inteligência que não fabrique as mais curiosas e complicadas ferramentas.

"As canoas das raças mais primitivas são construídas com grande engenhosidade e perfeitamente adaptadas às suas necessidades. O implemento de sílex lascado pressupõe a concepção de um projeto visionário e o exercício de grande habilidade em esculpi-lo. Os métodos engenhosos pelos quais as nações selvagens obtêm fogo à vontade, por atrito, seriam motivo de orgulho para o homem civilizado; enquanto o uso do arco, da funda e do bumerangue demonstra uma capacidade inventiva de altíssimo nível, com a qual o reino animal não tem nada com que se comparar.

Capacidade para a Música

"Wallace, além disso, cita a voz humana como um desenvolvimento que ultrapassa em muito tudo o que pode ser produzido pela seleção natural. Os macacos não têm música em suas almas nem capacidade musical em seus órgãos vocais; ao passo que até mesmo as raças humanas mais primitivas possuem ambas. As 'canções folclóricas' são a grande fonte à qual nossos principais compositores musicais recorrem em busca de temas. O falecido Theodore F. Seward, ao comentar sobre as canções dos negros nas plantações que ele transcreveu, afirma que, em sua harmonia e progressão, todas elas se enquadram nas regras científicas da composição musical. Por mais vantajosa que essa capacidade musical possa ser para o homem plenamente desenvolvido, não podemos conceber que ela tenha sido vantajosa para um animal no estágio inferior de desenvolvimento em que se encontra o macaco. A voz musical que atrai o macaco tem apenas a mais tênue semelhança com aquela que é atraente para o homem ou para a mulher.

"Além disso, o tamanho do cérebro humano é desproporcional às necessidades mentais da criatura animal mais elevada abaixo do homem e, sem a inteligência humana, seria mais um fardo do que uma ajuda. Os dois, portanto, devem ter surgido simultaneamente para que representassem uma vantagem que a seleção natural pudesse aproveitar, preservar e desenvolver...

"É difícil entender como poderia ter sido uma vantagem para um macaco ter o polegar de seu membro posterior transformado em um dedão do pé, que não pode mais ser usado para agarrar objetos, mas é útil apenas quando ele anda na posição ereta. É difícil entender que vantagem um macaco teria em ter seus membros anteriores encurtados, como teriam de ser se fossem transformados nos braços de um homem. É difícil também entender como teria sido vantajoso para um macaco passar por essas mudanças no alinhamento do osso do quadril e do pescoço, que o impediriam completamente de andar de quatro e o limitariam a andar sobre duas pernas e na posição ereta.

"Em todos esses aspectos, a dificuldade em compreendermos a origem do homem a partir da seleção natural aumenta se formos obrigados a supor

[F58]

que se tratou de um processo muito gradual e que essas mudanças, que conduziram à perfeição da organização humana, começaram de forma imperceptível, ou quase imperceptível; pois tais mudanças incipientes não poderiam ter trazido nenhuma vantagem. Para serem vantajosas, elas deveriam ter sido consideráveis, e as mudanças mentais e físicas deveriam ter estado correlacionadas de acordo com alguma lei de harmonia pré-estabelecida.

"O mistério da origem do homem não foi, nem um pouco, diminuído pela hipótese darwiniana, nem por qualquer esclarecimento que as teorias evolucionistas tenham trazido a respeito. É reconhecido por todos que, do ponto de vista geológico, ele é a espécie mais recente a ter sido incorporada à população da Terra; enquanto que, do ponto de vista mental, ele se eleva tão acima dos animais inferiores que, por essa mesma razão, se não por outra, é classificado em um grupo à parte. O mistério é como ele adquiriu esse alto grau de capacidade mental com uma estrutura corporal e uma constituição fisiológica tão completamente adaptadas ao seu exercício. Aqueles que afirmam que ela foi, de alguma forma, exalada pelas ordens inferiores de seres intelectuais, encontrarão dificuldades filosóficas dez vezes maiores do que aqueles que aceitam a simples afirmação da Bíblia de que sua alma é o sopro divino — a própria imagem de Deus."

"Nas profundezas de minas
insondáveis De habilidade
inesgotável,
Ele acumula seus brilhantes desígnios, E
realiza sua vontade soberana.

"Seus propósitos amadurecerão
rapidamente, Desdobrando-se a
cada hora.
O botão pode ter um sabor
amargo, Mas doce será a flor.

"A incredulidade cega
certamente errará, E
examinará sua obra em vão.
Deus é seu próprio intérprete, E
Ele tornará tudo claro."

[F59]

ESTUDO II
A NOVA CRIAÇÃO

A Nova Criação: Separada e Distinta de Todas as Outras — Por Que Escolhida Dentre a Criação Humana, e Não Dentre Outras —O Objetivo da Sua Eleição—Missões Presentes e Futuras—Como É Gerada e Nasce para a Nova Natureza—A Estreita Relação de Todos os Seus Membros entre Si e com Seu Capitão, Cabeça e Noivo—Desenvolvimento e Provas da Filiação —O sexto, ou sentido espiritual, da nova criação para o discernimento das coisas espirituais — Por qual nome a nova criação deve ser conhecida, a fim de ser leal à Cabeça e não se separar de nenhum dos irmãos?

A IGREJA da era evangélica é frequentemente mencionada nas Escrituras como uma nova criação — seus membros definitivos, os vencedores, sendo especificamente referidos como "novas criaturas" em Cristo Jesus. (***2 Cor. 5:17***) Infelizmente, porém, tornou-se costume entre os cristãos plenamente consagrados, assim como entre outros, ler as palavras de inspiração divina de maneira confusa e nebulosa, o que deixa de conferir a essas declarações seu verdadeiro significado e priva o leitor de grande parte da bênção, do conforto e da instrução que poderiam ser seus se ele simplesmente seguisse um caminho mais razoável e estivesse mais profundamente imbuído do espírito de discipulado — com o desejo de compreender a revelação divina. A dificuldade, em grande medida, parece residir no fato de que os leitores comuns da Palavra não esperam ser ensinados por ela, mas a leem de maneira superficial, como um dever ou como um descanso; e, quando desejam informações a respeito do plano divino, recorrem a comentários e catecismos. Estes, juntamente com os professores vivos, deveriam ser mãos que ajudam a guiar os peregrinos de Sião para um conhecimento mais claro do caráter e do

[F60]
plano; mas, infelizmente, muitas vezes fazem exatamente o contrário. Frequentemente, eles obscurecem e confundem o julgamento e interpretam erroneamente a Palavra divina, e aqueles que confiam neles são afastados da luz, em vez de serem conduzidos a ela.

Esse desvio não é intencional, pois tanto os professores quanto os autores, devemos supor, apresentam aos seus leitores o melhor que possuem. A fonte do problema está bem distante. Há mais de 1.800 anos, quando os apóstolos "adormeceram", o inimigo, Satanás, ganhou carta branca na Igreja, o campo de trigo do Senhor; e, como profetizou a parábola de nosso Senhor, ele semeou o joio do erro sem moderação. (***Mt 13:24, 36-43***) Esses erros, em maior ou menor grau, distorceram e deturparam todas as verdades da revelação divina, de modo que, antes mesmo do início do século IV, o campo de trigo do Senhor havia se tornado praticamente um campo de joio, contendo apenas uma minoria proporcionalmente pequena de trigo verdadeiro. As trevas do erro se instalaram cada vez mais sobre a Igreja, e, por dez séculos, o "Mistério da Iniquidade" prevaleceu, e trevas densas cobriram o povo. Esses dez séculos são hoje denominados de "Idade das Trevas" por grande parte das pessoas mais inteligentes do "mundo cristão", e devemos lembrar que foi em meio a essa densa escuridão que o Movimento da Reforma teve seu início. A luz dos reformadores começou a brilhar em meio à escuridão e, graças a Deus, vem se tornando cada vez mais brilhante desde então! Não podemos nos surpreender, no entanto, que os próprios reformadores, educados naquela escuridão densa, tenham sido mais ou menos contaminados por ela e que não tenham conseguido, de imediato, purificar-se de seus erros contaminadores: ao contrário, teríamos considerado nada menos que um milagre se eles tivessem saído da escuridão densa para a luz plena e clara do caráter e do plano divinos.

A dificuldade entre os seguidores dos reformadores nos últimos três séculos tem sido que eles consideraram meritório aceitar os credos formulados naquele período da Reforma, se orgulharam deles e consideraram não ortodoxo qualquer progresso adicional em direção à luz.

[F61]
Pelo contrário, tanto eles quanto nós, ao mesmo tempo em que honramos os Reformadores e nos regozijamos com sua fidelidade, devemos lembrar que eles não eram as luzes da Igreja, que não foram dados à Igreja para serem seus guias, mas, no máximo, apenas auxiliares. Os guias divinamente designados foram, em primeiro lugar, nosso Senhor; em segundo lugar, seus apóstolos inspirados, protegidos e guiados; e, em terceiro lugar, os homens santos de Deus da antiguidade, que falaram e escreveram conforme eram movidos pelo espírito santo, para nossa admoestação. Foi porque os reformadores receberam do Senhor um vislumbre da verdadeira luz que foram capazes de discernir, ainda que parcialmente, quão densa era a escuridão que os cercava, e a empreender o esforço heróico que de fato empreenderam para escapar dela e voltar à luz do conhecimento de Deus, que resplandece no rosto de Jesus Cristo, nosso Senhor, e que, por meio de suas palavras e das palavras dos apóstolos, nos é dada para ser uma lâmpada para os nossos pés e uma lanterna para os nossos passos, fazendo com que o caminho dos justos brilhe "cada vez mais até o dia perfeito". Quem quer que agora deseje ser um seguidor do Senhor e um seguidor da luz deve ter cuidado para que, sem ignorar os instrumentos humanos e seus ministérios — tanto oralmente quanto por meio da palavra impressa —, aceite deles apenas aquela ajuda que o auxilie a apreciar a mensagem inspirada registrada nas Escrituras: "Se eles não falarem de acordo com esta Palavra, é porque não há luz neles".

Em estudos anteriores, vimos que nosso Senhor Jesus, muito antes de se tornar "o homem Cristo Jesus", era "o princípio da criação de Deus"; vimos um desenvolvimento progressivo entre as criações de Deus, realizado por meio do Filho Amado — querubins, serafins, anjos, as várias ordens de seres espirituais, a respeito dos quais pouco nos foi revelado. Acabamos de concluir uma análise da criação terrestre e, à luz da revelação divina, vimos quão grandiosa será sua consumação durante os "tempos da restauração de todas as coisas anunciadas". Mas as Escrituras nos apresentam a nova criação, agora sob

[F62]
consideração, como inteiramente separada e distinta das ordens angélicas e do homem. O Pai Celestial ficou satisfeito com cada aspecto de sua obra, pois "toda a sua obra é perfeita", e cada classe, ou ordem, é perfeita em si mesma, ou o será quando o grande Jubileu, mencionado em um capítulo anterior, for introduzido. A criação dessas várias ordens, portanto, não deve ser entendida como sinal de insatisfação por parte do Criador, nem como uma tentativa de fazer algo melhor ou mais satisfatório, mas devemos ver nisso uma ilustração da "sabedoria muito diversificada de Deus". A variedade que vemos na natureza — nas flores, nas ervas, nas árvores e entre os animais — ilustra isso: cada um é perfeito em sua própria espécie e plano. Não foi a insatisfação com a rosa que levou à produção da rosa-pink ou da violeta, mas as variedades em forma, beleza e perfume nos dão um vislumbre das extensões, larguras, alturas e profundidades da mente divina — diversidade em harmonia; beleza e perfeição expressas em várias formas, padrões e cores. Assim também ocorre com as criações inteligentes — filhos de Deus em vários planos de existência.

Desse ponto de vista, percebemos que, por mais criações que Deus venha a gerar, não haverá espaço para ciúmes entre elas, pois cada uma, sendo perfeita em seu próprio plano e esfera, estará plenamente satisfeita com sua própria condição e realmente a preferirá a qualquer outra; assim como um peixe se satisfaz mais em ser peixe do que em ser pássaro e, *vice-versa*, o pássaro se satisfaz mais com sua própria natureza: assim também a humanidade, quando restaurada à perfeição humana sob condições edênicas, estará absolutamente satisfeita com essas condições, de modo que não desejará ser anjo de qualquer grau ou posição, nem desejará a natureza mais elevada de todas concedida à nova criação; a saber, "a natureza divina". (***2 Pe. 1:4***) Nem os anjos cobiçarão a natureza e as condições dos querubins e serafins ou do homem — nem mesmo da natureza divina. Todos compreenderão, por fim, que a natureza divina é a mais elevada de todas; que ela possui qualidades e condições que superam as de todas as outras naturezas; contudo, sob

[F63]
o arranjo divino, cada natureza estará tão plenamente em harmonia com suas próprias condições, ambientes e perfeição que cada um encontrará satisfação em seu próprio estado.

Quando Jeová Deus planejou a nova criação — participantes da natureza divina (***2 Pe. 1:4***) — participantes de sua própria "glória, honra e imortalidade" (***Rom. 2:7***) — ele determinou que ninguém pudesse ser criado para uma posição tão elevada e *depois* ser submetido a uma provação; mas que, pelo contrário, quem quer que fosse constituído membro da nova criação deveria primeiro passar por uma provação e provar de forma absolutamente incondicional sua lealdade ao Criador e aos princípios de seu governo justo, antes de poder ser exaltado a essa posição elevada — à nova criação da natureza divina. Acabamos de ver como foi organizado o julgamento e o teste do homem quanto à sua dignidade para a vida eterna — a perfeição humana original na qual ele foi criado; sua queda; sua redenção; e a recuperação e restauração de toda a sua raça considerada digna. Acabamos de ver, também, que os anjos foram criados na santidade e perfeição de sua natureza e foram *posteriormente* provados e testados; mas é evidente que um procedimento semelhante em relação às novas criaturas de natureza divina (ou seja, sua criação na perfeição dessa natureza e sua provação *subsequente*) não seria adequado. Por quê? Porque um elemento de suma importância da natureza divina é a imortalidade, e quando compreendemos que essa palavra significa uma condição à prova de morte*, podemos perceber facilmente que ter criado quaisquer seres no plano divino, imortais, à prova da morte e, posteriormente, submetê-los a provações e testes, teria significado que, caso algum deles não atingisse o padrão exigido de lealdade absoluta a Deus, eles teriam se tornado transgressores imortais que não poderiam ser destruídos, e cuja existência contínua por toda a eternidade como transgressores, como pecadores, teria sido tantas manchas, tantas imperfeições na bela criação do universo, tal como Deus pretende que ela venha a ser. Percebemos, então, a profunda sabedoria do plano que Deus

---

*Ver Vol. V, p. 389.

[F64]
adotou em relação a essa classe, a mais altamente favorecida entre todas as suas criaturas — ao testá-los severamente, de forma decisiva, enquanto ainda são mortais, membros de outra criação de natureza mortal.

Se, em nosso pensamento, nos colocarmos ao lado do grande Criador, como seus amigos íntimos, e imaginarmos a filosofia do arranjo divino para a nova criação, podemos imaginar Jeová Deus refletindo consigo mesmo a respeito da nova criação da seguinte forma: A qual classe dos filhos de Deus devo oferecer este privilégio distinto de ser transformado para esta ordem suprema, ou classe, das minhas criaturas? Cada ordem já está à minha imagem — o homem, os anjos, os querubins, os serafins e o arcanjo; todos serão supremamente felizes, cada um em sua própria perfeição e condição, quando meu plano tiver atingido seu ápice e todas as provações tiverem terminado — mas a qual deles devo oferecer esta mais grandiosa das bênçãos e oportunidades — a de se tornarem "participantes da natureza divina"? Naturalmente, o Primogênito viria imediatamente à mente do Pai como aquele que já era o mais elevado, o principal entre todas as miríades, já próximo a si mesmo; o deus, o poderoso por meio do qual ele havia criado todas as coisas e que, em todos os aspectos, havia demonstrado sua fidelidade e lealdade ao seu Pai e Criador. A ele, portanto, seria concedida em primeiro lugar a oportunidade de alcançar a natureza divina e sua glória, honra e imortalidade. "Agradou ao Pai que nele habitasse toda a plenitude" — "para que em todas as coisas ele tivesse a preeminência." (***Col. 1:18,19***) Ele já possuía preeminência acima de todos os outros e, tendo-a exercido fielmente, era naturalmente o primeiro na ordem de ascensão a quaisquer honras e dignidades superiores que o Pai tivesse a conceder. Ao que tem, será dado, e ele terá mais abundância; a fidelidade terá sua recompensa, mesmo que isso signifique que o fiel deva ser submetido a provações, experiências e disciplinas da mais crucial natureza. Mesmo sendo um filho, um filho extremamente leal, um filho extremamente dedicado, ele não poderia receber uma parte da natureza divina a menos que, antes de tudo, sua fé e lealdade fossem submetidas aos testes mais cruciais.

[F65]

Esse esboço da nova criação e essa escolha do Unigênito para ser o cabeça e o líder da nova criação — sujeito às provações, disciplinas, humilhações e outras experiências necessárias para provar sua dignidade — já haviam sido determinados no conselho divino antes mesmo de o homem ser criado. Era de conhecimento prévio de Deus que sua criatura humana cairia; Ele havia determinado que sua sentença fosse a morte; e havia pré-estabelecido que a prova que imporia ao seu Unigênito seria que ele, por sua própria livre vontade, se tornasse o redentor da humanidade e, por meio de um sacrifício tão grande quanto isso implicava, manifestasse sua lealdade ao Pai e sua fé Nele. Assim, no plano divino, ele era o "Cordeiro imolado antes da fundação do mundo". Desse ponto de vista, percebemos que, longe de ser forçado a ser o redentor do homem — longe de o Pai praticar injustiça para com o Filho nessa exigência —, tratava-se da preparação do Pai para a grande exaltação do Filho — muito acima dos anjos, dos principados, dos poderes e de todo nome que se nomeia, como participante de sua própria natureza e co-herdeiro de seu próprio trono. ***Hb 1,4***; ***Ef 1,21***

Desse ponto de vista, não podemos nos surpreender que o apóstolo fale do compromisso de nosso Senhor de ser o nosso redentor "pela alegria que lhe estava proposta". (***Hb 12,2***) A alegria não era meramente a antecipação do lugar mais elevado na nova criação, muito acima de todas as outras criações; mas podemos razoavelmente supor que isso fazia parte dela. No entanto, notamos na oração do nosso redentor ao Pai, enquanto passava pelas provações, que, com modéstia característica, ele não se referiu à grande dignidade, glória e imortalidade que lhe foram prometidas e esperadas; mas, com uma bela simplicidade e humildade, pediu apenas que fosse restaurado à sua posição anterior; como se considerasse honra suficiente o fato de ter sido escolhido pelo Pai como seu agente para levar adiante outros aspectos do plano divino, assim como já havia sido o agente honrado na criação de todas as coisas que foram feitas. (***João 1:3***) Suas palavras simples foram: "Pai, glorifica-me com a glória que eu tinha contigo antes

[F66]
o mundo existisse." (***João 17:5***) Mas a resposta do Pai foi cheia de significado quando disse: "Já te glorifiquei [honrei], e te glorificarei [honrarei] ainda mais." ***João 12:28***, Manuscrito *do Vaticano*.

Além disso, o Pai propôs em si mesmo que a nova criação consistisse, não apenas em um único indivíduo, mas que ele tivesse "irmãos". (***Hb 2:17***) Quem seriam esses irmãos? De que classe seriam selecionados? Dos querubins? Dos serafins? Dos anjos? Ou dos homens? Seja de qual classe for, eles deveriam ser submetidos exatamente às mesmas provações exigidas do Unigênito; pela mesma razão, pois deveriam compartilhar de sua glória, honra e imortalidade. A provação imposta a ele foi a da obediência
— "até a morte" (***Fil. 2:8***), e todos, portanto, que compartilhassem com ele, como novas criaturas, a natureza divina, também deveriam compartilhar com ele as provações, os sofrimentos e os testes, e deveriam provar-se fiéis até *a morte*. Se a oferta tivesse sido feita aos membros de qualquer das classes angelicais, ou naturezas, isso teria significado um programa divino diferente daquele que vemos agora sendo executado. Vimos que os anjos santos têm recebido sua experiência e conhecimento por meio da observação, e não pelo contato com o pecado e a morte; e supor entre os anjos uma condição que permitisse que alguns deles morressem implicaria uma condição de pecado real entre os anjos, perseguição uns aos outros, etc., a fim de provocar tais condições de morte; ou que alguns dos anjos fizessem, como fez nosso Senhor Jesus, deixar de lado sua natureza superior e se tornarem homens "para sofrer a morte". Deus não adotou esse plano; mas, visto que, em seu propósito, o pecado e sua pena, a morte, seriam ilustrados na humanidade, ele determinou selecionar o restante da nova criação dentre os homens. Assim, não apenas a provação do Unigênito estaria relacionada à humanidade e ao pecado e à morte prevalecentes entre os homens, mas, da mesma forma, todos os que seriam co-herdeiros com ele na Nova Natureza teriam oportunidades, experiências e provações semelhantes.

[F67]
Assim, o Unigênito, chamado Jesus, posteriormente o Cristo, o Ungido, se tornaria um modelo e exemplo para os demais membros da nova criação, dos quais todos seriam obrigados a se conformar à semelhança de seu caráter — a se tornarem *"cópias* da semelhança de seu Filho". (***Rom. 8:29***, *Diaglott*) Nisso, como em toda parte, vemos uma manifestação de economia nas várias características do plano divino: a ação do pecado e da morte em um único setor da criação seria suficiente; isso serviria não apenas como uma grande lição e provação para os homens, e uma grande lição prática para os anjos, mas também como uma prova crucial para aqueles que seriam considerados dignos de participar da nova criação.

O fato de que os escritos do Novo Testamento — os ensinamentos de Jesus e dos apóstolos — sejam dirigidos a essa classe da "nova criatura", ou àqueles que estão considerando os passos de fé e obediência necessários para se incluírem nessa classe, levou muitos a inferir, contrariamente às Escrituras, que os propósitos de Deus são os mesmos em relação a toda a humanidade. Isso os levou a ignorar o fato de que o chamado desta era evangélica é especificamente descrito como um "chamado elevado", um "chamado celestial". (***Fil. 3:14***; ***Hb. 3:1***) A falha em reconhecer que Deus tinha, e ainda tem, um plano de salvação para o mundo inteiro, e um plano um tanto diferente de salvação especial para a Igreja da era evangélica, levou a uma confusão de pensamento entre os comentaristas, que não discernem a diferença entre a classe dos escolhidos e suas bênçãos, e a classe muito maior dos não escolhidos e as bênçãos que lhes chegarão no devido tempo por meio dos escolhidos. Eles supuseram que o plano de Deus terminará quando a eleição for concluída, em vez de perceberem que, no que diz respeito à natureza humana e à restauração destinada ao mundo em geral — todos aqueles que a receberem nos termos do Senhor —, ele estará apenas começando.

Essa incerteza de pensamento e a incapacidade de reconhecer a diferença entre as duas salvações — a da Igreja para uma nova natureza, a divina, e a do mundo por meio da restauração

[F68]
à plena perfeição da natureza humana — levou a muita confusão e confusão nas mentes desses professores das Escrituras que se aplicam a essas duas salvações, de modo que agora eles pensam nos salvos de um ponto de vista e, em seguida, de outro. Alguns pensam e falam deles como seres espirituais, mas confundem esses seres espirituais em glória, honra e imortalidade com seres humanos, e os imaginam como tendo carne, ossos etc., na condição espiritual. Outros tomam a restauração humana como o centro de seu pensamento e imaginam uma Terra-Paraíso restaurada, com o Senhor e os santos residindo nela no que chamam de corpos espirituais, sem discernir o verdadeiro significado da palavra "espiritual"; caso contrário, saberiam que, assim como um corpo espiritual está adaptado a uma condição espiritual e seria apenas sobrecarregado por condições ou elementos carnais, da mesma forma o corpo humano, ou terreno, é propriamente aquele adaptado às condições terrenas e, se fosse de alguma forma eterizado, seria uma monstruosidade, inadequada tanto à intenção divina quanto à natureza humana.

A beleza e a simetria do plano divino só podem ser vistas claramente pelo reconhecimento da nova criação; de que seus futuros membros são chamados por Deus para serem separados, distintos da natureza humana; de que existe um "chamado celestial" ou "alto chamado"; e de que, além de assegurarem seu próprio chamado e escolha, eles têm uma dupla tarefa a cumprir em relação à família humana da qual foram selecionados. (1) Ser agentes de Deus na reunião da classe dos escolhidos, transmitindo ao mesmo tempo uma mensagem de testemunho ao mundo, como membros do sacerdócio da expiação, sofrendo nas mãos do mundo por causa de sua fidelidade e da cegueira do mundo. (2) Eles constituirão, juntamente com seu Senhor e Chefe, um sacerdócio divino, real e espiritual, em cujas mãos serão confiados os interesses e os assuntos do mundo para a correção e a elevação de cada membro obediente da raça — mediando entre Deus e o homem e estabelecendo entre os homens um reino de justiça em

[F69]
conformidade com o programa divino para a instrução e a restauração do homem.

Ficará prontamente evidente que nenhuma outra classe de seres poderia ser encontrada tão bem adaptada à intenção divina de governar e abençoar o mundo. Sua identidade original com a humanidade, como "filhos da ira, assim como os demais", familiariza-os plenamente com as fraquezas, as imperfeições, as tentações e as provações às quais a humanidade está exposta por causa do pecado e das fraquezas constitucionais: e isso os prepara para serem governantes moderados e sacerdotes misericordiosos, pois sua plena perfeição na natureza divina os qualificará para serem absolutamente justos, bem como amorosos, em todas as suas decisões como Juízes do mundo naquele dia do julgamento do mundo.*

Mas, embora essa grande e importante obra de elevar, governar, abençoar e julgar o mundo da humanidade e dos anjos caídos seja, como obra, especialmente confiada a essas novas criaturas da natureza divina, e embora nenhum outro ser em todo o universo esteja tão bem preparado quanto elas para realizar essa obra (para a qual, sob orientação divina, estão sendo especialmente treinadas e preparadas), no entanto, essa não é, de forma alguma, toda a sua missão ou obra. Pelo contrário, os mil anos do reinado milenar constituirão apenas o início do exercício da glória, da honra e da imortalidade dessas novas criaturas. Ao seu término, quando o Reino for entregue a "Deus, o Pai", e à humanidade como agentes glorificados do Pai para governar a Terra, uma esfera ainda maior para o exercício de sua glória, honra e imortalidade se abrirá diante da nova criação; pois não está escrito que o Pai Celestial não apenas fez de seu Filho participante de sua própria natureza divina, mas também co-herdeiro de seu trono — e que o Filho está sentado com o Pai em seu trono? (***Apocalipse 3:21***) E mesmo que, em certo sentido, ele deixe essa posição oficial durante a era milenar para que possa administrar especialmente os assuntos

---

*Ver Vol. I, Cap. VIII — O Dia do Juízo.

[F70]
de sua aquisição e domínio terrenos, isso certamente não significa que, tendo concluído no sentido mais pleno a obra que o Pai lhe deu para realizar, ele será menos glorioso ou ocupará uma posição menos digna do que aquela que lhe foi concedida quando ascendeu às alturas, após ter, por meio do sacrifício de si mesmo, pago por nós a pena do pecado.

Não sabemos quais grandes obras, no que diz respeito ao futuro, nosso Criador possa ter em vista para seu Filho Unigênito e muito amado, a quem "ele designou herdeiro de todas as coisas"; mas sabemos, pelos próprios lábios do mestre, que nos foi prometido que, quando glorificados, seremos como ele e o veremos como ele é, e compartilharemos de sua glória, "e assim estaremos para sempre com o Senhor". Portanto, quaisquer que sejam as atividades futuras do Unigênito como "herdeiro de todas as coisas", estaremos com ele e compartilharemos sua obra e sua glória, assim como compartilharemos também sua natureza. Embora a Palavra escrita de Deus nos leve até aqui, não pode ser sacrílego examinarmos o livro da natureza à luz do plano divino e, usando a Palavra divina como telescópio, discernirmos que os diversos planetas ou mundos que nos cercam em todas as direções também não estão sendo formados em vão; e que, mais cedo ou mais tarde, haverá obras de criação neles; e que, quando esse tempo chegar, aquele que em todas as coisas teve a preeminência continuará a ter preeminência e ainda será o chefe na direção de todas as forças divinas. Não precisamos antecipar uma repetição, nos outros planetas, das experiências de pecado do nosso mundo, a Terra; mas, pelo contrário, podemos ter certeza de que essa única demonstração da "extrema pecaminosidade do pecado" e de seus terríveis resultados pode ser, e será, usada pelo Senhor como uma lição perpétua para os seres que ainda serão criados à sua imagem em outros mundos, os quais aprenderão por meio da observação e da instrução, em vez de pela experiência.

Com Satanás e todos os seus emissários, bem como toda influência maligna e devastadora, destruídos — com a Igreja glorificada, sábia pela experiência, para instruir essas criaturas perfeitas de outros mundos — com professores, possivelmente trazidos para eles desta

[F71]
esta Terra, dotados de conhecimento e experiência no contato com o pecado, e com o incentivo e a bênção do Senhor, quão sábios não se tornarão eles no que diz respeito ao certo e ao errado e às respectivas recompensas! Seus professores serão capazes de relatar os detalhes da grande rebelião de Satanás, o grande enganador da humanidade; da terrível queda da humanidade no pecado e na miséria; da grande redenção dela; da elevada recompensa do redentor e de seus co-herdeiros; dos abençoados privilégios de restauração concedidos aos homens; e de que tudo isso foram lições e exemplos para toda a criação de Deus para sempre. Essas instruções devem ser onipotentes para conter o pecado e para ensinar a todos a necessidade do desenvolvimento do caráter, de acordo com a lei divina do amor.

A obra dessas "novas criaturas" no tempo presente, como já foi demonstrado*, é dupla: o fato de terem sido geradas pelo espírito santo as constitui sacerdotes, mas apenas suas mentes são geradas — seus corpos ainda são da terra, terrenos e, portanto, como declara o Apóstolo: "Temos esse tesouro [a nova natureza] em vasos de barro, para que a glória seja de Deus e não de nós." (***2 Cor. 4:7***) A mente ou vontade recém-gerada é tudo o que existe atualmente para representar a nova natureza, e tudo o que haverá até que, na Primeira Ressurreição, essa nova vontade, desenvolvida em caráter, receba um corpo adequado, um corpo celestial, um corpo espiritual, perfeito e completo e em absoluta harmonia com a vontade divina. Enquanto isso, o poder divino, o espírito santo, funcionando assim em nossas mentes e constituindo-nos "Novas Criaturas" e sacerdotes, nos conduz na direção do sacrifício e nos aponta nossos interesses humanos naturais, ambições, preferências etc., como as coisas que devem ser sacrificadas, sempre que entrarem em conflito, em qualquer grau, com as ambições e condições providenciadas por Deus para as "Novas Criaturas". Assim, a vitória da nova criatura é alcançada pelo sacrifício de sua própria natureza humana, e essa vitória glorifica a Deus e seu poder de "operar em nós o querer e o fazer" por meio de seu

---

*Ver **Sombras do Tabernáculo dos Melhores Sacrifícios***, pp. 20-23.

[F72]
promessas, de uma maneira pela qual ele não poderia ser glorificado se todas as nossas condições naturais estivessem de acordo com suas exigências, de modo que nenhum sacrifício seria necessário. Mas, assim como a fé, a consagração e o sacrifício das "Novas Criaturas" na vida presente correspondem ao sacerdócio aarônico de Israel e aos seus sacrifícios típicos, e foram por eles tipificados, assim também, como explica o Apóstolo, o futuro sacerdócio dessas Novas Criaturas é representado, ou tipificado, pelo glorioso sacerdócio de Melquisedeque.

Melquisedeque não era um sacerdote que oferecia sacrifícios vestindo uma túnica de linho; ele era um sacerdote que, ao mesmo tempo, era rei
— "Um sacerdote em seu trono". Como tal, sua posição era mais elevada no tipo do que a posição de Arão; pois Arão era filho de Abraão, e Abraão, por mais grande que fosse, pagava dízimos a Melquisedeque e recebia uma bênção de suas mãos, simbolizando, como explica o Apóstolo, que o sacerdócio inferior do sacrifício representa um plano ou condição mais baixo do que o sacerdócio superior da realeza, da glória e da honra. Essas Novas Criaturas, então, na gloriosa obra do Reino Milenar (Cristo, sua Cabeça, e elas consideradas membros de seu corpo), foram simbolizadas por Melquisedeque. Com elas, a vertente sacrificial da obra chegará ao fim; o reinado, o governo, a bênção e a assistência terão todos começado, e elas serão inteiramente competentes para cumprir a promessa divina; a saber, que "todas as famílias da terra serão abençoadas" por meio delas, os agentes de Deus, por meio dos quais "quem quiser" poderá voltar à plena harmonia com o Criador e suas leis. ***Gên. 22:18***; ***Gálatas 3:16, 29***

Todas as diversas figuras pelas quais o Senhor representa a relação íntima entre seu Unigênito, o Salvador, e a Igreja escolhida — chamada e preparada para ser "nova criatura" e parceira dele na natureza divina — mostram de forma impressionante a proximidade, a intimidade e a unidade que existirão entre eles. Como se o Senhor percebesse que suas criaturas humanas, de mente humilde, necessariamente vacilariam na fé diante da ideia de um

[F73]
interesse e amor por elas por parte do Criador — a ponto de convidá-las para a posição mais elevada em toda a criação, ao lado de seu Filho e ao lado dele mesmo —, constatamos que o assunto é apresentado repetidamente e por meio de diferentes figuras, como que para dissipar mais completamente todas as nossas perguntas, dúvidas e temores a respeito de sua fidelidade — a respeito da autenticidade desse "alto chamado". Vamos relembrar algumas delas: em uma delas, nosso Senhor é representado como a "pedra angular" de uma pirâmide, e a Igreja escolhida como pedras vivas atraídas a ele, moldadas e preparadas em harmonia com as linhas de seu caráter, para que sejam membros com ele na grande estrutura piramidal que Deus está erguendo durante a era evangélica, e que, na era vindoura, abençoará o mundo, e por meio da qual, por toda a eternidade, ele será glorificado.

Essa imagem da pirâmide está intimamente relacionada à imagem do templo; e temos a certeza de que o templo construído por Salomão era um tipo desse templo espiritual maior que, com sabedoria ainda maior, Deus está construindo. (***1 Pe. 2:5***) É-nos mostrado que, assim como no tipo cada viga e cada pedra foram originalmente designadas para seu lugar e moldadas para se encaixarem nele, o mesmo ocorre com a Igreja da nova criação — cada um de seus membros será adaptado e preparado para o seu lugar. Assim como isso permitiu a construção do templo típico "sem o som de um martelo", sem agitação, comoção ou ruído, da mesma forma, sob o arquiteto divino, a Igreja completa como a nova criação nascerá, no fim da era evangélica, dentre os mortos, assim como o Senhor, a Cabeça deste templo, foi o "primogênito dentre os mortos" em sua ressurreição no início da era. ***1º Reis 6:7***

Outra dessas figuras que recordamos é a de um corpo humano com seus diversos membros. É o apóstolo Paulo que, de forma tão clara e distinta, nos aponta essa ilustração da estreita relação que os escolhidos mantêm com o Senhor, a Cabeça da Igreja, que é o seu corpo. (***Rm 12,4-5***; ***1 Cor 12,12***) Assim como a cabeça controla o corpo, pensa por ele, planeja para ele, supervisiona seus assuntos e dirige, ou utiliza, um ou

[F74]
outro membro do corpo para ajudar os demais, assim também o Senhor, em sua Igreja, supervisiona e dispõe os diversos membros do corpo conforme lhe agrada; a tal ponto que prevalece sobre os interesses de todos aqueles que buscam "tornar segura a sua vocação e escolha", que eles têm a garantia de que, enquanto mantiverem essa atitude correta de coração, humilde e fiel, "todas as coisas cooperarão para o bem deles", porque "amam a Deus e são chamados de acordo com o seu propósito".

Outra figura que ilustra a relação íntima entre Cristo e sua Igreja é a do capitão e seus soldados; outra, a do pastor e das ovelhas; e, embora todas essas figuras nos tragam pensamentos preciosos sobre a relação consagrada do Cabeça da nova criação com seus irmãos, a Igreja, talvez nenhuma nos dê uma visão mais plena e completa do interesse do mestre por nós e do seu amor por nós do que a figura do Noivo e da Noiva. Um noivo nobre é certamente o Unigênito para todos aqueles cujos olhos do entendimento estão abertos para contemplar a grandeza de seu caráter e sua fidelidade! Bem está expresso profeticamente, como o sentimento de sua Igreja, seu corpo, que ele é "O mais excelente entre dez mil, o único totalmente amável". O Apóstolo, utilizando essa figura e dirigindo-se à Igreja, declara: "Eu vos desposo com um único marido, para que eu possa apresentar-vos como uma virgem casta a Cristo." (***2 Cor. 11:2***) Ele se refere aqui ao costume judaico do casamento, bastante diferente do uso atual em toda a "cristandade". Hoje, o noivado é meramente um compromisso provisório, sujeito a alterações caso qualquer uma das partes conclua que o noivado foi imprudente ou desvantajoso; mas o noivado judaico foi evidentemente concebido pelo Senhor para ser um tipo do noivado entre Cristo, o Noivo, e a Igreja, sua Noiva. No costume judaico, o noivado é o casamento propriamente dito; ele é acompanhado por um contrato definitivo, geralmente por escrito, no qual os representantes do noivo e da noiva chegam a um acordo mútuo quanto ao dote, etc., e o assunto se torna absolutamente

vinculativo imediatamente, embora seja costume adiar as festividades do casamento e a união propriamente dita por quase um ano. Assim é o acordo, ou contrato, entre o Senhor, o Noivo celestial, e aqueles que são aceitos por ele no noivado. Nem da parte dele nem da nossa se trata de um contrato frouxo; mas de uma união positiva de coração, de interesses, de amor, de devoção; e qualquer rescisão desta nossa aliança seria um assunto sério, e a respeito do Noivo o Apóstolo nos assegura: "Fiel é aquele que vos chama, o qual também o fará." (***1 Tess. 5:24***) Todo o peso da questão, portanto, recai sobre nós.

No fim dos tempos, nosso Senhor virá como o Noivo para receber a Noiva, mas aceitará apenas as "virgens prudentes". Aqueles que, tendo feito uma aliança, foram insensatos por terem vivido de forma descuidada, não serão considerados dignos de aceitação; não serão reconhecidos como parte do casamento; a porta lhes será fechada, conforme mostrado na parábola (***Mateus 25:1-12***); serão excluídos dos grandes privilégios e bênçãos dos quais poderiam ter desfrutado por meio da fidelidade. Mas nos regozijamos porque, embora sua infidelidade possa levá-los ao grande tempo de angústia e possa ocasionar a perda de uma parte no Reino e da natureza divina, isso não significará para eles que, por esse motivo, ficarão confinados a uma eternidade de tortura. Não, graças a Deus, a luz de Sua Palavra está brilhando mais claramente agora! A confirmação de nosso "chamado e escolha" significará grandes e eternas riquezas de graça para aqueles de nós que as alcançarem; e a perda de tais bênçãos será, por si só, um castigo nada desprezível pela negligência em relação à aliança e por se contaminarem com o mundo e o seu espírito.

Embora, em sua maioria, essas "Novas Criaturas em Cristo Jesus" sejam escolhidas das camadas mais baixas da sociedade, em vez de suas classes mais altas, e embora, por essa razão, o mundo não nos conheça, assim como não o conheceu, no entanto, as Escrituras nos asseguram que Deus, que olha para o coração e não para a aparência exterior, valoriza muito

[F76]
os fiéis dessa classe que agora estão sendo buscados e preparados para a nova criação. Ele não apenas fala da supervisão divina sobre os assuntos deles, fazendo com que todas as coisas contribuam para o bem maior deles, mas também explica, em certa medida, como essa supervisão dos interesses deles é realizada — que os anjos são "espíritos ministradores, enviados para ministrar àqueles que hão de herdar a salvação"; e que "o anjo do Senhor acampa-se ao redor daqueles que são seus e os livra"; e, também, que esses anjos da guarda para o seu pequeno rebanho têm sempre acesso à presença de seu Pai e, figurativamente falando, que nem mesmo um fio de cabelo de suas cabeças poderia ser ferido sem o conhecimento do Pai. Está em plena concordância com todas essas ternas garantias de cuidado divino o que nos é dito por meio da palavra inspirada: "O Senhor conhece os que são seus" e "Eles serão meus naquele dia em que eu vier para recolher as minhas joias". ***2 Tim. 2:19***; ***Ml. 3:17***

É pertinente ao nosso assunto considerar que a nova criação, devido ao seu chamado para uma vida renovada, recebe a instrução do Senhor: "Vós deveis nascer de novo". Aqui, o nascimento natural como criaturas terrenas de natureza humana é usado para trazer à nossa mente a ideia de um novo nascimento para a nova criação. O nascimento natural é precedido por uma concepção, depois por uma vivificação e, finalmente, pelo nascimento. Assim também no plano para a nova criação: (1) devemos ser concebidos pela Palavra e pelo espírito de Deus; (2) devemos ser vivificados, energizados pelo espírito da verdade recebido; (3) se o processo de desenvolvimento continuar, se a Palavra de Deus habitar em nós abundantemente e transbordar, fazendo com que não sejamos nem estéreis [ociosos] nem infrutíferos, chegaremos, com o tempo, ao nascimento — à participação na Primeira Ressurreição como membros do corpo de Cristo. A respeito dessa ressurreição e dessa transformação completa de seres naturais, terrenos e humanos em seres espirituais e celestiais da natureza divina, teremos mais a dizer mais adiante,* mas aqui destacamos mais particularmente a concepção.

---

*Capítulo VI.

[F77]
A Palavra nos indica claramente que a geração desses filhos de Deus "não é do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus". (***João 1:13***) O apóstolo Paulo também ressalta isso quando, ao escrever sobre a classe escolhida das "Novas Criaturas" e seu Cabeça, Cristo Jesus, e a condição honrosa para a qual foram chamados, diz: "Ninguém se atribui essa honra a si mesmo, a não ser aquele que é chamado por Deus, como foi Arão". ***Hb 5:4***

As Escrituras distinguem continuamente e com clareza entre essas "novas criaturas" escolhidas e a família humana em geral; mas aqui podemos apresentar brevemente apenas duas ilustrações. (1) Ao falar da redenção do mundo, o apóstolo divide claramente o sacrifício de expiação em duas partes, uma para a Igreja e outra para o mundo, dizendo: "Ele é propiciação pelos nossos pecados [os pecados da Igreja], e não somente pelos nossos, mas também pelos pecados de todo o mundo." (***1º João 2:2***) (2) O mesmo apóstolo distingue entre as provações e dificuldades da Igreja na vida presente e as do mundo, e também entre as esperanças da Igreja escolhida e as esperanças do mundo. Ele diz: "Nós mesmos, que temos a primícia do espírito, [...] gememos interiormente, aguardando a adoção, a saber, a redenção [libertação] do nosso corpo" — o único corpo, a Igreja, da qual Cristo é a Cabeça, cuja libertação está prometida na Primeira Ressurreição, em sua segunda vinda. (***Rom. 8:23***) Não gememos externamente como faz o mundo, porque recebemos do Senhor, por meio do nosso renascimento pelo espírito, um antídoto para as decepções, provações e dificuldades deste tempo presente: as gloriosas esperanças e promessas, que são uma âncora para nossas almas, penetrando naquilo que está por trás do véu. Em nossas diversas dificuldades e provações, não nos entristecemos como os outros que não têm esperança. Nesse mesmo contexto, o apóstolo se refere ao mundo e à sua esperança, dizendo: "Toda a criação geme e sofre dores de parto até hoje"; eles têm pouco para amenizar ou aliviar as feridas, dores e sofrimentos próprios deste tempo de sofrimento, no qual estão aprendendo apenas a lição de

[F78]
a extrema gravidade do pecado e a severidade de seu justo castigo — a morte e o morrer. Mas, apontando-nos para além disso, para a esperança do mundo, o Apóstolo declara que eles estão "aguardando a manifestação dos filhos de Deus". (***Rom. 8:19, 22***) Eles não estão esperando na esperança de serem encontrados entre esses filhos de Deus, mas aguardando as bênçãos que esses filhos da nova criação, investidos da glória e do poder do Reino Milenar, trarão a esta terra, de acordo com a promessa divina, para a bênção de todas as famílias da terra.

O critério para pertencer à nova criação não será a filiação a qualquer organização terrena, mas a união com o Senhor como membro de seu corpo místico; como diz o Apóstolo: "Se alguém está em Cristo, é uma nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que todas as coisas se tornaram novas." (***2 Cor. 5:17***) Para ser considerado membro do corpo de Cristo, é necessário que as coisas antigas, ou coisas terrenas — ambições, esperanças, orgulhos, vaidades e loucuras — tenham desaparecido da vontade, mesmo que, em certa medida, elas possam nos atormentar por serem, até certo ponto, atraentes para a nossa carne. É a nova mente que o Senhor reconhece como a "nova criatura"; é o progresso e o desenvolvimento da nova mente que lhe interessam e que Ele promete recompensar.

Para permanecer em Cristo, as Escrituras nos mostram claramente que é necessário mais do que a mera realização da consagração. A consagração abre a porta e nos dá a posição, nos dá o relacionamento, nos dá o apoio e o encorajamento das promessas divinas e nos coloca, portanto, no caminho para cultivar os diversos frutos do Espírito e, finalmente, alcançar a co-herança com nosso Senhor na glória celestial. Mas, para manter essa posição no corpo de Cristo, é necessário agora que se produzam frutos, evidências de amor e devoção, assim como o mestre expressou na parábola da videira, dizendo: "Todo ramo que em mim não dá fruto, ele o corta; e todo ramo que dá fruto, ele o poda, para que dê mais fruto." (***João 15:2***) Ter sido aceito pelo

[F79]
Senhor como uma Nova Criatura em Cristo Jesus há alguns anos parece, portanto, implicar um crescimento mais ou menos regular na graça, no conhecimento e nos frutos do Espírito; caso contrário, nosso relacionamento com ele seria perdido e outro ocuparia nosso lugar entre os escolhidos, e a coroa originalmente reservada e separada para nós passaria para outro que mais valorizasse os privilégios, mais zeloso em alcançar as coisas gloriosas que Deus prometeu àqueles que o amam e, portanto, mais disposto a considerar todas as coisas terrenas como perda e escória, a fim de ganhar Cristo — ganhar um lugar na companhia dos ungidos. Essa posição em Cristo não é apenas ilustrada por tal crescimento nos frutos do Espírito, mas, como diz o apóstolo Pedro: "Se fizerdes estas coisas, nunca tropeçareis; pois assim vos será concedida, em abundância, a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo." (***2 Pe. 1:10,11***) No entanto, isso significa, conforme expresso pelo apóstolo Paulo, que a nova mente, a "nova criatura", deve estar tão profundamente conformada à vontade de Deus que buscará diariamente "despojar-se do velho homem com suas afeições e desejos". Pois a nova criação é representada figurativamente como um novo homem — Cristo, a Cabeça; a Igreja, os membros do corpo — que deve edificar-se a si mesma e alcançar, figurativamente, a estatura completa de um homem em Cristo Jesus, com cada membro sendo aperfeiçoado e plenamente desenvolvido — aperfeiçoado não por nossa própria força, na carne, mas completo naquele que é nossa Cabeça viva, cuja justiça compensa nossas imperfeições não intencionais.

A humanidade julga seus assuntos por meio dos cinco sentidos — visão, audição, tato, olfato e paladar —, os quais as Novas Criaturas podem usar livremente, desde que possuam a nova mente no vaso de barro. Mas esses não são suficientes para a nova criação, que necessita de outros sentidos para compreender as coisas espirituais que não podem ser vistas, sentidas, provadas, ouvidas nem cheiradas pelo organismo humano. E essa lacuna o Senhor supriu por meio do espírito santo, como explica o apóstolo: "O homem natural não recebe as coisas do espírito de Deus, [...] nem pode conhecê-las, porque elas

[F80]
são *discernidas espiritualmente*." "O que olho não viu, nem ouvido ouviu, nem subiu ao coração do *homem* [por qualquer outro sentido ou poder de percepção] são as coisas que Deus reservou para aqueles que o amam — mas Deus *as revelou a nós* [a 'nova criação'] por meio do seu espírito; pois o espírito sonda todas as coisas, sim, até as profundezas de Deus." ***1 Cor. 2:9, 10, 14***

Esse sentido espiritual pode ser chamado de *sexto* sentido daqueles gerados para a nova criação; ou pode-se considerar que eles possuem um conjunto completo de sentidos espirituais — cinco sentidos adicionais correspondentes aos seus sentidos terrenos. Gradualmente, "os *olhos* do seu entendimento" se abrem cada vez mais para as coisas que não são vistas pelo olho natural; aos poucos, a *audição* da fé aumenta até que toda boa promessa da Palavra Divina se torne vigorosa e significativa; com o tempo, eles entram em *contato* com o Senhor e seus poderes invisíveis; pouco a pouco, *experimentam* que o Senhor é muito misericordioso; depois de algum tempo, passam a apreciar aqueles sacrifícios e orações de incenso que são de aroma *agradável* ao Senhor. Mas, assim como os sentidos naturais podem ser cultivados, o mesmo ocorre com os espirituais; e o cultivo desses sentidos espirituais (ou, pelo menos, os esforços para cultivá-los) constituem sinais que indicam nosso crescimento na graça — nosso desenvolvimento como embriões de novas criaturas para o nascimento da ressurreição — até a plenitude de nosso novo eu na glória, honra e imortalidade da natureza divina.

Por Que Nome a Nova Criação Deverá Ser Conhecida?

De um certo ponto de vista, essa é uma pergunta peculiar, uma pergunta estranha. Quando consideramos que a Igreja é a noiva do Senhor, prometida a ele como a Noiva, parece peculiar perguntar que nome ela terá. Certamente nenhum nome seria apropriado para a Noiva além do nome do Noivo, e a mera sugestão de qualquer outro nome implica um equívoco quanto ao relacionamento que subsiste entre o Senhor e os seus consagrados, os "membros do seu corpo", "a Noiva, a Esposa do Cordeiro". O nome bíblico parece bastante suficiente; a saber, a *Ecclesia*; isto é, o

[F81]
Corpo, a Igreja de Cristo. Se for desejada uma designação adicional, as Escrituras a fornecem na expressão "A Ecclesia de Cristo", ou Igreja de Cristo, "A Ecclesia de Deus", ou Igreja de Deus. (***Rm 16,16***; ***Atos 20,28***) Os dois nomes são sinônimos, porque nosso Senhor e o Pai têm um único interesse em nós. Assim como a Igreja é o corpo de Cristo, do qual ele é a Cabeça, assim também toda a Igreja, Cabeça e Corpo, é a congregação, ou grupo, ou os ungidos do Pai, por meio dos quais ele se agrada em realizar todas as grandes e maravilhosas características de sua obra redentora já delineadas nas promessas extremamente grandes e preciosas de sua Palavra. O apóstolo aprofunda ainda mais o significado do nome ao designar os fiéis como "A Igreja do Deus Vivo", como se quisesse, assim, contrastar essa Igreja, corpo ou povo — do qual Cristo é a Cabeça — com outros corpos ou sistemas religiosos que não reconhecem adequadamente o verdadeiro Deus, nem são reconhecidos pelo verdadeiro Deus como sua Ecclesia, ou Igreja.

A tendência a adotar outros nomes além daqueles que nos foram apresentados pelo Senhor e pelos apóstolos tem se manifestado desde um período muito inicial. Assim como alguns hoje tendem a dizer: "Eu sou de Lutero", "Eu sou de Calvino", "Eu sou de Wesley" ou "Eu sou de Knox", e ainda assim todos afirmam ser de Cristo, vemos que a mesma tendência se manifestava na Igreja primitiva, pois o apóstolo chama nossa atenção para esse fato em sua carta aos coríntios. (***1º Coríntios 3:4-6***) O espírito faccioso ou sectário havia surgido entre os irmãos de Corinto; e, não se contentando com os nomes de Cristo e de Deus, eles procuravam acrescentar outros a esses, tornando-se cristãos paulinos, cristãos petrinos e cristãos apolinos. O apóstolo, sob inspiração, repreende esse espírito e ressalta que não é o espírito santo, mas um espírito carnal, que leva a essa divisão do corpo e ao seguimento de um ou outro dos servos do Senhor. O argumento do apóstolo se aplica igualmente bem aos dias de hoje. Sua pergunta: "Acaso Cristo está dividido?", significa: Existem muitos corpos de Cristo? Existem muitas igrejas de Cristo, ou apenas uma? E, se houver apenas uma, por que deveria estar dividida? "Quem, então, é Paulo? Quem é Apolo? Quem é Pedro?" Eles eram meramente servos do Cabeça da Igreja,

[F82]
a quem ele utilizou para a bênção de seu corpo — sua Ecclesia. Se eles não estivessem dispostos, ele poderia ter encontrado outros para realizar o trabalho que eles fizeram. O louvor, portanto, e a honra por qualquer bênção que tenha vindo por meio dos apóstolos, pertencem principalmente, e de modo especial, à Cabeça da Igreja, que providenciou isso para as necessidades de seu corpo. Isso não significa que não devamos reconhecer e honrar devidamente todos aqueles que o Senhor reconhece e honra, mas significa que, em nenhum sentido da palavra, devemos reconhecê-los como chefes da Igreja, nem dividir a Igreja em seitas e facções — seguidores de homens diferentes. Na medida em que os apóstolos ou qualquer um dos servos do Senhor foram utilizados por Ele, isso não foi para dividir a Igreja, mas para reunir seus membros, para unir os diversos crentes consagrados mais firmemente ao único Cabeça, ao único Senhor, por meio da única fé e do único batismo.

O que poderíamos imaginar que seria a mensagem do Apóstolo se ele estivesse hoje entre nós, em carne e osso, e testemunhasse a atual divisão em várias denominações? Certamente ele nos diria que isso indicaria uma grande dose de carnalidade — uma grande dose do espírito do mundo. Isso não significa que todos os que estão ligados a esses sistemas sejam carnais e totalmente desprovidos do espírito do Senhor. Significaria, no entanto, que, na mesma medida em que temos o espírito do Senhor e na mesma medida em que somos libertos da mente carnal e de suas inclinações e influências, nessas mesmas proporções nos sentiremos alheios às divisões que vemos ao nosso redor, sob diversos nomes sectários; e, na medida em que o espírito santo do Senhor crescer e abundar cada vez mais em nós, isso nos tornará cada vez mais insatisfeitos com qualquer outro nome que não seja o nome de nosso Senhor, até que, por fim, sob a orientação do Espírito, cheguemos ao ponto em que possamos reconhecer apenas a única Igreja e a única comunhão, a saber, “a Igreja dos Primogênitos, cujos nomes estão escritos no céu”; e o único método de admissão nessa Igreja, a saber, sendo batizados no corpo de nosso Mestre, sua Ecclesia, e sendo batizados em

[F83]
sua morte, tornando-nos assim unidos a ele e a todos os outros membros pelo único espírito.

Não nos cabe mudar todo o sentimento da cristandade sobre esse assunto — essa é uma tarefa grande demais para qualquer ser humano. Cabe a nós sermos pessoalmente fiéis ao Noivo — para que cada um que invocou o nome de Cristo se afaste de toda iniquidade, de tudo o que é errado no que diz respeito à sua própria fé, conduta e costumes. Tais pessoas não estarão dispostas a ser conhecidas por nenhum outro nome além do do Noivo e, quando questionadas, terão prazer em professar o nome dele e somente o dele — o único nome dado sob o céu ou entre os homens pelo qual devemos ser salvos. Em obediência ao espírito dessa verdade, nos separaremos de todos os nomes sectários, bem como de todas as instituições sectárias, para que possamos permanecer livres no Senhor. Isso não significa que devemos repudiar aqueles que têm o Espírito do Senhor, mas ainda estão ligados a sistemas sectários. Pelo contrário, devemos reconhecer que as palavras de nosso Senhor: "Sai dela, ó meu povo, para que não sejais participantes dos seus pecados e não recebestes das suas pragas", implicam que parte de seu povo está na Babilônia e, portanto, sofre com equívocos a respeito de instituições e nomes sectários. Cabe a nós deixar nossa luz brilhar e deixar os resultados nas mãos do Senhor.

Não apenas desaprovamos a adoção de qualquer nome humano, mas também desaprovamos qualquer nome que seja ou possa se tornar um nome sectário ou partidário, separando assim parte do povo do Senhor de todos os outros que são Seus. Gostaríamos de evitar o uso específico do termo "Igreja Cristã" ou do termo "Igreja de Deus", pois esses nomes são usados para identificar crenças e comunhões específicas entre o povo do Senhor. Em vez disso, usaríamos e nos identificaríamos com *todos* os diversos *nomes bíblicos*: Discípulos, Igreja de Deus, Igreja de Cristo, Igreja do Deus Vivo, Igreja de Corinto, Igreja de Allegheny, etc. Não podemos evitar o fato de que muitos nos interpretarão erroneamente nessa questão; nem devemos nos ofender se, em certa medida, eles nos atribuírem algumas designações peculiares, seguindo os costumes habituais entre o povo cristão

[F84]

. Por exemplo, eles podem nos chamar de “Restitutionistas”, ou “Dawnistas”, ou “Pessoas da Torre de Vigia”, etc. Não devemos *reconhecer* nenhum desses nomes a ponto de aplicá-los a nós mesmos — contudo, o espírito de mansidão, de paciência, de paz e de amor indica que não devemos nos ofender com a aplicação de tais nomes, mas presumir caridosamente que o motivo não foi ruim, ou, pelo menos, não mal-intencionado; e devemos responder a tais nomes com gentileza e não de forma combativa — dando a entender que compreendemos a quem se referem e, da forma mais breve e gentil possível, indicar que preferimos não reconhecer nomes sectários ou partidários, mas nos apegamos ao nome “cristão”, em seu sentido mais amplo e completo, significando que não temos outro chefe além de nosso Senhor Jesus Cristo e que não reconhecemos outra organização além daquela que ele organizou — a única Igreja do Deus Vivo, a Eclesia ou Corpo de Cristo, cujos nomes estão escritos no céu.

[F85]

ESTUDO III
O CHAMADO DA NOVA CRIAÇÃO

Somente os “Chamados” são elegíveis — Quando começou esse chamado para a “Grande Salvação” — Um chamado ao arrependimento, não um chamado à natureza divina — O chamado aos judeus — O chamado do evangelho — Por que não são chamados muitos “grandes”, “sábios” ou “poderosos” são chamados — A exaltação é a recompensa pela verdadeira humildade — O caráter é uma condição do chamado — O mundo durante o milênio não será chamado, mas comandado — O tempo do chamado do evangelho é limitado — A nova criação é chamada ou atraída pelo Pai
—Cristo, nossa sabedoria — Cristo, nossa justificação — Diferenciação entre a justificação real e a justificação imputada — A “nova criação” precisa de justificação?—O fundamento da justificação—A justificação dos antigos justos difere da nossa—A justificação na Era Milenar—Cristo se tornou para nós a santificação—A santificação durante a Era Milenar—Duas consagrações distintas nos tipos levíticos—Nenhum deles tinha herança na terra—A grande multidão—A santificação em duas partes—A parte do homem—A parte de Deus
—As experiências variam de acordo com os temperamentos—A santificação não é perfeição nem emoção—“Quem cura todas as tuas doenças”—Necessidade do Trono da Graça—Como a justificação se funde com a santificação—A consagração desde o fim do “alto chamado”—A salvação ou libertação da Igreja.

A OPORTUNIDADE de se tornarem membros da nova criação e de participar de suas possibilidades, privilégios, bênçãos e glórias não foi aberta ao mundo da humanidade em geral, mas apenas a uma classe “chamada”. Isso está exposto de forma muito clara nas Escrituras. Israel, segundo a carne, foi chamado pelo Senhor para ser seu povo peculiar, separado dos outros povos ou nações da terra: como está escrito: “Só a vocês eu conheci [reconheci] dentre todas as famílias da terra.” (***Amós 3:2***) O chamado de Israel, no entanto, não era o “alto chamado” ou o “chamado celestial” e, consequentemente, não encontramos nenhuma menção a coisas celestiais em nenhuma das promessas relativas a esse povo. Seu chamado era para uma condição preparatória, que acabou por preparar um remanescente daquela nação para receber e se beneficiar do alto

[F86]
chamado para a "grande salvação, que, a princípio, *começou a ser anunciada* pelo Senhor e nos foi confirmada por aqueles que o ouviram". (***Hb 2:3***) Os termos do chamado elevado ou do chamado celestial não devem, portanto, ser buscados no Antigo Testamento, mas no Novo; embora, à medida que os olhos do nosso entendimento se abram para discernir "as coisas profundas de Deus", possamos ver em seus tratos e providências com o Israel carnal certas lições típicas proveitosas para a semente espiritual que foi chamada com um chamado celestial; porque, como o Apóstolo nos aponta, o Israel carnal, suas leis e os tratos de Deus com ele eram sombras ou tipos das coisas melhores pertencentes àqueles que são chamados para fazer parte da nova criação.

Visto que, em todas as coisas, Cristo deveria ter a preeminência no plano divino, e era, portanto, necessário que ele fosse o primeiro, o principal, o Sumo Sacerdote, que se tornaria o líder da nova criação de filhos de Deus, o Capitão de sua salvação e seu modelo, cujo caminho eles pudessem seguir, cujos passos pudessem trilhar, vemos uma razão muito satisfatória pela qual os antigos homens ilustres não poderiam ter parte nem sorte na nova criação. As palavras de Nosso Senhor a respeito de João Batista atestam isso: "Em verdade vos digo que, dentre os nascidos de mulher, não surgiu ninguém maior do que João Batista; contudo, o menor no reino dos céus é maior do que ele." (***Mt 11:11***) Assim também o Apóstolo declara, ao falar em termos do mais alto louvor da fé e do nobre caráter daqueles irmãos da dispensação passada: "Tendo Deus providenciado algo melhor para nós, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados." ***Hb 11:40***

Além disso, devemos lembrar que ninguém pode ser chamado enquanto ainda estiver sob condenação por causa do pecado de Adão. Para ser chamado a este "alto chamado", é necessário que a justificação da sentença adâmica seja primeiro assegurada, e isso não poderia ser concedido nem mesmo ao Israel carnal por meio do sangue de touros e bodes, porque estes nunca podem tirar o pecado e eram meramente tipos dos sacrifícios melhores que de fato atendem às exigências da Justiça

[F87]
contra nossa raça. Portanto, não era possível que o chamado começasse antes de nosso Senhor Jesus ter pago o preço da redenção — "nos comprado com seu próprio sangue precioso". Até mesmo os apóstolos foram chamados e aceitos na nova criação apenas de maneira provisória, até que o redentor tivesse pago o preço, ascendido às alturas e o tivesse apresentado em nome deles. Então, e somente então, o Pai, no dia do Pentecostes, reconheceu diretamente esses crentes e os *gerou* pelo seu espírito santo para serem "Novas Criaturas". É verdade que nosso Senhor disse aos fariseus durante seu ministério: "Não vim chamar os justos, mas os pecadores ao arrependimento". (***Mt 9:13***) Mas devemos reconhecer uma grande diferença entre chamar os homens ao arrependimento e chamá-los ao alto chamado da natureza divina e à co-herança com Cristo. Nenhum pecador é aceito para isso; por isso, sendo nós "por natureza filhos da ira", todos precisamos primeiro ser justificados gratuitamente de todas as coisas pelo precioso sangue de Cristo.

É em plena consonância com isso que lemos na introdução da Epístola aos ***Romanos (1:7)*** que a epístola é dirigida "a todos os que estão em Roma, amados de Deus, *chamados para serem os* santos" — chamados para serem os santos, participantes da natureza divina, etc. A introdução à Epístola aos Coríntios diz: "À Igreja de Deus que está em Corinto, aos que foram santificados em Cristo Jesus, chamados para serem os santos, juntamente com todos os que, em qualquer lugar, invocam o nome de Jesus Cristo." (***1 Cor. 1:2***) A exclusividade desse chamado é ainda mais enfatizada no versículo seguinte (9), que declara quem é o autor do nosso chamado, dizendo: "Deus é fiel, por quem fostes *chamados para a comunhão com seu* Filho, Jesus Cristo, nosso Senhor." Isso implica uma associação, uma unidade; e, portanto, a ideia é que o chamado tem como objetivo encontrar, dentre os homens, alguns que se tornem um com o redentor como novas criaturas; co-herdeiros com ele da glória, honra e imortalidade que lhe foram concedidas como recompensa por sua fidelidade.

Aqui somos lembrados das palavras do apóstolo no sentido de que seremos feitos co-herdeiros com Cristo somente sob certas

condições, a saber: “Se é que sofremos com ele, para que também sejamos glorificados juntamente com ele.” (***Rom. 8:17***) No mesmo capítulo da Epístola ***aos Coríntios (versículo 24),*** o Apóstolo mostra que o chamado de que está falando não é, de forma alguma, o mesmo chamado que, por um tempo, se limitou aos judeus; e suas palavras indicam, além disso, que nem todos são chamados. Ele diz: “Para os chamados, tanto judeus como gregos, Cristo [é] o poder de Deus e a sabedoria de Deus” — embora, para os judeus não chamados, ele fosse uma pedra de tropeço, e para os gregos não chamados, loucura. Em sua carta aos ***Hebreus (9:14,15)***, o apóstolo ressalta que o chamado da era evangélica não poderia ser promulgado até que, primeiro, nosso Senhor, por meio de sua morte, se tornasse “fiador” da Nova Aliança. Suas palavras são: “Por essa razão, ele é o mediador do Novo Testamento [aliança], para que, por meio da morte, para a redenção das transgressões que estavam sob o primeiro testamento [aliança da Lei], aqueles que são chamados possam receber a promessa da herança eterna.” ***Hb 7:22***

Não São Muitos os Grandes, Sábios ou Eruditos Chamados

Poderíamos naturalmente supor que esse chamado especial, se é que houvesse alguma restrição, se limitasse aos melhores exemplares da raça caída — os mais nobres, os mais virtuosos, os mais talentosos; mas o Apóstolo contradiz esse pensamento, dizendo: “Vede, irmãos, a vossa vocação: não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados; mas Deus escolheu as coisas loucas do mundo para confundir os sábios; e Deus escolheu as coisas fracas do mundo para confundir as coisas poderosas; e as coisas vis do mundo, e as coisas desprezadas, Deus escolheu, sim, e as coisas que não são, para reduzir a nada as coisas que são: para que nenhuma carne se glorie na sua presença.” (***1 Cor. 1:26-29***) O apóstolo explica que a razão para essa situação é a intenção de Deus de que nenhum homem pudesse se vangloriar de ter, em qualquer sentido ou grau, merecido as grandes bênçãos a serem concedidas. Todo o assunto tem como objetivo ser, tanto para os anjos

[F89]
e para o homem uma ilustração do poder de Deus de transformar caráteres de vis e desprezados em nobres e puros, não pela força, mas pelo poder transformador da verdade — atuando, nos chamados, por meio das promessas e esperanças que lhes são apresentadas, tanto para querer quanto para fazer a sua boa vontade. Esse arranjo divino resultará não apenas na glória do Pai, mas também na humildade e no bem eterno daqueles a quem ele abençoará. Encontramos, reiteradas ao longo do Novo Testamento, várias afirmações de que esse chamado e a salvação que dele decorre não provêm do homem, nem por seu poder, mas pela graça de Deus. Também não é difícil perceber por que o chamado é, via de regra, menos atraente para os nobres e mais atraente para os ignorantes.

O orgulho é um elemento importante na natureza caída e deve ser continuamente levado em conta. Aqueles que estão menos corrompidos do que a maioria de seus semelhantes e que, portanto, são mais nobres por natureza do que a média de seus semelhantes, tendem a perceber essa condição e a sentir uma certa superioridade, orgulhando-se dela. Tais pessoas, mesmo que estejam buscando o Senhor e aspirando à sua bênção e ao seu favor, estariam inclinadas a esperar que fossem recebidas pelo Senhor com base em critérios diferentes daqueles aplicados aos seus semelhantes mais corrompidos e menos nobres. O padrão de Deus, no entanto, é *a perfeição*; e Ele declara que tudo o que não estiver à altura desse padrão está condenado; e todo condenado é encaminhado ao mesmo redentor e ao mesmo sacrifício pelos pecados, quer tenha sofrido muito ou comparativamente menos com a queda. Essas condições de aceitação certamente seriam mais atraentes para os membros mais medíocres e mais decaídos da família humana do que para os mais nobres
— os fracos, os caídos, percebendo mais intensamente sua necessidade de um Salvador, pois apreciam muito mais suas próprias imperfeições; enquanto os menos caídos, com uma certa dose de auto-satisfação, não se sentem muito inclinados a se curvar profundamente diante da cruz de Cristo, a aceitar a justificação como um dom gratuito e a se aproximar, com base nisso e somente nisso, do trono da graça celestial para obter misericórdia e encontrar graça para ajudar.

[F90]
Eles estão mais inclinados a confiar em seu próprio entendimento e a ter aquele sentimento de satisfação que os impedirá de entrar pela porta baixa e pelo caminho estreito.

Deus está evidentemente valorizando a humildade em relação a todos aqueles que convida a se tornarem membros da nova criação. O apóstolo destaca isso, dizendo: "Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele vos exalte no tempo oportuno." (***1º Pedro 5:6***) Paulo lhes aponta o modelo, Cristo Jesus — como ele se humilhou e se esvaziou de si mesmo, assumindo uma natureza inferior e sofrendo a morte, até mesmo a morte na cruz, etc.; por causa dessa obediência e humildade, Deus o exaltou grandemente. Em seguida, Pedro destaca a lição, dizendo: "Deus resiste aos orgulhosos e dá graça aos humildes." (***1 Pe. 5:5***) Vede, irmãos, a vossa vocação: não são muitos os grandes, os sábios ou os instruídos que são chamados, mas principalmente os pobres deste mundo, ricos na fé. Assim como Deus valoriza a humildade, Ele também valoriza a fé. Ele deseja que as novas criaturas sejam aqueles que aprenderam a confiar nele implicitamente, que aceitam sua graça como suficiente para si mesmos e, com a força que Ele lhes fornece, alcancem — como consequência de sua exaltação — a vitória para a qual Ele os chama.

O caráter, no entanto, é uma condição do chamado

Embora Deus não chame os sábios, os grandes ou os eruditos, não devemos entender a partir disso que seu povo seja vil ou ignorante, no sentido de ser mau, corrupto ou degradado. Pelo contrário, o Senhor estabelece o mais alto padrão possível diante daqueles a quem Ele chama; eles são chamados à santidade, à pureza, à fidelidade e aos princípios da justiça — à valorização dessas coisas em seus próprios corações e à manifestação delas em suas vidas, para a glória daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. (***2 Pe. 1:3***; ***1 Pe. 2:9***) O mundo pode conhecê-los apenas segundo a carne, e, segundo a carne, eles podem não ser mais nobres ou refinados do que os outros
—frequentemente menos do que os outros—, mas sua aceitação diante do Senhor

[F91]
não é segundo a carne, mas segundo o espírito, de acordo com suas mentes, suas intenções, seus "corações". Consequentemente, a partir do momento em que aceitam a graça de Deus em Cristo e o perdão de seus pecados, e se consagram ao Senhor, são considerados livres daquelas imperfeições que lhes eram naturais como filhos de Adão; são considerados como se sua carne estivesse revestida dos méritos de Cristo, ocultando todos os seus defeitos. É a nova mente, a nova vontade, que constitui a "nova criatura" aceita por Deus e chamada, e é somente ela que está sendo tratada.

É verdade que, à medida que se desenvolve, a nova mente se revelará nobre, honrada e íntegra, e gradualmente passará a ter cada vez mais poder e controle sobre a carne, de modo que aqueles que não reconhecem as Novas Criaturas — assim como não reconheceram o Senhor — possam, por fim, chegar a se maravilhar com suas boas obras, sua vida santa e seu espírito de mente sã, embora até mesmo essas qualidades possam, às vezes, ser atribuídas por eles a alguns motivos ignóbeis. E, apesar do crescimento gradual da nova mente, cada vez mais em harmonia com a mente do Senhor, essas pessoas talvez nunca alcancem o controle total sobre os corpos mortais aos quais estão ligadas, embora certamente seja seu objetivo e esforço glorificar a Deus tanto em seus corpos quanto em seus espíritos e mentes, que são Dele. ***1 Cor. 6:20***

Observemos algumas dessas especificações e limitações no que diz respeito ao caráter na "nova criação". A exortação do apóstolo a um desses chamados — mas aplicável a todos eles — é: "Combate o bom combate da fé, apega-te à vida eterna, para a qual também foste chamado." (***1 Tim. 6:12***) Essas novas criaturas não devem esperar obter a vitória e a grande recompensa sem uma batalha contra o adversário, bem como contra o pecado que abunda em todas as suas relações e contra a fraqueza de sua própria carne, embora esta última esteja coberta pelo mérito da justiça de Cristo, nos termos da aliança da Graça. O apóstolo exorta novamente essa classe a "andar de maneira digna de Deus, que *os chamou* para o seu Reino e glória". (***1 Tess. 2:12***) A nova criatura não deve apenas reconhecer seu chamado e sua recompensa final no Reino

[F92]
e glória, mas deve lembrar-se de que, nesta vida, tornou-se um representante de Deus e de sua justiça, e deve procurar viver de acordo com isso. Assim, lemos: "Assim como aquele que vos chamou é santo, assim também sede santos em toda a vossa conduta; pois está escrito: 'Sede santos, porque eu sou santo'." (***1 Pe. 1:15,16***) Mais uma vez, na mesma epístola (***2:9***), lemos: "Anunciai os louvores daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz."

Os israelitas espirituais da nova criação não foram submetidos à servidão de leis específicas, como os israelitas carnais; mas foram colocados sob "a lei da liberdade", para que seu amor pelo Senhor pudesse se manifestar, não apenas no que diz respeito a evitar voluntariamente as coisas reconhecidas como desaprovadas pelo Senhor, mas também no que diz respeito a sacrificar voluntariamente direitos e interesses humanos a serviço da verdade e da justiça, pelo Senhor e pelos irmãos. É em consonância com isso que o Apóstolo declara: "Deus não nos chamou para a impureza, mas para a santidade." (***1 Tess. 4:7***) Ele declara novamente: "Vós fostes chamados para a liberdade; só não useis da liberdade como ocasião para a carne" (***Gálatas 5:13***), uma ocasião para praticar o mal: usem sua liberdade, antes, para sacrificar direitos presentes em nome da verdade e de seu serviço — para que, assim, possam ser sacerdotes sacrificiais do sacerdócio real que, no futuro, reinarão no Reino de Deus como co-herdeiros com Cristo para dispensar bênçãos divinas ao mundo.

Muitas são as escrituras que apontam que o chamado para ser "uma nova criatura" é um chamado à glória, à honra e à imortalidade (***Fil. 3:14***; ***2 Pe. 1:3***, etc.), mas em toda parte o Senhor indica que o caminho para essa glória é estreito, repleto de provações, testes e sacrifícios; de modo que somente aqueles que são gerados pelo seu espírito, sim, cheios dele, serão capazes de sair vitoriosos no final e alcançar as coisas gloriosas para as quais foram chamados, cujo caminho foi tornado possível aos chamados por meio daquele que prometeu: "A minha graça te basta; pois o meu poder se aperfeiçoa na tua fraqueza."

Tampouco devemos pensar em chamados diferentes, mas devemos lembrar-nos

[F93]
da declaração do Apóstolo (***Ef 4:4***): "Vós sois chamados em uma única esperança do vosso chamado". É um erro, portanto, alguém pensar que tem alguma escolha nessa questão. De fato, no que diz respeito ao mundo, na era vindoura não haverá chamado: Deus não buscará, durante essa era, selecionar uma classe especial, separada e distinta das demais, para uma posição especial. Em vez de *chamar* o mundo durante a Era Milenar, o Senhor lhes ordenará — exigirá obediência às leis e aos princípios da justiça; e toda criatura será *obrigada* (não solicitada) a prestar obediência a esse governo milenar; caso contrário, receberá açoites por sua desobediência e, por fim, será destruída do meio do povo, conforme está escrito: "Quem não ouvir [obedecer] a esse profeta será exterminado do meio do povo" — ele morrerá a Segunda Morte, da qual não haverá esperança de recuperação.

Também não há um segundo chamado durante a era evangélica, embora, como vimos anteriormente, haja uma segunda classe de salvos selecionados durante esta era — a Grande Companhia (***Apocalipse 7:9-14***) "cujo número ninguém conhece, de toda nação, tribo e língua", que servirão a Deus *em* seu templo e *diante* do trono, em contraste com a Noiva, que estará no trono e será composta pelos membros, ou pedras vivas, do templo. Mas os que pertencem a essa segunda companhia não têm um chamado separado e distinto. Eles poderiam facilmente, e com muito mais satisfação, ter alcançado as glórias da natureza divina se tivessem prestado obediência pronta e sincera. Eles saem vitoriosos no final, como mostra o fato de que lhes são concedidos os ramos de palmeira; mas sua falta de zelo os impediu de serem aceitos como pertencentes à classe dos vencedores, impedindo assim sua co-herança eterna e glória como participantes da nova criação, além de privá-los de grande parte da alegria, da paz e da satisfação que pertencem aos vencedores e são desfrutadas por eles mesmo nesta vida presente. O lugar ao qual chegarão, como vimos anteriormente, será aparentemente semelhante, em muitos aspectos, ao estado ou plano dos anjos.

[F94]

Outra reflexão relacionada ao chamado é que seu tempo é limitado, conforme declara o apóstolo: "Agora é o tempo aceitável; eis que agora é o dia da salvação." "Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações." (***2 Cor. 6:2***; ***Hb. 3:15***) Este dia aceitável, ou ano aceitável, ou período aceitável, ou época aceitável, teve início com nosso Senhor Jesus e sua consagração. Ele foi *chamado*. Ele não tomou essa honra para si mesmo, e isso tem continuado desde então — "Ninguém toma essa honra para si mesmo". (***Hb 5:4***) Seria realmente ousado o homem que assumisse o direito a uma mudança de natureza, de humana para divina, e de ser membro da família de Adão e o co-herdeiro de seu patrimônio perdido e confiscado, para se tornar o co-herdeiro com Cristo de todas as riquezas, glória e honra das quais ele, em resposta ao seu chamado, tornou-se o herdeiro legítimo para sempre.

O fim desse chamado, ou "dia da salvação", ou "tempo aceitável", chegará com a mesma certeza com que começou. Um número definido e positivo foi ordenado por Deus para constituir a nova criação, e assim que esse número for completado, a obra da era evangélica estará concluída. Podemos observar também que, assim que o número adequado tiver sido chamado, o próprio chamado deverá cessar; pois não seria coerente que Deus chamasse nem mesmo um indivíduo a mais do que havia predestinado, mesmo que Ele já tivesse previsto de antemão quantos dos chamados falhariam na obediência, deixariam de assegurar seu chamado e sua eleição e, portanto, precisariam ser substituídos por outros. A coerência parece exigir que o Todo-Poderoso nem mesmo pareça brincar com suas criaturas, estendendo um único convite que não pudesse ser cumprido caso fosse aceito. As Escrituras apresentam a ideia de que, para esse número limitado e escolhido do Sacerdócio Real, foi providenciada uma coroa para cada um; e que, à medida que cada um aceita o chamado do Senhor e faz sua consagração sob ele, uma das coroas é reservada para ele. Não é, portanto, correto supor que o Senhor chamaria alguém que, ao se apresentar e aceitar o chamado, precisasse ser informado de que nenhuma coroa poderia ser-lhe atribuída ainda, mas que ele deveria esperar até que alguém que se mostrasse infiel

[F95]
perdesse seu direito. A exortação de nosso Senhor: "Segure firme... para que ninguém tome a tua coroa", parece implicar não apenas o número limitado de coroas, mas que, em última instância, no fim desta era, chegaria um momento em que aqueles que não tivessem vivido fielmente de acordo com a aliança seriam rejeitados, e que outros, naquele momento, estariam aguardando suas coroas. ***Apocalipse 3:11***

A nosso entender, o chamado geral para ser o co-herdeiro de nosso Redentor, como membro da nova criação de Deus, cessou em 1881. Mas compreendemos que um grande número (em todas as diversas denominações da cristandade —provavelmente vinte ou trinta mil) que, naquela época, haviam feito a consagração total de si mesmos, não se mostraram fiéis à sua aliança de auto-sacrifício. Esses, um por um, à medida que atingem o ponto máximo de provação, se forem considerados infiéis, são rejeitados da comunhão na companhia dos chamados— com o objetivo de que outros que, entretanto, se consagraram, embora não sob o chamado, possam ser admitidos em plena comunhão com Cristo e seus co-herdeiros; para que, por sua vez, possam passar por seu teste e, se forem considerados indignos, sejam rejeitados da mesma forma, e seus lugares sejam preenchidos por outros que estarão aguardando em atitude de consagração. Evidentemente, por meio desse arranjo, não houve necessidade de nenhum chamado geral desde 1881. Aqueles agora admitidos podem muito bem receber seus privilégios e oportunidades sem estarem sujeitos ao chamado ou convite geral, que cessou em 1881 — eles são admitidos mediante solicitação, conforme a oportunidade permitir, para preencher as vagas daqueles que estão saindo. É nossa expectativa que esse trabalho de saída e entrada continue até que o último membro da nova criação tenha sido considerado digno e todas as coroas tenham sido distribuídas para sempre.

O Apóstolo declara: "Vós, irmãos, não estais nas trevas, para que aquele dia vos surpreenda como um ladrão." (***1 Tess. 5:4***) Em harmonia com todos os diversos precedentes das Escrituras, estamos inclinados a acreditar que, neste tempo de colheita da era evangélica, o conhecimento da verdade a respeito do plano divino das eras, da presença do Filho do Homem e da

[F96]
O trabalho da colheita será levado ao conhecimento de todos os consagrados do Senhor. Compreendemos que, dessa forma, a "verdade presente" será um verdadeiro teste ou prova das condições adequadas do coração entre os consagrados aqui, assim como a mensagem da presença de nosso Senhor e a colheita da era judaica serviram para testar o Israel terreno na primeira vinda. Faz parte de nossa expectativa que aqueles que, neste tempo, chegarem a um conhecimento claro da verdade e derem provas de sinceridade de fé no precioso sangue e da profundidade de sua consagração ao serviço do Senhor, e a quem é concedida uma visão clara do plano divino, sejam considerados como tendo essa prova de que foram aceitos pelo Senhor como herdeiros em potencial com Cristo Jesus, mesmo que tenham se consagrado desde 1881. Se sua consagração foi feita há muito tempo, antes que o chamado cessasse, podemos entender que, após tanto tempo, eles estão assumindo a atitude correta de consagração e que, portanto, o conhecimento da verdade atual lhes foi concedido como uma bênção e como uma evidência de sua comunhão com o espírito do Senhor. Se eles não estavam entre os consagrados em 1881, ou antes, a inferência seria de que agora foram aceitos para fazer parte da classe dos chamados, ocupando o lugar de alguém previamente chamado, mas que se mostrou carente de zelo — nem frio nem quente — e, portanto, foi vomitado — para ter sua porção adequada no tempo de angústia que se aproxima, e lá aprender lições valiosas sob disciplinas e castigos que ele deveria ter aprendido a partir da Palavra de Deus, e passar por um tempo de grande tribulação para alcançar um lugar na "grande multidão", quando, na verdade, deveria ter chegado de boa vontade e com alegria, passando pela tribulação, a um lugar com Cristo no trono.

Como Deus Chama

"Dele vós sois em Cristo Jesus, o qual nos foi feito por Deus sabedoria, justificação [a justificação], santificação e libertação." ***1 Cor. 1:30***

Cristo, Nossa Sabedoria

A sabedoria recebe aqui o primeiro lugar — e, nesse sentido, o mais importante — entre os passos da salvação. O Sábio

[F97]
concorda com isso, dizendo: “A sabedoria é a coisa principal... com tudo o que ganhares, adquire entendimento”. Por mais bem-dispostos que estejamos, por mais fracos ou fortes que sejamos, a sabedoria é o elemento essencial para seguirmos o caminho correto. E isso é geralmente reconhecido entre os homens. Todos aqueles que possuem alguma inteligência buscam mais conhecimento e sabedoria; mesmo aqueles que seguem os caminhos mais tolos, via de regra, o fazem seguindo trilhas que, naquele momento, não lhes parecem imprudentes. Assim foi com a mãe Eva: ela ansiava por conhecimento, por sabedoria; e o próprio fato de que a árvore proibida parecia ser uma porta de entrada para a sabedoria constituiu sua tentação à desobediência ao seu Criador. Quão necessário é, então, um conselheiro sábio para nos guiar pelos caminhos agradáveis da sabedoria e por suas veredas de paz.

E se a mãe Eva, mesmo em sua perfeição, precisava de um guia sábio, muito mais nós, seus filhos caídos e imperfeitos, precisamos de tal guia. Nosso Pai Celestial, ao nos chamar para fazer parte da nova criação, previu todas as nossas necessidades: que nossa própria sabedoria não seria suficiente para nós e que a sabedoria do adversário e de seus seguidores iludidos seria empregada para nos prejudicar — para fazer com que a luz parecesse trevas e as trevas parecessem luz; daí a disposição de nosso texto de que Cristo deve ser nossa sabedoria. Antes mesmo de nos aproximarmos de Deus, antes mesmo de recebermos o mérito da expiação ou, por meio dela, alcançarmos a condição de filhos, precisamos de ajuda, orientação, sabedoria e que os olhos do nosso entendimento sejam abertos para que possamos discernir o que Deus providenciou em Seu Filho.

Para ter ouvidos receptivos à sabedoria que vem do alto, é necessária uma atitude sincera do coração. Devemos possuir uma certa dose de humildade; caso contrário, pensaremos de nós mesmos mais do que devemos e deixaremos de discernir nossas próprias fraquezas, imperfeições e indignidade, do ponto de vista divino. Precisamos também ter uma certa dose de honestidade ou franqueza — estar dispostos a admitir e reconhecer os defeitos percebidos pela mente humilde. Olhando desse ponto de vista, aqueles que anseiam por

[F98]
justiça e harmonia com Deus são orientados pelas providências do Senhor a Jesus como o Salvador. Por mais imperfeitamente que, a princípio, alguém possa compreender a filosofia da expiação realizada por nós, deve pelo menos compreender o fato de que "eram, por natureza, filhos da ira, assim como os outros"— pecadores; que o sacrifício de Cristo foi justo e que Deus o providenciou e aceitou em nosso favor; que, por meio de suas chagas, possamos ser curados; que, por meio de sua obediência, possamos ser aceitos pelo Pai, sendo nossos pecados considerados como colocados sobre ele e por ele suportados, e sua justiça e mérito considerados como aplicáveis a nós, como uma vestimenta de justiça. Precisamos compreender isso — Cristo deve, assim, tornar-se para nós *sabedoria* — antes que possamos agir com base nesse conhecimento e, pela aceitação sincera de seu mérito, ser justificado perante o Pai, aceito e santificado e, com o tempo, liberto e glorificado. Mas Cristo não deixa de ser nossa sabedoria quando damos o próximo passo, e ele se torna nossa justificação. Não: ainda precisamos dele, como nossa Sabedoria, nosso sábio Conselheiro. Sob sua orientação, precisamos perceber a sabedoria de fazer uma consagração plena e a sabedoria de dar continuidade a essa consagração em uma vida de santificação, para cumprir a vontade do Pai. Em cada passo que damos, a sabedoria é o principal; e ao longo de toda a vida de consagração, ou santificação, a cada passo da jornada rumo à Cidade Celestial, precisamos da sabedoria que vem do alto, que o Apóstolo descreve — "primeiro pura, depois pacífica, manso, fácil de ser persuadida, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade e sem hipocrisia". (***Tg 3,17***) A sabedoria terrena funciona segundo os princípios do egoísmo, da obstinação, da autoestima, da hipocrisia e da autossuficiência; e, como o Apóstolo ressalta, essas coisas levam à inveja amarga e à contenda, porque essa sabedoria, em vez de ser do alto, é "terrena, carnal, diabólica". A sabedoria celestial, ao contrário, está em harmonia com o caráter divino do amor, que "não se vangloria, não se ensoberbece, não se comporta de maneira imprópria, não se alegra com a iniquidade, mas se alegra com a verdade".

Há ordem também no funcionamento dessa sabedoria; pois

[F99]
embora ela abranja todas as condições mencionadas pelo apóstolo Tiago acima, há uma diferença na prioridade que atribui a cada uma. Embora o espírito da sabedoria que vem do alto seja pacífico — deseje a paz e busque promovê-la —, no entanto, ele não coloca a paz em primeiro lugar, mas a pureza — "primeiro a pureza, depois a paz". É a sabedoria terrena que sugere "paz a qualquer preço" e ordena que a consciência se cale para que essa paz egoísta possa ser promovida. A sabedoria que é pura é simples, é sincera, honrada, aberta: ama a luz; não é das trevas, do pecado, nem favorável a nada que precise ser ocultado; reconhece as obras ocultas como geralmente obras das trevas, as coisas secretas como geralmente coisas más. É pacífica na medida em que isso seja compatível com a honestidade e a pureza; deseja paz, harmonia, unidade. Mas, como a paz não vem em primeiro lugar, ela só pode estar moralmente em paz e em plena harmonia com aquilo que é honesto, puro e bom.

Essa sabedoria celestial é gentil — não é grosseira nem rude, nem em seus planos nem em seus métodos. Sua gentileza, no entanto, decorre de sua pureza e pacificidade. Aqueles que a possuem não são, em primeiro lugar, gentis e, depois, puros e pacíficos, mas, antes de tudo, ou principalmente, puros, santificados pela verdade. Eles anseiam pela paz e estão dispostos a promovê-la; por isso, são gentis e fáceis de persuadir. Mas só podem ser facilmente persuadidos em harmonia com a pureza, a paz e a gentileza: não podem ser facilmente persuadidos a colaborar em qualquer obra maligna, pois o espírito da sabedoria celestial proíbe tal conduta.

A sabedoria celestial é cheia de misericórdia e de bons frutos: ela se alegra na misericórdia, que considera um elemento essencial do caráter divino que se esforça por imitar. A misericórdia e todos os bons frutos do espírito santo do Senhor certamente provêm do coração iluminado pela sabedoria do alto, e nele amadurecem e se desenvolvem plenamente; mas essa misericórdia, embora acolha com compaixão e ajuda os malfeitores ignorantes e involuntários, não pode ter compaixão nem afinidade com os malfeitores deliberados, pois o espírito da sabedoria não é, em primeiro lugar, misericórdia, mas sim pureza. Portanto, a misericórdia dessa sabedoria só pode se manifestar plenamente para com os transgressores involuntários ou ignorantes.

[F100]

Essa sabedoria celestial é declarada como sendo "sem parcialidade". A parcialidade implicaria injustiça; e a pureza, a paz, a mansidão, a misericórdia e os bons frutos do espírito da sabedoria que vem do alto nos levam a não mais fazer acepção de pessoas, a não ser na medida em que o caráter demonstre seu valor real. As características externas do homem natural, a cor da pele etc., são ignoradas pelo espírito do Senhor — o espírito de sabedoria que vem do alto: ele é imparcial e deseja o que é puro, pacífico, manso e verdadeiro, onde quer que seja encontrado e sob quaisquer circunstâncias que se manifeste.

Essa sabedoria que vem do alto é, além disso, "sem hipocrisia" — é tão pura, tão pacífica, tão gentil, tão misericordiosa para com todos que não há necessidade de hipocrisia onde ela está no controle. Mas ela está fadada a estar em desarmonia, em falta de simpatia e em falta de comunhão com tudo o que é pecaminoso, porque está em comunhão e em simpatia com tudo o que é puro ou que promove a pureza, a paz e a mansidão; e, nessas condições, não há espaço para a hipocrisia.

A sabedoria celestial a respeito de todas essas questões Deus nos concedeu por meio de seu Filho — não apenas na mensagem de sua obra redentora, mas também em sua manifestação das graças do espírito e da obediência ao Pai, instruindo-nos assim tanto pela palavra quanto pelo exemplo. Além disso, essa sabedoria do alto chega até nós por meio dos apóstolos, como representantes de Cristo, por meio de seus ensinamentos — bem como por meio de todos aqueles que receberam esse espírito de sabedoria do alto e que, diariamente, buscam fazer brilhar sua luz de modo a glorificar seu Pai no Céu.

Cristo, Nossa Justificação

Já discutimos, em certa medida, a expiação entre Deus e o homem, na qual nosso Senhor Jesus se tornou, para todos aqueles que o aceitam, a justificação.* Mas aqui queremos examinar mais particularmente o significado dessa palavra comum, a justificação, que parece ser apenas imperfeitamente

---

*Vol. V, Cap. xv.

[F101]
compreendida pela maioria do povo do Senhor. O significado principal da palavra "justificação" é: (1) justiça, ou um padrão do que é correto; (2) o fato de algo estar em desacordo com esse padrão — não atender aos seus requisitos; (3) o ato de levar a pessoa ou coisa que apresenta deficiência ao padrão adequado ou justo. Uma ilustração disso seria um par de balanças: de um lado, um peso representaria a Justiça; do outro lado, deveria haver algo que representasse a obediência humana, de peso igual, para equilibrar a Justiça. Isso é, em maior ou menor grau, deficiente em todos, e essa deficiência precisa ser compensada com a adição de algo, a fim de sua justificação ou equilíbrio. Aplicando essa ilustração mais especificamente, vemos Adão como foi originalmente criado, perfeito; em harmonia com Deus e obediente a Ele. Essa era sua condição correta, adequada e justa, na qual ele deveria ter permanecido. Mas, por causa do pecado, ele ficou sujeito à sentença divina e foi imediatamente rejeitado, por não estar mais à altura do padrão divino. Desde então, sua posteridade, "nascida em pecado e formada na iniquidade", surgiu à vida em um plano ainda mais baixo do que o de seu pai, Adão — ainda mais distante do padrão exigido pela Justiça divina. Admitindo-se isso, é inútil que qualquer membro da posteridade de Adão peça ao Criador um novo equilíbrio, ou provação, para ver se ele poderia ou não atingir o padrão da Justiça infinita. Admitimos que tal julgamento seria absolutamente inútil; que, se o homem perfeito, por desobediência, perdeu sua posição, nós, que somos imperfeitos, caídos e depravados, não poderíamos ter esperança de atender aos requisitos da Justiça, nem de nos equilibrar ou justificar perante Deus — "Todos pecamos e estamos destituídos da glória de Deus", na qual nossa raça foi originalmente criada, representativamente, no pai Adão.

Se, então, vemos que, como raça, somos todos injustos, todos ímpios, todos imperfeitos, e se vemos, também, que ninguém pode, por meio de quaisquer obras, atender aos requisitos da Justiça, vemos com a mesma certeza que "ninguém poderia dar a Deus o resgate por seu irmão" (***Salmo 49:7***). Ninguém poderia suprir a deficiência de outro, porque não só não possui excedente de mérito ou

[F102]
peso ou virtude para aplicar a outro, mas nem mesmo tem o suficiente para si mesmo, "pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus". Perguntamos, portanto: Deus pode aceitar e lidar com os injustos, os caídos — aqueles que Ele já condenou e declarou indignos de Seu favor, e que morrerão como indignos da vida? Ele nos mostra que tem uma maneira de fazer isso — uma maneira pela qual ainda pode ser justo e, ao mesmo tempo, o justificador daquele que crê em Jesus. Ele mostra que designou Cristo como o mediador da Nova Aliança, e que Cristo resgatou o mundo com seu próprio sangue precioso — sacrifício — e que, no tempo devido, durante a Era Milenar, Cristo assumirá seu grande poder, reinará como Rei da Terra e abençoará todas as famílias da Terra com o conhecimento da verdade e com a oportunidade de restauração à imagem de Deus, tal como representada no pai Adão — e fortalecida pelas experiências da queda e da recuperação. Essa obra de trazer a humanidade de volta à perfeição será a obra da *Justificação* — tornar perfeita *de fato*, em contraste com a nossa justificação, uma "justificação pela fé" imputada à Igreja durante a era evangélica. A justificação real terá início com o começo do reinado milenar de nosso Senhor e progredirá passo a passo até que "todo homem" tenha tido a mais plena oportunidade de retornar a tudo o que foi perdido por meio do pai Adão — com experiências adicionais que serão úteis. Graças a Deus por esse período de justificação real — de tornar realmente justo — de conduzir de fato os dispostos e obedientes da raça da imperfeição à perfeição — fisicamente, mentalmente, moralmente!

Mas agora estamos considerando especialmente a nova criação e quais medidas Deus tomou para a justificação dessa pequena classe da humanidade a quem Ele chamou para a natureza divina, a glória e a imortalidade. Esses, assim como o mundo, precisam de justificação, porque, por natureza, são "filhos da ira, assim como os demais"; porque, assim como Deus não poderia lidar com o mundo enquanto este estivesse sob a sentença de morte como pecadores, tampouco poderia lidar, nessa base, com aqueles a quem Ele chama para fazer parte da nova criação. Se o mundo precisa ser justificado — levado à perfeição — antes que Deus possa novamente estar em harmonia com

[F103]
eles, como poderia ele ter comunhão com a Igreja, aceitá-la como co-herdeira com seu Filho, a menos que ela fosse primeiro justificada? É preciso admitir que a justificação é um pré-requisito necessário para nos tornarmos novas criaturas, mas como a justificação pode ser efetuada para nós? Devemos ser restaurados à perfeição absoluta e real — fisicamente, mentalmente, moralmente? Respondemos: Não; Deus não providenciou para nós tal justificação real, mas providenciou uma justificação de outro tipo, que nas Escrituras é designada como *"justificação pela* fé" — não uma justificação real, mas, ainda assim, vital. Deus concorda que todos aqueles que, durante este período de perduração do reinado do pecado e da morte, ouvirem a mensagem de sua graça e misericórdia por meio de Cristo e se harmonizarem de tal forma com a sabedoria do alto a ponto de confessarem sua condição errada e, crendo na mensagem do Senhor, se entregarem a ele, arrepender-se-ão do pecado e, na medida do possível, farão a restauração por suas faltas — a esses, em vez de retornarem à perfeição humana real, Ele considerará que suas imperfeições foram cobertas pelo mérito de Cristo. Ao lidar com eles, Ele os considerará justos, justificando-os pela fé.

Essa justificação imputada, ou justificação pela fé, permanece válida enquanto a fé persistir e for respaldada por esforços para cumprir a vontade do Senhor. (Se a fé e a obediência cessarem, imediatamente a justificação deixa de ser imputada.) Mas a justificação pela fé não cessa à medida que a obra *de santificação* avança. Ela continua conosco como novas criaturas, não apenas nos protegendo da condenação adâmica, mas de todas as fraquezas e imperfeições de palavra, pensamento e ação que nos são próprias devido às fraquezas da carne e à hereditariedade (não intencional). Ela continua, assim, a proteger o povo do Senhor como novas criaturas até o fim de sua jornada — por meio de todas as provações e testes necessários a eles como candidatos e membros probatórios da nova criação. É nesse sentido que o Apóstolo declara: "Portanto, agora *não* há *condenação* para aqueles que estão em Cristo Jesus, os quais não andam segundo a carne, mas segundo o espírito" — apesar do fato de que o tesouro da

[F104]
nova natureza esteja em um vaso de barro e que, por essa razão, haja continuamente imperfeições indesejadas, a menor das quais nos condenaria como indignos das recompensas da vida eterna em qualquer plano, se não fossem cobertas pelos méritos de nossa vestimenta nupcial, o manto da justiça de Cristo, nossa justificação imputada — justificação pela fé. Precisaremos dessa justificação, e ela continuará sendo nosso manto enquanto permanecermos em Cristo e ainda estivermos na carne; mas cessará completamente quando nossa provação terminar com nossa aceitação como vencedores e nos for concedida uma parte na Primeira Ressurreição. Como explica o Apóstolo — ela é semeada em corrupção, desonra e fraqueza, mas será ressuscitada em incorrupção, em poder, em glória, em plena semelhança com nosso Senhor, o Espírito Vivificador, que é a imagem expressa da pessoa do Pai. Quando essa perfeição tiver sido alcançada, não haverá mais necessidade de uma justiça imputada, porque então seremos de fato justos, de fato perfeitos. Não importa que a perfeição da nova criação esteja em um plano superior ao do mundo; isto é, no que diz respeito à justificação, isso não importa; aqueles que receberão a graça de Deus na restauração da natureza humana em perfeição serão justos ou *perfeitos* quando essa obra for concluída; mas perfeitos ou justos em um plano inferior ao do espírito. Aqueles agora chamados à natureza divina e justificados pela fé antecipadamente, de modo a permitir seu chamado e provação como filhos de Deus, não serão efetivamente justificados ou aperfeiçoados até que, na Primeira Ressurreição, alcancem aquela plenitude de vida e perfeição na qual não haverá nada da imperfeição atual em nenhum aspecto — a perfeição que agora lhes é apenas atribuída ou imputada.

A Causa ou Fundamento da Nossa Justificação

Muitas mentes ficaram confusas sobre esse assunto por terem deixado de comparar as declarações da Palavra de Deus. Alguns, por exemplo, ao observarem a expressão do apóstolo de que somos "justificados *pela* fé" (***Rm 5,1; 3,28***; ***Gl 3,24***), sustentam que a fé é tão valiosa aos olhos de Deus que encobre nossas imperfeições. Outros, ao observarem a afirmação do apóstolo

[F105]
de que somos "justificados pela *graça* de Deus" (***Rm 3,24***; ***Tito 3,7***), sustentam que Deus justifica ou absolve quem Ele quiser arbitrariamente, independentemente de qualquer qualidade, mérito, fé ou obras que possam existir nessas pessoas. Outros ainda observam a declaração bíblica de que somos "justificados pelo *seu* sangue" (***Rm 5,9***; ***Hb 9,14***; ***1º João 1,7***), e concluem a partir disso que a morte de Cristo operou a justificação para todos os homens, independentemente de sua fé e obediência. E outros ainda se baseiam na afirmação bíblica de que Cristo foi "ressuscitado para a nossa justificação" (***Rm 4,25***) e, com base nisso, afirmam que a justificação nos é concedida por meio da ressurreição de Cristo. Outros ainda, baseando-se na passagem que diz "pelas obras o homem é justificado" (***Tg 2,24***), afirmam que, no fim das contas, são nossas obras que decidem se temos o favor ou a desgraça de Deus.

O fato é que todas essas expressões são verdadeiras e representam apenas diferentes facetas de uma única grande questão, assim como um grande edifício pode ser visto de frente, de trás, pelos lados e de vários ângulos. Ao apresentarem as expressões acima, os apóstolos, em momentos diferentes, abordavam diferentes aspectos do assunto. Cabe a nós reunir todas elas e ver, nessa combinação, a verdade completa sobre o tema da justificação.

Em primeiro lugar, somos justificados pela *graça de Deus*. Não havia nenhuma obrigação por parte de nosso Criador de fazer absolutamente nada para nos livrar da justa punição que Ele havia imposto sobre nós. É por Sua própria benevolência ou graça que, prevendo a queda antes mesmo de nossa criação, Ele teve compaixão de nós e, em Seu plano, providenciou para nossa redenção o Cordeiro imolado antes da fundação do mundo. Vamos esclarecer essa questão de nossa reconciliação com o Pai — que tudo se deve à Sua graça, por quaisquer meios que Ele tenha desejado empregar para realizá-la.

Em segundo lugar, somos justificados *pelo sangue de Cristo* — por sua obra redentora, sua morte: ou seja, a graça do Criador para conosco se manifestou ao providenciar *isso* para nós — que "Jesus Cristo, pela graça de Deus, provasse a morte por todos os homens" e, assim, pagasse a pena por Adão. E

[F106]
visto que o mundo inteiro ficou sujeito à condenação por meio de Adão, o efeito final será a anulação do pecado do mundo inteiro. Certifiquemo-nos também deste ponto, assim como do primeiro, de que a graça de Deus funciona somente por meio desse único canal, de modo que "quem tem o Filho tem a vida, e quem não tem o Filho não tem a vida", mas permanece sob a sentença de morte. ***1º João 5:12***

Em terceiro lugar, é igualmente verdade que Cristo Jesus ressuscitou da morte para nossa justificação; pois fazia parte do plano divino, não apenas que o Messias fosse o redentor do povo, mas que ele fosse o abençoador ou restaurador de todos os que desejassem retornar à harmonia com o Pai. Embora, portanto, a morte de Jesus tenha sido de importância primordial como base de nossa reconciliação, ele nunca poderia ter sido o canal de nossa bênção e restauração se tivesse permanecido na morte. Por isso, o Pai, que providenciou sua morte como nosso preço redentor, providenciou também sua ressurreição dentre os mortos, para que, no tempo devido, ele pudesse ser o agente da justificação do homem — do retorno da humanidade a uma condição correta ou justa, em harmonia com Deus.

Em quarto lugar, nós (a Igreja) somos justificados pela fé, no sentido de que a provisão do Senhor não se destina a uma justificação ou restauração efetiva de ninguém durante esta era, mas apenas a uma restauração considerada, ou pela fé; e isso, é claro, só se aplica àqueles que exercerão a fé. Nem nossa fé nem nossa incredulidade podem ter qualquer relação com os arranjos divinos que Deus propôs em si mesmo, vem levando adiante e realizará no tempo devido; mas nossa participação nessas graças que nos foram oferecidas antes do mundo depende, sim, de nossa fé. Durante a Era Milenar, as profundezas e a amplitude do plano divino de salvação serão manifestadas a todos — o Reino de Deus será estabelecido no mundo, e aquele que redimiu a humanidade, e a quem foi conferido o poder de abençoar a todos com o conhecimento da verdade, justificará *efetivamente*, ou restaurará à perfeição, todos aqueles que desejarem e aceitarem o favor divino nos termos divinos.

É verdade que, mesmo então, pode-se dizer que *a fé* é essencial para

[F107]
o progresso na restauração rumo *à justificação efetiva*, pois "sem fé é impossível agradar a Deus", e porque as bênçãos e recompensas da restauração serão concedidas de acordo com princípios que exigirão fé; mas a fé que então será exigida para o progresso na restauração diferirá muito da fé agora exigida daqueles "chamados para serem os santos", "co-herdeiros com Jesus", "novas criaturas". Quando o Reino de Deus estiver no controle, Satanás for acorrentado e o conhecimento do Senhor encher a terra, esses cumprimentos das promessas divinas serão reconhecidos por todos; e, assim, *a visão* ou *o conhecimento* compreenderá efetivamente muito do que agora só é reconhecível pelo olho da fé. Mas a fé será necessária, não obstante, para que possam avançar rumo à perfeição; e, assim, a justificação efetiva que poderá ser alcançada ao final do milênio será obtida apenas por aqueles que exercerem persistentemente a fé e as obras. Embora esteja escrito a respeito daquele tempo: "Os mortos serão julgados a partir dos livros, *de acordo com suas* OBRAS", em contraste com o julgamento atual da Igreja *"de acordo com* a *vossa* FÉ", ainda assim suas obras não serão desprovidas de fé, assim como nossa fé não deve ser desprovida de obras, na medida de nossa capacidade.

A declaração do apóstolo de que Deus justificará os gentios pela *fé* (***Gálatas 3:8***) é, conforme o contexto, uma indicação de que a reconciliação por meio da restauração não virá como resultado da Aliança da Lei, mas pela graça, nos termos da Nova Aliança, na qual todos os que desejarem se beneficiar dela devem crer, aceitar e cumprir. Uma diferença entre a justificação presente e a futura é que aos consagrados do tempo presente, mediante o exercício da fé adequada, é concedida *instantaneamente* a comunhão com o Pai, por meio da justificação *imputada*, pela fé; ao passo que o exercício da fé obediente sob as condições mais favoráveis da próxima era não trará de forma alguma a justificação *imputada*, e só efetivará a justificação real e a comunhão com Deus no final do milênio. Enquanto isso, o mundo estará nas mãos do grande mediador, cuja tarefa será apresentar-lhes a vontade divina e lidar com eles, corrigindo e restaurando aqueles que obedecem, até que ele

[F108]
tenha *de fato* justificado — momento em que os apresentará irrepreensíveis perante o Pai, quando estiver prestes a entregar seu Reino a Deus, o próprio Pai. ***1 Cor. 15:24***

Agora, o Senhor está buscando uma classe especial para constituir sua nova criação, e ninguém foi chamado para esse chamado celestial, exceto aqueles que foram levados ao conhecimento da graça de Deus em Cristo e foram capazes de aceitar esse arranjo divino pela fé — de confiar tão plenamente no grandioso resultado do plano de Deus que sua fé nele influenciará e moldará o curso de suas vidas no tempo presente, e os leve a valorizar a vida futura como algo de valor tão supremo que, em comparação, a vida presente e seus interesses pareçam nada mais do que perda e escória. Ao exercerem fé neste tempo sombrio, em que a prevalência do mal parece pôr em dúvida a sabedoria, o amor e o poder do Criador, os membros da Igreja são considerados por Deus como se tivessem vivido durante a Era Milenar e experimentado sua restauração à perfeição humana; e essa posição considerada é concedida com o propósito de que possam apresentar em sacrifício essa perfeição humana à qual, sob os arranjos divinos, eles viriam a alcançar — para que possam, assim, apresentar seus corpos (considerados perfeitos) e todos os seus privilégios de restauração, esperanças, objetivos e interesses terrenos como um sacrifício vivo — trocando-os pelas esperanças e promessas celestiais da natureza divina e pela co-herança com Cristo, às quais estão ligadas, como provas de nossa sinceridade, condições de sofrimento e perda no que diz respeito aos interesses terrenos e às honras humanas.

Em quinto lugar, essa classe, agora justificada por sua fé, não deve esperar negar sua fé por meio de obras deliberadamente contrárias. Ela deve saber que, embora Deus esteja lidando graciosamente com ela do ponto de vista da fé, não imputando-lhe suas transgressões, mas considerando-as todas expiadas por seu redentor no Calvário — não imputando-lhe suas ofensas, mas tratando-a de acordo com seu espírito, vontade ou intenção, e não de acordo com a carne ou com suas realizações efetivas
—, no entanto, Ele esperará que a carne seja submetida à nova mente, na medida do possível, “na medida em que nos cabe”, e que coopere em todas as boas

[F109]
, na medida de suas oportunidades e possibilidades. Nesse sentido e nesse grau, nossas obras estão relacionadas à nossa justificação — como testemunho corroborativo, comprovando a sinceridade de nossa devoção. No entanto, nosso julgamento pelo Senhor não é segundo as obras, mas segundo a fé: se julgados segundo nossas obras, todos seríamos considerados "deficientes em relação à glória de Deus"; mas se julgados segundo nossos corações, nossas intenções, as novas criaturas podem ser aprovadas pelo padrão divino nos termos da aliança da Graça, pela qual o mérito do sacrifício de Cristo cobre suas imperfeições não intencionais. E certamente ninguém poderia objetar que o Senhor espere que produzamos os frutos de justiça que nos forem possíveis nas atuais condições imperfeitas. Mais do que isso Ele não pede, e menos do que isso não devemos esperar que Ele aceite e recompense.

Para ilustrar esse funcionamento geral da justificação pela graça, pelo sangue e por meio de nossa fé, bem como a relação das obras com ela, considere o serviço de bondes elétricos. A única central elétrica ilustrará, em certa medida, a fonte de nossa justificação — a graça de Deus. O fio que conduz a corrente representará, de forma imperfeita, nosso Senhor Jesus, o Agente do Pai na justificação; os carros representarão os crentes e os troles representarão a fé que deve ser exercida e que deve pressionar o fio. (1) Tudo depende da corrente elétrica. (2) Em segundo lugar em importância está o fio que conduz essa corrente até nós. (3) Sem o braço da fé para tocar e pressionar o Senhor Jesus, o canal de nossa justificação, não receberíamos nenhuma bênção. (4) A bênção que recebemos pelo contato com o Senhor Jesus corresponderia ao acendimento do vagão pela corrente elétrica, indicando que a energia está presente e pode ser utilizada; mas (5) o motorista e sua alavanca representam a vontade humana, enquanto (6) o próprio motor representa nossas atividades ou energias sob o poder que nos chega por meio da fé. Todas essas forças, em combinação, são necessárias para o nosso progresso — para que possamos completar o circuito e, por fim, chegar às garagens

[F110]
que, nesta ilustração, corresponderiam ao nosso lugar como a nova criação na casa de muitas moradas de nosso Pai, ou às condições para os muitos filhos de muitas naturezas.

A justificação e os Antigos Homens de Virtude

Olhando para trás, podemos ver, a partir dos registros apostólicos, que, em um passado remoto, antes que o precioso sangue tivesse sido derramado para nossa justificação, havia os antigos justos — Enoque, Noé, Abraão, Isaque, Jacó, Davi e vários outros santos profetas que foram justificados pela fé. Visto que eles não poderiam ter tido fé no precioso sangue, que tipo de fé era essa que os justificou? Respondemos conforme está escrito: "Eles creram em Deus, e isso lhes foi imputado como justificação [justificação]". É verdade que Deus não lhes revelou, como nos revelou a nós, a filosofia de seu plano, para que pudéssemos ver como ele poderia ser justo e, ainda assim, o justificador daquele que crê em Jesus; e, portanto, eles não eram responsáveis por não crerem no que não lhes havia sido revelado. Mas eles acreditaram no que Deus havia revelado, e essa revelação continha tudo o que temos agora, apenas de forma muito condensada, assim como uma bolota contém um carvalho. Enoque profetizou sobre a vinda do Messias e as bênçãos que daí resultariam; Abraão creu em Deus de que sua descendência seria tão grandemente favorecida por Ele que, por meio dela, todas as nações seriam abençoadas. Isso implicava a ressurreição dos mortos, pois muitas das nações da Terra já haviam sucumbido à morte. Abraão acreditava que Deus era capaz de ressuscitar os mortos — a tal ponto que, quando foi posto à prova, estava disposto até mesmo a se separar de Isaque, por meio do qual a promessa seria cumprida, considerando que Deus era capaz de ressuscitá-lo da morte. Não podemos saber com certeza até que ponto ele e outros discerniram os métodos exatos pelos quais Deus estabeleceria seu Reino no mundo e traria a justiça eterna, justificando todos aqueles que obedecessem ao Messias; mas temos as próprias palavras de nosso Senhor a esse respeito, de que Abraão, pelo menos, com considerável clareza, compreendeu a ideia do dia milenar que estava por vir e, possivelmente,

[F111]
também, em certa medida, compreendeu a ideia do sacrifício pelos pecados que nosso Senhor estava realizando quando disse: "Abraão se alegrou ao ver o meu dia, e ele o viu e se alegrou." ***João 8:56***

Nem todos percebem claramente a diferença que havia entre a justificação de Abraão e de outros do passado *para a comunhão* com Deus — antes de Deus ter completado o fundamento dessa comunhão no sacrifício de Cristo — e a justificação *para a vida* durante a era evangélica. Há, no entanto, uma diferença considerável entre essas bênçãos, embora a fé seja necessária para ambas. Todos estavam sob a sentença de morte, com toda a justiça, e, portanto, ninguém podia ser considerado livre dessa sentença, "justificado para a vida" (***Rm 5:18***), até que o grande sacrifício pelos pecados tivesse sido feito por nosso redentor; como declara o apóstolo, esse sacrifício era necessário, em *primeiro* lugar, para que "Deus fosse justo" nessa questão. (***Rm 3,26***) Mas a Justiça, prevendo a execução do plano redentor, não poderia levantar objeção ao seu anúncio antecipado, meramente como evidência do favor divino, àqueles que possuíssem a fé necessária
— justificando-os a esse grau e como evidência de comunhão com Deus.

O apóstolo se refere à "justificação *para a* vida" (***Rom. 5:18***) como sendo o arranjo divino por meio de Cristo, que será aberto eventualmente a todos os homens; e é essa justificação para a vida que aqueles que são chamados para a nova criação são considerados como tendo alcançado agora, antes do mundo, pelo exercício da fé — eles alcançam uma justificação não apenas nos termos de comunhão com Deus como seus amigos, e não como estranhos, forasteiros, inimigos, mas, além disso, é possível que, pela mesma fé, eles se apeguem aos direitos de restauração *à vida* garantidos para eles pelo sacrifício do Redentor e, então, sacrifiquem esses direitos da vida terrena como co-sacrificadores e sub-sacerdotes em associação com o Sumo Sacerdote de nossa confissão, Cristo Jesus.

Embora os antigos homens de mérito pudessem entrar em harmonia com Deus por meio da fé na operação de um plano que não lhes havia sido totalmente revelado e que nem mesmo havia começado, parece que

[F112]
seria impossível para a justiça divina ir além disso com qualquer um até que a expiação pelo pecado tivesse sido efetivamente realizada pelo sacrifício de Cristo. Isso está em total concordância com a declaração do Apóstolo de que "Deus... providenciou coisas melhores para nós [a Igreja do Evangelho, a nova criação], para que eles [os humildes e fiéis heróis da antiguidade] sem nós não fossem aperfeiçoados." (***Hb 11:40***) Isso também está em harmonia com a declaração de nosso Senhor a respeito de João Batista de que, embora não tivesse surgido um profeta maior do que ele, ainda assim, por ter morrido antes que a expiação fosse efetivamente consumada, o menor da classe do Reino dos céus, a nova criação, justificado *para a vida* (depois que a expiação pelo pecado tivesse sido efetivamente realizada) e chamado para sofrer e reinar com Cristo, seria maior do que ele. ***Mateus 11:11***

Já observamos o fato de que Cristo e a Igreja na glória realizarão uma obra justificadora (restauradora) sobre o mundo durante a Era Milenar, e que não será a justificação pela fé (ou imputada), como é a nossa atualmente, mas uma justificação *efetiva* — justificação pelas obras, no sentido de que, embora misturada com a fé, o teste final será "de acordo com as suas obras". (***Ap. 20:12***) Ora, a Nova Criação deve andar pela fé e não pela visão; e sua fé é provada e exigida para "perseverar como se visse Aquele que é invisível", acreditando em coisas que, no que diz respeito às evidências externas, são improváveis para a mente natural, irracionais. E essa fé, apoiada por nossas obras *imperfeitas*, conta também com o respaldo das obras *perfeitas* do Senhor em nosso favor, e é aceitável a Deus, com base no princípio de que, se, sob tais condições imperfeitas, nos esforçamos, na medida de nossa capacidade, para agradar ao Senhor e, assim, participamos do espírito de Cristo a ponto de nos regozijarmos em sofrer por causa da justiça, isso é prova de que, sob condições favoráveis, certamente não seríamos menos leais aos princípios. Quando o *conhecimento* do Senhor encher toda a terra, e as trevas e névoas que agora cercam os fiéis do Senhor tiverem desaparecido, e o grande Sol da Justiça estiver inundando o mundo com a verdade, com o conhecimento absoluto de Deus, de seu caráter, de

[F113]
seu plano — quando os homens virem as evidências do favor, do amor e da reconciliação de Deus por meio de Cristo na elevação gradual que chegará a todos aqueles que, então, buscarem a harmonia com Ele — quando a restauração mental, física e moral se *manifestar* — então a fé será, em grande medida, diferente da fé cega necessária agora. Eles não "verão mais como em um espelho, de forma obscura [vaga]"; o olho da fé não se esforçará para ver evidências das coisas gloriosas agora reservadas para aqueles que amam a Deus, pois essas coisas gloriosas serão manifestadas aos homens de forma mais ou menos distinta. Embora os homens então acreditem em Deus e tenham *fé* nele, haverá uma grande diferença entre acreditar assim nas evidências de seus sentidos e a fé que a nova criação deve exercer agora em relação às coisas que não vemos. A fé que Deus agora busca em seu povo é preciosa aos seus olhos e caracteriza uma classe pequena e peculiar; por isso, ele atribuiu a ela tal prêmio, ou recompensa. Quando a Era Milenar tiver sido plenamente inaugurada, será impossível duvidar dos fatos gerais e, portanto, seria inadequado continuar a oferecer uma recompensa especial àqueles que não duvidam.

Mas, embora o conhecimento do Senhor venha a preencher toda a terra, e não haja mais necessidade de dizer ao próximo: "Conheça o Senhor!", ainda assim haverá para o homem uma prova diferente — não de fé, mas de obras — de obediência; pois "acontecerá que a alma que não ouvir [*obedecer*] a esse profeta será exterminada do meio do povo". (***Atos 3:23***) É durante o presente tempo de trevas no que diz respeito ao cumprimento do plano divino, quando o pecado abunda e Satanás é o príncipe deste mundo, que nosso Senhor valoriza a fé; dizendo: "Seja feito conforme a tua fé" (***Mateus 9:29***); e ainda: "Esta é a vitória que vence o mundo: a vossa fé". (***1º João 5:4***) Mas, no que diz respeito ao julgamento do mundo, ou ao julgamento na Era Milenar, ou Dia do Juízo, lemos que todos serão julgados de acordo com suas *obras* — amparadas pela fé; de acordo com suas obras lhes será feito, e eles serão aprovados ou reprovados no fim da Era Milenar**.** ***Apocalipse 20:12***

[F114]

A justificação, como já vimos, significa colocar o pecador em plena harmonia com seu Criador. Em nenhum lugar lemos sobre a necessidade de o pecador ser justificado diante de Cristo, mas sim que, por meio do mérito de Cristo, ele deve ser justificado diante do Pai, e examinar por que isso ocorre pode nos ajudar a compreender todo esse assunto. Isso ocorre porque o Criador atua como representante de sua própria lei e porque, no início, colocou o pai Adão e sua raça sob essa lei, declarando que o gozo de seu favor, de suas bênçãos e da vida eterna dependia da obediência, e que a desobediência implicaria na perda de todos esses favores. Essa posição não pode ser ignorada. Portanto, antes que a humanidade possa ter comunhão com Deus e receber Sua bênção da vida eterna, ela deve, de alguma forma, restabelecer plena harmonia com seu Criador e, consequentemente, retornar àquela perfeição que resistirá à plena luz da inspeção divina e ao teste completo da obediência. Assim, o mundo, por assim dizer, encontrava-se fora do alcance do Todo-Poderoso — que propositalmente dispôs suas leis de modo que ficassem fora do alcance da Justiça e tornassem necessário seu plano atual de redenção e de uma restauração, ou justificação, ou retorno à perfeição dos dispostos e obedientes, por meio do Redentor, que, entretanto, atuaria como seu mediador ou intermediário.

O mediador, embora perfeito, não tinha nenhuma lei a fazer valer — não havia proferido nenhuma sentença contra Adão e sua raça que o impedisse de reconhecê-los e de ser misericordioso com suas imperfeições. Pelo contrário, ele resgatou o mundo em pecado e imperfeição, compreendendo plenamente sua condição de desgraça. Ele aceita a humanidade tal como a encontra e, durante a Era Milenar, tratará cada indivíduo do mundo de acordo com sua condição particular, tendo misericórdia dos fracos e exigindo mais dos mais fortes, adaptando-se assim, juntamente com as leis de seu Reino, a todas as diversas peculiaridades, imperfeições, fraquezas etc., conforme as encontra, pois “o Pai [...] entregou todo o julgamento ao Filho”. (***João 5:22***) O Filho ilustrará à humanidade o padrão perfeito da lei divina ao qual ela deverá, eventualmente, alcançar antes de poder ser justa

[F115]
e aceitáveis aos olhos de Deus — no final da Era Milenar; mas ele não insistirá nesse padrão nem considerará que aqueles que não o atingirem sejam violadores do mesmo, necessitando de uma concessão de graça para cobrir toda transgressão, por mais involuntária e acidental que seja. Pelo contrário, toda essa *expiação* pelas violações da lei perfeita e imutável de Deus estará concluída antes mesmo de ele assumir as rédeas do governo.

Cristo já pagou o preço com seu próprio sacrifício. Ele já imputou graciosamente esse mérito à família da fé e, ao final da era evangélica, fará a aplicação definitiva de toda a oferta pelo pecado em favor de "todo o povo" — a humanidade inteira. Deus demonstrou, por meio do tipo do Dia da Expiação, que isso será aceito e que, como resultado dessa aceitação, Cristo e sua Igreja assumirão então o governo do mundo sob o que poderia ser denominado lei marcial ou um regime despótico, que suspende as leis e normas comuns devido às exigências do caso, e administra a lei de maneira adequada, não àqueles que se encontram em condição perfeita ou correta (como são as leis do império de Jeová), mas adequada à condição de rebelião e anarquia que se produziu no mundo como resultado do pecado. Esse domínio de emergência — no qual o Rei governará não apenas como rei, mas também como juiz e sacerdote supremo — tem como objetivo, como acabamos de ver, justificar o mundo de fato, e não apenas em conta, pelas obras como norma ou prova final — apoiadas pela fé. Essa justificação de fato será efetivada, não no início do reinado milenar, mas como resultado do reinado — em seu término.

A justificação pela fé do tempo presente tem como objetivo permitir que alguns poucos, a quem Deus se propôs chamar para o seu serviço especial, participem da Aliança de Abraão como a Semente da promessa, como *co-sacrificadores* e, portanto, co-herdeiros com Jesus. Mesmo com esses, Deus não pode fazer nenhum contrato direto, mas, por assim dizer, mesmo depois de serem justificados pela fé e pelo mérito do seu redentor, eles são tratados como incapazes e são informados de que são aceitos apenas no Amado — em Cristo — e todos os seus

contratos de aliança para o sacrifício, a menos que endossados por ele, não teriam validade alguma.

Quão evidente é que o único objetivo da era evangélica é chamar um pequeno rebanho da humanidade para constituir membros da nova criação, e que o arranjo para justificar os crentes *para a vida*, pela fé, tem como objetivo dar-lhes posição diante de Deus, por meio da qual possam assumir as obrigações da aliança exigidas dos candidatos à nova criação. Como já observado, a condição pela qual serão aceitos na nova criação é a do auto-sacrifício; e, visto que Deus não está disposto a receber como sacrifício nada que esteja manchado, nós, como membros da raça manchada e condenada, não poderíamos ser aceitos até que, primeiro, fôssemos efetivamente justificados de todo pecado; para que, assim, como o Apóstolo expressa, pudéssemos "apresentar nossos corpos como sacrifícios vivos, *santos*, *agradáveis* a Deus, nosso culto racional". ***Rom. 12:1***

Los Provisoriamente Justificados

Diante disso, o que diremos daqueles que chegam ao ponto de vista da fé em Deus e a *uma* certa *medida* de justificação, e que, vendo que um progresso maior no caminho do Senhor significa auto-sacrifício, abnegação etc., mesmo assim hesitam, recusando-se a entrar pela porta estreita e pelo caminho estreito da consagração tão completa — até mesmo até a morte? Devemos dizer que Deus está irado com eles? Não: devemos supor que, até certo ponto, ao progredirem nos caminhos da justiça, eles agradavam a Deus. E que recebem uma bênção, parece declarar o Apóstolo, dizendo:* "Sendo justificados pela fé, temos *paz* com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo." Essa paz implica algum discernimento do plano divino no que diz respeito ao futuro apagamento dos pecados do crente (***Atos 3:19***); implica também um bom grau de harmonia com os princípios da justiça, pois a fé em Cristo é sempre transformadora. Nós nos alegramos com todos os que chegaram até aqui; ficamos felizes por eles terem essa vantagem sobre as massas da humanidade, às quais o deus deste mundo cegou completamente,

---

*A reflexão posterior do autor é que este texto pode ser considerado como se referindo aos que são justificados *vitalmente*.

[F117]
e que, portanto, não podem, no momento presente, ver e apreciar a graça de Deus em Cristo. Exortamos tais pessoas a permanecerem na graça de Deus, avançando para a obediência plena.

Porém, por mais que nos regozijemos com eles, e por mais que paz e alegria possam chegar a tais crentes, que buscam andar no caminho da justiça, mas evitam o caminho estreito do sacrifício, devemos, com franqueza, salientar que tais pessoas "recebem a graça de Deus em vão" (***2 Cor. 6:1***) — porque a graça de Deus na justificação que receberam tinha como objetivo ser o trampolim para os privilégios e bênçãos ainda maiores do alto chamado da nova criação. A graça de Deus é recebida em vão por tais pessoas, porque elas não aproveitam essa grandiosa oportunidade, cuja semelhança nunca antes foi oferecida a ninguém e, tanto quanto as Escrituras indicam, nunca mais será oferecida. Elas recebem a graça de Deus em vão, porque as oportunidades de restauração que lhes serão concedidas na era vindoura serão concedidas a toda a raça redimida. A graça de Deus nesta era consiste meramente no fato de que eles foram informados de sua bondade antes do mundo, com o propósito de que, por meio da justificação, pudessem avançar para a realização do chamado e para a participação no prêmio glorioso a ser concedido ao corpo escolhido de Cristo, o Sacerdócio Real.

Olhando para o chamado "mundo cristão", parece evidente que a grande maioria, mesmo entre os crentes *sinceros,* nunca foi além desse passo preliminar da justificação: eles "provaram que o Senhor é misericordioso", e isso lhes bastou. Em vez disso, por meio dessa experiência, deveriam ter sido plenamente despertados para uma fome e sede maiores de justiça, de verdade, de maior conhecimento do caráter e do plano divinos, de maior crescimento na graça, no conhecimento e no amor, e para alcançar uma compreensão mais profunda da vontade divina a respeito deles, o que consideraremos a seguir, sob o título da santificação.

Tanto quanto podemos discernir, a vantagem da tentativa

[F118]
A expressão "justificado" refere-se meramente a esta vida presente e ao alívio que eles sentem agora em relação ao caráter misericordioso de Deus e ao que Ele fará com eles no futuro. No entanto, seu conhecimento a esse respeito é tão escasso que, às vezes, eles cantam:

> "Muitas vezes isso me causa pensamentos ansiosos: 'Será que sou dele ou não?'"

O fato é que, embora Cristo tenha sido a sabedoria deles a ponto de lhes mostrar a necessidade de um Salvador e, além disso, de lhes revelar algo da salvação proporcionada por si mesmo, não é parte do plano divino que ele continue a ser a sabedoria deles e a guiá-los às "coisas profundas de Deus", a não ser que, por meio da consagração e da devoção, se tornem seguidores de seus passos. O crente não consagrado não é, de forma alguma, a nova criatura, mesmo que, ao vislumbrar algo dos caminhos de Deus e de suas exigências, esteja buscando viver uma vida moral, sensata e honesta no mundo. Ele ainda é da terra, terreno; nunca deu um passo adiante para trocar seus direitos humanos e terrenos (garantidos por meio de Jesus) pelas coisas celestiais para as quais o Senhor, por meio de seu Sacrifício, abriu a porta. Assim como, no tipo, não era permitido aos levitas entrar nos lugares santos do Tabernáculo nem mesmo ver as coisas ali contidas, assim também, no antítipo, não é permitido aos crentes não consagrados entrar nas coisas profundas de Deus nem ver e apreciar suas grandezas, a menos que primeiro se tornem membros do Sacerdócio Real por meio de uma consagração plena de si mesmos.

Esperar preferência e favor especiais das mãos do Senhor durante a Era Milenar por ter recebido Seu favor na vida presente em vão pareceria muito semelhante a esperar uma bênção especial porque uma bênção anterior foi mal utilizada ou pouco valorizada. Não estaria, em geral, de acordo com os procedimentos divinos no passado se descobríssemos que alguns que não foram favorecidos durante a era evangélica receberiam as principais bênçãos durante a era vindoura? Isso não estaria consideravelmente de acordo com as palavras de nosso Senhor: "Há últimos que serão os primeiros e primeiros que serão os últimos"? De fato, o apóstolo ressalta claramente que, quando a nova criação tiver sido

[F119]
concluída e a Era Milenar tiver sido inaugurada, o favor especial de Deus voltará novamente para o Israel natural, de quem foi retirado no início da era evangélica. ***Rom. 11:25-32***

Aqueles justificados para a comunhão com Deus antes desta era, que mantiveram sua justificação e que, como recompensa, serão feitos "príncipes em toda a terra" sob o Reino celestial, mantiveram-na à custa de abnegações terrenas. (***Hb 11:35***) Aqueles da era atual, que usarão corretamente e manterão sua justificação, devem fazê-lo à custa da carne. O pequeno rebanho, fiel em grau excepcional, entregará suas vidas a serviço da verdade e dos irmãos, tornando-se assim cópias do Capitão da nossa Salvação. A segunda classe, considerada em outros lugares como a "grande multidão", deve alcançar sua recompensa também à custa da carne, embora, devido a menor zelo no sacrifício, perca a grande recompensa da nova criação e seus privilégios do Reino. Essas três classes parecem ser as únicas que se beneficiam, além da vida presente, das oportunidades especiais desta era de justificação pela fé.

As operações do Reino, à luz do pleno conhecimento e de acordo com a linha das obras, por várias razões, evidentemente atrairão mais fortemente, a princípio, o Israel segundo a carne, que, quando sua cegueira for removida, se tornará extremamente zeloso pelo Ungido do Senhor, dizendo, conforme representado na profecia: "Este é o nosso Deus; esperávamos por ele, e ele nos salvará." (***Isaías 25:9***) Mas, embora Israel seja naturalmente o primeiro a se alinhar à nova ordem das coisas, as bênçãos e oportunidades do Reino serão, graças a Deus!, rapidamente estendidas por todo o mundo — com o objetivo de que todas as nações se tornem filhos de Abraão, no sentido de que participarão das bênçãos prometidas a ele — como está escrito: "Fiz-te pai de muitas nações; em tua descendência serão abençoadas todas as famílias da terra."

Cristo nos tornou objeto de santificação

Assim como a sabedoria ou o conhecimento de Deus nos chegou como resultado do sacrifício de nosso Senhor Jesus em nosso favor, e assim como a justificação

[F120]
veio por meio de seus méritos, quando aceitamos sua expiação e realizamos a consagração plena de tudo o que temos a Deus, assim também é nossa santificação por meio dele. Nenhum homem pode santificar-se a si mesmo no sentido de fazer com que seja aceito e adotado na família de Deus da nova criação, gerado pelo Seu espírito. (***João 1:13***; ***Hb 5:4***) Assim como o mérito de Cristo foi necessário para nossa justificação, também Sua aceitação de nós como membros de Seu corpo, o sacerdócio sub-real, e Sua ajuda contínua são indispensáveis para tornar segura nossa vocação e nossa eleição. O apóstolo condena alguns por "não se apegarem à Cabeça" (***Colossenses 2:19***), e percebemos que tal reconhecimento de Cristo Jesus, não apenas como o redentor do pecado, mas como a Cabeça, representante, guia, instrutor e preservador do corpo (a Igreja), é essencial para cada membro dela. Nosso Senhor destaca essa necessidade de permanecermos sob seus cuidados, dizendo repetidamente: "Permanecei em mim; [...] assim como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, a menos que permaneça na videira; assim também vós não podeis, a menos que permaneçais em mim." (***João 15:4***) "Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito." (***João 15:7***) O apóstolo ressalta essa mesma necessidade de permanecer em Cristo, dizendo: "É coisa terrível cair nas mãos do Deus vivo." (***Hb 10:31***) Ele prossegue explicando seu significado ao citar a profecia: "Pois o nosso Deus é um fogo consumidor." O amor de Deus, tanto quanto sua justiça, arde contra todo pecado, e "toda injustiça é pecado"; "ele não pode contemplar [ou reconhecer] o pecado"; por isso, ele providenciou, não para a preservação dos pecadores, mas para o resgate deles da doença e de sua pena de destruição.

Isso nos assegura, em harmonia com várias declarações das Escrituras, que está chegando o tempo em que o pecado e os pecadores, juntamente com os acompanhantes do pecado — a dor, a tristeza e a morte —, serão eliminados. Graças a Deus! Podemos nos alegrar também com essa característica do caráter divino, de que Deus é um fogo consumidor, ao sabermos que Ele nos providenciou um refúgio em Cristo Jesus para o período de nossas imperfeições involuntárias, e que, nele, também providenciou nossa

[F121]
da libertação definitiva do pecado, da morte e de toda fraqueza, à sua própria semelhança perfeita; para a nova criação, a perfeição da natureza divina e sua plenitude; para a "grande multidão", a perfeição em um plano que, de certa forma, corresponde ao dos anjos; para serem os ministros, companheiros da Igreja glorificada — "as virgens, suas companheiras, que a seguem". (***Sal. 45:14***) Os antigos dignos, em seguida, serão aperfeiçoados na natureza humana, imagens de Deus na carne e representantes glorificados do Reino celestial, e canais de bênção divina para todas as famílias da terra. Por fim, quando as provações, oportunidades e testes da Era Milenar tiverem levado todos os dispostos e obedientes à perfeição e tiverem demonstrado sua lealdade a Deus, estes também terão alcançado a perfeição humana, a imagem de Deus na carne; e, entre todos esses, a vontade de Deus será então tão perfeitamente compreendida e obedecida — e isso de todo o coração — que Ele não será mais para eles como um fogo consumidor, pois toda a sua escória terá sido purificada sob a disciplina do grande mediador, a cujos cuidados todos foram confiados pelo amor e pela sabedoria do Pai. Cristo então "verá o fruto do sofrimento da sua alma e ficará satisfeito" com os resultados.

A santificação significa separar-se para o serviço sagrado. Os pecadores não são chamados à santificação, mas ao arrependimento; e aos pecadores arrependidos não é exigida a consagração, mas que *creiam* no Senhor Jesus Cristo para a justificação. A santificação é exigida apenas da classe dos justificados — dos que crêem nas promessas de Deus centradas em Cristo e asseguradas por seu sacrifício de resgate. Isso não significa que a santificação ou a santidade não sejam adequadas para toda a humanidade: significa simplesmente que Deus previu que, enquanto um homem ocupasse a posição de pecador impenitente, seria inútil convidá-lo a se dedicar a uma vida de santidade; ele deve primeiro reconhecer sua pecaminosidade e tornar-se penitente. Isso não significa que o penitente não deva se tornar santificado, separado para uma vida de santidade, mas significa que uma santificação que deixasse de lado a justificação seria totalmente fútil.

[F122]
Na ordem de Deus, devemos primeiro aprender sobre a bondade divina na provisão feita para nossos pecados e devemos aceitar Seu arranjo como um dom gratuito por meio de Cristo, antes de estarmos na atitude adequada para nos consagrar ou santificar a Seu serviço. Além disso, o objetivo de todo esse arranjo da era evangélica — o chamado ao arrependimento, a proclamação das boas novas para a justificação e o convite a todos os crentes para que se santifiquem ou se consagrem a Deus — são todos elementos ou partes do único grande plano que Deus está agora realizando — é o desenvolvimento da nova criação. Deus predeterminou que todos os que farão parte da Nova Criação devem ser sacrificadores — do "Sacerdócio Real"; e cada um deles deve ter algo a oferecer a Deus, assim como nosso Sumo Sacerdote, que "se ofereceu a si mesmo a Deus". (***Hb 7:27; 9:14***) Todos *os que pertencem* ao sub-sacerdócio também devem *se oferecer* a Deus; como exorta o Apóstolo: "Rogo-vos, irmãos [irmãos, porque justificados e, assim, trazidos à comunhão com Deus], pelas misericórdias de Deus [o perdão dos pecados já experimentado], que *apresenteis vossos corpos como sacrifício vivo*, santo e agradável a Deus, e que este seja o vosso culto racional." (***Rom. 12:1***) Ora, então, observe que, visto que nossos corpos não são de fato "santos", eles devem ser considerados como tal antes de poderem ser "agradáveis a Deus", antes de poderem ser contados como "santos"; ou seja, devemos ser justificados pela fé em Cristo *antes* de termos algo santo e aceitável para colocar sobre o altar de Deus; e isso deve ser colocado no altar de Deus, sacrificado e aceito por Ele pelas mãos do nosso grande Sumo Sacerdote, antes que possamos ser considerados parte do seu "sacerdócio real".

A santificação será a exigência do grande Rei durante a Era Milenar. O mundo inteiro será chamado a santificar-se, a separar-se da impureza, de todo tipo de pecado, e a prestar obediência à vontade divina, conforme representada no Reino e em seus príncipes. Alguns, então, poderão conformar-se a uma santificação ou santidade de vida exterior sem estarem santificados no coração: tais pessoas poderão progredir mental, moral e fisicamente — até o limite máximo da restauração — até a perfeição plena e, ao fazê-lo,

[F123]
desfrutarão, entretanto, das bênçãos e recompensas desse período glorioso, até o seu próprio fim; mas, a menos que sua santificação, até então, se estenda aos próprios pensamentos e intenções de seus corações, não estarão aptos para as condições eternas além da Era Milenar, na qual nada entrará que não esteja em absoluta conformidade com a vontade divina em pensamento, palavra e ação.

Mas, ao traçarmos assim a santificação como um princípio geral e suas operações futuras no mundo, não percamos de vista o fato de que as Escrituras foram escritas especialmente "para *nossa* admoestação" — para a admoestação da nova criação. Quando chegar o tempo do mundo para sua instrução nos termos da santificação, ele terá o Grande Mestre: o Sol da Justiça estará então inundando toda a terra com o conhecimento de Deus. Não haverá mais uma Babel de teorias e doutrinas confusas; pois o Senhor prometeu a respeito daquele dia, dizendo: "Darei ao povo uma língua [mensagem] pura, para que todos invoquem o nome do Senhor, a fim de servi-lo com um só coração." (***Sof. 3:9***) O apóstolo está se dirigindo exclusivamente à nova criação quando declara que Cristo "foi feito por Deus para *nós* sabedoria, justificação, santificação e libertação". Prestemos, portanto, atenção ainda mais sincera a essas coisas escritas para *nossa* instrução e evidentemente necessárias a nós, se quisermos assegurar nosso chamado e nossa eleição para a participação na nova criação.

Assim como o Senhor disse aos israelitas típicos: "Santifiquem-se" e "Eu os santificarei" (***Lv 20,7-8***; ***Êx 31,13***), assim também Ele orienta o israelita espiritual a consagrar-se, a apresentar seu corpo como sacrifício vivo, a oferecer-se a Deus no e por meio do mérito da expiação de Cristo; e somente aqueles que fazem isso durante o "tempo aceitável" o Senhor aceita e separa como santos, escrevendo seus nomes no livro da vida do Cordeiro (***Ap. 3:5***), e lhes concede as coroas de glória, honra e imortalidade que serão suas se se mostrarem fiéis a todos os seus compromissos, o que, estamos certos, é apenas um "serviço razoável". ***Ap. 3:11***

[F124]

Assim como a consagração dos levitas no tipo era uma consagração mensurável para seguir a justiça, mas não uma consagração para o sacrifício, assim também este próximo passo da santificação, que pertence àqueles que aceitam o chamado de Deus para o Sacerdócio Real, foi simbolizado no tipo pela consagração de Arão e de seus filhos ao ofício sacerdotal — uma consagração para o sacrifício. Isso foi simbolizado por vestes de linho branco, representando a justiça e a justificação, e pelo óleo da unção e pelos sacrifícios, dos quais todos os sacerdotes participavam. ***Hb 8:3***

Nos tipos levíticos, duas consagrações são mostradas distintamente: (1) a consagração geral de todos os levitas; (2) uma consagração especial dos poucos levitas que eram *sacrificadores* ou sacerdotes. A primeira representa a consagração geral à vida santa e à obediência a Deus que todos os crentes fazem e que, pela graça de Deus, por meio de Cristo, realiza para eles, provisoriamente, *a "justificação* da vida" e a paz com Deus. É isso que todos os verdadeiros crentes compreendem e experimentam nesta era. Mas, como explica o Apóstolo, "o *objetivo* do mandamento é o amor que provém de um coração puro" (***1 Tim. 1:5***); ou seja, Deus prevê que nossa obediência à nossa primeira consagração, nossa obediência aos termos da nossa justificação durante a era atual, nos levará, no *fim*, à segunda consagração como sacerdotes para o sacrifício.

Como assim? Porque a vida santa e a obediência a Deus incluem "o amor proveniente de um coração puro" por Deus e por nossos semelhantes. O amor a Deus significa "com todo o nosso coração, mente, ser e força"; e tal amor não esperará por ordens, mas se oferecerá para servir, dizendo: "Senhor, o que queres que eu faça?" Todo "verdadeiro israelita" fiel na primeira vinda possuía essa consagração primária — simbolizada nos levitas

— e a tais o Senhor dirigiu o chamado especial do evangelho: consagrar-se até a morte, sacrificar seus interesses terrenos em prol dos celestiais, alinhar-se como seguidores de passos de Jesus, o Capitão da nossa Salvação, no caminho estreito que leva à glória, à honra e à imortalidade. Aqueles que obedeceram ao *convite* foram aceitos como sacerdotes, membros do *corpo* do Sumo Sacerdote da nossa Confissão, "filhos de Deus". ***João 1:12***

[F125]

Ao longo da era evangélica, prevalece o mesmo plano de procedimento: (1) a consagração à obediência e à justiça — como levitas antitípicos; em seguida, a constatação de que justiça significa amor supremo a Deus e um desejo de conhecer e fazer a sua vontade; depois, mas tarde, a compreensão de que agora toda a criação está tão distorcida, pervertida e em desarmonia com Deus que a harmonia com Ele significa desarmonia com toda a injustiça em nossa própria carne, bem como na dos outros; em seguida, um olhar e um clamor ao Senhor para saber por que Ele nos chamou e aceitou nossa consagração e, ainda assim, aparentemente não tornou isso possível, a não ser por meio do auto-sacrifício. Em resposta a esse clamor, o Senhor nos ensina que "fostes chamados em uma única esperança do vosso chamado" (***Ef 4,4***), e que o chamado é para sermos co-herdeiros com nosso Senhor na glória, honra e imortalidade do Reino (***Lucas 12,32***; ***Rm 2,7***), e que o caminho é estreito e difícil porque a superação bem-sucedida dessas provações é indispensável para aqueles a quem Ele deseja assim honrar. (***Mt 7,14***; ***Rm 8,17***) Foi quando ouvimos o chamado de Deus por meio do Apóstolo: "Rogo-vos, irmãos, [...] apresentai os vossos corpos como sacrifícios vivos, santos e agradáveis a Deus, e este seja o vosso culto racional", e aceitamos esse chamado e nos consagramos *até a morte*, que fomos considerados *sacerdotes* — do "Sacerdócio Real", membros do Grande Sumo Sacerdote de nossa profissão (ou ordem), Cristo Jesus — novas criaturas.

Os crentes que, após perceberem que "o fim do mandamento é o amor que provém de um coração puro", se recusam a seguir adiante para esse fim, se recusam a aceitar o chamado ao sacrifício e, assim, se recusam a cumprir o propósito de Deus em sua justificação imputada, ficam aquém da aliança de obediência à justiça, devido à estreiteza do caminho, e, assim, rejeitam a "única esperança do nosso chamado". Esses não "recebem a graça de Deus [a justificação imputada da vida] *em* vão"? Olhando para os antigos heróis e observando como lhes custou muito obter "um bom testemunho pela fé" e "agradar a Deus" e, assim, manter sua *justificação para a comunhão* (***Hb 11,5.32-39***), podemos esperar que a *justificação para a vida*, concedida durante esta era do evangelho

[F126]
aos que se tornam levitas antitípicos, possa ser mantida por um grau menor de lealdade de coração ao Senhor e à justiça? Certamente devemos concluir que aqueles crentes provisoriamente justificados (levitas antitípicos) que, ao "calcularem o custo" (***Lucas 14:27, 28***) do discipulado ao qual sua consagração, já feita, os conduz, e que então se recusam a exercer fé na ajuda prometida pelo Senhor, e se recusam ou negligenciam continuar a cumprir seu "serviço razoável", tornando completa sua consagração — até a morte —, tais pessoas foram favorecidas pelo Senhor em vão. Certamente não podem ser considerados como tendo realmente justificação para a vida; nem mesmo justificação para uma comunhão especial com Deus; assim, eles caem da posição favorecida de levitas antitípicos e não devem mais ser considerados como tal.

Mas, entre aqueles que realmente apreciam o favor de Deus, cujos corações respondem lealmente aos privilégios e ao "serviço razoável" da consagração plena, e que assumem a aliança de obediência a Deus e à justiça até *a morte*, encontram-se estas duas classes:

(1) Aqueles levitas antitípicos que de bom grado "*entregam* suas vidas" voluntariamente, buscando maneiras e meios de servir ao Senhor, aos irmãos e à Verdade, e considerando um prazer e uma honra *sacrificar* assim os confortos terrenos, as conveniências, o tempo, a influência, os recursos e tudo o que compõe *a vida presente*. Esses sacrificadores alegres e dispostos, os sacerdotes antitípicos que em breve serão glorificados e, com seu Senhor, constituirão o "Sacerdócio Real", os quais, uma vez completados seus sacrifícios, não serão mais tipificados por Arão e seus filhos realizando sacrifícios pelo povo, mas por Melquisedeque — um sacerdote em seu trono — distribuindo ao mundo, durante o milênio, as bênçãos asseguradas pelos "sacrifícios melhores" durante o Dia da Expiação antitípico — a era evangélica.

(2) Outra classe de crentes, no íntimo do coração, responde lealmente e realiza a consagração com alegria de tudo o que possui ao Senhor e ao seu "serviço razoável", demonstrando assim sua dignidade para fazer parte dos levitas antitípicos, pois não recebem a graça de Deus em vão. Mas, infelizmente, embora respondam ao

[F127]
chamado e, assim, entram na "única esperança de nosso chamado" e em todos os privilégios dos escolhidos, seu amor e zelo não são tais que os impulsionem a realizar os sacrifícios que fizeram na aliança. Esses, por não terem amor e fé intensos o suficiente, deixam de colocar ou de manter seus sacrifícios no altar; por isso, não podem ser considerados "cópias" completas de nosso grande Sumo Sacerdote, que se deleitava em fazer a vontade do Pai; eles não conseguem vencer e, portanto, não podem ser contados entre os "vencedores" que compartilharão com seu Senhor o Reino celestial como membros do "Sacerdócio Real"; eles não conseguem tornar segura sua vocação e eleição por meio do cumprimento integral de sua aliança.

Mas e quanto a esses? Será que perderam tudo por terem corrido em busca do prêmio e, ainda assim, não terem alcançado o nível exigido de zelo e amor para conquistá-lo? Não, graças a Deus; mesmo que, em provações cruciais, sua fé e seu zelo não tenham sido considerados suficientes para classificá-los entre os sacerdotes, a suficiência de fé e zelo para se consagrarem até a morte demonstrou a sinceridade de seu coração como levitas. No entanto, não basta que eles se tenham consagrado plenamente; é preciso *demonstrar* que, no íntimo, amam o Senhor e não *O negariam a qualquer custo*, mesmo que não fossem fiéis o suficiente para buscar o sacrifício a Seu serviço. Qual é esse teste que confirmará que são dignos da porção dos levitas no Reino? E como será aplicado?

Já nos referimos a essa "grande multidão" do povo verdadeiramente consagrado do Senhor, cujo quadro é descrito em ***Apocalipse 7:13-15***. "Estes são os que vêm da grande tribulação; lavaram suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro. Por isso estão diante [e não *dentro*] do trono de Deus, e o servem dia e noite [continuamente] em seu templo [a Igreja]; e aquele que está sentado no trono estenderá seu tabernáculo sobre eles" [os associará a si mesmo e à sua Noiva glorificada na condição espiritual e em seus serviços]. "Virgens insensatas!" Elas deixaram escapar a oportunidade de se tornarem membros da Noiva; mas são, no entanto, *virgens*, puras em suas intenções do coração. Elas perdem o *prêmio*, mas ganham,

posteriormente, por meio de provações severas, uma parte na festa nupcial com o Noivo e a Noiva como "as virgens, suas companheiras, que a seguem"; elas também serão levadas à presença do Rei. "Com alegria e regozijo serão levadas; entrarão no palácio do Rei." (***Sal. 45:14,15***) Como levitas, elas não conseguiram obter o prêmio do Sacerdócio Real, mas ainda são levitas e podem servir a Deus em seu templo glorificado, a Igreja, embora não possam ser nem "colunas" nem "pedras vivas" nesse templo. (***Ap. 3:12; 19:6,7***; ***Sal. 45:14,15***) O versículo seguinte à última citação chama nossa atenção para os levitas antitípicos da época anterior, conhecidos por Israel segundo a carne como "os pais"; e nos assegura que serão recompensados ao serem feitos "príncipes em toda a terra".

Da mesma forma, os três filhos de Levi (Coate, Gérson e Merari) parecem representar quatro classes. (1) Moisés, Arão e toda a família sacerdotal de Amram (filho de Coate), cujas tendas ficavam na frente [a leste] do Tabernáculo. Estes tinham a responsabilidade total por todas as questões religiosas — seus irmãos — inclusive todos os levitas
— que eram seus assistentes ou servos honrados. (2) Acampada no lado sul estava a família de Coate, seus parentes mais próximos, e estes tinham a responsabilidade pelos objetos mais sagrados — os altares, o candelabro, a mesa e a arca. (3) Acampados no lado norte do Tabernáculo estavam os levitas da família de Merari, os segundos em honra no serviço, encarregados das tábuas revestidas de ouro, dos postes, dos encaixes etc. (4) Acampada na retaguarda estava a família de Gershom, composta por levitas, encarregada dos serviços menos importantes — o transporte, etc., das cordas, das cortinas externas, do portão etc.

Essas famílias distintas de levitas podem representar adequadamente quatro classes distintas da humanidade *justificada* quando a reconciliação for concluída: os santos, ou Sacerdócio Real, os antigos dignos, a "grande multidão" e os resgatados do mundo. Como não é incomum no que diz respeito aos tipos, os nomes parecem ser significativos. (1) A família de Amram, escolhida para ser sacerdotes: o nome AMRAM significa *"povo elevado*" ou *"povo exaltado*". Que nome apropriado para o tipo do "pequeno rebanho", cuja cabeça é Cristo Jesus! "Altamente exaltado", "muito elevado", são as declarações bíblicas sobre esses sacerdotes. (2) KOHAT

[F129]
significa *aliado* ou *companheiro*. Foi da família de Coate que os filhos de Amram foram escolhidos para formar uma nova casa de sacerdotes. A família de Coate, entre os levitas, poderia, portanto, representar adequadamente os antigos homens de virtude cuja fé, obediência e lealdade a Deus, bem como disposição para sofrer pela justiça, foram tão plenamente atestadas, e com os quais sentimos um parentesco tão próximo. Eles eram, de fato, os aliados do Senhor e nossos; e, em alguns aspectos, aproximam-se mais de Cristo em todos os sentidos do que quaisquer outros. (3) MERARI significa *amargura*; portanto, a família Merari dos levitas parece representar a "grande multidão" dos gerados pelo espírito que não conseguem conquistar o prêmio do Sacerdócio Real e são "salvos como que pelo fogo", passando por "grande tribulação" e experiências *amargas* até alcançarem a posição de honra e serviço que ocuparão. (4) GERSHOM significa *refugiados* ou *resgatados*; portanto, a família dos levitas de Gershom parece representar bem o mundo salvo da humanidade, cujos membros serão todos refugiados socorridos e libertados, resgatados da cegueira e da escravidão de Satanás.

Assim, então, em primeiro lugar tanto em ordem quanto em posição de destaque entre esses levitas antitípicos, ou justificados, estará o Sacerdócio Real, a cujos cuidados serão confiados o Reino Milenar e todos os interesses. À sua direita estarão os parentes mais próximos — os antigos dignos —, a quem eles "farão príncipes em toda a terra". Em seguida, à sua esquerda, estarão seus irmãos fiéis da grande multidão.* E, por último, estarão aqueles resgatados do pecado e da morte durante o Milênio, cuja lealdade terá sido plenamente comprovada na grande provação com a qual a era milenar se encerrará. ***Apocalipse 20:7-9***

Todas essas classes de levitas serão compostas por aqueles que foram provados e resistiram às provações de lealdade do coração. Isso não implica, entretanto, que aqueles que agora estão justificados pela fé, no sentido provisório, e que negligenciam ou se recusam a prosseguir e cumprir o *objetivo* do mandamento — o amor proveniente de um

---

*A reflexão posterior do autor é que certas passagens das Escrituras parecem ensinar que os *Antigos Virtuosos* não precederão, mas estarão em posição inferior à *grande multidão* durante o milênio; contudo, serão recebidos no espírito e receberão honras superiores ao final deste.

[F130]
coração puro — e que, portanto, receberem essa graça de Deus *em vão* não terão mais nenhuma oportunidade. Se, ao "calcularem o custo" da participação no serviço sacerdotal de sacrifício, recusarem a oferta, sua avaliação de um "serviço razoável" a Deus certamente não deve ser elogiada nem recompensada; mas tampouco sua imprudência mereceria justamente punição; caso contrário, o chamado à glória, à honra e à imortalidade não seria por graça, mas por necessidade — não um convite, mas uma ordem — não um sacrifício, mas uma obrigação. A caducidade ou anulação da sua justificação os mantém ainda como parte do mundo redimido, exatamente como eram antes de aceitarem Cristo pela fé, exceto que o aumento de seu conhecimento aumenta sua responsabilidade por agir corretamente. Em outras palavras, o julgamento para a vida ou a morte eterna, no momento presente, envolve apenas aqueles que, de livre e espontânea vontade, fazem uma consagração total de si mesmos ao Senhor "até a morte". O restante da humanidade ainda não está sob julgamento para a vida ou a morte eterna, e não estará até que o Reino Milenar tenha sido estabelecido. Entretanto, cada membro da humanidade está, na proporção de sua luz, construindo ou destruindo seu caráter e, assim, tornando suas condições milenares e suas perspectivas de vida eterna melhores ou piores, conforme obedeça ou desconsidere seu conhecimento e sua consciência.

Com os totalmente consagrados, porém, a questão é diferente. Por meio de sua consagração mais completa, *até a morte*, eles renunciam à vida terrena em sua totalidade, trocando-a pela vida espiritual, que será sua se forem fiéis até a morte — mas não de outra forma. Portanto, para esses, a deslealdade significará a morte — eterna; tão certamente quanto para os infiéis do mundo no fim do milênio.

Nenhum dos levitas possuía herança na terra de Canaã. Isso é significativo do fato de que, tendo tudo o que tinham consagrado ao Senhor e estando, no íntimo, em plena harmonia com a Sua justiça, as condições imperfeitas do tempo presente de pecado *não* são *a herança deles*. Canaã representava a condição de conflito do estado de provação; a conquista dos inimigos, a vitória sobre os males, etc., especialmente durante o milênio; mas Deus providenciou uma herança melhor, sem pecado e perfeita para todos aqueles que Ele *justifica* plenamente

como levitas antitípicos. Os primeiros a entrar nessa herança melhor serão os Sacerdotes, que constituirão a Primeira Ressurreição e serão aperfeiçoados à natureza divina; os "Antigos Virtuosos" virão em seguida e entrarão na herança perfeita por meio da ressurreição como seres humanos perfeitos;* a "grande multidão" será a próxima na ordem e será aperfeiçoada no plano do espírito; e, por último, a classe de Gershom, educada, elevada e testada durante o milênio, entrará em sua herança por meio dessa ressurreição gradual, ou elevação da morte para a vida, a ser plenamente alcançada no final do milênio.

Assim como somente os crentes que realizam a consagração ao máximo — "até a morte" — são gerados pelo espírito santo e considerados membros do Grande Sumo Sacerdote, assim também os tipos ilustrados; pois os levitas, em geral, não recebiam o óleo sagrado da unção, típico do espírito santo, mas apenas os sacrificadores, os sacerdotes. Todos estes eram aspergidos com o óleo misturado com sangue, para mostrar que o espírito santo concedido aos membros de Cristo lhes pertence somente em virtude do derramamento de sangue: (1) o sacrifício de Cristo Jesus em seu favor, justificando-os; e (2) seu compromisso de se unirem ao sacrifício de Cristo — entregando suas vidas a seu serviço. ***Êxodo 29:21***

A *unção* do Sumo Sacerdote era uma questão ainda diferente e representava a unidade, a solidariedade da Igreja escolhida; pois essa unção recaía apenas sobre aquele que iria oficiar como sumo sacerdote — inicialmente apenas sobre Arão; mas sobre cada um de seus filhos à medida que sucediam no ofício de sumo sacerdote "para me servirem *no ofício sacerdotal*". (***Êxodo 28:41; 40:13,15***) Cristo Jesus, nosso Senhor, como Cabeça da Igreja, que é o seu corpo, "foi ungido com o óleo da alegria [o espírito santo] *acima* [à frente de] seus companheiros" ou co-herdeiros, os membros subordinados do "Sacerdócio Real". Tudo isso foi derramado sobre ele, e "da sua plenitude [abundância] todos nós recebemos, e graça sobre graça". Foi um "dom inefável" o fato de termos sido perdoados e justificados pelo mérito de seu sacrifício; sim, é quase inacreditável que nós

---

*Veja nota de rodapé, página 129.

[F132]
sejamos chamados a ser nossos co-herdeiros no Reino e tenhamos nossa consagração "selada" com a aspersão do sangue e do óleo e estejamos sob a unção de nosso Cabeça.

O profeta Davi foi guiado pelo Senhor para nos dar uma descrição da Unção, e de como ela foi derramada sobre nossa Cabeça e deve descer até nós a partir dele. (***Sal. 133:1-3; 45:7***; ***Lucas 4:18***) Os membros da Igreja são os "irmãos" cujo espírito os impele a "viverem juntos em unidade". Todos os que são um com a Cabeça devem estar em simpatia com os demais membros de seu Corpo, a Igreja — e somente proporcionalmente recebem do espírito santo da Unção.* Esse óleo santo de unção representava o espírito santo e a iluminação que ele concede a todos aqueles que Deus aceita como membros probatórios deste Sacerdócio Real, a nova criação, cada um dos quais é "selado", ou marcado, ou indicado pelo espírito santo que lhe é concedido, como já foi mostrado.+

Todos os que *são* assim *marcados* pelo espírito santo como futuros membros da nova criação recebem a garantia do Senhor: "Eles não são do mundo, assim como eu não sou do mundo." "Eu vos escolhi [fora do mundo] e vos ordenei, para que vos saísseis e produzísseis fruto, e para que o vosso fruto permanecesse." "Se vocês fossem do mundo, o mundo amaria os seus; mas, como vocês não são do mundo, e eu os escolhi do mundo, por isso o mundo os odeia." (***João 15:16, 19; 17:16***) Embora essas *marcas* de santificação possam, até certo ponto, ser percebidas pelo mundo, não devemos, por isso, esperar que elas tragam a admiração ou a aprovação do mundo; mas, ao contrário, que ele considere essas evidências do espírito santo sobre as novas criaturas como evidências de fraqueza e efeminidade. O mundo aprecia e aprova o que designaria como uma vida robusta e vigorosa — não a justiça em excesso. Nosso Senhor nos explica por que o mundo não aprovaria seus seguidores; a saber, porque as trevas odeiam a luz — porque as

---

*Vol. V, Cap. IX.
+Ibid.

[F133]
padrão de seu Sacerdócio Real para o pensamento, a palavra e a ação seria mais elevado do que o padrão da humanidade em geral e, portanto, pareceria, em maior ou menor grau, condenar o curso de vida deles. O mundo deseja, antes, ser aprovado, ser lisonjeado; e tudo o que, em qualquer grau, lance má luz sobre ele é, nessa medida, evitado, se não combatido. Essa desaprovação por parte dos sábios mundanos da cristandade constitui parte do teste ao qual o Sacerdócio Real é submetido; e, se a consagração deles não for das mais sinceras, sentirão tanta falta da comunhão com o mundo e ansiarão tanto por sua aprovação que deixarão de realizar, com o espírito adequado, o sacrifício dos interesses terrenos que se comprometeram a fazer — deixarão de ser sacerdotes; portanto, deixarão de fazer parte da nova criação. No entanto, em virtude de suas boas intenções, o Senhor poderá conduzi-los através das provações ardentes, para a *destruição* da carne que eles não tiveram o zelo de *sacrificar*: assim, poderão ser considerados dignos de participar das bênçãos e recompensas da grande multidão que surgirá da grande tribulação para servir diante do trono, no qual o pequeno rebanho se assentará com o Senhor.

A santificação não tem apenas duas partes — a saber, a parte do homem, que é a consagração total, e a parte de Deus, que é a aceitação total —, mas possui, além disso, um elemento de progressão. Nossa consagração ao Senhor, embora deva ser sincera e *total* para que seja aceita por Ele, é, no entanto, acompanhada por uma quantidade relativamente pequena de conhecimento e experiência; devemos, portanto, crescer na santificação diariamente, à medida que crescemos em conhecimento. Nossos corações estavam cheios no início, tendo expulso toda a obstinação, mas a capacidade de nossos corações era pequena: à medida que crescem, à medida que se ampliam, a santificação deve acompanhar esse ritmo, preenchendo cada parte; assim, o Apóstolo exorta: “Sede cheios do espírito”; e ainda: “Que o amor de Deus seja derramado em vossos corações e abunde cada vez mais”. A provisão feita para esse alargamento de nossos corações está expressa nas palavras da oração de nosso Redentor por nós: “Santifica-os na tua verdade; a tua Palavra é a verdade.” ***João 17:17***

Foi a Palavra, ou mensagem de Deus, a “*sabedoria*” de Deus por meio de Cristo, que começou a se manifestar para nós de forma divina

[F134]
graça e que nos conduziu, passo a passo, até o momento da consagração; e agora é essa mesma Palavra, ou mensagem de Deus por meio de Cristo, que deve ampliar nossos corações, bem como enchê-los. Mas, embora couba a Deus fornecer a verdade que deve nos preencher e santificar, cabe a nós manifestar essa condição de coração consagrado, na qual teremos fome e sede dessa verdade santificadora — nos alimentaremos dela diariamente e, assim, seremos capacitados a crescer fortes no Senhor e no poder de sua força. Não basta que façamos uma consagração ao Senhor; ele não deseja meros candidatos à nova criação. Essas novas criaturas devem ser treinadas, disciplinadas e provadas a fim de que as diversas características de caráter sejam reveladas e desenvolvidas, e cada característica submetida a uma prova minuciosa de lealdade a Deus, garantindo assim que, sendo testadas e provadas em todos os aspectos, essas novas criaturas sejam consideradas fiéis àquele que as "chamou" e, assim, sejam consideradas dignas de entrar nas gloriosas alegrias de seu Senhor por meio da participação na Primeira Ressurreição.

Assim como essa justificação para a comunhão trouxe paz com Deus, também este próximo passo — a consagração plena ao Senhor de todos os interesses e assuntos da vida, de todas as esperanças e ambições, trocando as esperanças, ambições e bênçãos terrenas pelas celestiais oferecidas à nova criação — traz um grande e grandioso alívio, um grande descanso do coração, à medida que percebemos cada vez mais e nos apropriamos das promessas extremamente grandes e preciosas que Deus fez à nova criação. Essas promessas estão resumidas naquela que diz: "Todas as coisas contribuem para o bem daqueles que amam a Deus, dos chamados de acordo com o seu propósito." (***Rom. 8:28***) Esta é a Segunda Bênção no verdadeiro sentido dessa expressão. Não, porém, porque seja acompanhada por manifestações externas da carne, mas porque conduz nossos corações a um descanso profundo, a uma plena confiança em Deus, e permite que apliquemos de todo o coração a nós mesmos as promessas extremamente grandes e preciosas das Escrituras.

Devido às diferenças de temperamento, haverá, necessariamente, diferenças de experiência em relação a

[F135]
essa consagração plena. Para alguns, uma entrega total ao Senhor e a compreensão de seu cuidado especial por eles, como membros da futura Igreja dos escolhidos, trarão meramente uma paz satisfatória, um descanso do coração; enquanto que para outros, de natureza mais exuberante, trará uma efervescência de alegria, louvor e júbilo. Devemos lembrar-nos dessas diferenças de temperamento natural e ter compaixão por aqueles cujas experiências são diferentes das nossas, lembrando-nos de que diferenças semelhantes se manifestaram entre os doze apóstolos; que alguns — especialmente Pedro, Tiago e João — eram mais expressivos do que os outros no que diz respeito a todas as suas experiências — incluindo as de Pentecostes. Que os irmãos de disposição exuberante e efervescente aprendam a moderação que o Apóstolo ordenou; e que os irmãos que, por natureza, são um tanto frios e prosaicos, orem e busquem uma maior apreciação e maior liberdade para manifestar os louvores daquele que nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. Lembremo-nos de que Tiago e João, dois dos especialmente amados pelo Senhor, chamados de "filhos do trovão" por causa de seu zelo e impetuosidade, precisaram, pelo menos em uma ocasião, de admoestação e correção nesse sentido — para lembrarem-se do espírito que possuíam. (***Lucas 9:54,55***) O apóstolo Pedro, outro dos amados e zelosos, por um lado foi abençoado por seu pronto reconhecimento do Messias; contudo, em outra ocasião, foi repreendido como o adversário, devido a um zelo mal direcionado. No entanto, o Senhor demonstrou claramente sua apreciação pelo temperamento caloroso e ardente desses três, pelo fato de serem seus companheiros íntimos, os únicos levados com ele ao Monte da Transfiguração e à sala onde jazia a menina, filha de Jairo, a quem nosso Senhor despertou do sono da morte; e eles foram, também, seus companheiros especiais, um pouco mais próximos do que os demais, no jardim do Getsêmani. A lição que tiramos disso é que o zelo agrada ao Senhor e significa proximidade com Ele; mas que deve sempre reverenciar a Cabeça e ser guiado por Sua Palavra e o espírito.

[F136]

A santificação não significa perfeição humana, como alguns a interpretaram erroneamente: ela não altera a qualidade ou a ordem de nossos cérebros, nem remove milagrosamente as imperfeições de nossos corpos. É uma consagração ou devoção da *vontade*, que, por meio de Cristo, é aceita pelo Senhor como perfeita: é uma consagração do corpo ao sacrifício — "até a morte" — e esse corpo, como vimos, não se torna efetivamente perfeito por meio da justificação pela fé, mas meramente considerado perfeito de acordo com nossa vontade, nosso coração, nossa intenção. A nova vontade, como exorta o Apóstolo, deve procurar colocar cada poder, cada talento, cada oportunidade de seu corpo em plena harmonia com o Senhor, e deve procurar exercer uma influência na mesma direção sobre todos os homens com quem entra em contato. Isso não significa que, nos poucos e curtos anos — cinco, dez, vinte, cinquenta — da vida presente, ele será capaz de levar seu próprio corpo pobre e imperfeito (ou os corpos imperfeitos dos outros, dos quais ele é um exemplo) à perfeição. Pelo contrário, o Apóstolo nos assegura, a respeito da Igreja, que, na morte, ela é "semeada na corrupção, semeada na fraqueza, semeada na desonra, semeada como um corpo natural [imperfeito]"; e que somente na Ressurreição, quando nos forem dados novos corpos — fortes, perfeitos, gloriosos, imortais, honrosos —, é que teremos alcançado a perfeição que buscamos e que o Senhor promete que será nossa no futuro, se, neste tempo presente de fraqueza e imperfeição, manifestarmos a Ele a lealdade de nossos *corações*.

No entanto, a lealdade do coração ao Senhor significará um esforço contínuo para submeter toda a conduta de nossas vidas — sim, os próprios pensamentos e intenções de nossos corações — à vontade divina. (***Hb 4:12***) Esse é nosso primeiro dever, nosso dever contínuo, e será o fim de nosso dever, pois "esta é a vontade de Deus: a santificação". "Sede santos, pois eu [o Senhor] sou santo." (***1 Tess. 4:3***; ***1 Ped. 1:16***) A santidade absoluta deve ser o padrão que nossas *mentes* possam endossar de bom grado e plenamente e ao qual possamos nos adequar, mas ao qual nunca alcançaremos de fato e fisicamente enquanto estivermos sujeitos às fraquezas de nossa natureza caída e às tentações do

mundo e do adversário. Mas, dia após dia, à medida que somos "instruídos por Deus", à medida que alcançamos um conhecimento mais pleno de seu glorioso caráter e à medida que a apreciação desse caráter preenche cada vez mais nossos corações, a Nova Mente ganhará cada vez mais influência, força e poder sobre as fraquezas da carne, sejam elas quais forem — e essas fraquezas variam de acordo com os diferentes membros do corpo.

A verdadeira santificação do coração para com o Senhor significará diligência em seu serviço; significará a proclamação das boas novas aos outros; significará a edificação mútua na fé santíssima; significará que devemos fazer o bem a todos os homens sempre que tivermos oportunidade, especialmente à família da fé; significará que, dessas diversas maneiras, nossas vidas, consagradas ao Senhor, serão entregues pelos irmãos (***1º João 3:16***) dia após dia, oportunidade após oportunidade, conforme elas se apresentarem; significará que nosso amor pelo Senhor, pelos irmãos, por nossas famílias e, com compaixão, pelo mundo da humanidade, preencherá cada vez mais nossos corações à medida que crescemos em graça, conhecimento e obediência à Palavra Divina e ao Seu exemplo. No entanto, todos esses esforços em prol dos outros são meramente tantas maneiras pelas quais, pela providência do Senhor, *nossa própria santificação pode ser alcançada*. Assim como o ferro afia o ferro, nossas energias em prol dos outros trazem bênçãos para nós mesmos. Além disso, embora devamos chegar cada vez mais àquela grandiosa condição de amar o próximo como a nós mesmos — especialmente a família da fé —, a mola principal por trás de tudo isso deve ser nosso amor supremo pelo nosso Criador e Redentor, e nosso desejo de ser e fazer o que Lhe agrada. Nossa santificação, portanto, deve ser voltada principalmente para Deus e afetar, em primeiro lugar, nossos próprios corações e vontades; e, como resultado dessa devoção a Deus, encontrar sua manifestação em benefício dos irmãos e de todos os homens.

Santificado pela Verdade

Do exposto acima, fica evidente que a santificação que Deus deseja — a santificação essencial para alcançar

[F138]
de um lugar na nova criação — não será possível a ninguém, exceto àqueles que estão na escola de Cristo e que aprendem com ele — que são "santificados pela verdade". O erro não santificará, nem a ignorância. Além disso, não devemos cometer o erro de supor que toda a verdade tende à santificação: pelo contrário, embora a verdade em geral seja admirável para todos aqueles que amam a verdade e que, consequentemente, odeiam o erro, a palavra de nosso Senhor a respeito é que somente *"Tua* verdade" é que santifica. Vemos todo o mundo civil aparentemente correndo, perseguindo-se mutuamente e disputando pela verdade. Os geólogos ocupam uma parte do campo, os astrônomos outra, os químicos outra, os médicos outra, os estadistas outra, etc.; mas não constatamos que esses diversos ramos da busca pela verdade levem à santificação. Pelo contrário, constatamos que, via de regra, elas conduzem na direção oposta; e, em consonância com isso, está a declaração do Apóstolo de que "o mundo, pela sabedoria, não conhece a Deus" (***1 Cor. 1:21***). O fato é que, nos poucos e curtos anos da vida presente, e em nossa condição atual de queda, imperfeição e depravação, nossa capacidade é totalmente insuficiente para que valha a pena a tentativa de abranger todo o domínio da verdade em todos os assuntos; por isso, vemos que as pessoas bem-sucedidas do mundo são especialistas. O homem que dedica sua atenção à astronomia já terá mais do que pode suportar apenas para manter-se atualizado em sua área
— pouco tempo para geologia, química, botânica, medicina ou a mais elevada de todas as ciências: "*Tua* verdade" — o plano divino das eras. É tendo isso em vista que o Apóstolo, que era um homem bem instruído para sua época, aconselha Timóteo a "guardiar-se das filosofias humanas" (teorias e ciências) falsamente chamadas assim. A palavra ciência significa *verdade*, e o apóstolo, podemos ter certeza, não pretendia questionar a sinceridade dos cientistas de sua época, nem sugerir que fossem falsificadores intencionais; mas suas palavras nos levam a pensar — o que o curso da ciência atesta plenamente — que, embora haja alguma verdade ligada a todas essas ciências, as teorias humanas chamadas de ciências não são a verdade — não são absolutamente corretas. Elas são meramente as melhores suposições que os estudiosos mais atentos nessas áreas de estudo

[F139]
conseguiram apresentar; e estas — como a história mostra claramente
—de tempos em tempos se contradizem. Assim como os cientistas de cinquenta anos atrás repudiaram a ciência das épocas anteriores, também as deduções e os métodos de raciocínio destes, por sua vez, são repudiados pelos cientistas de hoje.

O apóstolo Paulo não era apenas um homem sábio e totalmente consagrado, além de membro do Sacerdócio Real — naturalmente mais qualificado do que muitos de seus companheiros para seguir bem os passos do grande Sumo Sacerdote —, mas, além disso, como um dos escolhidos "doze apóstolos do Cordeiro", ocupando o lugar de Judas, ele era objeto de orientação divina — especialmente no que diz respeito aos seus ensinamentos — designado pelo Senhor para ser um instrutor para a família da fé ao longo da era evangélica. As palavras de um exemplar tão nobre da fé, assim como o exemplo da sua consagração, devem ter grande peso para nós ao estudarmos o caminho no qual nós, como membros consagrados e aceitos do Sacerdócio Real, nos engajamos. Ele nos exorta a deixar de lado todo peso e todo pecado que nos aprisiona, e a correr com paciência a corrida que nos está proposta, olhando para Jesus, o autor da nossa fé, até que ele se torne o consumador dela. (***Hb 12,2***) E, como admoestação, ele nos apresenta suas próprias experiências, dizendo: "Esta única coisa faço". Descobri que minha consagração total ao Senhor não permite que meus talentos se dispersem em todas as direções, nem mesmo para o estudo de todas as verdades. A verdade da revelação de Deus, à medida que penetrou em meu coração e orienta cada vez mais meus talentos já santificados e consagrados, mostrou-me claramente que, se quero conquistar o grande prêmio, devo dedicar toda a minha atenção a ela, assim como aqueles que buscam prêmios terrenos dedicam toda a sua atenção a isso. "Esta única coisa faço — esquecendo as coisas que ficaram para trás [esquecendo minhas antigas ambições como estudante, minhas antigas esperanças como cidadão romano e homem com educação acima da média; esquecendo os encantos das diversas ciências e os louros que elas oferecem àqueles que seguem seus caminhos] e avançando para as coisas que estão à frente [mantendo o olhar da minha fé, esperança, amor e devoção

[F140]
focados na grandiosa oferta de ser co-herdeiro com meu Senhor na natureza divina e na grande obra do Reino para a bênção do mundo], corro em direção à meta para alcançar o prêmio do alto chamado." ***Fil. 3:13,14***

Emoção, não a santificação

Há muita confusão de pensamento entre os cristãos a respeito das evidências ou provas da aceitação do Senhor concedida aos fiéis sacrificadores desta era. Alguns esperam, equivocadamente, uma manifestação exterior, como a que foi concedida à Igreja no início, na bênção do Pentecostes.* Outros esperam por algumas sensações internas de alegria; essa expectativa, se não se concretizar, causa decepção e dúvidas para o resto da vida quanto à sua aceitação pelo Senhor. Suas expectativas baseiam-se, em grande parte, nos testemunhos de irmãos que experimentaram tal exuberância. É importante, portanto, que todos aprendam que as Escrituras em nenhum lugar nos dão base para tais expectativas: que "todos somos chamados na única esperança do nosso chamado", e que as mesmas promessas de perdão dos pecados passados, do sorriso do rosto do Pai, de seu favor que nos ajuda a correr e alcançar o prêmio que Ele nos oferece — graça suficiente para todo momento de necessidade — pertencem igualmente a todos os que se enquadram nas condições do chamado. O povo do Senhor difere amplamente, no entanto, na maneira como recebe toda e qualquer promessa, temporal ou espiritual, proveniente do homem ou de Deus. Alguns são mais voláteis e emotivos do que outros e, por isso, mais expressivos tanto na maneira quanto nas palavras ao descreverem as mesmas experiências. Além disso, o modo como o Senhor lida com seus filhos varia evidentemente até certo ponto. O grande Chefe da Igreja, nosso Senhor Jesus, quando, aos trinta anos de idade, fez uma consagração total de tudo o que possuía, até mesmo à morte, para cumprir a vontade do Pai, e quando foi ungido com o espírito santo sem medida, não recebeu, tanto quanto sabemos, nenhuma experiência exuberante. Sem dúvida, porém, ele estava cheio da consciência de que seu caminho

---

*Ver Vol. V, Cap. IX.

[F141]
era o caminho certo e adequado; de que o Pai o aprovava e de que teria a bênção divina, fossem quais fossem as experiências que isso pudesse significar. No entanto, em vez de ser levado ao cume da alegria, nosso Senhor foi conduzido pelo Espírito ao deserto; e suas primeiras experiências como nova criatura, gerada pelo Espírito, foram as de severa tentação. Foi permitido ao Adversário atacá-lo, e este procurou afastá-lo de sua devoção à vontade do Pai, sugerindo-lhe outros planos e experiências para realizar a obra que ele havia vindo fazer — planos que não o levariam a uma morte sacrificial. E assim acreditamos que seja com alguns dos seguidores do Senhor no momento da sua consagração e por algum tempo depois dela. Eles são assaltados por dúvidas e medos, sugestões do adversário, que questionam a sabedoria divina ou o amor divino quanto à necessidade de sacrificarmos as coisas terrenas. Não nos julguemos uns aos outros nessas questões, mas, se alguém puder se regozijar em um êxtase de sentimentos, que todos os outros que se consagraram de maneira semelhante se regozijem com ele em sua experiência. Se outro, tendo se consagrado, se encontrar em provação e profundamente atribulado, que os demais se solidarizem com ele e que também se regozijem, ao perceberem o quanto sua experiência se assemelha à de nosso Líder.

Aqueles queridos homens de Deus, João e Charles Wesley, sem dúvida eram eles próprios homens consagrados; e, no entanto, suas concepções sobre os resultados da consagração não só fizeram bem a alguns, mas, em certa medida, prejudicaram outros, ao criarem uma expectativa não bíblica que não podia ser realizada por todos e, portanto, por meio do desânimo, causaram mal a tais pessoas. Foi um grande erro da parte deles supor e ensinar que a consagração ao Senhor significava, em todos os casos, o mesmo grau de experiência exuberante. Aqueles nascidos de pais cristãos e criados sob as influências sagradas de um lar cristão, instruídos a respeito de todos os assuntos da vida de acordo com a fé de seus pais e com o ensinamento da Palavra de Deus, e que, nessas circunstâncias, sempre buscaram conhecer e cumprir a vontade divina, não deveriam esperar que, ao atingirem a idade da razão e se consagrarem individualmente ao Senhor,

[F142]

tenham a mesma alegria transbordante que poderia ser vivida por outra pessoa que, até aquele momento, tivesse sido um filho pródigo, um estranho, um forasteiro e alguém alheio às coisas sagradas. A conversão deste último significaria uma mudança radical e o reorientar para Deus de todas as correntes e forças da vida que antes se afastavam de Deus e se dirigiam para o pecado e o egoísmo; mas o primeiro, cujos sentimentos, reverência e devoção, desde a mais tenra infância, haviam sido devidamente direcionados por pais piedosos para o Senhor e sua justiça, não poderia sentir tal mudança abrupta ou revolução de sentimentos, e não deveria esperar nada desse tipo. Esses deveriam compreender que, como filhos de pais crentes, haviam estado sob o favor divino até o momento de sua responsabilidade pessoal, e que sua aceitação nesse momento significava um endosso total de sua lealdade passada a Deus e uma consagração plena de todos os seus talentos, poderes e influências ao Senhor, à Sua verdade e ao Seu povo. Esses devem compreender que sua consagração era apenas seu "serviço razoável"; e devem ser instruídos pela Palavra de que, tendo assim apresentado plenamente a Deus sua humanidade já justificada, podem agora apropriar-se, em um grau mais completo do que antes, das promessas extremamente grandes e preciosas das Escrituras — que pertencem apenas aos consagrados e a seus filhos. Se, além disso, lhes for concedida uma compreensão mais clara do plano divino, ou mesmo do início dele, devem considerar isso uma evidência do favor divino para com eles em relação ao alto chamado desta era evangélica, e devem regozijar-se com isso.

A expressão do apóstolo: "Andamos pela fé e não pela visão", é aplicável a toda a Igreja da era evangélica. O desejo do Senhor é desenvolver nossa fé — para que aprendamos a confiar nele onde não podemos percebê-lo. Com esse objetivo, ele deixa muitas coisas parcialmente obscuras, no que diz respeito à visão ou ao julgamento humano, com a intenção de que a fé seja desenvolvida de uma maneira e em um grau que seriam impossíveis se sinais e maravilhas fossem concedidos aos nossos sentidos terrenos. Os olhos do nosso entendimento devem ser abertos para Deus por meio das promessas de sua Palavra —

[F143]
por meio do discernimento e da compreensão da verdade — para nos trazer a alegria da fé nas coisas que ainda não se veem e que não são reconhecidas por nós naturalmente.

Até mesmo essa abertura dos olhos do nosso entendimento é um processo gradual, como explica o Apóstolo. Ele ora por aqueles que já estão na Igreja de Deus, chamados de "santos" ou consagrados, para que os olhos do seu entendimento sejam abertos, a fim de que possam compreender, juntamente com todos os santos (como ninguém mais pode compreender), cada vez mais as longitudes, larguras, alturas e profundidades do conhecimento e do amor de Deus. Esse pensamento, de que as bênçãos espirituais da nova criatura, que se seguem à sua consagração, não são tangíveis aos seus sentidos terrenos, mas meramente à sua fé, é ilustrado nas imagens do Tabernáculo — o véu externo do primeiro "Santo" ocultando seu conteúdo sagrado, típico de verdades mais profundas, até mesmo dos levitas (tipos dos justificados). Essas verdades só podiam ser conhecidas, ou apreciadas, por aqueles que entravam no Santo, como membros do Sacerdócio Real.*

A exuberância de sentimentos que surge em alguns devido ao temperamento não é raro que seja perdida por eles pela mesma razão; mas a experiência, a bênção e a alegria que eles podem ter perpetuamente, se continuarem a permanecer no Senhor, buscando seguir seus passos, são as *alegrias da fé* que as nuvens e as tribulações terrenas não podem ofuscar, e que, pela vontade divina, nunca serão obscurecidas em assuntos espirituais, exceto, talvez, por um momento, como no caso de nosso Senhor quando, na cruz, clamou: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste!" Como era necessário que o mestre, ao assumir o lugar do Adão condenado, provasse todas as experiências de Adão como pecador, por isso ele teve de passar por essas experiências, ainda que apenas por um momento. E quem dirá que tal momento de escuridão não poderia ser permitido até mesmo aos mais dignos dos seguidores do Cordeiro? Tais experiências, no entanto, certamente não seriam permitidas por muito tempo, e a alma que confiou no Senhor naquele momento de escuridão

---

*Ver **Sombras do Tabernáculo dos Melhores Sacrifícios**, p. 117.

seria ricamente recompensada pelo exercício da fé e da confiança quando a nuvem tivesse passado e a luz do sol da presença do Senhor voltasse a brilhar.

Uma causa diferente de escuridão perceptível é sugerida pelo poeta nos versos:

> "Ó! Que nenhuma nuvem nascida da terra surja Para te esconder dos olhos do teu servo!"

As nuvens que se interpõem entre os filhos de Deus plenamente consagrados e seu Pai Celestial e seu ancião geralmente têm origem terrena — são o resultado de permitir que os afetos se voltem para as coisas terrenas, em vez de direcioná-los para as coisas do alto; o resultado de negligenciar o voto de consagração; de deixar de nos dedicar e nos desgastar a serviço do Senhor; de dar a vida pelos irmãos ou de fazer o bem a todos os homens sempre que tivermos oportunidade. Nesses momentos, com nossos olhos desviados do Senhor e de Sua orientação, as nuvens rapidamente começam a se acumular e, em pouco tempo, a luz do sol da comunhão, da fé, da confiança e da esperança fica consideravelmente obscurecida. Esse é um momento de doença da alma, de inquietação. O Senhor, em Sua graça, permite tal aflição, mas não nos priva de Seu favor. O fato de Ele esconder Seu rosto de nós serve apenas para nos permitir perceber quão solitária e insatisfatória seria nossa condição se não fosse pela luz de Sua presença, que ilumina nosso caminho e faz com que todos os fardos da vida pareçam leves; como o poeta mais uma vez expressou o assunto:

> "Contente em contemplar seu rosto,
> Tudo o que tenho entregue ao seu
> prazer, Nenhuma mudança de
> estação ou de lugar Pode alterar meu
> estado de espírito;
> Enquanto abençoado com a sensação de
> seu amor, Um palácio pareceria um
> brinquedo;
> E prisões se tornariam palácios, Se
> Jesus ainda morasse comigo ali."

"Aquele que cura todas as tuas doenças"

"Bendize ao Senhor, ó minha alma, e não te esqueças de todos os seus benefícios; que perdoa todas as tuas iniquidades; que cura todas as tuas doenças; que redimiu a tua vida da destruição; que te coroa de benignidade e de misericórdias; que sacia a tua boca com coisas boas; de modo que a tua juventude se renova como a da águia." ***Salmos 103:2-5***

[F145]

Embora o Senhor permita que doenças como as que acabamos de mencionar atinjam as novas criaturas, Ele está pronto para curá-las quando elas assumirem a atitude correta de coração. O trono da graça celestial deve ser procurado para tal doença da alma — tal enfraquecimento da nova criatura — para que a vida espiritual, a vitalidade e a saúde possam retornar à luz do favor divino. A exortação do apóstolo é que "nos aproximemos com ousadia [corajosamente, com confiança] do trono da graça, para que possamos obter misericórdia e encontrar graça para socorro em tempo de necessidade." (***Hb 4:16***) Todas as novas criaturas têm experiências nesse sentido; e aquelas que são devidamente exercitadas por elas tornam-se cada vez mais fortes no Senhor e no poder de sua força, de modo que até mesmo seus tropeços e fraquezas — sua necessidade de clamar por ajuda e se apegar, pela fé, ao braço do Senhor — são meios de bênção espiritual para elas, pelos quais crescem de uma maneira que não seria possível se estivessem livres de provações e dificuldades, e se o Senhor não retirasse seu rosto resplandecente de seus corações quando se tornam frios, sobrecarregados ou negligentes em relação aos seus privilégios espirituais. Toda vez que a nova criatura sente a necessidade de buscar misericórdia e ajuda, ela tem um novo lembrete da necessidade da obra de expiação do Redentor — percebendo que o sacrifício de Cristo não só foi suficiente para os pecados do passado — para o pecado de Adão e para nossas falhas pessoais até o momento em que nos aproximamos do Pai pela primeira vez por meio do mérito do Filho — mas que, além disso, sua justiça, por meio de seu único sacrifício por todos, cobre todas as nossas falhas — mentais, morais e físicas — que não são nossas por vontade própria ou deliberadamente. Assim, a nova criatura tem um lembrete contínuo ao longo de sua jornada pelo caminho estreito de que foi comprada por um preço, a saber, o precioso sangue de Cristo; e suas experiências, mesmo em seus fracassos, estão continuamente aproximando-a do Senhor, na apreciação tanto de sua obra passada como redentora quanto de sua obra presente como Ajudador e Libertador.

Muitas Novas Criaturas, no entanto, ainda não aprenderam a lidar com essas enfermidades da alma e tendem a dizer a si mesmas: "Falhei novamente. Não posso me aproximar do trono da graça celestial até que tenha demonstrado

[F146]
ao Senhor minhas boas intenções ao conquistar uma vitória". Assim, elas adiam o que deveria ser seu primeiro passo. Buscando, com suas próprias forças, obter a vitória, e com suas mentes atormentadas por suas fraquezas anteriores, elas não estão em condições adequadas para "travar o bom combate da fé" nem contra a própria carne nem contra o adversário, e a derrota é quase certa; e com ela virá uma cessação gradual de recorrer ao Senhor e uma crescente submissão às nuvens que se interpõem e lhes ocultam o brilho do favor divino. Essas nuvens passam gradualmente a ser consideradas por eles como inevitáveis em *seu caso*.

Deve-se seguir o caminho exatamente oposto: assim que o erro de palavra, ato ou ação for reconhecido e o dano causado a outra pessoa for reparado na medida do possível, o trono da graça deve ser prontamente buscado — buscado com fé, sem duvidar de nada. Não devemos pensar que nosso Senhor deseja encontrar motivos para nos acusar, nem que esteja inclinado a nos julgar severamente; mas, ao contrário, devemos lembrar que sua bondade e misericórdia são tais que o levaram a providenciar a redenção *enquanto ainda éramos pecadores*. Certamente, depois de nos tornarmos seus filhos e termos sido gerados pelo espírito, e de estarmos buscando — por mais vacilantes que sejam nossos melhores esforços — andar em seus caminhos — segundo o espírito, não segundo a carne —, nessas circunstâncias, seu amor deve transbordar para nós ainda mais do que quando éramos "filhos da ira, assim como os outros". Devemos lembrar que, assim como um bom pai terreno tem misericórdia de seus filhos, assim também o Senhor tem misericórdia daqueles que o reverenciam. Devemos considerar nossos melhores amigos terrenos, sua simpatia, amor e compaixão, e traçar uma analogia, concluindo que Deus seria muito mais bondoso e fiel do que a melhor de todas as suas criaturas. Ele convida a essa fé, a essa confiança — e a recompensa. Todos os que tiveram fé suficiente para se aproximarem do Senhor inicialmente têm fé suficiente para se aproximarem dele dia após dia com suas provações, dificuldades e falhas, se assim o desejarem. Se permitirem que as nuvens se interponham e recusarem o convite da Palavra para se aproximarem do trono da graça em busca de paz e harmonia restaurada, acabarão sendo considerados indignos de um lugar entre a

[F147]
classe especial que o Senhor está selecionando: "O Pai busca aqueles que o adorem" — aqueles que tanto o amam quanto confiam nele. "Sem fé é impossível agradá-lo." "Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé." ***João 4:23***; ***Hb 11:6***; ***1º João 5:4***

É claro que há dificuldades no caminho, mas o Senhor provê as ajudas e os conselhos necessários, tanto em sua Palavra quanto nos irmãos que ele "coloca" no corpo exatamente para esse propósito. (***1 Coríntios 12:18***) É uma ajuda, por exemplo, perceber exatamente onde reside o erro da conduta mencionada — perceber que adiar nossa visita ao trono da graça para obter misericórdia, até que possamos trazer algo em nossas mãos para nos justificar, é demonstrar que não apreciamos plenamente a grande lição que, há séculos, Deus vem ensinando; a saber, que todos somos imperfeitos e que não podemos fazer as coisas que gostaríamos; portanto, era necessário que o Redentor viesse com o propósito de nos elevar. Aquele que procura justificar-se a si mesmo tenta o impossível, e quanto mais cedo ele aprender isso, melhor. Nossas contas com o Senhor devem ser feitas dia a dia; e se a dificuldade for considerável ou apenas leve, e o coração do consagrado for muito sensível e acostumado à comunhão contínua com o Senhor, ele encontrará uma bênção em recorrer ao trono da graça *prontamente*, assim que surgir qualquer dificuldade, sem esperar nem mesmo pelo fim do dia. Mas certamente nada deve ser deixado para a noite seguinte, quando o trono da graça está aberto para nós em todos os momentos; negligenciá-lo seria demonstrar uma disposição contrária àquela que a Palavra do Senhor inculca.

A dificuldade que alguns enfrentam é que, depois de se aproximarem do trono da graça, não percebem a bênção que buscam — o perdão dos pecados e a reconciliação com o Pai. Sua dificuldade pode ser uma das três seguintes:
(1) Pode ser que lhes falte fé; e, visto que a ação do Senhor no tempo presente se dá de acordo com a fé, nada pode ser obtido sem ela. "Seja feito conforme a tua fé." (2) A dificuldade pode ser que não tenham reparado o mal que cometeram e estão confessando; que não tenham

[F148]
não repararam o dano causado a outra pessoa; ou que, se a transgressão foi contra o Senhor, estejam buscando paz sem se confessarem a Ele e sem pedir Seu perdão. (3) Em não poucos casos desse tipo que observamos, a dificuldade tem sido que os suplicantes nunca fizeram uma *consagração* adequada ao Senhor; eles buscavam a paz e a alegria divinas e o brilho do favor — buscavam as bênçãos representadas pela luz do Candelabro de Ouro e pelos Pães da Presença do Tabernáculo, enquanto, na realidade, ainda estavam fora dessas coisas, fora da consagração — fora, portanto, do Sacerdócio Real — meros levitas que, até então, receberam em vão a graça ou o privilégio especial do tempo presente.

O remédio adequado para a falta de fé seria cultivá-la por meio do estudo da Palavra de Deus, meditando sobre Sua bondade passada e presente, e esforçando-se para compreender que Ele é misericordioso, "superando em abundância" o que poderíamos ter pedido ou pensado. O remédio para a segunda dificuldade seria um pedido de desculpas imediato, completo e sincero e, na medida do possível, a reparação do erro ou a compensação pelos danos, seguido de um retorno ao trono da graça com plena certeza da fé. O remédio para a terceira dificuldade seria fazer a consagração plena que o Senhor exige de todos aqueles que desejam desfrutar dos privilégios e arranjos especiais da era evangélica.

Outra classe de consagrados, mas espiritualmente enfermos, merece consideração. Esses, aparentemente justificados pela fé e sinceros em sua consagração, parecem fazer pouco ou nenhum progresso no controle de sua carne. De fato, em alguns casos, parece que sua fé na bondade e misericórdia de Deus, ao remover os freios do medo, os deixou um pouco mais expostos à tentação por meio das fraquezas da carne do que estavam no início — quando tinham menos conhecimento do Senhor. Esses têm experiências que são muito difíceis, não apenas para si mesmos, mas para toda a família da fé com quem entram em contato; suas vidas parecem ser uma sucessão de fracassos e arrependimentos, alguns relacionados

[F149]
a inconsistências financeiras, outras a transgressões morais e sociais.

Qual é o remédio para essa situação? Respondemos que eles devem ser claramente informados de que a nova criação não será composta por aqueles que se limitam *a fazer aliança* de abnegação e auto-sacrifício nas coisas terrenas e a não andar segundo a carne, mas segundo o espírito; mas por aqueles que, em virtude da fidelidade no esforço voluntário para *guardar* essa aliança, serão considerados vencedores por aquele que lê o coração. Eles devem ser instruídos de que o método adequado de proceder para todos os consagrados é que, tendo sido libertados pelo Filho, estejam tão ansiosos por alcançar todas as bênçãos inerentes ao favor divino, a ponto de se tornarem voluntariamente servos — submetendo-se a certas restrições, limitações e servidão no que diz respeito às suas palavras, sua conduta, seus pensamentos — desejando ardentemente do Senhor, em oração, a ajuda que Ele lhes prometeu, expressa em Suas palavras ao apóstolo: "A minha graça te basta; a minha força se aperfeiçoa na fraqueza." Sempre que perceberem que transgrediram, não devem apenas reparar o dano causado aos ofendidos, mas também confessar-se ao Senhor e, pela fé, obter o seu perdão — devem prometer maior diligência para o futuro e devem *aumentar as limitações de suas próprias liberdades* de acordo com as fraquezas constatadas por seu último fracasso.

Assim, vigiando e orando, mantendo vigilância sobre as ações e palavras da vida e levando "todo pensamento cativo" à obediência à vontade de Deus em Cristo (***2 Cor. 10:5***), certamente não demorará muito para que possam assegurar a si mesmos e também aos irmãos quanto à sinceridade de seus *corações*, e caminhar na vida com tanta circunspecção que todos possam discernir, não apenas que estiveram com Jesus, mas também que aprenderam com ele e buscaram e utilizaram sua ajuda para obter vitórias sobre suas fraquezas. Os casos desses irmãos ou irmãs se enquadrariam no que o Apóstolo denomina "andar desordenadamente" — não segundo o exemplo do Senhor e dos apóstolos. Em outro capítulo

[F150]
veremos a orientação do Senhor a respeito da maneira como aqueles que são fracos na carne e que trazem desonra e descrédito à causa do Senhor devem ser tratados pelos irmãos.

Observamos aqui, no entanto, que, enquanto derem evidência de arrependimento por seu caminho errado e um desejo sincero de seguir o caminho certo, além de fé e confiança contínuas no Senhor, devem ser considerados irmãos — por mais necessário que seja restringir a comunhão com eles até que tenham dado alguma demonstração externa e tangível do poder da graça em seus corações no controle de suas fraquezas carnais. No entanto, eles ainda devem ser encorajados a acreditar que o Senhor é muito misericordioso para com aqueles que confiam nele e que, no íntimo, desejam seus caminhos, embora não possam ser encorajados a esperar que algum dia sejam considerados dignos da classe dos vencedores, a menos que se tornem tão fervorosos em seu zelo pela justiça que sua carne mostre alguma evidência considerável de sua submissão à Nova Mente.

Vimos alguns dos consagrados do Senhor em uma condição de carência e privação — desejando ardentemente a plenitude da comunhão com ele, mas carecendo da instrução necessária sobre como alcançá-la e mantê-la. É verdade que possuíam a Bíblia; mas sua atenção foi desviada dela e aprenderam a confiar mais em mestres e catecismos, etc., seguindo as tradições dos homens e não a Mente ou o Espírito de Deus, e, portanto, careceram do devido alimento espiritual. O resultado foi que se sentiram insatisfeitos com o formalismo e, ainda assim, não sabiam como se aproximar do Senhor com todo o coração, pois desconheciam a sua bondade e as riquezas da sua graça em Cristo Jesus, bem como o grandioso plano de salvação para o mundo no futuro, nem o chamado da Igreja para a Nova Natureza. Essa condição de carência precisa, antes de tudo, do puro "leite sincero da Palavra" e, posteriormente, do "alimento sólido" da revelação divina. Esses queridos não devem ser desprezados nem negligenciados, mesmo que, após perceberem o

[F151]
vazio do cristianismo institucional em geral, tenham se inclinado a buscar outra coisa para saciar a fome de seu coração — algo como entretenimentos mundanos, etc. Conhecemos alguns dessa classe que haviam se acomodado em uma aparente indiferença às coisas espirituais, após terem tentado em vão, em várias direções, encontrar alguma satisfação para a alma; mas, ao receberem a "Verdade Presente", floresceram nas graças espirituais e no conhecimento de maneira notável. Acreditamos que haja muitos outros assim nas diversas denominações, e que seja privilégio daqueles que receberam a luz da Verdade Presente estender-lhes uma mão amiga para tirá-los das trevas para a luz maravilhosa; da fome espiritual para uma superabundância de graça e verdade. Mas, para sermos usados pelo Senhor na bênção a essas pessoas, é necessário que tanto a sabedoria quanto a graça do alto sejam buscadas na Palavra, e que elas sejam exercidas com bondade, fidelidade e persistência.

A justificação provisória precede a santificação

Observamos que a justificação provisória não é meramente um assentimento mental ao fato de que Cristo morreu como Redentor do homem e que certas bênçãos de reconciliação com Deus foram, assim, asseguradas para a humanidade, mas que, além disso, para se tornar um crente justificado, está implícito um certo grau de *consagração*. Tal justificação implica o reconhecimento de que o pecado é extremamente pecaminoso (***Rom. 7:13***) e o desejo de abandonar o pecado — de se libertar tanto de seu poder quanto de suas penalidades —, um desejo, portanto, de ser justo em harmonia com o Criador justo e de acordo com todas as leis da justiça. Implica, além disso, que o crente tenha decidido, *com* sua mente e sua vontade, *seguir a justiça* em todos os aspectos da vida. A fé em Jesus, acompanhada por tal consagração, confere uma justificação provisória, mas não implica sacrifício. Deus tem o direito de exigir que todas as suas criaturas aprovem a justiça e odeiem a iniquidade, ou então se considerem estranhos a ele — seus inimigos. Mas Deus não exige que *sacrifiquemos* nossas vidas a seu serviço,

[F152]
nem por qualquer outra causa. O sacrifício, portanto, é apresentado nas Escrituras como um ato voluntário — não exigido pela lei, ainda que seja, como declara o apóstolo, um "serviço razoável", e ele nos exorta: "Rogo-vos, pois, irmãos, pela misericórdia de Deus, que apresenteis os vossos corpos como um sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o vosso culto racional." ***Rom. 12:1***

Para alguns, a consagração ao sacrifício pode ocorrer logo após terem alcançado a fé no Senhor e o desejo de andar em seus caminhos de justiça; mas ela deve vir em seguida, não pode precedê-los, pois, como já vimos, precisamos estar pelo menos provisoriamente justificados pela fé antes de podermos ter qualquer relacionamento com Deus, seja qual for, ou desfrutar de comunhão com ele em qualquer sentido. Para outros, essa condição de justificação é alcançada e mantida algum tempo antes mesmo de se pensar em uma consagração *completa*, ou no sacrifício dos interesses terrenos ao Senhor e à Sua causa. Mas, nas condições atuais, aqueles que começam a trilhar o caminho da justificação, o caminho da retidão, o caminho da harmonia com Deus, não irão muito longe nesse caminho antes de encontrarem oposição, seja de dentro, seja do mundo, seja do adversário.

Eles descobrem que o caminho da retidão é gradualmente ascendente, tornando-se mais íngreme, mais difícil. Continuar por esse caminho da retidão, em meio às atuais condições pecaminosas, acabará por exigir o *sacrifício* de interesses terrenos, ambições terrenas, amizades terrenas etc. Aqui se chega à bifurcação: o caminho ascendente, que leva à glória, à honra e à imortalidade, só pode ser trilhado por um portão humilde de humildade, abnegação e auto-sacrifício. Uma vez trilhado, descobrir-se-á que é um caminho acidentado, no qual, contudo, os espíritos ministradores invisíveis ajudam os peregrinos; e no qual as promessas graciosas de Cristo, o Guia, resplandecem aqui e ali para seu encorajamento, assegurando graça suficiente e ajuda até o fim da jornada; e a perseverança revelará que todas as coisas conspiram para o seu bem maior, sua adesão definitiva à nova criação e sua participação na obra gloriosa do Reino milenar.

[F153]
Nesse portão, que simboliza *a consagração total*, até mesmo ao sacrifício, muitos crentes provisoriamente justificados permanecem por um breve momento, avaliando o custo antes de entrar, ouvindo a voz do convite da Palavra e fortalecendo seus corações para empreender a jornada sob suas boas garantias.

Fora desse portão, há inúmeros caminhos secundários, pelos quais muitos que chegaram até aqui buscaram um caminho mais fácil para a glória, a honra e a imortalidade — mas tudo em vão. Existem centenas desses caminhos secundários: alguns subindo um pouco e implicando uma certa dose de abnegação; outros cedendo e descendo cada vez mais em direção às bênçãos e perspectivas do mundo. Em nenhum desses caminhos secundários, porém, encontram-se as promessas inspiradoras que pertencem apenas àqueles que entram pelo portão humilde do sacrifício — pelo "caminho estreito" da comunhão com seu Senhor, na renúncia às ambições terrenas para alcançar a associação íntima com Cristo Jesus na glória que se seguirá.

A alegria e a paz surgem a partir do momento da fé no Senhor, da aceitação de sua expiação e da determinação de seguir a retidão e evitar o pecado. Essa alegria e paz são plenas até que se alcance o portão humilde que conduz ao caminho estreito; mas quando a busca pela retidão envolve abnegação e auto-sacrifício, e esse sacrifício não é feito, e o portão humilde não é atravessado, a alegria e a paz do favor divino ficam ofuscadas. Elas não serão, contudo, inteiramente retiradas por um tempo, enquanto o crente sincero busca outras maneiras de servir à retidão, ainda amando-a e ainda valorizando o favor divino, mas recuando e recusando-se a entrar nela por negligência. A plenitude da alegria e da paz não pode ser a parte desses, pois, o tempo todo, eles percebem que uma consagração total de todas as suas forças ao Senhor seria apenas um "serviço razoável", um reconhecimento racional e uma retribuição pelos favores divinos já recebidos no perdão dos pecados.

Muitos permanecem por longos anos nessa atitude, enquanto outros se desviam pelos caminhos do mundo. Nenhum deles chega a se tornar

[F154]
candidatos à nova criação, a menos que entrem pelo portão humilde do auto-sacrifício. O Senhor, por um tempo considerável, não os priva desses privilégios especiais, concedidos a eles apenas com o objetivo de conduzi-los ao portão humilde; no entanto, ao se recusarem a entrar por ele, eles praticamente confessam que "receberam a graça de Deus [o perdão dos pecados e a condução até este portão] em vão"; pois, tendo chegado a essa condição, recusam-se ou negligenciam valer-se da "única esperança de nosso chamado". O Senhor poderia dizer adequadamente a tais pessoas: "Retiro de vocês, de imediato, todos os privilégios especiais de qualquer natureza. Vocês não eram mais dignos do meu favor do que o restante do mundo, e terão os mesmos privilégios e oportunidades que pretendo conceder a toda a humanidade durante a Era Milenar; mas nenhum outro privilégio especial, misericórdia, cuidado, atenção etc. da minha parte nesta vida, nem preferência na vida futura — mas ele não faz isso de imediato e tem muita paciência com muitos.

As promessas extremamente grandes e preciosas da Palavra do Senhor — tais, por exemplo, como aquelas que nos asseguram que "todas as coisas contribuem para o bem daqueles que amam a Deus" — se aplicarão apenas àqueles que foram favorecidos por Deus e conduzidos ao humilde portão do auto-sacrifício, e que nele entraram de bom grado, pois somente esses *amam* a *Deus* no grau supremo — mais do que a si mesmos. "Todas as coisas lhes pertencem, pois são de Cristo e Cristo é de Deus." Eles entraram na escola de Cristo, e todas as instruções, encorajamentos e disciplinas da vida com eles serão orientadas de acordo com isso, para sua preparação definitiva para o Reino. Mas tais lições, instruções e bênçãos não são para aqueles que se recusam a entrar na escola — que se recusam a submeter sua vontade à do grande Mestre.

A rigor, aqueles que recebem a graça de Deus em vão não têm fundamento adequado para se aproximarem do Senhor, nem mesmo em oração; pois por que alguém deveria esperar cuidados especiais e privilégios especiais do Senhor ao negligenciar a devida retribuição pelas bênçãos já recebidas? Se ele argumentasse que, por já ter recebido uma bênção do

[F155]
o Senhor para a sabedoria e a justificação provisória, o Senhor estaria obrigado a conceder-lhe mais misericórdias? Não deveria ele, ao contrário, raciocinar que, tendo recebido essas bênçãos do Senhor além do favor geral até então concedido à raça redimida, ele já recebeu mais do que lhe cabia?— que, ao deixar de seguir em harmonia com a vontade do Senhor, ele deveria, ao contrário, esperar que novas misericórdias e favores divinos fossem direcionados para além dele, para aqueles que até então não haviam sido tão grandemente privilegiados e que, portanto, não haviam desprezado na mesma medida a oferta graciosa do Senhor? Mas o Senhor é muito compassivo e de grande misericórdia e, portanto, podemos esperar que, enquanto alguém permanecer na atitude de fé, o Senhor não o rejeite totalmente.

Qual seria o remédio para aqueles que se encontram nessa atitude e desejam pertencer plenamente ao Senhor e reivindicar plenamente seus favores? Respondemos que seu caminho deve ser o de fazer uma consagração total de si mesmos ao Senhor, entregando-Lhe sua vontade em relação a todas as coisas — seus objetivos, suas esperanças, suas perspectivas, seus recursos e até mesmo seus amores terrenos devem ser todos entregues ao Senhor; e, em troca, devem aceitar, como lei de seu ser e regra para a conduta futura, a orientação de Sua Palavra, de Seu Espírito e de Sua Providência; certos de que isso lhes trará, não apenas resultados mais gloriosos no que diz respeito à vida futura, mas também maiores bênçãos para o coração na vida presente.

Como devem fazer isso? Respondemos que isso deve ser feito de todo o coração, com reverência, em oração — o pacto deve ser feito definitivamente com o Senhor e, se possível, em voz alta; e a graça, a misericórdia e a bênção divinas devem ser solicitadas, como assistência necessária para a realização desse sacrifício.

E o que deve ser feito se houver alguém que esteja “buscando a Deus”, mas ainda não se sinta totalmente pronto para fazer essa entrega completa à Sua vontade? Respondemos que devem recorrer ao Senhor em oração a respeito do assunto e pedir Sua bênção sobre o estudo da Verdade, para que sejam capacitados, cada vez mais, a compreender, em primeiro lugar, a razoabilidade do serviço; em segundo lugar,

[F156]
a certeza da bênção que daí resultará; e, em terceiro lugar, Sua fidelidade em cumprir todas as promessas graciosas de ajuda e força feitas à classe abnegada. Devem pedir também que o Senhor lhes permita ponderar e valorizar corretamente as coisas terrenas — para que sejam capazes de perceber e, se necessário, experimentar, quão transitórias e insatisfatórias são todas as coisas ligadas ao egoísmo do tempo presente, e aquelas coisas pelas quais a mente natural anseia — para que possam, assim, fazer uma consagração e apreciar o privilégio de fixar suas afeições nas coisas do alto e não nas coisas da terra, e de sacrificar estas últimas em prol das primeiras.

Surge aqui outro ponto: tendo em vista o fato de que o "alto chamado" está encerrado e que, portanto, aquele que se consagra não poderia ter plena certeza de uma oportunidade de alcançar o prêmio da nova natureza e sua glória, honra e imortalidade — que diferença isso faria no que diz respeito à consagração? Respondemos que isso não deveria fazer diferença: a consagração é, de qualquer forma, o único caminho razoável e adequado para o povo do Senhor — a consagração plena será exigida daqueles que desejam viver e desfrutar das bênçãos da Era Milenar — nada menos do que isso. Quanto às oportunidades e recompensas a serem obtidas: já apontamos que, a nosso entender, muitos ainda serão admitidos aos privilégios do "alto chamado", para ocupar os lugares de alguns que já se tornaram consagrados, mas que não "correrão de modo a alcançar" o prêmio e, portanto, serão excluídos da corrida. Mas ninguém, podemos ter certeza, será admitido a esses privilégios a menos que primeiro tenha entrado por essa porta estreita da consagração e do sacrifício.

Provavelmente, tem sido verdade para todos os que entraram pela porta estreita que eles não viram claramente nem compreenderam plenamente as grandes e ricas bênçãos que Deus tem reservadas para sua fiel nova criação; eles simplesmente viram, a princípio, o serviço razoável e, posteriormente, aprenderam mais a respeito das extensões, larguras, alturas e profundidades da bondade de Deus e de seus privilégios de alto chamado. Assim também acontece com aqueles

[F157]
que agora estão entrando: eles não podem apreciar plenamente as coisas celestiais e espirituais até que, primeiro, tenham alcançado o ponto de realizar seu serviço razoável na plena consagração. E podemos ter certeza de que qualquer um que se consagre e realize um sacrifício total de si mesmo em prol da causa do Senhor, após a conclusão da classe celestial, descobrirá que o Senhor ainda tem muitas bênçãos de outro tipo para conceder; e que todas as suas bênçãos são destinadas a tais consagrados e abnegados. Possivelmente, eles poderão ser incluídos entre os antigos dignos que possuíam a disposição sacrificial que agrada a Deus, antes do início do "alto chamado".

Visões Errôneas sobre a Santificação

Considerando a confusão geral de pensamento prevalecente entre os cristãos no que diz respeito ao plano divino, bem como à justificação e à santificação exigidas nas Escrituras, não é de se admirar que prevaleça uma confusão considerável. Uma visão errônea — defendida, no entanto, por uma proporção relativamente pequena do povo do Senhor, mas que lhes causa grande prejuízo — é a alegação de santidade e perfeição *reais*, representada às vezes na afirmação de seus adeptos de que "não pecam há anos", etc. Esses encontram seus paralelos nos fariseus da época de nosso Senhor, que "confiavam em si mesmos, achando-se justos, e desprezavam os outros" e que, sentindo essa autojustiça, negligenciavam os privilégios e as misericórdias que lhes foram concedidos pelo Senhor em sua obra redentora.

Esses chamados "Povo da Santidade" e "Povo Sem Pecado", no entanto, têm suas mentes desviadas, em grau considerável, por esse erro, afastando-se da fé no Senhor — fé em sua obra redentora — confiança no mérito de seu sacrifício, etc.; pois por que deveriam confiar em seu mérito ou graça se podem e de fato cumprem a lei divina perfeitamente? Uma das dificuldades que os levam a essa posição é a falta de reverência pelo Senhor, e outra é uma autoestima excessiva. Uma reverência adequada pelo Senhor levaria a reconhecer sua grandeza, sua majestade e,

[F158]
como seu padrão de santidade, a perfeição de seu próprio caráter; e uma avaliação adequada de si mesmos os convenceria rapidamente (assim como convence outros) de que estão muito aquém do padrão divino em palavras, em atos e em pensamentos.

Outra categoria dos chamados "Pessoas da Santidade" não chega ao mesmo extremo nessa questão de alegar a ausência de pecado, mas, reconhecendo a imperfeição, reivindicam a santidade, a consagração completa etc., com base na busca por evitar o pecado — viver sem pecado etc. Como já demonstrado, concordamos plenamente com a ideia de que todos os verdadeiramente consagrados devem procurar evitar o pecado na medida de suas possibilidades. O erro daqueles a quem estamos criticando é que consideram que essa prevenção do pecado é o único objeto e propósito da sua consagração. Eles entenderam mal a questão por completo: nenhuma criatura de Deus jamais teve o direito de pecar; e, portanto, abster-se do pecado — daquilo que não tinha o direito de fazer — não poderia, em nenhum sentido próprio, ser chamado ou considerado um "*sacrifício*". A Palavra de Deus em nenhum lugar nos exorta a sacrificar os pecados. Esses queridos amigos, que não vão além da consagração para evitar o pecado, chegaram apenas até onde todos os justificados devem chegar; e ainda não entraram pela porta estreita do auto-sacrifício, que significa abrir mão daquilo que é *certo*, *lícito* e *adequado* — a renúncia voluntária a essas coisas para que possamos servir melhor ao Senhor e à sua causa.

Cristo nos proporcionou a redenção

A palavra redenção é usada aqui no sentido de libertação, salvação, como o desfecho da obra redentora — o resultado de um resgate ou de um preço correspondente pago. O pensamento contido na palavra nos leva até o fim completo da vitória da Igreja, a condição de pleno nascimento da nova criação — embora, em nosso texto, ela possa muito apropriadamente ser aplicada também às libertações intermediárias e incidentais dos fiéis ao longo de todo o caminho estreito, culminando na salvação "até o fim" na glória, honra e imortalidade da Primeira Ressurreição.

[F159]

O Apóstolo nos assegura que o sacrifício de nosso Senhor nos proporcionou a "redenção eterna", consumando uma libertação perpétua da escravidão ao pecado e de sua pena — a morte. (***Hb 7:25; 9:12***) É verdade que essa redenção é para o mundo inteiro; e nosso Senhor, no fim das contas, garantirá a todos os que se harmonizarem com os requisitos divinos uma *redenção eterna* tanto do pecado quanto de sua pena — a morte; mas, como já vimos*, essa libertação eterna, que na próxima era será aplicável a todo o mundo — ao levar todos ao conhecimento da verdade e sob o domínio do Reino de Deus —, é, no tempo presente, aplicável apenas à família da fé; e, dentre estes, apenas de forma completa àqueles que agora caminham com espírito de abnegação nas pegadas do Sumo Sacerdote como membros do "Sacerdócio Real". Sua "redenção eterna" do pecado e da morte ocorrerá como membros da nova criação, coroados de glória, honra e a imortalidade.

Examinemos alguns outros textos nos quais a mesma palavra grega *Apolutrosis* (libertação, salvação) é traduzida como redenção. Nosso Senhor, apontando-nos para a salvação que então nos será trazida por meio da Primeira Ressurreição, diz a alguns que vivem no fim dos tempos, os quais discernem certos sinais dos tempos: "Levantai vossas cabeças, pois *a* vossa *redenção* está próxima." (***Lucas 21:28***) O Apóstolo, dirigindo-se à mesma classe de novas criaturas, exorta-as, dizendo: "Não entristeçais o espírito santo de Deus, pelo qual estais selados para o dia da *redenção*." (***Efésios 4:30***) Nesses textos, também, não nos é feita referência à obra de redenção realizada no sacrifício de nosso Senhor, mas aos resultados dessa obra, tal como serão realizados no aperfeiçoamento da Igreja — que é o seu corpo — na Primeira Ressurreição. Na mesma epístola (***1:7***), o apóstolo declara: "Temos a redenção pelo seu sangue". Ele se refere aqui, evidentemente, às bênçãos das quais desfrutamos no tempo presente por meio dos méritos do sacrifício de nosso Senhor, que cobrem nossas imperfeições e operam para

---

* *"Sombras do Tabernáculo dos Melhores Sacrifícios"*, p. 90.

[F160]
nós um peso de glória muito mais excelente e eterno, operando em nós o querer e o fazer segundo o bom prazer de Deus. O pensamento que gostaríamos de enfatizar é que Cristo se tornou para nós *a libertação* no tempo presente — dando-nos a vitória nos conflitos atuais, assim como, no fim, nos dará a vitória completa, tornando-nos perfeitos à sua própria semelhança.

Essa ideia é ainda mais destacada pelo mesmo autor, que nos assegura (***Rm 3,24***) que a graça de Deus nos justificou gratuitamente (e continua a manter nossa justificação enquanto permanecemos em Cristo) "pela redenção que há em Cristo Jesus", e que alcançará sua consumação, no que nos diz respeito, quando formos transformados à sua imagem, e o vermos como ele é, e compartilharmos de sua glória no dia da redenção (libertação). Na mesma epístola (***8:23***), o apóstolo fala novamente da consumação de nossa redenção ou libertação, e de como devemos aguardá-la até o tempo determinado por Deus. Depois de nos chamar a atenção para o fato de que "toda a criação geme e sofre dores de parto... aguardando a manifestação dos filhos de Deus [a nova criação glorificada]", ele acrescenta: "e não somente ela, mas também nós mesmos [chamados e gerados para a nova criação], que temos a primícia do espírito, até nós mesmos gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção, a saber, a *redenção* [libertação] do nosso corpo" — o corpo de Cristo, a Igreja, da qual Jesus é a Cabeça e nós, os futuros membros. Esse será o fim da obra redentora em relação a nós; pois, embora compartilhemos muitas bênçãos e vantagens por meio da redenção nesse meio tempo, não alcançaremos nossa redenção na plenitude até então. ***Rm 8,20-23***

Quanto à nossa condição atual — a participação na redenção que já é nossa —, nosso Senhor declara: "Quem crê em mim tem a vida eterna" (***João 6:47***), e o apóstolo também: "Quem tem o Filho tem a vida." (***1º João 5:12***) Não devemos entender essa crença como meramente um assentimento mental a alguns fatos relacionados ao plano divino de salvação, mas como uma fé na expiação e na conduta em conformidade com sua oposição ao pecado — uma fé viva que se manifesta na obediência do coração. Da mesma forma, não devemos

[F161]
não devemos entender que os crentes *tenham* vida eterna no sentido pleno da palavra — no sentido de que ela lhes pertencerá eventualmente, por meio da participação na Primeira Ressurreição. Em vez disso, devemos entender que os crentes consagrados são gerados para uma vida nova, têm a nova vida iniciada neles, no sentido de que suas vontades são aceitas por Deus como o início das novas criaturas que eles serão na Primeira Ressurreição.

Devemos entender essas afirmações em plena harmonia com a declaração do Apóstolo de que "somos salvos pela esperança" — pela fé — considerados salvos, não completamente salvos. Por isso, devemos esperar com paciência pela conclusão da boa obra que Deus começou em nós — esperar pela "graça [salvação] que vos será trazida na revelação de Jesus Cristo" — "quando ele vier para ser glorificado em os santos". ***2 Tess. 1:10***; ***1 Ped. 1:13***

A redenção (libertação) que está em Cristo Jesus —aquela da qual desfrutamos agora, bem como aquela que, em devido tempo, será consumada em nós—é identificada em toda a Escritura com o sacrifício que nosso Senhor fez em nosso favor. Enquanto sua morte constituiu o preço de nossa pena, sua ressurreição foi essencial; pois um Salvador morto não poderia ajudar os redimidos a recuperar o que havia sido perdido. E as próprias experiências de nosso Senhor em relação ao sacrifício, temos a certeza, o qualificam ainda mais para a grande obra de libertar a criação que geme, resgatada pelo seu sangue. O apóstolo declara: "Pois, tendo ele mesmo sofrido ao ser tentado, é capaz de socorrer aqueles que são tentados" — capaz de libertá-los das tentações que, de outra forma, poderiam dominá-los. "Ele não permitirá que sejamos tentados além do que podemos suportar, mas, com a tentação, providenciará uma saída." Ele pode permitir que tropecemos, mas, enquanto confiarmos nele, não permitirá que sejamos totalmente abatidos — que caiamos na Segunda Morte. ***Hb 2,18***; ***1 Cor 10,13***

Permitir que tropecemos pode ser, às vezes, o meio que Ele usa para nos ensinar lições valiosas a respeito de nossas próprias fraquezas e de nossa necessidade de olhar para Ele como nosso Pastor, bem como

[F162]
nosso redentor, e de sentir nossas próprias fraquezas, para que, assim, possamos nos tornar fortes no Senhor e no poder de sua força. Ele nos é apresentado como nosso Sumo Sacerdote, capaz de ser tocado por compaixão por nossas fraquezas, ao mesmo tempo em que possui pleno poder para nos socorrer na hora da tentação. Ele é especificamente mencionado como tendo "compaixão pelos ignorantes e pelos que estão desviados" e como sendo capaz de salvar "até o fim" aqueles que se aproximam do Pai por meio de sua intercessão e que continuam a permanecer nele com fé viva, o que implica obediência na medida de suas capacidades. Assim, devemos nos alegrar em nosso redentor como um Salvador presente, Libertador, bem como o futuro Libertador do túmulo, por meio da ressurreição — o Consumador da nossa fé. ***Hb 2:17,18; 4:15,16; 5:2; 7:25,26***

"Ó Deus da nossa salvação,
Nosso Redentor de todo
pecado,
Tu nos chamaste para uma posição
Que jamais poderíamos
conquistar por mérito próprio.
Ó! Nós te louvamos,
Enquanto nos esforçamos para entrar.

"Nas pegadas de nosso Salvador,
nos esforçaremos diariamente
para caminhar;
E a hostilidade do mundo estranho
Não fará senão nos levar à nossa
Rocha.
Que suas águas
refrescam o teu rebanho cansado!

"Nós, com ele, levaremos a mensagem
Da graça de nosso Pai Celestial;
Mostraremos como Ele redimiu da
escravidão Toda a nossa raça perdida e
arruinada.
Ó! Que misericórdia
Brilha em seu rosto glorioso!"

[F163]

ESTUDO IV
A NOVA CRIAÇÃO PREDESTINADA

Visão Geral da Eleição — O Pensamento Correto — Nenhuma Prejuízo para os Não-escolhidos — Distinção entre "Escolhidos" e "Muito Escolhidos" — "Há um Pecado que Leva à Morte" — "É Coisa Terrível Cair nas Mãos do Deus Vivo" — A Grande Multidão — Suas Vestes Lavadas e Brancas no Sangue do Cordeiro — A Videira Escolhida e seus Ramos
— Várias eleições no passado — Nenhuma delas foi eterna — Jacó e Esaú como tipos — "Amei Jacó" — "A Esaú eu odiei" — Faraó — "Justamente para esse propósito eu te levantei" — Deus nunca coage a vontade — Faraó não é exceção a essa regra — "Deus endureceu o coração de Faraó" — A nação de Israel escolhida — "Que vantagem, então, tem o judeu? Muitas, em todos os aspectos" — Os escolhidos, "a nova criação" — Significado da "graça" — Ilustração de "os próprios do rei" — Predestinados "para serem conformados à imagem de Seu Filho" — "Os chamados segundo o Seu propósito" — Qualificações e características dos "chamados" — "Se Deus é por nós" — Parafraseando o argumento do apóstolo — Assegurando nosso chamado e nossa eleição — A pista de corrida — "Corro em direção à meta" — "Sabendo que foste escolhido por Deus".

A doutrina da eleição, tal como geralmente entendida, é muito repulsiva, cheia de parcialidade e injustiça; mas isso é resultado de um mal-entendido da Palavra divina sobre esse assunto. A eleição ensinada nas Escrituras, que nos esforçaremos por expor, deve ser reconhecida por todos como uma das mais grandiosas doutrinas da Bíblia — não apenas fundamentada na graça, mas também na justiça, na equidade — e totalmente imparcial. A visão errônea da eleição, resumidamente, é a de que Deus, tendo condenado toda a raça humana à tortura eterna, escolheu salvar de nossa raça apenas um "pequeno rebanho"
— permitindo que a vasta maioria mergulhasse em horrores indescritíveis aos quais a presciência divina os havia predestinado antes mesmo de sua criação. A Confissão de Westminster, que é a exposição mais elaborada dessa visão falsa que existe,

[F164]
declara especificamente que esse "pequeno rebanho escolhido" não deve ser considerado salvo por causa de qualquer mérito ou dignidade de sua parte, mas simples e exclusivamente pela vontade soberana de Deus.

O pensamento correto a respeito da eleição — a visão que mostraremos ser amplamente apoiada pela Bíblia — é o oposto disso: a saber, que *a morte* (e não a vida eterna em tormento) era a pena imposta à nossa raça e atingiu todos os seus membros por meio da desobediência de um único homem; que a graça de Deus, manifestada na redenção que está em Cristo Jesus, redimiu o mundo inteiro por meio de seu sacrifício, que foi a "propiciação [satisfação] pelos nossos [da Igreja] pecados; e não somente pelos nossos, mas *também pelos pecados do mundo* inteiro" (***1º João 2:2***). Deus escolheu que seu Filho unigênito tivesse o privilégio de redimir a humanidade ao custo de sua própria vida; e que, como recompensa, ele fosse altamente exaltado à natureza divina,* e que, por fim, "abençoasse todas as famílias da terra", despertando-as do sono da morte, levando-as ao conhecimento da verdade e auxiliando os dispostos e obedientes até a plena perfeição da vida humana e a bênçãos e condições superiores às do Éden.

Deus também escolheu que houvesse um número de "santos" sob o comando de seu Unigênito, como co-herdeiros com ele na glória, honra e imortalidade da nova criação, e na obra de abençoar a humanidade com a restauração humana. Esta era evangélica não teve como propósito abençoar e restaurar o mundo dessa forma, mas meramente chamar do mundo um pequeno rebanho para constituir os "escolhidos" de Deus — a fim de que enfrentassem provações e testes quanto à fé, ao amor e à obediência e, assim, "tornassem segura a sua vocação e eleição". (***2 Pe. 1:10***) Mas o chamado e a escolha desse "pequeno rebanho" *dessa maneira* não causam nenhum sofrimento nem prejuízo aos não escolhidos, que, de forma alguma, são ainda mais condenados por não terem sido chamados — por terem sido preteridos. Da mesma forma, a maioria da população deste país não é prejudicada nem condenada quando ocorre uma eleição

---

*Vol. V, Cap. V.

[F165]
realizada para cargos do governo e eles não estiveram entre os escolhidos. Assim como o objetivo das eleições terrenas é garantir pessoas adequadas para os cargos, a fim de abençoar o povo em geral com leis e administração sábias, da mesma forma a bênção que Deus dispôs não causa dano aos não-escolhidos, mas destina-se a ser uma bênção para todos eles — na medida em que os escolhidos constituirão os Juízes reais, os reis e sacerdotes da Era Milenar, sob cuja administração todas as famílias da terra serão abençoadas.

As Escrituras estão repletas de referências aos "escolhidos" e aos "muito escolhidos": a última expressão implica que a palavra "escolhido" pode ser entendida como se aplicando a todos aqueles que alcançam uma certa condição de relacionamento com Deus, na qual têm a esperança, ou perspectiva, da imortalidade, sendo membros da Igreja glorificada; embora também tenham a possibilidade de se afastar e, assim, deixar de pertencer à classe dos escolhidos. Em outras palavras, todos os membros da classe consagrada que aceitam o alto chamado de Deus para a nova criação são considerados *escolhidos* quando seus nomes são registrados no livro da vida do Cordeiro e quando lhes é atribuída uma coroa; mas, como a infidelidade pode levar ao apagamento desses nomes e à entrega de suas coroas a outros (***Apocalipse 3:5, 11***), eles deixariam então de pertencer à Igreja dos escolhidos. Os "muito escolhidos", ao contrário, significariam aqueles que, em última instância, alcançariam as bênçãos para as quais Deus chamou os fiéis na era evangélica — aqueles que "tornam segura a sua vocação e eleição" por meio da fidelidade aos termos e condições da mesma, mesmo até a morte.

Duas classes são destacadas nas Escrituras como aquelas que não tornam segura sua vocação e eleição. Uma dessas classes — que, no entanto, temos motivos para acreditar que não seja numerosa — não apenas perderá as recompensas dos escolhidos, mas, além disso, perderá a própria vida — na Segunda Morte. Esses são descritos pelo apóstolo João, que, ao falar sobre a classe da Igreja, diz: "Há um pecado que não leva à morte, [e] há um pecado que leva à morte; não digo que devais orar por ele." (***1º João 5:16***) Será inútil orar ou

ter esperança por aqueles que cometem o pecado que leva à morte. Esse pecado é descrito nas Escrituras como sendo um pecado contra o *espírito santo* de Deus — não por descuido nem por ignorância, mas como resultado da persistência naquilo que, pelo menos no início, era claramente reconhecido como errado; mas que, por causa da obstinação, tornou-se posteriormente um grave engano — o Senhor entregando os obstinados ao erro que eles preferiram à verdade. ***2 Tess. 2:10-12***

Os apóstolos Pedro e Judas mencionam essa classe quase com as mesmas palavras. (Veja ***Judas 11-16***; ***2º Pedro 2:10-22***.) Todos esses, em algum momento, ocuparam lugares entre os escolhidos na Igreja. (Nenhum deles é do mundo, que atualmente não está sob julgamento, mas cujo julgamento virá mais adiante, sob o Reino Milenar.) Esses, em vez de andarem segundo o espírito, seguindo os passos do Senhor, no caminho do sacrifício, estão "andando segundo suas próprias concupiscências [desejos]; e sua boca profere palavras pomposas, admirando as pessoas por causa do proveito" — são bajuladores por causa de seu egoísmo, estão distantes de sua aliança de consagração até a morte. (***Judas 16***) A descrição de Pedro sobre essa classe é ainda mais explícita. Ele declara que eram aqueles que haviam "escapado das impurezas do mundo pelo conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, e se envolveram novamente nelas e foram vencidos", como "o cão que volta ao seu próprio vômito, e a porca lavada que volta a se revolver na lama". Ele compara esses a Balaão, que abandonou os caminhos da justiça em troca de ganhos terrenos. Suas palavras sugerem que essa classe será encontrada principalmente entre os mestres da Igreja, e sobretudo no fim desta era, e que parte de seu curso maligno consistirá em "falar mal das autoridades" — daqueles a quem Deus honrou e "colocou" no corpo. ***2 Pedro 2:1, 10***

Na Epístola aos Hebreus, temos duas descrições dessa classe que se afasta — deixa de fazer parte dos escolhidos. Na primeira (***6:4-9***), o apóstolo parece apontar alguns que, depois de provarem o dom celestial e os poderes da era vindoura, depois de se tornarem participantes do espírito santo e de serem

[F167]
aceitos como membros da classe dos escolhidos, se desviam para o pecado — não por causa de uma fraqueza inevitável da carne e das seduções do adversário, mas por abandonarem voluntária e conscientemente a justiça. Esses, assegura-nos o apóstolo, será impossível renová-los para o arrependimento. Tendo recebido sua parte dos benefícios decorrentes do grande sacrifício de resgate e tendo escolhido desprezar o favor de Deus, esses esgotaram e abusaram de sua parte na expiação e, portanto, nada mais lhes resta; e, tendo assumido essa posição voluntariamente, os apelos da justiça doravante não terão mais efeito sobre eles.

Em outro capítulo (***10:26, 27, 31***), o Apóstolo descreve, aparentemente, outra categoria de pessoas que, em vez de se desviarem para um modo de vida pecaminoso e desonroso, se afastam *da fé* que as justificou e que é essencial para a manutenção de um relacionamento justificado com Deus. Em ambos os casos, percebe-se que é a *obstinação* que constitui a gravidade da ofensa: "Se pecarmos *voluntariamente* depois de termos recebido o conhecimento da verdade [depois de termos sido favorecidos por Deus em Cristo na medida da sabedoria, da justificação e da santificação], não resta mais sacrifício pelos pecados." O sacrifício que Cristo ofereceu em nome de todos foi pelo pecado original, o pecado adâmico e suas fraquezas hereditárias em nós, filhos de Adão. Nosso Senhor não pagou o resgate por qualquer pecado deliberado da nossa parte e, portanto, se pecarmos deliberadamente, não resta nenhuma porção do mérito original para ser aplicada em razão de nossas transgressões deliberadas. Seríamos obrigados a pagar a pena por nossos pecados deliberados. E se os pecados fossem de plena intenção ou deliberados, sem qualquer medida de fraqueza ou tentação que os compensasse, e se fossem cometidos depois de termos conhecimento claro de nossa posição e de nosso relacionamento com o Senhor, seria um pecado que leva à morte—a Segunda Morte— e não haveria nada pelo que esperar com esperança — apenas uma terrível expectativa de julgamento, sentença e indignação ardente que devorará todos os adversários de Deus — todos aqueles que se opõem conscientemente a Ele, à Sua justiça e ao Seu plano para garantir essa justiça

[F168]
por meio da redenção que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.

No versículo 29, o Apóstolo parece sugerir que se refere aqui àqueles que, depois de terem compreendido a obra expiatória de Cristo como nosso redentor, desprezam essa obra, considerando comum (ou ordinário) o seu precioso sangue que garante a Nova Aliança e, assim, desrespeitam o espírito da graça — a graça de Deus que providenciou essa expiação e a comunhão com nosso redentor em seu sacrifício e recompensa. Aqueles que desprezaram Moisés e a Lei que ele foi o mediador nela morreram sem misericórdia, embora a sentença de morte sobre eles não tivesse a intenção de ser eterna; mas aqueles que desprezam o Moisés antitípico e que, assim, desprezam o privilégio da comunhão no sangue de Cristo — desprezando, portanto, a Deus, que fez esse arranjo em seu favor — serão considerados dignos de uma pena mais severa do que aquela que recaiu sobre os violadores da aliança da Lei. Será mais severa na medida em que será uma pena de morte — da qual *não* haverá *redenção*, nem a ressurreição, nem a recuperação — a Segunda Morte. Não é de se admirar que o Apóstolo nos adverte, nesse sentido, que devemos ter cuidado ao rejeitar as provisões da graça divina: ele nos assegura que cair fora do cuidado protetor de nosso advogado, a quem Deus designou
—Jesus—seria cair em nenhum outro lugar senão nas mãos do Pai — o grande Juiz que não pode tolerar o pecado, não aceita desculpas — cuja abundante, mas única, provisão de misericórdia para com os pecadores é por meio da redenção
—por meio de Cristo Jesus, nosso Senhor.

A Grande Multidão

Conforme sugerido, além daqueles que, caindo da posição dos escolhidos, vão para a Segunda Morte, há ainda outra classe que nos é apresentada como tendo falhado em tornar segura sua vocação e eleição, mas que não irá para a Segunda Morte, porque não pecaram deliberadamente em imoralidade grave, nem negaram o mérito do precioso sangue. Já nos referimos a essa classe como a “Grande Companhia”, que sairá da grande tribulação e lavará suas vestes, tornando-as brancas no sangue do Cordeiro;

[F169]
mas, embora ganhem uma natureza espiritual, uma grande bênção e a participação na Ceia das Bodas do Cordeiro como convidados, perderão, no entanto, o grande prêmio que é destinado apenas aos escolhidos — os vencedores fiéis, aqueles que seguirão os passos de Jesus com alegria e de todo o coração. (***Apocalipse 7***) Essa Grande Multidão não consegue manter seu lugar entre os escolhidos
—não consegue ser dos "escolhidos" — devido ao zelo insuficiente pelo Senhor, pela Verdade e pelos irmãos — porque estão, em parte, "sobrecarregados com os cuidados desta vida". No entanto, visto que seus corações são leais ao redentor e que mantêm sua fé no precioso sangue, perseverando nele e não o negando, o Senhor Jesus, nosso Advogado, o Capitão da nossa Salvação, que conduz os escolhidos à glória por meio dos passos do sacrifício voluntário, conduzirá esses a uma bênção espiritual — à perfeição em um plano inferior do ser do espírito — porque confiaram nele e não negaram seu nome nem sua obra.

Nosso Senhor se refere à Igreja dos escolhidos, a nova criação, em sua parábola da Videira, dizendo-nos que ele é a Videira e que seus seguidores fiéis e consagrados, que seguem seus passos, são os ramos. Ele nos assegura que ser ramos não significará imunidade contra provações e dificuldades; mas que, pelo contrário, o Pai, o grande Lavrador, fará com que tenhamos provações de fé, paciência e devoção, para que estas nos podem, de modo que nossos afetos se apeguem menos às coisas, esperanças e ambições terrenas
— com o intuito de que possam produzir um fruto mais rico do espírito — mansidão, paciência, gentileza, longanimidade, bondade fraternal, amor — e que essas coisas estejam em nós e abundem cada vez mais — e que, assim, nos seja concedida uma entrada abundante no Reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, como membros da nova criação***. 2 Pedro 1:11***

No entanto, ele nos adverte que a conquista de um lugar entre os verdadeiros ramos na verdadeira Videira não é suficiente: que o espírito da Videira deve estar em nós — a disposição para dar o fruto da Videira deve estar em nossos corações — que o Lavrador nos permitirá permanecer como ramos por um tempo razoável

[F170]
, a fim de que ele possa saber se damos ou não evidência de produzir o fruto adequado antes de nos condenar como inadequados — que ele não buscará os cachos maduros no ramo novo, nem mesmo as uvas verdes. Ele procurará, antes, os pequenos indícios do botão frutífero e, posteriormente, o desabrochar desses botões na flor da uva; mais tarde, o fruto verde e, ainda mais tarde, sua maturação suculenta. O Lavrador tem muita paciência no desenvolvimento desse fruto da Videira que "a mão direita de meu Pai plantou" (***Salmo 80:15***); mas, se após um tempo razoável ele não encontrar fruto, ele corta aquele ramo como um "rebento" que apenas absorveria a força e a nutrição da Videira para seu próprio crescimento e não para a propagação do fruto desejado. Assim, nosso Senhor indica claramente que devemos assegurar nosso chamado e nossa escolha, produzindo frutos de santidade, cujo fim, ou recompensa, é a vida eterna.

Várias Eleições no Passado

Observemos algumas outras eleições trazidas à nossa atenção nas Escrituras, para que assim nossas mentes possam ser ampliadas e aprofundadas sobre este assunto antes de considerarmos a fase específica do mesmo na qual nosso interesse se concentra principalmente — a da nova criação. Devemos distinguir claramente entre as eleições que precederam o primeiro advento de nosso Senhor e a eleição da nova criação sob Ele como sua Cabeça, Capitão, Guia, etc. Sobre esta última classe, diz-se: "Todos vós sois chamados em *uma única esperança* de vossa vocação", mas as eleições do tempo anterior tinham diversos propósitos e visavam a realização de diversos desígnios de Deus. Abraão foi escolhido para ser um tipo de Jeová, e sua esposa Sara, para ser um tipo da Aliança de Abraão, por meio da qual viria o Messias. A serva Hagar foi escolhida para ser um tipo da Aliança da Lei, e seu filho Ismael, um tipo dos israelitas naturais, que, embora tivessem nascido primeiro, não seriam o co-herdeiro de Isaque, o filho da promessa. Isaque foi escolhido para ser um tipo de Cristo, e sua esposa Rebeca,

[F171]
um tipo da Igreja, a Noiva, a esposa do Cordeiro; enquanto o servo de Abraão, Eliézer, foi escolhido para ser um tipo do espírito santo, cuja missão seria convidar a Igreja, auxiliá-la e, por fim, levá-la, juntamente com as virgens, suas companheiras, até Isaque.

Essas eleições não envolviam nem, em nenhum sentido, se aplicavam ao futuro eterno de qualquer desses indivíduos; mas, na medida em que esses indivíduos escolhidos foram utilizados pelo Senhor, eles provavelmente receberam algumas bênçãos compensatórias na vida presente; e, na proporção em que entraram no espírito do plano divino, lhes foi permitido ter conforto e alegria, compensando-os plenamente por quaisquer sacrifícios e provações ocasionados por sua eleição e serviço como tipos. O Apóstolo, ao raciocinar sobre esse mesmo assunto da eleição e ao tentar mostrar que nenhuma injustiça havia sido cometida contra Israel segundo a carne pelo fato de Deus ter-se voltado para os gentios a fim de completar, a partir deles, a nova criação escolhida, aponta para o fato de que o Todo-Poderoso tem favores a dispensar, e é uma questão que diz respeito exclusivamente a Ele a quem Ele os concederá. Ele mostra que Deus concedeu ao Israel carnal, ou natural, certas graças e privilégios como nação, e a alguns de seus antepassados, privilégios e graças como indivíduos, utilizando-os como tipos; e que eles receberam, de modo correspondente, uma bênção; mas que o Senhor, em nenhum sentido da palavra, estaria obrigado a continuar concedendo-lhes Suas bênçãos preferenciais e a ignorar outros não menos dignos. Pelo contrário, seria inteiramente adequado que o Senhor suspendesse seus favores àqueles que não os utilizassem e os direcionasse a outros. ***Romanos, capítulos 9; 10; 11***

Além disso, o apóstolo quer que vejamos que o Senhor previa como resultariam seus favores para com o Israel natural; que, após desfrutarem de suas bênçãos, eles não estariam (exceto um pequeno "remanescente" — ***Rom. 9:27-32***) em condições adequadas para receber a maior de todas as bênçãos que Ele tinha para conceder — "o prêmio da alta vocação" para constituir a nova criação. Para ilustrar isso, ele chama a atenção para os dois filhos de Isaque e nos mostra que, a fim de ilustrar o que

[F172]
Deus já previu que seria a condição centenas de anos mais tarde, Deus fez uma seleção arbitrária entre os dois filhos de Rebeca, Jacó e Esaú. O Senhor fez desses gêmeos tipos: um para representar seus fiéis, a nova criação, e o outro para representar o Israel natural, que preferiria as coisas desta vida presente e venderia seus privilégios celestiais por um prato de lentilhas — bens terrenos. No caso de Jacó e Esaú, Jacó foi escolhido para ser um tipo dos vencedores e isso foi certamente uma bênção para ele, embora lhe tenha custado muito; mas Esaú foi escolhido para ser um tipo da classe de mentalidade natural, que preferiria as coisas terrenas às celestiais, e isso não representou nenhuma desvantagem para ele. Isso não significava que ele fosse para o tormento eterno, nem que sofresse qualquer coisa como resultado disso na vida presente. Pelo contrário, ele foi abençoado
—mesmo que os homens mundanos e naturais tenham hoje bênçãos de um tipo que o Senhor, em Sua graça, retém das novas criaturas escolhidas, por serem menos favoráveis aos seus interesses espirituais—da mesma forma que Ele reteve certas bênçãos terrenas de Jacó, para que, em suas decepções, etc., ele pudesse ser um tipo dessa classe: Jacó, no entanto, experimentou alegrias e bênçãos das quais Esaú não desfrutou e não teria apreciado — assim como a nova criação, agora, em meio às provações e decepções do tempo presente, experimenta uma paz, uma alegria e uma bênção que o homem natural desconhece.

A declaração: "A Jacó eu amei, e a Esaú eu odiei" (***Rom. 9:13***), é para muitos uma "palavra dura", porque a palavra *"odeiei"* parece conter um antagonismo que seria injustificado — tanto quanto a mente humana pode discernir — por nada que Esaú tivesse feito de pior do que outros homens, e porque isso se aplicava a ele desde o nascimento, "antes que ele tivesse feito o bem ou o mal". A palavra "odiava" evidentemente significava *"amar menos*", como também em ***Deuteronômio 21:15-17***. A ideia é que Jacó era favorecido pelo Senhor e Esaú era menos favorecido; e esses dois, como mostra o apóstolo, eram tipos do Israel natural e espiritual. O favor de Deus para com o Israel natural, representado por Esaú, era menor do que o seu favor para com o Israel espiritual,

[F173]
que nasceu depois, representado por Jacó. Com essa ideia, tudo se mostra em harmonia e consistência.

"Foi justamente para esse propósito que eu te levantei"

Para comprovar sua tese de que o Senhor sempre exerceu autoridade e soberania nos assuntos da humanidade, e com pleno reconhecimento de seu direito de fazê-lo, o Apóstolo cita o caso do Faraó, que era rei do Egito na época da libertação de Israel. Ele cita as palavras do Senhor por meio de Moisés (***Êxodo 9:16***): "Foi justamente para este mesmo propósito que eu te levantei, para que eu pudesse mostrar meu poder em ti e para que meu nome fosse proclamado por toda a terra." "Portanto, ele tem misericórdia de quem quer ter misericórdia, e a quem quer, endurece." ***Rm 9,17-18***

Há algum tempo, o governo francês separou vários prisioneiros que haviam sido judicialmente condenados à morte, entregando-os às mãos de cientistas para que fossem submetidos a experimentos com o objetivo de testar quanta influência o medo exercia sobre a humanidade. Um deles foi colocado em uma cela, sobre a qual lhe foi dito que um prisioneiro havia morrido ali na noite anterior de varíola negra e que, provavelmente, ele contrairia a mesma doença e morreria antes do amanhecer. A previsão se concretizou, embora nenhum paciente com varíola tivesse jamais ocupado a cela. Outro teve os olhos vendados e o braço enfiado por uma divisória fina. Disseram-lhe que seria sangrado até a morte em nome da ciência, para determinar exatamente quanto tempo seria necessário para causar a morte por sangramento a partir de um pequeno corte em uma artéria do braço. Ele foi apenas arranhado e perdeu apenas algumas gotas de sangue, mas foram tomadas providências para que sentisse água morna escorrendo pelo braço e ouvisse o barulho das gotas ao cair dos dedos em um recipiente. Ele morreu em poucas horas. Tal tratamento dispensado a cidadãos cumpridores da lei não seria tolerado por ninguém; mas ninguém poderia, razoavelmente, criticar esse procedimento no que diz respeito a homens cujas vidas já estavam perdidas perante a lei. E exatamente assim é com o modo como o Senhor lida com a família humana; se o homem tivesse continuado obediente a Deus, ele

[F174]
teria permanecido livre da condenação à morte; e, permanecendo assim, teria tido certos direitos sob a lei divina que agora não possui. Como raça, todos fomos condenados pelo pecado e todos sentenciados à morte (***Rm 5,12***); e ao Senhor agradou-se em manifestar seu poder e sabedoria em relação a alguns desses condenados de uma maneira, e a outros de outra maneira — conforme ele foi escolhido. Já observamos isso em relação aos amalequitas, hititas e cananeus, que Israel recebeu a ordem de destruir — Israel simbolizando os fiéis do Senhor no futuro, e seus inimigos simbolizando os pecadores obstinados e os inimigos da justiça da era futura. Observamos o mesmo princípio ilustrado na destruição de Sodoma e de Jericó, na aniquilação de milhares de israelitas por pestes e na morte de Uza, que simplesmente estendeu a mão para estabilizar a arca, violando sua santidade e a ordem do Senhor.

O uso que o Senhor fez do Faraó e das várias pragas sobre os egípcios, incluindo a morte dos primogênitos, tanto humanos quanto das bestas, e a derrota final das hostes egípcias no Mar Vermelho, estão em consonância com essas ilustrações; pois os egípcios, como parte da humanidade, eram condenados à pena de morte e, sem a menor injustiça, podiam ser tratados de acordo com isso — para divulgar a dignidade de Deus e manifestar seu poder em conexão com a libertação de seu povo típico, Israel. Da mesma forma, por outro lado, Deus demonstrou favor abundante a alguns desses condenados — Abraão, Moisés e outros —, tornando-os, por meio deles, tipos das coisas boas que Ele se propõe a realizar plena e efetivamente no futuro próximo — e isso sem, em nenhum sentido da palavra, isentar Abraão, Moisés, o Faraó ou outros de sua parte na sentença de morte, mas deixando que essa obra fosse realizada pela redenção que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.

Depois de ver claramente o fato de que Deus exerceu autoridade soberana entre suas criaturas condenadas, e que ele escolheu que alguns tivessem uma experiência e outros outra, e que todas essas coisas foram

[F175]
apenas lições ilustrativas sobre o assunto, preparatórias, como mostra o Apóstolo, para a grande eleição da nova criação durante a era evangélica, precisamos perceber que, em nenhum caso, Deus coagiu ou violou a vontade humana em qualquer dessas eleições. Isso nos convencerá de que seria contrário ao programa divino coagir a vontade humana. Ao escolher Abraão, Isaque, Jacó e Moisés, entre outros, como tipos e ilustrações, Deus escolheu homens cujas mentes estavam, em geral, em concordância com seus planos e revelações; no entanto, não foi exercida nenhuma força para restringi-los caso tivessem desejado o contrário. Assim, da mesma forma, ao escolher homens para ilustrar o lado oposto e os princípios opostos, tais como Ismael, Esaú, os cananeus, os sodomitas e os egípcios, o Senhor novamente utilizou homens de acordo com suas tendências naturais. O que desejamos enfatizar é que, assim como Deus não coagiou a vontade de Abraão, Isaque, Jacó, Moisés etc., tampouco coagiou a vontade daqueles que praticaram o mal e ilustraram certos princípios malignos. O Senhor simplesmente lidou com classes específicas de acordo com suas próprias inclinações.

Ao declarar ao Faraó que o havia levantado exatamente para esse propósito, não devemos, portanto, entender que Deus quis dizer que havia criado no Faraó um caráter mau — que o havia "levantado" no sentido de obrigá-lo a ser uma pessoa má. Devemos entender que, entre os vários herdeiros do trono do Egito, de acordo com os costumes daquele povo, Deus dispôs, por meio da morte de alguns membros intermediários da família real, que esse Faraó em particular subisse ao trono*, pois possuía um caráter tão obstinado* que sua luta contra Deus e Israel justificaria, com justiça, as pragas— que Deus havia predestinado não apenas como um sinal de seu favor para com Israel e de sua fidelidade às promessas feitas a Abraão, Isaque e Jacó, mas, além disso, porque essas pragas sobre o Egito tinham como objetivo, em certa medida, prenunciar e ilustrar as pragas com as quais a era evangélica chegará ao fim — as três primeiras e "as sete últimas pragas". ***Apocalipse 15:1***

Mas a característica específica dessa ilustração do Faraó,

[F176]
que causa confusão para muitos, está na afirmação de que "Deus endureceu o coração do Faraó para que ele não deixasse o povo partir". À primeira vista, isso pareceria contradizer o que acabamos de dizer; a saber, que Deus não interfere na vontade humana. Acreditamos, no entanto, que a discrepância pode ser conciliada quando nos lembramos *de como* o Senhor endureceu o coração do Faraó — qual procedimento por parte do Senhor teve o efeito de tornar o Faraó mais obstinado. Foi *a bondade* de Deus que endureceu o Faraó — a disposição de Deus em ouvir sua oração por alívio e em aceitar sua promessa de deixar Israel partir — a misericórdia de Deus. Se Deus tivesse prosseguido com a primeira praga ou castigo até que Israel fosse libertado, essa única praga teria sido suficiente para realizar a libertação; mas quando o Senhor aliviou o povo e a terra de uma praga, o Faraó concluiu que ela já havia passado e que talvez não houvesse mais nenhuma; e assim, passo a passo, a misericórdia de Deus o levou cada vez mais longe em sua hostilidade. Dessa perspectiva, a liberdade de vontade do Faraó fica plenamente evidenciada, e o Senhor é absolvido de qualquer conivência com o mal. "Toda a sua obra é perfeita"; mesmo que a bondade de Deus, que deveria levar os homens ao arrependimento, possa, às vezes, devido às condições imperfeitas do presente, exercer uma influência oposta sobre eles.

A Nação de Israel Escolhida

Que Deus tenha escolhido Israel dentre todas as nações do mundo para ser seu povo e simbolizar o Israel espiritual é algo prontamente admitido por todos os cristãos familiarizados com a Bíblia. A declaração feita por meio do profeta ***Amós (3:2)*** é bastante pertinente: "Só a vocês eu conheci, dentre todas as famílias da terra". Pela boca de ***Isaías (45:4)***, o Senhor diz a Ciro, o rei medo que permitiria o retorno de Israel do cativeiro: "Por causa de Jacó, meu servo, e de Israel, meu *escolhido*, eu te chamei pelo teu nome." O fato de podermos ver nessa declaração uma certa aplicação simbólica a Cristo e à libertação do

[F177]
da Babilônia mística, não interfere no fato de que o Israel típico é aqui mencionado como "escolhido". O apóstolo, em seus argumentos claros e convincentes a respeito da transferência do favor divino do Israel natural para o Israel espiritual (***Rm 9-11***), mostra distintamente que o favor divino foi concedido ao Israel natural por um tempo como o povo tipicamente escolhido de Deus — não obstante o Senhor ter previsto e predito sua rejeição do lugar de favor especial e a introdução de outro Israel, o espiritual, naquele lugar representado por Jacó.

O Apóstolo mostra como Israel, como nação escolhida ou favorecida por Deus por um tempo, por esse motivo tinha "muitas vantagens em todos os aspectos" sobre todas as nações vizinhas do mundo; que a eles pertenciam as promessas; que eram os ramos da oliveira; e que Deus retirou de seu favor apenas aqueles ramos naturais que estavam em desarmonia com a raiz da promessa e com o tronco, representados simbolicamente por Abraão, Isaque e Jacó. Ele ressalta que "Israel não obteve o que buscava; mas os escolhidos [os dignos — ***João 1:12, 13***] o obtiveram, e os demais foram cegados". Embora toda a nação tivesse sido originalmente escolhida para receber os favores mais preciosos de Deus, contudo somente os fiéis estariam na condição de coração adequada para se tornarem israelitas espirituais quando chegasse o tempo desse favor. Esses eram os escolhidos daquela nação, aos quais, com o fim daquela era, foi permitido entrar na dispensação superior — passando da casa dos servos para a casa dos filhos. (***Hb 3:5***; ***João 1:12***) O apóstolo ressalta que nós, que éramos por natureza gentios, "estranhos, forasteiros e estrangeiros" em relação às alianças e promessas feitas ao Israel típico, agora, pela graça de Deus, desenvolvemos fé e obediência semelhantes às de Abraão e devemos ser contados como a *noiva* de Cristo, a verdadeira descendência de Abraão, ocupando o lugar dos ramos cortados no plano original de Deus e nas promessas a ele relacionadas; mas, embora esses ramos cortados tenham sido tratados como inimigos durante a era evangélica, no entanto, "no que diz respeito

[F178]
à escolha, são amados por causa dos pais. Pois os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis." ***Rom. 11:28,29***

Assim, somos informados de que algumas características da eleição original permanecem com o Israel natural, apesar de sua rejeição, como povo, do favor principal no plano divino — sua rejeição de fazer parte do Israel escolhido. Como as promessas feitas a Abraão, Isaque, Jacó e aos profetas devem ser cumpridas para eles, e eles se tornarão os "príncipes", ou representantes, do Reino espiritual por toda a terra durante a Era milenar, sem dúvida isso trará grande vantagem para muitos dos israelitas naturais que atualmente se encontram em uma condição de alienação e trevas. Eles podem e irão entrar mais prontamente em acordo com seus próprios líderes do passado do que o restante do mundo; e, assim, Israel, como povo, voltará a ocupar o lugar mais proeminente entre as nações no início do Milênio. "Deus encerrou a todos na incredulidade, para que pudesse ter misericórdia de todos." ***Rom. 11:32***

A Nova Criação Escolhida

Chegamos agora ao aspecto mais importante de nosso assunto, munidos, no entanto, de conhecimento certo a respeito das eleições do passado e com a compreensão de que muitas delas simbolizavam ou prenunciavam esta grande obra de Deus — a eleição da nova criação. Já vimos que essa eleição não implica que os não escolhidos sofram prejuízo; mas, pelo contrário, implica a bênção dos não escolhidos no tempo devido. Podemos acrescentar, a esse respeito, que nem a Justiça nem o Amor poderiam levantar qualquer objeção à concessão de um favor especial a alguns que não fosse concedido a outros, mesmo que os favorecidos não fossem destinados a ser canais de bênção para os menos favorecidos ou desfavorecidos. Esse é o significado da palavra graça ou favor: implica fazer algo que não é especificamente exigido ou solicitado pela Justiça, e essas palavras, "graça" e "favor", são repetidamente usadas em toda a Escritura no que diz respeito

[F179]
a essa classe escolhida da era evangélica. “Pela graça sois salvos” e passagens bíblicas semelhantes nos fazem compreender que não havia nenhuma obrigação por parte do Todo-Poderoso de resgatar qualquer membro da raça de Adão da sentença de morte, nem de conceder a ninguém a oportunidade da vida eterna por meio de uma redenção; muito menos havia qualquer obrigação por parte de Deus para com qualquer de suas criaturas no que diz respeito ao alto chamado — à participação na nova criação. Tudo isso é fruto do favor divino — “graça sobre graça”, ou favor somado a favor — e quem não compreender claramente esse pensamento nunca apreciará devidamente o que está ocorrendo agora.

O apóstolo Pedro nos assegura que nós, como classe, fomos *“escolhidos* segundo a presciência de Deus, o Pai”. Ele não se limita a essa declaração, porém, mas prossegue dizendo: “pela santificação do espírito para a obediência e pela aspersão do sangue de Jesus Cristo”. (***1 Pe. 1:2***) Isso significa que Deus previu a nova criação como um grupo — que Ele previu Sua intenção de *justificá-los pela fé*, por meio do sangue de Cristo — que Ele previu que um número suficiente deles, para completar esse grupo, seria obediente e alcançaria a santificação por meio da verdade. Nada em nenhuma passagem das Escrituras sugere um conhecimento prévio divino dos *indivíduos* que compõem a classe dos escolhidos, exceto no que diz respeito ao Cabeça da Igreja. É-nos dito que Deus previu de antemão Jesus como seu escolhido. Não devemos ser entendidos como limitando a capacidade do Senhor de identificar os indivíduos que comporiam a classe dos escolhidos, mas simplesmente que, seja qual for o seu poder nesse sentido, ele não declarou ter a intenção de exercer tal poder. Ele determinou que Cristo fosse o redentor do mundo e que sua recompensa fosse a exaltação como o primeiro membro — Cabeça, Senhor e Chefe da nova criação. Ele determinou também que um certo número específico fosse escolhido dentre os homens para ser seu co-herdeiro no Reino
— participantes com ele da nova criação. Temos todos os motivos para acreditar que o número definido e fixo dos escolhidos é aquele mencionado várias vezes no ***Apocalipse (7:4; 14:1)***; a saber, 144.000 “redimidos *dentre* os homens”.

A eleição ou pré-ordenação desde antes da fundação

[F180]
do mundo, de que tal grupo fosse selecionado, entendemos que seja da mesma maneira que a pré-ordenação de um certo contingente de soldados no exército britânico conhecido como "The King's Own" (O Próprio do Rei), composto por homens de grande estatura e constituição física especial, cujos diversos detalhes de altura, peso etc., sendo determinados com antecedência, e o número que constitui a tropa definitivamente fixado, antes mesmo de os atuais membros dela terem nascido. Assim como o decreto real estabeleceu esses requisitos físicos e o número que deveria constituir aquela tropa, assim também o decreto real do Criador fixou e limitou o número daqueles que constituiriam a nova criação de Deus, e definiu não suas medidas físicas, mas suas qualidades morais e as medidas de seus corações. Assim como não foi necessário predeterminar os nomes daqueles que constituiriam "A Guarda Real", tampouco é necessário que nosso Criador predetermine os nomes ou os indivíduos aceitáveis a Ele como novas criaturas em Cristo, de acordo com as medidas e limitações que Ele estabelece.

Isso é especialmente destacado em uma passagem das Escrituras que geralmente é lembrada e citada apenas em parte: "A quem ele previu de antemão, também predestinou". O povo do Senhor não deve se contentar em pegar assim uma parte da Palavra divina e separá-la de seu contexto imediato. Quando lemos o restante da passagem tal como está escrita, toda a questão fica clara em nossas mentes: "A quem ele previu de antemão, também os *predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho* [isto é, para serem cópias de seu Filho], a fim de que ele fosse o primogênito entre muitos irmãos." ***Rom. 8:29***

Tal predestinação é, de fato, diferente daquela geralmente entendida por aqueles que defenderam a doutrina da eleição no passado. De acordo com sua concepção e ensino, a passagem deveria ser lida assim: "A quem ele previu de antemão, a esses também os predestinou para escapar do tormento eterno e experimentar as bênçãos eternas na glória". Quão diferente é tal visão daquela razoável e adequada, apresentada na linguagem das Escrituras! Deus predestinou

[F181]
que seu Unigênito fosse a Cabeça da nova criação, e determinou, muito antes de chamar qualquer um de nós, que ninguém fosse membro da nova criação, a não ser que se tornasse uma imagem de seu Filho. Quão bela, quão razoável é a doutrina bíblica da eleição! Quem poderia questionar a Sabedoria, a Justiça ou o Amor de tal eleição, com limitações como a semelhança de caráter com Jesus, e para uma obra tão grandiosa como a que Deus planejou? — ser o co-herdeiro de Cristo na bênção de todas as famílias da terra.

"Os Chamados de Acordo com o Seu Propósito"
—Rom. 8:28-30—

Ao refletirmos sobre esse tema, nada melhor do que seguir atentamente as palavras e os raciocínios lógicos do Apóstolo. Nos versículos anteriores (***22, 23***), qual é o propósito de Deus ao chamar a nova criação — que ela seja chamada para receber uma grande bênção e também para ministrar bênçãos a outros; a saber, a criação que geme, que sofre dores em conjunto, aguardando a manifestação desses filhos escolhidos de Deus da nova criação (***versículos 21, 22***) O Apóstolo prossegue então para mostrar que tudo está a trabalhar favoravelmente para essa classe que Deus está chamando para a nova criação; que esse é o significado das decepções, provações, aflições, oposições do mundo, da carne e do adversário — que essas experiências têm o propósito de produzir em nós os frutos pacíficos da justiça e, assim, nos proporcionar o "peso de glória muito mais excelente e eterno" para o qual fomos chamados e ao qual devidamente aspiramos. O apóstolo traça conosco as providências do Senhor em relação a esses chamados, para os quais todas as coisas estão trabalhando favoravelmente. Não devemos pensar em nosso chamado senão em conexão com, e sob a orientação de, nosso Ancião Mais Velho. Ninguém poderia precedê-lo, pois somente ao observar e seguir seus passos podemos esperar nos tornar participantes de sua glória. A predestinação de Deus de que esses irmãos de Cristo devem ser todos cópias de seu Ancião Mais Velho, se quisessem ser participantes da nova criação, nos deixaria sem esperança no que diz respeito a qualquer membro

[F182]
da família humana alcançar essa glória, se nosso Senhor não nos tivesse mostrado, em outro lugar, de forma muito clara, Sua provisão para nós por meio da redenção que está em Cristo Jesus, nosso Senhor; que as fraquezas da carne, que herdamos e não podemos controlar plenamente, são todas cobertas pelo mérito do sacrifício do Redentor; de modo que o Senhor possa nos isentar de sermos cópias absolutas de seu Filho na carne e possa nos aceitar de acordo com sua predestinação, se nos encontrar como tais cópias no coração, na intenção, na vontade — atestando nossas vontades por meio do controle da carne que nos for possível, enquanto nosso Senhor Jesus, por sua "graça suficiente", cobre nossas imperfeições não intencionais.

Continuando a descrição dessa classe de chamados assim predestinados, o Apóstolo diz: "Além disso, aqueles que ele predestinou, esses também chamou; e aqueles que chamou, esses também justificou; e aqueles que justificou, esses também glorificou." Essa passagem costuma ser mal interpretada, porque os leitores geralmente têm a impressão de que o apóstolo está aqui traçando as experiências cristãs como de costume — tal como acabamos de fazê-lo no capítulo anterior —, onde consideramos como Cristo se torna para nós sabedoria, justificação, santificação e libertação; mas o apóstolo está aqui adotando uma perspectiva oposta e começa pelo outro extremo. Ele aqui vê a Igreja como finalmente consumada como os escolhidos de Deus sob Cristo, sua Cabeça — a Igreja, os "escolhidos por excelência", na glória. Ele traça *retroativamente* o desenvolvimento da Igreja, a Nova Criação. Ele mostra que ninguém alcançará a grandiosa posição dos escolhidos gloriosos de Deus, exceto aqueles *chamados* [aceitos] para ela pela graça de Deus; e estes devem ter sido previamente *justificados*; porque Deus não chama, nem convida ninguém, a não ser os crentes, para correr na corrida por este grande prêmio. E esses justificados devem, previamente, antes da sua justificação, ter sido *honrados* [não "glorificados", como na versão comum] — honrados por Deus ao enviar-lhes o conhecimento de si mesmo e de seu amado Filho — o Caminho, a Verdade e a Vida.

É uma honra maior do que muitos supõem, até mesmo ouvir falar da graça de Deus no tempo presente. Como a salvação é um dom de Deus a ser aberto ao mundo durante a

[F183]
Era Milenar, é uma honra especial ter conhecimento da graça do Senhor e uma oportunidade de reconciliação com ele no tempo presente, antes do mundo; pois, tendo sido assim honrados e possuindo o conhecimento necessário para nossa justificação pela fé, isso se torna o *segundo* passo, como vimos, que conduz à santificação em harmonia com o chamado, e isso, por sua vez, conduz, por meio da fidelidade, à "glória a ser revelada em nós", constituindo-nos membros da nova criação, os "escolhidos".

"Se Deus está conosco"

Continuando a acompanhar o Apóstolo em sua reflexão sobre essa eleição, parafraseando sua linguagem da seguinte forma: Não vemos, irmãos, que Deus tem um plano grandioso e maravilhoso que está levando adiante? Não vemos que, tendo determinado a seleção de uma certa classe para cooperar nesse plano, Ele está nos favorecendo ao nos revelar os termos e condições — justificando-nos e chamando-nos com esse chamado celestial? Isso significa que *Deus está a nosso favor* — que Ele deseja que façamos parte dessa classe escolhida; que Ele tomou todas as providências necessárias para que possamos alcançar uma posição nela. Será que, às vezes, sentimos que, embora o Senhor esteja a nosso favor, Satanás, o pecado e nossas próprias fraquezas, decorrentes da hereditariedade, estão todos contra nós, buscando nos enredar e nos fazer tropeçar? Refletamos que, tendo o Deus Todo-Poderoso ao nosso lado, nenhuma dessas oposições precisa nos causar medo ou apreensão, pois ele é plenamente capaz de nos conduzir através de todas elas. Olhemos para trás e observemos o seu favor para conosco enquanto ainda éramos pecadores, ao nos proporcionar a redenção que está em Cristo Jesus. Refletamos que, se Ele fez tudo isso por nós quando éramos pecadores, fará muito mais por nós agora que nos tornamos Seus filhos — agora que ouvimos Sua voz, que aceitamos Seu Filho, que confiamos Nele e fomos justificados por meio de Seu mérito — agora que ouvimos o chamado para a natureza divina e realizamos a consagração, colocando nosso pequeno tudo sobre o altar — certamente, muito mais Deus nos favoreceria e faria por nós agora, embora não possamos imaginar como Ele poderia fazer mais do que foi representado no

[F184]
a doação de seu Filho. Podemos ter certeza de que aquele que não muda ainda nos ama, ainda está ao nosso lado e usará seu poder para fazer com que todas as coisas funcionem para nosso bem-estar espiritual mais elevado e para nossa conquista final de um lugar na nova criação, se permanecermos nele com fé, amor e obediência de coração — por mais fracos e imperfeitos que sejam nossos melhores esforços para controlar a carne. Tenhamos a certeza de que, ao nos dar seu Filho e, assim, abrir o caminho para que alcancemos seu chamado para a nova criação, o Senhor providenciou em Cristo para todas as nossas necessidades que possam surgir. Nele, Ele nos deu tudo de graça.

Alguém sugere que talvez a Lei nos condenaria, apesar de Deus? Refletamos que foi Deus quem nos condenou sob a sua Lei; e que é o próprio Deus, que, como grande Juiz, nos condenou, quem agora pronunciou nossa justificação — quem nos declarou "justificados gratuitamente de todas as coisas das quais a Lei não podia nos justificar" — por meio de sua graça, por meio de Cristo Jesus, nosso Senhor. Diante desse fato, "quem poderia acusar os escolhidos de Deus" — a quem ele assim favoreceu? Quem poderia nos condenar por causa de fraquezas ou falhas não intencionais? Responderíamos assim: É Cristo quem morreu; sim, quem ressuscitou e subiu às alturas como nosso representante, e quem imputou em nosso favor a suficiência de seu mérito, cobrindo todas as nossas imperfeições. ***Rm 8,34***

Ainda se alega que algo possa intervir para nos separar do amor de Deus ou de Cristo e de seu amor e misericórdia; e que, assim, possamos ser deixados à nossa própria sorte e naufragar em nossa fé e futuro no que diz respeito à nova criação? Respondemos: Pelo contrário, Cristo tinha grande amor por nós; caso contrário, não nos teria redimido. Todas as suas ações têm sido amorosas e não devemos permitir que nada nos separe desse amor. Se vierem tribulações, devemos permitir que elas apenas nos aproximem mais do Senhor, como aquele que, sozinho, pode socorrer-nos. Se angústia, perseguição, fome, miséria ou qualquer perigo vier sobre nós — será que, por medo disso, cessaremos nosso amor pelo Senhor, renunciaremos ao seu nome

[F185]
e à sua causa e deixássemos de seguir seus passos, optando por um caminho mais fácil na vida? Não, é justamente por meio dessas experiências que devemos nos tornar vencedores. Como poderíamos ser reconhecidos como vencedores se não houvesse nada a vencer — se todo o caminho fosse suave e sem obstáculos? Fomos tornados destinatários das misericórdias e bênçãos de Deus; e agora ele nos põe à prova, para ver até que ponto somos dignos de permanecer em seu amor e em seus favores. Ele deseja que permaneçamos neles e providenciou tudo o que é necessário; no entanto, não coage nossa vontade. Estou convencido, tenho confiança de que estamos determinados a não permitir que nada nos separe do amor de Deus manifestado em Cristo — nem o medo da morte nem o amor à vida; e que nenhuma das outras criaturas de Deus irá interceptar ou desviar de nós o favor de Deus — nem anjos, nem principados, nem potestades, atualmente criados ou que venham a ser criados. Em todas essas coisas, somos mais do que meros vencedores — fomos adotados como filhos de Deus no plano divino, por meio daquele que nos amou.

"Tornando segura a nossa vocação e eleição"
—2 Pedro 1:10,11—

"Irmãos, empenhai-vos em tornar segura a vossa vocação e escolha; pois, se fizerdes estas coisas, nunca tropeçareis; [as coisas anteriormente especificadas, a saber: empenhar-se, acrescentar à vossa fé virtude e conhecimento, temperança, paciência, piedade, bondade fraternal, amor; e, estando essas coisas em nós e abundando, não seremos nem estérteis — ociosos — nem infrutíferos;] pois assim vos será concedida, em abundância, a entrada no Reino eterno de nosso Senhor e Cristo Jesus."

Nessa eleição, vemos que os passos importantes pertencem a Deus; a saber: (1) A predeterminação de ter a nova criação; (2) O convite a alguns para que desenvolvam o caráter necessário; (3) A organização dos assuntos para que os convidados possam alcançar uma condição aceitável, em conformidade com o chamado.

Por outro lado, passos importantes devem ser dados por aqueles que se tornam os escolhidos: (1) Cabe aos chamados, para quem todas essas preparações e providências foram feitas, aceitar o chamado — fazendo a consagração total. (2)

[F186]
Eles devem tornar-se tão imbuídos do espírito de seu chamado e tão gratos por suas bênçãos que, com zelo, se conformarão às condições e limitações a ele associadas.

Já vimos que essas condições e limitações consistem, em resumo, em ser semelhantes no coração ao amado Filho de Deus; mas, ao analisarmos essa *semelhança* mais detalhadamente, descobrimos que ela significa, como o apóstolo Pedro aqui destaca, que devemos possuir os frutos do espírito de santidade. Deus é santo, e os escolhidos devem ter o seu espírito, sua disposição de amor pela justiça e oposição à iniquidade. O apóstolo, na passagem bíblica acima, revela os diversos elementos desse espírito santo de Deus e destaca o fato de que não alcançamos sua semelhança perfeita (a perfeição do amor) no início de nossa jornada; mas, ao contrário, que essa é a *marca* ou o padrão que indica o fim da jornada. O amor, como expressão geral, abrange todos esses elementos de caráter que são, na verdade, partes do amor. Mansidão, gentileza, bondade fraternal e piedade são todos elementos do amor.

Alguém sugeriu que esses frutos do espírito de Deus poderiam ser definidos da seguinte forma, e concordamos plenamente:

(1) Alegria — Amor exultante.
(2) Paz — o amor em repouso.
(3) Longanimidade — o amor perseverante.
(4) Mansidão — o amor em sociedade.
(5) Bondade — o amor em ação.
(6) Fé — O amor no campo de batalha da vida.
(7) Mansidão — O amor na resignação.
(8) Temperança (moderação) — O amor no treinamento.

Quando entramos na pista de corrida, decididos a fazê-lo porque Deus nos havia justificado por sua graça e nos convidado a correr nessa corrida pelo prêmio do alto chamado da nova criação, dissemos, antes de tudo: Deixaremos de lado os fardos e os obstáculos das ambições terrenas, consagrando nossa vontade ao Senhor e decidindo que faremos apenas esta única coisa: buscaremos e, pela graça do Senhor, alcançaremos as bênçãos para as quais Ele nos chamou. Ao mesmo tempo, concluímos que nos livraríamos, na medida do

[F187]
pudéssemos, nossos pecados que facilmente nos assaltam — quaisquer que fossem —, independentemente de serem os mesmos dos demais na pista de corrida ou não; e que correríamos fielmente nesta corrida pelo grande prêmio.

A entrada na pista de corrida corresponde à nossa consagração. Esse foi o início. Consagramos-nos ao Senhor — para sermos guiados por seu espírito de amor; contudo, percebemos que, em virtude da queda, carecíamos lamentavelmente daqueles elementos de caráter que o Pai aprovaria. Correremos, no entanto, e perseveraremos na conquista dessa semelhança de caráter com seu Filho — que é a vontade dele a nosso respeito e a condição de nossa comunhão com ele. Nesse aspecto, diferimos de nosso Senhor, pois, sendo perfeito, ele não precisava alcançar um passo ou grau após o outro no desenvolvimento do amor. Ele estava cheio do espírito desde o início — ele já estava na *meta* desde o início; seu teste consistia em determinar se ele permaneceria fiel ou não àquela meta de amor perfeito a Deus, ao seu povo e aos seus inimigos. Nós, porém, precisamos correr, nos esforçar para alcançar essa meta.

Podemos dividir a pista de corrida em quatro quartos e dizer que, no primeiro quarto, reconhecemos o amor como uma *exigência* divina e buscamos possuí-lo, embora só sejamos capazes de compreendê-lo do ponto de vista *do dever*. Sentimos um amor por dever para com Deus porque, como nosso Criador, Ele tem o direito de exigir nossa obediência, nosso amor, nossa devoção; um amor por dever para com nosso Senhor Jesus, também, porque Ele nos amou e devemos, por justiça, amá-Lo em troca; e um amor por dever para com nossos semelhantes, porque percebemos que essa é a vontade de Deus.

O segundo quarto da pista nos leva um pouco mais adiante, um pouco mais perto da "meta", de modo que aquilo que a princípio buscávamos fazer por *amor ao dever*, passamos gradualmente a considerar com apreço e não meramente como um dever. A partir daí, percebemos que as coisas que Deus nos ordena como justas e como dever são *coisas boas*; que os princípios mais nobres que podemos conceber se identificam com a Justiça, o Amor e a Sabedoria que o Senhor nos ordena e nos apresenta, e que, a partir daquele momento, passamos a apreciar. Começamos a amar a Deus não

[F188]
apenas porque era nosso dever para com nosso Criador, mas também e especialmente porque o vimos possuidor desses grandiosos traços de caráter que nos foram impostos — a personificação de toda graça e bondade. Aqueles que alcançam esse marco de dois quartos amam o Senhor não apenas porque Ele nos amou primeiro e porque é nosso dever amá-Lo em troca, mas porque agora os olhos do nosso entendimento foram abertos o suficiente para nos permitir ver algo da gloriosa majestade de Seu caráter, algo das longitudes, larguras, alturas e profundidades da Justiça, Sabedoria, Amor e Poder de nosso Criador.

A marca do terceiro quarto nesta pista de corrida chamaremos de — amor pelos irmãos. Desde o início, reconhecemos um amor por dever para com os irmãos, assim como para com o Pai, apenas em menor grau, porque os irmãos haviam feito menos por nós; e os reconhecíamos principalmente porque tal era a vontade do Pai. Mas, à medida que passamos a compreender os princípios da retidão, a valorizar o Pai e a perceber que o próprio Pai nos ama, apesar de nossas falhas não intencionais, nossos corações começaram a se ampliar e a se aprofundar em relação aos irmãos; e, cada vez mais, fomos capazes de ignorar suas imperfeições, falhas e erros involuntários, quando podíamos ver neles evidências do desejo sincero de seguir os passos de Jesus e agir de acordo com os princípios do caráter divino. O amor pelos irmãos tornou-se claramente marcante em nossas experiências. Ai de nós! Evidentemente, muitos do querido povo do Senhor ainda não alcançaram essa marca do terceiro quarto da corrida rumo ao prêmio de nosso alto chamado. Há grande necessidade de desenvolver a bondade fraternal, a longanimidade e a paciência que as Escrituras inculcam — e que são necessariamente postas à prova e testadas mais em nosso relacionamento com os irmãos do que em nosso relacionamento com o Pai e nosso Senhor. Podemos ver a perfeição do Pai e do Filho, e que eles não têm imperfeições; podemos perceber a magnanimidade deles para conosco e nossas próprias falhas para com eles; mas, quando olhamos para os irmãos, vemos em um essa fraqueza e, em outro,

[F189]
aquela fraqueza; e a tentação é, infelizmente, muito comum de dizer a um irmão: "Deixa-me tirar o cisco do teu olho" — em vez de perceber que tal disposição de criticar, importunar e procurar falhas nos irmãos é uma evidência de que ainda temos uma grande trave de impaciência e falta de amor com a qual lutar. À medida que nos aproximamos do final do terceiro trimestre, gradualmente retiramos a trave de nossos próprios olhos
— passamos a enxergar nossas próprias imperfeições e a apreciar cada vez mais as riquezas da graça de nosso Senhor para conosco; e a influência disso em nossos corações é produzir em nós um grau maior do espírito de mansidão, paciência e gentileza para com todos — e isso, por sua vez, nos capacita a ignorar ou encobrir uma multidão de pecados, uma multidão de imperfeições nos irmãos, desde que percebamos que eles são, sem dúvida, irmãos
— desde que estejam confiando no precioso sangue e buscando correr esta mesma corrida por este mesmo prêmio.

A quarta e última marca de nossa corrida é o Amor Perfeito — para com Deus, para com nossos irmãos, para com todos os homens — e é aquela que todos devemos buscar alcançar com fervor, e isso o mais rápido possível. Não devemos perder tempo nos marcos intermediários, mas correr adiante com paciência, perseverança e energia. Há um sentido em que devemos "não amar o mundo, nem as coisas do mundo"; mas há um sentido em que devemos amar e "fazer o bem a todos os homens, sempre que tivermos oportunidade, especialmente àqueles que são da família da fé"; (***Gálatas 6:10***) — um amor que inclui até mesmo nossos inimigos. Esse amor não anula nem diminui nosso amor pelo Pai e pelos princípios de seu caráter, nem nosso amor pelos irmãos, mas os intensifica; e, nessa intensificação, nos capacita a incluir no amor da benevolência e da compaixão toda a pobre criação que geme, sofrendo dores e aguardando a manifestação dos filhos de Deus. "Amai os vossos inimigos, fazei o bem àqueles que vos perseguem e vos odeiam", é o mandamento do mestre; e somente quando tivermos alcançado esse grau de amor — amor até mesmo pelos inimigos — é que poderemos pensar, por um momento sequer, que atingimos a *meta* que o Senhor estabeleceu para nós como seus seguidores.

[F190]
Somente quando tivermos alcançado essa posição é que seremos imagens do amado Filho de Deus.

Precisamos alcançar esse ápice do amor antes de sermos considerados dignos de um lugar na nova criação, e não devemos esperar que cada um dos seguidores do Senhor alcance essa meta exatamente no momento de expirar na morte. Muito pelo contrário. Devemos esperar alcançá-la o mais cedo possível em nossa experiência cristã e, então, lembrar-nos das palavras do Apóstolo: "Tendo feito tudo — permaneçam firmes!" (***Ef 6:13***). Precisamos passar por provações no amor depois de termos alcançado a meta; e nossos esforços enquanto estivermos nessa meta — lutando para manter em nossas vidas essa meta, ou padrão — serão muito fortalecedores para nosso caráter. Nisso, especialmente, nossas experiências corresponderão às de nosso Senhor; pois, embora Ele não precisasse correr para alcançar a meta, precisava travar o bom combate da fé *na meta* — para não se desviar dela, para não ser vencido pelas diversas tentações do mundo e do adversário. "Eu prossigo em direção à meta", diz o Apóstolo; e assim cada um de nós deve se apegar firmemente a essa meta depois de alcançá-la, e zelar para que, em todas as provações que o Senhor permite que nos sobrevenham, sejamos considerados por Ele como vencedores — não por nossa própria força, mas pela força da ajuda de nosso redentor.

Enfrentaremos tentações que tentarão nos afastar do amor perfeito pelo Pai, levando-nos a consentir em prestar menos do que a homenagem e a obediência plenas que lhe são devidas. Também nos sobrevirão tentações em relação aos irmãos, sugerindo que não permitamos que o amor pelos irmãos cubra uma multidão de falhas — sugestões de que nos irritemos com aqueles que aprendemos a amar e a valorizar, e com cujas fraquezas aprendemos a ter compaixão. As tentações virão contra nós em relação aos nossos inimigos, depois que tivermos aprendido a amá-los — sugerindo-nos que há casos excepcionais e que nossa magnanimidade para com eles deveria ter seus limites. Abençoados somos se, nessas tentações, nos mantivermos firmes, avançando em direção à meta, esforçando-nos para manter a posição que já alcançamos — travando o bom combate da fé —

agarrando-nos firmemente à vida eterna que nos é concedida por meio de Jesus.

"Conhecendo a vossa escolha por Deus"

"Sabendo, irmãos amados, que fostes escolhidos por Deus. Pois o nosso evangelho não chegou até vós apenas em palavras, mas também em poder, no espírito santo e com grande convicção." ***1 Tess. 1:4,5***

Em outra ocasião, já apontamos o que constitui os sinais, as evidências de que somos filhos de Deus; a saber, nossa geração pelo espírito santo, nosso selamento, nossa vivificação.* Não repetiremos isso aqui, mas apenas, de maneira geral, chamaremos a atenção para o fato de que quem quer que participe dessa eleição possui várias evidências pelas quais isso pode ser discernido não apenas por si mesmo, mas, em breve, será discernível pelos "irmãos" com quem ele entra em contato. Há um poder, assim como uma mensagem, nessa eleição. Essa mensagem de eleição, ou chamado, ou "palavra", não é apenas o evangelho ou boas novas para a classe dos escolhidos, mas é mais do que isso para eles: é o poder de Deus operando neles para querer e praticar a sua boa vontade. Ela traz aos escolhidos o espírito santo e muita certeza, e eles, por sua vez, estão prontos, a qualquer custo, para proclamar a Palavra do Senhor.

Aos Colossenses, o apóstolo escreve (***3:12-14***) a respeito dessa classe dos escolhidos da nova criação, dizendo que tais pessoas devem abandonar a antiga maneira de ver as coisas e revestir-se de uma nova, que reconheça os membros dos escolhidos, não segundo a nacionalidade nem segundo a denominação, mas que reconheça *a todos em Cristo*, e somente a eles, como sendo a nova criação *escolhida*. Ele diz: "Revesti-vos, pois, como escolhidos de Deus, santos e amados, de entranhas de misericórdia, bondade, humildade de espírito, mansidão, longanimidade, perdoando-vos uns aos outros, se alguém tiver queixa contra outro; assim como Cristo vos perdoou, assim também vós perdoai; e, acima de tudo isso [alcançar], colocai o amor, que é o laço da perfeição."

Nosso Senhor, falando da Igreja escolhida como um todo, sugere que várias provações e testes devem sobrevir a ela,

---

*Vol. V, Cap. IX.

[F192]
e parece sugerir que estas se intensificarão no final da era evangélica, e que serão permitidas a tal ponto que enganarão a todos, exceto os "muito escolhidos". ***Mt 24:24*** *

Há um incentivo nisso: não significa que os "muito escolhidos" terão capacidade mental superior, pela qual serão capazes de discernir as várias sutilezas do Adversário neste dia mau; nem significa que terão alcançado a perfeição no controle de seus vasos de barro, de modo que não possam errar; mas, ao contrário, significa que, àqueles que permanecem em Cristo, serão concedidas graça *suficiente*, sabedoria *suficiente* e ajuda *suficiente* para o momento de necessidade. Que consolo há nisso para todos os que buscaram refúgio na esperança que nos é apresentada no evangelho! Que confiança nos dá sentir que nossa âncora está por dentro do véu — em Cristo! Tal predestinação é fortalecedora e consoladora, como declarou o Apóstolo: "Ele nos escolheu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos [em última instância] santos e irrepreensíveis diante dele em amor; tendo-nos predestinado para a adoção de filhos por meio de Jesus Cristo para si mesmo, segundo o bom prazer da sua vontade...para que, na dispensação da plenitude dos tempos, ele reunisse em Cristo todas as coisas, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra; sim, nele: em quem também obtivemos uma herança, tendo sido predestinados segundo o propósito daquele que opera todas as coisas segundo o conselho da sua própria vontade; para que nós [a nova criação] sejamos para o louvor da sua glória, nós que primeiro confiamos em Cristo." ***Ef 1,4-11***

"Por muitas tribulações entrareis no Reino"

A necessidade de esforços e vitória na formação de caráter que Deus associou ao chamado da nova criação, os "muito escolhidos", não carece de paralelos na natureza. Para ilustrar essa observação, veja o seguinte:

> "Conta-se a história de um homem que desejava adicionar uma mariposa-imperador à sua coleção

---

*Ver Vol. IV, Cap. XII.

[F193]
de insetos, que, por sorte, conseguiu um casulo e o pendurou em sua biblioteca durante todo o inverno. Na primavera, ele encontrou a mariposa tentando emergir. O orifício era tão pequeno, e a mariposa lutava tão desesperadamente, ao que parecia, contra a fibra resistente, que ele alargou o orifício com sua tesoura. Bem, a bela e grande mariposa emergiu, mas nunca voou. Alguém lhe disse depois que as lutas eram necessárias para forçar os fluidos do corpo a fluírem para as grandes asas do inseto. Poupá-la da luta foi uma bondade equivocada. O esforço era, na verdade, a salvação da mariposa. A moral é óbvia. As lutas que os homens precisam travar pelo bem temporal desenvolvem o caráter de uma forma que não seria possível sem elas. É bom, também, que o enriquecimento espiritual tenha de ser conquistado com esforço."

Já apontamos* que as Escrituras ensinam de forma muito explícita a doutrina da "graça gratuita", que será inaugurada grandiosamente assim que os escolhidos tiverem sido completados — glorificados. Durante o milênio, ela (a "Semente de Abraão") abençoará todas as famílias da Terra com as mais amplas oportunidades para alcançar o caráter perfeito, a restauração completa e a vida eterna.

---

*Vol. I, p. 96.

IRREPREENSÍVEL
—*JUDAS* 24—

Irrepreensível na presença de sua
glória! Toda a minha alma se
comoveu,
Todo o meu coração se elevou ao
céu Diante da maravilha daquela
palavra.

Capaz de *me* apresentar irrepreensível?
Senhor, perdoa minha dúvida, clamei;
Tu, outrora, à dúvida amorosa, mostraste
Mãos, pés e o lado perfurado.

Ó! Construa para mim uma escada,
Brilhante com anéis dourados, um
após o outro,
Para que minha esperança possa abranger
esse pensamento, Alcançando o alto
ponto de vista da fé!

Ora, enquanto orava assim, eis que
minha escada, que se estendia até o
dia perfeito,
Surgiu de uma simples história Que
alguém havia deixado cair pelo
caminho.

Outrora uma rainha — assim dizia
a história —, em busca de algo
novo,
Encontrou-o em um moinho, onde,
estranhamente, Nada além de
trapos recompensava seu olhar —

[F194]

Trapos tirados das próprias sarjetas,
Trapos de todas as formas e matizes;
Enquanto as crianças miseráveis,
catando, Pareciam nada mais que
trapos, do cabelo aos sapatos.
"O que, então", ecoou sua pergunta
ansiosa, "vocês podem fazer com coisas
tão vis?"
"Transformá-los em brancura perfeita",
disse o mestre com um sorriso.
"Brancura?", perguntou a rainha, meio
duvidosa; "Mas essas manchas vermelhas,
essas tintas carmesim —
Certamente nada jamais poderá
branqueá-las a ponto de agradarem
aos seus olhos?
"Sim", disse ele, "embora essas sejam
as cores mais difíceis de remover de
todas,
Ainda assim tenho o poder de torná-las
como o floco de neve em sua queda.
Pelo meu coração, aquelas palavras tão
simples pulsavam com eco, indo e vindo:
Carmesim — escarlate — branco como um
floco de neve — Será que este homem
consegue? E *Deus não* consegue?
Certa vez, algum tempo depois
(assim a história continuava à
vontade),
Chegou à rainha um presente Do
mestre do moinho.
Passa por entre as dobras de
textura mais delicada o papel, de
um branco imaculado;
Em cada folha brilhavam as letras do
nome dela, banhadas por uma luz
dourada.
"Preziosa lição", escreveu o mestre,
"é o que meu moinho me
proporcionou, Mostrando como
nosso Cristo pode reunir Os
corações mais vis, da terra ou do
mar;
Em algum alambique celestial, do
carmesim ao branco como a neve;
Imprimir seu nome em cada um e levá-los
Ao palácio do rei.

* * *

Ó, que visões maravilhosas me
envolveram! Os portões do céu pareciam
abertos de par em par, e eu mesmo estava
puro e sem culpa,
Ao lado do meu querido redentor.
Imaculado na presença de sua
glória! Imaculado naquela luz
ofuscante! O próprio amor de Cristo,
majestoso e terno, transformou meu
vermelho em branco como a neve!

[F195]

ESTUDO V
A ORGANIZAÇÃO DA NOVA CRIAÇÃO

As "pedras vivas" para o templo espiritual — A nova criação nominal versus a real — O "mistério de Deus" e o "mistério da iniquidade" — A organização do Grande Anticristo — A confiabilidade das Escrituras — Liberdade concedida ao mundo e ao cristianismo institucional
—Ordem a partir da confusão—"No tempo devido"—"O fim dos séculos"—A videira plantada pelo Pai—"Os doze apóstolos do Cordeiro"—Paulo, o sucessor de Judas—O número de apóstolos limitado a doze—A missão apostólica—O caráter forte dos apóstolos—O apóstolo Paulo "nem um pouco atrás" dos outros apóstolos—A inspiração dos doze—A supervisão divina dos escritos dos apóstolos—""Sobre esta rocha edificarei a minha Igreja" — A harmonia dos evangelhos — As chaves da autoridade — A infalibilidade apostólica — Objeções consideradas — "Um só é o vosso Mestre" — A verdadeira Igreja é "o rebanho de Deus"—Apóstolos, profetas, evangelistas, mestres—A organização do Senhor para a Nova Criação é absolutamente completa—Ele também é seu superintendente—Os dons do espírito cessaram com o fim de sua necessidade—Unidade da "fé que uma vez foi entregue aos santos"—Unidade de força, anticristã—Bispos, anciãos, diáconos—Verdadeiro significado de "profeta"—A humildade é essencial para o cargo de ancião — Outras qualificações necessárias — Diáconos, ministros, servos — Professores na Igreja — Muitos devem ser capazes de ensinar — ""Não sejais muitos mestres, irmãos" — "Não precisais que ninguém vos ensine" — "Aquele que é ensinado" e "aquele que ensina" — O papel da mulher na Igreja — As mulheres como colaboradoras — "Que ela se cubra."

ASSIM COMO a nova criação não alcançará sua perfeição ou conclusão até a primeira ressurreição, assim também sua organização só estará completa nessa ocasião. A figura do templo ilustra isso: como pedras vivas, somos agora chamados, ou convidados, a ocupar lugares no glorioso templo e, como explica o apóstolo (***1 Pe. 2:5***), nos aproximamos de Jesus, que, como representante do Pai, nos molda, esculpe, ajusta e poliu para os lugares no glorioso Templo do futuro — o ponto de encontro entre Deus e o mundo. Assim como no templo típico construído por Salomão, cada

[F196]
pedra era cuidadosamente ajustada na pedreira para seu lugar na construção, assim também conosco — toda a preparação adequada é feita nesta vida. Assim como no tipo cada pedra lapidada se encaixava em seu lugar sem o som de um martelo, assim também no antítipo
— as pedras vivas, que agora se submetem com alegria à preparação do Senhor, estarão completamente organizadas sob Ele mesmo como a pedra angular quando unidas a Ele além do véu
— sem confusão, sem necessidade de arranjos ou preparações adicionais.

No entanto, as Escrituras reconhecem uma unidade ou relação entre essas pedras vivas durante o período de sua preparação. Na verdade, elas vão um passo além e reconhecem uma *organização temporária* que permite que cada membro do futuro Reino participe, juntamente com o grande Mestre e Arquiteto, na obra preparatória de "edificar-se uns aos outros na fé santíssima" — auxiliando-se mutuamente na formação de caracteres de acordo com as linhas do modelo — nosso Senhor Jesus. À medida que avançamos para um exame minucioso dos arranjos divinos para o tempo presente, muitos podem se surpreender ao descobrir quanta liberdade o Senhor concedeu a cada membro individual da nova criação; mas quando reconhecemos o fato de que Ele está buscando adoradores dispostos, sacrificadores voluntários, que são motivados pelo amor ao Senhor e pelos princípios da justiça a entregar suas vidas em prol dos irmãos, e para serem seus colaboradores, fica claro que o plano do Senhor de conceder grande liberdade é o melhor plano — aquele que mais seguramente testa a lealdade do coração, desenvolve mais plenamente o caráter e comprova a disposição de cada um de seguir, juntamente com o outro, a Lei do Amor, fazendo ao próximo o que gostaria que o próximo fizesse a ele.

Tal liberdade, ou liberdade relativa, está bem adaptada ao objetivo do Senhor no tempo presente — a saber, a seleção do pequeno rebanho, o aperfeiçoamento de seu caráter e sua instrução para o Sacerdócio Real do futuro —, mas estaria totalmente fora de sintonia com a obra de converter o mundo, que geralmente se supõe que Ele esteja realizando, e seria insuficiente para tal. É por causa dessa doutrina errônea

[F197]
— essa suposição de que Deus encarregou a Igreja de conquistar o mundo e subjugar todas as coisas a si mesmo durante a era atual — que tantas pessoas de bom senso se maravilharam com a simplicidade da organização da Igreja pelo Senhor e pelos apóstolos. E, vendo o quão inadequado tal arranjo seria para a *conversão do mundo*, os homens se propuseram a elaborar a organização, como se vê nas diversas instituições eclesiásticas da cristandade. Entre elas está o papado, uma das organizações mais sutis e poderosas que se possa imaginar. O sistema Metodista Episcopal também é magistral, mas em um plano superior; ele controla uma classe diferente. Foi a organização minuciosa desses dois grandes sistemas que lhes conferiu sucesso e poder no "mundo cristão". Veremos, à medida que avançarmos, que essas e todas *as "igrejas" humanas* são, em sua organização, bem diferentes da Igreja que o Senhor instituiu — que seus caminhos não são os caminhos Dele, assim como seus planos não são os planos Dele; pois, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim também os caminhos e planos do Senhor são mais elevados do que os do homem. (***Isaías 55:8,9***) Em breve, os de coração sincero perceberão que erraram grandemente ao abandonar a simplicidade de Cristo e ao tentarem ser mais sábios do que Deus na condução de sua obra. Os resultados mostrarão a sabedoria de Deus e a insensatez do homem.

A Nova Criação Nominal versus a Real

Assim como, no tipo, todos eram israelitas no sentido nominal, mas comparativamente poucos eram "verdadeiros israelitas", da mesma forma, no antítipo, não devemos nos surpreender ao encontrar uma Igreja nominal, assim como uma Igreja real, uma nova criação nominal, assim como uma nova criação real. Desde que o cristianismo se tornou, em certa medida, popular, o "joio" e o "trigo falso" têm infestado o campo de trigo, fingindo ser trigo genuíno. Por mais difícil que seja para o homem, que não consegue ler o coração, distinguir o verdadeiro do falso, o trigo do joio, o Senhor nos assegura que Ele conhece o coração, que — "O Senhor conhece aqueles que são Seus". Ele realmente espera que distingamos entre as verdadeiras

[F198]
ovelhas e os lobos em pele de ovelha, e entre a verdadeira videira que produz os frutos verdadeiros e os espinhos e cardos que possam tentar se passar por membros da verdadeira Videira, e nos diz para fazê-lo. Mas, além desse julgamento geral — um exame amplo do caráter externo geral —, o Senhor não permite que seu povo vá além, dizendo: "Não julgueis nada antes do tempo". Entre aqueles que vocês reconhecem como ramos legítimos da Videira, não tentem decidir quanto tempo deve ser concedido a eles para produzirem frutos maduros. Devemos deixar isso a cargo do Pai, o Lavrador, que poda cada ramo e que, por fim, removerá todo ramo ou membro que "não dê fruto". Nós, portanto, deixamos ao Lavrador a poda da "Videira" — a correção de cada membro verdadeiramente consagrado da Igreja de Cristo —, permitindo que ele faça a excomunhão, reconhecendo que foi ele quem plantou e regou, e fez brotar cada ramo na verdadeira Videira. O espírito da Videira deve ser reconhecido, em certa medida, em cada ramo ou membro, e cada um deve ser encorajado e auxiliado em seu crescimento. O amor deve ser a lei entre todos esses ramos; e somente quando a Palavra divina for ouvida — nem um pouco além de sua autorização — é que qualquer ramo tem o direito de criticar, repreender ou podar de qualquer outra forma, ou fazer qualquer coisa contra outro ramo. O espírito do amor, ao contrário, deve levar à misericórdia, à bondade, à longanimidade e à paciência até os limites permitidos pelo grande Lavrador; os quais, como já sugerimos, são amplos e liberais e destinados a desenvolver o caráter em cada ramo.

Tudo isso é diferente nas organizações humanas, na medida em que elas ignoraram ou abandonaram a simplicidade do arranjo divino. Elas estabeleceram regras arbitrárias a respeito de quem pode ser reconhecido como membro ou ramo da Videira e de quem não pode ser admitido à plena comunhão; impuseram exações financeiras e diversas regras e regulamentos que as Escrituras não estabeleceram, e definiram numerosos credos e confissões que as Escrituras não estabeleceram, além de terem prescrito penalidades

[F199]
para violações destas que as Escrituras não impuseram, e estabeleceram regulamentos para exclusão, excomunhão etc., contrários a qualquer autorização concedida à Verdadeira Igreja, o Corpo de Cristo, a Videira Verdadeira, a nova criação.

Já chamamos a atenção para o fato de que a Igreja de Cristo é chamada nas Escrituras de "Mistério de Deus",* porque, contrariamente ao que se esperava, a Igreja seria o *Corpo* Messiânico que, sob sua Cabeça Ungida, Jesus, governará e abençoará o mundo. Esse mistério, ou segredo, agora revelado aos santos, permaneceu oculto nas eras e dispensações passadas (***Ef 3:3-6***), e é o mistério de Deus que se consumará em breve, na consumação da nova criação, no fim da era evangélica. Também chamamos a atenção para o fato de que as Escrituras se referem à Babilônia como um sistema falso (mãe e filhas — algumas mais e outras menos corruptas, algumas imitações melhores e outras piores) e ali designado como o "Mistério da Iniquidade". Não devemos ser interpretados como querendo dizer que os fundadores desses sistemas falsos os organizaram propositalmente e intencionalmente com o objetivo de enganar o povo de Deus. Em vez disso, devemos lembrar que é a Satanás a quem, nas Escrituras, é atribuído ter "enganado o mundo inteiro" a respeito desse assunto; colocando o mal no lugar do bem e o bem no lugar do mal; a luz no lugar das trevas e as trevas no lugar da luz. Satanás "agora opera nos filhos da desobediência" (***Isaías 5:20***; ***Efésios 2:2***), assim como ofereceu sua cooperação ao nosso Senhor Jesus. Ele se deleita em cooperar com todos os seguidores de Cristo que consegue seduzir para que não sigam os passos do mestre. Assim como tentou persuadir nosso Senhor de que havia caminhos melhores — caminhos que envolviam menos sacrifício pessoal e abnegação do que os caminhos do Pai — pelos quais ele poderia abençoar todas as famílias da terra, assim também, durante a era evangélica, tem se empenhado em persuadir os irmãos verdadeiramente consagrados do Senhor a adotarem seus planos — em vez de darem atenção cuidadosa aos planos e regras do Pai. Ele gostaria que eles

---

*Vol. I, Cap. v.

[F200]
com excesso de sabedoria — a achar que podem servir melhor ao Senhor por outros métodos que não aqueles que as Escrituras indicam. Ele gostaria de envaidecê-los com sentimentos de zelo e orgulho por seus sistemas humanos, pelo trabalho que estão realizando e pelas organizações que criaram. Com o mestre, o adversário não teve sucesso, sendo a resposta deste invariavelmente: "Está escrito". Mas não é assim com seus seguidores. Muitos, muitos negligenciam o que está escrito; negligenciam o exemplo e as palavras do mestre; negligenciam as palavras e o exemplo dos apóstolos, e estão empenhados em executar para Deus um plano que esperam e acreditam que Ele aprove e que, segundo confiam, redundará em seu louvor.

Quão maravilhosamente enganados esses se verão quando, com o tempo, contemplarem o Reino tal como Deus o planejou originalmente e como, desde então, tem conduzido o assunto segundo seus próprios princípios! Descobrirão então como é muito melhor ter o cuidado de ser ensinado pelo Senhor do que tentar ensinar o Senhor — fazer a obra dele à maneira dele, em vez de trabalhar para ele de uma forma que ele não reconhecerá. O sucesso desses planos humanos — como no papado, no metodismo e, proporcionalmente, em outras denominações — contribui para tornar esses sistemas "fortes ilusões".

O Senhor não interferiu nem impediu o crescimento do "joio" no campo de trigo durante a era evangélica. Pelo contrário, Ele instruiu Seu povo a esperar que ambos crescessem juntos até a época da "colheita", quando Ele mesmo estaria presente, supervisionando a separação, recolhendo o trigo em Seu celeiro (a condição glorificada) e providenciando o empacotamento do joio para o grande tempo de angústia com o qual a era terminará, e que os destruirá como "joio" ou *imitações de novas criaturas*, sem destruí-los como seres humanos. De fato, muitos dos "joios" são respeitáveis, morais e, como o mundo usa o termo, "pessoas boas". Assim, entre todas as religiões pagãs também há elementos de bondade, embora muito menos do que entre os "joios", que foram grandemente abençoados e favorecidos em todos os sentidos em razão de seu contato próximo com

[F201]
o verdadeiro "trigo" e de seu discernimento parcial do espírito do Senhor neste último.

Esse Mistério da Iniquidade ("Babilônia", Confusão, Cristandade), declara o apóstolo Paulo, já estava começando a agir entre o povo do Senhor em sua época; mas essa ação foi evidentemente insignificante até depois da morte de Paulo e dos outros apóstolos. Enquanto os apóstolos permaneceram com a Igreja, eles foram capazes de identificar alguns dos falsos mestres por meio dos quais o adversário buscava, de forma dissimulada, privada e secreta, introduzir heresias condenáveis para minar a fé e desviar os fiéis das esperanças, promessas e simplicidades do evangelho. (***2 Pe. 2:1***) O apóstolo Paulo também fala de alguns deles em termos gerais, como aqueles que dão início às obras da iniquidade; mas ele cita alguns nominalmente: Himeneu e Fileto, entre outros, "que se desviaram da verdade", etc. — "subvertendo a fé de alguns". (***2 Tim. 2:17***) Com relação a esses falsos mestres e seus erros, ele novamente advertiu a Igreja por meio dos anciãos de Éfeso, ressaltando especialmente que estes prosperariam após sua morte — lobos cruéis, que não poupariam o rebanho. (***Atos 20:29***) Esta última afirmação está notavelmente de acordo com a previsão de nosso Senhor na parábola. (***Mateus 13:25, 39***) Nosso Senhor mostra claramente que esses falsos mestres e suas falsas doutrinas eram os instrumentos do adversário, que semeou o joio entre o trigo que ele e os apóstolos haviam plantado. Ele diz: "Enquanto os homens [os servos especiais, os apóstolos] *dormiam*, veio um adversário e semeou o joio".

Não demorou muito depois que os apóstolos adormeceram, podemos ter certeza, para que o espírito de rivalidade, sob a orientação do Adversário, levasse, passo a passo, à organização definitiva do grande sistema do anticristo — o papado. Sua organização, como já vimos*, não se deu instantaneamente, mas gradualmente — começando a assumir seu poder por volta do século IV. O grande anticristo prosperou com tanto sucesso por um

---

*Vol. II, Cap. IX.

[F202]
tempo que todas as histórias escritas a partir daquele período até a "Reforma" praticamente ignoraram o direito de toda pessoa e classe de se intitular cristã ou de ser considerada ortodoxa e fiel, caso não pertencesse ou, de alguma forma, apoiasse o sistema do anticristo. Aos demais não era permitido existir, a não ser que fosse em segredo e sob excomunhão; e, se houvesse registros históricos sobre eles, aparentemente foram destruídos; mas, possivelmente, assim como aqueles que hoje caminham na luz da verdade atual, os fiéis daquela época eram tão insignificantes em proporção de número e influência que ninguém os teria considerado dignos de menção em comparação com o grande e bem-sucedido sistema ao qual tentavam se opor, e que tão rapidamente alcançou uma posição influente de poder tanto em assuntos temporais quanto espirituais.

Desde a "Reforma", o adversário voltou a demonstrar sua astúcia ao transformar cada novo desvio (cada novo esforço para alcançar a verdade) em outro anticristo; de modo que hoje temos não apenas a "mãe das prostitutas" original, mas também suas muitas "filhas".* Diante desses fatos, não buscaremos histórias da Verdadeira Igreja, exceto aquelas que encontramos no Novo Testamento, que evidentemente nos foram preservadas com grande santidade e pureza, apesar de alguma interpolação ocasional, ilustrada em ***João 21:25*** e ***1º João 5:7***.

No entanto, chamaremos brevemente a atenção para certos fatos, que não apenas nos provam que as Escrituras foram preservadas com relativa pureza, mas que também atestam, ao mesmo tempo, que os muitos sistemas que alegam ter sido organizados pelo Senhor e pelos apóstolos são totalmente diferentes daquele que eles realmente organizaram, cujo relato nos é apresentado no Novo Testamento.

(1) Se a Igreja primitiva tivesse sido organizada à maneira do papado ou de outras denominações atuais, os registros teriam sido bem diferentes do que são. Teríamos alguma referência à investidura do apostolado por nosso Senhor com grande cerimônia, ele próprio

---

*Ver Vol. III, pp. 42, 153, 155.

[F203]
sentado em algum lugar com pompa, como um papa, recebendo os apóstolos em vestes escarlates como cardeais, etc., etc.; teríamos leis e regulamentos rígidos a respeito da sexta-feira, da abstinência de carne, etc. — algo a respeito da "água benta" aspergida sobre os apóstolos ou sobre a multidão, e algo sobre fazer o sinal da cruz. Maria, a mãe de nosso Senhor, não teria sido esquecida. Teria sido relatada sua suposta concepção milagrosa e ela teria sido anunciada como "a mãe de Deus", e o próprio Jesus teria sido retratado prestando-lhe alguma homenagem especial e instruindo os apóstolos a se aproximarem dele por meio dela. Alguma orientação teria sido dada a respeito das "velas sagradas", quando, como e onde deveriam ser usadas; alguma instrução a respeito da invocação dos santos; alguma instrução sobre a "missa" e como Pedro, ao se reunir com os outros discípulos, foi reconhecido como o Papa; como eles se prostraram diante dele e como ele celebrou a missa para todos eles, declarando que tinha o poder de recriar Cristo no pão e de sacrificá-lo novamente pelas transgressões pessoais. Teríamos algum relato sobre o enterro de Estêvão; como Pedro ou os outros "consagraram" um túmulo para ele, para que pudesse repousar em "solo consagrado", e que colocaram em sua mão uma "vela sagrada" enquanto recitavam certas orações sobre ele. Teríamos regras e regulamentos relativos às várias ordens do clero, e como os leigos não são de forma alguma "irmãos" deles, mas sim subordinados a eles. Por sua vez, teríamos ordens entre o clero, superiores e inferiores: Reverendo, Reverendíssimo, Sumo Reverendíssimo; bispos, arcebispos, cardeais e papas; e orientações específicas sobre como cada um e todos deveriam alcançar suas posições, buscando honra uns dos outros, e quem deveria ser o maior.

O fato de que essas questões não são, em nenhum sentido da palavra, sequer sugeridas pelos apóstolos é prova *prima facie* de que os sistemas que reivindicam, no todo ou em parte, tais divisões da Igreja, tais autoridades, tais cargos etc., não foram organizados pelos apóstolos nem sob sua orientação, nem

[F204]
pelo Senhor, que os nomeou e reconheceu sua obra.
João 15:16; ***Atos 1:2***; ***Apocalipse 21:14***

(2) Isso prova, além disso, que a Bíblia não foi inventada por esses sábios organizadores; pois, se eles a tivessem forjado, podemos ter certeza de que a teriam repleta de referências como as que sugerimos.

(3) Tendo essa autoridade e evidência de que o sistema "mãe" e os numerosos sistemas "filhas" dos dias de hoje não foram instituídos pelo Senhor e pelos apóstolos, mas resultaram de corrupções de seus ensinamentos simples e são, portanto, meras instituições humanas — tentativas de ser mais sábios do que Deus na realização da obra divina — tenhamos maior confiança na Palavra de Deus e prestemos atenção ainda mais sincera até mesmo aos menores detalhes que ela nos apresenta, sobre este e todos os assuntos.

Durante os seis mil anos da história do mundo até o presente, Deus permitiu que a humanidade em geral fizesse o seu melhor para resolver os problemas da vida. O homem natural foi criado com qualidades mentais que o inclinavam a honrar e adorar seu Criador; e essas qualidades mentais não foram totalmente obliteradas pela queda — a "depravação total" certamente não se aplica à raça humana em geral. Assim como Deus permitiu que os homens exercessem as outras qualidades de suas mentes conforme escolhessem, também lhes permitiu exercer seus traços morais e religiosos de acordo com suas inclinações. Podemos ver que, além do Israel natural e do Israel espiritual, e das influências que partiram deles para o mundo, Deus deixou o mundo por conta própria — permitiu que ele fizesse o melhor que pudesse no que diz respeito ao autodesenvolvimento, etc. O homem, em sua ignorância e cegueira, tem caído em grande parte nas artimanhas de Satanás e dos anjos caídos, que, por meio de várias formas de superstição, falsas religiões, magia etc., afastaram as massas da verdade. O apóstolo explica a situação, dizendo que isso ocorre porque, quando os homens conheceram a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, mas tornaram-se vaidosos em suas imaginações, e seu coração insensato foi obscurecido, e Deus os entregou — permitiu que seguissem o caminho que preferissem, para aprender certas

[F205]
lições relacionadas à sua própria depravação e a manifestar, por meio da degradação em que cairiam, a extrema pecaminosidade do pecado e a imprudência de dar ouvidos a qualquer conselho, exceto ao de seu Criador.

Como já vimos, o Senhor não tem a intenção de deixar a humanidade nessa condição fraca e caída; mas, por meio da nova criação, no tempo determinado por Ele, o conhecimento do Senhor alcançará cada membro da família humana, com plena oportunidade de chegar ao conhecimento da verdade e de todas as bênçãos garantidas pela redenção. Mas o ponto que desejamos especialmente enfatizar aqui é que, assim como Deus deixou as nações pagãs à própria sorte, da mesma forma Ele está deixando a chamada "cristandade" à própria sorte. Ele está permitindo que os homens que receberam parte da luz da revelação divina a utilizem como bem entenderem — para tentar fazer melhorias no plano divino, para organizar sistemas humanos, etc. Tudo isso não significa que Ele não tenha o poder de interferir, nem que aprove esses diversos artifícios e instituições conflitantes e, em maior ou menor grau, prejudiciais da humanidade e do cristianismo institucional. Essas experiências constituirão outra lição, que, com o tempo, repreenderá muitos, quando reconhecerem o grandioso resultado do plano divino e virem como Deus prosseguiu firmemente, levando a cabo a realização de seus propósitos originais, praticamente ignorando os esquemas e artifícios do homem, e alcançando seus resultados às vezes parcialmente por meio deles e às vezes em oposição absoluta a eles. Exatamente assim Ele agiu no final da era judaica, quando permitiu que alguns daquela nação cumprissem Seu plano ao perseguir e crucificar o Senhor e Seus apóstolos. E assim como alguns deles eram "verdadeiros israelitas", posteriormente abençoados, exaltados e tornados participantes dos sofrimentos de Cristo para que, com o tempo, também se tornassem participantes de suas glórias, assim agora provavelmente existem "verdadeiros israelitas" espirituais que, à semelhança de Paulo, serão resgatados das armadilhas do adversário.

Outro ponto merece destaque: o Senhor tem um tempo especial para o início de seu Reino, um tempo especial, portanto, no qual sua nova criação escolhida será desenvolvida

[F206]
e preparada para o seu serviço; e, aparentemente, fazia parte do seu plano que uma luz especial brilhasse sobre o início e sobre o fim desse período. O Apóstolo sugere isso quando se refere a nós, "sobre quem chegaram os fins dos séculos". (***1 Cor. 10:11***) Foi na *transição* entre a era judaica e a era evangélica que o Caminho, a Verdade e a Vida se manifestaram pela primeira vez; "Idades das Trevas" se interpusero, e agora, na transição entre a era evangélica e a era milenar, a luz brilha como nunca antes — sobre "coisas novas e antigas". Embora devamos supor que aqueles que estavam em harmonia com o Senhor no início da era receberam luz especial, e que tais pessoas agora, no fim da era, serão favorecidas com a luz da Verdade Presente para que, por meio dela, possam ser santificadas, não devemos pensar que a mesma medida de luz fosse necessária para a santificação durante os séculos intermediários, alguns dos quais são conhecidos como a "Idade das Trevas". Não devemos supor que o Senhor alguma vez tenha ficado sem testemunhas, por mais que elas tenham sido ignoradas nas páginas da história; mas devemos considerar essa ignorância como resultado de sua relativa obscuridade e de estarem fora de contato e em desacordo com os grandes sistemas anticristãos — mesmo que algumas delas tenham feito parte desses sistemas. Assim, o chamado do Senhor, aplicável atualmente, indica claramente que devemos esperar encontrar muitos do povo do Senhor *no* sectarismo — e confusos e desorientados por ele —, em Babilônia: "Caiu a grande Babilônia." "Sai *dela*, ó meu povo, para que não sejais participantes dos seus pecados e não recebestes das suas pragas." ***Apocalipse 18:2,4***

Tendo assim feito uma visão superficial da Igreja e de sua história limitada, passemos mais especificamente a um exame da Igreja tal como foi originalmente instituída por nosso Senhor. Assim como há apenas um *espírito* do Senhor, que todos os que são Seus devem possuir, assim também há apenas uma Cabeça e *um centro* da Igreja: nosso Senhor Jesus. Devemos lembrar, no entanto, que em toda a sua obra o Pai foi livremente reconhecido e que, segundo seu próprio testemunho, sua obra foi realizada em nome do Pai, pela autoridade do Pai — "Toda planta que meu Pai Celestial não plantou será

[F207]
arrancada." (***Mt 15,13***) A verdadeira Igreja, a Nova Criação, foi plantada pelo Pai. Nosso Senhor diz: "Eu sou a videira verdadeira, vós sois os ramos e meu Pai é o lavrador". Mais adiante, ele ressalta que existe uma "videira da terra", uma igreja nominal, uma igreja falsa, que não foi plantada pelo Pai e que será arrancada. O fruto da Videira Verdadeira é o amor, e é precioso para o Pai; mas o fruto da Videira da Terra é o egoísmo em várias formas, e será, por fim, reunido no grande lagar da ira de Deus, no grande tempo de angústia com o qual esta era chegará ao fim. ***João 15:1-6***; ***Apocalipse 14:19***

Todo estudante da Bíblia certamente observou que nosso Senhor e os apóstolos não reconheciam nenhuma divisão na Igreja e ignoravam tudo o que se assemelhasse a cisma, tanto na prática quanto no nome. Para eles, a Igreja era uma e indivisível, assim como sua única fé, seu único Senhor e seu único batismo. Era referida, desse ponto de vista, como a Igreja, a Igreja de Deus, a Igreja do Deus Vivo, a Igreja de Cristo, a Igreja dos Primogênitos; e seus membros eram chamados de "irmãos", "discípulos", "cristãos". Todos esses nomes são usados indistintamente para se referir à Igreja como um todo, às menores reuniões — mesmo aos grupos de dois ou três — e aos indivíduos, seja em Jerusalém, em Antioquia ou em qualquer outro lugar. A variedade desses nomes e seu uso geral indicam claramente que nenhum deles se destinava a ser um nome próprio. Todos serviam meramente para ilustrar o grande fato que nosso Senhor e seus apóstolos continuamente expunham, a saber, que a Igreja (*Ecclesia*, corpo, comunidade) dos seguidores do Senhor são seus "escolhidos" — para compartilhar sua cruz e aprender as lições necessárias agora, e, no futuro, estar associados a ele em sua glória.

Esse costume deveria ter continuado, mas foi alterado durante a Idade das Trevas. Quando o erro se desenvolveu, o espírito sectário surgiu com ele e designações peculiares se seguiram
— Igreja de Roma, Igreja Batista, Igreja Luterana, Igreja da Inglaterra, Santa Igreja Católica, Igreja Wesleyana, Igreja Cristã, Igreja Presbiteriana, etc. Essas são marcas de *carnalidade*, como o Apóstolo aponta (***1 Cor. 3:3,4***);

[F208]
e à medida que a nova criação emerge das trevas densas que por tanto tempo cobriram o mundo, ela também se ilumina quanto a esse ponto; e, observando o erro e a aparência do mal, não apenas se afasta do sectarismo, mas se recusa a ser conhecida por esses nomes não bíblicos — embora responda de bom grado a qualquer um ou a todos os que forem bíblicos.

Examinemos agora os fundamentos da única Igreja que o Senhor estabeleceu:

Os Doze Apóstolos do Cordeiro

O Apóstolo declara que ninguém pode lançar outro fundamento além daquele que já foi lançado — Jesus Cristo. (***1 Cor. 3:11***) Sobre esse fundamento, nosso Senhor, como representante do Pai, começou a edificar sua Igreja e, ao fazê-lo, chamou doze apóstolos — não por acaso, mas por desígnio, assim como as doze tribos de Israel não eram doze por acaso, mas em conformidade com o plano divino. O Senhor não apenas não escolheu mais do que esses doze apóstolos para essa posição, como também nunca concedeu autoridade a mais ninguém desde então — exceto pelo fato de que Judas, tendo-se mostrado indigno de um lugar entre os doze, caiu de seu posto e foi sucedido pelo apóstolo Paulo.

Percebemos com que cuidado o Senhor zelou pelos apóstolos — seu cuidado com Pedro, sua oração por ele na hora da provação e seus apelos especiais a ele, posteriormente, para que apascentasse suas ovelhas e seus cordeiros. Notamos também seu cuidado com Tomé, o incrédulo, e sua disposição em demonstrar-lhe de forma completa o fato da sua ressurreição. Dos doze, ele não perdeu nenhum, exceto o filho da perdição — e o desvio deste já era conhecido de antemão pelo Senhor e predito nas Escrituras. Não podemos reconhecer a escolha de Matias, registrada em Atos, como, em qualquer sentido da palavra, uma seleção do Senhor. Ele era, sem dúvida, um homem bom, mas foi escolhido pelos onze sem autoridade. Eles haviam recebido instruções para permanecer em Jerusalém e aguardar a investidura do alto pelo espírito santo no Pentecostes, e foi durante esse período de espera, e antes de serem investidos de poder, que

[F209]
eles, por engano, lançaram sortes e escolheram Matias para ocupar o lugar de Judas. O Senhor não os repreendeu por essa intromissão não planejada em Seu plano, mas simplesmente ignorou a escolha deles e, no tempo determinado por Ele, apresentou o apóstolo Paulo, declarando: "Ele é um vaso escolhido para mim"; e, novamente, temos a afirmação do apóstolo de que foi escolhido desde o ventre de sua mãe para ser um servo especial; e, além disso, que não ficava nem um pouco atrás dos principais apóstolos. ***Gálatas 1:15***; ***2 Coríntios 11:5***

A partir disso, fica claro que estamos em total desacordo com as visões do papado, da Igreja Episcopal Protestante, da Igreja Católica-Apostólica e dos mórmons, os quais afirmam que o número dos apóstolos não se limitava a doze e que, desde a época deles, houve sucessores que falaram e escreveram com igual autoridade que os doze originais. Nós negamos isso e, como evidência, observamos como o Senhor escolheu especificamente esses doze, lembrando a importância do número doze nas coisas sagradas relativas a essa eleição; e culminamos nossa argumentação apontando para a imagem simbólica da Igreja glorificada apresentada em ***Apocalipse 21***. Lá, a Nova Jerusalém — símbolo do novo governo milenar, a Igreja, a Noiva unida ao seu Senhor — é delineada com muita clareza; e, na imagem, afirma-se de forma muito distinta que os doze fundamentos da Cidade são preciosos e que, nesses doze fundamentos, estavam escritos os nomes dos *"doze* apóstolos do Cordeiro" — nem mais, nem menos. Que prova melhor poderíamos ter de que nunca houve mais do que doze desses apóstolos do Cordeiro, e de que quaisquer outros eram, como sugere o apóstolo Paulo, "falsos apóstolos"***? 2 Coríntios 11:13***

Tampouco podemos imaginar qualquer necessidade de mais apóstolos; pois ainda temos esses doze conosco — seu testemunho e o fruto de seus trabalhos — de uma forma muito mais acessível do que tinham aqueles que estiveram pessoalmente com eles durante seu ministério. Os registros de seus ministérios estão conosco; seus relatos das palavras do Senhor, dos milagres, etc. Seus discursos sobre os diversos temas da doutrina cristã em suas epístolas estão em nossas

[F210]
mãos hoje, de maneira extremamente satisfatória. Essas coisas são "*suficientes*", como explica o Apóstolo, "para que o homem de Deus esteja plenamente equipado". Explicando melhor o assunto, o Apóstolo declarou: "Não me esquivei de proclamar todo o conselho de Deus". O que mais é necessário? ***2 Tim. 3:17***; ***Atos 20:27***

Imediatamente após seus quarenta dias de meditação e provações pelo adversário no deserto, e tendo decidido o caminho a seguir, nosso Senhor começou a pregar o evangelho do Reino vindouro e a convidar seguidores, que eram chamados de discípulos. Foi dentre esses discípulos que ele acabou escolhendo os doze. (***Lucas 6:13-16***) Todos eles provinham do que se poderia chamar de classes mais humildes da sociedade; vários eram pescadores, e sobre eles é declarado, sem qualquer reprovação, que os governantes "perceberam que eram homens sem instrução". (***Atos 4:13***) Aparentemente, os doze foram chamados de entre os "discípulos" ou seguidores em geral que abraçavam a causa do Senhor e o confessavam sem abandonar suas ocupações diárias. Os doze foram convidados a se tornarem parceiros no ministério do evangelho, e os registros indicam que eles abandonaram tudo para segui-lo. (***Mateus 4:17-22***; ***Marcos 1:16-20; 3:13-19***; ***Lucas 5:9-11***) Os "sete
"vinte" designados posteriormente nunca foram reconhecidos como apóstolos. Lucas nos dá um relato específico da seleção dos doze, informando-nos que, pouco antes desse evento, nosso Senhor retirou-se para uma montanha a fim de orar — evidentemente para consultar o Pai a respeito de sua obra e de seus colaboradores nela. Ele permaneceu em oração a noite toda — e, quando amanheceu, chamou a si seus discípulos (em grego, *mathetes*
—alunos ou discípulos); e dentre eles escolheu doze, a quem também chamou *de apóstolos* (em grego, *apostolos* — os enviados). Assim, os doze foram destacados como um grupo separado e distinto entre os discípulos. ***Lucas 6:12, 13, 17***

Os demais discípulos, que não foram assim escolhidos para o apostolado, também eram amados pelo Senhor e, sem dúvida, compartilhavam plenamente de sua decisão de nomear os doze, reconhecendo que isso era no interesse da obra como um todo. Não é especificado com base em que critérios

[F211]
o Senhor fez sua escolha não é especificado; mas temos o registro de sua própria oração no sentido de que: "Eram teus e tu mos deste"; e ainda: "Dos que me deste, não perdi nenhum, exceto o filho da perdição" — Judas. Em que sentido ou em que grau o Pai escolheu os doze não tem importância para nós. Sem dúvida, uma qualificação que eles possuíam era a humildade; e, sem dúvida, suas ocupações humildes e experiências anteriores na vida tinham sido tais que tenderam a torná-los não apenas homens humildes, mas também a conduzi-los à força de caráter, determinação, perseverança etc., em um grau que outras atividades talvez não tivessem proporcionado na mesma medida. Fomos informados de que a seleção dos doze, na época em que ocorreu, em vez de esperar até o Pentecostes (data do nascimento da Igreja), foi, em grande medida, com o propósito de permitir que esses doze estivessem especialmente com o Senhor, para contemplar suas obras, para ouvir sua mensagem, a fim de que, assim, no devido tempo, pudessem ser testemunhas para declarar a nós e a todo o povo de Deus, em primeira mão, as maravilhosas obras de Deus e as maravilhosas palavras de vida manifestadas por meio de Jesus. ***Lucas 24:44-48***; ***Atos 10:39-42***

A Missão Apostólica

Não há a menor sugestão em lugar algum, aos apóstolos ou a respeito deles, de que fossem senhores sobre a herança de Deus; de que devessem se considerar diferentes dos demais crentes, isentos das operações da lei divina, ou especialmente favorecidos ou seguros no que diz respeito à sua herança eterna. Deviam lembrar-se continuamente de que "todos vós sois irmãos" e de que "um só é o vosso mestre, a saber, Cristo". Deviam sempre lembrar-se de que era necessário para eles tornarem *segura* a sua vocação e escolha; e que, a menos que obedecessem à Lei do Amor e fossem humildes, como criancinhas, de modo algum "entrariam no Reino". Não lhes foram concedidos títulos oficiais nem qualquer instrução a respeito de vestimentas especiais ou comportamento peculiar, mas apenas que, em todas essas coisas, fossem exemplos

[F212]
para o rebanho; que, ao verem suas boas obras, os outros glorificassem o Pai; que aqueles que seguissem seus passos estivessem, assim, seguindo também os passos do líder e, por fim, alcançassem a mesma glória, honra e imortalidade — participantes da mesma natureza divina, membros da mesma nova criação.

Sua missão era de *serviço* — eles deveriam servir uns aos outros, servir ao Senhor e entregar suas vidas pelos irmãos. Esses serviços deveriam ser prestados especialmente em conexão com a divulgação do evangelho. Eles eram participantes da unção prévia que já havia descido sobre seu mestre — a mesma unção que pertence a toda a nova criação, a todo o Sacerdócio Real, e que é descrita pelo profeta, dizendo: "O espírito do Senhor está sobre mim, porque ele *me ungiu para pregar boas novas* aos mansos, [...] para curar os corações quebrantados", etc. ***Isaías 61:1,2***; ***Lucas 4:17-21***; ***Mateus 10:5-8***;
Marcos 3:14,15; ***Lucas 10:1-17***

Embora essa unção não tenha recaído diretamente sobre eles até o Pentecostes, eles já haviam tido um antegozo dela, na medida em que o Senhor lhes conferiu uma parte do poder do seu espírito santo, etc., quando os enviou para pregar. Mas, mesmo nessa ocasião, qualquer motivo especial para orgulho foi eliminado quando, mais tarde, nosso Senhor enviou outros setenta para realizar uma obra semelhante e, da mesma forma, os capacitou a realizar milagres em seu nome. A verdadeira obra dos apóstolos, portanto, não começou, no sentido próprio da palavra, até que eles receberam o espírito santo no Pentecostes. Nessa ocasião, uma manifestação especial do poder divino lhes foi conferida — não apenas o espírito santo e os dons do espírito, mas também, e especialmente, o poder de conceder esses dons a outros. A partir de então, eles se distinguiram de todos os demais membros da Igreja por meio desse poder mencionado por último. Outros crentes eram considerados membros do corpo ungido de Cristo, tornavam-se participantes do seu espírito e gerados por esse espírito para uma vida nova, etc.; mas ninguém podia ter um dom ou manifestação especial, a não ser que fosse conferido por meio desses apóstolos. Esses dons

[F213]
de milagres, línguas, interpretação de línguas, etc., devemos, no entanto, ter em mente que, de forma alguma, impediam ou substituíam os frutos do espírito santo, que deveriam ser cultivados ou desenvolvidos por cada um dos fiéis por meio da obediência às instruções divinas — à medida que cada um crescia em graça, conhecimento e amor. A concessão desses dons, que um homem poderia receber e, ainda assim, ser como metal que ressoa ou címbalo que tilinta, destacava os apóstolos, no entanto, como os servos especiais ou representantes do Senhor na obra de fundar a Igreja. ***1 Coríntios 12:7-10; 13:1-3***

Nosso Senhor, ao selecionar esses apóstolos e ao instruí-los, tinha em vista a bênção e a instrução de todos os seus seguidores até o fim dos tempos. Isso fica evidente em sua oração no encerramento de seu ministério, na qual, referindo-se aos discípulos, ele disse: "Manifestei o teu nome aos homens [apóstolos] que me deste do mundo; eles eram teus e tu mos deste; e eles guardaram a tua Palavra. Agora eles sabem que tudo o que me deste vem de ti. Pois lhes transmiti as palavras [doutrinas] que me deste, e eles as receberam... Oro por eles: Não rogo pelo mundo, mas por aqueles que tu me deste; pois são teus. ...Nem rogo somente por estes [apóstolos], mas também por aqueles que crerão em mim por meio da palavra deles [toda a Igreja do evangelho]: para que todos sejam um [em propósito, em amor], como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles sejam um em nós; [em seguida, revelando o propósito supremo dessa eleição, tanto dos apóstolos quanto de toda a nova criação, ele acrescentou] — para que o mundo [amado por Deus enquanto pecadores e redimido pelo precioso sangue] creia que tu me enviaste" — para redimi-los e restaurá-los. ***João 17:6-9, 20, 21***

Os apóstolos, embora fossem homens sem instrução, eram evidentemente de caráter forte e, sob o ensino do Senhor, sua falta de sabedoria mundana e de educação foi mais do que compensada pelo "espírito de uma mente sã". Não é de se estranhar, portanto, que esses homens fossem unanimemente reconhecidos

[F214]
pela Igreja primitiva como guias no caminho do Senhor — instrutores especialmente designados — "colunas da Igreja", em segundo lugar em autoridade, logo após o próprio Senhor. De várias maneiras, o Senhor os preparou para essa posição:

Eles estavam com ele continuamente e podiam, portanto, ser testemunhas de todos os assuntos de seu ministério, de seus ensinamentos, de seus milagres, de suas orações, de sua compaixão, de sua santidade, de seu auto-sacrifício até a morte e, finalmente, testemunhas da ressurreição. Não apenas a Igreja primitiva precisava de todos esses testemunhos, mas todos os que, desde então, foram chamados pelo Senhor e aceitaram seu chamado para a nova criação — todos os que buscaram refúgio e confiam nas gloriosas esperanças centradas em seu caráter, em sua morte sacrificial, em sua alta exaltação e no plano de Deus que ele deve cumprir — precisavam exatamente desse testemunho pessoal a respeito de todas essas questões, com o intuito de que pudessem ter fé firme e forte consolo.

Outros setenta discípulos foram enviados posteriormente pelo Senhor para proclamar sua presença e a colheita da era judaica, mas seu trabalho diferia em muitos aspectos do dos doze. De fato, em todos os sentidos, o Senhor pareceu separar os apóstolos de maneira tão especial que nós, juntamente com toda a Igreja, possamos ter plena confiança neles. Somente eles participaram com ele da última Páscoa e da instituição da nova comemoração em memória de sua própria morte; somente eles estiveram com ele no Getsêmani; foi também a eles que ele se manifestou especialmente após sua ressurreição; e foram somente eles que foram especialmente utilizados como porta-vozes do espírito santo no Dia de Pentecostes. Os onze eram "homens da Galiléia"; como observaram alguns que os ouviram: "Não são todos estes galileus?" ***Atos 2:7***; ***Lucas 24:48-51***; ***Mateus 28:16-19***

Embora — como mostra o relato — nosso Senhor tenha se revelado após sua ressurreição a cerca de quinhentos irmãos, os apóstolos, no entanto, receberam tratamento especial e foram designados para serem as específicas "testemunhas de todas as coisas que ele fez tanto na terra dos judeus quanto em Jerusalém; a quem eles mataram e penduraram numa árvore: a quem Deus ressuscitou no

[F215]
terceiro dia... *E nos ordenou* que pregássemos ao povo", etc. ***Atos 10:39-45; 13:31***; ***1 Coríntios 15:3-8***

O apóstolo Paulo, embora não fosse testemunha direta na mesma medida que os onze, tornou-se, no entanto, testemunha da ressurreição de nosso Senhor, pois lhe foi concedido um vislumbre posterior de sua presença gloriosa, como ele mesmo afirma: "Por último, foi visto também por mim, como por alguém nascido fora do tempo [antes do tempo]". (***1 Cor. 15:8,9***) O apóstolo Paulo não tinha, na verdade, o direito de ver o Senhor em glória antes do restante da Igreja em sua Segunda Vinda, quando todos os seus fiéis serão transformados e tornados semelhantes a ele e o verão tal como ele é; mas, para que o apóstolo pudesse ser uma *testemunha,* foi-lhe concedido esse vislumbre e, além disso, foram-lhe concedidas visões e Apocalipses mais do que a todos os demais. Ele foi, assim, talvez, bem compensado por sua falta anterior de contato pessoal com o mestre. Nem suas experiências especiais foram meramente para seu próprio benefício; mas principalmente, podemos presumir, para o benefício de toda a Igreja. É certo que as experiências peculiares, visões, revelações etc., concedidas ao apóstolo que tomou o lugar de Judas, têm sido mais úteis do que as de qualquer outro dos apóstolos.

Suas experiências permitiram-lhe conhecer e apreciar não apenas "as coisas profundas de Deus" — inclusive algumas coisas que não é lícito revelar (***2 Cor. 12:4***) —, mas a iluminação que elas proporcionaram à mente do apóstolo tem, por meio de *seus escritos,* sido refletida sobre a Igreja desde sua época até os dias atuais.

Foi por ter tido essas visões e Apocalipses que o apóstolo Paulo foi capaz de compreender a situação, apreciar a nova dispensação e reconhecer com tanta clareza o comprimento, a largura, a altura e a profundidade do caráter e do plano divinos; e foi por ter ele próprio apreciado essas coisas com clareza que se qualificou para expô-las em seus ensinamentos e epístolas de tal maneira que conferissem bênçãos à família da fé ao longo de toda a era. De fato, mesmo hoje, a Igreja poderia mais facilmente perder os testemunhos de qualquer um ou de todos os outros

[F216]
apóstolos do que perder o testemunho deste. No entanto, estamos felizes por ter o testemunho completo — felizes por apreciá-lo em sua totalidade, assim como os nobres caracteres de todos os doze. Observe o testemunho que indica seu apostolado: em primeiro lugar, as palavras do Senhor: "Ele é um vaso escolhido por mim para levar o meu nome diante dos gentios, dos reis e dos filhos de Israel." (***Atos 9:15***) A própria declaração do apóstolo é: "Eu vos asseguro, irmãos, que o evangelho que foi pregado por mim não é de origem humana; pois eu não o recebi de nenhum homem, nem me foi ensinado, mas pela revelação de Jesus Cristo" (***Gálatas 1:11, 12***); e, novamente, ele declara: "Aquele que atuou eficazmente em Pedro para o apostolado da circuncisão [os judeus], o mesmo atuou poderosamente em mim para com os gentios." (***Gálatas 2:8***) Não apenas seu zelo pelo Senhor e pelos irmãos, e sua disposição em dar a vida pelos irmãos — ao dedicar tempo e energia para o bem deles — atestavam sua dignidade de ser considerado igual a qualquer apóstolo, mas, quando sua relação apostólica com a Igreja foi questionada por alguns, ele apontou francamente para isso e para a bênção do Senhor em relação às suas revelações e ministérios, etc., como prova de que ele "não ficava nem um pouco atrás" dos outros. ***1 Cor. 9:1***; ***2 Cor. 11:5,23; 12:1-7,12***; ***Gál. 2:8; 3:5***

Não era intenção do Senhor que os apóstolos realizassem uma obra meramente entre os judeus — o relato indica exatamente o contrário. Ele instruiu os onze de que sua obra e a mensagem deles eram, em última instância, para todos os povos; embora devessem permanecer em Jerusalém até serem revestidos de poder, e fosse ali que começassem seu testemunho. As palavras de nosso Senhor foram: "Recebereis poder quando o espírito santo descer sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, na Judéia, na Samaria e até aos confins da terra." (***Atos 1:8***) Esse testemunho continuou não apenas durante a vida dos apóstolos, mas continua até hoje. Eles ainda estão pregando para nós, ainda estão instruindo os fiéis, ainda estão encorajando, ainda estão admoestando, ainda estão repreendendo. A morte deles não interrompeu seu ministério. Eles ainda falam, ainda testemunham, ainda são porta-vozes do Senhor para seus fiéis.

[F217]

A Inspiração dos Apóstolos

É bom que tenhamos confiança nos apóstolos como testemunhas fiéis, ou historiadores, e que percebamos que seus testemunhos trazem o selo da honestidade, na medida em que não buscaram riqueza nem glória entre os homens, mas sacrificaram todos os interesses terrenos em seu zelo pelo mestre ressuscitado e glorificado. Seu testemunho já seria inestimável mesmo que não tivesse mais peso do que isso; mas descobrimos que as Escrituras ensinam que eles foram usados pelo Senhor como seus agentes inspirados e que foram especialmente guiados por Ele no que diz respeito ao testemunho, às doutrinas, aos costumes etc., que iriam estabelecer na Igreja. Eles deram testemunho não apenas das coisas que ouviram e viram, mas, além disso, da instrução que receberam por meio do espírito santo; assim, foram administradores fiéis. "Que o homem nos considere como... administradores dos mistérios de Deus", disse Paulo (***1 Cor. 4:1***). O mesmo pensamento foi expresso por nosso Senhor quando disse a respeito dos doze: "Farei de vós pescadores de homens", e novamente: "Pastoreai as minhas ovelhas", "Pastoreai os meus cordeiros". O apóstolo também diz: O mistério [as verdades profundas do evangelho relativas ao alto chamado da nova criação — o Cristo], oculto em outras eras, agora é revelado aos seus santos apóstolos e profetas pelo espírito santo. O objetivo desse Apocalipses é explicado como sendo: "Para que todos os homens vejam qual é a comunhão do mistério [em que termos a participação na nova criação pode ser obtida], que desde o princípio do mundo esteve oculto em Deus." (***Ef 3,3-11***) Mais uma vez, ao descrever como a Igreja deve ser edificada sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo o próprio Jesus Cristo a pedra angular, o apóstolo declara: "Por essa razão [para a edificação da Igreja, o templo de Deus], eu, Paulo, sou prisioneiro de Jesus Cristo por vós, gentios." ***Ef 2,20.22; 3,1***

O Consolador foi prometido para "ensinar-vos todas as coisas e fazer-vos lembrar de tudo o que eu vos disse"; "e ele vos mostrará as coisas que hão de vir." (***João 14:26; 16:13***) Até certo ponto, sem dúvida, isso se aplica a toda a Igreja, mas era

[F218]
especialmente aplicável aos apóstolos; e, de fato, ainda opera em relação ao restante da Igreja por meio dos apóstolos — cujas palavras continuam sendo os canais através dos quais o espírito santo nos ensina coisas novas e antigas. Em harmonia com essa promessa, podemos entender que a inspiração apostólica teve um caráter triplo. (1) Refresco da memória, permitindo-lhes recordar e reproduzir os ensinamentos pessoais do Senhor. (2) Orientação para a compreensão da verdade relativa ao plano divino das eras. (3) Revelações especiais sobre as coisas que estavam por vir — aquelas sobre as quais nosso Senhor declarou: "Ainda tenho muitas coisas a vos dizer, mas agora não as podeis suportar." ***João 16:12***

Não devemos supor que o reavivamento da memória dos apóstolos implicasse um ditado da formulação exata ou da ordem exata das palavras de nosso Senhor. Nem os escritos apostólicos oferecem evidência de tal ditado. A promessa do Senhor, no entanto, é por si só uma garantia da exatidão de suas declarações. Em cada um dos quatro evangelhos, temos um relato da juventude e do ministério do Senhor; contudo, em cada um deles, a individualidade do autor se manifesta. Cada um, em seu próprio estilo, registra os aspectos que lhe parecem mais importantes; e, sob a supervisão do Senhor, esses diversos relatos fornecem, em conjunto, uma história tão completa quanto necessário para o estabelecimento da fé da Igreja, da identidade de Jesus como o Messias dos profetas, do cumprimento das profecias a respeito dele, dos fatos de sua vida e de seus ensinamentos. Se a inspiração tivesse sido verbal (um ditado palavra por palavra), não teria sido necessário que vários homens reformulassem a narrativa; mas é digno de nota que, embora cada escritor tenha exercido sua liberdade individual de expressão e feito sua própria escolha dos eventos mais importantes e dignos de registro, o Senhor, por meio do espírito santo, supervisionou o assunto de tal forma que nada de importância foi omitido — tudo o que é necessário está fielmente registrado — "para que o homem de Deus seja perfeito, plenamente equipado". É interessante notar que o relato do apóstolo João complementa os outros três — Mateus,

[F219]
Marcos e Lucas — e que ele trata principalmente de circunstâncias e incidentes importantes omitidos pelos outros.

A promessa do Senhor de que, por meio do espírito santo, guiaria os apóstolos — e, por meio deles, a Nova Criação — "em toda a verdade" implica que a orientação seria de caráter geral, e não pessoal e individual — o cumprimento dessa promessa é evidenciado pelos relatos. Embora os apóstolos, com exceção de Paulo, fossem homens simples e sem instrução, suas exposições das Escrituras são, no entanto, notáveis. Eles foram capazes de "confundir a sabedoria dos sábios" teólogos de sua época — e desde então. Por mais eloquente que seja o erro, ele não resiste diante da lógica de suas deduções a partir da Lei, dos Profetas e dos ensinamentos do Senhor. Os doutores judeus da Lei perceberam isso e, como lemos, "perceberam que eles haviam estado com Jesus" — que haviam aprendido sua doutrina e imitado o espírito de Jesus. ***Atos 4:5, 6, 13***

As epístolas apostólicas consistem em tais argumentos lógicos baseados nos escritos inspirados do Antigo Testamento e nas palavras do Senhor; e todos os que, ao longo da era evangélica, participaram do mesmo espírito, seguindo as linhas de raciocínio que o Senhor, por meio de seus porta-vozes, nos apresentou, são guiados às mesmas conclusões verdadeiras; de modo que nossa fé não repousa na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus. (***1 Cor. 2:4,5***) No entanto, nesses ensinamentos, assim como em suas apresentações históricas, não temos evidência de um ditado palavra por palavra — nenhuma evidência de que fossem meramente amanuenses do Senhor, falando e escrevendo de maneira mecânica, como faziam os profetas dos tempos antigos. (***2 Pe. 1:21***) Em vez disso, a visão perspicaz dos apóstolos foi uma iluminação da mente que lhes permitiu ver e apreciar os propósitos divinos e, assim, expressá-los com clareza; assim como todo o povo do Senhor desde então, seguindo essa orientação, tem sido capacitado a crescer na graça, no conhecimento e no amor, e, assim, tem sido capacitado a "compreender, juntamente com todos os santos, qual é a largura,

[F220]
o comprimento, a profundidade e a altura; e a conhecer o amor de Cristo, que excede [todo o conhecimento humano]". ***Ef 3:18,19***

No entanto, estamos plenamente justificados em acreditar que seus outros ensinamentos, assim como seus relatos históricos, foram supervisionados pelo Senhor de tal forma que palavras inadequadas foram evitadas, e que a verdade foi apresentada de maneira a constituir "alimento na época certa" para a família da fé, desde aqueles dias até o presente. Essa supervisão divina dos apóstolos foi indicada antecipadamente pelas palavras de nosso Senhor: "Tudo o que ligardes na terra será ligado no céu; e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu." (***Mt 18,18***) Entendemos que isso significa, não que o Senhor cedesse sua prerrogativa e se tornasse obediente aos ditames dos apóstolos, mas que eles fossem tão guardados e guiados pelo espírito santo que suas decisões na Igreja — a respeito do que deveria ser considerado obrigatório e do que deveria ser considerado opcional — fossem decisões corretas; e que a Igreja em geral, portanto, pudesse saber que as questões estavam definidas, resolvidas — sendo as conclusões alcançadas tanto a decisão do Senhor quanto a dos apóstolos.

Sobre esta rocha edificarei a minha Igreja

Foi em plena concordância com isso que, depois que o apóstolo Pedro testificou que nosso Senhor era o Messias, "Jesus respondeu e disse-lhe: Bem-aventurado és tu, Simão Barjona, pois não foi a carne nem o sangue que te revelaram isso, mas meu Pai que está nos céus. E eu também te digo que tu és Pedro [*petros* — uma pedra, uma rocha], e sobre esta rocha [*petra* — uma massa de rocha — a grande rocha fundamental da verdade, que você acaba de expressar] edificarei a minha Igreja." O próprio Senhor é o construtor, assim como Ele mesmo é declarado como o fundamento: "Ninguém pode colocar outro fundamento além do que já foi colocado — Jesus Cristo." (***1 Cor. 3:11***) Ele é a grande Rocha, e a confissão de Pedro a respeito dele, como tal, foi, portanto, um testemunho firme — uma declaração dos princípios fundamentais subjacentes ao plano divino. O

[F221]
Apóstolo Pedro compreendeu assim essa questão e assim expressou seu entendimento. (***1º Pedro 2:5,6***) Ele declarou que todos os crentes verdadeiramente consagrados são *"pedras* vivas" que se aproximam da grande Rocha do plano divino, Cristo Jesus — para serem edificados como um templo santo de Deus por meio da união com ele — o fundamento. Pedro, portanto, renegou qualquer pretensão de ser ele próprio a pedra angular e corretamente se classificou entre todas as outras "pedras vivas" (grego: *lithos*) da Igreja — embora *"petros"*, rocha, signifique uma pedra maior do que *"lithos"*, e todos os apóstolos, como pedras "fundamentais", tivessem, no plano e na ordem divinos, uma importância maior do que seus irmãos. ***Ap. 21:14***

Chaves da Autoridade

Nesse mesmo contexto, o Senhor disse a Pedro: "Eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que tu ligares na terra será ligado nos céus", etc. Assim, a mesma autoridade concedida aos apóstolos como um todo foi expressa especificamente a Pedro, com o privilégio ou honra adicional das chaves — o poder ou autoridade de abrir. Lembramos como o apóstolo Pedro usou as chaves do Reino e realizou a obra de *abertura* da nova dispensação, primeiro aos judeus no Pentecostes e, mais tarde, aos gentios na casa de Cornélio. No Dia de Pentecostes, quando o espírito santo foi derramado, lemos que "Pedro se levantou com os onze" — ele tomou a iniciativa; ele *abriu*, os outros seguiram, e o convite do evangelho foi assim aberto aos judeus. No caso de Cornélio, o Senhor enviou mensageiros a Pedro e, por meio de uma visão, orientou-o especificamente a aceitar o convite deles; assim, usou-o de maneira especial para abrir a porta da misericórdia, da liberdade e do privilégio aos gentios — para que também eles pudessem entrar e compartilhar do privilégio do alto chamado da nova criação. Essas questões estão em total concordância com o que vimos a respeito dos propósitos do Senhor em relação à escolha dos doze apóstolos. E quanto mais claramente o povo do Senhor discernir o fato de que esses doze homens foram constituídos os representantes especiais da nova dispensação e que suas

[F222]
palavras os canais especiais da verdade no que diz respeito à nova criação, mais plenamente estarão preparados para aceitar suas palavras e menos propensos estarão a endossar os ensinamentos de outros que estejam em conflito com o testemunho deles. “Se não falarem de acordo com esta Palavra, é porque não há luz neles.” ***Isaías 8:20***

A última parte da promessa de nosso Senhor diz: “Ele [o espírito santo do Pai] vos mostrará as coisas que hão de vir.” Isso implica uma inspiração especial dos apóstolos e, indiretamente, implica a bênção e o esclarecimento do povo do Senhor até o próprio fim desta era, por meio de seus ensinamentos. Assim, eles não seriam apenas apóstolos santos, mas também profetas, ou videntes, revelando eventos futuros à Igreja. Não é necessário supor que todos os apóstolos tenham sido utilizados na mesma medida em qualquer uma ou em todas essas formas de serviço. O fato é que alguns foram mais honrados, não apenas nos privilégios do serviço como apóstolos, mas também na revelação das coisas que estão por vir. O apóstolo Paulo aponta várias coisas que estão por vir: a grande apostasia na Igreja; a revelação do “Homem do Pecado”; o mistério relativo à segunda vinda do Senhor, e que nem todos adormeceremos, embora todos devamos ser transformados; o mistério, oculto nas eras e dispensações passadas, de que a Igreja, incluindo os gentios, seria co-herdeira da promessa feita a Abraão — de que sua descendência abençoaria todas as famílias da terra, etc., etc. Ele ressalta, também, que, no fim dos tempos, prevalecerão condições malignas na Igreja; que os homens serão mais amantes dos prazeres do que de Deus, tendo a aparência da piedade, mas negando o seu poder; que serão quebradores de aliança, etc., e que “lobos vorazes” (críticos superiores destrutivos) não pouparão o rebanho do Senhor. De fato, todos os escritos do apóstolo Paulo são brilhantemente iluminados pelas visões e revelações das quais ele desfrutou como vidente de coisas que, em sua época, ainda eram futuras e não podiam ser plenamente explicadas, mas que agora se manifestam aos santos por meio dos tipos e profecias do Antigo Testamento — compreensíveis agora à luz das

[F223]
palavras dos apóstolos, pois chegou o "tempo determinado" para que fossem compreendidas.

O apóstolo Pedro, também, como vidente, aponta a vinda de falsos mestres à Igreja, que, de forma dissimulada e secreta, introduzirão heresias condenáveis, chegando até a negar que o Senhor os resgatou. Olhando para os nossos dias, ele profetiza dizendo: "Nos últimos dias surgirão escarnecedores... dizendo: 'Onde está a promessa da sua [de Cristo] *vinda*?'", etc. Ele também profetizou que "o dia do Senhor virá como ladrão na noite", etc.

O apóstolo Tiago, da mesma forma, profetiza a respeito do fim desta era, dizendo: "Vós, ricos, chorai e lamentai-vos pelas misérias que sobre vós virão... Vós acumulastes tesouros para os últimos dias", etc.

O apóstolo João, no entanto, foi o vidente ou profeta mais notável de todos os apóstolos: suas visões, que constituem o Livro do Apocalipse, delineiam de maneira extraordinária as coisas que estão por vir.

A Infalibilidade Apostólica

Pelo exposto acima, estamos plenamente justificados em acreditar que os apóstolos foram tão guiados pelo Senhor, por meio do espírito santo, que todas as suas declarações públicas foram de inspiração divina para a admoestação da Igreja, e não menos infalíveis do que as declarações dos profetas da dispensação anterior. Mas, embora nos sintamos assim assegurados quanto à veracidade de seu testemunho e de que todas as suas declarações à Igreja têm a aprovação divina, é bom que examinemos cuidadosamente cinco circunstâncias diferentes, mencionadas no Novo Testamento, que geralmente são consideradas contrárias à ideia de que os apóstolos não erraram em seus ensinamentos. Vamos analisá-las separadamente.

(1) A negação de Pedro a nosso Senhor pouco antes de sua crucificação. Não se pode contestar que Pedro aqui cometeu um grave erro, pelo qual posteriormente se arrependeu sinceramente; mas não devemos esquecer que essa transgressão, embora cometida após sua escolha como apóstolo, foi anterior

[F224]
de sua unção pelo espírito santo no Pentecostes e de sua investidura divina como apóstolo no sentido mais pleno. Além disso, a infalibilidade que atribuímos aos apóstolos é aquela que se aplica aos seus ensinamentos *públicos* e escritos, e não a todos os incidentes e minúcias de suas vidas, que, inquestionavelmente, foram afetadas pelas imperfeições de seus vasos de barro, marcados pela queda da qual todos os filhos de Adão sofreram. As palavras do apóstolo de que "temos esse tesouro em vasos de barro" evidentemente se aplicavam a ele mesmo e aos outros apóstolos, bem como a toda a Igreja — destinatários do espírito santo. Nossa participação, como indivíduos, na grande obra de expiação de nosso mestre, encobre essas imperfeições da carne que são contrárias aos nossos desejos como novas criaturas.

O ofício apostólico para o serviço do Senhor e da Igreja estava inteiramente separado das meras fraquezas da carne e lhes foi conferido não por causa da perfeição humana, mas enquanto eram reconhecidamente "homens com as mesmas paixões" que nós. (***Atos 14:15***) O ofício não trouxe a restauração — perfeição aos seus corpos mortais —, mas apenas a nova mente e o espírito santo para guiá-los. Não tornou seus pensamentos e ações perfeitos, mas simplesmente se sobrepôs a esses pensamentos e ações, de modo que os ensinamentos públicos dos doze são infalíveis — a Palavra do Senhor. Esse é o tipo de infalibilidade reivindicada para os papas
— ou seja, que quando o papa fala *ex cathedra*, ou oficialmente, ele é guiado por Deus e não tem permissão para errar. Essa inerrância dos papas é reivindicada com base no fato de que eles também são apóstolos — ignorando e desconsiderando o fato de que as Escrituras ensinam que há apenas *"doze* apóstolos do Cordeiro".

(2) Pedro, em certa ocasião, "fingiu" — foi culpado de hipocrisia. (***Gálatas 2:11-14***) Isso é apontado como prova de que os apóstolos não eram infalíveis em sua conduta. Admitimos isso, pois percebemos que os apóstolos também o reconheceram (***Atos 14:15***); mas reiteramos que essas fraquezas humanas não foram permitidas a ponto de prejudicar sua obra ou utilidade como apóstolos — que "pregaram o evangelho com o espírito santo enviado do céu" (***1 Pedro 1:12***; ***Gálatas 1:11, 12***) — não com sabedoria humana,

mas com a sabedoria que vem do alto. (***1 Coríntios 2:5-16***) Esse erro da parte de Pedro foi prontamente corrigido por Deus por meio do apóstolo Paulo, que, com gentileza, mas com firmeza, "o repreendeu na cara, porque ele estava em falta"; e o fato de que isso foi devidamente aceito pelo apóstolo Pedro, e de que ele venceu completamente essa fraqueza no que diz respeito à preferência pelos judeus, é amplamente atestado por suas duas epístolas, nas quais não se encontra nenhum traço de vacilação sobre o assunto, nem qualquer falta de fidelidade no reconhecimento ao Senhor.

(3) Alega-se que os apóstolos esperavam que a segunda vinda do Senhor ocorresse muito rapidamente, possivelmente ainda durante a vida deles, e que, nisso, eles erraram doutrinariamente e demonstraram que seus ensinamentos não são confiáveis. Respondemos que o Senhor declarou que deixou os apóstolos na incerteza quanto ao tempo da segunda vinda e do estabelecimento do Reino — limitando-se a dizer a eles e a todos que vigiassem, para que, quando o evento se aproximasse, pudessem saber e não ficassem na escuridão sobre o assunto, como o mundo em geral ficará. A pergunta deles sobre esse assunto, após a ressurreição do Senhor, suscitou a seguinte resposta: "Não vos cabe saber os tempos e as épocas que o Pai reservou para si mesmo". Devemos, então, censurar os apóstolos por uma questão que o Senhor declarou ser, por um tempo, um segredo divino? Certamente que não. Constatamos, no entanto, que, sob a orientação do espírito no que diz respeito às "coisas futuras", os apóstolos foram muito cautelosos em suas expressões a respeito do tempo da segunda vinda; e, longe de esperar que o assunto ocorresse durante sua própria vida, suas palavras indicam o contrário.

Por exemplo, o apóstolo Pedro afirma claramente que escreveu suas epístolas com o propósito de que seu testemunho permanecesse com a Igreja após sua morte — uma evidência clara de que ele não esperava viver até o estabelecimento do Reino. (***2 Pedro 1:15***) O apóstolo Paulo, embora declarasse que "o tempo é curto", não se atreveu a dizer quão curto. De fato, visto do ponto de vista de uma semana de sete dias de mil anos — cujo sétimo traria o Reino —, mais de quatro sextos do tempo de espera já haviam

[F226]
já havia passado, e o tempo já estava bem avançado. Exatamente da mesma forma, falamos hoje sobre esses assuntos ao nos referirmos aos acontecimentos terrenos, quando, na quinta-feira, dizemos que a semana logo chegará ao fim. Paulo também falou sobre o momento de sua partida, sobre sua disposição para entregar a vida, sobre sua preferência por fazê-lo. Ele ressalta que o dia do Senhor viria como um ladrão na noite. Ele corrigiu algumas impressões errôneas sobre o assunto, dizendo: "Não vos deixeis abalar facilmente nem vos perturbeis, nem por espírito, nem por palavra, nem por carta como se fosse nossa, como se o dia de Cristo já tivesse chegado. Que ninguém vos engane de forma alguma; pois aquele dia não virá a menos que primeiro venha a apostasia e seja revelado o homem do pecado, o filho da perdição", etc... "Não vos lembrais de que, quando eu estava convosco, vos dizia essas coisas? E agora sabeis o que o retém, para que ele seja revelado no seu próprio tempo."

(4) Objetam que Paulo, que escreveu: "Eu, Paulo, vos digo que, se vos circuncidardes, Cristo de nada vos aproveitará" (***Gálatas 5:2***), mandou circuncidar Timóteo (***Atos 16:3***). E nos perguntam: Ele não ensinou, com isso, falsamente e em contradição com seu próprio testemunho? Respondemos: Não. Timóteo era judeu, pois sua mãe era judia (***Atos 16:1***); e a circuncisão era um costume nacional entre os judeus, que teve início *antes* da Lei de Moisés e que perdurou depois que Cristo "pôs fim à Lei [a aliança], pregando-a na cruz". A circuncisão foi concedida a Abraão e à sua descendência quatrocentos e trinta anos antes de a Lei ter sido dada a Israel como nação no Monte Sinai. Pedro foi designado como o apóstolo da circuncisão (ou seja, dos judeus), e Paulo, o apóstolo da incircuncisão (ou seja, dos gentios). ***Gálatas 2:7,8***

Seu argumento em ***Gálatas 5:2*** não se dirigia aos judeus. Ele se dirigia aos gentios, cuja única razão para desejar ou mesmo pensar na circuncisão era que certos falsos mestres os estavam confundindo, dizendo-lhes que deviam guardar a aliança da Lei, *além* de aceitar Cristo, levando-os assim a ignorar a aliança da Graça. O apóstolo

[F227]
mostra aqui que, para eles, serem circuncidados (*por qualquer motivo desse tipo*) seria um repúdio à Aliança da Graça e, portanto, um repúdio a toda a obra de Cristo. Ele não via objeção alguma em que os judeus continuassem com seu costume nacional da circuncisão: isso fica evidente em suas palavras em ***1 Coríntios 7:18,19***, bem como em sua conduta com Timóteo. Não que fosse *necessário* que Timóteo ou qualquer outro judeu fosse circuncidado; mas que isso não era impróprio; e que, como ele passaria um tempo considerável entre judeus, isso seria vantajoso para ele — conquistando a confiança dos judeus. Mas vemos a resistência firme de Paulo, a esse respeito, quando alguns que interpretaram mal a questão tentaram fazer com que Tito — um grego de sangue puro — fosse circuncidado. ***Gálatas 2:3-5***

(5) O relato da conduta de Paulo, registrado em ***Atos 21:20-26***, é interpretado como contrário aos seus próprios ensinamentos da verdade; e como indicando seu erro no que diz respeito a doutrinas e práticas. Alega-se que foi por causa de uma transgressão nesse caso que Paulo foi levado a sofrer tanto como prisioneiro e acabou sendo enviado a Roma. Mas tal ponto de vista não é corroborado pelos fatos relatados nas Escrituras. O relato mostra que, durante toda essa experiência, Paulo contou com a simpatia e a aprovação de todos os outros apóstolos e, acima de tudo, com o favor contínuo do Senhor. Sua conduta foi a pedido dos outros apóstolos. Foi-lhe testificado por profecia, antes de partir para Jerusalém (***Atos 21:10-14***), que prisões e cativeiro o aguardavam; e foi em obediência às suas convicções de dever que ele enfrentou todas aquelas adversidades preditas. E, bem no meio de suas tribulações, lemos: "O Senhor esteve ao seu lado e disse: 'Tenha bom ânimo, Paulo; pois, assim como *testificaste de mim em Jerusalém*, assim também deves testificar em Roma'". Mais tarde, vemos o Senhor novamente demonstrando-lhe favor, conforme lemos: "Estava ao meu lado o anjo de Deus, a quem pertenço e a quem sirvo, dizendo: 'Não temas, Paulo; tu deves ser levado perante César; e eis que Deus te concedeu todos os que navegam contigo'". ***Atos 23:11; 27:23,24***

Diante desses fatos, devemos buscar compreender

[F228]
da conduta de Paulo, em consonância com sua conduta sempre ousada e nobre — valorizando muito a obra e o testemunho que Deus não apenas não repreendeu, mas aprovou. Passando, então, à análise de ***Atos 21:21-27***, observamos (versículo 21) que Paulo não havia ensinado que *os judeus* convertidos não deveriam circuncidar seus filhos; nem repudiou a Lei mosaica — pelo contrário, ele a honrou, ao apontar as realidades maiores e mais grandiosas que a lei de Moisés simbolizava de forma tão contundente. Longe, portanto, de repudiar Moisés, ele honrou Moisés e a Lei, dizendo: "A Lei é justa, santa e boa", e destacou que, por meio dela, o *conhecimento* da gravidade do pecado havia sido aumentado; que a Lei era tão grandiosa que nenhum homem imperfeito poderia obedecê-la plenamente, e que Cristo, ao cumpri-la, havia conquistado suas recompensas e agora, sob a Aliança da Graça, oferecia a vida eterna e as bênçãos como um dom àqueles *incapazes de cumprir a Lei*, mas que, pela fé, aceitavam como cobertura de suas imperfeições a sua obediência e sacrifício perfeitos, e que se tornavam seus seguidores no caminho da justiça.

Certas cerimônias da dispensação judaica — tais como os jejuns, a celebração das luas novas, dos dias de sábado e das festas — eram típicas de verdades espirituais pertencentes à era evangélica. O apóstolo mostra claramente que o evangelho da aliança da graça não impõe nem proíbe essas práticas (sendo a Ceia do Senhor e o Batismo as únicas prescrições de caráter simbólico que nos foram ordenadas, e estas são novas). ***Col. 2:16,17***; ***Lucas 22:19***; ***Mateus 28:19***

Um desses ritos simbólicos judaicos, denominado "purificatório", foi o observado por Paulo e pelos quatro judeus, no caso que estamos examinando agora. Sendo judeus, eles tinham o direito, se assim o desejassem, não apenas de se consagrarem a Deus, em Cristo, mas também de realizar o símbolo dessa *purificação*. E foi isso que fizeram — os homens que estavam com Paulo tendo feito, além disso, um voto de se humilharem diante do Senhor e do povo, raspando a cabeça. Essas cerimônias simbólicas tinham um custo; e as despesas, presumivelmente, constituíam a "oferta" em dinheiro — uma quantia para cada um, para custear as despesas do Templo.

[F229]

O apóstolo Paulo nunca ensinou aos judeus que eles estavam *livres* da Lei — mas, pelo contrário, que a Lei exercia domínio sobre cada um deles enquanto vivessem. Ele mostrou, no entanto, que, se um judeu aceitasse Cristo e se tornasse *"morto com ele*", isso encerraria as exigências da aliança da Lei sobre tal judeu e o tornaria *um homem livre* de Deus em Cristo. (***Rom. 7:1-4***) Mas ele ensinou aos convertidos gentios que eles nunca haviam estado sob a Aliança da Lei judaica e que, para eles, tentar praticar as cerimônias e ritos da Lei judaica implicaria que estavam confiando nesses símbolos para sua salvação, e não se apoiando inteiramente no mérito do sacrifício de Cristo. E a isso todos os apóstolos concordaram. Veja ***Atos 21:25; 15:20, 23-29***.

Nossa conclusão é que Deus usou de maneira maravilhosa os doze apóstolos, tornando-os ministros muito capazes de sua verdade e guiando-os sobrenaturalmente nos assuntos sobre os quais escreveram — de modo que nada de proveitoso para o homem de Deus foi omitido — e, nas próprias palavras de seus escritos originais, manifestou um cuidado e uma sabedoria além do que até mesmo os próprios apóstolos compreendiam. Louvado seja Deus por este alicerce seguro para nossa fé!

Os apóstolos não são senhores da herança de Deus

Os apóstolos devem ser considerados, de alguma forma, *senhores* na Igreja? Ou, em outras palavras: quando o Senhor e Cabeça da Igreja partiu, algum deles assumiu o lugar da Cabeça? Ou será que, juntos, constituíram uma cabeça coletiva para ocupar o seu lugar e assumir as rédeas do governo? Ou seriam eles, ou algum deles, o que os papas de Roma afirmam ser, como seus sucessores — os vigários ou substitutos de Cristo para a Igreja, que é o seu corpo?

Contra tal hipótese, temos a declaração clara de Paulo (***Ef 4:4,5***): "Há um só corpo" e *"um só* Senhor"; e, portanto, entre os vários membros desse corpo, independentemente da importância relativa de alguns, apenas o *único Senhor* e Cabeça deve ser reconhecido. Isso o Senhor também ensinou claramente quando, dirigindo-se às multidões e aos seus discípulos, disse: "Os escribas e fariseus... gostam... de

[F230]
ser chamados de Rabi; mas vós não sejais chamados de Rabi; pois um só é o vosso mestre, e todos vós sois irmãos." (***Mateus 23:1,2,6-8***) E, novamente, dirigindo-se aos apóstolos, Jesus disse: "Vós sabeis que aqueles que se arrogam o direito de governar sobre os gentios exercem senhorio sobre eles; e os seus grandes exercem autoridade sobre eles, *mas entre vós não será assim*; mas quem quiser ser grande entre vós será vosso servo, e quem de vós quiser ser o primeiro será servo de todos; pois até mesmo o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida como o resgate por muitos." ***Marcos 10:42-45***

Tampouco temos qualquer evidência de que a Igreja primitiva alguma vez tenha considerado os apóstolos como senhores na Igreja, ou de que os apóstolos tenham alguma vez assumido tal autoridade ou dignidade. Sua conduta estava, de fato, muito distante da ideia papal de senhorio e daquela dos ministros proeminentes em todas as seitas cristãs. Por exemplo, Pedro nunca se autodenominou "o príncipe dos apóstolos", como os papistas o chamam; nem ele nem os outros jamais se titulavam mutuamente, nem recebiam tal homenagem da Igreja. Eles se dirigiam ou se referiam uns aos outros simplesmente como Pedro, João, Paulo etc., ou então como irmão Pedro, irmão João etc.; e todos na Igreja eram saudados da mesma forma — como irmãos e irmãs em Cristo. (Ver ***Atos 9:17; 21:20***; ***Rom. 16:23***; ***1 Cor. 7:15; 8:11***; ***2 Cor. 8:18***; ***2 Tess. 3:6,15***;
Filemom 7,16.) E está escrito que até o próprio Senhor não se envergonhou de chamá-los a todos de "irmãos" (***Hb 2:11***), tão distante está Ele de qualquer atitude dominadora no exercício de seu verdadeiro e reconhecido senhorio ou autoridade.

Nenhum desses principais servos da Igreja primitiva andava por aí com vestes sacerdotais, ou com cruz e rosário, etc., buscando a reverência e a homenagem do povo; pois, como o Senhor lhes havia ensinado, os mais importantes entre eles eram aqueles que mais serviam. Assim, por exemplo, quando a perseguição dispersou a Igreja e os expulsou de Jerusalém, "os onze" permaneceram corajosamente firmes, dispostos a enfrentar qualquer coisa que pudesse acontecer; pois, nesse momento difícil, a Igreja no exterior buscaria neles, em Jerusalém, encorajamento e

[F231]
ajuda. Se tivessem fugido, toda a Igreja teria se sentido desanimada e tomada pelo pânico. E vemos Tiago perecendo pela espada de Herodes; Pedro, com um destino semelhante à vista, lançado na prisão e acorrentado a dois soldados (***Atos 12,1-6***); e Paulo e Silas, em seu ministério, espancados com muitos açoites, depois lançados na prisão e com os pés presos no tronco; e Paulo suportando "uma grande luta de aflições" (***Atos 16,23-24***; ***2 Coríntios 11,23-33***)**.** Será que eles pareciam senhores ou agiam como senhores? Certamente que não.

Pedro foi muito explícito nesse assunto, ao aconselhar os anciãos a "apascentarem *o rebanho de Deus*". Ele não disse *"seu* rebanho", *"seu* povo", *"sua* igreja", como muitos ministros falam hoje, mas *o rebanho de Deus*, *não como senhores* da herança, mas sendo exemplos para o rebanho — exemplos de humildade, fidelidade, zelo e piedade. (***1 Pe. 5:1-3***) E Paulo diz: "Penso que Deus nos colocou, a nós, os apóstolos, em último lugar, como se estivéssemos destinados à morte; pois somos um espetáculo para o mundo, para os anjos e para os homens. Somos tolos por amor de Cristo,... somos desprezados;... passamos fome e sede, estamos nus, somos espancados, não temos moradia fixa e trabalhamos com nossas próprias mãos. Quando injuriados, abençoamos; quando perseguidos, suportamos; quando caluniados, suplicamos; somos considerados como o lixo do mundo e o refugo de todas as coisas." (***1 Cor. 4:9-13***) Não pareciam muito com senhores em tudo isso, não é mesmo? E ao se opor à ideia de alguns dos irmãos que pareciam aspirar ao senhorio sobre a herança de Deus, Paulo diz ironicamente: "Agora estais saciados, agora sois ricos, reinastes como reis *sem* nós"; mas, mais adiante, ele aconselha o único caminho correto, que é o da humildade, dizendo: "Sede meus imitadores" nesse aspecto. E novamente: "Que cada um nos considere como *ministros* [servos] de Cristo e *administradores* dos mistérios de Deus." ***1 Cor. 4:8, 16, 1***

E, mais uma vez, o mesmo apóstolo acrescenta: "Assim como Deus nos permitiu que nos fosse confiado o evangelho, assim também falamos; não para agradar aos homens, mas a Deus, que prova nossos corações. Pois, como vocês sabem, em nenhum momento usamos palavras lisonjeiras, nem disfarçamos a cobiça: Deus é testemunha. Nem dos homens

[F232]
buscamos glória — nem de vocês, nem de outros, quando poderíamos ter sido um fardo como os apóstolos de Cristo. Mas fomos mansos entre vocês, assim como uma ama [cuidadora] cuida de seus filhos." (***1 Tess. 2:4-7***) Os apóstolos não emitiram nem bulas nem anátemas, mas encontramos entre suas súplicas amorosas expressões como estas: "Embora difamados, nós *suplicamos*." "Eu também te suplico, verdadeiro companheiro de jugo." "Não repreendas o ancião, mas *exorta*-o." ***1 Coríntios 4:13***; ***Filipenses 4:3***; ***1 Timóteo 5:1***

A Igreja primitiva reverenciava, com razão, a piedade e o conhecimento espiritual e a sabedoria superiores dos apóstolos e, considerando-os como realmente eram — embaixadores especialmente escolhidos pelo Senhor para eles —, sentavam-se aos seus pés como discípulos; contudo, não com mentes passivas e incondicionais, mas com a disposição de examinar os espíritos e provar o testemunho. (***1º João 4:1***; ***1 Tess. 5:21***; ***Isaías 8:20***) E os apóstolos, ao ensiná-los, exortavam a essa atitude mental, que exigia uma razão para sua esperança, e a encorajavam, estando preparados para atendê-la — não com palavras sedutoras da sabedoria humana (da filosofia e da teoria humanas), mas *com demonstração do espírito* e *do poder*, para que a fé da Igreja não se baseasse na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus. (***1 Coríntios 2:4,5***) Eles não cultivavam uma reverência cega e supersticiosa por si mesmos.

Lemos que os bereanos "eram mais nobres do que os de Tessalônica, pois receberam a palavra com toda a disposição de espírito e examinavam diariamente as Escrituras [para ver] se essas coisas eram verdadeiras". E era esforço constante dos apóstolos mostrar que o evangelho que proclamavam era o mesmo evangelho expresso de forma velada pelos antigos profetas, "aos quais foi revelado que não para si mesmos, mas *para nós* [o corpo de Cristo], eles ministravam as coisas agora relatadas a vocês por aqueles [os apóstolos] que lhes pregaram o evangelho com o espírito santo enviado do céu" (***1 Pe. 1:10-12***) — que era o mesmo evangelho de vida e de imortalidade trazido à luz pelo próprio Senhor — que sua maior ampliação

[F233]
e todos os detalhes específicos revelados à Igreja por meio deles, sob a orientação e direção do espírito santo — seja por revelações especiais, seja por outros meios mais naturais, tendo ambos sido utilizados — constituíam o cumprimento da promessa do Senhor aos apóstolos e, por meio deles, a toda a Igreja: "Ainda tenho *muitas coisas* a vos dizer, mas agora não as podeis suportar".

Era correto, portanto, que os bereanos examinassem as Escrituras para verificar se o testemunho dos apóstolos estava de acordo com o da Lei e dos profetas, e que também os comparassem com os ensinamentos do Senhor. Nosso Senhor também convidou a uma verificação semelhante de seu testemunho por meio da Lei e dos profetas, dizendo: "Examinai as Escrituras, [...] pois são elas que testificam a meu respeito." Todo o testemunho divino deve estar em harmonia, seja ele transmitido pela Lei, pelos profetas, pelo Senhor ou pelos apóstolos. Sua harmonia total é a prova de sua inspiração divina. E, graças a Deus! constatamos que essa harmonia existe, de modo que as Escrituras do Antigo e do Novo Testamento constituem o que o próprio Senhor designa como "a harpa de Deus". (***Apocalipse 15:2***) E os diversos testemunhos da Lei e dos profetas são as várias cordas dessa harpa, que, quando afinada pelo espírito santo que habita em nossos corações e tocada pelos dedos dos servos dedicados e dos que buscam a verdade divina, produz as melodias mais encantadoras que já chegaram aos ouvidos mortais. Louvado seja o Senhor pela melodia requintada do abençoado "canto de Moisés e do Cordeiro", que aprendemos por meio do testemunho de seus santos apóstolos e profetas, dos quais o Senhor Jesus é o principal!

Mas, embora o testemunho do Senhor e dos apóstolos deva harmonizar-se com o da Lei e dos profetas, devemos esperar que eles testemunhem tanto sobre coisas *novas* quanto *antigas*; pois foi isso que os profetas nos levaram a esperar. (***Mt 13,35***; ***Sl 78,2***; ***Dt 18,15.18***; ***Dn 12,9***) E assim os encontramos não apenas expondo as verdades ocultas das antigas profecias, mas também revelando novas verdades.

[F234]

Apóstolos, Profetas, Evangelistas, Mestres

De acordo com o pensamento geral da cristandade, o Senhor deixou a questão da organização da Igreja com disposições que eram totalmente inadequadas aos fins que Ele pretendia, e esperava que Seu povo usasse sua própria sabedoria no que diz respeito à organização. Muitos homens, com diversas opiniões, têm defendido organizações mais ou menos rígidas; e assim encontramos cristãos em todo o mundo hoje organizados de várias maneiras e com mais ou menos rigidez, cada um alegando vantagens para sua denominação ou sistema de governo específico. Isso está errado! Não é razoável supor que Deus, prevendo a nova criação antes da fundação do mundo, fosse tão negligente com sua própria obra a ponto de deixar seu povo fiel sem uma compreensão clara de sua vontade e sem um arranjo ou organização adequados para seu bem-estar. A tendência da mente humana é, por um lado, para a anarquia, ou, por outro, para uma organização rígida e a servidão. O arranjo divino, evitando ambos os extremos, estabelece para a nova criação uma organização extremamente simples e desprovida de tudo o que se assemelhe à servidão. De fato, a exortação das Escrituras a cada cristão individualmente é: "Permanecei, pois, firmes na *liberdade* com que Cristo nos libertou, e não vos submetais novamente ao jugo da servidão." ***Gálatas 5:1***

Ao expor esse arranjo divino, devemos nos limitar inteiramente aos registros divinos e ignorar completamente a história eclesiástica — lembrando que a "apostasia" predita já havia começado a se manifestar ainda nos tempos apostólicos; e que ela avançou rapidamente após a morte dos apóstolos, culminando inicialmente no sistema papal. Ao considerarmos o relato bíblico, podemos incluir, juntamente com os registros do Novo Testamento, os arranjos típicos sob a Lei, mas devemos lembrar continuamente que esses tipos representavam não apenas os acontecimentos durante a era evangélica, mas também simbolizavam os arranjos para a era milenar que está por vir. Por exemplo, o Dia da Expiação e sua obra representavam, como já vimos

[F235]
visto, a era evangélica. Naquele dia, o Sumo Sacerdote não vestia suas vestes gloriosas, mas simplesmente as vestes sagradas, ou túnicas de linho — ilustrando o fato de que, durante a era evangélica, nem o Senhor nem a Igreja ocupam um lugar de distinção ou glória aos olhos dos homens — toda a sua posição sendo representada simplesmente como uma de pureza e justiça — simbolizada pelas túnicas de linho que, no caso da Igreja, simbolizam a justiça de seu Senhor e Cabeça. Foi após o Dia da Expiação que o Sumo Sacerdote vestiu suas vestes gloriosas, representando as glórias, dignidades etc. da autoridade e do poder de Cristo durante a Era Milenar. E a Igreja é representada com seu Senhor nas glórias dessa figura; pois, assim como a cabeça do Sumo Sacerdote representava nosso Senhor e o mestre, assim também o corpo do sacerdote representava a Igreja; e as vestes gloriosas, portanto, representavam as dignidades e honras de todo o Sacerdócio Real quando chegar o tempo da exaltação. A hierarquia papal — alegando falsamente que o *reinado* de Cristo está sendo realizado por procuração, que os papas são seus vice-regentes e que os cardeais, arcebispos e bispos representam a Igreja em glória e poder — tenta exercer controle civil e religioso sobre o mundo e falsifica as glórias e dignidades da nova criação escolhida nas vestes suntuosas do cargo que vestem. O verdadeiro Sacerdócio Real, entretanto, ainda veste as vestes brancas do sacrifício e aguarda o verdadeiro Senhor da Igreja, bem como a verdadeira exaltação à "glória, honra e imortalidade", quando o último membro dos escolhidos tiver concluído sua parte na obra do sacrifício.

É no Novo Testamento que devemos buscar, em especial, nossas orientações a respeito da organização e das regras da Igreja durante os dias de sua humilhação e sacrifício. O fato de essas regras não estarem estabelecidas de forma compacta não deve nos impedir de esperar e constatar que elas são, no entanto, um sistema completo. Devemos lutar contra as expectativas naturais de nossos julgamentos pervertidos no que diz respeito às leis e devemos lembrar que a

[F236]
Igreja, como filhos de Deus, recebe uma "lei perfeita de liberdade", porque já não são servos, mas filhos, e porque os filhos de Deus devem aprender a usar a liberdade da filiação e, assim, demonstrar de maneira mais específica sua obediência absoluta à lei e aos princípios do amor.

O Apóstolo apresenta à nossa mente uma imagem da nova criação que ilustra todo o assunto. Trata-se de uma figura humana, em que a cabeça representa o Senhor, e as várias partes e membros representam a Igreja. Em ***1 Coríntios 12***, esse assunto é amplamente desenvolvido, e com grande simplicidade; a explicação dada é a seguinte: "Assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros desse único corpo, sendo muitos, formam um só corpo, assim também Cristo [é um só corpo ou comunidade composta de muitos membros]. Pois por um único espírito fomos todos batizados em *um só corpo* [sejam judeus ou gentios, sejam escravos ou livres]". O apóstolo prossegue chamando a atenção para o fato de que, assim como o bem-estar de um corpo humano depende em grande parte da unidade, da harmonia e da cooperação de todos os seus membros, o mesmo ocorre com a Igreja, o corpo de Cristo. Se um membro sofre dor, degradação ou desonra, todos os membros são afetados, quer queiram quer não, e se um membro é especialmente abençoado, consolado ou revigorado, proporcionalmente todos os outros compartilham das bênçãos. Ele ressalta (versículo 23) que procuramos cobrir e esconder as fraquezas, imperfeições etc. de nossos corpos naturais e procuramos aliviá-los e ajudá-los; e que assim deve ser com a Igreja, o corpo de Cristo — os membros mais imperfeitos devem receber cuidados especiais, bem como a proteção da caridade
—amor; "para que não haja cisma [divisão] no corpo, mas que os membros tenham o mesmo cuidado uns pelos outros", tanto pelo membro mais humilde quanto pelo mais favorecido — Versículo 25.

De acordo com isso, a organização da Igreja pelo Senhor é, de fato, muito completa; mas, assim como na natureza, também na graça
—onde a organização é completa, há menos necessidade de talas e curativos. Uma árvore é totalmente organizada e unificada da copa às raízes, mas os galhos não são mantidos no lugar por fixações patenteadas, cordas, parafusos ou

[F237]
regras e leis impressas; e o mesmo ocorre com o corpo de Cristo. Se devidamente ajustados, harmonizados e unidos de acordo com os princípios que o Senhor estabeleceu, não haverá necessidade de cordas, talas ou parafusos para manter os diversos membros unidos — não haverá necessidade de leis, credos e artifícios humanos espetaculares para reuni-los ou mantê-los juntos. O único Espírito é o laço de união, e enquanto o espírito de vida permanecer, a unidade, a unicidade do corpo também deve permanecer; e essa união será forte ou fraca, conforme a abundância do Espírito do Senhor.

O Apóstolo vai além e ressalta que Deus é o superintendente dos assuntos dessa organização, a nova criação, que Ele mesmo concebeu e inaugurou. Suas palavras são: "Agora vós sois o Corpo de Cristo e membros em particular. E Deus *colocou* alguns na Igreja [*Ecclesia*, corpo], em primeiro lugar, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; depois, milagres; em seguida, dons de cura, auxílios, governos, diversos tipos de línguas." Será uma nova perspectiva para muitos que estão acostumados a colocar a si mesmos e uns aos outros em posições de glória, honra, confiança e serviço na Igreja, perceber que Deus prometeu a supervisão desse assunto entre aqueles que buscam nele orientação e são guiados por sua Palavra e pelo espírito.

Se isso fosse reconhecido, quantos ousariam buscar os lugares de destaque e fazer manobras políticas para obter cargos de honra! Perceber o cuidado divino sobre a verdadeira Igreja significa, antes de tudo, distinguir a verdadeira Igreja dos sistemas nominais; e, em seguida, buscar com reverência e humildade conhecer a vontade divina no que diz respeito a todos os arranjos, serviços e servos da verdadeira Igreja.

O apóstolo indaga: "Serão todos apóstolos? Serão todos profetas? Serão todos mestres?", dando a entender que se admite, de modo geral, que não é esse o caso; e que qualquer um reconhecido como ocupante de qualquer dessas funções deve ser capaz de apresentar alguma evidência de sua designação divina e deve exercer seu ofício, ou serviço, não para agradar aos homens, mas para agradar ao grande supervisor da Igreja — sua Cabeça e Senhor. O apóstolo chama nossa atenção para o fato de que essas diferenças

[F238]
na Igreja correspondem às diferenças entre os membros do corpo natural, e que cada membro é necessário e nenhum deve ser menosprezado. O olho não pode dizer ao pé: "Não preciso de você"; nem ao ouvido: "Não preciso de você"; nem à mão: "Não preciso de você"; se todos fossem um único membro, onde estaria o corpo? "Pois o corpo não é um único membro, mas muitos." Versículos 19, 14

É verdade que hoje não existe essa mesma variedade de membros na Igreja; pois, como o apóstolo destacou: "As línguas eram um sinal, não para os que acreditavam, mas para os que não acreditavam", assim como os milagres. Quando os apóstolos, nos quais residia o poder de conferir esses *dons* do espírito, morreram, e quando aqueles que haviam recebido esses dons deles morreram, esses milagres — *dons* — cessariam, como já vimos, na Igreja. Mas ainda assim haveria na Igreja uma *obra* correspondente para cada homem e para cada mulher — uma oportunidade de servir ao Senhor, à Verdade e aos irmãos do corpo de Cristo, cada um de acordo com suas habilidades naturais. À medida que esses milagres cessaram, a educação na Verdade, no conhecimento do Senhor e nas graças do Espírito tomou seu lugar. Mesmo enquanto esses dons inferiores de cura, línguas, interpretações e milagres ainda existiam na Igreja, o Apóstolo exortou os irmãos a "desejarem ardentemente os melhores dons".

Eles não podiam, razoavelmente, almejar ou esperar o apostolado, já que havia apenas doze; mas podiam almejar ou desejar ser profetas (explicadores) ou mestres. "E, no entanto", acrescenta o apóstolo, "eu vos mostro um caminho ainda mais excelente" (v. 31). Ele prossegue mostrando que, muito acima de qualquer desses dons ou serviços na Igreja, está a honra de possuir em grande medida o espírito do mestre — o Amor. Ele ressalta que o membro mais humilde da Igreja que alcança o amor perfeito atingiu uma posição mais elevada e nobre aos olhos do Senhor do que a de qualquer apóstolo, profeta ou mestre que careça da graça do amor. Ele declara que, independentemente dos dons, se faltar o amor, tudo se torna vazio e insatisfatório aos olhos do Senhor.

[F239]
De fato, podemos ter certeza de que ninguém poderia, com a aprovação do Senhor, ocupar por muito tempo a posição de apóstolo, profeta ou mestre na Igreja, a menos que alcançasse um nível de amor perfeito ou, pelo menos, buscasse atingir esse padrão. Caso contrário, certamente seria permitido que se desviasse para as trevas e, talvez, se tornasse um mestre do erro em vez de um mestre da Verdade — um servo de Satanás para peneirar os irmãos.

Em sua carta aos ***Efésios (4:1-16),*** o apóstolo reitera essa lição sobre a unidade da Igreja como um único corpo composto de muitos membros, sob uma única Cabeça, Cristo Jesus, e unidos por um único espírito — o espírito do amor. Ele exorta todos esses membros a andarem de maneira digna de seu chamado, com humildade, mansidão e longanimidade, suportando-se uns aos outros em amor; esforçando-se por manter a unidade do espírito no vínculo da paz. Neste capítulo, o apóstolo apresenta os diversos membros do corpo designados para serviços especiais nele e nos revela o *objetivo* do serviço, dizendo: "Ele deu uns como apóstolos, outros como profetas, outros como evangelistas, outros como pastores e mestres; *para o aperfeiçoamento dos santos*, para a obra do ministério [preparando-os para o glorioso ministério ou serviço do Reino Milenar], para a edificação do corpo de Cristo: até que todos alcancemos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, até a maturidade do homem perfeito, até a medida da estatura da plenitude de Cristo: para que nós,...falando a verdade em amor, possamos crescer em todas as coisas naquele que é a Cabeça, a saber, Cristo: de quem todo o corpo, bem articulado e unido por meio do que cada junta fornece... faz com que o corpo cresça para a edificação de si mesmo em amor." ***Ef 4,11-16***

Observamos a imagem que o Apóstolo nos apresenta — a de um corpo humano, porém pequeno e subdesenvolvido. Ele nos informa que é a vontade divina que todos os diversos membros cresçam até atingirem o pleno desenvolvimento, a força e o poder plenos
— "a estatura completa do homem maduro" é a imagem que representa a Igreja em sua condição adequada e completa. Ao

[F240]
essa figura ao longo dos tempos até os dias atuais, vemos que, um membro após o outro, adormeceu para aguardar a grande organização da manhã milenar na Primeira Ressurreição, e que os lugares desses membros foram sendo continuamente preenchidos, de modo que a Igreja nunca ficou sem uma organização completa, embora, às vezes, pudesse haver maiores fraquezas em um membro e maior força em outro. No entanto, o empenho de cada membro, em todos os momentos, deve ser fazer tudo ao seu alcance para a edificação do corpo, para o fortalecimento dos membros e para o seu aperfeiçoamento nas graças do espírito — "até que todos cheguemos à unidade da fé".

A unidade da fé é desejável; deve-se lutar por ela — mas não o tipo de unidade que geralmente se busca. A unidade deve seguir as linhas da "fé que uma vez por todas foi entregue aos santos" em sua pureza e simplicidade, com plena liberdade para cada membro ter pontos de vista diferentes sobre questões secundárias e sem qualquer instrução a respeito de especulações humanas, teorias etc. A ideia bíblica de unidade assenta nos princípios fundamentais do evangelho. (1) Nossa redenção pelo precioso sangue e nossa justificação pela fé demonstrada nele. (2) Nossa santificação, o apartamento para o Senhor, a Verdade e o serviço a eles — incluindo o serviço aos irmãos. (3) Além desses pontos essenciais, sobre os quais a unidade deve ser exigida, não pode haver comunhão bíblica; em todos os outros pontos, deve-se conceder a mais plena liberdade, com, no entanto, o desejo de ver — e de ajudar os outros a ver — o plano divino em todas as suas características e detalhes. Assim, cada membro do corpo de Cristo, mantendo sua própria liberdade pessoal, é tão profundamente dedicado à Cabeça e a todos os membros que terá prazer em entregar tudo, até mesmo a própria vida, em prol deles.

Já consideramos a obra especial dos apóstolos, bem como o fato de que seu número era limitado e de que eles ainda desempenham seu ministério na Igreja, falando como porta-vozes do Senhor ao seu povo por meio de sua Palavra. Examinemos agora algo a respeito desses

[F241]
outros ministérios da Igreja aos quais o apóstolo se refere como dons do Senhor para o corpo em geral, ou *Ecclesia*.

O Senhor provê os apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres para a bênção do corpo geral, tanto no que diz respeito ao seu bem-estar presente quanto ao eterno. Cabe àqueles que confiam sinceramente no Senhor como Cabeça, Instrutor e Guia da Igreja, seu corpo, esperar, buscar e reconhecer seus dons em todos esses aspectos; e aceitá-los e utilizá-los — se desejarem receber a bênção prometida. Esses dons não são impostos à Igreja, e aqueles que os negligenciam, quando oferecidos, sofrem uma perda correspondente. O Senhor estabeleceu esses dons na Igreja desde o início e, assim, nos deu a estrutura ideal da Igreja, deixando a cargo de seu povo seguir o padrão assim estabelecido e receber bênçãos proporcionais; ou ignorar o padrão e enfrentar dificuldades e decepções correspondentes. Nós, como aqueles que desejam ser guiados e ensinados pelo Senhor, procuremos aprender como Ele estabeleceu originalmente os diversos membros e quais dons desse tipo Ele vem concedendo ao seu povo desde então, para que possamos, assim, valorizar quaisquer dons dessa natureza que estejam à nossa disposição e possamos valer-nos deles com mais zelo no futuro.

O Apóstolo declara que é da vontade do Senhor que não haja cisma no corpo — nem cisões, nem divisões. Com métodos humanos, as divisões são inevitáveis — exceto no período de triunfo do papado, quando o sistema nominal se tornou poderoso e utilizou métodos drásticos de perseguição ao lidar com todos aqueles que não estavam em total concordância com ele. Aquilo, no entanto, era uma *unidade de força*, de coação — uma unidade exterior, e não uma unidade do coração. Aqueles a quem o Filho liberta nunca poderão participar de todo o coração de tais uniões, nas quais a liberdade pessoal é totalmente destruída. A dificuldade com as denominações protestantes não é que elas sejam muito liberais e, portanto, tenham se dividido em muitos fragmentos, mas sim que ainda possuam muito do espírito da instituição-mãe, sem possuir o poder que esta, em certa

exercia para reprimir e suprimir a liberdade de pensamento. Sem dúvida, surpreenderemos muitos ao dizer que, em vez de haver divisões ou cisões em excesso, como vemos atualmente por toda parte, a verdadeira necessidade da Igreja de Cristo é *ainda mais liberdade* — até que cada membro individual se mantenha livre e independente de todos os laços humanos, credos, confissões etc. Com cada cristão individualmente firme na liberdade com a qual foi libertado pelo Senhor (***Gálatas 5:1***; ***João 8:32***), e cada cristão individualmente unido em lealdade ao Senhor e à Sua Palavra, muito rapidamente a unidade original que as Escrituras inculcaram seria discernida e todos os verdadeiros filhos de Deus, todos os membros da nova criação, se veriam atraídos uns pelos outros, igualmente livres, e ligados uns aos outros pelos laços do amor de forma muito mais forte do que os homens estão ligados nos sistemas e sociedades terrenas. "O amor de Cristo nos compele" [*nos mantém unidos* — Concordância de Young]. ***2 Coríntios 5:14***

Todos os membros da família de Aarão eram elegíveis para os serviços do sacerdócio; no entanto, havia certas limitações, barreiras e desqualificações para o serviço nesse contexto. E assim é entre o "Sacerdócio Real" antitípico — todos são sacerdotes, todos são membros do corpo ungido, e a *unção* significa para cada um plena *autoridade* para pregar e ensinar as boas novas, conforme está escrito: "O espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque ele *me ungiu para pregar* as boas novas aos mansos, para curar os quebrantados de coração", etc. Embora essas palavras se apliquem especialmente à Cabeça de Cristo, à nova criação, ao Sacerdócio Real, elas se aplicam também a todos os membros — portanto, em sentido geral, todo filho consagrado de Deus tem, em sua unção pelo espírito santo, plena autorização ou comissão para pregar a Palavra — "para proclamar os louvores daquele que nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz". ***1 Pedro 2:9***

Mas, assim como era exigido dos sacerdotes típicos que estivessem livres de certas imperfeições e tivessem atingido uma certa idade, também entre os membros do

[F243]
Sacramento há alguns que carecem das qualificações para o serviço público que outros possuem. Cada um deve, com sensatez (***Rm 12,3.6***), procurar determinar por si mesmo a medida dos dons de Deus que possui e, portanto, a medida de sua administração e responsabilidade. E, da mesma forma, todos os membros devem tomar conhecimento das qualificações e realizações naturais, bem como espirituais, uns dos outros, e julgar a vontade divina de acordo com isso. No tipo, a idade era um fator; mas, no caso dos sacerdotes antitípicos, isso significaria experiência e desenvolvimento de caráter; a imperfeição dos olhos vesgos no tipo significaria, no sacerdócio antitípico, uma falta de clareza de discernimento e de visão no que diz respeito às coisas espirituais, o que seria, de fato, um obstáculo ao serviço público na Igreja. Da mesma forma, todas as diversas imperfeições que impediam o sacerdócio típico representariam várias deficiências morais, físicas ou intelectuais entre o sacerdócio real antitípico.

No entanto, assim como os sacerdotes deformados no tipo exerciam todos os privilégios dos demais no que diz respeito ao seu próprio sustento, ao consumo dos pães da proposição, aos sacrifícios etc., assim também conosco no antítipo — aquelas deformidades que poderiam impedir um membro do corpo de Cristo de ser um servidor público da Igreja e da Verdade não precisam impedir seu desenvolvimento espiritual e seu reconhecimento, como possuidor de plenos direitos junto com todos os outros à mesa espiritual do Senhor e ao trono da graça. Assim como ninguém podia exercer o ofício de Sumo Sacerdote a menos que fosse fisicamente irrepreensível e maior de idade, da mesma forma aqueles que servissem como ministros da Verdade em "palavra e doutrina" não deveriam ser novatos, mas membros do corpo, cuja maturidade de caráter, conhecimento e frutos do espírito os qualificasse para tal serviço. Esses deveriam ser reconhecidos como anciãos — não necessariamente anciãos em termos de idade natural, mas anciãos, ou veteranos, ou pessoas maduras no que diz respeito à Verdade, e aptos a aconselhar e admoestar os irmãos de acordo com a Palavra do Senhor.

Com esse entendimento do significado da palavra "ancião", reconhecemos a razoabilidade das Escrituras ao declararem que todos os que se dedicam aos ministérios espirituais da

[F244]
Verdade são corretamente descritos pelo termo "o ancião"; independentemente de, de outra forma, estarem desempenhando o serviço de apóstolo, profeta, evangelista, pastor ou mestre. Para ocupar adequadamente qualquer uma dessas funções de serviço, é preciso ser reconhecido como o ancião na Igreja. Assim, os apóstolos declararam que eram anciãos (***1 Pe. 5,1***; ***2º João 1***); e, ao se referirem aos ministros (servos) da Igreja e à sua seleção, eles são mencionados em nossa versão comum da Bíblia sob três nomes:

Bispos, Anciãos, Pastores

Esses três termos são, no entanto, enganosos, tendo em vista o uso incorreto que se faz deles em igrejas de várias denominações; por isso, é necessário explicarmos que a palavra bispo significa simplesmente *supervisor*; e que todo ancião nomeado era reconhecido como supervisor de uma obra, grande ou pequena. Assim, por exemplo, em certa ocasião, o apóstolo foi recebido pelos anciãos da Igreja em Éfeso e, ao lhes dar sua admoestação de despedida, disse: "Cuidem de si mesmos e da Igreja sobre a qual o espírito santo os constituiu *supervisores*." ***Atos 20:28***

No entanto, sob a providência do Senhor, a alguns desses anciãos foi concedido um âmbito mais amplo de influência ou supervisão na Igreja e, portanto, poderiam ser corretamente denominados *supervisores gerais*. Tais eram todos os apóstolos — tendo o apóstolo Paulo um âmbito mais amplo de supervisão, especialmente entre as Igrejas estabelecidas em terras gentias — na Ásia Menor e no sul da Europa. Mas essa posição de supervisor geral não se restringia aos apóstolos: o Senhor, em sua providência, levantou outros para servir à Igreja dessa maneira
—"não por ganância, mas de boa vontade"—com o desejo de servir ao Senhor e aos irmãos. Primeiramente, Timóteo dedicou-se a esse serviço sob a direção do apóstolo Paulo e, em parte, como seu representante, sendo recomendado a várias comunidades ou *ecclesias* do povo do Senhor. O Senhor era, e ainda é, inteiramente competente para continuar a enviar os supervisores que Ele escolher para aconselhar e admoestar Seu rebanho. E o povo do Senhor deve ser plenamente competente

[F245]
para julgar o valor dos conselhos oferecidos por tais supervisores. Isso deve ser atestado por uma vida piedosa, comportamento humilde e o espírito de abnegação; pela ausência de qualquer ambição por honra e lucro imundo, bem como por um ensino que resista ao escrutínio dos Estudos Bíblicos criteriosos — examinando as Escrituras diariamente para verificar se suas apresentações estão ou não em plena conformidade tanto com a letra quanto com o espírito da Palavra. Isso, como vimos, era feito com os ensinamentos dos apóstolos — e como eles convidavam os irmãos a fazer
— elogiando especialmente aqueles que eram assim cautelosos, sem serem picuinhas ou hipercríticos. ***Atos 17:11***

No entanto, tanto quanto podemos julgar pela história da Igreja, o espírito de rivalidade e o amor à honra rapidamente substituíram o espírito de humilde devoção e abnegação, enquanto a credulidade e a bajulação prontamente substituíram o exame das Escrituras; e, como resultado, os supervisores gradualmente tornaram-se ditatoriais — gradualmente reivindicaram igualdade com os apóstolos, etc.— até que, finalmente, surgiu entre eles uma rivalidade, e alguns passaram a ser conhecidos e distinguidos pelo título de chefe ou arcebispo. Por sua vez, uma rivalidade entre esses arcebispos levou à exaltação de um deles ao cargo de papa. E o mesmo espírito tem prevalecido desde então, em maior ou menor grau, não apenas no papado, mas também entre aqueles que foram enganados e desviados por seu exemplo, afastando-se da simplicidade do arranjo primitivo. Consequentemente, constatamos hoje que uma organização como a que existia na Igreja primitiva — ou seja, sem um nome sectário e sem glória, honra e autoridade de poucos sobre muitos, e sem divisão entre clero e leigos — é considerada como *se não fosse organização alguma*. Estamos felizes, no entanto, em assumir nossa posição entre esses menosprezados, em seguir de perto o exemplo da Igreja primitiva e em desfrutar de liberdades e bênçãos correspondentemente semelhantes.

Assim como os anciãos da Igreja são todos supervisores, guardiões e vigilantes dos interesses de Sião — uns localmente e outros em um sentido mais amplo e geral —, da mesma forma cada um, de acordo com seu talento e capacidade, pode servir ao rebanho: um como evangelista,

[F246]
cujas qualificações o capacitavam e cujas condições lhe permitiam sair pregando a verdade aos iniciantes — encontrando aqueles que possuíam ouvidos para ouvir as boas novas, etc.; outro servindo ao rebanho como pastor (pastor de ovelhas), devido a qualificações especiais de natureza social, que lhe permitiam cuidar dos interesses do povo do Senhor pessoalmente, individualmente — visitando-os em suas casas, encorajando-os, fortalecendo-os, mantendo-os unidos e defendendo-os contra os lobos em pele de cordeiro que os morderiam e devorariam. Os "profetas" também tinham suas qualificações especiais para o serviço.

A palavra "profeta" não é geralmente usada hoje no sentido amplo em que era usada nos tempos antigos, mas é entendida, antes, como significando um vidente ou um preditor. A palavra profeta, no entanto, significa estritamente um *orador público* — um orador. Um vidente de visões ou alguém que recebe revelações também pode ser um profeta, no sentido de quem as proclama; mas os dois conceitos são distintamente separados. No caso de Moisés e Arão, Moisés era o maior, por ser o representante divino, e o Senhor disse-lhe: "Vê, eu te fiz um deus (poderoso ou superior) para o Faraó; e Arão, teu irmão, será o teu profeta" — porta-voz, porta-voz. (***Êxodo 7:1***) Já vimos que vários dos apóstolos eram videntes, no sentido de que lhes foi concedido o conhecimento das coisas futuras; observamos agora que quase todos eles também eram profetas, ou seja, oradores públicos — especialmente Pedro e Paulo. Mas havia muitos outros oradores públicos, ou profetas. Barnabé, por exemplo, era um deles; e está escrito: "Judas e Silas, sendo também eles próprios profetas [oradores públicos], exortaram os irmãos com muitas palavras". ***Atos 15:32***

Não há nenhuma sugestão nas Escrituras de que qualquer pessoa desqualificada para a obra a ser realizada deva ser considerada a pessoa designada pelo Senhor para aquela posição para a qual lhe falta aptidão especial; mas, ao contrário, é um dever que, no corpo de Cristo, cada membro sirva aos outros de acordo com seus talentos — de acordo com suas habilidades — e que cada um seja modesto o suficiente, humilde o suficiente, "para não pensar de si mesmo

[F247]
mais do que deve, mas do que pense com sensatez", de acordo com o valor real dos talentos que o Senhor lhe concedeu. A Igreja também não deve reconhecer entre seus membros aqueles que desejam ser os maiores *por esse motivo*. Pelo contrário, deve considerar a humildade como uma das qualificações essenciais para o cargo de ancião ou para o serviço em qualquer departamento. Se, portanto, dois irmãos parecem ter o mesmo talento, mas um é ambicioso e ousado e o outro humilde e recatado, o Espírito do Senhor, que é o espírito de sabedoria e de equilíbrio, ensinaria o povo do Senhor a valorizar o irmão mais humilde como aquele a quem o Senhor favoreceria especialmente e desejaria que fosse colocado em posição de destaque no serviço.

Parece menos surpreendente que "cabras" e ovelhas que se comportam como cabras no rebanho do Senhor aspirem à liderança do que o fato de as verdadeiras ovelhas — que reconhecem a voz do mestre, conhecem o seu espírito e buscam fazer a sua vontade — permitirem, com docilidade, que tais cabras ou ovelhas que se comportam como cabras assumam a liderança entre elas. É bom que busquemos a paz com todos os homens; mas, quando desconsideramos a Palavra e o espírito do Senhor em nome da paz, isso certamente resultará em prejuízo, em maior ou menor grau. É bom que todos tenham a natureza dócil, semelhante à das ovelhas; mas é necessário também que as ovelhas tenham *caráter*, caso contrário não poderão vencer; e, se tiverem caráter, devem lembrar-se das palavras do Pastor-Chefe: "Minhas ovelhas ouvem a minha voz [obedecem a ela]... e me seguem", "a *um estranho* não seguirão... pois não conhecem a voz dos estranhos". (***João 10:5, 27***) É dever, portanto, de cada ovelha prestar atenção especial à mensagem e à conduta de cada irmão antes de ajudá-lo a ser indicado como supervisor, seja local ou geral. Devem, antes de tudo, estar convencidos de que ele possui as qualificações reais de um ancião na Igreja — que ele é firme nas doutrinas básicas do evangelho — a expiação, a redenção por meio do precioso sangue de Cristo e a consagração total a Ele, à Sua mensagem, aos Seus irmãos e ao Seu serviço. Devem ter caridade e compaixão pelos cordeiros mais fracos e por todas as ovelhas mental e moralmente débeis; mas

estariam violando o arranjo divino ao escolher tais indivíduos como seus líderes ou anciãos. Não devem ter compaixão por cabras, nem por lobos em pele de cordeiro que almejam posição e autoridade na Igreja.

Deve-se reconhecer que a *Ecclesia* está muito melhor sem nenhum servidor público do que ter como líder um "bode" de língua afiada, que certamente não "dirigiria seus corações para o amor de Deus", mas sedutoramente para caminhos errados. Sobre tais pessoas nosso Senhor advertiu a Igreja; tais pessoas o Apóstolo descreveu, dizendo: "De entre vós se levantarão homens que falarão coisas perversas [doutrinas erradas e enganosas], para atrair discípulos para si [para atrair seguidores para si mesmos com astúcia]". O Apóstolo diz que muitos seguirão seus caminhos perniciosos, por causa dos quais a Verdade será caluniada. ***Atos 20:30***; ***2 Pedro 2:2***

É o que vemos hoje. Muitos estão pregando a si mesmos em vez de pregar o evangelho, as boas novas do Reino; estão atraindo discípulos para si mesmos e para suas denominações, em vez de atraí-los para o Senhor e uni-los exclusivamente a Ele, como membros de seu corpo. Estão buscando ser as cabeças das igrejas, em vez de fazer com que todos os membros do corpo olhem diretamente para o Senhor como a Cabeça. Devemos nos afastar de todos esses — as verdadeiras ovelhas não devem dar-lhes nenhum incentivo em seu caminho errado. O apóstolo Paulo fala deles como tendo uma aparência de piedade, mas negando o seu poder. (***2 Tim. 3:5***) Eles são muito rigorosos quanto a dias, formas, cerimônias, autoridades eclesiásticas etc., e são altamente estimados entre os homens, mas são uma abominação aos olhos do Senhor, diz o apóstolo. As verdadeiras ovelhas devem não apenas ter o cuidado de reconhecer a voz do verdadeiro Pastor e segui-lo, mas também devem lembrar-se de não seguir, não apoiar e não encorajar aqueles que buscam apenas seus próprios interesses. Todo aquele considerado digno de confiança na Igreja como o ancião deve ser suficientemente conhecido de antemão para justificar tal confiança; por isso, diz o apóstolo: "não um novato". Um novato pode causar dano à Igreja e pode também ser prejudicado, ao se tornar orgulhoso, e assim ser desviado do Senhor

[F249]
e o espírito correto e o caminho estreito que conduz ao Reino.

O apóstolo Paulo* dá orientações muito explícitas sobre quem deve ser devidamente reconhecido pela Igreja como ancião
— descrevendo em detalhes qual deve ser seu caráter, etc. Em sua carta a Timóteo sobre esse assunto (***1º Timóteo 3:1-7***), ele reitera o mesmo em linguagem ligeiramente diferente. Ao se dirigir a Tito, que evidentemente era outro supervisor geral (***Tit. 1:5-11***), ele descreve os deveres deles para com a Igreja. O apóstolo Pedro, sobre o assunto, diz: "Exorto os anciãos que estão entre vós, sendo eu também um ancião... Apascentai o rebanho de Deus que está entre vós, cuidando dele... não por ganância desonesta, mas de boa vontade; nem como senhores sobre a herança de Deus, mas sendo exemplos para o rebanho." ***1º Pedro 5:1-3***

Devem ser homens generosos, de vida pura, tendo no máximo uma esposa; e, se tiverem filhos, deve-se observar até que ponto o pai exerceu uma influência salutar em sua própria família — pois deve-se razoavelmente julgar que, se ele foi negligente em seu dever para com os filhos, provavelmente seria imprudente ou negligente em seus conselhos e em seus ministérios gerais entre os filhos do Senhor na *Ecclesia*, a Igreja. Ele não deve ser de língua dupla nem enganador, nem ser briguento ou contencioso. Deve ter boa reputação entre aqueles que estão fora da Igreja: não que o mundo alguma vez venha a amar ou a apreciar devidamente os santos, mas para que o mundo, pelo menos, seja incapaz de apontar qualquer coisa depreciativa a seu caráter no que diz respeito à honestidade, retidão, moralidade e veracidade. Não há limitação quanto ao número de anciãos em uma Igreja ou *Ecclesia*.

Além das limitações acima mencionadas, exige-se que o ancião seja "apto para ensinar"; ou seja, ele deve ter habilidade como professor, explicador e expositor do plano divino e, assim, ser capaz de auxiliar o rebanho do Senhor em palavra e em doutrina. Não é essencial para o cargo de ancião que o talento

---

* ***1 Tim. 3:2; 5:17***; ***1 Tess. 5:12***; ***Tg. 5:14***

[F250]
ou que se possuam as qualificações de um "profeta" ou orador público; pode-se encontrar, na mesma Igreja, várias pessoas com habilidades de ensino e qualificações pastorais e outras próprias de um ancião, e, ainda assim, possivelmente nenhuma que possua as qualificações de um orador público ou declamador do plano divino. Deve-se confiar no Senhor para levantar os servos necessários, e, se nenhum for fornecido, a *necessidade* pode ser questionada. Podemos observar aqui que algumas das Eclesias, reuniões ou congregações mais prósperas são aquelas nas quais não há grande talento para falar em público e nas quais, consequentemente, os Estudos Bíblicos são a regra e não a exceção. As Escrituras mostram claramente que esse também era um costume na Igreja primitiva; e que, quando se reuniam, surgia uma oportunidade para o exercício dos diversos talentos possuídos pelos vários membros do corpo — uns para falar, outros para orar, muitos, se não todos, para cantar. A experiência parece mostrar que os grupos do povo do Senhor que seguem essa regra mais fielmente recebem a maior quantidade de bênçãos e desenvolvem os caracteres mais fortes. Aquilo que é meramente ouvido pelos ouvidos, por mais bem dito e por melhor que seja, não fica gravado no coração tão profundamente quanto quando o próprio indivíduo exercita sua mente em relação a isso, como certamente ocorre em um Estudo Bíblico conduzido adequadamente, no qual todos devem ser incentivados a participar.

Outros anciãos, talvez não tão aptos para ensinar, podem se sentir em seu elemento nas reuniões de oração e testemunho, que devem ser um destaque entre as diversas reuniões do povo do Senhor. Aquele que se vê dotado de um bom talento para exortar deve exercer esse talento, em vez de deixá-lo adormecido, enquanto se esforça para exercer um talento que não possui em grau especial. O Apóstolo diz: "aquele que exorta, que se dedique à exortação", que dedique sua habilidade e serviço nessa direção: "aquele que ensina [que tem talento para a exposição — para tornar a Verdade clara], que dedique sua atenção ao ensino".

[F251]

Assim como a palavra bispo ou supervisor tem um amplo leque de significados, o mesmo ocorre com a palavra pastor. Ninguém, a não ser o ancião, é competente para ser pastor, supervisor ou pastor de rebanho. Um pastor, ou pastor de rebanho, é um supervisor do rebanho; as duas palavras são praticamente sinônimas. O Senhor Jeová é nosso Pastor ou Pastor no sentido mais amplo da palavra (***Salmo 23:1***), e seu Filho Unigênito, nosso Senhor Jesus, é o grande Pastor e Bispo (supervisor) de nossas almas — para todo o rebanho, em todos os lugares. Os supervisores gerais e os "Peregrinos" são todos pastores — zelando pelos interesses do rebanho em geral; e cada ancião local é um pastor, guia e supervisor em sua função local. Ver-se-á, então, que os anciãos na Igreja devem, em primeiro lugar, possuir qualificações gerais que os tornem aptos para o ofício de ancião e, em segundo lugar, que suas qualificações naturais especiais devem determinar em que parte do serviço eles podem melhor servir à causa do Senhor — alguns em conexão com o trabalho evangelístico e outros em conexão com o trabalho pastoral entre as ovelhas já evangelizadas, já consagradas, já no rebanho; alguns localmente e outros em um campo mais amplo.

Lemos: "Que os anciãos que governam bem sejam considerados dignos de dupla honra, especialmente aqueles que se empenham na palavra e na doutrina." (***1 Tim. 5:17,18***) Com base nessas palavras, a igreja nominal criou uma classe de Anciãos Governantes; e reivindicou para todos os anciãos uma posição de governo ou de autoridade, se não ditatorial, entre os irmãos. Tal definição de "governar" é contrária a todas as apresentações das Escrituras sobre o assunto. Timóteo, ocupando a posição de supervisor geral, ou o ancião, foi instruído pelo Apóstolo, que disse: "Não repreendas o ancião, mas exorta-o como a um irmão", etc. "O servo do Senhor não deve contender, mas ser manso para com todos os homens." Nada aqui, certamente, sancionaria um governo autocrático ou uma atitude ditatorial — mansidão, gentileza, longanimidade, bondade fraternal e amor devem ser qualificações proeminentes daqueles reconhecidos como anciãos. Eles devem, em todos os sentidos da palavra, ser exemplos para o rebanho. Se, portanto, fossem ditatoriais, o

[F252]
exemplo para o rebanho seria que todos deveriam ser ditatoriais; mas se eles forem mansos, longânimos, pacientes, gentis e amorosos, então o exemplo para todos estaria de acordo com isso. Uma interpretação mais literal da passagem em questão mostra que ela significa que a honra deve ser dada aos anciãos na medida em que manifestem fidelidade às responsabilidades do serviço que aceitaram. Poderíamos, portanto, traduzir a passagem da seguinte forma: Que os anciãos proeminentes sejam considerados dignos de dupla honra, especialmente aqueles que se dedicam intensamente ao trabalho árduo de pregar e ensinar.

Diáconos, Ministros, Servos

Assim como a palavra "bispo" significa meramente "supervisor" e, em nenhum sentido, significa "senhor" ou "o mestre" — embora tenha gradualmente passado a ser assim mal interpretada pelo povo —, o mesmo ocorre com a palavra "diácono", que literalmente significa "servo" ou "ministro". O apóstolo se refere a si mesmo e a Timóteo como "ministros de Deus". (***2 Cor. 6:4***) A palavra aqui traduzida como "ministros" vem do grego *diakonos*, que significa "servos". O apóstolo diz ainda: "A nossa suficiência vem de Deus, que também nos tornou ministros capazes do Novo Testamento." (***2 Cor. 3:5,6***) Aqui também a palavra grega *diakonos* é traduzida como "ministros" e significa "servos". De fato, o apóstolo declara que ele próprio e Timóteo eram diáconos (servos) de Deus e diáconos (servos) do Novo Testamento — a Nova Aliança. Podemos ver, então, que todos os verdadeiros anciãos na Igreja são, portanto, diáconos, ou servos de Deus, da Verdade e da Igreja — caso contrário, não deveriam ser reconhecidos como anciãos de forma alguma.

Não queremos dar a impressão de que não havia distinção na Igreja primitiva no que diz respeito ao serviço. Muito pelo contrário. O que estamos afirmando é que mesmo os apóstolos e profetas que eram anciãos na Igreja eram todos diáconos, ou servos, assim como nosso Senhor declarou: "Aquele que for o maior entre vós será vosso servo [*diácono*]." (***Mateus 23:11***)

[F253]
O caráter e a fidelidade do servo devem determinar o grau de honra e estima que deve ser prestado a qualquer pessoa nas *ecclesias* da nova criação. Assim como havia servos na Igreja que não se qualificavam, por falta de talentos etc., para serem reconhecidos como anciãos — por serem menos aptos a ensinar ou menos experientes —, assim também, independentemente de quaisquer nomeações feitas pela Igreja, os apóstolos e profetas (mestres) em várias ocasiões escolheram certas pessoas para serem seus servos, assistentes ou diáconos; como, por exemplo, quando Paulo e Barnabé estavam juntos, tiveram João Marcos por um tempo como seu servo ou ajudante. Da mesma forma, quando Paulo e Barnabé se separaram, Barnabé levou João consigo, enquanto Paulo e Silas levaram Lucas com eles como servo ou ajudante. Esses ajudantes não se consideravam iguais aos apóstolos, nem iguais, no serviço a outros, àqueles com maiores talentos e experiência do que eles próprios; mas se regozijavam com o privilégio de serem assistentes e servos sob a direção daqueles que reconheciam como *servos* qualificados e aceitos *de Deus* e da Verdade. Eles não precisavam ser escolhidos pela Igreja para tal serviço aos apóstolos; assim como a Igreja escolhia seus servos ou diáconos, os apóstolos escolhiam os seus próprios. Tampouco se tratava de uma questão de coação, mas de escolha. João e Lucas, podemos supor, consideravam que poderiam servir melhor ao Senhor dessa maneira do que, talvez, de qualquer outra forma que lhes estivesse ao alcance; e, portanto, foi por sua própria vontade e sem a menor restrição que aceitaram, assim como poderiam, com igual propriedade, ter recusado o serviço, se acreditassem que poderiam usar seus talentos de maneira mais fiel de alguma outra forma.

No entanto, essa palavra *"diácono"* é aplicada no Novo Testamento a uma classe de irmãos úteis como servos do corpo de Cristo e honrados de acordo com isso, mas não tão bem qualificados quanto outros para o cargo de anciãos. Sua escolha, contudo, para um serviço especial na Igreja implicava bom caráter, fidelidade à Verdade e zelo pelo serviço ao Senhor e ao seu rebanho. Assim, na Igreja primitiva, quando

[F254]
a distribuição de alimentos, etc., para os pobres do rebanho foi organizada, os apóstolos primeiro assumiram o assunto eles mesmos; mas, posteriormente, quando surgiram murmúrios e foi alegado que alguns estavam sendo negligenciados, os apóstolos passaram o assunto para os crentes, a Igreja, dizendo
—Escolham dentre vocês homens aptos para esse serviço, e nós dedicaremos nosso tempo, conhecimento e talentos ao ministério da Palavra. ***Atos 6:2-5***

Vale lembrar que sete servos, ou diáconos, foram escolhidos, e que entre esses sete estava Estêvão, que mais tarde se tornou o primeiro mártir — tendo a honra de ser o primeiro a seguir os passos do mestre até a morte. O fato de Estêvão ter sido escolhido pela Igreja para ser diácono, em nenhum sentido da palavra, o impediu de pregar a Palavra de todas as maneiras possíveis, sempre que encontrava uma oportunidade. Assim, vemos a perfeita liberdade que prevalecia na Igreja primitiva. Toda a comunidade, reconhecendo os talentos de qualquer membro do corpo, podia solicitar que ele prestasse um serviço; mas esse pedido e a aceitação dele não constituíam, de forma alguma, uma servidão — nem, de forma alguma, o impediam de usar seus talentos de qualquer outra maneira em que encontrasse oportunidade. Estêvão, o diácono, fiel no serviço às mesas, na administração das finanças da comunidade etc., foi abençoado pelo Senhor e recebeu oportunidades para exercer seu zelo e seus talentos de maneira mais pública na pregação do evangelho — sua trajetória demonstrando que o Senhor o reconheceu como o ancião na Igreja antes mesmo que os irmãos percebessem sua capacidade. Sem dúvida, se ele tivesse vivido mais tempo, os irmãos, com o tempo, também teriam percebido suas qualificações como o ancião e expositor da Verdade e assim o teriam reconhecido.

No entanto, o ponto que desejamos enfatizar é a total liberdade de cada indivíduo de usar seus talentos da maneira que puder, *como evangelista*, seja por nomeação direta da *Ecclesia* da nova criação ou não. (Estêvão, porém, não teria sido competente para ensinar na Igreja, a menos que

[F255]
escolhidos pela Igreja para esse serviço.) Essa liberdade absoluta da consciência e dos talentos individuais, bem como a ausência de qualquer servidão ou autoridade que os restrinja, é uma das características marcantes da Igreja primitiva, que faríamos bem em imitar no espírito e em ação. Assim como a Igreja precisa de anciãos qualificados e competentes para ensinar e de evangelistas para pregar, também precisa de diáconos para servi-la em outras funções, como recepcionistas, tesoureiros ou o que for necessário. Estes são servos de Deus e da Igreja e são honrados de acordo com isso; os anciãos são servos, embora seu serviço seja reconhecido como sendo de ordem superior — o trabalho na palavra e na doutrina.

Professores na Igreja

Como acabamos de ver, a "aptidão para ensinar" é uma qualificação necessária para o cargo ou serviço dos anciãos na Igreja. Poderíamos multiplicar as citações das Escrituras para mostrar que São Paulo se classificava não apenas como *apóstolo* e como *ancião* ou *servo*, mas também como *professor*, "não com palavras que a sabedoria humana ensina, mas como o espírito santo ensina". (***1 Cor. 2:13***) Ele não era professor de línguas, nem de matemática, nem de astronomia, nem de nenhuma das ciências, exceto a única grande ciência à qual o evangelho do Senhor, ou boas novas, se refere. Esse é o significado das palavras do apóstolo que acabamos de citar; e é bom que todo o povo do Senhor tenha isso bem presente. Não apenas aqueles que ensinam e pregam, mas também aqueles que ouvem, devem zelar para que não seja a sabedoria humana que seja proclamada, mas a sabedoria divina. Assim, o apóstolo exorta Timóteo: "Pregue a Palavra." (***2º Timóteo 4:2***) "Essas coisas ordene e ensine." (***1º Timóteo 4:11***) "Essas coisas ensine e exorte." (***1 Tim. 6:2***) Indo ainda mais longe, o apóstolo indica que toda a Igreja, assim como os anciãos, deve zelar para que os propagadores de falsas doutrinas e os mestres de filosofia e da "ciência falsamente chamada" não sejam reconhecidos como mestres da Igreja. A recomendação do apóstolo é: "Se alguém ensinar de outra forma", etc., afasta-te — não dês apoio

[F256]
àquilo que é outro evangelho além daquele que vocês receberam, o qual lhes foi transmitido por aqueles que lhes pregaram o evangelho com o espírito santo enviado do céu. ***1 Tim. 6:3-5***; ***Gál. 1:8***

Há alguns, no entanto, que são competentes para ensinar, capazes de explicar aos outros o plano divino de maneira particular, mas que não têm talento para a oratória, para falar em público ou para a "profecia". Aqueles que podem, em particular, proferir uma palavra em nome do Senhor e em prol de sua causa não devem ser desanimados; pelo contrário, devem ser encorajados a aproveitar todas as oportunidades para servir àqueles que têm ouvidos para ouvir e para proclamar os louvores de nosso Senhor e Rei. Além disso, devemos distinguir entre "ensinar e pregar". (***Atos 15:35***) Pregar é discursar em público; ensinar geralmente pode ser realizado de maneira mais eficaz em um ambiente mais privado — em uma aula bíblica ou em uma conversa particular — e os pregadores, oradores públicos ou "profetas" mais habilidosos descobriram, ocasionalmente, que seu trabalho público prospera melhor quando é habilmente complementado por discursos menos públicos, pela exposição mais privada das coisas profundas de Deus, a um grupo menor.

O dom do evangelista, o poder de despertar os corações e as mentes das pessoas para a investigação da Verdade, é um dom especial que nem todos possuem hoje, assim como não era o caso na Igreja primitiva. Além disso, as mudanças nas condições alteraram, em maior ou menor grau, o caráter desse trabalho, de modo que hoje constatamos que, em consequência da educação geral do povo, o trabalho evangelístico pode ser realizado em grande parte por meio da palavra impressa. Muitos estão engajados atualmente nesse trabalho — distribuindo folhetos e vendendo de porta em porta a série ESTUDOS DAS ESCRITURAS. O fato de que esses evangelistas estejam trabalhando de acordo com métodos adaptados aos nossos dias, em vez de métodos adaptados ao passado, não é mais um argumento contra esse trabalho do que o fato de que viajam a vapor e com energia elétrica, em vez de a pé ou em camelos. A evangelização ocorre por meio da apresentação da Verdade — o plano divino de

tempos — a Palavra de Deus — as "boas novas de grande alegria". Em nossa opinião, não há hoje nenhum outro trabalho evangelístico alcançando resultados tão grandiosos quanto este. E há muitos que possuem o talento e as qualificações para se dedicar a esse serviço, mas que não estão preparados para atuar em outros setores da obra — muitos ceifeiros que ainda não saíram para a vinha e pelos quais oramos continuamente para que o Senhor da colheita os envie — e lhes conceda a percepção de seus privilégios e oportunidades de se engajar nesse ministério evangelístico.

Quando Filipe, o evangelista, fez o que pôde pelo povo de Samaria, Pedro e João foram enviados a eles. (***Atos 8:14***) E assim nossos evangelistas colportores, depois de despertar as mentes puras de seus ouvintes, apresentam-lhes os *Estudos das Escrituras* como mestres a quem podem ouvir e com quem podem conversar mais a respeito do caminho do Senhor. Assim como Pedro, Paulo, Tiago e João, como mensageiros e representantes do Senhor, escreveram epístolas à família da fé e, assim, pastorearam, aconselharam e encorajaram seu rebanho, da mesma forma agora a literatura da verdade visita os amigos, pessoalmente e coletivamente, de maneira regular — buscando confirmar sua fé e formar e cristalizar seus caracteres de acordo com os princípios estabelecidos pelo Senhor e seus apóstolos.

Muitos Deveriam Ser Capazes de Ensinar

O apóstolo escreveu a alguns: "Já há algum tempo [que vocês estão na Verdade], deveriam ser mestres, mas [em consequência da falta de zelo pelo Senhor e de um espírito mundano] precisam que alguém lhes ensine novamente quais são os primeiros princípios dos oráculos de Deus." (***Hb 5:12***) Isso implica que, pelo menos em sentido geral, toda a Igreja, todo o sacerdócio, os membros da nova criação, devem tornar-se versados na Palavra de seu Pai a ponto de estarem "sempre prontos para dar resposta a todo aquele que

[F258]
pedir razões para a esperança que há neles, com mansidão e reverência." (***1 Pedro 3:15***) Assim, vemos novamente que o ensino, do ponto de vista bíblico, não se limita a uma classe clerical; que cada membro da nova criação é membro do Sacerdócio Real "ungido para pregar" e, portanto, plenamente autorizado a proclamar as boas novas àqueles que têm ouvidos para ouvir — cada um de acordo com sua capacidade de apresentá-las fiel e lucidamente. Mas aqui surge uma declaração peculiar de outro apóstolo:

"Não sejam muitos de vocês mestres, irmãos"
—Tiago 3:1—

O que isso significa? O apóstolo responde, dizendo: "Sabendo que recebereis julgamento mais severo" — sabendo que tanto as tentações quanto as responsabilidades aumentam a cada passo que se dá em direção à proeminência no corpo de Cristo. O apóstolo não exorta a que ninguém se torne mestre, mas deseja que cada um que acredita possuir algum talento para o ensino se lembre de que é uma tarefa de grande responsabilidade assumir, em qualquer medida, o papel de porta-voz de Deus — para garantir que nenhuma palavra seja proferida que possa deturpar o caráter e o plano divinos e, assim, desonrar a Deus, além de causar dano àqueles que possam ouvir.

Seria muito bom para a Igreja se todos reconhecessem e obedecessem a esse conselho, essa sabedoria vinda do alto. Talvez houvesse muito menos ensino do que o que se faz atualmente; mas o efeito, tanto sobre os professores quanto sobre os alunos, seria não apenas uma maior reverência pelo Senhor e pela Verdade, Sua Palavra, mas também uma maior liberdade em relação a erros confusos. Nessa linha, as palavras do mestre sugerem que alguns terão parte no Reino, mesmo que seus ensinamentos não tenham estado em plena concordância com o plano divino; mas que o resultado consequente será uma posição inferior no Reino do que se tivesse sido dada mais atenção para que o ensinamento fosse exclusivamente a mensagem divina. Suas palavras são: "Quem, portanto, violar um destes menores mandamentos e ensinar os homens a fazer o mesmo, será chamado o menor no Reino dos Céus." ***Mt 5,19***

[F259]

"Não precisais que ninguém vos ensine"

"A unção que recebestes dele permanece em vós, e não precisais que ninguém vos ensine; mas, como a mesma unção vos ensina todas as coisas, e é verdade, e não é mentira, e assim como ela vos ensinou, permanecereis nele."

"Vocês têm a unção do Santo e conhecem todas as coisas." ***1º João 2:27,20***

Tendo em vista as numerosas passagens bíblicas que incentivam a Igreja a aprender, a crescer na graça e no conhecimento, a edificar-se mutuamente na fé santíssima e a esperar que o Senhor levante apóstolos, profetas, evangelistas, mestres etc., essa afirmação do apóstolo Tiago parece bastante peculiar até que seja devidamente compreendida. Ela tem sido uma pedra de tropeço para muitos, embora possamos ter certeza de que o Senhor não permitiu que ninguém cujo coração estivesse em uma atitude correta para com Ele fosse prejudicado por ela. O tom predominante das Escrituras em sentido contrário — linha sobre linha e preceito sobre preceito —, assim como as experiências da vida, são bastante suficientes para convencer toda pessoa de espírito humilde de que há algo radicalmente errado com a tradução dessa passagem ou com as ideias que geralmente são extraídas dela. Aqueles que se sentem ofendidos são geralmente pessoas muito egocêntricas, cuja presunção as leva a preferir que o Senhor as trate separadamente e à parte de todo o restante da nova criação. Tal atitude, no entanto, está em absoluta contradição com o ensinamento geral das Escrituras de que o corpo é um só e possui muitos membros unidos nesse único corpo; e que o nutriente fornecido é levado a cada membro do corpo para sua nutrição e fortalecimento por meio dos outros membros ou em conjunto com eles. Assim, o Senhor pretendia tornar seu povo interdependente uns dos outros, com o objetivo de que não houvesse cisma no corpo; e é com esse objetivo que ele nos exortou, por meio do Apóstolo, a não negligenciar a nossa reunião, mas a lembrar que lhe agrada especialmente reunir-se com a Ecclesia, o corpo, em qualquer lugar, mesmo que seja um número tão pequeno quanto "dois ou três reunidos" em seu nome.

Ao examinar o texto, constatamos que o Apóstolo está refutando

[F260]
um erro prevalente em sua época — um erro grave que, em nome da Verdade, em nome do cristianismo, em nome do discipulado ao Senhor, estava praticamente anulando toda a revelação. Ele declarou que esse sistema errôneo não fazia parte da verdadeira Igreja nem de suas doutrinas, mas, pelo contrário, era o anticristo, ou seja, oposto a Cristo, embora invocasse o seu nome; navegando, assim, sob falsas cores. Ele diz a respeito deles que "eles saíram do meio de nós porque não eram dos nossos [ou nunca foram verdadeiros cristãos ou haviam deixado de sê-lo]; pois, se fossem dos nossos, teriam permanecido conosco". Ele aponta o erro deles; a saber, que as profecias sobre um Messias eram figurativas e nunca se cumpririam por meio da humanidade, e declarou que isso constituía uma negação completa da afirmação do evangelho de que o Filho de Deus se fez carne, foi ungido em seu batismo pelo espírito santo como o Messias e que Ele nos redimiu.

O pensamento do apóstolo é que qualquer um que se tenha tornado cristão, qualquer um que tenha compreendido o plano divino em qualquer medida, deve primeiro ter diante de si o fato de que ele e todos eram pecadores e necessitavam de um redentor; e, em segundo lugar, o fato de que Jesus, o Ungido, os havia redimido pelo sacrifício de sua própria vida. O apóstolo declara ainda que eles não precisam que nenhum homem *lhes ensine essa verdade básica*. *Eles* não poderiam ser cristãos e, ao mesmo tempo, ignorar esse princípio fundamental da religião cristã
— de que Cristo morreu por *seus* pecados, conforme as Escrituras, e ressuscitou para sua justificação — e de que nossa justificação, a consequente santificação e a esperança da glória dependem todas do fato e do valor do sacrifício de Cristo em favor deles. Ele ressalta que, embora pudesse ter sido possível confiar no Pai e crer nele sem crer no Filho antes que o Filho se manifestasse, *agora*, quem nega o Filho de Deus nega, com isso, o Pai; e ninguém pode confessar o Filho de Deus sem confessar, ao mesmo tempo, o Pai e o plano do Pai, do qual ele é o centro e o executor.

Assim, hoje podemos compreender exatamente o que o apóstolo quis dizer; a saber, que quem quer que tivesse sido gerado pelo

[F261]
O espírito santo devia primeiro ter sido um crente no Senhor Jesus; que ele era o Unigênito do Pai; que se manifestou na carne; que era santo, inocente e separado dos pecadores; que se entregou como nosso resgate; e que o sacrifício foi aceito pelo Pai e atestado pela sua ressurreição como o glorioso Rei e Libertador. Sem essa fé, ninguém poderia receber o espírito santo, a unção: consequentemente, quem tem a unção não precisa que ninguém perca tempo discutindo mais a questão fundamental de se Jesus era ou não o Filho de Deus; se ele era ou não o Redentor; se ele era ou não o Messias ungido que cumprirá, no tempo determinado por Deus, as preciosas promessas das Escrituras. A mesma unção que recebemos, se permanecer em nós, nos assegurará da verdade dessas coisas — "Assim como ele vos ensinou, deveis permanecer nele." Quem não permanecer nele, na Videira, está — como o ramo cortado — fadado a murchar; quem permanecer nele certamente permanecerá também no seu espírito e não poderá negá-lo.

"Vocês têm a unção do espírito santo e todos vocês sabem disso." (*Diaglott*) O espírito santo foi simbolizado ao longo de toda a dispensação judaica pelo óleo sagrado que, derramado sobre a cabeça do Sumo Sacerdote, escorria por todo o corpo; assim, quem quer que seja do corpo de Cristo está sob a unção, sob a influência do espírito, e onde quer que o espírito do Senhor esteja, há unção, suavidade e lubrificação. Sua tendência é buscar a paz com todos os homens, na medida do possível e na medida em que a fidelidade à justiça o permitir. Ela se opõe ao atrito — à ira, à malícia, ao ódio, à contenda. Aqueles que estão sob sua influência se alegram em ser ensinados pelo Senhor e, longe de contestar seu plano e seu Apocalipse, prontamente entram em plena harmonia com eles e, consequentemente, recebem a lubrificação prometida — a unção, a suavidade, a paz, a alegria, a santidade de espírito.

Aqueles que receberam o espírito do Senhor nesse sentido da palavra, trazendo paz, alegria e harmonia a seus corações, sabem que possuem essas qualidades como resultado do modo como o Senhor lida com eles e que as receberam

[F262]
desde que creram no Senhor Jesus e o aceitaram como o Ungido. Essa unção, portanto, é uma evidência não apenas para si mesmos, mas, em grande medida, uma evidência para os outros de que são membros do corpo de Cristo; enquanto aqueles que carecem dessa paz e alegria, e cujos corações estão cheios de malícia, contenda, ódio, desavenças, brigas e disputas, certamente carecem da evidência da unção, da lubrificação, da suavidade que acompanha o espírito do Senhor. É verdade que nem todos somos iguais, e a suavidade pode não se manifestar tão rapidamente nas questões externas da vida em alguns quanto em outros; mas, logo no início da experiência cristã, essa suavidade deve ser buscada no coração, como uma evidência de que estivemos com Jesus, aprendemos com ele e recebemos seu espírito, e, pouco depois, ela deve começar a se tornar evidente para os outros na vida cotidiana.

Vemos, então, que nada nas Escrituras se opõe ao teor geral da Palavra do Senhor no que diz respeito à necessidade de mestres e de aprender a mente do Senhor por meio deles. Não que sustentemos que Deus dependa dos mestres e que Ele *não pudesse* instruir, edificar e fortalecer os membros da nova criação por outros meios ou por meio de outros agentes; mas porque Sua Palavra declara que este *é* o Seu meio e o Seu agente, o Seu método para instruir e edificar a Igreja, o corpo de Cristo — para que não haja cisma no corpo e para que cada membro aprenda a simpatizar, cooperar e ajudar todos os demais membros.

Já consideramos o fato de que esses mestres não devem ser considerados infalíveis, mas que suas palavras devem ser ponderadas e avaliadas pelos padrões divinos — as palavras do Senhor, dos apóstolos e dos santos profetas das dispensações passadas, que falaram e escreveram conforme foram movidos pelo espírito santo para nossa admoestação, sobre quem chegaram os fins dos tempos. Chamamos agora a atenção para a declaração do Apóstolo: “Aquele que é instruído na Palavra comunique-se com aquele que ensina em todas as coisas boas.” ***Gálatas 6:6***

[F263]

“Aquele que é ensinado” e “aquele que ensina”

Essa passagem bíblica, em consonância com todas as outras, nos mostra que Deus planejou instruir seu povo por meio uns dos outros; e que até mesmo o mais humilde de seu rebanho deve pensar por si mesmo e, assim, desenvolver uma fé individual, bem como um caráter individual. Infelizmente, essa questão importante é tão comumente negligenciada entre aqueles que invocam o nome de Cristo! Essa passagem bíblica reconhece o professor e os alunos; mas os alunos devem sentir-se à vontade para se comunicar, para dar a conhecer aos professores qualquer assunto que chegue ao seu conhecimento e que pareça ter relação com o tema discutido — não com o desejo de ser professor, mas como um aluno inteligente se dirigindo a um ancião. Eles não devem ser máquinas, nem ter medo de se comunicar; mas, ao fazer perguntas, chamar a atenção para o que lhes parece ser uma aplicação incorreta das Escrituras ou qualquer outra coisa, devem fazer sua parte para manter puro o corpo de Cristo e seus ensinamentos — devem, portanto, ser críticos; e, em vez de serem desencorajados a fazer isso, e em vez de lhes ser dito que não devem criticar o professor ou questionar suas exposições, são, pelo contrário, incentivados a se comunicar, a criticar.

Não devemos, no entanto, supor que o Senhor desejasse encorajar qualquer espírito hipercrítico, ou disposição combativa e censuradora. Tal espírito é inteiramente contrário ao espírito santo e, não apenas isso, mas seria muito perigoso; pois quem, com espírito de debate, apresentar um caso hipotético ou suposto que não acredita ser a Verdade, meramente com o objetivo de confundir seu oponente, de ter um “debate” etc., certamente será prejudicado, bem como é bastante provável que prejudique os outros com tal atitude. A honestidade para com a Verdade é um requisito essencial para o progresso nela: opor-se ao que se acredita ser a Verdade e até mesmo defender temporariamente o que se acredita ser um erro, “por diversão” ou por qualquer outro motivo, certamente será ofensivo ao Senhor e trará alguma retribuição justa. Ai de mim, quantos se propuseram a “ver exatamente o que poderia ser dito” contra uma posição que acreditavam ser a Verdade, e ficaram enredados e totalmente

[F264]
cativados e cegados ao seguir esse caminho! Depois do Senhor, a Verdade é a coisa mais preciosa em todo o mundo; não se deve brincar com ela, nem tratá-la com leveza; e quem for negligente nesse aspecto sofrerá prejuízo. Veja ***2 Tessalonicenses 2:10,11***.

É importante observar que a palavra "comunicar" é ampla e inclui não apenas a comunicação de pensamentos, sentimentos etc., mas também pode ser entendida no sentido de que aquele que é ensinado e recebe benefícios espirituais deve ter prazer em contribuir, de alguma forma, para o sustento daqueles que ensinam — oferecendo ao Senhor, aos irmãos e à Verdade o fruto de seus trabalhos e talentos. E essa é precisamente a essência da disposição sagrada da nova criação. Logo no início da experiência cristã, cada um aprende o significado das palavras do seu mestre: "É mais abençoado dar do que receber"; e, portanto, todos os que possuem esse espírito se alegram de verdade em doar bens terrenos a serviço da Verdade, e isso na medida em que recebem bênçãos espirituais em corações bons e honestos. A questão de como dar e da sabedoria a ser exercida será abordada mais adiante, em outro tópico.

O Papel da Mulher na Igreja

Em alguns aspectos, esse assunto poderia ser melhor considerado após o exame da relação geral entre homem e mulher na ordem divina; mas, em um sentido importante, este é o lugar apropriado para sua apresentação — acreditamos que as outras visões paralelas, expostas mais adiante, se mostrarão corroborativas do que agora apresentamos.

Nada é mais claro do que o fato de que o Senhor ignora a questão do sexo na seleção de sua *Ecclesia* da nova criação. Tanto homens quanto mulheres são batizados para se tornarem membros do "único corpo", do qual Jesus é a Cabeça. Ambos são, portanto, igualmente elegíveis para participar da Primeira Ressurreição e de sua glória, honra e imortalidade, sob a condição geral de que "se sofremos com ele, também reinaremos com ele". Ambos foram honrosamente mencionados por nosso Senhor e pelos apóstolos nos

[F265]
termos calorosos. Portanto, quaisquer limitações impostas à mulher quanto à natureza e ao alcance do serviço do evangelho devem ser entendidas como pertencentes meramente ao tempo presente, enquanto ainda estamos na carne; e devem ser explicadas de alguma outra maneira que não seja supor uma preferência divina pelos homens. Procuraremos mostrar que as distinções entre os sexos seguem linhas simbólicas e típicas — porque o homem simboliza Cristo Jesus, a Cabeça da Igreja, enquanto a mulher simboliza a Igreja, a Noiva, sob a Cabeça divinamente designada.

O amor de Nosso Senhor por sua mãe, por Marta e Maria e por outras "mulheres honradas que o serviam com seus bens" é muito evidente nos relatos, mesmo além da afirmação direta de que ele as "amava" (***João 11:5***); no entanto, ao escolher seus doze apóstolos e, mais tarde, os "setenta", ele não incluiu nenhuma delas. Também não podemos supor que isso tenha sido um descuido — assim como não foi por descuido que as mulheres da tribo de Levi foram, no que diz respeito aos serviços públicos, ignoradas durante os mais de dezesseis séculos anteriores. Tampouco podemos explicar a questão supondo que as mulheres entre os amigos de nosso Senhor não fossem suficientemente instruídas para serem utilizadas por ele; pois, quanto aos escolhidos, os registros indicam que era facilmente perceptível que "eram homens ignorantes e incultos". Devemos, portanto, concluir que foi por intenção divina que, dentre os "irmãos", apenas os homens fossem escolhidos para serem os servidores públicos especiais e embaixadores do evangelho. E aqui, note-se, que esse arranjo divino é o oposto do método do grande adversário, que, embora pronto a usar ambos os sexos como suas ferramentas, sempre considerou a mulher sua representante mais eficiente.

A primeira mulher foi a primeira embaixadora de Satanás — e bem-sucedida, aliás, em enganar o primeiro homem e mergulhar toda a raça no pecado e na morte. As bruxas do passado, os médiuns do espírito e os "Cientistas Cristãos" de nossos tempos são todas evidências nessa mesma linha — da propaganda de Satanás por meio das mulheres, quase tão marcante quanto a propaganda divina por meio dos homens. Além disso, o programa divino vai

[F266]
contra a tendência natural de todos os homens de valorizar especialmente as mulheres em questões religiosas — de atribuir a esse sexo um grau mais elevado de pureza, espiritualidade e comunhão com Deus. Essa tendência é notável tanto nos registros do passado quanto no presente, como evidenciado pela deusa egípcia Ísis, pela deusa assíria Astarote, pela deusa grega Diana, Juno, Vênus e Belona, e pela mariolatria que, há séculos e até hoje, domina plenamente dois terços daqueles que professam o nome de Cristo — apesar da designação mais explícita do homem como porta-voz e representante do Senhor em sua Igreja.

Além de seu significado simbólico, a Palavra do Senhor não nos informa se há outras razões para a distinção entre os sexos, e nossas suposições a respeito do assunto podem ou não estar corretas: em nossa opinião, porém, algumas das qualidades do coração e da mente que se combinam nos tipos mais nobres de mulher a tornam inadequada para serviços religiosos públicos. Por exemplo, por natureza, a mulher é, felizmente, dotada do desejo de agradar e de conquistar *aprovação* e elogios. Essa qualidade é uma bênção inestimável no lar, levando à preparação das inúmeras iguarias à mesa e dos atraentes enfeites domésticos que diferenciam um lar dos apartamentos de solteironas ou solteirões. A verdadeira esposa é feliz quando se empenha em fazer sua família feliz e se alegra com as manifestações de apreço por seus esforços
— culinária, etc., e nunca lhe devem ser negados os elogios que certamente lhe são devidos, que sua natureza anseia e que são absolutamente essenciais para sua saúde e progresso.

Mas, se a mulher for retirada de sua esfera — tão ampla e tão importante que o poeta bem disse: “A mão que embala o berço é a mão que governa o mundo” — se ela se apresentar ao público como palestrante, professora ou escritora, ela se coloca em uma posição de grande perigo; porque várias das peculiaridades de seu sexo (uma das quais já mencionamos), que contribuem para torná-la uma verdadeira mulher e atraente para os homens verdadeiros, conspirarão, sob condições *antinaturais,* para corromper sua feminilidade — para torná-la “masculina”. A natureza estabeleceu os

[F267]
limites dos sexos, não apenas no contorno físico e na cor do cabelo, mas igualmente nas qualidades do coração e da mente — adaptando um ao outro de forma tão completa que qualquer interferência ou desconsideração por suas leis certamente causará danos no final, por mais benéficas que as mudanças possam parecer temporariamente.

A qualidade da *aprovação* que a natureza concedeu tão generosamente à mulher e que, quando exercida corretamente, é tão útil para ela, para seu lar e para sua família, quase certamente se tornará uma armadilha para ela se for exercida perante o público
— na busca pela aprovação da Igreja ou do mundo. A ambição de brilhar — de parecer mais sábia e capaz do que os outros — é um perigo que assola todos aqueles que estão sob os holofotes e, sem dúvida, já fez tropeçar muitos homens que se tornaram orgulhosos e, assim, caíram na armadilha do adversário: mas a própria feminilidade da mulher a torna particularmente suscetível, não apenas a tropeçar em sua tentativa de brilhar, mas também a fazer com que outros tropecem; pois alguém assim, ao se desviar do caminho, certamente receberia do adversário óleo espúrio — cuja luz falsa poderia desviar muitos do caminho do Senhor. Assim, a advertência do Apóstolo — "Não sejais muitos de vós mestres, irmãos, sabendo que um homem [que é mestre] receberá um julgamento mais severo" (***Tiago 3:1***) — seria ainda mais contundente se aplicada às irmãs. De fato, o perigo para elas seria tão grande que nenhuma foi designada para ser mestra; e o Apóstolo escreve: "Não permito que a mulher ensine, nem que exerça autoridade sobre o homem, mas que permaneça em silêncio." ***1 Tim. 2:11,12***

Essa declaração enfática e explícita não pode, no entanto, ser entendida como significando que as irmãs da nova criação nunca possam transmitir uma bênção ao contar a velha, velha história. O mesmo apóstolo se refere com o maior respeito às mulheres nobres de sua época como *colaboradoras* no ministério. Por exemplo, ele menciona Priscila, assim como seu marido, como "colaboradoras" ou "co-trabalhadoras". (***Rom. 16:3***) Isso significa mais do que meras anfitriãs que receberam o apóstolo em sua casa: significava que elas trabalhavam com ele em sua obra — não apenas na confecção de tendas, mas especialmente em sua obra principal como ministro

[F268]
do evangelho. Em um versículo posterior (6), ele menciona os serviços de Maria de maneira diferente, dizendo: "Maria *nos* dedicou muito trabalho". Ela evidentemente não era uma colaboradora. Os serviços que prestou ao apóstolo, e que ele desejava reconhecer, eram serviços pessoais — talvez lavar ou remendar roupas. O serviço de Priscila, ao contrário, é mencionado na mesma linguagem que os serviços de Urbano (v. 9). De fato, como o nome de Áquila é mencionado depois do de sua esposa, é razoável inferir que a esposa era a mais eficiente dos dois como "colaboradora". Trifena e Trifosa (v. 12) são outras duas irmãs cujo "*trabalho no Senhor*" é mencionado com honra.

Qualquer interpretação das palavras do apóstolo que ignorasse todas as oportunidades para as irmãs "trabalharem no Senhor" seria manifestamente errônea. É nas reuniões da Igreja (sejam duas, três ou mais pessoas) para adoração, louvor e edificação mútua que as irmãs devem assumir um papel subordinado e não tentar ser líderes e professoras — fazer isso seria *usurpar* autoridade sobre o homem, sobre o qual, tanto por natureza quanto por preceito, o Senhor colocou a responsabilidade pelos ministérios de liderança — sem dúvida por razões sábias, quer concordemos com elas ou não.

As restrições do apóstolo evidentemente se referiam a reuniões como as que ele descreve em ***1º Coríntios 14***. Essas reuniões incluíam as irmãs, que certamente compartilhavam de todas as suas bênçãos
—participando dos cânticos, hinos e canções espirituais, bem como das orações, independentemente de quem as proferisse. O Apóstolo desejava incutir a necessidade de ordem nas reuniões, para que todos pudessem se beneficiar mais. Ele recomenda que não haja mais do que um orador ou profeta falando por vez, e que todos os demais prestem atenção; e que não haja mais do que dois ou três oradores ou profetas falando em uma mesma reunião, para não haver grande diversidade de opiniões em uma única sessão. Da mesma forma, quem falasse em línguas desconhecidas deveria permanecer em silêncio, a menos que alguém presente pudesse interpretar suas palavras.

As mulheres não deviam falar de forma alguma nessas reuniões, embora fora delas ou em casa pudessem "perguntar

[F269]
aos próprios maridos", ou, mais propriamente, aos seus próprios *homens*; elas podiam sugerir suas opiniões ou fazer perguntas por meio dos irmãos (homens) com quem tinham maior intimidade — seus maridos, se possível, ou irmãos com quem conversavam no caminho de volta para casa após as reuniões, etc. A palavra *"casa*" neste texto tem o significado de *família* ou círculo de conhecidos. A ideia, então, é: que elas façam suas perguntas aos homens de seu círculo de conhecidos ou por meio deles. O apóstolo prossegue dizendo: "Não lhes é permitido falar; mas lhes é ordenado que estejam em obediência, *como também diz a Lei*." ***1 Coríntios 14:34-36***

Evidentemente, alguns na Igreja de Corinto defendiam a ideia dos "direitos das mulheres", alegando que, na Igreja, os direitos dos sexos eram iguais. Mas o apóstolo não apenas refuta esse pensamento, como também repreende a audácia deles em pensar em instituir um procedimento não reconhecido pelos demais membros do povo do Senhor. Suas palavras são: "Acaso a palavra [mensagem] de Deus partiu de vós [tendo origem em vós]? Ou chegou [de outro lugar] somente *a vós*? Se alguém se considera profeta ou espiritual, reconheça que as coisas que vos escrevo são *mandamentos do* Senhor", e não meramente minhas opiniões pessoais ou caprichos. Nós, portanto, assim como os coríntios, não devemos exercer nossas próprias preferências ou julgamentos sobre esse assunto, mas devemos nos submeter às declarações do apóstolo como mandamento do Senhor. E se alguém contestar a orientação do apóstolo sobre esse assunto, que seja coerente e o rejeite como apóstolo por completo.

É oportuno, a esse respeito, chamar a atenção para as palavras do apóstolo ao falar dos dons de nosso Senhor à Igreja — que datam do Pentecostes. Ele diz: "E ele deu uns para serem apóstolos, outros para serem profetas, outros para serem evangelistas, outros para serem pastores e mestres; para o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para a edificação do corpo de Cristo." (***Ef 4,11-12***) No grego, o *artigo* indica o gênero — masculino, feminino ou neutro. Esse texto é, portanto, excelente para determinar como, especificamente, o Senhor, por meio do espírito santo, traçou a linha de

[F270]
sexo entre os servos ativos concedidos à sua Igreja. Quais são os fatos no que diz respeito ao texto acima; qual gênero é indicado no grego? Respondemos que o artigo *tous* (plural, acusativo, *masculino*) aparece antes de apóstolos, profetas, evangelistas e pastores, e não há artigo algum antes de mestres, que aparentemente se refere aqui ou a "auxiliares" (***1 Coríntios 12:28***), ou então é um termo abrangente que se refere aos apóstolos do sexo masculino, oradores do sexo masculino, evangelistas do sexo masculino e pastores do sexo masculino como *todos* os mestres.

Observemos aqui, no entanto, que uma irmã chamar a atenção da assembleia para as palavras do Senhor ou dos apóstolos sobre qualquer assunto em discussão, sem expressar suas próprias opiniões, não poderia ser considerado ensino, nem, em nenhum sentido, uma usurpação de autoridade sobre o homem: ela estaria, ao contrário, meramente evocando as palavras de mestres reconhecidos e autorizados. Da mesma forma, o fato de uma irmã se referir a este livro ou a outras de nossas publicações que explicam as Escrituras, ou lê-los para outras pessoas, não seria um ato de ensino da parte dela, mas sim do autor citado. Assim, vemos que os arranjos do Senhor protegem seu rebanho e, ao mesmo tempo, providenciam amplamente para suas necessidades.

Todos podem obedecer ao mandamento divino, mas, certamente, ninguém o compreenderá a menos que perceba que, no uso bíblico, a mulher simboliza a Igreja, e o homem simboliza o Senhor, a Cabeça ou o Mestre da Igreja. (Ver ***Ef 5,23***; ***1 Cor 11,3***) Assim como a Igreja não deve tentar ensinar o Senhor, também a mulher, que simboliza a Igreja, não deve assumir o papel de professora sobre o homem, que simbolicamente representa o Senhor. Com esse pensamento em mente, nenhuma irmã precisa se sentir menosprezada e nenhum irmão deve se sentir orgulhoso por causa dessa regra bíblica; ao contrário, todos terão em mente que o Senhor é o único mestre e que os irmãos não ousam proferir sabedoria própria, mas apenas apresentar aos outros aquilo que sua Cabeça expõe como a Verdade. Aplicemos esta passagem bíblica (***1 Tim. 2:11,12***) ao Senhor e à Igreja, da seguinte forma: "Que a igreja aprenda em silêncio, com toda a submissão. Não permito que a igreja ensine, nem que usurpe autoridade sobre Cristo, mas que permaneça em silêncio."

[F271]

"Que Ela Esteja Coberta"

Já apontamos* que o Sumo Sacerdote que tipificava Cristo, o Sumo Sacerdote de nossa Confissão, era o único que andava com a cabeça descoberta quando vestia trajes sacerdotais; e que todos os sub-sacerdotes, que tipificavam a Igreja, "o Sacerdócio Real", usavam coberturas para a cabeça chamadas "bonés". O ensinamento desse tipo está em plena concordância com o que acabamos de ver, pois nas reuniões da *Ecclesia* da nova criação, o Senhor, o Sumo Sacerdote antitípico, é representado pelos irmãos, enquanto a Igreja ou o Sacerdócio Real é representado pelas irmãs, que, segundo declara o apóstolo, devem igualmente usar um véu na cabeça como indicação da mesma lição — a submissão da Igreja ao Senhor. O apóstolo detalha isso em ***1 Coríntios 11:3-7, 10-15***.

Alguns inferiram que, como o Apóstolo menciona que o cabelo comprido da mulher lhe foi dado pela natureza como um véu, ele não quis dizer nada além disso; mas o versículo 6 mostra claramente o contrário — que ele quis dizer que as mulheres não deveriam apenas deixar o cabelo crescer como a natureza lhes proporcionou, mas, além disso, deveriam usar um véu, o qual, no versículo 10, ele declara ser um *sinal*, ou reconhecimento simbólico, de estarem sujeitas ao homem ou sob sua autoridade; ensinando simbolicamente que toda a Igreja está sujeita à lei de Cristo. O relato do versículo 4 parece, à primeira vista, estar em conflito com a exigência de que as mulheres guardem silêncio nas *ecclesias*. Nossa opinião é que, embora no culto geral da Igreja as mulheres não devam participar publicamente, em reuniões sociais para oração e testemunho — e não para ensino doutrinário —, não haveria objeção à participação das irmãs com a cabeça coberta.

Com relação a essa questão de perpetuar o uso típico do véu pelas irmãs, o apóstolo a recomenda, mas não afirma que se trate de um mandamento divino. Pelo contrário, ele acrescenta: "Se alguém parecer ser contencioso [sobre o assunto], não temos tal costume [lei positiva na Igreja]". Isso não deve ser considerado um assunto vital; embora todos os que buscam fazer a vontade do Senhor devam ser

---

* *Sombras do Tabernáculo*, p. 36.

[F272]
cuidadosos tanto nesse quanto em outros aspectos, a partir do momento em que discernirem sua adequação como símbolo. As palavras "por causa dos anjos" parecem referir-se aos *anciãos* escolhidos da Igreja, que representam especialmente o Senhor, a Cabeça, nas *ecclesias*. ***Apocalipse 2:1***

* * *

Resumindo, sugerimos que se dê a interpretação mais liberal possível às palavras do apóstolo inspirado no que diz respeito ao alcance da liberdade das irmãs nos assuntos da Igreja. Nossa opinião a respeito disso é a seguinte:

(1) As irmãs têm a mesma liberdade que os irmãos no que diz respeito à escolha dos servos da Igreja — os Anciãos e os diáconos.

(2) As irmãs não podem exercer os cargos de anciãos ou professoras na Igreja, pois, como diz o Apóstolo: "Não permito que a mulher ensine." (***1 Tim. 2:12***) Isso, no entanto, não deve ser interpretado como um impedimento para que as irmãs participem de reuniões que não sejam do tipo de ensino ou pregação; tais como reuniões de oração e testemunho, estudos bereanos, etc., pois o apóstolo diz que, se ela orar ou profetizar (falar), deve fazê-lo com a cabeça coberta, representando seu reconhecimento do fato de que o Senhor, o Grande Mestre, está especialmente representado pelos irmãos. (***1 Cor. 11:5, 7, 10***) Tal participação não precisa ser considerada ensino; pois nem os irmãos que participam são mestres; como diz o apóstolo: "Serão todos mestres?" Não, os mestres ou anciãos são especialmente escolhidos, embora sempre dentre os homens. ***Ef. 4:11***; ***2 Tim. 2:24***; ***1 Cor. 12:28, 29***

[F273]

ESTUDO VI
ORDEM E DISCIPLINA NA NOVA CRIAÇÃO

Significado da Ordenação — Apenas os Doze Ministros Plenipotenciários —"Clero" e "leigos"—A escolha de anciãos e diáconos—A ordenação de anciãos em cada ecclesia—Quem pode ser escolhido para escolher anciãos e como—A maioria não é suficiente—Vários ministérios—Um ministério remunerado?
—Disciplina na Eclesia—Chamados equivocados para pregar—"Admoestai os indisciplinados"—A admoestação não é uma ordem geral—Repreensões públicas são raras—""Cuidem para que ninguém retribua o mal com o mal" — Incitar ao amor — "Nossa reunião" — Variedade e caráter de nossas reuniões — A doutrina ainda é necessária — Oportunidades para perguntas — Ilustração de reuniões proveitosas — "Que cada um esteja plenamente convencido em sua própria mente" — Serviços fúnebres — Dízimos, coletas, obras de caridade.

Ao considerar este assunto, é bom que tenhamos claramente em mente a unidade da Igreja e que, embora a Igreja inteira em todo o mundo seja uma só, em outro sentido da palavra cada reunião ou comunidade separada de crentes é uma representação do todo. Cada *Ecclesia*, portanto, deve considerar o Senhor como *sua* Cabeça e os doze apóstolos como as doze estrelas, os brilhantes, os mestres, a quem o Senhor segurava especialmente em sua mão e controlava — usando-os como seus porta-vozes para a instrução de sua Igreja em todos os lugares, em todas as reuniões, ao longo de toda a era.

Cada congregação ou *Ecclesia* — mesmo que composta por apenas dois ou três — deve procurar reconhecer a vontade da Cabeça no que diz respeito a todos os seus assuntos. Deve sentir-se em unidade com todas as queridas *ecclesias* de "fé igualmente preciosa" no sacrifício do querido redentor e nas promessas de Deus — em todos os lugares. Deve alegrar-se ao saber de seu bem-estar e reconhecer o fato de que

[F274]
o Senhor, como supervisor de sua obra, pode hoje, assim como em todos os períodos, usar alguns instrumentos especiais para o serviço da *Igreja como um todo*, bem como usar certos membros de cada pequena comunidade local. Olhando assim para o Senhor e reconhecendo o caráter dos servos que Ele usaria — humildes, zelosos, de boa reputação, firmes na Verdade, dando evidência de possuírem a unção do Espírito —, eles estariam preparados para *esperar* tais ministérios gerais para as necessidades de toda a Igreja e para *buscar* uma parte na bênção geral e na dispensação do "alimento na época certa" que nos foi prometido pelo mestre. Eles também se lembrarão especialmente de como Ele prometeu bênçãos especiais no fim desta era, e que Ele providenciaria coisas novas, bem como antigas, para a família da fé por meio de canais apropriados de Sua própria escolha. ***Mateus 24:45-47***

Os meios, os canais dessas bênçãos, o próprio Senhor supervisionará e dirigirá. Todos os membros do corpo unidos à Cabeça devem ter confiança e aguardar o cumprimento de suas promessas; mas, não obstante, devem "examinar os espíritos" — testar as doutrinas, independentemente de quem as profira. Essa prova não implica falta de confiança naqueles reconhecidos como canais divinamente orientados da Verdade; mas implica fidelidade ao Senhor e à Verdade como superiores a todos os mestres humanos e suas declarações; implica também que eles não estejam atentos à voz do homem, mas à voz do Pastor Supremo; que se deleitem com suas palavras e as amem — amem mastigá-las e digeri-las. Esses membros do corpo crescem mais fortes e mais rapidamente no Senhor e no poder de sua força do que os demais, pois estão mais atentos à orientação e à instrução do Senhor.

Essa unidade geral do corpo, essa simpatia geral, esse ensino geral por meio de um canal geral que o Senhor providenciou para reunir suas joias a si mesmo na sua segunda presença (***Ml 3:17***; ***Mt 24:31***), não interfere, no entanto, no reconhecimento adequado da ordem em cada uma das pequenas comunidades, ou *ecclesias*. Por menor que seja a comunidade, deve haver ordem nela. Por essa palavra

[F275]
"ordem", não nos referimos, contudo, a rigidez ou formalismo. A ordem que funciona melhor e de maneira mais satisfatória é aquela que opera silenciosamente, e cujo mecanismo fica totalmente oculto. Se a reunião for tão pequena quanto três, cinco ou dez pessoas, deve, no entanto, buscar o Senhor para determinar Sua orientação quanto a quem, dentre os presentes, deve ser reconhecido como ancião, membro mais experiente ou mais avançado na Verdade, possuindo as diversas qualificações de um ancião, conforme já vimos delineadas na Palavra inspirada — clareza na Verdade, aptidão para ensiná-la, vida irrepreensível no que diz respeito ao caráter moral e capacidade de preservar a ordem sem atritos desnecessários, como pode ser exemplificado em sua família, etc.

Se o pequeno grupo tiver, assim, a Palavra e o espírito do Senhor diante de si e agindo neles, o resultado de seus julgamentos unânimes, expresso na eleição de servos, deverá ser aceito como a vontade do Senhor sobre o assunto — as pessoas escolhidas como anciãos seriam, muito provavelmente, as melhores e mais adequadas entre o grupo. No entanto, é preciso ter cuidado para que tais seleções não sejam feitas sem a devida consideração e oração; portanto, é aconselhável que seja feito o devido anúncio com antecedência e que se reconheça que somente aqueles que se declaram membros da nova criação (homens e mulheres) devem tentar expressar a vontade do Senhor sobre o assunto — na votação. Esses devem ser aqueles que já passaram pelo ponto do *arrependimento* pelo pecado e *da restauração,* na medida de sua capacidade, e que *aceitaram* o sacrifício do Senhor Jesus como base de sua harmonia com Deus; e que, então, fizeram uma *consagração* completa de si mesmos ao Senhor, passando assim a estar sob a unção e todos os privilégios da "casa dos filhos". Somente esses são competentes para apreciar e expressar a mente, a vontade, da Cabeça do corpo. Somente esses constituem a Igreja, o corpo de Cristo, embora outros, que ainda não tenham dado o passo da consagração, mas que confiam no precioso sangue, possam ser considerados membros da "família da fé", cujo progresso é motivo de esperança e cujo bem-estar deve ser levado em conta.

[F276]

Ordenação de Anciãos em Cada Ecclesia

"E, tendo-lhes ordenado anciãos em cada igreja [Ecclesia] e tendo orado com jejum, os recomendaram ao Senhor." ***Atos 14:23***

A forma dessa afirmação, juntamente com outras referências frequentes aos anciãos em relação a todas as igrejas, justifica a inferência de que esse era o costume *invariável* na Igreja primitiva. O termo "anciãos", conforme visto no texto, inclui evangelistas, pastores, mestres e profetas (ou expoentes públicos); portanto, é importante que aprendamos o que se entende por essa palavra *"ordenar*". Atualmente, essa palavra é geralmente usada em referência a uma cerimônia de posse; mas esse não é o significado da palavra grega *kirotoneo* usada neste texto. Significa "*escolhido por estender a* mão", que ainda é a forma usual de votação. Essa definição é apresentada na Concordância Analítica da Bíblia, do Prof. Young. Como essa obra pode ser considerada uma autoridade presbiteriana, apresentaremos também a definição estabelecida na "Concordância Exaustiva de Strong", que pode ser considerada uma autoridade metodista. Esta última define a raiz da palavra: "Alguém que levanta a mão, ou eleitor (por meio do levantamento da mão)".

Uma palavra grega totalmente diferente é usada quando nosso Senhor declarou aos apóstolos: "Eu vos escolhi e vos *ordenei*." (***João 15:16***) Essa é a mesma palavra, *tithemi*, usada pelo Apóstolo quando, falando de sua ordenação, ele diz: "Fui *ordenado* pregador e apóstolo." (***1 Tim. 2:7***) Mas essa ordenação, declara o apóstolo claramente, "não foi dos homens, nem por meio de homem algum, mas por Jesus Cristo e Deus, o Pai" (***Gál. 1:1***). Todos os membros do Corpo Ungido, unidos à Cabeça e participantes do seu espírito, são, assim, ordenados de maneira semelhante, não, é verdade, para o apostolado como Paulo, mas para serem ministros (servos) da Verdade, cada um na medida de seus talentos e oportunidades (***Isaías 61:1***) — apenas os doze foram *ordenados* para serem apóstolos, ou representantes especiais — ministros plenipotenciários.

Voltando à ordenação ou ao reconhecimento de anciãos pelo voto da congregação (*Ecclesia*) da nova criação, por meio do "estender da mão", como visto acima, observamos que

[F277]
esse era o modo habitual; pois o Apóstolo usa a mesma palavra grega ao relatar como Tito se tornou seu colaborador. Ele diz: "*que* também *foi escolhido* pelas igrejas para viajar conosco". As palavras em itálico provêm da palavra grega *kiroto-neo*, que, conforme mostrado acima, significa "escolhido estendendo a mão". Além disso, a palavra "também" aqui implica que o próprio apóstolo foi escolhido por um voto semelhante. Não escolhido ou eleito para ser apóstolo, mas para ser missionário — um representante das igrejas nessa ocasião e, sem dúvida, às custas delas.

Evidentemente, porém, algumas das viagens subsequentes do apóstolo ocorreram sem o voto ou o apoio da Igreja de Antioquia. (***2 Tim. 1:15***) Os regulamentos da Igreja Primitiva deixavam todos livres para exercer seus talentos e sua mordomia de acordo com suas próprias consciências. As *ecclesias* (congregações) podiam aceitar ou recusar os serviços dos apóstolos, mesmo como seus representantes especiais; e os apóstolos podiam aceitar ou rejeitar tais compromissos — cada um exercendo sua própria liberdade de consciência.

Mas, não há nenhuma ordenação de anciãos, etc., mencionada no Novo Testamento além desta — uma eleição? Não há nada *que* signifique *conceder autoridade* ou permissão para pregar, como a palavra inglesa *"ordain"* é hoje geralmente usada em todas as denominações em relação ao licenciamento e à ordenação de anciãos, pregadores, etc.? Vamos examinar essas questões.

A palavra *"ordain*", no que diz respeito aos anciãos, é usada em apenas um outro trecho, e é a tradução de uma palavra grega diferente, a saber, *"kathestemi*", que significa — "colocar ou estabelecer" — *Young*. "Colocar" — *Strong*. Essa palavra aparece em ***Tito 1:5***: "Põe em ordem as coisas que faltam e *ordena* anciãos em cada cidade, como eu te designei" — isto é, como eu dispus. *Versão Revisada*: "como eu te encarrego". À primeira vista, esse texto parece sugerir que Tito tinha autoridade para nomear esses anciãos, independentemente dos desejos das congregações (igrejas, *ecclesias*); e é nessa visão que se baseia a teoria episcopal da ordem eclesiástica. Católicos, episcopais e metodistas-episcopais reivindicam para seus

[F278]
bispos uma autoridade apostólica para designar, colocar ou nomear anciãos para as congregações — sem a intervenção da Igreja ou o voto da mesma.

Este texto é o baluarte dessa ideia; mas parece ser um apoio bastante fraco quando observamos a última cláusula — "como eu te ordenei" — e refletimos que o apóstolo certamente não daria a Tito uma "ordem" ou instrução para agir de maneira diferente daquela que ele (o apóstolo) adotou nessa questão. O relato do próprio procedimento do apóstolo, traduzido corretamente, é muito explícito: "E, tendo-lhes escolhido anciãos por levantação de mãos em cada *ecclesia*, e tendo orado com jejum, os recomendaram ao Senhor." ***Atos 14:23***

Sem dúvida, o conselho do apóstolo e o conselho de Tito, a quem ele recomendou especialmente aos irmãos como um fiel ministro da Verdade, não só seriam desejados, mas também buscados pelos irmãos e, de modo geral, seguidos; no entanto, o apóstolo e todos os que seguiram seus passos procuraram atribuir a responsabilidade onde Deus a colocou — à *Ecclesia*, cuja preocupação deveria ser "examinar os espíritos [ensinamentos e mestres] para ver se são de Deus". (***1º João 4:1***) "Se alguém não falar de acordo com esta Palavra, é porque não há luz nele"; e "afastem-se desses", aconselha o apóstolo; não devem votar neles, nem de forma alguma aceitá-los como mestres, anciãos, etc.

De qualquer forma, a concordância da *Ecclesia* seria necessária — seja expressa por voto, como mencionado, seja não; pois suponha-se que Tito tivesse nomeado anciãos que não fossem do agrado dos irmãos: por quanto tempo a paz teria prevalecido? — quanto serviço pastoral ou de outra natureza tal ancião, repugnante aos sentimentos da Igreja, teria realizado? Praticamente nenhum.

A hipocrisia clerical, e não os ensinamentos de nosso Senhor e de seus doze apóstolos, é responsável pela divisão dos santos em duas classes, chamadas de "clero" e "leigos". É o espírito da hipocrisia clerical e do anticristo que ainda busca dominar a herança de Deus de todas as maneiras possíveis — proporcionalmente à densidade da ignorância que prevalece em qualquer congregação.

[F279]
O Senhor e o Apóstolo reconhecem não os anciãos, mas a Igreja (*Ecclesia*) como o corpo de Cristo; e qualquer dignidade ou honra atribuída aos anciãos fiéis, como servos do Senhor e da Igreja, não é meramente o reconhecimento que eles fazem de si mesmos nem o reconhecimento por parte de outros anciãos. A congregação que os escolhe deve conhecê-los, deve reconhecer suas graças e habilidades cristãs à luz da Palavra de Deus; caso contrário, não poderá conceder-lhes tal posição ou honra. Nenhum ancião, portanto, tem qualquer autoridade por auto-nomeação. De fato, a disposição de ignorar a Igreja, o corpo de Cristo, e de colocar a si mesmo e seu julgamento acima do todo, é uma evidência de primeira ordem de que tal irmão não possui a atitude adequada para ser reconhecido como o ancião — a humildade e o reconhecimento da unidade da *Ecclesia* como corpo do Senhor são requisitos essenciais para tal serviço.

Nenhum irmão deve assumir funções públicas na Igreja como líder, representante etc., sem ter sido escolhido — mesmo que tenha a certeza de que não há dúvidas quanto à sua idoneidade. O método bíblico de ordenar anciãos em todas as igrejas é por meio da eleição congregacional — levantando a mão em votação. Insistir nessa eleição antes de assumir o serviço é seguir a ordem bíblica; isso fortalece o ancião e, além disso, lembra à *Ecclesia* de seus deveres e responsabilidades como escolhidos pelos anciãos em nome e no espírito do Senhor — como expressão da escolha de Deus, da vontade de Deus. Além disso, esse arranjo bíblico desperta o interesse dos membros da *Eclesia* por todas as palavras e ações dos anciãos, como seus servos e representantes. Ele se opõe à ideia muito difundida de que os anciãos são donos e governam a congregação e põe fim à maneira como pensam e falam deles como "meu povo" — em vez de como "o povo do Senhor a quem sirvo".

Por que essas questões, tão claramente bíblicas, não são mais amplamente compreendidas e expostas? Porque a natureza humana se agrada de receber honra e privilégios, e cai prontamente em condições erradas que favorecem isso; porque elas têm sido populares por dezessete séculos; porque as pessoas

[F280]
cede a essas condições e as prefere às liberdades com as quais Cristo nos liberta. Além disso, muitos se sentiram tão confiantes de que os costumes de Babilônia deviam estar corretos que nunca estudaram a Palavra do Senhor sobre esse assunto.

O Período do Anciorado

Nada é dito por inspiração a respeito do período pelo qual um ancião deve ser escolhido: temos, portanto, liberdade para exercer a razão e o julgamento sobre a questão. Muitas pessoas podem ser consideradas anciãs, ou irmãos maduros na Igreja, e podem ser úteis e altamente apreciadas, e ainda assim não fazer parte dos anciãos escolhidos designados pela *Ecclesia* como seus representantes — evangelistas, mestres, pastores. As "mulheres mais velhas"* são, assim, mencionadas várias vezes com honra pelos apóstolos, sem a menor sugestão de que alguma delas tenha sido escolhida como o ancião ou a professora representativa na congregação (*Ecclesia*). Algumas, escolhidas como adequadas para o serviço *da Ecclesia,* podem deixar de possuir as qualificações estipuladas; ou outras podem, sob a providência divina, avançar para uma maior eficiência no serviço da Igreja. Um ano, ou suas divisões — meio ano ou um trimestre — pareceriam períodos apropriados para tais serviços — o último caso se as pessoas fossem menos experientes, o primeiro caso se fossem bem experientes e tivessem boa reputação. Na ausência de lei, ou mesmo de orientação ou sugestão, caberia a cada congregação determinar, da melhor maneira possível, a vontade do Senhor em cada caso.

O Número de Anciãos

O número de anciãos não é limitado nas Escrituras; mas, razoavelmente, muito dependeria do tamanho da *Eclesia*, bem como do número disponível — de pessoas competentes, etc. (Ninguém deve ser considerado crente e totalmente consagrado; tanto por palavras quanto por atos, ele deve ter dado evidências inequívocas tanto de sua fé quanto de sua consagração muito antes de ser escolhido como ancião.) Somos a favor de ter como

---

*O papel da mulher na Igreja é tratado no Cap. V.

[F281]
tantos quantos possuírem as qualificações descritas, e a divisão dos serviços entre eles. Se o zelo adequado os motivar, algum tipo de trabalho missionário ou evangelístico logo exigirá a dedicação de alguns deles, ou parte do tempo de muitos. Cada *Ecclesia* deveria, assim, ser um seminário teológico do qual professores eficientes sairiam continuamente para campos mais amplos de serviço. O ancião que manifestasse inveja dos outros e o desejo de impedi-los de ministrar deveria ser considerado indigno de permanecer no cargo; no entanto, ninguém incompetente ou inexperiente deveria ser escolhido — para satisfazer sua vaidade. A Igreja, como membros do corpo de Cristo, deve votar da maneira que acredita que a Cabeça gostaria que votasse.

Talvez deva ser feita uma advertência contra a escolha de um ancião quando não for encontrado ninguém competente para o serviço, de acordo com as qualificações estabelecidas pelos apóstolos — é muito melhor não ter anciãos do que ter anciãos incompetentes. Nesse ínterim, até que um irmão seja considerado competente para o serviço, que as reuniões sejam de caráter informal, tendo a Bíblia como livro-texto e com o irmão Russell representativamente presente como professor nos *Estudos Bíblic*os e *nas Torres* — o ancião escolhido por vocês, se assim preferirem.

Quem pode escolher anciãos e como?

Somente a *Ecclesia* (o corpo — homens e mulheres), as novas criaturas, são eleitores ou votantes. A "família da fé" em geral, ou seja, *os crentes que ainda não se consagraram*, não tem nada a ver com tal eleição; pois o que se busca é a escolha do Senhor, por meio de seu "corpo", que possui o seu espírito. Todo o corpo consagrado deve votar, e qualquer um deles pode apresentar candidaturas em uma reunião geral convocada para esse fim — de preferência com uma semana de antecedência da votação, a fim de dar tempo para reflexão.

Alguns têm defendido que a votação deva ser por cédula, para que todos tenham mais liberdade para expressar sua escolha real. Respondemos que qualquer vantagem que haja nisso é compensada por uma desvantagem: a saber, a perda da disciplina e da formação de caráter alcançadas pelo modo apostólico de

[F282]
"estender a mão". Cada um deve aprender a ser sincero e franco, mas, ao mesmo tempo, amoroso e gentil. A votação, lembre-se, é a escolha do Senhor — expressa pelos membros de seu corpo na medida de sua capacidade de discerni-la. Ninguém tem a liberdade de se eximir desse dever, nem de favorecer um em detrimento de outro, a não ser que acredite ter, e expresse, a vontade do Senhor.

A maioria não é suficiente

Em assuntos mundanos, a voz de uma maioria simples decide; mas, evidentemente, não deveria ser assim na *Ecclesia* do Senhor, ou corpo. Em vez disso, na medida do possível, a regra do júri deve prevalecer e deve-se buscar um veredicto ou decisão unânime. O irmão que receber uma maioria simples na votação dificilmente se sentiria à vontade para aceitar isso como "a escolha do Senhor", assim como a congregação também não. Deve-se buscar outro candidato capaz de obter o apoio de todos, ou de quase todos, por meio de votação após votação, semana após semana, até que seja encontrado ou o assunto seja abandonado; ou que todos concordem com os dois, três ou mais que poderiam servir por turnos e, assim, atender às expectativas de todos. Mas, se prevalecerem o amor fervoroso pelo Senhor e pela Verdade, acompanhados de oração por orientação e da disposição de dar preferência uns aos outros em honra, quando os talentos estiverem em igualdade, geralmente será fácil chegar a um consenso quanto à vontade divina sobre o assunto. "Nada se faça por contenda ou por vaidade." "Mantende a unidade do espírito no vínculo da paz." ***Fil. 2:3***; ***Ef. 4:3***

A mesma ordem deve prevalecer no que diz respeito à escolha dos auxiliares chamados diáconos e diaconisas, cuja boa reputação também deve ser considerada como uma qualificação. (Ver ***1 Tim. 3:8-13***.) Estes podem ser designados para qualquer serviço necessário — e devem possuir o máximo possível das qualificações exigidas para o cargo de ancião, incluindo aptidão para o ensino e os dons do Espírito.

Variedade de ministérios

Como já visto, os anciãos podem ter qualificações especiais em um ou outro aspecto — alguns se destacando na exortação,

alguns no ensino, outros na profecia ou na oratória, outros como evangelistas, atraindo os incrédulos, e outros como pastores, supervisionando de maneira geral o rebanho em seus diversos interesses, locais ou gerais. O discurso do apóstolo Paulo aos anciãos da *Eclesia* em Éfeso nos dá o escopo geral do ministério ao qual cada indivíduo deve adaptar e ajustar seus talentos como administrador. Suas palavras merecem uma consideração cuidadosa e em espírito de oração por parte de todos os que aceitam o serviço de ancião em qualquer área da obra. Ele disse: "Cuidem, portanto, de si mesmos e de todo o rebanho, sobre o qual o espírito santo os constituiu *supervisores* [palavra traduzida erroneamente em outros lugares como 'bispos'] para apascentar a Igreja [*Eclesia*] de Deus." (***Atos 20:28***) Ah, sim! Os anciãos precisam, antes de tudo, vigiar *a si mesmos*, para que a pouca honra de seu cargo não os torne orgulhosos e arrogantes, e para que não se atribuam autoridade e honras que pertencem à Cabeça — o Pastor Supremo. Pastorear o rebanho é domínio do Senhor; como está escrito: "Ele apascentará o seu rebanho como um pastor." (***Isaías 40:11***) Quando, portanto, alguém é escolhido como o ancião, é para que represente o Pastor-Chefe — para que seja o instrumento ou canal por meio do qual o grande Pastor do rebanho possa enviar aos seus "alimento na época certa", "coisas novas e antigas".

"Ai dos pastores [pastores] que destroem e dispersam as ovelhas do meu pasto! diz o Senhor. Portanto, assim diz o Senhor Deus de Israel contra os pastores [pastores] que apascentam o meu povo: Vocês dispersaram o meu rebanho e o afugentaram, e não cuidaram dele; eis que eu farei recair sobre vocês o mal das suas obras, diz o Senhor. Eu colocarei pastores sobre eles, que os apascentarão; e
elas não temerão mais nem se assustarão." ***Jer. 23:1,2,4***

Imposição de Mãos pelo Presbitério

(1) "Não negligencies o dom [dono] que há em ti, o qual te foi dado por profecia [previsão], com a imposição *de mãos do presbitério* [anciãos reunidos]." ***1 Tim. 4:14***

(2) "A quem [os sete diáconos escolhidos pela Igreja] apresentaram aos apóstolos; e, tendo orado, *impuseram as mãos sobre eles*." ***Atos 6:6***

(3) "Na Igreja [*Ecclesia*] que havia em Antioquia, [...] o espírito santo disse: 'Separai-me Barnabé e Saulo para a obra para a qual

[F284]
eu os chamei. E, depois de jejuarem e orarem, *impuseram as mãos sobre eles* e os enviaram." ***Atos 13:1-3***

(4) "Não *imponhas as mãos* a ninguém precipitadamente, nem te tornes cúmplice dos pecados alheios." ***1 Timóteo 5:22***

(5) "E, quando Paulo *impôs as mãos sobre eles*, o espírito santo desceu sobre eles; e eles falavam em línguas e profetizavam [pregavam]." ***Atos 19:6***

(6) Então *eles* [os apóstolos] *impuseram as mãos* sobre eles, e eles receberam o espírito santo." ***Atos 8:17-19***

(7) "Reaviva o dom de Deus que está em ti, pela *imposição das minhas mãos*." ***2 Tim. 1:6***

Reunimos, assim, o testemunho inspirado a respeito da imposição de mãos na *Ecclesia* da nova criação. Nos três últimos (5, 6, 7), a referência à concessão dos "dons" comuns na Igreja primitiva é evidente. As mãos apostólicas eram, assim, impostas sobre todos os crentes consagrados, e um ou mais dons se seguiam — "línguas", etc. "A cada um é dada uma medida do espírito para o proveito comum."* Os quatro primeiros textos (1, 2, 3, 4) podem ser agrupados como um único ensinamento geral; a saber, como um sinal de aprovação ou endosso — mas não como um sinal de permissão ou autorização.

(1) Timóteo, o "filho" adotivo de Paulo no ministério, já havia sido batizado e já havia recebido um dom do espírito santo pelas mãos do apóstolo Paulo (ver 7) quando foi com Paulo a Jerusalém. (***Atos 21:15-19***) Sem dúvida, naquele momento, "Tiago e todos os anciãos" — os anciãos apostólicos —, reconhecendo a devoção de Timóteo e sua estreita afiliação a Paulo, abençoaram-no em uníssono, impondo-lhe as mãos em sinal de endosso; e o relato sugere que fizeram isso, não de acordo com um costume habitual nem com todos os companheiros de Paulo, mas "por profecia" — indicando que foram levados a fazê-lo por alguma previsão ou instrução do Senhor.

(2) Esses diáconos não foram comissionados, nem autorizados a pregar, pela imposição de mãos dos apóstolos, pois não foram escolhidos para serem pregadores, mas para servir às mesas; e, de qualquer forma, eles já, em virtude de sua unção do

---

*Ver Volume V, Cap. VIII.

[F285]
O espírito santo, já possuíam plena autoridade para pregar na medida de seus talentos e oportunidades. E sem qualquer menção a licença, permissão ou outra ordenação de alguém, encontramos Estêvão, um desses diáconos, pregando com tanto zelo que foi o primeiro, depois do mestre, a selar seu testemunho com seu sangue. Essa imposição de mãos significava, evidentemente, apenas a aprovação e a bênção apostólicas.

(3) A imposição de mãos sobre Paulo e Barnabé não poderia ter sido uma permissão para pregar; pois eles já eram reconhecidos como anciãos e vinham ensinando na Igreja de Antioquia há mais de um ano. Além disso, ambos já haviam pregado em outros lugares anteriormente. (Compare ***Atos 9:20-29; 11:26***.) Essa imposição de mãos só poderia significar o *endosso ao trabalho missionário* que Paulo e Barnabé estavam prestes a empreender — ou seja, que a *Ecclesia* de Antioquia se unia a eles na missão e provavelmente custeava suas despesas.

(4) Aqui, o apóstolo sugere que a imposição das mãos de Timóteo sobre um colaborador na vinha significaria sua aprovação ou endosso: de modo que, se o homem se mostrasse inadequado em qualquer aspecto, Timóteo compartilharia de sua culpa. Ele deveria, na medida do possível, certificar-se de não usar sua influência para apresentar alguém que causasse dano às ovelhas do Senhor, seja moralmente, seja doutrinariamente.

Não se deveria correr nenhum risco; era preciso agir com cautela, seja ao dar uma carta de recomendação, seja ao oferecer um endosso público na forma de uma bênção pública. O mesmo conselho ainda é válido para todo o povo do Senhor, na medida de sua influência. Nada nisso, no entanto, implicava que alguém dependesse do apoio de Timóteo para ter o direito de pregar: esse direito, de acordo com a capacidade, é concedido pelo Senhor a todos os que recebem o espírito santo da unção.

Um ministério remunerado?

O costume de um ministério remunerado, hoje tão comum e considerado por muitos como inevitável e indispensável, não era a prática da Igreja primitiva. Nosso Senhor e seus doze escolhidos eram, tanto quanto podemos julgar a partir das escrituras inspiradas

[F286]
Os relatos são escassos — exceto, talvez, no caso de Tiago, João e Mateus. Acostumados a fazer doações voluntárias aos levitas, os judeus evidentemente estenderam esse costume a tudo o que fosse religioso e que lhes parecesse proveniente de Deus. Os discípulos tinham um tesoureiro geral, Judas (***João 12:6; 13:29***), e, evidentemente, nunca passaram por necessidades; embora seja igualmente evidente que nunca *solicitaram esmolas*. Nem mesmo uma sugestão desse tipo é encontrada no relato das palavras de nosso Senhor. Ele confiava na provisão do Pai, e certas mulheres honradas o serviam (e aos seus) com o que lhes sobrava. Veja ***Mateus 27:55,56***; ***Lucas 8:2,3***.

Se os sermões e parábolas de nosso Senhor tivessem sido intercalados com apelos por dinheiro, isso teria minado sua essência. Nada nos atrai mais do que a evidente abnegação do mestre e de todos os seus escolhidos especiais, sendo Judas a única exceção, e sua avareza lhe custou a queda. (***João 12:5,6***) O amor ao dinheiro e à ostentação, bem como o sistema de mendicância da Babilônia de hoje, se opõem fortemente à sua poderosa influência; e a ausência desse espírito entre os fiéis do Senhor agora, assim como na primeira vinda, fala muito a seu favor perante aqueles que os estudam como epístolas vivas, sem apreciar plenamente seus ensinamentos. De maneira notável, o Senhor tem providenciado até agora para sua obra de "colheita" sem que se tenha feito um único apelo por dinheiro; e confiamos que nunca será de outra forma, acreditando que essa é a vontade do Senhor.

Que aqueles que ambicionam os luxos e as riquezas deste mundo os busquem nos campos do comércio ou nas profissões lucrativas; mas que ninguém se torne ministro do evangelho de Cristo por qualquer outro motivo que não seja o amor a Deus, à Sua Verdade e aos Seus irmãos: um amor que se regozijará em sacrificar o conforto, a riqueza e a honra dos homens — não com relutância, mas de todo o coração. Mas, ai de nós! O cristianismo nominal tornou-se grande e mundano, e seus servos são honrados com os títulos de Reverendo, Muito Reverendo, Altíssimo Reverendo e Doutor em Teologia; e com essas honras e títulos vêm os salários — não de acordo com as necessidades do ministro, mas com base comercial em sua capacidade de atrair grandes congregações e

[F287]
pessoas abastadas. O resultado natural se seguiu — "Seus sacerdotes ensinam por salário e seus profetas adivinham por dinheiro; contudo, eles se apoiam no Senhor e dizem: 'Não está o Senhor entre nós? Nenhum mal nos sobrevirá'". "Seus sentinelas são cegos: todos são ignorantes, todos são D—D—s, não sabem latir; sonham ou falam durante o sono; preguiçosos, amantes do sono [conforto]. Sim, são cães gananciosos que nunca se satisfazem; e são pastores que não compreendem: todos buscam o próprio caminho [bem-estar], cada um em busca do próprio ganho de seu próprio grupo [denominação]." "Eles reunirão para si mestres que lhes coçam os ouvidos [por elogios dos homens]; e desviarão os ouvidos da Verdade e se voltarão para fábulas." ***Isaías 56:10,11***; ***Miqueias 3:11***; ***Filipenses 3:2***;
2 Tim. 4:3,4

Alguns podem argumentar que ambos os extremos devem ser evitados — altos salários e ausência de salários — e podem lembrar-se das palavras do Senhor: "O trabalhador é digno do seu salário"; e das palavras do Apóstolo: "Se semeamos entre vós coisas espirituais, é grande coisa se colhermos de vós coisas carnais?" No entanto, devemos lembrar que mesmo essas afirmações mais enfáticas das Escrituras não se referem a salários principescos, mas às necessidades básicas. O apóstolo ilustra isso com a citação: "Não amordaçarás o boi que tritura o trigo". O boi deveria ter liberdade para prover suas necessidades, mas nada além disso. O Apóstolo nos deu a tônica de seu próprio ministério bem-sucedido, dizendo: "Não serei um fardo para vocês, pois não busco o que é de vocês, mas a vocês mesmos... E de bom grado gastarei e me gastarei por vocês; embora, quanto mais abundantemente eu os amo, menos eu seja amado." ***2 Coríntios 12:14,15***

Seguir os passos de Jesus não nos levará na direção dos salários; nem os passos de seu apóstolo principal, Paulo. Este último, depois de mostrar que pedir remuneração terrena por serviços espirituais não violaria, de forma alguma, a justiça, nos fala de sua própria conduta nessa questão com estas palavras:

"Não cobicei a prata, o ouro nem as vestes de ninguém. Sim, vocês mesmos sabem que estas [minhas] mãos proveram para as minhas necessidades e

das necessidades daqueles que estavam comigo. Mostrei-lhes tudo, para que, trabalhando assim, vocês apoiem os fracos e se lembrem das palavras de nosso Senhor Jesus, quando disse: 'É mais abençoado dar do que receber'." ***Atos 20:33-35***

"Não fizemos uso desse direito [sobre vocês de exigir bens materiais em troca de bens espirituais]: mas suportamos tudo para não sermos obstáculo ao evangelho de Cristo." (***1 Cor. 9:12***) *"Quando eu estava convosco e passava necessidade, não fui um fardo para ninguém; pois o que me faltava, os irmãos que vieram da Macedônia [voluntariamente] supriram."* ***2 Cor. 11:9***

Nossas liberdades são exatamente as mesmas que as dos apóstolos nesses aspectos; e a fidelidade à causa deve nos levar a seguir seus passos nisso, assim como em todas as questões. O Senhor, os apóstolos e seus companheiros, que viajavam e dedicavam todo o seu tempo ao ministério da verdade, aceitavam contribuições voluntárias dos irmãos para cobrir suas despesas; e, como já foi sugerido, a imposição de mãos da Igreja de Antioquia sobre Paulo e Barnabé, quando estavam prestes a partir em sua primeira viagem missionária, parece ter implicado que a Igreja se tornou responsável por suas despesas e, consequentemente, participou de seu trabalho.

Não há qualquer indício, direto ou indireto, de que os anciãos que serviam à Igreja local recebessem salário ou verba para despesas; e acreditamos que, em geral, será vantajoso para cada Igreja local recorrer aos serviços voluntários de seus próprios membros — sejam poucos ou muitos, grandes ou insignificantes. Esse método bíblico é espiritualmente saudável: ele tende a estimular todos os diversos membros a exercerem seus dons espirituais e leva todos a buscarem mais o Senhor como o verdadeiro Pastor, do que o método de contratação. À medida que o número de professores qualificados aumenta, que o exemplo da Igreja de Antioquia seja imitado — que alguns sejam enviados como missionários, colportores, peregrinos etc.

No entanto, se alguma congregação considerar que seu campo de atuação é amplo e que um irmão poderia, com vantagem, dedicar todo o seu tempo ao ministério nela e ao

[F289]
trabalho missionário, e se ela *voluntariamente* lhe oferecer dinheiro suficiente para suas despesas, não conhecemos nenhuma passagem bíblica que proíba sua aceitação. Mas tanto o ancião que serve quanto a *Ecclesia* que o sustenta devem zelar para que o valor fornecido não exceda *as despesas razoáveis* de *subsistência* do servo e daqueles que dependem dele de forma legítima. E ambos devem zelar também para que *todos* os membros da *Ecclesia* sejam exercitados, especialmente aqueles que possuem qualificações para o ancianato; caso contrário, o espírito de Babilônia, o "eclesiasticismo", certamente se desenvolverá.

Disciplina na Eclesia

—*Mt 18:*15-18—

A aplicação da disciplina não é função exclusiva dos anciãos, mas de toda a Igreja. Se alguém parecer estar em erro ou em pecado, sua suposta falha deve ser apontada ao errante apenas por aquele a quem ele prejudicou, ou pelo membro que primeiro descobriu a falha. Se o repreendido não conseguir se justificar e *persistir* no erro ou no pecado, então dois ou três irmãos, sem preconceito prévio, devem ser convidados a ouvir o caso e aconselhar as partes em conflito. (Podem ou não ser anciãos, mas o fato de serem anciãos não acrescentaria força ou autoridade ao caso, a não ser que seu julgamento fosse mais maduro e sua influência mais potente.) Se essa comissão decidir por unanimidade a favor de uma das partes, a outra deve aceitar a decisão e o assunto estará totalmente encerrado
— sendo prontamente feita a correção ou a restauração, na medida do possível. Se qualquer um dos litigantes originais ainda persistir no caminho errado, aquele que fez a acusação original, ou um dos membros convocados para a comissão, ou, de preferência, todos eles juntos, *poderão* então (mas não antes) exercer seu privilégio de levar o assunto perante a *Ecclesia*, o corpo, a Igreja. Assim, fica evidente que os Anciãos não deviam, de forma alguma, atuar como Juízes dos membros — a audiência e o julgamento eram deixados a cargo do corpo local, ou Igreja.

Uma vez tomadas as duas medidas preliminares (mencionadas acima) e os fatos comprovados perante os anciãos, seria

[F290]
seria seu dever convocar uma assembleia geral da *Ecclesia*, ou corpo consagrado, na qualidade de *tribunal* — para ouvir o caso em todos os seus detalhes e, em nome e reverência ao seu Chefe, proferir uma decisão. E a questão deveria ser tão clara, e o condenado deveria receber um tratamento tão generoso, que a decisão fosse unânime, ou quase isso. Assim, a paz e a unidade do corpo (a *Ecclesia*) seriam preservadas. O arrependimento é possível até mesmo no momento da condenação pela Igreja. Mais ainda, garantir o arrependimento e a reforma é o próprio objetivo de cada etapa desses procedimentos — recuperar o transgressor; sua *punição* não é, de forma alguma, o objetivo. A punição não nos cabe, mas a Deus: "A vingança é minha; eu retribuirei, diz o Senhor." (***Rm 12,19***) Caso o transgressor se arrependa em qualquer etapa deste processo, isso deve ser motivo de ação de graças e alegria para todos os que possuem o espírito do Senhor, e ninguém mais é membro do seu corpo. ***Rm 8,9***

De fato, mesmo que o transgressor se recuse a ouvir (obedecer) à decisão de toda a Igreja, nenhuma punição deve ser infligida ou sequer tentada. O que fazer, então? A Igreja deve simplesmente retirar dele sua comunhão e todos e quaisquer sinais ou manifestações de irmandade. A partir daí, o ofensor deve ser tratado *"como* um pagão e um publicano". ***Mt 18,17***

Em nenhum momento desses procedimentos as faltas ou falhas do infrator devem ser tornadas de domínio público — escandalizando-o a ele, à Igreja e ao Senhor, a Cabeça da Igreja. Tampouco se deve falar mal dele, mesmo após a separação; assim como não devemos repreender ou insultar os pagãos e publicanos, mas devemos "não falar mal de ninguém" e "fazer o bem a todos" (***Tito 3:2***; ***Gálatas 6:10***). O amor é a virtude que exige a mais estrita obediência a esses dois últimos requisitos para com "todos": quanto mais o amor insistirá para que um "irmão", um membro da *Ecclesia*, o corpo de Cristo, não apenas não seja prejudicado por declarações falsas ou distorcidas, mas que, além disso, suas fraquezas, erros ou pecados sejam cuidadosamente encobertos, não apenas do mundo indiferente, mas também da "família da

fé" e até mesmo da Igreja — até que o passo final de "levar o caso à Igreja" se revele absolutamente necessário. A cada passo, o espírito do amor esperará que o transgressor esteja agindo sob algum equívoco e orará por sabedoria e graça para desviar o pecador do erro de seu caminho e, assim, (possivelmente) salvar uma alma da morte. ***Tiago 5:20***

Ah, que o espírito santo, o espírito de amor, habite em cada membro da Ecclesia de forma tão abundante que fosse doloroso ouvir uma história difamatória sobre qualquer pessoa, e especialmente sobre um irmão na fé! Isso eliminaria de imediato metade do atrito, ou até mais. Além disso, seguir o procedimento acima, delineado por nosso Senhor, não levaria a julgamentos *frequentes* na igreja: ao contrário, ao remover o terreno fértil para as animosidades, incutiria respeito pelo julgamento da Igreja como sendo o julgamento do Senhor, e a voz da Igreja seria ouvida e obedecida em conformidade. Além disso, com a ordem e o amor assim prevalecendo, podemos ter certeza de que cada um procuraria, na medida do possível, "cuidar da própria vida" e não tentaria repreender seu irmão ou corrigi-lo, nem levar o assunto a uma comissão ou à Igreja, a menos que se tratasse de algo de certa importância no que diz respeito a si mesmo, à Igreja ou à Verdade.

Inquestionavelmente, a maioria dos problemas da Igreja (assim como os da sociedade e da família) não decorre de um desejo de prejudicar, nem mesmo de uma ofensa cometida sem intenção, mas de mal-entendidos e, pelo menos, de interpretações parciais e equivocadas de intenções ou motivos. A língua é a principal causadora de problemas; e faz parte do espírito de uma mente sã, portanto, guardar os lábios assim como o coração, de onde procedem os sentimentos mesquinhos que, ao serem expressos pelos lábios, inflamam as paixões malignas e muitas vezes prejudicam a muitos. A nova criação — a Igreja — recebeu instruções rigorosas de seu Senhor e Cabeça sobre esse importante assunto. O espírito de amor deve preenchê-los ao se dirigirem, *sozinhos* e em particular, à pessoa que os ofendeu, sem consulta prévia ou conversa com ninguém. Eles não vão para *envergonhá-lo* (ou envergonhá-la) *por sua conduta*, nem para repreendê-lo ou de outra forma

[F292]
punir, mas para garantir que o mal cesse e, se possível, alguma reparação pelo dano já sofrido. Contar aos outros sobre o mal, seja antes ou depois, é indelicado, desamoroso
— contrário à Palavra e ao espírito de nosso Chefe. Nem mesmo para pedir *conselho* se deve revelar o assunto: temos o *conselho* do Senhor e devemos segui-lo. Se o caso for peculiar, deve-se pedir conselho ao mais sábio dos anciãos, tratando-o como um caso hipotético, de modo a não revelar o verdadeiro problema nem o infrator.

A menos que o problema seja grave, a questão deve se limitar ao apelo pessoal ao que errou, quer ele ouça ou se recuse a ouvir — a ceder. Mas, se o segundo passo for considerado necessário, nenhuma explicação sobre o problema deve ser dada àqueles convidados para a reunião até que se reúnam na presença do acusador e do acusado. Assim, evitar-se-ão "comentários" caluniosos, e o comitê de irmãos abordará o caso de forma imparcial e estará mais apto a aconselhar ambas as partes com sabedoria; pois o problema pode estar em ambos os lados ou, possivelmente, inteiramente do lado do acusador. De qualquer forma, o acusado ficará favoravelmente impressionado com tal tratamento justo e estará muito mais propenso a ceder a tais conselheiros se sua conduta também lhes parecer errada. Mas, quer aquele considerado em erro pelo comitê ceda ou não, todo o assunto continua sendo estritamente privado, e nenhuma menção a ele deve ser feita a ninguém até que, se for considerado suficientemente importante, seja levado perante a Igreja e julgado definitivamente. Só então, pela primeira vez, ela se tornará de conhecimento exclusivo dos santos e, na medida em que forem *santos*, eles desejarão dizer a ninguém mais do que o necessário a respeito das fraquezas ou pecados de qualquer pessoa.*

Ao cumprir as conclusões do tribunal da Igreja, a questão cabe a cada indivíduo; portanto, cada um deve discernir por si mesmo a justiça da decisão. A pena de exclusão da comunhão tem como objetivo ser uma correção na justiça e é prescrita pelo Senhor. Ela deve servir como proteção à Igreja, para separar aqueles que andam

---

*Veja também o Cap. IX — "Se teu irmão pecar contra ti".

[F293]
desordenadamente, não segundo o espírito do amor. Não deve ser considerada uma separação perpétua, mas apenas até que o repreendido reconheça e admita seu erro e, na medida de sua capacidade, repare o dano causado.

Acusações contra os anciãos

"Contra o ancião, não aceites acusação, a não ser pela boca de duas ou três testemunhas." ***1 Tim. 5:19***, R.V.

O apóstolo, nessa declaração, reconhece dois princípios.
(1) Que o ancião já tenha sido reconhecido pela congregação como possuidor de um caráter bom e nobre, e como alguém especialmente dedicado à Verdade e devotado a Deus.
(2) Que tais pessoas, em razão de sua proeminência na Igreja, seriam marcadas pelo adversário como alvos especiais para seus ataques — alvos de inveja, malícia, ódio e contenda por parte de alguns, assim como nosso Senhor advertiu
— "Não vos espanteis se o mundo vos odiar"; "vós sabeis que ele me odiou antes de vos odiar"; "Se chamaram Belzebu ao Senhor da casa, quanto mais chamarão assim aos da sua casa!" (***Mt 10,25***; ***1 Jo 3,13***; ***Jo 15,18***) Quanto mais fiel e capaz for o irmão, quanto mais se assemelhar ao seu mestre, tanto mais adequada será sua escolha como ancião; e quanto mais fiel for o ancião, tanto mais certo será que ele terá inimigos — não apenas Satanás e seus mensageiros, mas também todos aqueles que Satanás puder iludir e desviar.

Essas razões deveriam garantir que o ancião não fosse condenado com base na palavra de uma única pessoa, desde que, de resto, sua vida se mostrasse coerente. Quanto a boatos ou rumores, eles não deveriam ser levados em conta de forma alguma; pois nenhum verdadeiro companheiro de caminho, ciente do princípio do Senhor (***Mt 18,15***), espalharia rumores ou confiaria na palavra daqueles que, dessa forma, desconsiderariam as orientações do mestre. Para que fossem ouvidos, os acusadores deveriam declarar ter sido *testemunhas*. E mesmo que duas ou mais testemunhas apresentassem acusações, não haveria outra forma de julgar o caso além daquela já definida. Qualquer pessoa que fizesse uma acusação infundada contra o ancião deveria, após o fracasso de uma conversa pessoal, levar consigo duas ou três outras pessoas que se tornariam, assim, *testemunhas* da desobediência.

[F294]
Então, caso a questão continuasse sem solução, ela poderia ser levada por Timóteo ou por qualquer outra pessoa perante a Igreja, etc.

De fato, essa acusação perante duas ou três testemunhas, sendo um requisito aplicável a todos os membros, deixa margem para a suposição de que o apóstolo estava simplesmente afirmando que o ancião deveria ter todos os direitos e privilégios garantidos a qualquer um dos irmãos. Pode ser que alguns se inclinassem a sustentar que, uma vez que o ancião deve ter "boa reputação", não apenas na Igreja, mas fora dela, ele deveria ser acusado com base nas mais leves acusações, devido à sua posição influente. Mas as palavras do apóstolo deixam claro que as oportunidades do ancião devem ser iguais às dos demais.

Essa questão das *testemunhas* precisa estar profundamente gravada na mente de toda nova criatura. O que os outros afirmam saber e o que dizem de forma caluniosa nem sequer deve ser levado em conta — nem aceito. Se dois ou três, seguindo as orientações do Senhor, apresentarem acusações contra alguém — não por meio de fofoca ou calúnia, mas conforme instruído — perante a Igreja, nem mesmo então devem ser acreditados; mas esse será o momento adequado para a Igreja *ouvir* o caso — ouvir ambos os lados, na presença um do outro; e então proferir uma decisão e admoestação piedosas, formuladas de modo a ajudar o transgressor a retornar à retidão e não a empurrá-lo para as trevas exteriores.

Chamados equivocados para pregar

Um número considerável de pessoas afirma ter recebido do Senhor um *chamado* para pregar o evangelho; talvez acrescentem, logo em seguida, que nunca souberam o motivo, ou que estão cientes de não possuírem qualificações especiais para o serviço, ou que as circunstâncias sempre pareceram impedi-las de responder ao chamado. Ao questioná-las sobre a natureza do "chamado", percebe-se que se tratava meramente de uma imaginação ou conjectura. Um deles sentiu-se *impressionado,* em algum momento de sua experiência (talvez antes mesmo de se tornar cristão), de que deveria dedicar-se a Deus e ao seu serviço, e seu ideal mais elevado de serviço a Deus foi extraído

de suas experiências nominais na igreja, representadas pelo pregador cujos cultos sua família frequentava. Outro sentiu seu senso de aprovação impressionado e disse a si mesmo
—Como eu gostaria de poder vestir o hábito clerical e receber o respeito, os títulos e o salário de um pregador — mesmo que fosse de segunda ou terceira categoria. Se, além disso, possuísse grande autoestima, provavelmente se sentiu ainda mais convencido de que, assim como os apóstolos escolhidos eram "homens sem talento e ignorantes", talvez Deus o tivesse especialmente em mente devido à sua falta de talento e educação. Deus tem favorecido muitos assim, e também a sua causa, ao não abrir caminho para suas ambições, erroneamente interpretadas como sendo o seu chamado para pregar.

Como já foi apontado, todo membro da Nova Criação é *chamado a pregar*; não por suas ambições ou imaginações, mas pela Palavra, que exorta todos os que recebem a graça de Deus não em vão a *"proclamar os louvores* daquele que nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz" (***1 Pe. 2:9***). Esse chamado inclui, portanto, todos os gerados pelo espírito da Verdade — homens e mulheres, escravos e livres, ricos e pobres, instruídos e incultos — negros, pardos, vermelhos, amarelos e brancos. Que outra comissão é necessária além desta — "Ele colocou um cântico novo na minha boca", ou seja, "a benignidade de Jeová"? ***Salmos 40:3; 107:43***

É verdade que o Senhor *escolheu* e chamou especialmente os doze apóstolos para uma obra especial; é verdade também que Ele propôs que, na medida em que Seu povo der ouvidos às Suas palavras, Ele *"colocará* os diversos membros no corpo" como Lhe aprouver — uns para um serviço e outros para outro, "a cada um segundo a sua capacidade." (***Mateus 25:15***) Mas ele nos mostra claramente que muitos procurarão "colocar-se" como mestres; que é dever da Igreja olhar continuamente para ele como seu verdadeiro Cabeça e Líder, e não favorecer os irmãos ambiciosos e egoístas; que a negligência desse dever significará negligência de suas palavras; deficiência, portanto, de amor e obediência; e certamente será em desvantagem espiritual para tal *Ecclesia*, bem como em desvantagem para o mestre que se auto-nomeou.

[F296]

A regra do Senhor sobre esse assunto é claramente estabelecida como sendo

— "Quem se humilhar será exaltado; e quem se exaltar será humilhado." (***Lucas 14:11***) A Igreja deve seguir essa regra, essa mentalidade do espírito, em todas as questões nas quais ela busque conhecer e obedecer ao seu Senhor. O método do Senhor é promover apenas aquele cujo zelo, fidelidade e perseverança no bem-fazer tenham se manifestado nas pequenas coisas. "Quem é fiel no que é menor, é fiel também no que é maior." (***Lucas 16:10***) "Foste fiel em poucas coisas; eu te colocarei à frente de muitas coisas." (***Mateus 25:21, 23***) Há sempre muito espaço na base da escada da honra. Quem quiser, não precisará ficar por muito tempo sem oportunidades de servir ao Senhor, à Verdade e aos irmãos de maneiras humildes que os espíritos orgulhosos desprezarão e negligenciarão, buscando um serviço mais honroso aos olhos dos homens. Os fiéis se alegrarão em qualquer serviço, e a eles o Senhor abrirá portas de oportunidade cada vez mais amplas. Assim, sua vontade, exemplificando a sabedoria do alto, deve ser cuidadosamente seguida por cada membro da nova criação — especialmente em seu voto, ao estender a mão como membro do corpo de Cristo para expressar a vontade da Cabeça.

Um irmão egoísta deve ser preterido, por mais capaz que seja; e um irmão menos capaz, mas humilde, deve ser escolhido como o ancião. Uma repreensão tão gentil deve ser benéfica para todos — mesmo que nenhuma palavra seja proferida a respeito das razões que a motivam. E no caso de um ancião capaz que dê sinais de um espírito ditatorial, ou que tenda a se considerar acima da Igreja e de uma classe à parte, ou que insinue um direito divino de ensinar que não provém da *Eclesia* (Igreja), seria uma gentileza, bem como um dever para com tal pessoa, transferi-lo para uma função menos proeminente no culto ou afastá-lo de todos os serviços especiais por um tempo, até que ele aceite essa repreensão gentil e se recupere da armadilha do adversário.

Todos devem lembrar que, assim como outras qualidades, *a ambição* é necessária tanto na Igreja quanto no mundo; mas que, na

[F297]
a nova criação ela não deve ser uma ambição egoísta de ser alguém grande e proeminente, mas uma ambição amorosa de servir ao Senhor e ao seu povo, mesmo aos mais humildes. Todos sabemos como a ambição levou à queda de Satanás — do favor e do serviço a Deus para a posição de inimigo de seu Criador e adversário de todos os seus regulamentos justos. Da mesma forma, todos os que adotam seu caminho, dizendo: "Subirei acima das estrelas de Deus [me *colocarei* acima dos demais filhos de Deus], serei como o Altíssimo — [um governante entre eles, um usurpador da autoridade divina sem nomeação divina e contrário ao regulamento divino]", certamente sofrerão a desaprovação divina e o afastamento proporcional do Senhor. E a influência desses, assim como a de Satanás, certamente será prejudicial. Assim como Satanás seria um mestre perigoso, todos aqueles que têm sua disposição certamente conduzirão as pessoas à escuridão em vez de à luz; porque não estão na atitude adequada para receber a luz e serem usados como mensageiros dela para os outros.

Sempre que, portanto, algum irmão se sentir certo de que foi chamado a pregar em alguma função pública, quando nenhuma porta de serviço lhe foi aberta da maneira estabelecida — se ele se inclinar a se impor à Igreja, sem que haja um pedido quase unânime da parte dela — ou se, tendo sido escolhido para o cargo de líder ou ancião, ele procurar manter o cargo e considerá-lo seu por direito, sem que haja votos regulares da Igreja, de tempos em tempos, solicitando a continuidade de seu serviço, podemos concluir que o irmão não percebeu as conveniências do caso, ou que possui um espírito equivocado e egoísta, inadequado para qualquer serviço na *Ecclesia*. Em ambos os casos, o procedimento adequado será fazer uma *mudança* na primeira ocasião apropriada para a realização de uma eleição; e, como já sugerido, o primeiro domingo do ano ou de cada trimestre seria um momento apropriado e fácil de lembrar.

"Admoestai os indisciplinados"

"Exortamos-vos, irmãos: admoestai os indisciplinados, consolai os desanimados, apoiar os fracos, sede pacientes para com todos. Cuidai para que ninguém retribua o mal com o mal a ninguém, mas segui sempre o que é bom, tanto entre vós como para com todos." ***1 Tess. 5:14,15***

[F298]

Essa exortação não é dirigida aos anciãos, mas a toda a Igreja, incluindo os anciãos. Ela reconhece o fato de que, embora toda a Igreja, como a nova criação de Deus, tenha uma posição perfeita diante dele como novas criaturas em Cristo Jesus, todos e cada um deles, no entanto, têm suas imperfeições segundo a carne. Mostra, além disso, o que todos reconhecemos; a saber, que existem diferenças nos graus e nos tipos de nossas imperfeições carnais; de modo que, assim como em uma família terrena diferentes disposições exigem tratamento diferenciado por parte dos pais, muito mais ainda na família de Deus existem diferenças de disposição tão amplas que exigem consideração especial uns pelos outros. Perceber as imperfeições uns dos outros, sob o ponto de vista da crítica, seria causar grande dano a nós mesmos, cultivando em nossos corações uma disposição para encontrar falhas, extremamente atenta às fraquezas e imperfeições alheias e, proporcionalmente, talvez, inclinada a ignorar nossos próprios defeitos. Tal crítica é totalmente alheia ao espírito e à intenção da exortação do Apóstolo.

A exortação é dirigida àqueles que foram gerados pelo espírito da verdade, pelo espírito santo, pelo espírito da humildade, pelo espírito do amor. Aqueles que estão, assim, crescendo nas graças do Espírito, temerão e criticarão principalmente seus próprios defeitos; enquanto seu amor pelos outros os levará a encontrar, mentalmente, o máximo possível de desculpas e tolerância para com eles. Mas, embora esse espírito de amor perdoe devidamente as ofensas e fraquezas dos irmãos, ele deve, no entanto, estar alerta para lhes fazer o bem — não por meio de discussões, contendas, disputas, repreensões, críticas e calúnias mútuas, mas de uma maneira que a Regra de Ouro aprovaria. Com gentileza, mansidão, longanimidade e paciência, ele procurará tolerar as fraquezas uns dos outros e, ao mesmo tempo, ajudar-se mutuamente a superá-las, cada um lembrando-se de suas próprias fraquezas de algum tipo.

Os *indisciplinados* não devem ser consolados, apoiados e encorajados em seus caminhos errados; mas, com bondade e amor, devem ser admoestados de que Deus é um Deus de ordem; e que

[F299]
na medida em que quisermos crescer à sua semelhança e em sua graça, devemos observar as regras da ordem. Eles devem ser admoestados de que nada está mais distante do desígnio divino do que a anarquia; e que, assim como até mesmo as pessoas mundanas reconhecem o princípio de que a pior forma de governo imaginável é preferível à anarquia, muito mais o povo de Deus, que recebeu o espírito de uma mente sã, o espírito santo, deve reconhecer esse mesmo princípio na Igreja; e o Apóstolo nos exorta a nos submetermos uns aos outros, em prol dos interesses gerais da causa do Senhor. Se todos fôssemos perfeitos, e nosso julgamento da vontade do Senhor fosse perfeito, todos pensaríamos exatamente da mesma forma — não haveria necessidade específica de nos submetermos uns aos outros; mas, como nossos julgamentos diferem, é necessário que cada um leve em consideração o outro e o ponto de vista deste na observação e no julgamento, e que cada um procure ceder algo em prol da paz geral — sim, ceder tudo a fim de preservar a unidade do espírito nos laços da paz no corpo de Cristo, exceto quando tal atitude infringisse um princípio.

Os indisciplinados ou desorganizados talvez não sejam inteiramente culpados por sua condição. Muitas pessoas nascem desorganizadas e com tendência a sê-lo em seu modo de se vestir e em todos os aspectos de sua vida. A desordem, portanto, é parte de sua fraqueza, que deve ser vista com compaixão e bondade, mas, mesmo assim, não deve ser permitida a ponto de causar dano à Igreja de Deus, de impedir sua utilidade ou de impedir sua cooperação no estudo e no serviço da Verdade. Não é a vontade de Deus que seu povo tenha aquela mansidão que equivaleria a fraqueza ao lidar com pessoas desordenadas. Com gentileza, amor, mas com firmeza, deve-se mostrar a elas que, assim como a ordem é a primeira lei do céu, ela deve ser altamente estimada entre aqueles que têm a mente voltada para o céu; e que seria pecaminoso para a congregação permitir que um, dois ou mais de seus membros violassem os regulamentos divinos, conforme expressos na Palavra de Deus e conforme geralmente entendidos pela congregação à qual estão associados.

[F300]

A admoestação não é uma ordem geral

Seria um grande erro, no entanto, supor que o Apóstolo, ao usar essa linguagem geral dirigida à Igreja, quisesse dizer que cada membro da Igreja deveria fazer tal admoestação. Admoestar com sabedoria e de forma construtiva é, de fato, uma questão muito delicada, e notavelmente poucos possuem talento para isso. Entende-se que a eleição de anciãos pelas congregações significa a escolha daqueles que, dentre os membros, possuem o maior grau de desenvolvimento espiritual, aliado a qualificações naturais que os tornem representantes da congregação, não apenas no que diz respeito à condução das reuniões, etc., mas também no que se refere a manter a ordem nas reuniões e admoestar os indisciplinados com sabedoria, bondade e firmeza. Que esse é o pensamento do Apóstolo fica claramente demonstrado nos dois versículos anteriores, nos quais ele diz:

"Rogamos-vos, irmãos, que reconheçais aqueles que trabalham entre vós, que estão à frente de vós no Senhor e que vos admoestam; e que os tenhais em grande estima no amor, por causa de suas obras. E estai em paz entre vós." ***1 Tess. 5:12,13***

Se a sabedoria divina foi devidamente buscada e exercida na escolha dos anciãos de uma congregação, segue-se que aqueles assim escolhidos eram tidos em muito alta estima; e visto que os novatos não devem ser escolhidos, segue-se que esses eram apreciados e selecionados por causa de suas obras, pois os irmãos discerniram que possuíam uma medida considerável do espírito santo de amor, sabedoria e mansidão, além de certos dons naturais e qualificações para esse serviço. "Estar em paz entre vós", como exorta o Apóstolo, significaria que, tendo escolhido esses anciãos para serem os representantes da congregação, o corpo em geral *contaria com eles para desempenhar o serviço para o qual foram escolhidos*, e não tentaria que cada um assumisse por conta própria o papel de repreendedor, admoestador, etc. De fato, como já vimos, o povo do Senhor não deve julgar uns aos outros pessoalmente; e somente a congregação como um todo pode excluir um de seus membros da comunhão e dos privilégios da reunião. E isso, como vimos, só pode ocorrer após terem sido tomadas as várias medidas de caráter mais privado — depois que

[F301]
todos os esforços para promover a reforma se tenham mostrado infrutíferos, e os interesses da Igreja em geral estejam seriamente ameaçados pelo caminho errado do infrator. Mas, no texto que temos diante de nós, o Apóstolo exorta a congregação a "conhecer" — isto é, reconhecer, prestar atenção — àqueles que escolheram como seus representantes, e esperar que eles zelem pelos interesses da Igreja e admoestem os indisciplinados, até o ponto em que a situação se torne grave o suficiente para levá-los perante a Igreja como um tribunal.

Repreensões públicas são raras

Essa admoestação, em algumas circunstâncias, pode precisar ser feita publicamente diante da congregação, como o Apóstolo sugere a Timóteo: "Aos que pecam [publicamente], repreenda-os diante de todos, para que também os outros temam." (***1º Timóteo 5:20***) Tal repreensão pública implica necessariamente um *pecado público de natureza grave*. Para qualquer desvio relativamente leve das regras de ordem, os anciãos, sob a lei do amor e a Regra de Ouro, devem certamente "considerar-se uns aos outros para se estimularem ao amor e às boas obras"; e, ao fazerem isso, saberão que uma palavra em particular provavelmente seria muito mais útil para o indivíduo do que uma repreensão pública, que poderia magoar, ferir ou prejudicar uma natureza sensível, quando tal ferida fosse totalmente desnecessária e quando o amor teria sugerido um caminho diferente. Mas, mesmo que o ancião deva repreender publicamente um pecado grave, isso deve ser feito, no entanto, com amor e com o desejo de que o repreendido seja corrigido e ajudado a retornar ao caminho certo, e não com o desejo de torná-lo odioso e expulsá-lo. Nem, de fato, cabe ao ancião repreender alguém a ponto de privá-lo dos privilégios da congregação. A repreensão a esse ponto, como acabamos de ver, só pode partir da Igreja como um todo, e isso após uma audiência completa do caso, na qual o acusado tenha plena oportunidade de se defender ou de corrigir seus caminhos e ser perdoado. A Igreja, a *Ecclesia*, os consagrados do Senhor, são, como um todo, seus

[F302]
representantes, e o ancião é meramente o representante da Igreja — a melhor concepção da Igreja sobre a escolha do Senhor. A Igreja, portanto, e não os anciãos, constitui a instância máxima em todas essas questões; por isso, a conduta de um ancião está sempre sujeita à revisão ou correção pela Igreja, de acordo com o julgamento unânime da vontade do Senhor.

Ao refletirmos sobre essa fase do assunto, podemos fazer uma pausa para nos perguntarmos até que ponto a Igreja, direta ou indiretamente, ou por meio de seus anciãos, deve exercer esse dever de admoestar os indisciplinados e, eventualmente, excluí-los da assembleia. Não está ao alcance da Igreja excluir alguém permanentemente. O irmão que, tendo ofendido um irmão membro ou todo o corpo da Igreja, retorna e diz: "Arrependo-me do meu caminho errado e prometo me empenhar ao máximo para agir corretamente no futuro", ou algo equivalente a isso, deve ser perdoado — plenamente, de graça — com a mesma sinceridade com que esperamos que o Senhor perdoe as transgressões de todos. Ninguém, a não ser o Senhor, tem o poder ou a autoridade para excluir qualquer indivíduo para sempre — o poder de cortar um ramo da Videira. Fomos informados de que existe um pecado que leva à morte, pelo qual é inútil orar (***1º João 5:16***); e devemos esperar que um pecado deliberado, que traria a pena da Segunda Morte, seja tão evidente, tão flagrante, a ponto de ser prontamente discernido por aqueles que estão em comunhão com o Senhor. Não devemos julgar ninguém pelo que há em seu coração, pois não podemos ler seus corações; mas, se cometerem pecado deliberado que leva à morte, isso certamente se tornará manifesto externamente — por meio de seus lábios, se forem transgressões doutrinárias, negando o precioso sangue da expiação; ou por meio de suas imoralidades, se tiverem se voltado para andar segundo a carne, "como a porca lavada, que volta a se revolver na lama". É a respeito de pessoas como essas, mencionadas em ***Hb 6,4-8; 10,26-31***, que o Apóstolo nos adverte a não ter qualquer tipo de relacionamento — não comer com elas, não recebê-las em nossas casas e não lhes desejar boa sorte (***2º João 9-11***); pois aqueles que se associassem a elas ou lhes desejassem boa sorte seriam considerados como assumindo

[F303]
o lugar deles como inimigos de Deus e como participantes das más obras ou das más doutrinas, conforme o caso.

Mas, no que diz respeito a outros, que "andam desordenadamente", a regra é bem diferente. Tal irmão ou irmã excluído(a) não deve ser tratado(a) como inimigo, nem considerado(a) como tal; mas como um irmão que errou, como diz o apóstolo mais adiante nesta mesma epístola: "Se alguém não obedecer à nossa palavra contida nesta epístola [se ele for desordenado, relutante em se submeter ao raciocínio sólido e às regras de ordem amorosas e generosas], marque esse homem e não tenha comunhão com ele, para que ele se envergonhe; contudo, não o considere como inimigo, mas admoeste-o como irmão." (***2 Tess. 3:14,15***) Um caso como este implicaria alguma oposição aberta e pública por parte do irmão às regras de ordem estabelecidas pelo Apóstolo, como porta-voz do Senhor; e tal oposição pública aos princípios corretos deve ser repreendida pela congregação, caso decidam que o irmão está tão fora de ordem que precisa de admoestação; e se ele não concordar com as palavras sãs, enviadas-nos pelo nosso Senhor por meio do apóstolo, deve ser considerado tão em desacordo que não seja mais apropriado que tenha a comunhão dos irmãos até que concorde com essas exigências razoáveis. Ele não deve ser ignorado na rua pelos irmãos, mas tratado com cortesia. A exclusão deve se limitar aos privilégios da assembleia e a quaisquer associações fraternas especiais, etc., próprias dos fiéis. Isso também está implícito nas palavras de nosso Senhor: "Que ele seja para ti como um pagão e um publicano". Nosso Senhor não quis dizer que devemos causar dano a um pagão ou a um publicano, nem tratá-los de maneira indelicada; mas simplesmente que não devemos ter comunhão com eles como *irmãos*, nem buscar suas confidências, nem, como novas criaturas, lhes dar as nossas. A família da fé deve ser cimentada e unida pelo amor e pela simpatia mútuos, e pelas manifestações desses sentimentos de várias maneiras. É pela falta desses privilégios e bênçãos que o irmão excluído é levado a sofrer, até sentir que deve reformar seus caminhos e retornar ao círculo familiar. Há uma sugestão

[F304]
a esse respeito de calor humano, cordialidade e verdadeira fraternidade, que devem prevalecer entre aqueles que são membros do corpo do Senhor.

"Confortem os de espírito fraco"

Continuando nossa análise das palavras do apóstolo em nosso texto, observamos que a Igreja deve consolar os de espírito fraco. Percebemos, assim, que o recebimento do espírito santo não transforma nossos corpos mortais de modo a vencer inteiramente suas fraquezas. Há alguns com mentes fracas, assim como há outros com corpos fracos, e cada um precisa de compaixão de acordo com sua própria fraqueza. As mentes fracas não deveriam ser curadas milagrosamente; nem devemos esperar que, pelo fato de as mentes de alguns serem fracas e incapazes de compreender toda a extensão, largura, altura e profundidade do plano divino, elas, por isso, não façam parte do corpo. Pelo contrário, assim como o Senhor não busca para Sua Igreja apenas aqueles que possuem um bom desenvolvimento físico, fortes e robustos, da mesma forma Ele não busca apenas aqueles que são fortes e robustos de mente, capazes de raciocinar e analisar minuciosamente, de forma completa, cada aspecto do plano divino. Haverá no corpo alguns que serão assim qualificados, mas outros são de mente fraca e não atingem nem mesmo o padrão médio de conhecimento. Que consolo devemos dar a esses? Respondemos que os anciãos, em suas apresentações da Verdade, e toda a Igreja em seu relacionamento uns com os outros, devem consolar esses, não necessariamente apontando sua fraqueza e tolerando-a, mas sim de maneira geral
— sem esperar o mesmo grau de proficiência e discernimento intelectual dos membros da família de Deus. Ninguém deve alegar que aqueles que têm tais limitações, por isso, não fazem parte do corpo.

A lição é praticamente a mesma se aceitarmos a leitura revisada: "Confortem os de coração fraco". Alguns, por natureza, carecem de coragem e combatividade e, por mais boa vontade e lealdade que tenham, não conseguem, no mesmo grau que outros do corpo, "ser fortes no Senhor", nem "travar a boa luta

[F305]
da fé" abertamente. O Senhor, no entanto, deve ver sua vontade, sua intenção de serem corajosos e leais, e o mesmo devem fazer os irmãos — se quiserem alcançar o posto de vencedores.

Todos devem reconhecer que o julgamento do Senhor sobre seu povo é de acordo com seus corações, e que, se esses de mente fraca ou de coração tímido tiveram mente e vontade suficientes para compreender os fundamentos do plano divino de redenção por meio de Cristo Jesus e sua própria justificação aos olhos de Deus por meio da fé no Redentor, e se, com base nisso, estão se esforçando para viver uma vida de consagração ao Senhor, devem ser tratados de todas as formas que lhes permitam sentir que são plena e totalmente membros do corpo de Cristo; e que o fato de não poderem expor ou talvez não conseguirem discernir com clareza, intelectualmente, todas as características do plano divino, nem defendê-lo com a mesma coragem que os outros, não deve ser considerado como algo que comprometa sua aceitação perante o Senhor. Devem ser encorajados a seguir adiante no caminho do auto-sacrifício a serviço de Deus, realizando as tarefas que lhes forem confiadas, para a glória do Senhor e para a bênção de seu povo — consolados com o pensamento de que, no tempo devido, todos os que permanecem em Cristo, cultivam os frutos do seu espírito e seguem seus passos de sacrifício terão novos corpos com capacidade perfeita, nos quais todos os membros serão capazes de conhecer como são conhecidos — e que, entretanto, o Senhor nos assegura que sua força se manifesta mais plenamente em nossa fraqueza.

"Apoiem os fracos"

Isso implica que há alguns na Igreja mais fracos do que outros; não apenas fisicamente mais fracos, mas espiritualmente mais fracos — no sentido de terem organismos humanos tão depravados que, como novas criaturas, encontram maior dificuldade no crescimento e no desenvolvimento espiritual. Esses não devem ser rejeitados do corpo, mas, pelo contrário, devemos compreender que, se o Senhor os considerou dignos de conhecer a sua graça, isso significa que ele é capaz de torná-los vencedores por meio daquele que nos amou e nos resgatou

[F306]
nos com seu precioso sangue. Eles devem ser apoiados com as promessas que as Escrituras oferecem — no sentido de que, quando somos fracos em nós mesmos, podemos ser fortes no Senhor e no poder de sua força, lançando sobre ele toda a nossa ansiedade e, pela fé, agarrando-nos à sua graça; para que, na hora da fraqueza e da tentação, encontrem cumprida a promessa: "A minha graça te basta; a minha força se aperfeiçoa na fraqueza." Toda a congregação pode colaborar nesse conforto e apoio, embora, é claro, os anciãos tenham uma função e responsabilidade especiais para com eles, pois são os representantes escolhidos da Igreja e, portanto, do Senhor. O apóstolo, ao falar dos diversos membros do corpo, depois de mencionar pastores e mestres, fala dos "auxiliares". (***1 Cor. 12:28***) Evidentemente, seria do agrado do Senhor que cada membro da Igreja procurasse ocupar tal lugar de utilidade, não apenas ajudando os anciãos escolhidos como representantes da Igreja, mas também ajudando uns aos outros, fazendo o bem a todos os homens sempre que tivermos oportunidade, mas especialmente à família da fé.

"Pacientes para com todos"

Ao obedecerem a essa exortação de exercer paciência uns para com os outros em todas as circunstâncias, as novas criaturas descobrirão que não estão apenas adotando a atitude correta uns para com os outros, mas que estão cultivando em si mesmas uma das mais grandiosas graças do espírito santo — a paciência. A paciência é uma graça do espírito que encontrará oportunidades abundantes para ser exercitada em todos os assuntos da vida, tanto para com aqueles que estão fora da Igreja quanto para com aqueles que estão dentro dela, e é bom que nos lembremos de que o mundo inteiro tem *direito* à nossa paciência. Só discernimos isso quando obtemos uma visão clara da condição da criação que geme, revelada a nós por meio das Escrituras. Nelas vemos a história da queda e como todos foram prejudicados por ela. Nelas vemos a paciência de Deus para com os pecadores e seu maravilhoso amor em sua redenção, bem como nas provisões que Ele fez, não apenas para

[F307]
a bênção e a elevação de sua Igreja para fora do lodo e do abismo horrível do pecado e da morte, mas também provisões gloriosas para toda a humanidade. Nelas, também, vemos que a grande dificuldade do mundo é que as pessoas estão sob as ilusões do nosso adversário, "o deus deste mundo", que agora as cega e as engana. ***2 Coríntios 4:4***

Certamente esse conhecimento deveria nos dar paciência! E se temos paciência com o mundo, muito mais deveríamos ter paciência com aqueles que já não são do mundo, mas que, pela graça de Deus, passaram a estar sob as condições do seu perdão em Cristo Jesus, foram adotados em sua família e agora buscam seguir seus passos. Que paciência amorosa e longânime *deveríamos* ter para com esses irmãos discípulos, membros do corpo do Senhor! Certamente *não poderíamos* ter nada além de paciência para com eles; e certamente nosso Senhor e Mestre desaprovaria especialmente e, de alguma forma, repreenderia a impaciência para com qualquer um deles. Além disso, temos grande necessidade de paciência até mesmo ao lidarmos conosco mesmos em meio às angústias, fraquezas e lutas atuais contra o mundo, a carne e o adversário. Aprender a valorizar esses fatos nos ajudará a sermos mais pacientes para com todos.

"Cuidem para que ninguém retribua o mal com o mal"

Isso é mais do que um *conselho* individual: é uma injunção, dirigida à Igreja como um todo, e é aplicável a cada congregação do povo do Senhor. Implica que, se alguns membros da família da fé estiverem dispostos a se vingar, a retaliar, a retribuir o mal com o mal, seja contra irmãos na fé ou contra aqueles de fora, a Igreja não agirá como intrometida ao tomar conhecimento de tal conduta. É dever da Igreja *zelar* por isso. "*Cuidem* para que ninguém retribua o mal com o mal" significa: prestem atenção para que esse espírito adequado seja observado em meio a vocês, entre os irmãos. Se, portanto, os anciãos tomarem conhecimento de situações que se enquadrem nessa injunção, será seu dever admoestar gentilmente os irmãos ou as irmãs a respeito

[F308]
a Palavra do Senhor; e, se eles não quiserem ouvir, seria dever dos primeiros levar o assunto à congregação, etc., etc. E aqui está a missão da Igreja de tomar conhecimento de tal conduta imprópria por parte de qualquer um. Não devemos apenas cuidar uns dos outros e zelar uns pelos outros com interesse benevolente, para garantir que não haja retrocessos, mas devemos zelar para que, ao contrário, todos busquem o que é bom. Devemos nos alegrar e elogiar cada evidência de progresso no caminho certo, dando-lhe nosso apoio como indivíduos e como congregações do povo do Senhor. Ao fazermos isso, como sugere o Apóstolo, poderemos nos alegrar sempre, e com bom motivo; pois, ao nos ajudarmos mutuamente, o corpo de Cristo crescerá por si mesmo no amor, tornando-se cada vez mais semelhante à Cabeça e cada vez mais apto para a co-herança com ele no Reino.

"Consideremo-nos uns aos outros para nos estimularmos ao amor e às boas obras"
—Hb 10:24—

Que pensamento amoroso e belo é aqui expresso! Enquanto outros observam seus semelhantes para criticar, desanimar ou, egoisticamente, tirar proveito de suas fraquezas, a nova criação deve fazer o contrário — examinar cuidadosamente o temperamento uns dos outros com o objetivo de evitar dizer ou fazer coisas que possam ferir desnecessariamente, despertar ira etc., mas com o objetivo de estimulá-los ao amor e à boa conduta.

E por que não? Não é toda a atitude do mundo, da carne e do diabo provocadora de inveja, egoísmo, ciúme e cheia de seduções malignas para o pecado, em pensamento, palavra e ação? Por que, então, as novas criaturas do corpo de Cristo não deveriam não apenas abster-se de tais provocações para com si mesmas e para com os outros, mas também empenhar-se em provocar ou incitar na direção oposta — para o amor e as boas obras? Certamente isso, como toda admoestação e exortação da Palavra de Deus, é razoável e proveitoso.

[F309]

"A Reunião de Nós Mesmos"

"Não abandonando a nossa reunião, como é costume de alguns, mas exortando-nos uns aos outros, e tanto mais quanto vedes que o dia se aproxima." ***Hb 10,25***

A injunção do Senhor, por meio do apóstolo, a respeito da reunião de seu povo, está em plena concordância com suas próprias palavras: "Onde dois ou três de vós estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio de vós." (***Mateus 18:20***) O objetivo dessas reuniões está claramente indicado; elas servem para o aperfeiçoamento mútuo nas coisas espirituais — oportunidades para estimular ou incitar uns aos outros a um amor cada vez maior pelo Senhor e uns pelos outros, e para o aumento de boas obras de todo tipo que glorifiquem nosso Pai, que abençoem a irmandade e que façam o bem a todos os homens, conforme tivermos oportunidade. Se aquele que diz: "Amo a Deus", mas odeia seu irmão, não sabe o que diz e se engana a si mesmo (***1º João 4:20***), da mesma forma, acreditamos que estão equivocados aqueles que dizem: "Anseio por estar com o Senhor e desfrutar de Sua bênção e comunhão", se, entretanto, negligenciam as oportunidades de se reunir com os irmãos e não desfrutam de sua companhia e comunhão.

É da natureza das coisas que cada ser humano busque algum tipo de companhia; e a experiência atesta a veracidade do Provérbio de que "pássaros da mesma plumagem voam juntos". Se, portanto, a comunhão entre aqueles que têm uma mentalidade espiritual não for apreciada, almejada e buscada, se não aproveitarmos as oportunidades para desfrutá-la, podemos ter certeza de que esses são sinais pouco saudáveis no que diz respeito à nossa condição espiritual. O homem natural ama e desfruta da comunhão e da companhia naturais, e planeja e organiza com seus associados assuntos de negócios e prazeres, mesmo que suas esperanças e planos mundanos comuns sejam, de fato, muito limitados em comparação com as esperanças extremamente grandes e preciosas da nova criação. À medida que nossas mentes são transformadas pela renovação do espírito santo, nosso apetite pela comunhão não é destruído, mas simplesmente direcionado para novos caminhos, onde encontramos um campo maravilhoso para a comunhão,

[F310]
investigação, discussão e desfrute — a história do pecado e da criação que geme, no passado e no presente — o relato de Deus sobre a redenção e a futura libertação da criação que geme — nosso alto chamado para sermos co-herdeiros com o Senhor — as evidências de que nossa libertação se aproxima, etc. Que campo abundante para o pensamento, para o estudo, para a comunhão e o convívio!

Não é de se admirar que digamos que aquele que não valoriza o privilégio de se reunir com outros para discutir esses assuntos está espiritualmente doente, em alguns aspectos, quer seja capaz de diagnosticar sua própria doença ou não. Pode ser que ele esteja acometido por uma espécie de orgulho espiritual e autossuficiência, o que o leva a dizer a si mesmo: "Não preciso frequentar a escola comum de Cristo para ser ensinado junto com seus outros seguidores; terei aulas particulares com o Senhor em casa, e ele me ensinará separadamente, com lições mais profundas e espirituais". Muitos parecem estar acometidos por esse egoísmo espiritual — imaginando-se melhores do que os demais irmãos do Senhor e achando que Ele se afastaria de Seu costume habitual e das diretrizes estabelecidas em Sua Palavra para servi-los de maneira especial, apenas porque se consideram mais importantes do que deveriam e porque assim o solicitam. Tais irmãos devem lembrar-se de que não têm uma única promessa do Senhor de bênção enquanto mantiverem essa atitude de coração e conduta. Pelo contrário, "o Senhor resiste aos orgulhosos e mostra seus favores aos humildes". O Senhor abençoa aqueles que ouvem e obedecem às suas instruções, dizendo: "Se vocês me amam, guardem os meus mandamentos". Para aqueles que têm uma atitude correta de coração, é bastante suficiente que o Senhor tenha ordenado que nos reunamos em seu nome; e que Ele tenha prometido bênçãos especiais até mesmo a apenas dois ou três que Lhe obedeçam, e que a Igreja seja, representativamente, o Seu corpo, e deva prosperar por "aquilo que cada articulação fornece", e edificar-se a si mesma e "edificar-se mutuamente", como membros em todas as graças e frutos do espírito. Às vezes, a dificuldade não é puramente um egoísmo espiritual, mas, em parte, uma negligência da Palavra de Deus e uma tendência a confiar no entendimento humano,

[F311]
supondo que a promessa "todos serão ensinados por Deus" implique um ensino individual, separado uns dos outros. Os costumes dos apóstolos e seus ensinamentos, bem como a experiência do povo do Senhor, são todos contrários a tal pensamento.

No entanto, por outro lado, não devemos ansiar meramente por Números, aparência e popularidade, mas devemos lembrar que a bênção prometida pelo Senhor é para "dois ou três *de vós*"; e, novamente, por meio do Apóstolo, a exortação é para "a *nossa* reunião em conjunto". Não é um espírito sectário que o Senhor e o Apóstolo inculcam aqui, quando sugerem que as reuniões não devem ser reuniões mundanas, nas quais o povo do Senhor deva se misturar, mas reuniões cristãs — reuniões daqueles que conhecem a graça de Deus e que a aceitaram por meio de uma consagração total de si mesmos a Ele e ao Seu serviço. Os mundanos não devem ser incentivados a comparecer a essas reuniões. Eles não são de *vocês*, assim como "vocês não são do mundo"; e se fossem atraídos, seja pela música ou por outros elementos, o espírito da exortação se perderia, pois onde abundasse a mundanidade e o desejo de agradar e atrair os mundanos, muito rapidamente o objetivo próprio da reunião seria perdido de vista. Esse objetivo próprio é explicado como "a edificação de *vocês* mesmos na fé santíssima", "edificar-se *uns aos outros*", "incitar-se *uns aos outros* ao amor e às boas obras". ***Judas 20***; ***1 Tessalonicenses 5:11***; ***Hebreus 10:24***

Que os *mal-intencionados* se reúnam, se assim o desejarem; que os *moralmente íntegros* se reúnam com os seus semelhantes; e que os gerados pelo espírito *se reúnam* e sigam as diretrizes estabelecidas na Palavra do Senhor para sua edificação. Mas, se negligenciarem isso, que a culpa pelas consequências desfavoráveis não recaia sobre a Cabeça da Igreja nem sobre os apóstolos fiéis, que enfatizaram claramente o caminho correto e o exemplificaram em sua própria conduta.

Isso não significa que se deva proibir a entrada de pessoas de fora nas reuniões da Igreja, se elas tiverem interesse suficiente para desejar entrar e "contemplar a vossa ordem", e serem abençoadas pela vossa santa conduta, pelas exortações às boas

[F312]
, e pelo amor, e pela exposição da divina Palavra da promessa, etc. O apóstolo sugere isso muito claramente em ***1 Coríntios 14:24***. O que estamos afirmando é que "reunir-nos" não é uma congregação de incrédulos, onde se fazem esforços constantes para quebrantar o coração dos pecadores. O pecador deve ter liberdade para participar, mas deve ser deixado à vontade para observar a ordem e o amor que prevalecem entre os consagrados do Senhor; assim, mesmo que compreenda apenas em parte, ele poderá ser repreendido por seus pecados ao discernir o espírito de santidade e pureza na Igreja, e poderá ser convencido a respeito de seus erros doutrinários ao contemplar a ordem e a simetria da verdade que prevalece entre o povo do Senhor. Compare ***1 Coríntios 14:23-26***.

Isso nos leva a uma reflexão sobre o

das reuniões

do povo do Senhor. Observamos, antes de tudo, que, a respeito desse assunto, assim como de outros, o povo do Senhor não está sujeito a leis e regulamentos rígidos — é livre para se adaptar às condições mutáveis do tempo e do país, livre para exercer o espírito de uma mente sã, livre para buscar a sabedoria que vem do alto e para manifestar o grau em que alcançou a semelhança com o caráter do Senhor sob a disciplina da Lei do Amor. Essa Lei do Amor certamente incentivará a modéstia no que diz respeito a todas as inovações ou mudanças em relação aos costumes da Igreja primitiva; certamente hesitará em fazer mudanças radicais, a menos que discerne sua necessidade, e mesmo assim procurará permanecer fiel ao espírito de cada admoestação, instrução e prática da Igreja primitiva.

Na Igreja primitiva, temos o exemplo dos apóstolos como mestres especiais. Temos o exemplo dos anciãos, realizando trabalho pastoral, evangelístico e profetizando ou falando em público; e a partir de uma ilustração, apresentada com detalhes em ***1 Coríntios 14***, podemos concluir que cada membro da Igreja era incentivado pelos apóstolos a desenvolver qualquer talento e dom que possuísse, para glorificar o Senhor e servir aos irmãos — exercitando-se assim e

[F313]
se fortalecer no Senhor e na Verdade, ajudando os outros e, por sua vez, sendo ajudado por eles. Esse relato de uma reunião comum da Igreja nos dias dos apóstolos não poderia ser seguido integralmente e em detalhes hoje, devido aos peculiares "dons do Espírito" concedidos temporariamente à Igreja primitiva para convencer os de fora, bem como para o encorajamento pessoal, numa época em que, sem esses dons, teria sido impossível para qualquer um dos membros ser edificado ou beneficiado de alguma forma. No entanto, podemos extrair desse costume primitivo, aprovado pelo apóstolo, certas lições valiosas e úteis, que podem ser adotadas pelas pequenas comunidades do povo do Senhor em todos os lugares, de acordo com as circunstâncias.

A lição principal é a da ajuda mútua, "edificando-se uns aos outros na santíssima fé". Não era costume que um ou mesmo vários dos anciãos pregassem regularmente, nem que fizessem ou tentassem fazer toda a edificação ou fortalecimento. Era costume que cada membro fizesse sua parte, sendo as partes dos anciãos mais importantes de acordo com suas habilidades e dons; e podemos ver que esse seria um arranjo muito útil e traria uma bênção não apenas para aqueles que ouviam, mas também para todos os participantes. E quem não sabe que mesmo o orador mais fraco ou a pessoa mais analfabeta pode, se seu coração estiver cheio de amor pelo Senhor e de devoção a Ele, comunicar pensamentos que serão preciosos para todos os que os ouvirem. O tipo de reunião aqui descrito pelo Apóstolo era, evidentemente, um exemplo da maioria das reuniões realizadas pela Igreja. O relato mostra que se tratava de uma reunião mista, na qual, adaptando o relato aos tempos atuais, um poderia exortar, outro poderia expor, outro poderia oferecer uma oração, outro propor um hino, outro ler um poema que parecesse adequado aos seus sentimentos e experiências, em harmonia com o tema da reunião; outro poderia citar algumas passagens das Escrituras relacionadas ao tema em discussão e, assim, o Senhor poderia usar cada um e todos esses membros da Igreja para a edificação mútua, o fortalecimento mútuo.

Não é nossa intenção sugerir que nunca houve pregação na Igreja primitiva. Pelo contrário, constatamos que, onde quer que

[F314]
os apóstolos iam, eles eram considerados ex-positores especialmente capazes da Palavra de Deus, que provavelmente ficavam presentes por pouco tempo e, durante o período de sua presença, é provável que fizessem quase toda a oratória pública, embora não duvidemos de que outras reuniões sociais, abertas a todos, também fossem realizadas. Essa mesma prática relativa à pregação apostólica foi, sem dúvida, seguida por outros que não eram apóstolos; como, por exemplo, Barnabé, Timóteo, Apolo, Tito etc., e as mesmas liberdades foram desfrutadas também por alguns que as utilizaram indevidamente e exerceram uma influência bastante negativa
— Himeneu, Fileto e outros.

Onde o Senhor não estabeleceu nenhuma lei positiva, seria inadequado que nós ou outros estabelecêssemos uma lei. Oferecemos, no entanto, algumas sugestões, a saber: que existem certas necessidades espirituais da Igreja que exigem ministração:

(1) *A instrução* é necessária — tanto nas questões mais puramente proféticas quanto nas doutrinas morais, e no que diz respeito ao desenvolvimento das virtudes cristãs.

(2) Devido aos métodos mais ou menos divergentes no uso da linguagem e à maior ou menor obtusidade da mente, bem como aos graus variados de percepção espiritual — entre aqueles que são bebês em Cristo e aqueles que são mais maduros no conhecimento e na graça —, é aconselhável que sejam proporcionadas oportunidades nas quais cada um seja incentivado a expressar sua compreensão das coisas que aprendeu, seja por meio da leitura ou da audição, com o intuito de que, caso sua compreensão dessas coisas seja deficiente, ela possa ser corrigida pelas declarações de outros sobre o assunto.

(3) Deve haver reuniões frequentes e regulares nas quais sejam dadas oportunidades razoavelmente amplas a qualquer pessoa para apresentar o que acredite ser uma visão da verdade diferente daquela talvez geralmente aceita e aprovada pela *Ecclesia*.

(4) Não devem haver apenas cultos devocionais associados a todas as reuniões do povo do Senhor, mas a experiência mostra o benefício de *cada um*, na presença de seus irmãos, *confessar com a boca*, seja em testemunho ou em oração, sua devoção ao Senhor.

[F315]

A Doutrina Continua a Ser Necessária

Com relação à primeira proposição: vivemos em uma época em que as doutrinas, em geral, são alvo de escárnio, e em que muitos afirmam que a doutrina e a fé não têm valor algum em comparação com as obras e a moral. Não podemos concordar com isso, pois consideramos que tal visão está totalmente em desacordo com a Palavra divina, na qual a fé ocupa o primeiro lugar e as obras, o segundo. É a nossa fé que é aceita pelo Senhor, e de acordo com a nossa fé ele nos recompensará, embora ele, com razão, espere que uma boa fé produza tantas boas obras quanto as fraquezas do vaso de barro permitirem. Essa é a regra da fé estabelecida em todas as Escrituras. "Sem fé é impossível agradar a Deus." "Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé." (***Hb 11:6***; ***1º João 5:4***) Ninguém pode, portanto, ser verdadeiramente um vencedor, a menos que exerça fé em Deus e em suas promessas; e, para exercer fé nas promessas de Deus, deve compreendê-las; e essa oportunidade e capacidade de fortalecer-se na fé serão proporcionais à sua compreensão do plano divino das eras e das promessas extremamente grandes e preciosas a ele ligadas. Portanto, a doutrina — a instrução — é importante, não apenas pelo conhecimento que o povo de Deus deve possuir e desfrutar, acima e além do conhecimento do mundo em assuntos relativos a Deus, mas especialmente por causa da influência que esse conhecimento exercerá sobre todas as esperanças, objetivos e conduta. ""Quem tem essa esperança nele purifica-se" (***1º João 3:3***) é uma expressão bíblica que coincide plenamente com as afirmações anteriores. Aquele que se esforça para se purificar, para limpar sua conduta, deve, para ter sucesso, começar como as Escrituras começam, pelo coração, e deve progredir, utilizando, para a purificação, as promessas inspiradas. E isso significa um conhecimento das doutrinas de Cristo.

É apropriado, no entanto, que distingamos e diferenciem claramente entre as doutrinas de Cristo e as doutrinas dos homens. As doutrinas de Cristo são aquelas que o próprio Cristo e seus apóstolos inspirados nos apresentaram na

[F316]
Novo Testamento. As doutrinas dos homens estão representadas nos credos dos homens, muitos dos quais estão em flagrante e grave desacordo com as doutrinas do Senhor, e todos eles em desacordo entre si. Além disso, não basta sermos doutrinados uma única vez; pois, como o Apóstolo sugere, recebemos os tesouros da graça de Deus em vasos de barro frágeis, que apresentam muitas falhas; e, portanto, se deixarmos de receber, deixaremos de ter; por essa razão, é necessário que tenhamos "linha sobre linha, preceito sobre preceito" e que renovemos e revisemos continuamente nosso estudo do plano divino das eras, utilizando todos os auxílios e assistências que a providência divina nos fornece, buscando, na medida do possível, obedecer à exortação do Apóstolo de sermos — "não ouvintes esquecidos, mas praticantes da obra" e, assim, "praticantes da Palavra". ***Tiago 1:22-25***

Nossa segunda proposição é uma que talvez não seja, à primeira vista, tão plenamente apreciada quanto a primeira. É comum que muitos, se não todos, pensem que aqueles que conseguem expressar a verdade com maior clareza, fluência e precisão devem ser os únicos a fazê-lo, e que os demais devem permanecer em silêncio, ouvir e aprender. Esse pensamento está correto em muitos aspectos. Não é nossa sugestão que alguém seja designado para ensinar ou seja considerado como mestre — nem que suas palavras sejam recebidas como instrução — se for incapaz de dar instrução e não compreender claramente o plano divino. Mas há uma grande diferença entre designar tais pessoas para ensinar — como no caso dos anciãos
— e realizar uma reunião na qual todos os membros da nova criação tenham a oportunidade de *se expressar brevemente ou fazer perguntas*, com o entendimento de que suas perguntas, dúvidas ou manifestações não são endossadas pela Igreja como sendo os sentimentos da comunidade. Nessas reuniões, ideias erradas podem eventualmente ser apresentadas na forma de perguntas — não com a intenção de ensinar essas opiniões, nem com o propósito de impô-las, mas com o objetivo de que sejam criticadas. Mas cuidado para não violar a consciência com qualquer tentativa de defender o erro. Tal procedimento só deve ser permitido na presença de alguém avançado

[F317]
na Verdade e capaz de apresentar uma razão bíblica para sua fé, bem como de mostrar o caminho do Senhor de maneira mais perfeita. Se perguntarem: "Que vantagem poderia advir de tal procedimento?", respondemos que já vimos frequentemente essas vantagens se manifestarem. Muitas vezes é difícil — às vezes impossível
—expor as questões da maneira mais simples e direta; e é igualmente impossível que todas as mentes, por mais honestas que sejam, compreendam um assunto com o mesmo grau de clareza a partir da mesma ilustração. Daí o valor das perguntas e da variedade de apresentações da mesma verdade, conforme ilustrado nas parábolas de nosso Senhor, que apresentam os assuntos sob vários pontos de vista, proporcionando uma visão mais completa e harmoniosa do todo. Da mesma forma, percebemos que a exposição desajeitada e um tanto desastrada de uma verdade pode, às vezes, conseguir penetrar em algumas mentes onde uma exposição mais sólida e lógica teria falhado — a incompetência do orador correspondendo, em alguns aspectos, ao nível mais baixo de razão e julgamento do ouvinte. Devemos nos alegrar se o evangelho for pregado e encontrar acolhimento em corações sedentos, seja qual for o canal, como explica o Apóstolo: "alguns até pregam Cristo por contenda e vaidade". Só podemos nos alegrar se alguns forem levados a um conhecimento adequado do Senhor, mesmo que tenhamos de lamentar profundamente os motivos impróprios da apresentação; ou, como no outro caso, a imperfeição da apresentação. É o Senhor, a Verdade e os irmãos que amamos e desejamos servir; e, portanto, devemos nos alegrar com tudo o que traz os resultados desejados, e devemos tomar nossas providências de modo a não interferir nisso, o que reconhecemos ser um fato. Isso não significa que os ilógicos e incompetentes devam ser *designados* para ensinar na Igreja, nem que devamos imaginar que as apresentações ilógicas seriam as mais bem-sucedidas em geral. Muito pelo contrário. No entanto, não *devemos ignorar totalmente* aquilo que vemos ser, às vezes, um canal de bênção para algumas mentes e que conta com o respaldo dos costumes da Igreja primitiva.

Em apoio à nossa terceira proposição: por mais

[F318]
confiantes que estejamos de que possuímos a verdade, certamente seria imprudente fecharmos e trancarmos a porta do questionamento e das expressões contrárias de forma a excluir totalmente tudo o que possa ser considerado erro pelo líder da reunião ou por toda a congregação. Apenas uma limitação deve prevalecer para uma exclusão total; a saber, que as reuniões das novas criaturas não se destinam à consideração de assuntos seculares, ciências mundanas e filosofias, mas exclusivamente ao estudo da revelação divina; e, no estudo da revelação divina, a congregação deve, em primeiro lugar, em último lugar e sempre, reconhecer a diferença entre os princípios fundamentais das doutrinas de Cristo (que nenhum membro pode mudar ou alterar, nem consentir que sejam questionados) e a discussão de doutrinas avançadas, que devem estar em total conformidade com os princípios fundamentais. Estas últimas devem, em todos os momentos, ter oportunidades plenas e livres de serem ouvidas, e deve haver reuniões nas quais possam ser ouvidas. Isso, no entanto, não significa que devam ser ouvidas repetidamente, nem que se permita que algum indivíduo confunda e distraia todas as reuniões e todos os tópicos com algum interesse particular. Que seu interesse tenha uma audiência justa e uma discussão justa no momento apropriado, na presença de alguém bem versado na Verdade, e, se for rejeitado pela congregação por ser considerado não bíblico, e o proponente da ideia não estiver convencido de sua não bíblicidade, que ele pelo menos se abstenha de impor o assunto à atenção da Igreja por um longo período — talvez um ano —, quando poderá, sem impróprio, solicitar outra audiência, que poderá ou não ser concedida, conforme a congregação julgar o assunto digno ou indigno de ser ouvido e investigado.

O que defendemos é que, a menos que haja alguma saída desse tipo, dois perigos podem surgir: primeiro, o perigo de cair na situação que vemos prevalecer atualmente nas igrejas nominais da cristandade, nas quais é impossível encontrar acesso aos ouvidos delas por meio de suas reuniões regulares, já que todas as vias de aproximação são cuidadosamente vigiadas. O outro perigo é que o indivíduo que tenha uma teoria que

[F319]
lhe pareça verdadeira — por mais falsa e irracional que seja — nunca se sentiria satisfeito a menos que tivesse uma audiência razoável, mas continuaria insistindo no assunto; ao passo que, após ter sido ouvido de forma razoável, mesmo que não estivesse convencido do erro de seu argumento, ele se veria desarmado quanto à impropriedade de impor o assunto àqueles que já ouviram e rejeitaram seu pensamento.

Nossa quarta proposição: O crescimento no conhecimento é muito suscetível de prejudicar a devoção — por mais estranho que possa parecer que seja assim. Consideramos nossas capacidades tão pequenas e nosso tempo para as questões religiosas tão limitado que, se a atenção for direcionada energicamente para um único canal, isso tende a levar a um enfraquecimento em outras direções. O cristão não deve ser só cabeça e nenhum coração, nem só coração e nenhuma cabeça. O "espírito de uma mente sã" nos orienta a cultivar todos os frutos e graças que contribuem para aperfeiçoar e completar um caráter perfeito. A tendência de nossos dias, em todas as questões, é na direção oposta
— de se especializar. Um trabalhador faz esta parte, outro aquela; de modo que hoje em dia poucos trabalhadores compreendem um ofício por completo como nos tempos antigos. A nova criatura deve resistir a essa tendência e, consequentemente, "endireitar os caminhos para os seus pés"; para que, ao cultivar um elemento da graça, não corra perigo devido à falta do exercício adequado de outra faculdade ou privilégio concedido por Deus.

As qualidades da devoção são encontradas em toda a humanidade, em maior ou menor grau de desenvolvimento. Essas qualidades mentais são chamadas de veneração e espiritualidade, e elas convocam em seu auxílio os órgãos da consciência, da esperança, do tom, etc. Se forem negligenciadas, o resultado será que o interesse e o amor pela Verdade degenerarão; de modo que, em vez de nossos corações serem conduzidos ao Senhor com maior apreço por seu amor e com maior desejo de agradá-lo, honrá-lo e servi-lo, veremos os órgãos inferiores se envolvendo mais na controvérsia, tomando o lugar desses órgãos superiores, e as investigações passarão a ser conduzidas mais à luz de filosofias mentais, nas quais entrarão combatividade e destrutividade, ambição, contenda e vaidade. A Nova

[F320]
Criação precisa, portanto, não apenas de unir cultos devocionais, oração e louvor como parte de cada reunião, mas, acreditamos, precisa também de uma reunião especial de caráter devocional uma vez por semana, à qual devem ser associadas oportunidades para testemunhos a respeito de experiências cristãs — não de acordo com o costume habitual de voltar de um a vinte anos ou mais para contar sobre uma primeira conversão, etc., mas um testemunho atual, referindo-se especificamente à condição do coração naquele momento e durante a semana que se passou desde a última reunião desse tipo. Esses testemunhos atuais revelam-se úteis para aqueles que os ouvem; às vezes, encorajando-os pela releitura de experiências favoráveis e, outras vezes, consolando-os pela narração de provações, dificuldades, perplexidades etc., pois assim percebem que não estão sozinhos ao passar por experiências difíceis e, por vezes, por fracassos.

Assim, todos podem compreender mais plenamente o significado das palavras do Apóstolo: "Não se espanteis com a provação ardente que vos sobrevirá, como se algo estranho vos acontecesse." (***1 Pe. 4:12***) Eles descobrem que todos os que pertencem ao povo do Senhor passam por provações e dificuldades, e cada um aprende, assim, a ter compaixão pelo outro; e, à medida que o laço de compaixão cresce, cresce também o espírito de solidariedade e o espírito de amor — o espírito santo. Essas reuniões no meio da semana poderiam, com vantagem, ter um tema sugerido na reunião do domingo anterior; e esse tema, estando presente na mente da turma, deveria inspirar cada um a prestar atenção às experiências passageiras da vida e a tomá-las em conta, especialmente no que se refere ao tema específico da semana. Sem dúvida, todo cristão tem inúmeras oportunidades de registrar as lições e experiências da vida em diversas áreas a cada semana; mas a maioria, por não refletir nem prestar atenção, permite que essas valiosas lições passem despercebidas e aprende principalmente com as experiências maiores e mais amargas da vida o que poderia ter aprendido melhor ao prestar atenção ao modo como o Senhor lida diariamente com eles por meio de Sua providência.

[F321]

Para ilustrar: suponhamos que o tema da semana tivesse sido "A paz de Deus", a partir do texto: "A paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará [protegerá] os vossos corações." (***Fil. 4:7***) Cada membro da irmandade deveria observar, durante a semana, até que ponto essa escritura se cumpriu em seu próprio caso; e quais coisas pareciam interromper e impedir essa paz dominante — trazendo inquietação e descontentamento. Essas experiências e as lições extraídas delas, relatadas tanto pelos mais experientes quanto pelos menos experientes do grupo (homens e mulheres), não apenas chamariam a atenção uns dos outros para suas próprias experiências durante a primeira parte da semana, mas, na segunda parte, acrescentariam às suas próprias experiências as lições e experiências dos demais, ampliando assim sua empatia e levando-os cada vez mais a discernir as belezas da paz em contraste com a contenda
— a bênção da paz de Deus no coração; e como é possível ter essa paz mesmo quando cercados por turbulência e confusão ou por condições angustiantes sobre as quais não temos controle. O caráter devocional dessas reuniões aumentará seu proveito. Aquele que percebe mais profundamente seus próprios defeitos e que se esforça mais sinceramente para crescer nas graças do espírito do Senhor será o mais fervoroso em suas devoções ao Senhor e em seus desejos de agradá-Lo e de participar cada vez mais do seu espírito santo.*

Nessas reuniões, assim como em todas as outras, fica evidente que o maior bem pode ser alcançado pela preservação da ordem — não a ponto de destruir a vida e a liberdade da reunião, mas na medida adequada para melhor preservar sua liberdade, sem anarquia ou desordem, sob uma restrição sábia, amorosa e gentil. Por exemplo: o caráter da reunião deve ser compreendido com antecedência; e caberia ao líder conduzi-la, com uma flexibilidade razoável e amorosa, de modo a cumprir o propósito especificado e acordado. Deve ficar claro que não se trata de reuniões para discussões gerais, nem

---

*Existem reuniões com o caráter aqui descrito realizadas em diversas localidades, convenientes para os pequenos grupos que as constituem.

[F322]
reuniões para discussão, nem para pregação; que outras reuniões são oferecidas, e que aqueles que desejarem são bem-vindos a participar delas; mas que essas reuniões têm um escopo limitado. Para manter a reunião devidamente dentro dos parâmetros e evitar discussões particulares ou respostas de um indivíduo a outro, o líder — sendo aquele escolhido para representar o todo — deve ser o único a responder ou a criticar os demais — e somente quando *necessário*. É seu dever inalienável zelar para que alguns testemunhos não sejam tão longos a ponto de se tornarem tediosos e impedirem que outros tenham oportunidade de falar, e para que a reunião não se prolongue além de sua duração razoável e acordada. Todas essas responsabilidades que recaem sobre o líder implicam que ele deva ser o ancião na Igreja. Um novato com experiência insuficiente tenderia, mesmo com as melhores intenções, a ser muito permissivo ou muito rígido na aplicação dos princípios a tal ocasião; ele poderia estragar as reuniões com excesso de tolerância ou ofender algum irmão ou irmã digno por meio de uma correção mal expressa e da aplicação inadequada das regras. Além disso, o líder de tal reunião deve ser o ancião, ou alguém competente para ocupar o cargo de ancião na Igreja, de modo que tenha conhecimento suficiente da Palavra, experiência na graça e habilidade de ensino para poder oferecer uma palavra de encorajamento, conselho ou orientação útil *em resposta* aos diversos testemunhos apresentados. Pois "Uma palavra na hora certa, quão boa é!" — muitas vezes, quanto mais útil do que todo um discurso em outras circunstâncias. ***Prov. 15:23***

Embora tenhamos indicado anteriormente vários interesses que devem ser atendidos nas reuniões, descrevemos especificamente apenas o último — que, aliás, consideramos um dos mais importantes de todos: a reunião mais útil para o crescimento espiritual. Vejamos agora quais seriam bons arranjos em relação às outras reuniões. Estes variariam de acordo com as circunstâncias, condições e o número de participantes que compõem a congregação — a *Eclesia*, o corpo. Se o número fosse de cerca de cinquenta, e se alguns deles fossem particularmente talentosos em falar em público e

[F323]
na exposição clara da Verdade, aconselhamos que um culto de pregação por semana possa, em geral, ser vantajoso — especialmente como a reunião para a qual amigos, vizinhos ou outras pessoas possam ser convidados. Mas se, na providência do Senhor, ninguém do grupo estiver especialmente qualificado para apresentar um discurso coerente, lógico e razoável sobre algum tema bíblico, acreditamos que seria melhor não tentar essa forma de reunião, ou que o tempo fosse dividido entre vários que possuam alguma habilidade para tratar um assunto bíblico dessa maneira coerente em público, sendo o tema o mesmo e os irmãos se revezando na condução. Ou esses anciãos poderiam se alternar: um neste domingo, outro no próximo, e assim por diante; ou dois neste domingo, dois no próximo, e assim por diante. Parece que os melhores interesses de toda a Igreja são preservados ao se dar oportunidade a *todos* os irmãos*, proporcionalmente* à sua capacidade — sempre considerando que a humildade e a clareza na Verdade são, sem dúvida, os elementos essenciais primordiais — e não a eloquência ou a oratória.

Mas a reunião mais importante, em nosso julgamento, e a mais útil, logo após a reunião devocional descrita anteriormente, é aquela em que toda a comunidade de crentes participa, ora sob a liderança de um presidente ou líder, ora sob a de outro. Para essas reuniões, pode-se abordar um tema ou um texto das Escrituras para discussão, e o líder, tendo examinado o assunto com antecedência, deve receber autoridade para dividi-lo entre os irmãos mais experientes, se possível designando-lhes suas partes com uma semana de antecedência, para que possam comparecer à reunião preparados para oferecer sugestões, cada um de acordo com sua área específica do tema. Esses principais participantes na análise do assunto (talvez dois, ou talvez meia dúzia, ou mais, conforme o número de pessoas competentes, o tamanho da congregação e a importância do tema possam exigir) acharão as novas Bíblias Bereanas, com as referências às *revistas "Estudos"* e *"Torres"* e aos Índices Temáticos, muito úteis. Que eles apresentem o assunto em suas próprias palavras ou encontrem trechos específicos de *"Estudos"*, *"Torres"*, etc., que vão direto ao ponto, os quais

[F324]
possam ler acompanhados de algumas observações apropriadas.

Quando a reunião for aberta com louvor e oração, os temas poderão ser abordados na ordem correta pelo presidente; e, após cada orador designado ter apresentado suas conclusões sobre sua parte do assunto, a discussão deverá ser aberta a toda a turma para perguntas e comentários, seja em concordância com, seja em oposição ao que já foi apresentado pelo orador principal sobre o tema. Se a turma parecer relutante em discutir e precisar ser estimulada, o presidente deve fazê-lo por meio de perguntas habilidosas. Somente o presidente deve dirigir-se aos oradores ou tentar *responder* ou conciliar suas declarações; embora, é claro, ele possa solicitar a qualquer orador uma explicação mais detalhada de sua posição ou de seus motivos. Todos os oradores devem dirigir suas observações ao presidente e nunca uns aos outros; assim, o risco de ataques pessoais e disputas pode ser evitado. O presidente não deve assumir nenhum outro papel além do descrito acima em relação à discussão, mas deve ser capaz, ao final, de reunir as diversas conclusões, resumindo brevemente todo o assunto a partir de seu próprio ponto de vista, antes de encerrar a sessão com elogios e agradecimentos.

Cada ponto pode ser analisado, e todo o assunto deve ser bem debatido e investigado, de modo que seja claramente compreendido por todos. Ou, em alguns dos assuntos mais complexos, talvez seja melhor que o presidente faça um resumo e apresente suas opiniões ao final da análise de cada tópico. Não conhecemos melhor tipo de reunião do que esta para um estudo aprofundado da Palavra divina. Consideramos isso, em geral, muito mais vantajoso do que a pregação regular para a maioria das reuniões do povo do Senhor.

Uma reunião desse tipo inclui todas as características abordadas nas sugestões numeradas 1, 2 e 3, mencionadas anteriormente. No que diz respeito à primeira, aqueles a quem foram atribuídas as funções principais têm plena oportunidade de exercer quaisquer habilidades que possuam. Em relação ao segundo ponto, todos têm a oportunidade

de participar, fazer perguntas, oferecer sugestões etc., após cada um dos principais oradores abordar os diversos pontos. E quanto ao terceiro ponto, ele também é atendido por uma reunião como esta, pois os temas para cada semana devem, de preferência, ser decididos por toda a turma, e não pelo líder, e com pelo menos uma semana de antecedência em relação à discussão.

Qualquer pessoa presente nessa aula deve ter o privilégio de apresentar sua pergunta ou tema, e o espírito de amor, compaixão, disposição para ajudar e consideração que permeia a todos deve ser tal que todos os temas adequados recebam uma audiência respeitosa. E, no caso de um pedido especial por um tema que se supõe contrário às visões gerais da congregação, mas que esteja plenamente dentro dos limites dos princípios fundamentais do evangelho, a pessoa que deseja que o assunto seja discutido deve receber um tempo razoável para a apresentação e deve ser o orador principal da ocasião, com seu tempo possivelmente limitado, digamos, a trinta minutos ou mais ou menos, de acordo com a importância do tema e o interesse da turma por ele. Após sua apresentação, a questão deve ser aberta para discussão pelos demais membros da turma, sendo concedidos ao proponente da questão alguns minutos posteriormente para uma breve resposta a quaisquer objeções levantadas pelos demais, cabendo ao presidente a palavra final ao encerrar a reunião.

Outro tipo de reunião que se mostrou muito vantajoso no estudo da Palavra é conhecido como “Círculo Bereano para o estudo da Bíblia”. Não se trata meramente de círculos de leitura, mas de um estudo sistemático do plano divino em todas as suas fases, abordado ponto por ponto. Os diversos volumes de ESTUDOS BÍBLICOS, ao tratarem os assuntos em uma ordem conectada e consecutiva, constituem (junto com a Bíblia) livros didáticos para esses Estudos Bíblicos; mas, para que essas aulas sejam proveitosas, é necessário que o líder e a turma diferenciem claramente entre leitura e estudo. No que diz respeito à leitura, todos os queridos amigos podem

[F326]
tão bem, ou talvez melhor, fazer sua leitura por conta própria em casa. O objetivo desses estudos é abordar uma determinada parte de cada tópico, conforme apresentada em um ou mais parágrafos, e discuti-la exaustivamente entre si, evocando passagens colaterais das Escrituras, etc., e debatendo o assunto a fundo; e, se possível, fazer com que cada membro da turma expresse seu pensamento a respeito do assunto específico em consideração, passando então para o próximo tópico. Alguns desses Círculos Bereanos levaram um ou dois anos para estudar um único volume de ESTUDOS DAS ESCRITURAS — e isso com grande interesse e proveito.*

"Que cada um esteja plenamente convencido em sua própria mente"
—Rom. 14:5—

Todas as mentes lógicas se deleitam em chegar a uma *decisão*, se possível, a respeito de cada aspecto da verdade; e o Apóstolo declara que cada membro da Igreja deve se empenhar nisso por si mesmo — "em sua própria mente". É um erro comum, no entanto, tentar aplicar essa regra, que é boa para o indivíduo, a uma Igreja ou a uma turma de Os Estudos Bíblicos — tentar forçar todos a *chegarem* exatamente à mesma conclusão a respeito do significado da Palavra do Senhor. É correto que desejemos que todos possam "ter a mesma opinião"; mas não é razoável esperar isso quando sabemos que todos se afastaram da perfeição, não apenas no corpo, mas também na mente, e que esses desvios ocorrem em várias direções, como demonstrado pelas diversas formas de cabeça encontradas em qualquer reunião de pessoas. Nossos diversos tipos e graus de educação também são fatores importantes que contribuem para promover ou impedir a unidade de visão.

Mas o Apóstolo não sugere que todos devemos nos preocupar com as mesmas coisas? — e que todos seremos ensinados por Deus para que tenhamos o espírito de uma mente sã? — e que devemos esperar crescer em graça e conhecimento, edificando-nos uns aos outros na fé santíssima?

---

*Há reuniões desse tipo realizadas em várias localidades, nas noites mais convenientes para os amigos que participam de cada uma delas. Elas são conduzidas por vários irmãos-anciãos.

[F327]

Sim, tudo isso é verdade; mas não se sugere que tudo isso será alcançado em uma única reunião. O povo do Senhor não apenas possui mentes com diferentes níveis de desenvolvimento e diferenças em experiência ou educação, mas também, como novas criaturas, tem idades diferentes — bebês, jovens, maduros. Não deve nos surpreender, portanto, que alguns sejam mais lentos do que outros para compreender e, consequentemente, mais lentos para se convencerem plenamente em suas próprias mentes a respeito de algumas das "coisas profundas de Deus". Eles devem compreender os *fundamentos* — que todos eram pecadores; que Cristo Jesus, nosso Líder, nos *redimiu* por meio de seu sacrifício consumado no Calvário; que agora estamos na Escola de Cristo para sermos ensinados e preparados para o Reino e seu serviço; e que ninguém entra nessa Escola a não ser mediante a consagração total de tudo o que possui ao Senhor. Todos devem compreender essas coisas e concordar plenamente e sempre com elas; caso contrário, não poderíamos reconhecê-los nem mesmo como irmãos mais novos na nova criação; mas todos precisamos de paciência uns com os outros e de tolerância com as peculiaridades uns dos outros — e por trás disso deve haver *amor*, aumentando cada graça do espírito à medida que nos aproximamos cada vez mais de sua plenitude.

Sendo assim, todas as perguntas, todas as respostas, todas as observações — em reuniões em que vários participam — devem ser *dirigidas* a toda a companhia presente (e não pessoalmente a qualquer um ou a um grupo), e devem, portanto, ser *dirigidas ao Presidente*, que representa a todos — exceto quando o Presidente, por conveniência, solicitar que o orador se volte para a audiência e se dirija diretamente a ela. Por isso também, depois de ter expressado sua própria opinião, cada um deve ouvir calmamente as opiniões dos outros e não se sentir compelido a debater ou reafirmar a posição já exposta. Tendo aproveitado sua oportunidade, cada um deve confiar no Senhor para guiá-lo, ensiná-lo e mostrar-lhe a verdade, e não deve insistir que todos sejam *obrigados a ver* cada questão da mesma forma que ele a vê, nem mesmo da forma como a maioria a vê. "No essencial, unidade; no não essencial, caridade" é a regra adequada a ser seguida.

Concordamos, no entanto, que cada aspecto da verdade é importante, que o menor erro é prejudicial e que o povo do Senhor deve orar e se empenhar pela unidade no conhecimento;

[F328]
mas não devemos esperar alcançá-la à força. A unidade do espírito quanto aos primeiros princípios básicos da verdade é o que importa; e, onde ela for mantida, podemos ter certeza de que nosso Senhor *guiará* todos os que a possuem a toda a verdade que Lhe é devida e necessária. É nesse contexto que os líderes do rebanho do Senhor precisam de sabedoria especial, amor, força de caráter e clareza na Verdade, para que, ao final de cada reunião, aquele que a conduziu seja capaz de resumir as conclusões bíblicas e deixar todas as mentes sob sua influência abençoada — expressando-se de forma clara, positiva e amorosa —, mas nunca dogmaticamente, exceto no que diz respeito aos princípios fundamentais.

Serviços fúnebres

Em ocasiões fúnebres, quando prevalece mais ou menos solenidade entre os amigos presentes, o cadáver frio e silencioso, os corações feridos e os olhos cheios de lágrimas, o luto, etc., tudo isso ajuda a transmitir a lição geral de que a morte não é amiga da humanidade, mas sua inimiga. Tais ocasiões, portanto, são muito favoráveis à apresentação da Verdade e devem ser aproveitadas. Muitos que hoje se interessam pela Verdade Presente receberam suas primeiras impressões claras sobre ela por meio de um discurso fúnebre. Além disso, muitas pessoas comparecerão e ouvirão nessas ocasiões que, de outra forma, estariam muito preconceituosas ou com medo demais de contrariar os desejos de seus amigos para participar de qualquer culto regular da Verdade. Assim, aconselhamos que tais oportunidades sejam aproveitadas da forma mais eficaz que as circunstâncias permitirem. Quando o falecido for um crente e sua família se opuser, ele deve fazer um pedido em seu leito de morte para que alguém que represente a Verdade se dirija aos enlutados por ocasião de seu funeral. Se o falecido for uma criança e ambos os pais estiverem na Verdade, não haveria dúvida a respeito do assunto; mas se apenas um deles fosse favorável e o outro se opusesse, as responsabilidades recairiam sobre o pai, embora a esposa tivesse todo o direito de apresentar sua opinião sobre o assunto ao marido, e ele devesse dar a ela sugestões razoáveis

[F329]
— sem, no entanto, que isso o isente de sua própria responsabilidade perante Deus como chefe da família.

Em muitas das pequenas comunidades, há irmãos perfeitamente qualificados para proferir um discurso interessante e proveitoso, adequado a tal ocasião, sem qualquer sugestão nossa ou de qualquer outra pessoa; mas, na maioria dos pequenos grupos de consagrados, falta o talento especial para tal discurso, e é por essa razão que oferecemos algumas sugestões a respeito de um método proveitoso de conduzir tais cultos. O irmão que conduzir o culto deveria, de preferência, não ser parente próximo do falecido; e, no entanto, se não houvesse ninguém disponível além de um parente próximo, não haveria nada de impróprio em que um filho, um marido ou um pai conduzisse o culto. A menos que esteja bastante acostumado a falar em público e familiarizado com o assunto, o melhor a fazer seria adaptar às suas necessidades específicas e à ocasião as sugestões apresentadas a seguir — redigindo-as à mão, a partir das quais ele leria para os amigos reunidos. O texto deve ser escrito em letra bem legível ou digitado, e deve ser lido em voz alta várias vezes antes de ser apresentado em público, para que a apresentação seja o mais fluida, clara e compreensível possível. Sugerimos ainda que, caso não se encontre nenhum irmão competente para a ocasião, não haveria nada de impróprio em que tal leitura fosse feita por uma irmã
— usando algum tipo de cobertura para a cabeça.

Oferecemos as seguintes sugestões para a condução do culto e para um discurso no funeral de um irmão no Senhor:

(1) Inicie o culto com o canto de algum hino apropriado em uma melodia moderadamente lenta — “Rocha dos Séculos”, “Mais Perto de Ti, Meu Deus”, “Guia-me, Luz Bondosa”, “Muitos Dormem, Mas Não para Sempre” ou outro.

(2) Se algum membro da família for fiel de uma igreja denominacional e desejar que seu pastor tenha alguma participação no culto, este seria o momento mais apropriado para que ele leia alguns versículos das Escrituras sobre a ressurreição,

[F330]
ou fazer uma oração, ou ambos. Se não houver tal pedido, omita este ponto (2) e passe do ponto (1) para o (3).

(3) Esboço sugestivo para o discurso fúnebre

Queridos amigos: Estamos aqui reunidos para prestar uma homenagem de respeito à memória de nosso amigo e irmão, cujos restos mortais estamos prestes a entregar ao túmulo — pó ao pó, cinzas às cinzas. Apesar de não haver nada mais comum no mundo do que a morte e os processos que a acompanham — doença, dor e tristeza —, nós, como seres inteligentes, achamos impossível nos acostumar a essas dolorosas rupturas dos laços de amizade, de família, de amor e de irmandade. Por mais que tentemos amenizar a dor, ela continua sendo dolorosa, mesmo que, como declara o Apóstolo, nós, como cristãos, "não nos entristeçamos como os outros que não têm esperança". E o que poderia ser mais apropriado aqui hoje do que uma reflexão sobre essa boa esperança, apresentada a nós no evangelho como o bálsamo de Gileade, capaz de curar as dores da terra como nada mais pode fazer.

No entanto, antes de considerarmos as esperanças que nos são apresentadas no evangelho — a esperança da ressurreição dos mortos, a esperança de uma vida futura em condições muito mais felizes do que as atuais —, não é descabido nos depararmos com a pergunta: Por que precisaríamos de tal esperança? Por que não seríamos poupados da morte, em vez de recebermos a esperança da ressurreição dos mortos? Por que Deus permite que vivamos apenas alguns poucos dias ou anos, e ainda assim cheios de aflições? E por que somos então ceifados, como a grama que murcha? E por que as cordas do coração se rompem, e os laços familiares e domésticos são desestruturados por esse grande inimigo da nossa raça, a morte, que, nos últimos seis mil anos, matou, segundo estimativas, mais de cinquenta bilhões de seres humanos, nossos irmãos segundo a carne — filhos de Adão? Para mentes reflexivas, não há questão mais interessante do que essa.

A descrença nos diz que, sendo meramente o grau mais elevado dos animais, nascemos, vivemos e morremos como o animal

[F331]
, e que não há vida futura reservada para nós. Mas, embora estremecemos diante de tal pensamento e sejamos incapazes de provar o contrário por meio de qualquer experiência própria, nós, como filhos de Deus, ouvimos a Palavra de nosso Pai "proclamando a paz por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor". A mensagem de paz, que nosso querido redentor nos dá como seus seguidores, não é uma negação dos fatos, nem uma declaração de que não há dor, nem tristeza, nem morte, mas exatamente o contrário. Ele declara: "Eu sou a ressurreição e a vida". Ele nos diz novamente que "todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz e sairão". Ah! Essa contradição à voz da infidelidade é doce para nós! Ela traz esperança, e a esperança traz paz na medida em que aprendemos a conhecer e a confiar no Pai e também no Filho, cujas palavras ouvimos e que está realizando os planos misericordiosos do Pai.

Mas se o Senhor assim determina a ressurreição, e se a mensagem da ressurreição traz paz, descanso e esperança, não é ainda assim legítimo que nos perguntemos: por que Deus deveria primeiro levar o homem à destruição e, mais tarde, por meio da ressurreição, dizer à humanidade, nas palavras do salmista (***Salmo 90:3***): "Voltem, filhos dos homens"? Por que não os manteve vivos? Por que não impediu a tristeza, a dor e a morte? Respondemos que as Escrituras, e somente as Escrituras, nos dão a explicação das condições atuais: nada mais lança a menor luz sobre o assunto. Seu testemunho é de que Deus criou originalmente nossa raça perfeita, íntegra, à sua própria imagem e semelhança, e que, por meio da desobediência, nossos primeiros pais caíram daquela nobre condição — ficaram sujeitos à pena do pecado, que é *a morte* — e que essa pena pelo pecado, pronunciada contra o pai Adão, envolve toda a sua raça de maneira natural. O ímpeto do pecado aumentou com as gerações humanas, e a doença, a dor e a morte foram proporcionalmente aceleradas.

Todos nós fomos mal instruídos a acreditar que o salário do pecado do pai Adão, a maldição, a pena, seria o tormento eterno; que nós e toda a humanidade herdamos essa pena indescritível como resultado do pecado original; e que somente aqueles que

[F332]
se tornassem seguidores de Jesus, santos consagrados, escapariam desse tormento eterno. Mas descobrimos, queridos amigos, que a Palavra de Deus não sustenta tal plano irracional, injusto e desprovido de amor, e que as Escrituras afirmam muito claramente, ao contrário, que o salário do pecado é *a morte*, que a vida eterna é *dom* de Deus e que ninguém pode receber esse *dom*, exceto aqueles que se unem vitalmente ao amado Filho de Deus. Portanto, vemos que, uma vez que aos ímpios não será concedida a vida eterna, eles não poderiam sofrer a miséria eterna. A declaração bíblica é muito clara e muito razoável: "A todos os ímpios Deus *destruirá*." ***Salmo 145:20***

Observe com que clareza isso foi declarado ao pai Adão quando ele foi submetido a uma provação — o momento e o lugar, acima de todos os outros, em que deveríamos buscar uma declaração de nosso Pai Celestial a respeito do que seria a pena de sua justa ira. A declaração é que o Senhor providenciou generosamente para nossos primeiros pais as diversas árvores frutíferas vivificantes do Paraíso e simplesmente os testou quanto à obediência, proibindo-os de comer, ou mesmo provar ou tocar, o fruto de uma árvore específica. Foi essa desobediência que trouxe a exclusão do Paraíso — exclusão das árvores (bosque) da vida — e, consequentemente, trouxe gradualmente as condições de morte que ainda prevalecem, e de forma cada vez mais acentuada; pois todos sabem que a expectativa de vida humana hoje é muito mais curta do que a do pai Adão, que "*viveu novecentos e trinta anos*".

As palavras do Senhor, conforme apresentadas em Gênesis, são: "No dia em que dele comeres, certamente morrerás". Esse "dia", explica-nos o apóstolo Pedro, era um dia do Senhor, a respeito do qual ele diz: "Não ignoreis, irmãos, esta única coisa: que *um dia com o Senhor é como mil* anos"; e foi dentro desse "dia" que Adão morreu, e nenhum de seus descendentes jamais viveu um dia inteiro de mil anos. Depois que Adão transgrediu, as palavras de condenação do Senhor mostram muito claramente que Ele não tinha a intenção de atormentar Suas criaturas, e que a maldição não se estendia além da destruição da vida presente e das tribulações incidentais ligadas à condição de morrer

[F333]

. A expressão da maldição do Senhor a Adão foi: “Com o suor do teu rosto comerás o pão, até que voltes à terra, pois dela foste tirado; pois és pó e ao pó voltarás.” ***Gên. 2:17; 3:19***; ***2 Ped. 3:8***

É certamente um grande motivo de alegria perceber que a terrível doutrina do tormento eterno, com sua imposição não apenas sobre nossos primeiros pais, mas sobre toda a sua raça, todos os seus filhos, é uma doutrina falsa que nos chegou não da Bíblia, mas da “Idade das Trevas”. Ela não está na declaração do Senhor em nenhum sentido da palavra. Ouça a explicação do apóstolo Paulo sobre o assunto, em total concordância com o relato de Gênesis. Ele diz (***Romanos 5:12***): “Por um único homem o pecado entrou no mundo, e a morte pelo [como resultado do] pecado; e assim a morte passou a todos os homens, porque todos são pecadores.” O que poderia ser mais razoável, sensato ou satisfatório do que essa explicação divina da morte? — que ela é o resultado do pecado; que nosso pai Adão, quando foi posto à prova, perdeu todos os seus direitos e privilégios por causa da desobediência e ficou sujeito a essa maldição de doença e dor, tristeza, aflição e morte; e que nós, sem passarmos por qualquer provação (visto que seria inútil nos provar, já que herdamos propensões pecaminosas e fraquezas), somos partícipes dessa mesma sentença divina contra o pecado; a saber, *a morte* — e, como raça, estamos gradualmente mergulhando na fraqueza, na doença, na dor e nas aflições, rumo ao túmulo?

A explicação é satisfatória para nosso julgamento e justifica o fato de que o bebê de apenas uma hora, um dia, uma semana ou um mês participa da dor e do processo de morte, assim como aqueles que vivem alguns anos a mais e participam pessoalmente da transgressão das leis da justiça. “Nasci em pecado, formado na iniquidade; em pecado minha mãe me concebeu”, é a declaração bíblica sobre esse ponto. “Todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus.”

Mas agora, onde está a esperança? Que ajuda pode haver para uma condição tão triste das coisas? O que pode ser feito por aqueles que agora estão sofrendo, lamentando e morrendo, em todo o mundo — e o que pode ser feito pelos cinquenta bilhões que já desceram para a prisão da

[F334]
morte? Respondemos que eles certamente não podem fazer nada por si mesmos. Seis mil anos de esforços humanos para se libertar da doença, da dor e da morte provaram, inquestionavelmente, a total falta de fundamento de qualquer esperança desse tipo. Aqueles que nutrem esperança devem fazê-lo voltando-se para o Senhor, o Deus da nossa salvação. Ele propôs uma salvação, e a Bíblia é a revelação do glorioso plano das eras que Deus está realizando passo a passo. O primeiro passo foi o da redenção, o pagamento da pena que pesava sobre nós — a pena de morte. Ela foi paga por nosso Senhor Jesus, que "morreu, o justo pelos injustos, para nos levar a Deus". Ninguém da raça condenada poderia sequer redimir a si mesmo e, portanto, certamente — como o profeta apontou — "ninguém poderia dar a Deus o resgate por seu irmão". Mas a situação extrema do homem tornou-se uma oportunidade para Deus, e Ele enviou Jesus, que entregou por nós sua *vida imaculada*, sua vida que era "santa, inocente, separada dos pecadores", separada da raça moribunda. Essa vida Deus aceita como o preço correspondente e a compensação pela vida condenada do pai Adão; e, assim, ela vale para todos nós que somos filhos de Adão, porque não fomos condenados por *nossa própria* conta, mas "pela desobediência de um único homem"; portanto, Deus pode ser justo e pode nos libertar por meio da obediência e do resgate de um único — Jesus Cristo, nosso Senhor. A respeito dele está escrito que ele "se entregou como o resgate por todos, para ser testemunhado no tempo devido". ***1 Tim. 2:6***

Observemos, queridos amigos, de passagem, que nosso Senhor Jesus não redimiu meramente a Igreja; mas, como as Escrituras declaram claramente: "Ele é a propiciação [satisfação] pelos nossos pecados [os pecados da Igreja], e não somente pelos nossos, mas também pelos pecados de todo o mundo". (***1º João 2:2***) Aqui, graças a Deus! temos o fundamento para a boa esperança que, como sugere o apóstolo, nos permite não nos entristecermos como os outros que não têm esperança, ou que têm apenas uma esperança frágil, não baseada nas declarações positivas da Palavra de Deus.

Mas, dirá alguém: Já faz muito tempo que Jesus morreu. Por que é que o pecado e a morte ainda têm permissão para reinar e devorar a família humana? Respondemos que Deus adiou o envio

[F335]
o *sacrifício* por quatro mil anos e ainda adia o envio da bênção por ele garantida, que deve, em última instância, resultar
— bênção essa que será certa no "tempo determinado" de Deus. O objetivo desse adiamento, conforme explicado pelas Escrituras, é duplo:

Em primeiro lugar, para permitir o nascimento de um número suficiente de membros da família humana a fim de preencher ou povoar adequadamente toda a Terra, quando esta for levada à perfeição do Éden e, como um todo, se tornar o Paraíso de Deus restaurado em uma escala maior e mais grandiosa. Esses, durante o tempo presente, adquirem uma certa experiência com o pecado e a morte e aprendem parte de uma lição muito importante; a saber, a extrema pecaminosidade do pecado e sua indesejabilidade. Assim que chegar o tempo do Senhor, que acreditamos não estar muito distante, Ele cumprirá Sua promessa e estabelecerá Seu Reino no mundo, o que aprisionará Satanás, restringirá todos os poderes e influências que agora atuam em prol do pecado e da morte, e fará com que o conhecimento do Senhor preencha toda a Terra. Assim, Cristo abençoará a família humana e a elevará, passo a passo, em direção à grande perfeição para a qual foi criada — à imagem de Deus, conforme representada no pai Adão. Esse período de bênção é chamado de Reino Milenar, e foi por ele que o Senhor nos ensinou a orar: "Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu". Será necessário todo esse dia de mil anos de bênção e restauração para estabelecer a justiça sobre uma base firme na Terra e para testar a humanidade — a fim de determinar quem, dentre os homens, pela obediência a Cristo, poderá ser considerado digno da vida eterna; e quem, com pleno conhecimento, por preferir o pecado, será condenado à Segunda Morte — "destruição eterna, afastado da presença do Senhor e da glória do seu poder". Essas bênçãos da era milenar se aplicam não apenas aos 1.600 milhões que hoje vivem na Terra, mas também aos 50 bilhões que já foram para o túmulo, a grande prisão da morte, de onde nosso Senhor Jesus os chamará para essas oportunidades do Reino; como ele declara: "Tenho as chaves da morte e do túmulo." ***Apocalipse 1:18***

[F336]

Em segundo lugar, queridos amigos, o Senhor adiou a concessão da bênção geral e das oportunidades para o mundo, desde que nosso Senhor nos redimiu, a fim de que, durante a era evangélica, Ele pudesse reunir dentre a humanidade, que Ele redimiu, um "pequeno rebanho", uma classe "escolhida", discípulos, seguidores de seus passos, santos, pessoas santas. Ele está buscando, assim, "um povo peculiar", "um sacerdócio real", para se associar a si mesmo naquele Reino Milenar — não para ter parte com o mundo na restauração das condições terrenas, por mais perfeitas, grandiosas e gloriosas que sejam, nem em um lar edênico, por mais desejável que seja, mas para um favor ainda mais elevado: ser como seu Senhor — seres espirituais, participantes da natureza divina, muito acima dos anjos, principados e potestades, e partilheiros de sua glória. Que esperança maravilhosa é essa, e quão inspiradora para o coração de todos que ouviram o convite e se tornaram discípulos, seguidores de Jesus, e buscam seguir seus passos, assim como ele nos deu o exemplo! Que bênção será alcançar tal glória, honra e imortalidade, como as oferecidas à Igreja na Primeira Ressurreição! E que grande privilégio será estar associado ao nosso Senhor na distribuição dos favores divinos a toda a criação que geme, e convidar quem quiser a vir à água da vida e a dela se fartar livremente! Sim; então, no Reino, o espírito e a Noiva dirão: "Vinde" (pois haverá uma Noiva nessa ocasião, já que o casamento do Cordeiro ocorrerá no fim da era evangélica), "e quem quiser, pode tomar da água da vida gratuitamente". (***Ap. 22:17***) Não são essas duas boas razões pelas quais Deus adiou a concessão da bênção assim que o sacrifício redentor no Calvário foi concluído? Certamente podemos nos alegrar com esse adiamento e com a consequente oportunidade de sermos chamados e de tornarmos segura a nossa vocação e escolha.

Essa, queridos amigos, é uma breve exposição das gloriosas esperanças que animaram nosso querido irmão, cuja memória honramos hoje na comemoração. Essas esperanças foram como uma âncora para sua alma, o que lhe permitiu permanecer firme ao lado do Senhor e unir seu destino àqueles que confessam o mestre e que buscam tomar sua cruz diariamente ao segui-lo. Ele possuía

[F337]
qualidades nobres, que sem dúvida muitos de vocês reconheceram; mas não estamos baseando nossas esperanças e alegrias a respeito dele na suposição de que ele fosse perfeito; mas no nosso conhecimento de que Cristo Jesus era seu redentor perfeito, e que ele confiava nele; e que quem quer que confie nele nunca será envergonhado, mas acabará por sair vitorioso. Sem dúvida, nosso querido irmão tinha qualidades estimáveis que todos nós poderíamos imitar, mas não precisamos seguir nenhum modelo terreno. O próprio Deus nos deu, em seu Filho, um exemplo glorioso, que todos nós, assim como nosso querido irmão, devemos nos esforçar para imitar. Fazemos bem em não olhar uns para os outros, mas para o modelo perfeito, Jesus. Fazemos bem em ignorar as imperfeições naturais, que toda a humanidade possui devido à queda, e em lembrar que todas elas são cobertas, para aqueles que são seguidores do Senhor, pelo manto de sua justiça, de modo que sejam "aceitos no Amado".

Por fim, queridos amigos, aprendamos uma lição sobre a brevidade da vida presente; e que, embora Deus tenha grandes bênçãos reservadas para o mundo, nós, que já ouvimos falar de sua graça e salvação em Jesus, temos privilégios especiais, oportunidades especiais e, consequentemente, responsabilidades especiais em relação ao nosso conhecimento. Como declara o apóstolo: "Quem tem essa esperança nele purifica-se a si mesmo, assim como ele é puro". Se esperamos estar com o Senhor, compartilhar de sua glória e sermos parceiros em sua obra no futuro, sabemos que isso significará que nosso caráter deve ser transformado, que nossos corações devem ser renovados, que devemos nos tornar não apenas puros de coração — isto é, em intenção, em vontade, em propósito para com Deus —, mas, na medida do possível, também em palavras e em ações — tanto quanto a nova mente for capaz, em diversas circunstâncias, de controlar estes corpos, imperfeitos devido à queda. Devemos nos lembrar não apenas de permanecer em Jesus e sob o manto de seus méritos, mas também de cultivar cada vez mais em nossos corações as graças do seu espírito; e as boas resoluções são uma grande ajuda nesse sentido. Resolvamos, portanto, renovadamente, nessas circunstâncias solenes e com esses pensamentos solenes, mas alegres, em nossas mentes, que, quanto a nós, nos esforçaremos doravante para seguir

mais de perto os passos do mestre e a deixar que a luz de sua verdade e graça brilhe cada vez mais por meio de nossas vidas. Esforcemo-nos para que o mundo seja melhor e mais feliz a cada dia que vivemos nele e para que, na medida do possível, glorifiquemos a Deus em nossos corpos e espíritos, que são dele. Amém.

(4) O discurso pode ser seguido de uma oração, que deve ser feita pelo próprio orador ou por algum irmão competente na Verdade. Nunca se deve convidar um ministro de fora para orar *após* o discurso. É quase certo que ele oraria aos homens e não a Deus, e tentaria destruir na mente dos ouvintes qualquer efeito positivo que o discurso tivesse produzido. Na oração, deve-se agradecer especialmente ao Senhor por sua graça em Cristo Jesus e pedir sua bênção sobre todos os presentes, especialmente sobre os enlutados da família.

(5) A cerimônia pode ser encerrada adequadamente com um ou dois versos de um hino apropriado, como sugerido anteriormente.

(6) Defendemos apenas algumas palavras de oração junto ao túmulo, após o abaixamento do caixão.

Variações no discurso, para se adequar a diferentes circunstâncias

O discurso acima seria, é claro, igualmente apropriado para uma irmã, substituindo-se a palavra "irmão" por "irmã"; mas, no caso de uma pessoa mundana ou que não professe a total consagração ao Senhor, seria necessário fazer várias alterações, que se sugerirão prontamente a qualquer pessoa competente para proferir tal discurso.

No caso de uma criança, seja de pais crentes ou não crentes, o discurso poderia ser adaptado conforme o caso; referindo-se ao falecido como "nosso jovem amigo, ceifado no início da vida adulta pela foice da morte, a ceifadora implacável"; ou, se for um bebê, poderia-se usar o texto: "Abstenha-se de chorar e de derramar lágrimas, pois suas obras serão recompensadas, diz o Senhor; e elas

[F339]
voltarão da terra do inimigo." (***Jer. 31:15-17***) Nesse caso, seria apropriado enfatizar o fato — que ninguém contestará — de que crianças em idade imatura não poderiam cometer pecado que levasse à morte e que, assim, se confirma a declaração bíblica de que foi pela desobediência de um único homem, e não por desobediência universal, que o pecado entrou no mundo, tendo a morte como resultado ou pena.

Dízimos, coletas, etc.

Pelo que sabemos, nenhuma das pequenas comunidades do povo do Senhor "deste caminho" (***Atos 22:4***) realiza coletas públicas. Desde o início, defendemos que se evitem as coletas públicas, não porque acreditemos que haja algo de pecaminoso nesse procedimento, nem porque haja algo nas Escrituras que o condene, mas porque a questão financeira foi tornada tão proeminente em toda a cristandade por todas as denominações que, em nossa opinião, evitá-la totalmente seria para a glória do Senhor. Pessoas que durante toda a vida foram pressionadas por dinheiro estão rapidamente passando a acreditar que grande parte da pregação, do ensino etc. é feita por uma questão de receita — se não apenas ou principalmente por receita, pelo menos em grande medida por receita.

Não apenas as Escrituras sugerem que a maioria dos fiéis do Senhor será composta pelos pobres deste mundo, mas nossa experiência atesta o mesmo — que não há muitos ricos, nem muitos poderosos, nem muitos nobres, mas "principalmente os pobres deste mundo, ricos na fé". Temos certeza de que alguns deles, ao participarem de reuniões onde a Verdade Presente é defendida, sentem um alívio pela ausência do espírito mundano e ganancioso; e, pelo menos em alguns casos, essa característica fez com que a Verdade lhes agradasse. Aqueles cujos olhos se abrem para a luz da Verdade Presente passam a possuir um zelo e uma energia a serviço da Verdade, e um desejo tão grande de deixar sua luz brilhar para a glória do Pai e do Filho, que muitos cristãos mornos se sentem inclinados a perguntar: Qual é o motivo? Qual é o objetivo? O que vocês ganharão com isso, ou qual será a vantagem para vocês, para que

[F340]
procure despertar meu interesse — que você me empreste livros ou gaste seu tempo tentando chamar minha atenção para esses temas bíblicos, da maneira como você os vê?" Ao comparecerem às reuniões e constatarem que nem mesmo as habituais coletas e cobranças de dinheiro estão presentes, esses interessados ficam ainda mais profundamente convencidos de que foi *o Amor* — pelo Senhor, por Sua Verdade e por Seu rebanho — que inspirou os esforços feitos para colocar a Verdade ao seu alcance. Mesmo que estejam um tanto inclinados a ter preconceitos contra a Verdade, essas evidências de sinceridade e de um espírito divino de benevolência e generosidade se revelam como emanações do Espírito do Senhor, o espírito do amor.

Mas, ao defendermos esse princípio e recomendá-lo com toda a sinceridade a todo o povo do Senhor em todos os lugares, é nosso dever, por outro lado, chamar a atenção para o fato de que, por mais ignóbil, egoísta e mesquinho que alguém possa ser no momento de sua aceitação pelo Senhor e de sua consagração a Ele, tal pessoa não poderia permanecer identificada com "a Igreja cujos nomes estão escritos no céu", e com o Senhor, a Cabeça dessa Igreja, sem, em grau considerável, obter uma vitória sobre sua disposição egoísta. Sabemos muito bem que o egoísmo e a mesquinhez são estranhos ao espírito de nosso Pai Celestial e de nosso Senhor Jesus e devem, portanto, ser estranhos a todos aqueles que serão, em última instância, reconhecidos como filhos de seu Pai — todos os quais devem ter a semelhança familiar, cuja principal característica é o amor
— a benevolência. Se, por hereditariedade ou por um ambiente e educação infelizes, o espírito de mesquinhez tiver se desenvolvido amplamente na carne mortal de qualquer um que tenha sido aceito como membro probatório da nova criação, ele enfrentará em breve uma batalha exatamente nessa linha. Como o Apóstolo sugere, a mente da carne guerreará contra a mente do espírito, a nova criatura, e a mente da nova criatura deve vencer se quiser, em última instância, alcançar a posição almejada entre os vencedores. O egoísmo e a mesquinhez devem ser vencidos; a piedade, a liberalidade e a generosidade, tanto no coração quanto nas ações, devem ser cultivadas com diligência. Tais pessoas podem, até o dia de sua morte, ser obrigadas a

[F341]
lutar contra a carne, mas não deve haver dúvida quanto à atitude da mente, a nova vontade; e aqueles que os conhecem melhor certamente perceberão em sua conduta evidências da vitória da nova mente sobre a mente carnal e egoísta.

Nosso pensamento, portanto, no que diz respeito à evitação de coletas e de todas as questões financeiras nas assembleias da Igreja, não é o de desencorajar a doação. Pelo que temos observado, aqueles que doam ao Senhor mais abundantemente, mais sinceramente e com mais alegria são os mais abençoados por Ele em questões espirituais. Observar-se-á que não estamos limitando esta expressão, "O Senhor ama quem dá com alegria", às doações monetárias; mas estamos incluindo nela todas as ofertas e sacrifícios que o povo do Senhor tem o privilégio de apresentar no altar do sacrifício, e que Deus nos informa que tem prazer em aceitar por meio do mérito de nosso querido Redentor. De fato, onde quer que e sempre que a questão nos tenha sido apresentada — "Devo seguir esse rumo nos negócios, para assim poder doar generosamente o fruto de minhas mãos e de meu cérebro para a difusão da verdade?" ou seria melhor me contentar com menos capacidade e serviço nessa direção, seguindo outro caminho que me permitisse dedicar mais do meu tempo e da minha personalidade aos interesses da Verdade e à sua divulgação entre amigos e vizinhos, etc.? — nossa resposta tem sido, de maneira geral, que devemos considerar que nosso tempo e nossa influência dedicados ao serviço da Verdade são ainda mais apreciados aos olhos do Senhor do que as doações em dinheiro.

Portanto, se alguém se visse dotado de um talento para apresentar a Verdade e também de um talento para ganhar dinheiro de forma legítima, nosso conselho seria que ele exercesse o talento de ganhar dinheiro preferencialmente apenas em grau limitado, a fim de dedicar o máximo possível de tempo, atenção e energia ao exercício de seu talento ainda maior de ministrar a Verdade. E isso se aplicaria, em grau considerável, também aos ministérios da Verdade por meio da palavra impressa, da distribuição de publicações, etc.

"É mais abençoado dar do que receber" é um axioma

[F342]
que todo o povo do Senhor que alcançou algum bom grau de desenvolvimento à semelhança divina pode bem apreciar. Deus é o grande Doador — Ele está continuamente dando. Toda a criação, em todos os seus aspectos, é o resultado dessa benevolência da parte de Deus. Ele deu seu Filho Unigênito, com a vida, os prazeres e as bênçãos da íntima comunhão com ele. Ele concedeu aos filhos angelicais de Deus inúmeras bênçãos. Ele concedeu à nossa raça, na pessoa do pai Adão, a bênção da vida e as abundantes bênçãos deste mundo, que, mesmo em sua condição atual de queda e degradação, são maravilhosas. Ele não apenas nos dotou de nossos sentidos, pelos quais podemos perceber aromas agradáveis, sabores agradáveis, belas cores e combinações delas, etc., etc., mas também providenciou na natureza de maneira maravilhosa e generosa para a satisfação desses gostos: em frutas e flores, joias e céu estrelado, Ele tem sido generoso ao conceder Suas dádivas ao homem natural.

E quando contemplamos as bênçãos que Deus reservou para o "pequeno rebanho" da nova criação, conforme nos reveladas em Sua Palavra, reconhecemos que elas são extremamente abundantes, mais do que poderíamos ter pedido ou imaginado. "O que os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem sequer subiu ao coração do homem, são as coisas que Deus reservou para aqueles que o amam; mas Deus as revelou a nós pelo seu espírito." A benevolência, portanto, ou o ato de dar, ajudar e abençoar os outros, faz parte da semelhança com Deus. Que surpresa, então, que devamos valorizar o ato de dar como algo superior ao de receber?

Na medida em que aprendemos a valorizar as coisas espirituais, e na medida em que temos comunhão com o Senhor e nos tornamos participantes de seu Espírito, e na medida em que esse espírito de amor, generosidade e benevolência se derrama em nossos corações — na mesma medida nos vemos deleitando-nos em fazer o bem a todos os homens — especialmente à família da fé. O amor em nós, assim como em nosso Pai Celestial, não busca meramente seu próprio interesse e bem-estar, mas está continuamente atento para perceber como as bênçãos também podem ser concedidas aos outros; como a vida dos outros pode ser

[F343]
iluminadas e animadas; como podem ser consolados em suas tristezas e ajudados em suas necessidades. De fato, é na medida em que essa nova mente se espalha em nós, na medida em que nos tornamos transformados pela renovação de nossas mentes e mudados de glória em glória, que passamos a apreciar a grande obra que Deus traçou para nós no futuro — a obra divina de abençoar todas as famílias da Terra, de sermos seus agentes na distribuição das dádivas celestiais que Ele providenciou para todos os que se harmonizarem com Ele. As novas criaturas, portanto, descobrem que, à medida que crescem na graça, passam a pensar — embora ainda apreciem as glórias pessoais prometidas — mais particularmente nos privilégios que lhes pertencerão por meio da co-herança com seu Senhor, de ministrar a restauração e todas as suas inúmeras bênçãos à pobre criação que geme — elevando tantos deles quantos quiserem até a perfeição humana da qual todos caíram em Adão.

Esse espírito de amor, esse desejo de dar, esse desejo de ajudar os outros, à medida que cresce em nossos corações no tempo presente, nos leva não apenas à generosidade de pensamento em relação aos outros, mas também à generosidade de conduta — à disposição de sacrificar nosso tempo e influência em prol dos outros; para que eles possam ser abençoados com a luz da Verdade Presente, assim como nós fomos abençoados por ela. E esse mesmo espírito nos leva, caso não tenhamos o talento para ensinar ou expor, a procurar usar nosso talento de tempo e oportunidade para a distribuição de folhetos, etc., acompanhados por uma palavra oportuna, por mais breve que seja. E nos leva ainda mais longe, caso tenhamos também o talento financeiro, a usá-lo a serviço do Senhor, para a divulgação do evangelho. De fato, acreditamos que o Senhor aprecia hoje, tanto quanto sempre apreciou, o espírito que havia na viúva pobre que lançou duas moedas no tesouro do Senhor, e cuja abnegação, manifestada nessa pequena oferta, nosso Senhor declarou que a colocava, em sua estima e, portanto, na estima do Pai, como uma doadora no mais alto plano — segundo o seu próprio coração: “Ela, da sua pobreza, lançou tudo o que tinha para viver.” (***Lucas 21:4***) À sua maneira, portanto, ela estava contribuindo para a causa geral de forma muito semelhante

[F344]
que o próprio Senhor estava fazendo. Ele estava doando, não apenas o sustento, mas entregando a própria vida, diariamente, a cada hora, a serviço dos outros; e, finalmente, no Calvário, no sentido mais pleno e completo, Ele consumou a obra.

Temos nos perguntado por que nosso Senhor não advertiu, de alguma forma, a pobre viúva de que ela havia feito mais do que seu dever; que, se ela tivesse apenas duas moedas, deveria ter guardado ambas, ou pelo menos uma delas, para suas próprias necessidades. Se tivesse sido qualquer outra pessoa que não o Senhor ou um dos apóstolos a observar essa transação e elogiá-la, sem expressar uma palavra de advertência a respeito, teríamos nos sentido perfeitamente à vontade para acrescentar essa palavra de advertência. Mas, no geral, presumimos que muito poucos precisam de advertência no que diz respeito à autopreservação. Muito poucos precisam ser advertidos contra o risco de doar todo o seu sustento. Pode haver alguns; mas temos certeza de que, para esses poucos, assim como para a viúva pobre, o Senhor os compensaria de alguma forma pelo que estaríamos inclinados a considerar sua generosidade excessiva. Estamos bastante confiantes de que é melhor que eles errem nesse sentido do que no sentido oposto. "Há quem distribua e, ainda assim, aumente [se o aumento não vier nas coisas naturais, certamente virá nas questões espirituais], e há quem retenha mais do que convém [aqueles que são excessivamente cuidadosos, cautelosos, mesquinhos, excessivamente conservadores], mas isso tende à pobreza [às vezes à pobreza financeira, mas sempre, certamente, à pobreza espiritual]." ***Prov. 11:24***

Visto que o Senhor não impôs nenhuma lei ao seu povo no que diz respeito às suas obras de benevolência, mas deixou a questão aberta para aqueles que consagraram *tudo* a Ele, é evidente que Ele pretende que a consagração deles seja medida por sua conduta subsequente — seus sacrifícios, suas abnegações. A questão, então, se coloca propriamente diante de cada um de nós individualmente: até que ponto devo dedicar meu tempo, minha influência e meu dinheiro ao Senhor? Respondemos que, se a pergunta vier de alguém que fez uma consagração *total* de

[F345]
e se tornou uma nova criatura, só pode haver uma resposta; a saber, que ele não tem nada *a dar* — ele já *entregou* tudo o que possui ao Senhor. Se ele reteve alguma coisa, então não fez uma consagração total, e pode ter certeza de que não foi plenamente aceito pelo Senhor.

Mas, admitindo que tenhamos dado tudo ao Senhor, como determinaremos a vontade divina a respeito do uso que faremos dessa dádiva? Respondemos que cada um deve considerar-se designado pelo Senhor como *administrador* de seu próprio tempo, influência, dinheiro etc., e cada um deve procurar usar esses talentos da melhor maneira possível, para a glória do mestre. E, uma vez que lhe é concedido o privilégio do trono da graça, isso significa que, se estiver em dúvida quanto ao uso desses talentos, ele pode pedir a Deus, que concede sabedoria generosamente àquele que pede, e não repreende. Guiado por essa sabedoria do alto, na medida em que seu amor e zelo pelo Senhor cresçam dia após dia por meio do conhecimento da Verdade e da compreensão do seu espírito, ele se verá dedicando cada vez mais tempo, cada vez mais de sua influência e cada vez mais dos meios de que dispõe ao serviço da Verdade — e planejando, além disso, como pode reduzir as diversas obrigações pessoais e familiares para poder aumentar suas ofertas e sacrifícios.

Como é sabido, Deus instituiu entre os judeus um sistema de dízimo, segundo o qual um décimo de todo o aumento de riqueza — seja em grãos, hortaliças, rebanhos, manadas ou dinheiro — era separado para usos sagrados como pertencente ao Senhor, a ser utilizado exclusivamente para fins sagrados. Mas esse era um arranjo destinado apenas à "casa dos *servos*". O Senhor deixou a "casa dos *filhos*" sem nenhuma lei ou regulamento desse tipo. Isso implica que Ele espera menos dos filhos do que dos servos? Não, de modo algum; o filho que se interessasse menos pelos negócios do pai do que o servo seria indigno de seu lugar como filho e certamente o perderia; outro seria encontrado possuidor de mais do verdadeiro espírito de filiação. No caso da casa dos filhos, não apenas *um décimo*, mas *tudo* é consagrado, sacrificado, e *tudo* deve ser usado

[F346]
conforme a oportunidade nos indicar como possíveis serviços ao Senhor e à sua causa. Assim devemos proceder continuamente, entregando nossas vidas, tudo o que temos, a serviço da Verdade.*

O Apóstolo chama nossa atenção para essa lição em sua carta aos ***Filipenses (4:17)***: assegurando-lhes que suas doações voluntárias eram úteis e apreciadas, ele acrescenta
— "Não porque eu desejasse uma oferta; mas desejava que os frutos abundassem em vossa conta." Ele sabia que, assim como eles haviam sido gerados pelo espírito santo, isso começaria a produzir frutos de boas obras e atos de benevolência; e que, quanto mais esses atos de benevolência se tornassem evidentes, mais ele teria demonstração de seu crescimento espiritual, que era o que ele realmente desejava. E assim é hoje. O Senhor nos informa que todo o ouro e a prata são dele, assim como o gado sobre mil colinas. Ele realmente não precisa de nenhum dos nossos esforços, nem do nosso dinheiro; mas, como isso será para nosso benefício e contribuirá para o nosso desenvolvimento, ele permite que sua obra se encontre em tal condição que necessite de todos os esforços daqueles que são verdadeiramente seus, e de todos os meios que eles forem levados a usar em seus esforços para glorificá-lo.

Quão gracioso é esse arranjo! Que bênçãos esses privilégios já trouxeram ao querido povo do Senhor! Não duvidamos de que eles continuarão conosco até o fim de nossa corrida — com o propósito de que todos possamos ter o privilégio abençoado de colocar nossos talentos, quaisquer que sejam, a serviço do Senhor. Portanto, insistimos que, seguindo o exemplo da viúva pobre e de suas duas moedas, não há ninguém tão pobre a ponto de não poder mostrar ao Senhor o desejo de seu coração. A avaliação de nosso Senhor parece ser, conforme expresso em certa passagem, que aquele que é fiel em poucas coisas será fiel em oportunidades maiores e mais importantes; e é a tais pessoas que Ele se inclinará a conceder, não apenas as maiores oportunidades do futuro, mas também as maiores oportunidades do tempo presente.

---

*As obrigações dos consagrados para com suas famílias, e como isso se relaciona com a dedicação de *tudo* o que têm ao Senhor, são abordadas no Cap. xiii.

[F347]

Nosso conselho é que a questão financeira seja deixada, na medida do possível (e acreditamos que seja *totalmente*), fora de consideração nas reuniões gerais da Igreja. Aconselhamos que o espírito do Senhor seja cultivado e que, à medida que Ele habitar ricamente em cada um, cada um se empenhe em fazer sua parte para cobrir não apenas as despesas correntes da Igreja — aluguel, talvez, ou outras despesas —, mas também se empenhe em fazer o que puder para levar a luz que está abençoando sua própria alma a outros que ainda permanecem nas trevas. Aconselhamos, nessa mesma linha, que não se solicite dinheiro a pessoas de fora, embora não vejamos razão para que o dinheiro oferecido por elas seja recusado. Seria, pelo menos, uma demonstração de sua solidariedade e, sem dúvida, lhes traria, eventualmente — seja nesta vida ou na vida futura —, algum reconhecimento e recompensa daquele que declarou que até mesmo um copo de água fria dado a um de seus discípulos em seu nome não deixaria de receber sua recompensa. ***Mateus 10:42***; ***Marcos 9:41***

* * *

"Mesmo em meio aos ruídos estridentes
de nossos dias, Um prelúdio suave e doce
abre caminho;
Através das nuvens de dúvidas e dos credos do
medo, uma luz irrompe, serena e clara.

"Aqueles que não podem ver precisam tatear; a
lâmina deve estar diante do ouvido;
Assim como vocês estão sentindo, eu já senti,
E onde vocês moram, eu também já morei."

[F348]

Se eu pudesse saber

"Se ao menos eu pudesse saber com certeza
Que todas essas coisas que tanto me
cansam Foram notadas pelo meu
Senhor —
A dor que me corta como uma faca,
O barulho, o cansaço, a contenda, E
todos os males sem nome da vida —
Que paz isso me traria!

"Será que Ele realmente
compartilha De todas essas
pequenas preocupações
humanas,
esse poderoso Rei dos reis!
Se aquele que guia, pelo espaço sem limites,
Cada planeta radiante em seu lugar,
Pode ter a graça condescendente De
se importar com essas coisas
insignificantes.

"Parece-me que, se tivesse certeza disso,
que, misturada a cada sofrimento, viria tal
felicidade que eu poderia cobiçar a dor,
E considerar tudo o que me
trouxesse O pensamento abençoado
da Divindade
E a sensação da doce compaixão de
Cristo Não fosse perda, mas o mais
rico ganho.

"Querido Senhor, meu coração não
duvidará mais Que tu me envolves
com compaixão divina.
O amor por mim, outrora
crucificado, Não é o amor que se
afasta de mim, Mas espera
sempre para compartilhar
Cada uma das minhas menores preocupações."

[F349]

ESTUDO VII
A LEI DA NOVA CRIAÇÃO

A concessão de uma lei implica a capacidade de cumpri-la — A Lei Divina tal como foi originalmente escrita — Uma lei de vida não poderia ser concedida à raça caída — A redenção não é pela lei, mas pela graça — A aliança da lei cumprida e a nova aliança selada pelo único sacrifício de Cristo — A Lei do Sinai destinava-se apenas ao Israel carnal—A Lei da Nova Aliança—O Mandamento sob o qual os santos são formados—A nova criação, separada e distinta na relação divina e na aliança—Crescimento na apreciação da Lei Perfeita—Correr em direção à meta e permanecer firme nela—A Regra de Ouro—A Lei Perfeita da Liberdade.

A promulgação de uma lei por qualquer autoridade competente implica a capacidade, por parte do destinatário, de cumprir essa lei, ou algum arranjo para a perdoação de infrações a ela. A promulgação de uma lei pressupõe a possibilidade de sua violação e, portanto, uma lei sempre traz consigo penalidades. No caso do pai Adão, que, segundo nos é dito, foi criado à imagem e semelhança de Deus, e sobre quem recaiu uma sentença ou maldição por causa da desobediência à vontade divina, deduzimos retroativamente que uma lei deve ter-lhe sido dada, e que ela era suficientemente explícita; caso contrário, ele não poderia ter sido justamente condenado como transgressor por seu Criador. É-nos dito claramente que o pecado do Éden foi a desobediência a um mandamento divino. A justiça da sentença de morte que recaiu sobre Adão — e que, por meio dele, se estendeu naturalmente à sua posteridade — implicava que ele compreendia a lei à qual estava sujeito e que a transgrediu conscientemente; caso contrário, a culpa teria sido do legislador. O fato de Adão estar em condições de receber a lei divina e de obedecê-la é evidenciado também pelo fato de que

[F350]
não havia nenhuma disposição para a remissão dessa lei — nenhum mediador —, mas, como resultado da violação, a pena integral recaiu sobre ele.

Não temos nenhum registro de que o Criador tenha apresentado ao pai Adão e à mãe Eva um código de leis escrito em pedra ou de outra forma; e, sendo tal codificação de leis comum hoje em dia, devido às fraquezas humanas, muitos são incapazes de perceber de que maneira o Adão perfeito possuía uma lei perfeita, sob a qual foi julgado e, por ter falhado, condenado. É um erro supor que as leis devam ser escritas externamente — em papel, pedra etc. — e não perceber que uma forma ainda mais elevada de escrever a Lei divina seria a criação do homem de tal modo em harmonia com os princípios da retidão que seria correto dizer que a Lei divina — uma compreensão do certo e do errado — estava escrita no organismo perfeito. Dessa maneira, a Lei de Deus está escrita em seu próprio ser e no de todas as hostes angélicas; e, assim, também, a Lei divina estava escrita na própria constituição de Adão e Eva. Eles não eram propensos ao pecado. Pelo contrário, estavam inclinados à retidão. Eram justos, cercados por condições justas e perfeitas, conscientes de suas obrigações para com seu Criador e cientes de suas responsabilidades de obedecer a cada um de seus mandamentos; e sabiam, não vagamente, mas com precisão, o que Ele havia ordenado. Não tinham, portanto, desculpa para sua transgressão. A misericórdia poderia apresentar desculpas a favor deles, alegando sua inexperiência, etc., no que diz respeito às penalidades; mas o fato de que eles talvez não tivessem compreendido plenamente o que constituía as penalidades pelo pecado não altera o outro fato de que sabiam distinguir o caminho certo do errado. Sabiam que era certo obedecer a Deus e errado desobedecê-lo — independentemente de compreenderem quais calamidades se seguiriam à desobediência. O Apóstolo confirma o relato de Gênesis em todos esses detalhes, dizendo que “Adão não foi enganado” — que ele cometeu a transgressão conscientemente, deliberadamente, e que, assim, trouxe sobre si a maldição, ou sentença do pecado deliberado, que seu Criador havia previamente declarado, a saber, a morte.

[F351]

Ao olharmos ao nosso redor hoje, constatamos que o mundo, em geral, perdeu, em grande medida, essa semelhança original com Deus na qual nossos primeiros pais foram criados — eles perderam muito mais do que a percepção intuitiva do certo e do errado. A lei divina, outrora clara e distintamente implantada na natureza humana, foi, em grande medida, apagada durante os últimos seis mil anos do "reinado do pecado e da morte". Deus, por meio de Suas comunicações com alguns membros da família humana, reviveu, em grande medida, a lei original em muitos corações, restabelecendo, de forma mais ou menos profunda, as várias características da retidão; e, no entanto, mesmo entre os mais civilizados e os mais cristianizados, ninguém ousa confiar, sem reservas, em seu próprio julgamento do certo e do errado em diversas questões. Portanto, ainda precisamos ter diante de nós certos padrões divinos aos quais possamos recorrer e segundo os quais possamos corrigir nossas avaliações do certo e do errado, aproximando-as cada vez mais do padrão divino. No entanto, mesmo entre os povos mais degradados do mundo pagão, frequentemente encontramos elementos de consciência e certas concepções mais ou menos rudimentares do certo e do errado. Esses são os resquícios distorcidos e deturpados da lei original do ser humano, em harmonia com a qual ele foi originalmente criado à "imagem de Deus". O Apóstolo refere-se a essa condição entre os pagãos, dizendo: "Seus pensamentos, entretanto, acusam-se ou desculpam-se mutuamente". Ele declara que, assim, eles "mostram a obra da lei escrita em seus corações" — resquícios da lei original, provas fragmentárias de que ela outrora era inata na humanidade. ***Rom. 2:15***

Existem entre os homens leis para criminosos e leis para aqueles que não são criminosos — (1) leis de cidadania, que garantem vida, paz, liberdade etc. aos obedientes e que, correspondentemente, ameaçam os infratores com a perda de liberdade, privilégios etc. na prisão; (2) leis que regem os condenados com severidade mais extrema, a menos que se siga um curso de moderação; mas que, em nenhum sentido da palavra, lhes oferecem liberdades.

O mesmo se aplica à lei divina. Temos, em primeiro lugar, a lei original sob a qual Adão foi colocado à prova. Ele tinha

[F352]
privilégios e bênçãos desde o início — vida, paz, felicidade e tudo o que era necessário. A lei lhe garantia isso desde que permanecesse obediente ao seu Criador; e uma pena de morte estava associada à desobediência — "Morrerás, certamente"; e essa pena se estendia de maneira natural à sua posteridade. Portanto, a partir do momento da transgressão de Adão, ele se tornou um culpado, um condenado, privado das esperanças de vida de que antes desfrutava; privado de seu lar no Éden; privado de sua antiga comunhão com seu Criador. A terra, que não estava preparada para isso, tornou-se sua grande penitenciária, e o túmulo, sua prisão perpétua. A lei que antes reinava sobre ele havia agora chegado ao fim, no sentido de que não lhe oferecia mais nenhuma esperança ou perspectiva de vida, mas já o havia condenado à morte. Ele não estava mais sob a lei da vida, nem nenhum de seus filhos nasceu sob essa lei da vida, ou com qualquer esperança ou perspectiva de alcançar a vida eterna: todos eram prisioneiros. O pecado e a morte eram, figurativamente falando, seus captores, algozes e carcereiros.

Mas, embora a lei original já não pudesse mais funcionar sobre eles — tendo já exercido sua vingança contra eles —, eles se viam, no entanto, sujeitos a certas leis naturais. Eles descobriram uma lei que funcionava em sua condição de cativeiro, pela qual cada violação de suas consciências, cada mergulho mais profundo naquilo que reconheciam como pecado, lhes trazia degradação e morte de forma ainda mais rápida; e quanto mais cuidadosamente procuravam seguir aquilo que reconheciam como certo, mais favorável lhes parecia sua condição de cativeiro, embora nada sequer sugerisse qualquer libertação.

O Apóstolo sugere que não era possível que Deus concedesse à nossa raça caída uma lei de vida. Eles foram justamente condenados e, enquanto essa *sentença* permanecesse, nenhuma lei lhes poderia ser dada cujo cumprimento lhes garantisse a libertação da morte. Antes que qualquer lei de vida pudesse ser concedida à família humana, a sentença da primeira lei deveria ser cumprida, e sua maldição ou condenação deveria ser levantada; *então*, outros arranjos poderiam ser feitos, incluindo ofertas de

[F353]
vida eterna sob certas condições — mas não antes que a expiação pela primeira transgressão e o cancelamento de sua sentença tivessem sido efetivados. O Senhor deu indícios de sua intenção de efetuar tal expiação pelo pecado, a fim de conceder à humanidade outra oportunidade de vida eterna, em vez daquela dada ao pai Adão e perdida por ele para si mesmo e para toda a sua posteridade. Mas as promessas divinas eram extremamente vagas, apenas o suficiente para servir de base à esperança; por isso, a família humana, como prisioneira sob o controle do Pecado e da Morte, é, com base nessas promessas divinas, referida como "prisioneira da esperança".

Uma dessas alusões a uma expiação, etc., foi dada nas palavras do Senhor no momento em que pronunciou a sentença, quando declarou que a semente da mulher acabaria por esmagar a cabeça da serpente. (***Gênesis 3:15***) Nessa linguagem obscura e figurativa, o Senhor falou da reversão dos poderes do mal; de uma vitória que viria por meio da família adâmica, bem como para ela. Essa semente da mulher, como todos sabemos, alcançou seu cumprimento em Cristo. Quatro mil anos após a queda, Deus enviou seu Filho, "nascido de uma mulher" e, portanto, membro da raça condenada e com ela identificado, "para que, pela graça de Deus, provasse *a morte* por todos os homens" — para que suportasse a *pena* por todos os homens, para que afastasse de cada um a *maldição*, ou sentença de morte — para que concedesse a cada um, portanto, uma posição jurídica que permitisse novamente que uma lei de vida fosse dada — cujo cumprimento traria a recompensa da vida eterna.

Mas antes que chegasse o tempo de Deus enviar seu Filho e, por meio dele, realizar a redenção da raça da maldição da morte, Ele teve um tratamento peculiar com Abraão e sua família, conhecidos posteriormente como os israelitas. Em primeiro lugar, a Abraão, Isaque e Jacó, Deus fez promessas mais ou menos explícitas, informando-os de suas intenções benevolentes de abençoar todas as famílias da Terra. Tal mensagem, vinda do grande Juiz que havia condenado a humanidade, significava muito: significava ou a

[F354]
violação da Justiça, ao levantar a maldição ou a sentença, ou então que a grande Suprema Corte do Universo tinha um plano pelo qual poderia ser justa e, ainda assim, exercer misericórdia para com aqueles membros da raça que se mostrassem dignos dela, ao entrarem em harmonia com seus arranjos justos. Os Patriarcas se alegraram com essas promessas e compreenderam, de forma mais ou menos clara, a existência de uma vida futura por meio da ressurreição dos mortos, que seria benéfica não apenas para eles e para sua posteridade, mas que acabaria por significar uma bênção para todas as criaturas da raça.

Foi tendo em vista essa promessa feita a Abraão que o Senhor estabeleceu uma Lei especial para seus filhos, os israelitas, no Monte Sinai. Essa Lei constituía a base de uma aliança com eles. Se eles cumprissem essa Lei, todas as promessas lhes pertenceriam. Essa Lei era reconhecida como perfeita, justa e boa em todos os seus detalhes; mas, como os israelitas eram pecadores, depravados e imperfeitos, era, portanto, necessário, em primeiro lugar, que o mediador fosse designado, a saber, Moisés; e, em segundo lugar, que se encontrasse um meio pelo qual as transgressões do povo contra essa Lei pudessem ser simbolicamente perdoadas uma vez por ano, permitindo-lhes assim continuar em seus esforços para guardar a Lei de geração em geração. A instituição dessa mediação de Moisés e dos sacrifícios simbólicos pelos pecados, etc., tudo isso mostra que o povo a quem essa aliança e essa Lei foram dadas era reconhecido como incapaz de obediência absoluta a ela. Isso contrasta nitidamente com a entrega original da Lei no Éden, onde nenhum mediador foi providenciado e nenhum arranjo foi feito para as fraquezas da carne. Esse fato, por si só, nos diz, em linguagem inquestionável, que o primeiro Adão era perfeito à imagem e semelhança de seu Criador e que era capaz de obediência absoluta à Lei divina. Isso nos diz que a raça humana, nesse intervalo, havia caído profundamente; pois os arranjos feitos em conexão com a Lei Mosaica eram adequados a homens caídos e depravados.

Além disso, temos a garantia do apóstolo de que nenhum judeu, exceto nosso Senhor Jesus, jamais cumpriu a Lei, e que somente

[F355]
Jesus, portanto, obteve — ou poderia ter obtido — as recompensas daquela aliança da Lei feita com Israel. As palavras do apóstolo são: "Pelas obras da Lei nenhuma carne será justificada diante dele." Essa Lei, portanto, serviu a um duplo propósito: (1) mostrar que ninguém da raça caída poderia cumprir a Lei divina ou ser aceitável aos olhos de Deus; e (2) declarar que nosso Senhor Jesus era perfeito, na medida em que cumpriu a Lei que nenhuma pessoa imperfeita poderia cumprir. Ao cumprir assim a Lei, Ele tornou-se o único herdeiro da Aliança feita com Abraão. Foi assim designado como a Semente de Abraão predita, na qual todas as famílias da terra seriam abençoadas. Essa Aliança, alcançando assim seu cumprimento em Cristo Jesus, chegou ao fim, no que diz respeito à semente prometida de bênção. No entanto, ao analisarmos cuidadosamente a promessa, descobrimos que, em alguns aspectos, pelo menos, ela era dupla — que incluía uma semente espiritual e também uma semente terrena, conforme implícito na promessa: "Tua semente será *como* as estrelas do céu e *como* a areia do mar." ***Gênesis 22:17***

Nosso Senhor Jesus, tendo cumprido a aliança, tem toda a questão da bênção das famílias da terra à sua disposição; mas, de acordo com o plano divino, sob o qual Ele funciona e continuará a funcionar, Ele eventualmente se agradará em usar parte da semente terrena, o Israel natural, como Seus instrumentos ou agentes terrenos nessa obra de bênção. Portanto, a aliança no que diz respeito a Israel segundo a carne não é inteiramente deixada de lado; mas, como declara o Apóstolo, uma bênção aguarda o Israel natural após o estabelecimento do Reino Celestial na segunda vinda do Senhor. As palavras do Apóstolo são: "Os dons e os chamados de Deus são irrevogáveis." "Quanto à eleição, eles são amados por causa dos pais." "Pela vossa [da Igreja] misericórdia, também eles possam obter misericórdia." "Deus encerrou a todos na incredulidade, para que pudesse ter misericórdia de todos." A sugestão é de que o Libertador, que virá de Sião para a bênção de toda a humanidade, afastará primeiro a impiedade de Jacó e que, assim, Jacó — Israel segundo a carne — poderá, por fim, cooperar na bênção do mundo." ***Rom. 11:26-32***

[F356]

Vemos, então, que até o primeiro advento de nosso Senhor o mundo estava sem lei, exceto a lei geral da natureza — a lei de nossa condição caída e aprisionada; a lei que declara que podemos apressar nossas tribulações, embora não esteja em nosso poder escapar delas; a lei que declara que, embora a morte seja certa sob a sentença original e não possamos esperar escapar dela, podemos, no entanto, até certo ponto, adiar sua execução por algum tempo e amenizar um pouco seus rigores. Vimos que a única outra Lei ou aliança foi aquela dada a Israel, a respeito da qual Moisés declara tão expressamente que ela não pertencia a outros povos ou nações, dizendo: "O Senhor não fez esta aliança com nossos pais, mas conosco, sim, conosco, que estamos todos aqui vivos hoje." (***Dt 5:3***) Vimos que, longe de essa Lei justificar os israelitas e de eles obterem as bênçãos da aliança ligadas a essa Lei, todos falharam, exceto um — o homem Cristo Jesus, nosso Senhor e redentor. Vamos agora aprofundar o assunto e perceber como a Lei divina está funcionando atualmente.

Nosso Senhor Jesus guardou — isto é, cumpriu — a declaração sinaítica da Lei divina por meio de sua morte. Um resumo dos requisitos da Lei do Sinai é: "Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua mente, com toda a tua alma e com todas as tuas forças; e amarás o teu próximo como a ti mesmo." O Pai celestial dispôs as coisas de tal forma que seu Filho amado, tendo deixado a glória da condição espiritual e tornado-se um homem perfeito entre homens imperfeitos, antes de tudo compreendeu a vontade do Pai — de que ele se tornasse o redentor do homem. Isso não foi imposto como obrigação, e ele tinha total liberdade, se assim o desejasse, de fazer o que bem entendesse; mas, ao agir assim, ele não estaria cumprindo a Lei, que declara que todos os que estão sob ela devem amar a Deus supremamente — mais do que amam a si mesmos — e devem ter tanto prazer em cumprir a vontade divina que sacrificariam de bom grado suas próprias vontades, sim, a própria vida.

Isso está implícito nas palavras: "Amarás o Senhor com todo o teu coração, mente, ser e força". Tal

[F357]
amor por Deus não hesitaria em entregar a vida, o ser e a força como um sacrifício voluntário ao plano divino. E assim, como declara o Apóstolo, tendo-se apresentado na forma de homem e compreendendo claramente o programa divino, nosso Senhor Jesus entregou-se sem reservas para ser o sacrifício pela humanidade. Sim! Está declarado que ele o fez com alegria, como lemos: "Deleito-me em fazer a tua vontade, ó meu Deus; a tua lei está no meu coração." (***Salmo 40:8***) O amor pelos homens, com quem ele se relacionara por meio de seu nascimento terreno, também foi um fator nesse caso; contudo, amá-los como a si mesmo não teria implicado em auto-sacrifício em favor deles. Tal sacrifício consistiu em amar os homens mais do que a si mesmo. Foi a obediência à primeira parte dessa Lei que envolveu o sacrifício do homem Cristo Jesus. Tudo isso, vemos, foi incidental ao cumprimento da aliança da Lei, pois ele nasceu sob a aliança da Lei e estava obrigado a todas as suas condições. Ele não poderia ter se tornado o herdeiro da promessa feita a Abraão, a não ser por meio dessa obediência, até a morte.

Mas outra coisa foi realizada por sua morte — outra coisa além de ele ter se mostrado digno de ser a Semente prometida de Abraão, competente e digno de abençoar o mundo. Essa outra coisa foi a *redenção* de Adão e de sua raça da sentença de morte original. No arranjo divino, as duas coisas foram efetivadas simultaneamente — pelo mesmo sacrifício; no entanto, precisamos distinguir claramente entre as duas. Nosso Senhor não apenas *cumpriu* a Aliança da Lei em sua obediência até a morte, mas, além disso, por meio do arranjo divino, ele *garantiu* uma Nova Aliança por meio da mesma morte. A Aliança da Lei, como vimos, comprovou sua dignidade pessoal, mas a Nova Aliança diz respeito à humanidade. A sentença de morte recaía sobre a raça, e a bênção permanente não poderia ter chegado à raça, a menos que, antes de tudo, essa sentença original tivesse sido cumprida e anulada. Somente então alguém poderia abençoar a raça ou ter autoridade para abençoá-la e elevá-la da morte para a vida; pois, até aquele momento, a sentença divina de morte pesava contra ela, e Deus não poderia, de forma alguma, absolver os culpados em detrimento de sua própria Lei. Quão bela é a economia divina

[F358]
que, em um único ato, não apenas pôs à prova o redentor quanto à sua dignidade para ser o libertador e elevador da raça, mas pagou o resgate pelo pai Adão e, assim, incidentalmente, por todos os seus filhos, que, de maneira natural, haviam compartilhado sua herança de pecado e morte! Já tratamos desse assunto e não entraremos aqui* em mais detalhes.

Nosso estudo aqui diz respeito à Lei divina. Vimos que a Lei do Sinai se estendia apenas à descendência natural de Abraão; que o restante do mundo foi deixado sem Deus, sem esperança, sem incentivos, sem encorajamentos, sem promessas — estrangeiros, forasteiros, foras da aliança. (***Ef 2:12***) Vemos que a Aliança do Sinai chegou ao fim no que diz respeito à grande prova e ao seu prêmio. Também vimos que uma nova Aliança foi garantida (***Hb 7,22***), tornada eficaz pelo sangue de Cristo; e agora nos perguntamos se essa Nova Aliança já entrou em vigor ou não e, em caso afirmativo, se uma nova Lei a acompanha ou não, assim como a Lei do Sinai acompanhou a Aliança da Lei. Respondemos que a Nova Aliança ainda não entrou em vigor, no que diz respeito ao mundo; que ela não entrará em vigor plena e completamente até a segunda vinda de Cristo; e que, como acabamos de ver, Israel segundo a carne estará entre os primeiros da humanidade a se beneficiar da Nova Aliança.

A Nova Aliança não apenas proclamará a paz no que diz respeito à maldição original, declarando que ela foi plenamente cumprida pelo redentor, e que todos os que vierem ao Pai por meio dele poderão, mediante obediência possível, obter a restauração da condenação original, mas, além disso, proclamará misericórdia para com o Israel carnal, adicionalmente condenado sob a Aliança da Lei. Ela dará a conhecer a toda criatura que não apenas a redenção foi providenciada no que diz respeito aos pecados passados, mas que todas as fraquezas e imperfeições sob as quais a raça humana ainda sofre serão perdoadas, e que, doravante, serão tratadas de acordo com o que realmente são, e serão ajudadas pelas leis da mediação de Cristo

---

*Ver Vol. V, Cap. xiv, xv.

[F359]
para se erguerem cada vez mais das atuais condições de morte mental, moral e física, para cima, para cima, para cima, até a plena perfeição da natureza humana, na qual serão capazes de passar pelo julgamento perante o Todo-Poderoso e de demonstrar caráter e dignidade para a vida eterna sob as leis de seu Reino. Esta nova aliança, portanto, inclui *toda* a misericórdia e o favor de Deus destinados a toda a humanidade durante a Era milenar. É a Aliança do perdão, da bênção e da restauração para todos aqueles que, quando seus olhos e ouvidos forem abertos, se valerem dessa graça de Deus em Cristo Jesus.

A Lei da Nova Aliança

Haverá uma Lei associada a essa Nova Aliança. Será a mesma Lei de Deus, que não muda, mas que já foi expressa de diversas maneiras, mais ou menos explícitas, em diferentes épocas. Continuará sendo a Lei que declara a oposição divina ao pecado, bem como o favor e a bênção divinos para os justos. Esse padrão absoluto estará sempre diante do mundo durante a Era Milenar, e cada um será obrigado a aproximar-se o máximo possível desse padrão perfeito; mas serão feitas *concessões* a cada um que se esforçar para obedecer, de acordo com a medida de sua fraqueza, a qual, nessas abençoadas condições de restauração, irá desaparecendo gradualmente, à medida que, passo a passo, ele avançar na obediência. Assim está escrito: "Esta é a aliança que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor: colocarei as minhas Leis em suas mentes e as escreverei em seus corações; [...] e não me lembrarei mais dos seus pecados e das suas iniquidades." ***Hb 8,10***; ***Jr 31,33-34***

Aqui temos o apagamento dos pecados e iniquidades passados, uma obra gradual durante a Era Milenar; e aqui, também, temos a obra gradual de reescrever a Lei divina nos corações dos homens — de quem quer que deseje. Essa reescrita da Lei divina no caráter dos homens é simplesmente outro método de nos falar da "restauração de todas as coisas que Deus falou pela boca de todos os santos profetas", a ser realizada naquele grande dia do reinado

[F360]
de Cristo. E não devemos esquecer a declaração explícita — "Acontecerá que a alma que não obedecer a esse Profeta [a alma que não se submeter a essa reescrita da Lei divina em seu caráter] será exterminada do meio do povo." ***Atos 3:23***

Mas agora voltemos ao assunto: temos considerado a operação da Nova Aliança durante a Era Milenar — durante o tempo em que aquele que redimiu o mundo estará exercendo seu poder e autoridade como o grande Profeta, o grande Mestre, abençoando o mundo por meio de processos de restauração, reescrevendo nos corações dos homens o caráter divino. Agora, porém, nos perguntamos a respeito do intervalo — entre o cancelamento da Aliança da Lei, em seu cumprimento em Cristo Jesus, nosso Senhor, e a inauguração das condições da Nova Aliança da era milenar — o que dizer desse intervalo? Existe alguma Aliança em vigor aqui? E, se sim, há alguma Lei associada a ela? Respondemos que, durante esse intervalo da era evangélica, o Senhor está selecionando os membros da nova criação, e que uma aliança está agora em vigor, em operação, e que ela possui uma Lei. Para compreender isso, devemos lembrar as palavras do Apóstolo: "A Lei foi acrescentada por causa da transgressão, até que viesse a Semente prometida." Vemos, portanto, que a Aliança da Lei dada no Sinai foi um acréscimo a uma Aliança anterior; e, olhando para trás, percebemos que a Aliança de Abraão foi a original e que ela permaneceu por quatrocentos e trinta anos antes que a Aliança da Lei fosse *acrescentada*. O apóstolo chama a atenção para isso, dizendo que "a Lei, que veio quatrocentos e trinta anos depois", não podia anular a aliança original nem torná-la ineficaz. ***Gálatas 3:19, 17***

Assim, vemos que, quando a Aliança da Lei foi cumprida por nosso Senhor Jesus, ela deixou a Aliança abraâmica original exatamente como estava antes de a Aliança da Lei ter sido acrescentada. Essa Aliança abraâmica é aquela sob a qual a Nova Criação está sendo desenvolvida. Essa promessa ou Aliança abraâmica diz: "Em ti e na tua Semente serão abençoadas todas as famílias

[F361]
da terra serão abençoadas". O apóstolo explica que essa Semente de Abraão mencionada na promessa é Cristo — Cristo Jesus, nosso Senhor; e acrescenta: "Se vós sois de Cristo [se vos tornardes membros, em particular, do corpo de Cristo], então sois semente de Abraão e herdeiros segundo a promessa" ou a aliança. ***Gálatas 3:16, 29***

Agora, então, temos nosso ponto de referência, pois o apóstolo diz novamente: "Vós, irmãos, assim como Isaque, sois os filhos da promessa" — em um sentido totalmente diferente daquele em que os judeus estavam sob a Lei. Ele aponta claramente a distinção entre este Israel espiritual e o Israel natural, dizendo-nos que os filhos de Jacó segundo a carne não são os filhos de Abraão a que se refere a promessa; mas que os filhos da fé são contados como a Semente. Ele explica que Abraão simbolizava o Pai celestial; que Sara, sua esposa, simbolizava essa aliança original, da qual, em última instância, tantas bênçãos viriam a brotar; mas que, assim como Sara foi estéril por um tempo e não conseguiu dar à luz a semente da promessa, da mesma forma a aliança de Deus permaneceu estéril por quase dois mil anos e só começou a dar à luz a Semente da promessa na ressurreição de nosso Senhor dentre os mortos. Foi ali que nasceu a Cabeça da Semente de Abraão e, por fim, todo o corpo de Cristo, o Isaque antitípico, será *entregue* ("nascido dentre os mortos") à condição espiritual. Então, tendo vindo a Semente, a promessa, ou a aliança, terá seu cumprimento — todas as famílias da terra serão abençoadas.

Foi durante a esterilidade dessa aliança original que outra aliança foi *acrescentada*, a saber, a aliança do Sinai ou judaica, ou aliança da Lei. Ela gerou filhos — uma semente carnal, não de acordo com a promessa, inadequada para cumprir a promessa original. O apóstolo ressalta que essa Aliança da Lei foi tipificada pela serva de Sara, Hagar, e que os judeus sob essa Aliança da Lei foram tipificados por Ismael, seu filho; e que, como Deus disse que o filho da serva (Hagar) não seria herdeiro junto com o filho da mulher livre (Sara), isso significava, antitipicamente, que o judeu sob a Aliança da Lei não herdaria a

[F362]
promessa original a Abraão, que deve recair sobre a Semente espiritual. Tudo isso é detalhado de forma belíssima e elaborada pelo apóstolo em sua carta aos ***Gálatas. (Cap. IV)*** O argumento do apóstolo é contra o falso ensinamento de que os cristãos devem se tornar judeus e submeter-se à Lei mosaica para serem herdeiros da promessa original a Abraão.

Paulo mostra que, ao contrário, todos os que estão sob a Lei estão em servidão, e que a Semente espiritual de Abraão deve ser livre, como Isaque era — ao contrário de Ismael. Seu argumento prossegue dizendo que, se algum gentio, que originalmente não estava sob a Lei, se submeter à Aliança da Lei do Sinai, estará, assim, separando-se da verdadeira Semente de Abraão e tornando-se um ismaelita antitípico. As palavras do apóstolo são: "Eu, Paulo, vos digo que, se vos circuncidardes, Cristo de nada vos aproveitará; pois testifico novamente a todo homem que se circuncida que ele é devedor de cumprir toda a Lei; Cristo se tornou sem efeito para vós, todos quantos de vós sois justificados pela Lei — caístes da graça." Em oposição a isso, ele exorta os judeus que se libertaram da escravidão da aliança da Lei por meio da morte de Cristo, e os gentios que nunca estiveram sob a aliança da Lei, mas que agora aceitaram a Cristo e a aliança da Graça, dizendo: "Permanecei, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou, e não vos submetais novamente ao jugo da escravidão." ***Gálatas 5:1-4***

Vemos, então, que é a "nova criação", com Cristo à sua frente, que constitui a Semente de Abraão de acordo com esta aliança original, ou Abraâmica, e que é para abençoar o mundo por meio da redenção e da restauração. Também não nos surpreende que, no tipo, assim como nas figuras utilizadas pelo Senhor e pelos apóstolos, a nova criação seja representada, por vezes, como *um homem* de estatura completa — a cabeça representando Cristo Jesus, e os membros representando a Igreja, membros em particular do seu corpo. (***Ef 4:13***; ***Cl 1:18***) Assim, "Vós, irmãos, assim como Isaque, sois os filhos da promessa"

[F363]
— membros do Isaac antitípico, do qual Jesus é a Cabeça. Nosso Senhor também se representa como o Noivo, e sua fiel Igreja como sua noiva, aguardando o casamento, para que ela se torne a Noiva. O Apóstolo usa a mesma figura, declarando: "Eu vos desposo como uma virgem casta a um único marido, que é Cristo." (***Apocalipse 21:2***; ***2 Coríntios 11:2***) E essa mesma figura da relação matrimonial entre Cristo e a Igreja é representada também no tipo, pois Abraão enviou seu servo, Eliezer (que simbolizava o espírito santo), para buscar uma noiva para Isaque — e Rebeca, aceitando de bom grado a proposta, foi guiada, por fim, até Isaque e tornou-se sua esposa, assim como nós somos chamados a ser herdeiros de Deus e co-herdeiros com Jesus Cristo, nosso Senhor, na herança incorruptível, imaculada e que não se desvanece. Seja qual for dessas imagens que examinemos, a lição é a mesma — que Cristo, Cabeça e Corpo, Noivo e Noiva, unidos em um só, é o herdeiro da Aliança de Abraão e de todas as promessas e coisas boas nela contidas.

O apóstolo declara que o Monte Sinai e a Jerusalém terrena simbolizavam e tipificavam o Israel natural, que não conseguiu alcançar a bênção espiritual. O remanescente do Israel natural, considerado digno da bênção espiritual, foi separado do Israel segundo a carne e tornou-se membro do verdadeiro Israel de Deus, o co-herdeiro com o Cristo ressuscitado das coisas celestiais que Deus ainda reserva para aqueles que o amam; e tanto esse remanescente do Israel carnal quanto os demais da mesma classe espiritual que Deus, desde então, chamou dentre os gentios, possuem símbolos mais elevados do que o Sinai e Jerusalém; a saber, o Monte Sião e a Jerusalém celestial, cuja imagem simbólica em glória nos é apresentada em ***Apocalipses 21***.

Tendo estabelecido claramente o fato de que a nova criação, nos desígnios e alianças divinos, é separada e distinta, não apenas do mundo em geral, mas também separada e distinta do Israel carnal, e tendo estabelecido também o fato de que a nova criação não está sob a

[F364]
A Aliança do Sinai ou a Aliança da Lei; mas, no que diz respeito à Aliança original, perguntamos: Que Lei, então, está ligada à Aliança de Abraão? Que Lei rege a nova criação? O Apóstolo responde, dizendo: "Vocês não estão sob a Lei, mas sob a graça". O quê! É possível? As novas criaturas em Cristo Jesus não estão sujeitas a nenhuma Lei de mandamentos? Os Dez Mandamentos do Decálogo não são vinculativos para elas? Em resposta, fazemos outra pergunta: os Dez Mandamentos eram vinculativos para Abraão ou para Isaque? Se a resposta for "Não", ou seja, que eles não lhes foram dados e que, portanto, não estavam sob essa Lei, nossa resposta é que esses mandamentos também não foram dados à Nova Criação; e que todos os que estabelecem um relacionamento com Deus como membros da classe espiritual chamada "o Corpo de Cristo" e "novas criaturas em Cristo Jesus" estão livres da condenação e livres da aliança da Lei.

A posição dessa nova criação em relação a Deus, à Sua Lei etc. é separada e distinta da dos demais. Eles têm uma posição nova e imputada perante Deus — pela fé —, uma posição de justificação ou retidão imputada, como já vimos. Essa retidão atribuída, imputada a eles por meio do mérito do sacrifício de Cristo, não apenas cobre as imperfeições do passado, mas permanece com eles como um manto de justiça que os cobre e os justifica, por cujo mérito todo defeito e imperfeição não intencionais de palavra, pensamento ou ação são cobertos. Como novas criaturas, todos estão figurativamente vestidos com vestes brancas — a justiça dos santos, a justiça imputada do redentor, sua Cabeça. Essas Novas Criaturas são aceitas em sua posição e relação como membros do Corpo de Cristo mediante sua profissão de amor. A declaração de sua consagração é que apreciam tanto a misericórdia e a graça de Deus, manifestadas na morte de seu Filho, e sua justificação por meio dele, e *amam* tanto o Doador de todas as suas bênçãos, que têm prazer em apresentar seus corpos como sacrifícios vivos, em harmonia com o convite divino.

Essa consagração, ou sacrifício de interesses, esperanças, objetivos e ambições terrenas, é motivada, não pelo medo nem

[F365]
pelo amor egoísta à recompensa, mas por um amor puro — pela apreciação do amor divino e por um amor recíproco que deseja manifestar-se para com Deus e em cooperação com todo o seu maravilhoso plano. Sendo essas confissões de amor e devoção aceitas pelo Senhor, seu espírito é concedido, e tais pessoas são consideradas filhos de Deus, gerados pelo espírito santo. "Amados, agora somos filhos de Deus; e ainda não se manifestou o que seremos [quão grande será a transformação que experimentaremos quando recebermos os novos corpos de ressurreição, que o Senhor nos prometeu], mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, pois o veremos como ele é [e esse pensamento nos satisfaz]." ***1º João 3:2***

Será que o Pai celestial submeteu seus filhos angelicais à Lei do Sinai? Será que Ele os adverte de que não terão outros deuses; de que não farão imagens nem as adorarão; de que não cobiçarão, nem roubarão, nem darão falso testemunho, nem matarão, etc.? Respondemos: Não; certamente Ele não impôs tal lei aos seus filhos angelicais. Então, por que deveríamos esperar que tal lei fosse dada à Nova Criação? O Pai celestial não aceitou essas novas criaturas como seus filhos? E não lhes concedeu do seu espírito? Seria necessário, então, dar tais leis àqueles que receberam o espírito santo em substituição à sua própria disposição natural egoísta, ou vontade? Podemos ver a adequação de submeter servos a leis, pois eles não têm interesse vital no bem-estar geral e podem não possuir plenamente o espírito ou a disposição de seu mestre; mas, supondo um mestre perfeito e supondo filhos perfeitos, totalmente imbuídos do seu espírito, que se deleitam em fazer sua vontade e se regozijam em ser seus colaboradores em todos os seus planos graciosos, como seria necessário que tal pai submetesse tais filhos a tais leis?

"Moisés, na verdade, foi fiel como servo sobre toda a sua casa", e aquela casa de servos estava devidamente sujeita à Lei mosaica, "acrescentada por causa da transgressão, até que viesse a Semente prometida". Jesus, segundo a carne, esvaziou-se a si mesmo e tornou-se servo, um

[F366]
servo, sujeito à Lei, para que pudesse demonstrar não apenas que a Lei era justa, mas também sua própria perfeição segundo a carne, e para que pudesse ser o redentor do mundo. Foi quando ressuscitou dentre os mortos e se tornou "o primogênito dentre os mortos" que se tornou o primogênito de muitos irmãos — a Cabeça da nova criação. De acordo com a carne, ele estava sob a Lei, mas a Nova Criatura, o Senhor ressuscitado, não está sob a Lei, e é ele quem se tornou a Cabeça da nova casa dos filhos; "Cristo, como Filho, sobre a sua própria casa [de filhos], da qual somos parte se nos mantivermos firmes", etc. E embora ainda estejamos na carne, como novas criaturas, não somos *da* carne e não somos tratados como se fôssemos da carne — não somos tratados por Deus como o restante do mundo é tratado; mas como novas criaturas, que, por enquanto, peregrinam na carne como em um tabernáculo ou tenda, aguardando a adoção, a saber, a libertação de todo o nosso corpo, para estarmos com e sermos semelhantes à nossa Cabeça já glorificada. "Vós não estais [considerados por Deus como estando] na carne, mas no espírito, se é que o Espírito de Cristo habita em vós." ***Rom. 8:8,9***

Ninguém pode compreender claramente este assunto, a menos que adote esse ponto de vista divino ao analisá-lo. Essas Novas Criaturas, todas geradas pelo espírito santo, não poderiam sequer pensar em ter outro deus além de um; não poderiam pensar em fazer imagens ou adorá-las; não poderiam pensar em blasfemar contra o nome de Deus; não poderiam pensar em roubar dos outros — prefeririam muito mais dar; não poderiam sequer pensar em prestar falso testemunho contra outra pessoa — muito antes, o amor que há nelas procuraria cobrir e ocultar as imperfeições, não apenas dos irmãos, mas do mundo em geral; eles não poderiam sequer pensar em matar um semelhante — muito antes, dariam vida aos outros e isso mais abundantemente — sim, o espírito santo os levaria a dar a vida pelos irmãos, assim como o mesmo Espírito Santo levou o Capitão da nossa salvação a se entregar como o resgate por todos. Não vemos, então, que se Deus tivesse dado uma lei à nova criação, à casa dos filhos, semelhante à que deu à casa dos servos, ela teria

[F367]
totalmente inadequada — completamente imprópria? Os membros dessa "casa dos filhos" não poderiam estar sujeitos a tal lei sem perder o espírito santo, sem deixar de pertencer à nova criação; "Pois, se alguém não tem o *espírito* [mente, disposição] de Cristo, esse não é dele." ***Rom. 8:9***

Mas como essas novas criaturas podem ficar sem uma lei — sem algumas normas? Respondemos que a expressão mais elevada da Lei divina é o Amor. Os mandamentos de Deus são tão abrangentes, tão penetrantes, tão profundos que penetram até as juntas e a medula, que não podem ser cumpridos no sentido completo e absoluto, a não ser pelo Amor. Se pudéssemos supor que cada item da Lei fosse cumprido rigorosamente, mas que o *espírito* de devoção amorosa a Deus estivesse ausente, a Lei divina não seria satisfeita. Pelo contrário, o Amor é o cumprimento da Lei, e onde o Amor reina, cada item e cada aspecto do arranjo divino será buscado e obedecido de todo o coração, da melhor maneira possível pela criatura; não por coação, mas por alegria, por amor.

Tal amor por Deus e por sua justiça a Nova Criação professou na consagração; e o Amor ali tornou-se sua Lei, e ela está firmemente ligada a essa Lei do Amor — até a morte. Qualquer falha em obedecer a essa Lei é uma violação, nessa medida, da relação de aliança. Assim como a obediência a essa Lei do Amor, na medida do conhecimento e da capacidade, significa auto-sacrifício e vitória sobre o espírito do mundo, as fraquezas da carne e as oposições do adversário — sendo que a graça do Senhor compensa as falhas não intencionais e torna tais pessoas vitoriosas por meio de seu próprio nome e mérito —, assim, por outro lado, a desobediência deliberada a ela, a violação deliberada e persistente dessa Lei do Amor, significaria a perda do espírito de adoção — significaria a extinção do espírito santo, significaria que a nova criatura havia morrido, *havia deixado de existir*.

O apóstolo aborda esse ponto de como a graça compensa todas as nossas imperfeições e faz e responde a uma pergunta hipotética, dizendo: "Continuaremos no pecado para que a graça abunde? De modo nenhum! Como nós, que estamos mortos para o pecado, poderíamos continuar vivendo nele?" (***Rom. 6:1,2***) Em nossa

aceitação do perdão em Cristo, professamos que estávamos cansados do pecado e que, no que diz respeito à nossa *vontade*, ela havia morrido para o pecado e iniciado uma nova vida de justiça. Assim como nossa vida para com Deus e nossa justiça, como novas criaturas, implicavam nossa morte para o pecado, da mesma forma, se alguma vez voltássemos a viver para o pecado a ponto de nossa vontade, nosso coração e nosso amor se voltarem para o pecado e a injustiça, isso certamente significaria que havíamos morrido como novas criaturas; que não seríamos mais considerados por Deus ou por seu povo como novas criaturas em Cristo Jesus, de quem as coisas antigas já passaram, e para quem, pelo menos no que diz respeito à vontade, todas as coisas se tornaram novas.

É apropriado, no entanto, que façamos aqui uma pausa para observar a diferença entre um mero tropeço da carne e uma queda *deliberada* da graça, depois de termos provado a boa Palavra de Deus e os poderes da era vindoura, e nos tornarmos participantes do espírito santo — uma queda da qual seria impossível nos recuperarmos. (***Hb 6:4-6; 10:26***) Devemos distinguir claramente entre esses dois casos, pois são totalmente diferentes. Um tropeço da carne significa meramente que nossos corpos mortais foram levados a cometer uma falta por causa da fraqueza hereditária ou por causa das investidas do adversário; mas que a vontade, o coração, não consentiu de forma alguma, ou não consentiu plenamente com a carne. É verdade que tais tropeços devem ser lamentados, combatidos, etc.; no entanto, pela graça de Deus, às vezes tornam-se uma ajuda no desenvolvimento do caráter. Assim, aprendemos a não confiar em nós mesmos, a não nos vangloriarmos de nossa própria força; mas a compreender que a vitória que vence o mundo é obtida por meio da fé; portanto, quando, com tristeza, a nova criatura constata que, em certa medida, sua carne tropeçou, ela deve fortalecer-se na linha de fraqueza assim indicada e tornar-se mais forte no Senhor e no poder de seu poder, e menos propensa a tropeçar novamente em relação à mesma tentação.

Assim, passo a passo, aprendemos, como novas criaturas, a não depositar nossa confiança na carne, mas a olhar para o Senhor, de quem vem nosso socorro em todo momento de necessidade — lembrando-nos sempre de que ainda somos novas criaturas, e que

porque ainda vivemos sob o mérito do sacrifício de Cristo pela fé e ainda nos esforçamos para cumprir nossa Aliança de Amor até o auto-sacrifício, de modo que, como disse o mestre: "O próprio Pai vos ama". Devemos ter bom ânimo e lembrar que a nova criatura não peca — que o pecado não é imputado à nova criatura e que, portanto, enquanto estivermos lutando contra o pecado, ninguém pode imputar nada aos escolhidos de Deus — porque "é Deus quem justifica... foi Cristo quem morreu". ***Rom. 8:33,34***

Crescimento na Compreensão da Lei Perfeita

Embora a Lei do Amor tenha sido o fundamento de nossa Aliança com o Senhor, sob a qual nos tornamos novas criaturas, no entanto, a princípio não compreendemos plenamente essa Lei. Desde então, temos estado na escola de Cristo, aprendendo o verdadeiro significado do Amor em sua plenitude, em sua totalidade, crescendo na graça e no conhecimento, acrescentando à nossa fé os diversos elementos e qualidades do amor — mansidão, paciência, bondade fraternal, etc. Estamos sendo provados no que diz respeito ao amor, e nosso exame final incidirá especialmente sobre esse ponto. Somente aqueles que alcançarem o amor perfeito, o amor abnegado, serão considerados dignos de fazer parte da nova criação, membros do Corpo de Cristo.

Correndo em direção aos Marcos e permanecendo firmes neles

O Apóstolo, em outra ilustração, representa nossas experiências atuais como uma pista de corrida; e nos exorta a deixar de lado todo peso e todo pecado que nos assedia, toda fraqueza da carne e toda ambição terrena, para que possamos correr com paciência a corrida que nos foi proposta no evangelho — para que alcancemos a *meta* do prêmio; e que, tendo feito tudo isso, *permaneçamos* — fiéis nessa meta, completos em Cristo. (***Fil. 3:13,14***; ***Hb 12:1***; ***Ef 6:13***) Isso nos traz à mente a imagem de uma pista de corrida, com suas marcas do primeiro, segundo, terceiro e quarto quartos, e as tentações, dificuldades, oposições e seduções ao longo do percurso, e de nós mesmos dando a largada nessa corrida, desejando alcançar a meta do Amor perfeito — sabendo que, a menos que alcancemos essa

[F370]
meta, não seremos cópias do amado Filho de Deus e, portanto, não poderemos, no sentido mais amplo, agradar a Deus; e, consequentemente, não poderemos ser co-herdeiros com Jesus no Reino. Toda a pista de corrida é Amor, da largada até a chegada. Ao entrarmos na largada, é com Amor agradecido para com Deus por seu favor para conosco em Cristo, no perdão de nossos pecados. É esse *amor de dever* que, no início, nos leva a apresentar nossos corpos como sacrifícios vivos. Dizemos a nós mesmos que, se Deus fez tanto por nós, devemos demonstrar nossa gratidão: Cristo entregou sua vida por nós, e devemos entregar nossas vidas pelos irmãos.

Esse "devemos", ou amor do dever, é bastante adequado, razoável e verdadeiro, mas não é suficiente. Ele deve, por sua vez, nos conduzir a um tipo de Amor ainda mais elevado; e, quando chegamos à primeira marca de um quarto da corrida, ainda temos o amor do dever, mas, além dela, já alcançamos um amor de gratidão. Aprendemos a valorizar melhor o Amor divino — a perceber que o Amor de Deus não era, em nenhum sentido da palavra, egoísta, mas a manifestação de seu caráter grandioso e nobre. Passamos a valorizar algo da justiça divina, da sabedoria divina, do poder divino, do amor divino; e, ao contemplarmos essas qualidades de nosso Criador, passamos a amá-las e, a partir daí, praticamos a justiça, não apenas porque é nosso dever, mas porque amamos a justiça.

Avançando ainda mais na pista de corrida, chegamos ao segundo marco de um quarto do percurso e descobrimos que, a essa altura, não apenas aprendemos a amar a retidão, mas, proporcionalmente, estamos aprendendo a odiar o pecado; e encontramos em nossos corações uma simpatia crescente pelo programa divino de fazer recuar a grande onda de pecado que submergiu o mundo e trouxe consigo seu salário de morte. Essa segunda marca gera em nós uma energia, um "avivamento", uma atividade em prol da retidão e contra o pecado.

Nosso amor está crescendo, e seguimos em frente rumo à terceira etapa. Quando a alcançamos, nosso amor pelo dever, somado ao amor pelos princípios da justiça, já se estendeu não apenas ao caráter divino, incluindo a aversão a tudo o que é perverso, que causa dano à humanidade e contraria o caráter e o plano divinos, mas, nessa etapa, alcançamos

[F371]
uma posição de simpatia mais ampla pelos outros — começamos a compartilhar o sentimento de Deus, não apenas de oposição ao pecado, mas também de amor e simpatia por todos os que buscam o caminho da retidão e da santidade. A essa altura, somos capazes de reconhecer os irmãos sob uma luz um tanto diferente do que jamais vimos antes. Agora podemos vê-los como novas criaturas e diferenciar entre *eles* e seus corpos mortais, cujas imperfeições são óbvias para nós. Aprendemos a amar os irmãos como novas criaturas e a ter compaixão por eles em relação às diversas fraquezas, erros de julgamento etc. de sua carne. Nosso amor por eles se torna tão intenso que temos prazer em dar a vida por eles — diariamente, a cada hora, sacrificando nossos próprios interesses, prazeres ou conveniências terrenas, dedicando nosso tempo, nossa influência ou o que for necessário para ajudá-los ou servi-los.

Mas ainda assim seguimos adiante nessa trajetória e em direção à "meta", pois há um amor ainda mais elevado do que esse que devemos alcançar — o quarto e último marco — "a meta do prêmio". Que amor é esse? Como pode ser maior do que o amor abnegado pelos irmãos, em plena devoção a Deus e aos princípios da justiça e do amor? Respondemos que esse amor ainda maior é o tipo que o Senhor estipulou, quando diz que devemos aprender a amar até mesmo nossos inimigos. Foi enquanto éramos inimigos, estrangeiros, afastados de Deus por causa de obras perversas, que "Deus amou tanto o mundo"; foi enquanto ainda éramos pecadores que Ele entregou Seu Filho Unigênito em nosso favor. Esse é o padrão do *amor perfeito*, e não devemos nos deter antes de alcançá-lo. Quem quiser ser aceito pelo Senhor como membro da nova criação na glória deve alcançar esse amor aos inimigos.

Não que deva amar seus inimigos *como* ama os irmãos, pois esse não é o padrão que nos foi estabelecido — Deus não ama seus inimigos *como* ama seus filhos, seus amigos; e Jesus não amou seus inimigos *como* amou seus discípulos. Mas Deus amou seus inimigos de tal forma que estava pronto e disposto a fazer por eles tudo o que pudesse ser feito com justiça; e Jesus amou seus inimigos de tal forma que estava sinceramente disposto a fazer o bem a eles — ele não nutre inimizade nem rancor contra eles em troca do ódio deles,

[F372]
mas está pronto para derramar sobre eles, no tempo devido, suas bênçãos milenares, para que todos cheguem ao conhecimento da verdade, e para que até mesmo aqueles que o traspassaram possam olhar para ele e chorar quando Deus derramar sobre eles o espírito de oração e súplica, no tempo devido. (***Zac. 12:10***) Devemos ter o amor pelos inimigos que nosso Senhor descreve, dizendo: "Amai os vossos inimigos, abençoai aqueles que vos amaldiçoam, fazei o bem àqueles que vos odeiam e orai por aqueles que vos maltratam e perseguem." (***Mateus 5:44***) Não devemos permitir que nenhuma amargura, animosidade ou rancor de qualquer tipo habite em nossos corações. Eles devem estar tão cheios de amor que nem mesmo um inimigo possa despertar em nossos corações um sentimento maligno ou malicioso.

Oh, quanta longanimidade e bondade fraternal estão implícitas em tal nível de caráter, que não encontraria nada, nem mesmo em um inimigo, que o levasse à malícia, ao ódio ou à contenda! E essa é a "meta" pela qual devemos correr, como novas criaturas. Professamos apreço por esse espírito de amor; professamos devoção a ele; realizamos a consagração de nossas vidas de acordo com seus princípios; e agora estamos sendo testados para ver até que ponto nossas profissões eram verdadeiras. O Senhor, com grande graça, nos concede tempo para correr esta corrida, para desenvolver esse caráter. "Ele conhece a nossa constituição, lembra-se de que somos pó." No entanto, é essencial para nós que nos conformemos a esses arranjos se quisermos ser co-herdeiros com o amado Filho de Deus, como membros da nova criação.

Nosso Senhor Jesus, o Capitão da nossa salvação, não precisava correr esta corrida; não precisava desenvolver essas diversas características do Amor; pois, sendo perfeito, Ele já as possuía em perfeição desde o início de Sua trajetória. Sua provação consistia em saber se ele permaneceria firme nesses princípios e características, se continuaria a amar a Deus e a justiça acima de tudo, se continuaria a amar os irmãos a ponto de dar a vida por eles e se continuaria a amar seus inimigos a ponto de se deleitar em fazer-lhes o bem; se ele permaneceria firme no padrão do amor perfeito. Sabemos como ele demonstrou sua lealdade ao amor em todos os seus graus, ao

[F373]
ele deu a vida, não apenas por seus amigos, mas também por seus inimigos, que o crucificaram. Essa experiência também deve ser a nossa. Devemos alcançar o padrão do amor perfeito em nossos corações, mesmo que, em nossa carne, nem sempre sejamos capazes de expressar plenamente os sentimentos de nossos corações.

Alguns podem correr a corrida muito rapidamente — passando, um após o outro, por esses marcos de um quarto de milha, e podem alcançar rapidamente a posição do amor perfeito. Outros, imbuídos de menos zelo, ou olhando com menos intensidade para o Autor da nossa fé, fazem um progresso mais lento na corrida e, por anos, contentam-se com o amor do dever, ou talvez avancem um pouco mais até o amor pelo caráter divino e pelos princípios da justiça. Notavelmente poucos foram além disso para alcançar ainda mais o amor aos irmãos, o que os faria regozijar-se nas abnegações, se com isso pudessem servir à família da fé; e ainda menos chegaram ao ponto do amor perfeito
— o amor pelos inimigos, que não apenas os impediria de prejudicá-los, seja com palavras ou com atos, mas também os levaria a se alegrar com a bênção deles. Se o Senhor tem sido muito paciente conosco, dando-nos oportunidades abundantes para alcançarmos a "meta", devemos nos alegrar com sua compaixão e nos empenhar ainda mais agora para alcançar a "meta do prêmio", lembrando-nos de que o tempo é curto e de que nada menos do que esse caráter de Amor perfeito será aceito pelo Pai na nova criação.

Assim como nosso Senhor foi provado na "meta" do amor perfeito, assim todos nós seremos provados depois de alcançá-la. Não devemos, portanto, esperar alcançar essa "meta" apenas com o último suspiro de vida, mas o mais rápido possível. A medida de nosso zelo e amor será indicada a Deus e aos irmãos pela rapidez com que alcançarmos essa "meta".

As palavras do apóstolo: "Tendo feito tudo, permaneçam firmes" (***Ef 6,13***), implicam que, depois de alcançarmos a "marca" do amor perfeito, ainda haverá muitas provações para nós — provações de fé, provações de paciência, provações de todos os diversos elementos do amor. O mundo não é amigo da graça, para nos ajudar a seguir na direção certa; Satanás ainda é nosso adversário e será capaz de suscitar muita oposição — para nos forçar a recuar

[F374]
da posição alcançada. Esse é o nosso teste. Devemos nos apegar firmemente a tudo o que alcançamos; devemos "avançar em direção à meta" até que isso nos custe nossa vida terrena — entregando nossas vidas a serviço de Deus pelos irmãos e praticando o bem a todos os homens, sempre que tivermos oportunidade. "Fiel é aquele que nos chamou", que nos promete socorro e toda a assistência necessária neste caminho. Sua graça nos basta. ***1 Tess. 5:24***; ***2 Cor. 12:9***

Essa Lei do Amor, como já vimos, é também a lei dos filhos angelicais de Deus — sua obediência à vontade divina e sua harmonia mútua baseiam-se inteiramente nela. E embora, durante a Era Milenar, leis e ordenanças, regulamentos e exigências sejam impostos ao mundo da humanidade para conduzi-la adiante sob os abençoados arranjos do Reino Milenar, no entanto, aqueles que, ao final da Era Milenar, forem considerados dignos da *vida eterna*, podemos ter certeza de que terão ido além da mera obediência às leis e exigências — terão gravado em seus corações a Lei original de Deus, a obediência, e a Lei do Amor, que faz parte do caráter divino. Esses filhos de Deus da restauração, no plano humano, então aceitos por Ele, também terão todos esse espírito de Amor, sem o qual seria impossível para eles agradarem a Deus; pois Ele busca aqueles que O adoram em espírito e em verdade. Assim, vemos que, embora tanto o céu quanto a terra devam ter uma lei e exijam obediência a ela, o padrão divino de obediência é tão superior às nossas ideias e padrões terrenos e imperfeitos que uma única palavra — Amor — expressa toda a Lei de Deus, à qual todos os seus filhos, em todos os planos da vida, estarão sujeitos. Quão maravilhoso e glorioso é o caráter e o plano do nosso Deus! O amor é o cumprimento de Sua Lei, e não podemos conceber Lei mais elevada do que essa.

Até agora, tratamos do assunto de forma abstrata. Queremos agora observar que a nova criação, enquanto ainda habita na carne e está mais ou menos sujeita às suas fraquezas, oposições etc., deve regular a si mesma,

[F375]
sua conduta uns para com os outros e para com o mundo, por meio dessa Lei do Amor, o Novo Mandamento, que o Senhor deu a todos aqueles que se tornam seus seguidores, e que supera até mesmo as exigências da

Regra de Ouro.

O ouro, como já vimos, é um símbolo do que é divino; portanto, a Regra de Ouro é a regra divina. Trata-se, na verdade, de uma regra de Justiça, e não de Amor. A aproximação mais próxima dessa Lei da Justiça que o homem natural pode apreciar atualmente — o padrão mais elevado conhecido pelo homem natural — é: "Não farás ao teu próximo aquilo que não gostarias que o teu próximo te fizesse". Isso é, no máximo, bondade negativa; mas a Regra de Ouro, que ninguém além da nova criação pode, no momento, apreciar — ou mesmo compreender —, é de natureza positiva: "Fazei aos outros o que gostaríeis que lhes fizessem". Isso é bondade positiva, mas meramente Justiça. Se os membros da nova criação, às vezes, deixarem de cumprir todos os aspectos dessa Regra de Ouro, a simples lei da Justiça, isso deve ser motivo de profundo pesar e desgosto para eles, a menos que sejam meramente "bebês" nesse novo caminho. E se qualquer violação dessa regra trouxer dor e arrependimento, é um sinal claro de que a violação não foi intencional, não partiu do coração, não foi uma violação de princípio por parte da nova criatura, mas, no máximo, uma violação tolerada ou cometida por descuido pela carne, contrária aos desejos do espírito ou à intenção. No entanto, na mesma medida em que a nova mente estiver viva para com Deus e zelosa em fazer a Sua vontade, nessa mesma medida ela será ágil, alerta e enérgica na proteção do "vaso de barro" no qual reside. Ela vestirá a armadura de Deus, para que seja capaz de travar o bom combate contra as fraquezas da carne. Ela insistirá para que, se um erro tiver sido cometido, seja em palavra ou em ação, uma reparação, com juros, seja, se possível, prontamente prestada: para que, assim, o "vaso de barro", ao se ver confrontado e envergonhado, torne-se menos ativo em sua oposição à nova mente.

[F376]

Essa lei divina afeta o relacionamento da nova criatura com Deus. Ele reconhece o significado da expressão: "Ame o Senhor com *todo* o seu coração, com *toda* a sua mente, com *todo* o seu ser, com *todas* as suas forças". Ele não encontra aqui espaço para o eu, a não ser que esse eu esteja em plena harmonia com Deus. Isso afeta seu relacionamento com os irmãos, pois como poderia ele amar a Deus, a quem não viu (exceto com os olhos da fé), se não ama os irmãos que têm o espírito de Deus e a quem viu com a visão natural? (***1º João 4:20,21***) À medida que aprende a ponderar cuidadosamente em seu relacionamento com eles, a fazer por eles e para com eles o que gostaria que fizessem por ele e para com ele, ele descobre que isso provoca uma grande transformação em sua vida; que essa não é, de forma alguma, a regra ou a lei sob a qual ele próprio e os outros estavam acostumados a viver, pensar, agir e falar.

Ele descobre que, assim como gostaria que os irmãos agissem com bondade para com ele e falassem gentilmente com ele, assim também deve falar e agir com bondade e gentileza para com eles. Assim como gostaria que eles fossem pacientes com suas imperfeições e fraquezas, e que cobrissem esses defeitos humanos com o manto da caridade, assim também deve agir para com eles. Ele percebe que, assim como não gostaria que os irmãos falassem mal dele, mesmo que o mal fosse verdade, assim ele deve ser bondoso e afetuoso para com eles e "não falar mal de ninguém", mas "fazer o bem a todos", especialmente à família da fé. Assim como não gostaria que os outros esperassem dele mais do que ele pudesse razoavelmente fazer, assim ele não esperaria dos outros mais do que eles pudessem razoavelmente fazer. O mesmo princípio funciona também em relação ao mundo e aos seus assuntos. Todo o curso da vida é, assim, gradualmente transformado; e, como sugere o Apóstolo, essa transformação ocorre na medida em que "contemplamos a glória do Senhor" — na medida em que passamos a apreciar e aprendemos a imitar a grandeza do caráter divino, regido por essa Regra de Ouro da justiça perfeita, aliada ao amor abundante.

À medida que nossas novas mentes e novas vontades, geradas pelo espírito santo, se desenvolvem, elas são gradualmente "transformadas de glória em glória" na qualidade do coração; e, assim transformados em nossos corações, nossas mentes, nossas vontades, nossas intenções (e, na medida do possível, também

[F377]
externamente), tornamo-nos aptos ou "dignos", de acordo com a promessa divina, para a grande e definitiva *transformação* da ressurreição, quando aquilo que é semeado em fraqueza e corrupção será ressuscitado em poder e glória, uma nova criação espiritual — o Cristo de Deus. Vários conselhos bons e úteis, admoestações e sugestões nos são dados pelos apóstolos e repetidos e endossados por vários dos irmãos, como proveitosos para repreensão, para correção, etc.; mas a Lei, a abençoada Lei, sob a qual a nova criação está colocada, é uma Lei do Amor, que supera a Regra de Ouro. Se devidamente apreciada, isso significaria que muitas coisas agora praticadas pela nova criação não seriam mais feitas; e muitas coisas agora negligenciadas por ela seriam realizadas com zelo e assiduidade.

A Lei Perfeita da Liberdade

Se alguém, a princípio, estivesse inclinado a pensar que a Nova Criação havia sido deixada pelo Senhor com liberdade excessiva, sem restrições e regras adequadas, sem dúvida mudaria de opinião ao perceber a extensão, a amplitude e a abrangência geral dessa Lei de Deus, resumida sucintamente nesta única palavra: Amor. "Uma lei da liberdade", assim a chama o Apóstolo (***Tg 1:25***); mas Deus torna essa lei da liberdade aplicável apenas à nova criação, gerada pelo seu espírito. Ela não poderia ser aplicável a nenhum outro. Os demais ainda estão sob a Lei Mosaica, como servos inadequados para "a liberdade com que Cristo liberta" os filhos, ou então estão sob a condenação da lei original — a condenação à morte — e, como pecadores condenados, ainda são tratados como estrangeiros, estranhos e forasteiros, que estão sem Deus e não têm esperança no mundo — eles nem mesmo conhecem a graça de Deus que, por fim, trará salvação ao mundo em geral, mas que, no momento, foi manifestada apenas a um número relativamente pequeno, sendo a grande massa impedida pelo adversário de ouvir a mensagem do amor divino e da redenção. Ele cega as mentes e tapa os ouvidos da maioria da humanidade com doutrinas de demônios, etc. ***2 Cor. 4:4***; ***1 Tim. 4:1***

[F378]

A liberdade não é para os mal-intencionados, como a sociedade testemunha ao prendê-los; e, assim, a Lei perfeita da Liberdade não é apropriada para os mal-intencionados, mas para os bem-intencionados — *para os perfeitos*. O mundo não será deixado à mercê de uma Lei do Amor durante o milênio, mas será governado com Justiça e Misericórdia sob uma lei de obediência ao Reino. Somente no fim do Reino (quando os malfeitores obstinados tiverem sido exterminados na Segunda Morte) é que a raça humana — comprovadamente perfeita e em plena conformidade com o padrão divino — será colocada sob a Lei da Liberdade

—O amor e sua Regra de Ouro. Enquanto forem menores, serão tratados quase como servos. (***Hb 13,17***) A nova criação, agora sob a Lei da Liberdade, é tratada dessa forma porque, para ela, "as coisas antigas já passaram; todas as coisas se tornaram novas" — agora ela odeia o pecado e ama a justiça, e usa sua liberdade, não como uma oportunidade para satisfazer a carne, mas para mortificá-la — não para se deleitar no pecado, mas para sacrificar os interesses terrenos em cooperação com o Senhor, a fim de afastar o pecado e livrar o mundo dele e de seu salário, que é a morte. Aqueles que nasceram de novo para esse novo espírito ou disposição — o Espírito de Deus — e que se tornaram alunos na escola de Cristo para aprender com ele e seguir seus passos — esses, e somente esses, podem ser colocados com segurança sob a Lei da Liberdade. E se perderem o espírito de sua adoção, deixam de ser filhos, deixam de estar sob essa Lei da Liberdade.

Aqueles que agora aprendem a usar a liberdade com a qual Cristo os liberta — aqueles que, por meio da consagração, se submetem a esta Lei perfeita do Amor e que, sob ela, entregam suas vidas pelos irmãos, pela verdade e pela justiça — esses fiéis serão considerados dignos de serem agentes do Senhor e co-herdeiros com seu Filho Amado na grande obra de abençoar o mundo. E quão necessária é essa qualificação para o trabalho deles — quão necessário é, evidentemente, que aqueles que serão os mestres, auxiliares, Juízes e governantes do mundo — abençoando assim todas as famílias da Terra durante a Era milenar — desenvolvam plenamente e sejam provados nessa qualificação do Amor, a fim de serem Sacerdotes Reais misericordiosos e fiéis!

ESTUDO VIII
O DESCANSO, OU SÁBADO DA NOVA CRIAÇÃO

A mudança nas datas do trato divino a partir da cruz — A pregação dos apóstolos nas sinagogas no dia de sábado não constitui endosso do sábado judaico ou do sistema judaico como obrigatório para a nova criação — O local em que se prega o evangelho não afeta a mensagem— Nem o dia — Origem do primeiro dia da semana como sábado cristão — Sua observância começou muito antes da época de Constantino — Quase todas as manifestações do Senhor ressuscitado ocorreram no primeiro dia — A observância geral do primeiro dia como sábado é motivo de gratidão—Não se trata, entretanto, de uma designação divina — A França e o número sete — O sábado de Israel como tipo — Quando o sábado da nova criação teve início e como ele perdura.

NOSSOS estudos no capítulo anterior nos provaram de forma conclusiva que não há lei para aqueles que estão em Cristo Jesus além da Lei do Amor, que tudo abrange. Vimos clara e distintamente que a nova criação, o Israel Espiritual, não está, em nenhum sentido da palavra, sob a aliança da Lei, "acrescentada por causa da transgressão" quatrocentos e trinta anos após a aliança sob a qual a nova criação é aceita no Amado. É verdade que nosso Senhor Jesus, nos dias de sua vida na carne, guardou o sétimo dia da semana estritamente de acordo com a Lei Mosaica, embora não de acordo com algumas das concepções distorcidas dos escribas e fariseus. Isso ocorreu porque, segundo a carne, ele era judeu, nascido sob a Lei Mosaica e, portanto, sujeito a todas as suas exigências, as quais cumpriu, como declara o Apóstolo, "pregando-a na sua cruz" — pondo assim um fim definitivo a ela no que diz respeito a si mesmo e a todos os judeus que vêm ao Pai por meio dele. Todos os judeus que não aceitaram Cristo ainda estão vinculados a todas as disposições e regulamentos de sua Aliança da Lei e, como explica o apóstolo, só podem

[F380]
libertar-se dela somente aceitando Cristo como o fim da Lei — por meio da fé. ***Rom. 10:4***

No que diz respeito aos gentios, já vimos que eles nunca estiveram sob a Lei mosaica e, portanto, não podiam ser libertados dela; e já vimos que nosso Senhor Jesus — a nova criatura, gerado em seu batismo e nascido do espírito em sua ressurreição — era a Semente antitípica de Abraão e herdeiro de todas as promessas feitas a ele; e que tanto judeus quanto gentios que vêm a ele pela fé, e ao Pai por meio dele, quando gerados pelo espírito santo, são igualmente considerados como parte da nova criação e co-herdeiros com Jesus na aliança de Abraão, da qual nenhum membro está sujeito à Lei mosaica adicional, ou à aliança da Lei. Portanto, embora o homem Cristo Jesus estivesse sob a Lei e tivesse a obrigação de guardar o sétimo dia como parte da Lei, tais obrigações para com a Lei cessaram tanto em relação aos seus seguidores quanto a ele mesmo, assim que ele morreu, pondo fim à Lei de maneira justa e correta para todos os judeus que o aceitaram e que, por meio dele, tornaram-se com ele mortos para a Aliança da Lei e vivos para a Aliança de Abraão.

Não é surpreendente, porém, que constemos que até mesmo os apóstolos precisaram de algum tempo para compreender plenamente o significado da mudança da dispensação da Lei para a dispensação da Graça — a era evangélica. Da mesma forma, vemos que foram necessários vários anos para que eles compreendessem plenamente que, com a morte de Cristo, o muro divisório entre judeus e gentios foi derrubado e que, doravante, os gentios não deveriam mais ser considerados impuros, assim como os judeus — porque Jesus Cristo, pela graça de Deus, provou a morte por todos os homens e, a partir de então, qualquer um que se aproximasse do Pai, judeu ou gentio, pudesse ser aceito por meio dele — aceito no Amado. Mesmo anos após a conferência dos apóstolos, na qual Pedro e Paulo testificaram sobre a graça de Deus concedida aos gentios, e sobre os dons do espírito santo, línguas milagrosas etc., semelhantes àqueles que testemunharam a descida do espírito sobre os judeus, no Pentecostes, encontramos Pedro ainda hesitante e

[F381]
cedendo aos preconceitos dos crentes judeus, a ponto de se afastar dos convertidos gentios, ainda tratando-os como impuros. Assim, ele atraiu sobre si uma repreensão do apóstolo Paulo, que evidentemente compreendia toda a situação da nova dispensação com uma visão muito mais clara do que os outros apóstolos. Se um apóstolo precisou, assim, de uma repreensão para ajudá-lo a superar seus preconceitos raciais, podemos facilmente supor que a maioria dos crentes (quase todos judeus) permaneceu, por vários anos, consideravelmente confusa quanto à plenitude da mudança nos desígnios divinos que se iniciou a partir da cruz.

O costume dos judeus, não apenas na Palestina, mas espalhados por todo o mundo, incluía a observância do sábado que, embora originalmente não tivesse sido designado para ser outra coisa senão um dia de descanso, ou cessação do trabalho, passou a ser usado, de maneira muito apropriada, como um dia para a leitura da Lei e dos profetas e para a exortação nas sinagogas. Era um dia em que as atividades comerciais eram suspensas em toda a Palestina; e, portanto, os judeus convertidos ao cristianismo naturalmente se reuniam no sábado para o estudo da Lei e dos profetas, a partir do novo ponto de vista de seu cumprimento iniciado em Cristo, e para exortarem uns aos outros à perseverança, tanto mais quanto viam o dia se aproximando — o grande dia do Senhor, o dia milenar, "os tempos da restauração, *anunciados pela boca de todos os santos profetas* desde o início do mundo". Os apóstolos e evangelistas que viajavam para fora da Palestina encontravam os ouvidos mais receptivos ao evangelho entre os judeus que já aguardavam o Messias; e encontravam sua melhor oportunidade de alcançá-los em suas reuniões habituais do sétimo dia. Também não havia nada na revelação divina que os impedisse de pregar a mensagem do evangelho no sétimo dia, mais do que no primeiro dia ou em qualquer outro dia da semana. Podemos ter certeza, de fato, de que esses primeiros evangelistas pregavam a Palavra incessantemente, onde quer que fossem e em todas as ocasiões, a quem quer que tivesse ouvidos para ouvir.

O apóstolo que declarou que Cristo pôs fim à

[F382]
Aliança da Lei, pregando-a na cruz, não disse uma única palavra à Igreja primitiva — tanto quanto os registros mostram — a respeito de qualquer lei ou obrigação de observar especialmente o sétimo dia da semana — ou qualquer outro dia da semana. Pelo contrário, eles seguiram estritamente o pensamento de que a Igreja é a nova criação, sob a aliança original; e que, como tal casa de filhos, a nova criação não está sob a Lei, mas sob a Graça. Esses mestres inspirados apontaram claramente, com todas as palavras, a liberdade da nova criatura, dizendo: "Ninguém, portanto, vos julgue quanto à comida ou à bebida, ou quanto a dias de festa, lua nova ou sábado, que são *sombras* das coisas que hão de vir, mas o corpo [a substância] é de Cristo." ***Col. 2:16,17***

Eles queriam que a Igreja compreendesse que todas as diversas ordenanças relativas a festas, jejuns, tempos, estações e dias faziam parte do sistema típico geral que Deus instituiu com o Israel típico, sendo apenas *sombras* de coisas melhores que viriam depois — aplicáveis ao Israel espiritual. Para os judeus, essas coisas eram realidades, estabelecidas para eles e vinculadas a eles por decretos divinos; para a nova criação, são meramente sombras — lições que nos apontam para o grande cumprimento, e nada mais. O fato de os apóstolos estarem dispostos a utilizar o dia de sábado e as sinagogas judaicas em conexão com a divulgação do evangelho de Cristo não constituía, de forma alguma, um endosso ao sistema judaico e à Lei judaica como regra ou servidão para a nova criação. Nós, hoje, se tivéssemos a oportunidade, pregaríamos a Cristo nas sinagogas judaicas não apenas no primeiro dia da semana, mas pregaríamos de bom grado no sábado judaico, o sétimo dia. Sim, estaríamos perfeitamente dispostos a pregar Cristo em um templo pagão e em um dia sagrado pagão, mas não consideraríamos que, ao fazê-lo, estaríamos endossando nem as doutrinas pagãs nem o dia sagrado pagão.

No que diz respeito ao primeiro dia da semana, geralmente observado entre os cristãos como um sábado ou dia de descanso, é um grande erro afirmar que esse dia foi sancionado e transformado em um sábado cristão por decretos da Igreja Católica Romana

[F383]
. É verdade, de fato, que na época de Constantino, mais de dois séculos após o falecimento dos apóstolos, o formalismo havia se infiltrado na Igreja em um grau impressionante; que falsos mestres haviam gradualmente procurado submeter os seguidores do Senhor ao clericalismo; e que a hipocrisia clerical e a superstição estavam começando a exercer uma influência considerável. É verdade que, nessa época, foi promulgada entre os cristãos nominais uma regra determinando que observassem o primeiro dia da semana para atividades religiosas, etc., e proibindo o trabalho manual, exceto em regiões rurais, onde a colheita poderia ser considerada um trabalho de necessidade. É verdade que esse pequeno início de escravidão e a sugestão de que o primeiro dia da semana havia, entre os cristãos, substituído o sétimo dia da semana dos judeus, gradualmente levaram cada vez mais à ideia de que todo mandamento de Deus aos judeus a respeito do sétimo dia se aplicava aos seguidores de Cristo a respeito do primeiro dia da semana.

Mas a observância adequada do primeiro dia da semana teve seu início muito antes da época de Constantino — não como um jugo, mas como uma liberdade, um privilégio. O simples fato de nosso Senhor ter ressuscitado dos mortos no primeiro dia da semana já teria sido suficiente para torná-lo um dia a ser celebrado entre seus seguidores como o marco do renascimento de suas esperanças; mas a isso se somou o fato de que, no dia da sua ressurreição, ele se reuniu com seus fiéis e lhes explicou as Escrituras, e alguns deles recordaram essa bênção posteriormente, dizendo: "Não ardia o nosso coração dentro de nós enquanto ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?" (***Lucas 24:32***) Foi tudo nesse mesmo primeiro dia da semana — em que os dois discípulos se encontraram com ele a caminho de Emaús — que ele foi visto perto do sepulcro pelas duas Marias, apareceu a Maria Madalena como o jardineiro e se revelou na reunião geral dos apóstolos, etc. Eles esperaram uma semana inteira por novas manifestações do Mestre ressuscitado, mas nenhuma ocorreu até o primeiro dia da semana seguinte, quando ele novamente apareceu aos onze. E assim, até onde sabemos, quase todas as aparições de nosso Senhor aos

[F384]
irmãos ocorreram no primeiro dia da semana. Não é surpreendente, portanto, que, sem qualquer ordem do Senhor ou de qualquer dos apóstolos, a Igreja primitiva tenha adotado o costume de se reunir no primeiro dia da semana, como uma comemoração das alegrias que a ressurreição de nosso Senhor lhes trouxe e, também, como uma lembrança de como seus corações ardiam dentro deles quando, naquele dia da semana, ele lhes revelou as Escrituras.

Eles continuaram até mesmo a comemorar juntos o "partir do pão" nesse dia — não como a Ceia da Páscoa ou a Ceia do Senhor, mas como uma lembrança de como foram abençoados em Emaús, quando ele partiu o pão para eles e seus olhos se abriram e o reconheceram; e de como foram novamente abençoados quando ele partiu o pão com eles no cenáculo e lhes deu provas satisfatórias de que era de fato o seu Senhor ressuscitado, embora transformado. (***Lucas 24:30, 35, 41-43***) Esse partir do pão, lemos, era feito com alegria e regozijo — não como uma lembrança de sua morte, mas da sua ressurreição. Representava, não seu corpo quebrado e seu sangue derramado, mas a *verdade revigorante* que ele lhes revelou, e pela qual seus corações foram alimentados com as esperanças alegres do futuro, garantidas a eles por sua ressurreição dentre os mortos. (O "cálice" nunca é mencionado em conexão com essas referências ao "partir do pão".) Essas reuniões do primeiro dia da semana eram ocasiões de alegria — regozijo pelo fato de que a nova ordem das coisas havia sido introduzida pela ressurreição de Jesus dentre os mortos.

À medida que a Igreja foi se libertando gradualmente da estreita associação com o judaísmo, e particularmente após a destruição de Jerusalém e a desorganização geral do sistema judaico, a influência do sábado do sétimo dia foi diminuindo e, de certa forma, passou a estar ligada ao primeiro dia da semana e ao descanso e revigoramento espirituais da Nova Criação, que se datam da ressurreição de nosso Senhor em glória, honra e imortalidade.

Quanto ao mundo pagão em geral, Deus não lhes deu leis ou mandamentos especiais; eles têm apenas o que resta

[F385]
da lei original, inscrita em sua natureza e bastante obscurecida, quase apagada pelo pecado e pela morte. A isso foi acrescentado apenas um outro mandamento — Arrependam-se! —, pois uma nova oportunidade de vida foi proporcionada (alcançável agora ou durante o milênio) e cada ato e pensamento deliberado terá influência no desfecho final de cada caso. Mas, para aqueles que estão fora de Cristo, nada mais do que essa mensagem — Arrependam-se — lhes é dada. Somente aos arrependidos Deus fala mais, pois eles têm ouvidos para ouvir e corações para obedecer à sua vontade.

Quanto aos milhões de cristãos nominais de nossos dias, eles falharam não apenas em compreender o verdadeiro caráter da graça de Deus e o chamado atual da nova criação, mas também, de maneira geral, falharam em entender a lei da nova criação e interpretaram erroneamente suas liberdades, seus símbolos etc. O cristianismo institucional adquiriu e está ensinando ao mundo conceitos errôneos sobre o batismo, a Ceia do Senhor etc., bem como conceitos errôneos sobre o sábado, a Lei divina e a aliança com a nova criação. Evidentemente, nunca foi intenção do Senhor que a "cristandade" nominal compreendesse ou apreciasse a verdade sobre esses assuntos durante o tempo presente. Como declarou o Apóstolo: "O que os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem subiu ao coração do homem [o homem natural] são as coisas que Deus reservou para aqueles que o amam" — nem compreenderam sua vontade e seu plano a respeito de seu "pequeno rebanho". "Mas Deus nos revelou [essas coisas] por meio do seu espírito, pois o espírito sonda todas as coisas, sim, as coisas profundas de Deus [sua vontade boa, agradável e perfeita a nosso respeito, agora e no futuro]." Não compreendendo o espírito do Alto Chamado, nem a perfeita Lei da Liberdade pertencente aos escolhidos — não sendo capazes de compreendê-los, por carecerem do Espírito do Senhor, não nos surpreende que formas e cerimônias, dias de jejum, penitências, restrições de um tipo e de outro, dias santos e dias de sábado tenham se tornado algemas e correntes sobre a cristandade nominal. Tampouco é surpreendente que alguns do verdadeiro povo do Senhor, os "escolhidos", o

[F386]
"pequeno rebanho", tenham-se posteriormente enredado tanto nessa escravidão a ponto de serem privados de grande parte da verdadeira liberdade dos filhos de Deus.

Não estamos argumentando contra a observância do primeiro dia da semana. Pelo contrário, nos alegramos de que, sob a providência divina, o dia seja tão amplamente observado em todo o mundo civilizado. Em virtude de sua observância generalizada, os poucos consagrados do Senhor têm vantagens e privilégios especiais dos quais poderiam, em grande medida, ser privados se a observância do dia fosse menos generalizada. A nova criação, em todos os lugares, certamente pode se alegrar grandemente por ter a oportunidade de reservar um dia em cada sete especialmente para adoração, comunhão espiritual etc. Seria uma grave perda para todos os fiéis de Deus se esse dia deixasse de ser praticado de maneira geral. Por essa razão, se não por outra, cabe a todos os que pertencem ao Senhor não apenas usar esse dia com reverência, sobriedade e em exercício e prazer espirituais, mas, além disso, exercer sua influência em favor de sua observância — procurando que, por nenhuma palavra ou ato seu, sua observância seja enfraquecida entre as pessoas em geral.

Mas, assim como alguns são levados a acreditar erroneamente que o sétimo dia da Aliança Judaica se estendia a todos os homens como um jugo, outros caíram sob um *jugo* semelhante em relação ao primeiro dia — trabalhando sob a ilusão de que, por designação divina, ele se revestiu da santidade exterior concedida ao sétimo dia entre os judeus sob sua Aliança da Lei como uma "casa de servos" — "sob a Lei" e não sob a Graça. De fato, muitos, que nem mesmo são muito religiosos
— sem professar a consagração — dão grande importância a tais observâncias e perderiam o respeito por filhos professos de Deus que negligenciassem, em qualquer medida, utilizar o primeiro dia da semana para adoração e louvor, ou que o usassem, ao contrário, para negócios seculares. Aconselhamos, por todas essas razões, que aqueles que discernem mais claramente a liberdade com a qual Cristo nos liberta não façam mau uso dessa liberdade a ponto de fazer com que outros tropecem; mas que a utilizem, ao contrário, para com Deus e uns para com os outros, como oportunidades de crescer na graça, no conhecimento e em todos os frutos do

[F387]
Espírito. Aconselhamos que, dentro de todos os limites razoáveis, o povo consagrado ao Senhor e, na medida em que sua influência se estenda, suas famílias — não apenas os filhos menores, mas também os membros adultos — observem fielmente o domingo. Todos devem ser instruídos quanto à adequação desse dia de adoração e louvor, e também quanto à necessidade de um dia de descanso do trabalho físico, não apenas para a Igreja, mas para o mundo.

Embora estejamos inteiramente livres da Lei judaica, podemos, no entanto, perceber que, uma vez que suas disposições vieram do Senhor, há toda a probabilidade de que, além do significado típico das ordenanças de Israel, houvesse também um benefício prático a elas associado. Por exemplo, podemos ver um significado típico na designação de certos alimentos de origem animal como puros e próprios para o consumo, e de outros como impuros e impróprios para o consumo; e embora possamos não compreender exatamente como ou por que alguns desses alimentos são insalubres ou prejudiciais à saúde, temos todos os motivos para acreditar que esse seja o caso — por exemplo, suínos, coelhos, enguias etc. Não violamos nenhuma lei ao comer essas coisas, pois não somos judeus; no entanto, devemos ser bastante cautelosos em relação a elas e estar atentos para perceber até que ponto são saudáveis ou prejudiciais à saúde; pois somos obrigados a observar todas as leis de saúde, na medida em que somos capazes de discerni-las.

Da mesma forma, podemos ver no descanso de um dia a cada sete, previsto para Israel, não apenas um ensinamento típico, mas também uma disposição necessária para as condições humanas atuais. É geralmente admitido, mesmo por aqueles que ignoram totalmente a Palavra divina, que um descanso a cada sete dias é benéfico, não apenas para a humanidade, mas também para as bestas de carga. Além disso, alguns afirmam que essa lei da necessidade de descanso do trabalho contínuo se aplica a algumas coisas inanimadas. Por exemplo, o material rodante das ferrovias, etc. Citamos o seguinte trecho do *London Express*, para ilustrar esse ponto. Diz assim:

"Pode parecer estranho ouvir pessoas falarem sobre um 'eixo de aço cansado' ou um 'trilho de ferro fatigado', mas esse tipo de conversa é comum

[F388]

nas ferrovias e nas oficinas mecânicas, e é considerada correta. ‘A ideia de metal inanimado ficar cansado!’, você pode pensar; mas especialistas ligados ao funcionamento de máquinas afirmam que o trabalho o cansa e que ele precisa de descanso, assim como você. ‘O que fez o eixo quebrar?’, perguntou o gerente de tráfego. ‘Fadiga do metal’, respondeu o inspetor. Essa resposta é frequente e, muitas vezes, condiz com os fatos. Às vezes, um eixo se quebra ou uma roda se deforma, sob uma tensão muito menor do que o habitual, e mesmo a inspeção mais minuciosa possível não revelará nenhum defeito ou fragilidade. Isso leva os engenheiros a atribuir o resultado à “fadiga do metal”. Os tendões de aço podem se cansar tanto quanto os músculos, e o metal que não tem descanso deixará de cumprir sua função, podendo causar grande perigo. Pelo menos é o que dizem os engenheiros; e eles afirmam que, sem descanso, a afinidade entre as moléculas do metal se enfraqueceria, até que o ponto de ruptura fosse atingido. É aí que surgem os problemas.”

Na França, após a Comuna e seu período de infidelidade, decidiu-se abolir o período do sábado da Bíblia — um dia em cada sete — e, em vez disso, estabelecer um dia em cada dez como dia de descanso; mas verificou-se que isso funcionava de maneira insatisfatória e, por mais que os franceses desejassem contar com o sistema métrico, logo descobriram que a Natureza tinha seus próprios caminhos e que, de alguma forma inexplicável, ela sela o número 7 com sua aprovação. Por exemplo, descobriram que a crise de uma febre ocorria no sétimo dia, no décimo quarto dia, no vigésimo primeiro dia ou no vigésimo oitavo dia, e que, se não houvesse uma melhora até o trigésimo quinto dia, a morte geralmente se seguia. Não conseguiram alterar isso nem fazer com que as febres atingissem a crise de acordo com o sistema decimal.

Longe, portanto, de defender o abandono do domingo cristão, insistimos em que ele seja mantido como um benefício para o homem natural, bem como uma vantagem espiritual para a nova criação. Insistimos para que nada seja feito que, de qualquer forma ou em qualquer grau, destrua ou descarte essa grande bênção que nos chegou indiretamente por meio da Lei judaica. É verdade que ficaríamos felizes se todos pudessem reconhecer esse dia como um dia de devoção *voluntária* ao Senhor; mas, como a maioria não consegue discerni-lo dessa forma, mais vale não impedir que descansem sob uma ilusão inofensiva a esse respeito —

[F389]
uma ilusão que pode, na verdade, ser benéfica para eles.

A nova criação não precisa de orientações especiais quanto ao *uso* adequado do dia, pois compreende que suas vidas, em sua totalidade, foram consagradas e dedicadas ao Senhor e ao seu serviço. Andando não segundo a carne, mas segundo o Espírito, eles buscarão especialmente aproveitar essa oportunidade favorável para glorificar a Deus em seus corpos e espíritos, que são Dele. Louvor, ação de graças, meditações e exortações, de acordo com a Palavra e o plano divinos, estarão em ordem. Tampouco insistimos que o Dia do Senhor, ou domingo, deva ser usado exclusivamente para o culto religioso. Deus não ordenou isso, e ninguém mais tem o direito de fazê-lo. No entanto, onde estiver nosso coração, onde estiverem nossas simpatias e nosso amor, é lá que teremos prazer em estar, e podemos concluir com segurança que cada membro da nova criação encontrará sua maior alegria, seu maior prazer, na comunhão com o Senhor e com os irmãos e que, consequentemente, ele muito raramente se esquecerá de se reunir com eles, como as Escrituras exortam, mas não ordenam. ***Hb 10,25***

O que fazemos voluntariamente como se fosse para o Senhor, sem que nos seja ordenado, é uma evidência ainda maior de nosso amor e lealdade a Ele e aos Seus e, sem dúvida, será por Ele devidamente apreciado. Muitos dos membros da nova criação têm filhos ou tutelados sob seus cuidados, e estes devem ser devidamente instruídos a respeito das normas do dia e de suas vantagens, bem como das liberdades razoáveis de que podem desfrutar. Nada na Palavra de Deus sustenta a escravidão tirânica que se infiltrou nos lares cristãos, sob o nome de "Sábado puritano", segundo a qual sorrir neste dia seria um pecado, beijar o próprio filho seria um crime, e dar um passeio tranquilo, ou sentar-se sob as árvores e contemplar a Natureza seria uma profanação — mesmo ao erguer os olhos da Natureza para o Deus da Natureza. É bom que, ao nos afastarmos dessa concepção falsa, não cheguemos ao outro extremo, como fazem muitos, que aprovam condutas hilariante, jogos, música secular ou qualquer tipo de trabalho que possa ser realizado em outro

[F390]
dia. Os filhos da nova criação devem, de todas as formas razoáveis, refletir o espírito de uma mente sã, que Deus prometeu a seus pais por meio do espírito santo e da Palavra da Verdade. Uma observância racional e digna do primeiro dia da semana como dia de descanso, aperfeiçoamento mental e moral e comunhão social na família e entre os membros da família do Senhor — a nova criação — certamente trará bênçãos a todos os envolvidos.

Outra consideração importante no que diz respeito à observância do domingo é — as leis das autoridades estabelecidas. Em muitos estados, prevalecem certas leis e regulamentos relativos ao domingo. O povo do Senhor deve ser cumpridor da lei — não menos, mas mais do que os outros, em todas as questões que não entrem em conflito com suas consciências. Se, portanto, dois ou três sábados por semana fossem determinados pela lei civil, a nova criação deveria observá-los e considerar tal disposição uma bênção, pois aumentaria suas oportunidades de desenvolvimento espiritual. Mas, visto que seriam de origem mundana, e não de injunção divina, eles não precisam se sentir obrigados a observá-los *além* do que o mundo considera o cumprimento de suas leis, conforme indicado por sua aplicação.

O sábado de Israel como tipo

Já observamos que a obrigação do sábado da Lei judaica anunciada no Sinai não foi dada a nenhuma outra nação além de Israel e, consequentemente, não era obrigatória para nenhum outro povo além dos judeus. Sua primeira observância registrada nas Escrituras ocorreu depois que o primeiro elemento da Lei judaica — a Páscoa — havia sido instituído. Depois que Israel saiu do Egito e chegou ao deserto, recebeu sua primeira lição sobre a observância de um dia de descanso em conexão com a coleta do maná, antes de chegar ao Monte Sinai, quando o Decálogo foi dado. Nada foi dito a Adão, a Enoque, a Noé, a Abraão, a Isaque ou a Jacó a respeito da observância do sábado. Isso não é mencionado nem direta nem indiretamente. A única menção anterior à palavra “sábado” está relacionada ao relato da criação, onde nos é dito que Deus descansou

[F391]
no sétimo dia, que, como já vimos, não era um dia de 24 horas, mas um dia de sete mil anos.

Ao dar a Israel o mandamento do descanso no sétimo dia, Deus identificou a observância de um período de 24 horas por parte deles com o seu próprio descanso em uma escala maior e mais elevada; e isso nos leva a inferir que, além de qualquer bênção que Israel obtivesse com o descanso semanal, havia, adicionalmente, uma lição *típica* nisso para a nova criação; assim como, de fato, encontramos lições típicas relacionadas a cada aspecto daquele povo e de sua Lei.

O sétimo dia, o sétimo mês e o sétimo ano eram todos proeminentes sob a Lei. O sétimo dia, como um período de cessação do trabalho árduo, um período de descanso físico; o sétimo mês como aquele em que a expiação pelo pecado era efetuada, para que tivessem descanso do pecado; e o sétimo ano, aquele em que vinha a libertação da escravidão e da servidão. Além disso, como já vimos*, o sétimo ano multiplicado por si mesmo (7 x 7 é igual a 49) conduzia ao quinquagésimo ano, ou Ano do Jubileu, no qual todas as hipotecas, penhoras e sentenças contra pessoas e terras eram canceladas, e cada família tinha permissão para retornar à sua própria propriedade — aliviada de todos os fardos dos erros, transgressões etc. anteriores. Já vimos que o antítipo do ano do Jubileu de Israel será o Reino Milenar, e seus "tempos da restauração de todas as coisas que Deus falou pela boca de todos os santos profetas", sendo o antítipo imensamente maior do que o tipo e aplicável à humanidade em geral.

Observemos agora, em particular, o sétimo dia típico. Assim como o sétimo ano, ele conduz (7 x 7 é igual a 49) a um quinquagésimo dia, ou Dia do Jubileu, que expressa o mesmo pensamento que o sétimo dia; a saber, *descanso*, mas o enfatiza.

Que bênção para o Israel espiritual, a nova criação, foi tipificada pelo sétimo dia, o sábado, ou descanso, do Israel natural? O apóstolo responde a essa pergunta (***Hb 4,1-11***), quando diz: "Temos, portanto, que temer que, tendo-nos sido deixada a promessa de entrar no seu descanso [sábado], algum de vós

---

*Vol. II, Cap. VI.

[F392]
pareça ficar aquém dela... Pois nós, que cremos, entramos no descanso [a observância do sábado]... Visto, portanto, que resta que alguns entrem nele, e que aqueles a quem foi pregado primeiro não entraram por causa da incredulidade...permanece, portanto, um descanso para o povo de Deus; pois aquele que entrou em seu descanso, também cessou de suas próprias obras, assim como Deus cessou das suas. Esforcemo-nos, portanto, para entrar nesse descanso, para que ninguém caia seguindo o mesmo exemplo de incredulidade." Aqui, o Apóstolo nos apresenta uma dupla lição: (1) Que é nosso privilégio agora entrar no descanso; e, de fato, todos os que verdadeiramente aceitaram o Senhor e estão devidamente descansando e confiando nele estão, assim, desfrutando do sábado antitípico, ou descanso, no tempo presente — o descanso da fé. (2) Ele também nos aponta para o fato de que, a fim de manter esse descanso presente e garantir a entrada no sábado eterno — "o descanso que resta para o povo de Deus", o Reino celestial —, será necessário que permaneçamos na graça do Senhor — exercitando continuamente fé e obediência para com ele.

Não é necessário explicar aos membros da nova criação quando e como entraram no descanso da fé — quando e como a paz de Deus, que excede todo o entendimento, começou a reinar em seus corações, e a plena confiança nele começou a expulsar o medo e o descontentamento. Tudo começou com nossa plena aceitação do Senhor Jesus como o Sumo Sacerdote que ofereceu o sacrifício, pelo qual nossos pecados foram cobertos pelo mérito imputado do redentor, o Messias; isso se intensificou à medida que O reconhecemos como a Cabeça da nova criação e herdeiro da promessa feita a Abraão, e a nós mesmos como chamados por Deus para sermos seus co-herdeiros naquele Reino de bênçãos. O *descanso perfeito*, ou o desfrute do sábado, veio quando submetemos *tudo* o que tínhamos ao Senhor, aceitando com alegria Sua orientação prometida por um "caminho estreito" até o Reino. Lá *descansamos de nossas próprias obras*, de todo esforço para nos justificarmos; confessamos ser imperfeitos e indignos da graça divina, e incapazes de nos tornarmos dignos. Lá aceitamos com gratidão a

[F393]
misericórdia estendida a nós na redenção que está em Cristo Jesus, nosso Senhor, e a prometida "graça para ajudar em todo momento de necessidade", e nos comprometemos a ser discípulos de Jesus
— seguidores de seus passos, "até a morte".

O apóstolo declara que entramos no descanso *assim como Deus descansou* de suas obras. Já vimos que Deus descansou da obra criativa quando a concluiu, criando o homem à sua própria semelhança. Desde então, Ele permitiu que o pecado e a morte manchassem sua bela criação; contudo, não ergueu seu braço poderoso para impedir que essa obra prosseguisse, nem para amarrar ou conter Satanás, o grande enganador. Deus está descansando, esperando — deixando toda a questão para o Messias realizar. Entramos, pela fé, no descanso de Deus quando reconhecemos que Cristo é o Ungido de Deus, plenamente capacitado para realizar toda essa obra, não apenas por nós (a nova criação, os membros de seu corpo), mas uma obra de bênção e restauração para o mundo da humanidade — para todos aqueles que aceitarem a misericórdia divina por meio dele.

Vemos claramente onde nosso descanso teve início, como membros individuais da nova criação; mas também será proveitoso se olharmos para trás e observarmos o início desse descanso no que diz respeito à nova criação como um todo. Vemos que os apóstolos desfrutaram de uma certa medida de descanso e confiança enquanto o Senhor estava com eles na carne, mas não do descanso pleno. Eles se alegravam porque o Noivo estava no meio deles — se alegravam nele, embora não compreendessem a extensão e a profundidade de seu amor e serviço. Quando o Mestre morreu, seu descanso, alegria e paz foram abalados; e, em suas próprias palavras, a causa de toda a sua decepção foi: "Tínhamos confiado que seria ele o redentor [que libertaria] Israel" — mas ficaram decepcionados. Quando ele ressuscitou dos mortos, apareceu a eles e provou sua ressurreição, suas dúvidas e medos começaram a dar lugar à esperança; mas sua alegria e paz não voltaram por completo. Eles estavam perplexos. Ouviram, no entanto, e deram ouvidos à sua exortação para permanecerem em Jerusalém até que fossem revestidos de poder.

[F394]

Eles esperaram com expectativa — por quanto tempo? Respondemos que esperaram por sete vezes sete dias — quarenta e nove dias; e no dia seguinte, o quinquagésimo dia, o dia do sábado do Jubileu, Deus cumpriu para com eles sua promessa graciosa e concedeu que aqueles que haviam aceitado Jesus entrassem em seu descanso — a observância do sábado superior da Nova Criação. Eles entraram no seu descanso ao receberem a bênção pentecostal que proclamava "paz por meio de Jesus Cristo" — que lhes informava que, embora Jesus tivesse morrido pelos pecadores e, embora tivesse ascendido às alturas e estivesse ausente de sua vista, ele ainda assim era aprovado por Jeová, seu sacrifício pelo pecado era aceitável, e que eles poderiam, assim, *descansar no mérito da obra que ele havia realizado* — com a certeza de que todas as promessas de Deus seriam "sim" e "amém" nele e por meio dele, com a certeza do perdão de seus próprios pecados e de sua própria aceitação pelo Pai. Isso lhes assegurou também que as promessas extremamente grandes e preciosas centradas em Jesus serão todas cumpridas, e que eles terão parte na glória quando a graça tiver bem refinado seus corações — se se mostrarem fiéis à sua parte do contrato e "tornarem segura a sua vocação e escolha" permanecendo em Cristo, por meio da obediência à vontade divina.

Toda a nova criação, então, que recebeu o espírito santo, entrou no descanso antitípico e, em vez de continuar observando um sétimo dia de descanso físico, agora mantém um descanso perpétuo do coração, da mente e da fé no Filho de Deus. No entanto, esse descanso da fé não é o fim — não é o antítipo completo. O grandioso "descanso que resta para o povo de Deus" virá no fim — para todos aqueles que concluírem sua jornada com alegria. Enquanto isso, o *descanso da fé* deve continuar, pois é nossa garantia, ou certeza, do descanso que está por vir. Sua manutenção exigirá não apenas obediência na medida de nossa capacidade em pensamento, palavra e ação, mas também confiança na graça do Senhor. Assim, poderemos ser fortes no Senhor e no poder de sua força, para seguir seus passos. Nosso descanso e nossa confiança devem residir no fato de que ele é capaz e está disposto a nos tornar "mais do que vencedores" e a nos conceder uma participação na grande obra do Jubileu Antitípico.

ESTUDO IX
O JULGAMENTO DA NOVA CRIAÇÃO

Jeová, o Grande Juiz do Universo — Todas as bênçãos, favores etc. provêm de Jeová, por meio do Filho — A nova criação será associada e o co-herdeiro de Cristo — "Todo o poder no céu e na terra me foi dado"— O julgamento do Pai para a condenação da humanidade já foi expresso — O julgamento durante o milênio será de misericórdia e assistência — O julgamento executivo final será de justiça sem misericórdia — O julgamento da nova criação durante a era evangélica — A nova criação julgada pela Lei Perfeita do Amor — A supervisão da Cabeça Gloriosa sobre o Corpo — "Com que julgamento julgardes, sereis julgados"— Devemos julgar a nós mesmos adequadamente—"Aquele que me julga é o Senhor"—A Igreja deve julgar certas questões —"Se teu irmão pecar contra ti" — Perdoe setenta vezes sete vezes — Ofensas contra a Igreja — Todos devemos comparecer perante o Tribunal de Cristo.

Já vimos* que toda a humanidade foi julgada indigna da vida eterna pelo grande Juiz Supremo, Jeová, quando Adão, seu progenitor, falhou na provação. "Por um único homem o pecado entrou no mundo, e a morte como resultado [pena ou sentença] do pecado; e assim a morte passou a todos os homens, porque todos são pecadores." (***Rom. 5:12***) O fracasso de Adão e sua sentença de morte selaram a mesma sentença sobre todos os seus filhos. Sua queda, sua mancha, seu pecado, estenderam-se de maneira natural, e com força e impulso crescentes, à sua posteridade. Já vimos que essa sentença foi, em todos os aspectos, justa e, portanto, irrevogável
— que o grande Juiz do Universo, tendo determinado com justiça a indignidade do homem para a vida eterna, não poderia reverter sua própria sentença, declarar que o errado é certo e que o indigno é digno da vida eterna. Mas já vimos,

---

*Vol. I, Cap. VII.

[F396]
também que Ele teve compaixão de nós e que, em Seu plano misericordioso, traçado antes da fundação do mundo, Ele contemplou e providenciou a redenção de toda a raça humana,* a fim de conceder uma nova oportunidade, ou julgamento, a todos os seus membros — prevendo também que Seu Filho Amado, cuja obra redentora tornou possível a reconciliação, fosse o mediador desse novo arranjo para abençoar e elevar nossa raça. Vimos também que o período desse julgamento e elevação dos obedientes é a Era Milenar, reservada como o Dia do Julgamento do mundo, ou dia de provação, e que tem por objetivo dar a cada um a oportunidade, não apenas de chegar ao conhecimento do Senhor e entrar em harmonia com ele, mas, além disso, de provar, por meio da lealdade e da obediência, sua dignidade para a vida eterna. Temos as palavras do apóstolo a esse respeito: "Deus designou um dia em que julgará o mundo com justiça, por meio daquele homem que designou."+ ***Atos 17:31***

Sem sombra de dúvida, o próprio Jeová é o Juiz Supremo, e sua Lei é o padrão supremo, segundo o qual todas as decisões devem ser tomadas no que diz respeito à vida eterna. Assim, o apóstolo se refere a "Deus, o Juiz de todos", e indica que se trata do Pai ao mencionar, na mesma frase, Jesus como o mediador. (***Hb 12:23, 24***) Mais uma vez, ele diz: "O Senhor julgará o seu povo" e "A vingança é minha; eu retribuirei, diz o Senhor." (***Rm 12:19***; ***Hb 10:30***) Nessas citações do Antigo Testamento (***Sl 50:4***; ***Dt 32:35, 36***), o Senhor a quem se refere é Jeová. Mais uma vez, o apóstolo diz: "Deus julgará os segredos dos homens ['o mundo'] por meio de Jesus Cristo." (***Rm 2:16; 3:6***) Jeová foi o Legislador e Juiz original e manterá para sempre essa posição e relação com todas as suas criaturas. Sua honra ele não dará a outro. (***Isaías 42:8***) Da mesma forma, ele nos mostra nas Escrituras que é o Pastor do seu povo. "Jeová é meu Pastor; nada me faltará." (***Salmos 23:1***) Mais uma vez, ele se designa como o

---

*Vol. V.
+Vol. I, Cap. VIII.

[F397]
Redentor de seu povo: "Toda a carne saberá que eu, Jeová, sou o teu Salvador e o teu redentor." (***Isaías 49:26***) No sentido mais elevado da palavra, o próprio Jeová é o centro de todo o plano de salvação e de cada um de seus aspectos; e qualquer outra visão sobre o assunto é falha.

No entanto, assim como agradou ao Pai criar todas as coisas por meio do Filho (***João 1:1***) — assim também, em todas as coisas, agradou-lhe exaltar nosso Senhor Jesus como seu instrumento honrado. Desse ponto de vista, vemos que toda bênção, toda autoridade, todos os favores procedem do Pai e por meio do Filho, e que a nova criação, associada ao Filho, é assim, com ele, constituída ministra e co-herdeira da graça de Deus.

De maneira tão completa o Pai Celestial "descansa de sua própria obra" e faz uso do Filho como seu agente honrado, que nosso querido redentor pôde dizer: "O Pai não julga a ninguém, mas entregou todo o julgamento ao Filho." (***João 5:22***) Nosso Senhor proferiu essas palavras antes de ter concluído a obra que o Pai lhe havia dado para realizar no Calvário, mas falou do ponto de vista dessa obra já consumada; pois, como já vimos, seu próprio teste quanto à aptidão para a obra que o Pai havia proposto seria determinado por sua fidelidade até a morte. Assim, ele não apenas demonstrou sua dignidade para ser um Sumo Sacerdote fiel e misericordioso, mas, com seu próprio sangue, garantiu uma Nova Aliança em favor da humanidade, abriu o novo caminho de vida e obteve "as chaves da morte e do sepulcro" — o direito de dizer aos prisioneiros na grande prisão da morte: "Saiam", e o direito de abençoar e elevar todos aqueles que, obedientemente, ouvirem sua voz. A rigor, foi a partir do momento da ressurreição de nosso Senhor que o Pai entregou todo *o julgamento* ao Filho, e foi então que ele declarou: "Todo o poder [autoridade] no céu e na terra me foi dado" (***Mt 28:18***), e seu primeiro exercício dessa autoridade foi a designação de seus apóstolos, como seus representantes, para dar início à obra de reunir os membros da classe da Noiva, a Igreja, a *Ecclesia*, seus companheiros da nova criação.

[F398]

O julgamento do Pai a respeito da humanidade já havia sido expresso e havia condenado a todos; e qualquer outro julgamento da parte dele, de acordo com as leis da justiça absoluta, não traria nenhum benefício específico para nenhum membro da raça condenada — pois todos "pecaram e estão destituídos da glória de Deus". "Não há ninguém justo, nem mesmo um"; e o padrão divino não aceita nada que não seja a justiça absoluta — a perfeição. O desígnio divino, portanto, era que nosso Senhor Jesus fosse o mediador, o intermediário, aquele que satisfaria a justiça e representaria a raça caída, e aquele a quem a justiça do Pai se voltaria como representante do homem, e que seria responsável pela raça. Jesus ocupará essa relação mediadora entre Deus e os homens até que tenha cumprido plenamente a obra pretendida — até que tenha trazido de volta à plena harmonia com Deus toda criatura que, tendo sido levada ao conhecimento de seu Criador e de suas leis justas, deseje estar e agir em completa harmonia com elas. Mais do que isso, seu "julgamento total" incluirá a execução de suas decisões, pois ele não apenas recompensará os obedientes, mas "destruirá aqueles que corrompem a terra" — destruirá os pecadores obstinados, eliminará de entre o povo todos aqueles que não ouvirem sua voz, seu mandamento, suas instruções, subjugando todo pecado e toda insubordinação, incluindo até mesmo o último inimigo — a morte. ***1 Cor. 15:25-28***; ***Ap. 11:18***; ***2 Tess. 2:8***; ***Hb. 2:14***

Esse julgamento ocorrerá, em parte, como o mediador durante o milênio — levando em conta as imperfeições da humanidade e punindo e recompensando de forma corretiva — e, em parte, como o vigário, ou representante, de Jeová, no final do milênio — concedendo as recompensas eternas da vida eterna àqueles considerados dignos e a destruição eterna àqueles considerados indignos. E esse último julgamento executivo seguirá os princípios da justiça sem misericórdia — tendo os usos e propósitos adequados da misericórdia sido cumpridos por seu reinado milenar, no qual misericórdia e assistência serão estendidas a todos os membros da raça por seu Redentor. E o corpo de Cristo, a Igreja, estará associado a ele em

[F399]
todas as diversas facetas da bênção, do julgamento, do governo, da correção etc., da era milenar de compaixão e ajuda — e, possivelmente, também na pronúncia e na imposição das recompensas e punições finais.

Antes de passarmos a examinar especificamente o *julgamento* ou provação da nova criação durante a era evangélica, anterior ao Reino milenar, devemos gravar profundamente em nossas mentes o fato de que todos esses procedimentos, *julgamentos* etc. provêm do Pai, embora por meio do Filho e da Igreja; assim como também lemos a respeito da ressurreição dos mortos, que Deus ressuscitou dos mortos nosso Senhor Jesus por seu próprio poder, e que ele também nos ressuscitará; declaração essa que entendemos estar em plena harmonia com a afirmação de nosso Senhor de que "Eu o ressuscitarei no último dia". "Voltarei e vos receberei para mim." "Eu sou a ressurreição e a vida." ***1 Cor. 6:14***; ***João 6:39; 14:3; 11:25***

O *julgamento* ou provação da nova criação deve ocorrer durante a era evangélica, antes que o milênio tenha sido plenamente instaurado; pois é a nova criação, Cabeça e corpo, que deve realizar a obra da era milenar. É em harmonia com isso que o Senhor declara que "não entraremos em condenação [*krisis*, julgamento] com o mundo [não participaremos do julgamento ou provação do dia milenar do mundo], mas já passamos da morte para a vida [antes do mundo]", justificados pela fé e pela obediência como membros de seu corpo. (***João 5:24***) Assim, então, o tempo presente, a vida presente, é para cada um dos consagrados seu dia de julgamento, seu dia de provação, seu dia de teste
—para determinar se ele será ou não considerado digno da vida, de acordo com os termos de seu chamado e da consagração. As palavras do apóstolo concordam com isso: "O julgamento [*krima*, decisão final] deve começar pela casa de Deus." (***1 Pedro 4:17***) Como sugere o apóstolo, isso dá à nova criação uma noção elevada das exigências divinas, ou condições para a vida eterna, quando consideram que aqueles que abandonaram o pecado e que dedicaram seus corações a conhecer e cumprir a vontade divina precisam passar por um tempo de provação para testar

[F400]
e aperfeiçoar o caráter neles — de modo que o Senhor possa aprová-los.

Quem é o Juiz da nova criação? E qual é a Lei ou o Padrão pelo qual ela está sendo julgada?

Respondemos que estamos sendo julgados pela Lei perfeita do Amor de nosso Pai Celestial — que fomos justificados por ele ("É Deus quem justifica"), e que nossos votos de consagração foram feitos a ele, e que toda a nova criação, tanto a Cabeça quanto os membros subordinados, está sujeita ao Pai, como "Deus, o Juiz de todos". Mas isso não altera nem interfere no que já vimos a respeito dos métodos do Pai ao lidar conosco. Quando ele lida conosco e nos permite aproximar-nos do trono de sua graça celestial, é porque nos tornou aceitáveis no Amado — em nosso Senhor e Cabeça, sob cujo manto de justiça, e somente sob ele, podemos nos aproximar do Pai ou obter seu favor. No entanto, todo o poder, toda a autoridade, está investido no Filho, como agente e representante do Pai; e, portanto, vemos que, embora lide diretamente com o Pai, ele nos concede audiência somente por meio de nosso advogado — assim como, em um tribunal terreno, um advogado representa seu cliente. O mundo não terá acesso ao Pai, nem lidará diretamente com Ele por meio do advogado durante a Era Milenar, mas, pelo contrário, lidará diretamente com o Cristo até o seu fim, quando os aperfeiçoados serão apresentados ao Pai.

A nova criação é toda gerada pelo Pai — seus filhos, e não os filhos de Cristo; e é o Pai quem castiga todo filho que recebe. É também ao trono da graça do Pai que somos especialmente instruídos a orar — caminho que foi aberto por Jesus, nosso redentor. E, no entanto, as palavras do nosso redentor são verdadeiras no sentido mais absoluto: "Ninguém vem ao Pai, senão por mim". A relação do Senhor Jesus com a Igreja é a da Cabeça com o corpo, e a Cabeça toma conhecimento e julga ou determina no que diz respeito a todos os interesses do corpo, dirigindo seu curso, corrigindo dificuldades, aliviando e trazendo ajuda e conforto gerais, apoio

e força a cada membro, utilizando frequentemente outros membros do corpo como seus ministros ou servos. No entanto, uma vez que cada aspecto dessa obra é realizado em nome do Pai e sob a direção do Pai, ela é corretamente considerada como proveniente do Pai e realizada pelo Filho. ***1 Coríntios 8:6***

É em consonância com isso que lemos, também: "Se invocais o Pai, que julga sem acepção de pessoas", etc. E ainda: "Meu Pai é o lavrador; todo ramo em mim que não dá fruto, ele o corta; e todo ramo que dá fruto, ele o poda para que dê mais fruto." (***1 Pe. 1:17***; ***Jo. 15:1,2***) No entanto, o fato de que a intercessão de nosso Cabeça é plenamente reconhecida, e de que essas disciplinas, podas etc. são realizadas em nós e para conosco por meio dele, como agente do Pai, é manifestado pela declaração do mesmo apóstolo: "É coisa terrível cair nas mãos do Deus vivo." Assim, ele nos ensina que não estamos diretamente nas mãos do Deus vivo, nem diretamente sob o ministério de sua Lei inflexível. Estamos *em* Cristo Jesus, cobertos por seu mérito e tratados por meio dele como nosso Cabeça e Mestre, sob as provisões misericordiosas da Aliança de Abraão, que funciona para conosco por meio de seu sangue.

A Supervisão da Cabeça Gloriosa sobre o Corpo

Não poderíamos duvidar do amor e do cuidado de nossa Cabeça glorificada em relação à sua Igreja — "corpo", "noiva" — mesmo que ele não nos tivesse dado nenhuma declaração explícita sobre o assunto. No entanto, em sua última mensagem aos fiéis, ele mostra de maneira muito específica que é ele quem se assenta como refinador e purificador dos levitas antitípicos, incluindo o Sacerdócio Real. Ouçam suas palavras às sete igrejas da Ásia Menor, representativas das sete épocas da experiência da única Igreja:

"Lembra-te, pois, de onde caíste, e arrepende-te, [...] senão *virei* contra ti rapidamente e removerei o teu candelabro." "Sê fiel até a morte, e *eu* te *darei* a coroa da vida." *"Tenho* algumas coisas contra ti, [...] arrepende-te, ou então *virei* contra ti rapidamente e lutarei contra ti com a espada da minha boca." "Para

[F402]
"Ao que vencer, *darei* de comer do maná escondido." *"Tenho* algumas coisas contra ti, porque permites que aquela mulher Jezabel... *Eu* lhe *dei* tempo para se arrepender... *Eu* a *lançarei*... em grande tribulação,
... e *matarei* seus filhos com a morte; e todas as igrejas saberão que *eu sou aquele* que sonda as entranhas e os corações; *e darei a cada um de vocês* de acordo com suas obras. Aquele que vencer
e guardar as minhas obras até o fim, a ele *darei* autoridade sobre as nações." *"Não achei* as tuas obras perfeitas diante de Deus... Aquele que vencer... *não apagarei* o seu nome do livro da vida." "Isto diz aquele que tem a chave de Davi, aquele que abre e ninguém fecha; e fecha, e ninguém abre." "Eis *que farei com* que os da sinagoga de Satanás venham adorar diante dos teus
pés e reconhecer que eu te amei. Por teres guardado a palavra da minha paciência, *também te guardarei* da hora da tentação, que virá sobre todo o mundo." "Ao que vencer, *farei* de *ele* uma coluna no templo do meu Deus." "Porque és morno, e nem frio nem quente, *vomitar-te-ei* da minha boca." "Aconselho-te a comprar de mim ouro refinado no fogo, para que te tornes rico; *a todos os que amo, repreendo e castigo*; tem zelo,
portanto, e arrependa-se." ***Apocalipse 2 e 3***

Recordamos, também, as parábolas de nosso Senhor sobre as minas e os talentos, nas quais ele mostra que, em seu retorno, concederá recompensas aos seus fiéis; "àqueles que, com perseverança paciente em fazer o bem, buscam glória, honra e a imortalidade [ele concederá] a vida eterna" — aos demais, ira no dia da ira. As parábolas retratam claramente a distribuição dessas recompensas aos seus servos, de acordo com os graus de fidelidade, pelo "jovem nobre" depois de ter sido investido de sua autoridade real; e que, posteriormente, seus inimigos serão julgados. No entanto, o Apóstolo atribui tanto a recompensa quanto a punição ao Pai. A chave para essa questão encontra-se nas palavras de nosso Senhor: "Eu e meu Pai somos um" — agimos em uníssono em todas as questões.

"Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois com o julgamento com que julgardes, sereis julgados."
—Mateus 7:1,2—

Os juízes competentes da Igreja são o Pai e o Filho — sendo este último o representante do Pai, a

[F403]
quem Ele confiou todo o julgamento. (***João 5:22,27***) As novas criaturas não são competentes para julgar umas às outras por duas razões: (1) Poucas delas compreendem e apreciam plenamente a Lei divina do Amor que rege tudo. (2) Evidentemente, poucos conseguem ler seus próprios corações com infalibilidade; muitos se julgam com demasiada severidade ou com demasiada indulgência e, portanto, devem recusar-se modestamente a julgar o coração de outrem, cujas motivações podem estar longe de serem compreendidas. É por causa de nossa incompetência para julgar que o Senhor — embora nos assegure que essa será uma de nossas funções futuras no Reino, após nos qualificarmos pela participação na Primeira Ressurreição — proíbe todo julgamento particular entre seus seguidores agora; e os adverte de que, se persistirem em julgar uns aos outros, não devem esperar mais misericórdia e clemência do que aquela que demonstram aos outros. (***Mt 7,2***; ***Lucas 6,38***) O mesmo pensamento é reforçado na oração-modelo que nos foi dada: "Perdoai-nos as nossas dívidas [ofensas], assim como nós perdoamos aos nossos devedores." ***Mt 6,12***

Essa não é uma regra arbitrária pela qual o Senhor tratará de forma injusta e mesquinha conosco, se tratarmos assim os outros: pelo contrário, trata-se de um princípio correto. Somos "por natureza filhos da ira", "vasos destinados à destruição"; e, embora o Senhor, em sua misericórdia, se proponha a nos abençoar, a nos livrar de nossos pecados e fraquezas e a nos aperfeiçoar por meio de nosso redentor, Ele fará isso somente sob a condição de aceitarmos Sua Lei do Amor e de nosso coração estar em conformidade com ela. Ele não se propõe a aceitar os não regenerados nem a ter "filhos da ira" em Sua família. Para ser apto a ocupar qualquer lugar na casa do Pai, com muitas moradas [planos de existência] (***João 14:2***), todos devem deixar de ser filhos da ira e tornar-se filhos do Amor — sendo transformados de glória em glória pelo espírito de nosso Senhor, o espírito do Amor. Quem, portanto, se recusa a desenvolver o espírito do Amor e, contrariamente a ele, insiste em julgar sem caridade os companheiros discípulos, prova que não está crescendo em conhecimento e graça, não está sendo transformado de glória em glória na semelhança do coração com o Senhor, não é um verdadeiro seguidor do Senhor e,

[F404]
portanto, não deve receber misericórdia além daquela que ele usa adequadamente ao imitar seu Senhor. O grau de sua semelhança com o Senhor (no amor) será demonstrado por sua misericórdia e generosidade de pensamento, palavra e ação para com seus semelhantes.

Ah, que todos os gerados pelo Espírito, a "Nova Criação", pudessem perceber que esse espírito de julgamento (condenação), infelizmente tão comum (na verdade, quase o "pecado recorrente" do povo do Senhor), mede sua falta do espírito de Amor
—sua falta do espírito de Cristo—que, se totalmente ausente, provaria que "não somos dos Seus". (***Rom. 8:9***) Estamos convencidos de que, quanto mais rapidamente esse fato for compreendido, mais rapidamente progredirá a grande transformação "de glória em glória", tão essencial para nossa aceitação definitiva como membros da nova criação.

Mas poucos do povo do Senhor percebem até que ponto julgam os outros, e isso com uma severidade que, se aplicada a eles pelo Senhor, certamente os excluiria do Reino. Poderíamos ter temido que, sob a generosa promessa de nosso Senhor de que seremos julgados com a mesma clemência com que julgamos os outros, a tendência fosse para excesso de benevolência, excesso de misericórdia, e que o "não pensar mal" pudesse ser levado ao extremo. Mas não! Todas as forças de nossa natureza caída estão firmemente voltadas na direção oposta. Já se passaram mais de dezoito séculos desde que nosso Senhor fez essa generosa proposta de nos julgar com a mesma clemência com que julgamos os outros e, ainda assim, quão poucos poderiam reivindicar muita misericórdia sob essa promessa! Será proveitoso para nós examinarmos nossa propensão a julgar os outros. Façamos isso, em espírito de oração.

A mente caída ou carnal é egoísta; e, na mesma medida em que é *a favor* de si mesma, é *contra* os outros — disposta a aprovar ou desculpar a si mesma e a desaprovar e condenar os outros. Isso está tão profundamente enraizado que se tornou um hábito inconsciente, como quando piscamos os olhos ou respiramos. Esse hábito é ainda mais pronunciado com o avanço da educação. A mente reconhece ideais e padrões mais elevados e, imediatamente, avalia todos por meio deles e, é claro, encontra algo de errado em todos. Ela se deleita em relembrar os erros e as fraquezas dos outros,

[F405]
enquanto ignora as suas próprias, sejam elas semelhantes ou de outra natureza — e, às vezes, chega até a denunciar hipocritamente as fraquezas de outrem com o propósito exato de esconder as suas próprias ou dar a impressão de caráter superior no aspecto em questão. Tal é a disposição mesquinha e desprezível da velha natureza caída. A nova mente, gerada pelo Espírito do Senhor, o espírito santo do Amor, está em conflito com essa velha mente egoísta desde o início, sob a orientação da Palavra do Senhor — sob a Lei do Amor e a Regra de Ouro — e esse conflito se intensifica à medida que crescemos em graça e conhecimento. No início, todas as novas criaturas não passam de "bebês em Cristo" e compreendem a nova Lei apenas vagamente; mas, a menos que se alcance o crescimento e que a Lei do Amor seja compreendida e cumprida, o grande prêmio não será conquistado.

A Lei do Amor diz: Que vergonha que as fraquezas e falhas dos irmãos ou de outras pessoas sejam expostas diante do mundo; que vergonha que a piedade e a compaixão não tenham se manifestado imediatamente para dizer uma palavra em sua defesa, mesmo que fosse tarde demais para estender sobre suas falhas um manto de caridade que as ocultasse por completo! Como nosso nobre e amoroso mestre declarou certa vez, quando lhe pediram para condenar um pecador: "Aquele dentre vós que estiver sem pecado, que atire a primeira pedra." A pessoa sem fragilidades próprias poderia, até certo ponto, ser desculpável por assumir, sem ser solicitada pelo Senhor, a posição de executor da Justiça — vingando-se dos malfeitores, expondo-os, etc.; mas constatamos que nosso Mestre, que não conhecia o pecado, tinha tanto Amor em seu coração que estava mais disposto a perdoar e tolerar do que a punir, expor e repreender. E assim será, sem dúvida, com todos os gerados pelo seu espírito: na medida em que crescerem à sua semelhança, serão os últimos a orar por vingança — os últimos a executar punições com a língua ou de qualquer outra forma, até que assim lhes seja ordenado pelo Grande Juiz. Ele, ao contrário, agora nos instrui: "Não julgueis nada antes do tempo", e declara: "A vingança é minha".

O Apóstolo delineou bem o espírito do Amor, dizendo: "O amor é sofredor e benigno" — para com o malfeitor. "O amor não inveja" o sucesso dos outros, não procura diminuir

[F406]
sua honra nem a afastá-los dela. “O amor não se vangloria, não se ensoberbece” e, consequentemente, nunca procura diminuir o esplendor dos outros para se destacar por contraste. Ele “não se comporta de maneira imprópria”, sem moderação — não tem desejos extremos e egoístas e evita métodos extremos. O amor “não busca o que não lhe pertence” — não cobiça as honras, a riqueza ou a fama dos outros, mas se alegra em vê-los abençoados e prefere aumentar essas bênçãos a diminuí-las. O amor “não se irrita facilmente”, nem mesmo para aplicar recompensas justas: lembrando-se da angústia atual de toda a humanidade devido à queda, ele é compassivo em vez de irado. O amor “não pensa mal”; ele não apenas não inventa nem imagina o mal, mas está tão disposto a dar o benefício da dúvida que “suspeitas malignas” lhe são estranhas. (Compare ***1 Tim. 6:4***.) O amor “não se alegra com a iniquidade, mas se alegra com a Verdade [retidão]”: por isso, ele se deleitaria em revelar e divulgar palavras ou atos nobres, mas não teria prazer em expor palavras ou atos ignóbeis, antes os evitaria. O amor “cobre todas as coisas”, como com um manto de compaixão — pois nada nem ninguém é perfeito a ponto de resistir a uma inspeção completa. O amor antecipa e mantém seu manto de benevolência sempre à disposição. O amor “acredita em todas as coisas” — não está disposto a contestar alegações de boa intenção, mas sim a aceitá-las. O amor “espera todas as coisas”, contestando a ideia de depravação total pelo maior tempo possível. O amor “suporta tudo”; é impossível estabelecer um limite além do qual ele recusaria aquele que se arrepende verdadeiramente. “O amor nunca falha.” Outras graças e dons podem cumprir seus propósitos e passar; mas o amor é tão fundamental que, uma vez alcançado, pode ser sempre nosso — por toda a eternidade. O amor é o principal. ***1 Coríntios 13:4-13***

Mas se dizer a verdade desagradável é violar a Lei do Amor e a Regra de Ouro, o que diremos do hábito ainda mais vergonhoso, ainda mais desagradável, ainda mais criminoso, tão comum, não apenas entre os mundanos e os cristãos apenas no nome, mas também entre os verdadeiros cristãos — o de dizer sobre os outros coisas vergonhosas que não se sabe com certeza serem verdadeiras. Oh, que vergonha! Que vergonha! Que qualquer um do povo do Senhor

[F407]
deve ignorar de tal forma a instrução do Senhor: "não fale mal de ninguém"; e que qualquer um, a não ser os mais simples bebês e novatos na Lei do Amor, deva interpretar tão mal sua mensagem — que qualquer um, sem as provas mais indubitáveis da boca de duas ou três testemunhas, e mesmo assim com relutância, deva sequer acreditar no mal de um irmão ou vizinho, muito menos repeti-lo — para difamá-lo com base em suspeitas ou em evidências de boatos!

Devemos Julgar a Nós Mesmos

"Se nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados [castigados, corrigidos pelo Senhor]." ***1 Coríntios 11:31***

A Regra de Ouro certamente resolveria essa tendência de "fofocar" sobre os outros e seus assuntos. Que caluniador deseja ser caluniado? Que fofoqueiro deseja que seus assuntos, dificuldades e fraquezas sejam discutidos, seja publicamente, seja em sigilo? O "mundo" tem pouco mais para falar além de fofocas e escândalos, mas a nova criação deveria, de preferência, permanecer em silêncio até que o amor e o plano de Deus lhes tenham proporcionado o grande tema sobre o qual os anjos cantaram — "Glória a Deus nas alturas; paz na terra, boa vontade para com os homens." Então, as "palavras de suas bocas e as meditações de seus corações" serão aceitáveis ao Senhor e uma bênção para aqueles com quem entrarem em contato.

O apóstolo, ao comentar sobre a língua, mostra que esse pequeno membro de nosso corpo tem grande influência. Ela pode espalhar palavras gentis que nunca morrerão, mas continuarão abençoando os vivos e, por meio deles, os que ainda não nasceram. Ou, "cheia de veneno mortal", pode espalhar sementes venenosas de pensamento para amargar a vida de alguns e para arruinar e esmagar a vida de outros. O apóstolo diz: "Com ela bendizimos [honramos] a Deus, o Pai; e com ela amaldiçoamos [prejudicamos] os homens... da mesma boca procedem a bênção e a maldição. Meus irmãos, assim não deve ser. Acaso uma fonte jorra, do mesmo lugar, água doce e amarga?" ***Tiago 3:8-11***

[F408]

"Da abundância do coração fala a boca"; de modo que, quando estamos fofocando sobre os outros, "metendo o bedelho" nos assuntos alheios, isso prova que uma grande parte do nosso coração, se não mais, está vazia no que diz respeito ao amor e à graça de Deus. Esse pensamento deve nos levar imediatamente ao trono da graça e à Palavra, para que sejamos preenchidos pelo espírito, conforme o Senhor prometeu àqueles que têm fome e sede dela. Se, pior ainda do que fofocas ociosas e intromissões, temos *prazer* em ouvir ou falar mal dos outros, a condição do coração é ainda pior: está transbordando de amargura — inveja, malícia, ódio, contenda. E essas qualidades, declara o Apóstolo, são "obras da carne e do diabo". (***Gálatas 5:19-21***) Oxalá pudéssemos surpreender e despertar completamente a "nova criação" a respeito desse assunto; pois, se fizerdes essas coisas, certamente caireis, e a tais pessoas não será concedida entrada no Reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

A aptidão para o Reino nos leva na direção exatamente oposta, como declara o apóstolo Pedro: "Acrescentai à vossa fé a paciência, a bondade fraternal e *o amor*; pois, se fizerdes essas coisas, nunca caireis, mas obteráis uma entrada abundante no Reino." (***2 Pe. 1:5-10***) O apóstolo Tiago é muito claro sobre o assunto e diz: "Se tiverdes invejas amargas e contendas em vossos corações, não vos glorieis nem *mintais contra a verdade*. Essa sabedoria não desce do alto, mas é terrena, sensual, diabólica." (***Tiago 3:14,15***) Quem quer que tenha tal espírito calunioso e amargo possui exatamente o oposto do Espírito de Cristo, o espírito santo, o espírito do Amor: que não minta nem para si mesmo nem para os outros — que não se glorie em sua vergonha — que não troque, assim, as trevas pela luz, o espírito de Satanás pelo Espírito do Ungido.

Continuando, o apóstolo declara que o segredo da confusão e da inquietação que tem perturbado o povo do Senhor em todos os tempos está nessa condição impura e apenas parcialmente santificada do coração, dizendo: "onde há inveja e contenda, aí há confusão [inquietude, agitação] e toda obra má." (***Tiago 3:16***) Se essas ervas daninhas da velha natureza caída tiverem permissão para crescer, elas não só serão nocivas, mas, gradualmente,

[F409]
sufocarão e matarão todas as flores doces e belas e as graças do espírito.

O julgamento correto de nós mesmos

O apóstolo Paulo se refere ao nosso crescimento adequado como a nova criação e ao nosso julgamento ou autocrítica adequados, dizendo: "Tendo, portanto, essas promessas, amados, purifiquemo-nos de toda a impureza da carne e do espírito — aperfeiçoando a santidade no temor do Senhor." (***2 Cor. 7:1***) "Que cada um examine a si mesmo" — que ele observe as fraquezas e impurezas de sua natureza carnal e caída e procure purificar-se, "despojando-se" das obras do "velho homem" e sendo renovado, transformado de glória em glória, cada vez mais à imagem do amado Filho de Deus, que é nosso Exemplo, bem como nosso redentor e Senhor. Mas o apóstolo Paulo exorta-nos a purificar não apenas nossa carne, tanto quanto possível, mas também nosso espírito, ou mente — para que a nova mente, a resolução santa, ou vontade, receba controle total, e que todo pensamento seja levado cativo à vontade de Deus, conforme expressa e ilustrada em Cristo.

Será em vão que nos esforcemos para purificar a carne e refrear a língua se negligenciarmos o coração, a mente, o espírito, nos quais se geram os pensamentos, que simplesmente se manifestam na impureza da carne — por meio de palavras e atos. Somente pela oração e pela perseverança essa purificação necessária para participar do Reino pode ser realizada — "aperfeiçoando a santidade na reverência ao Senhor". Não que possamos esperar, tampouco, efetuar uma purificação absoluta da carne. É a purificação absoluta da vontade, do coração e do espírito que o Senhor exige (o que implica uma purificação tão completa quanto possível da carne e da língua). A quem Ele vir com o coração puro e fiel a Ele, ao Seu espírito e à Sua lei do Amor, Ele concederá, no tempo devido, o novo corpo adequado a tal estado. "Bem-aventurados os puros de *coração*, pois eles verão a Deus." ***Mt 5,8***

Quão apropriadas são aqui as palavras do Apóstolo (***2 Tess. 3:5***): "Que o Senhor *dirija vossos corações* para o amor de Deus" — o amor que é gentil, manso, paciente, longânimo — que busca

[F410]
não mais do que o dela própria, e que não seja orgulhosa nem invejosa — que não pense nem fale mal, mas confie e seja bondosa e atenciosa, de acordo com a Regra de Ouro. Precisamos ter nossos corações *direcionados* para esse amor, pois, como a nova criação, estamos caminhando de uma nova maneira — não segundo a carne, mas segundo o espírito. E somente o Senhor é nosso guia e diretor competente — embora Ele possa usar vários de Seus "membros" como Seus porta-vozes. "Teus ouvidos ouvirão uma voz atrás de ti [do passado], dizendo: 'Este é o caminho, andai nele'." ***Isaías 30:21***

"Sim, eu não me julgo a mim mesmo — quem me julga é o Senhor"

Há alguns membros da nova criação — notavelmente poucos, porém — que parecem dispostos a julgar a si mesmos sem misericórdia. Corretamente, eles criticam cada uma de suas falhas e fraquezas e desejam livrar-se de toda imperfeição; mas, incorretamente, esquecem que o Senhor não nos conhece nem nos julga segundo a *carne*, mas segundo o *espírito* — a intenção, a vontade, o desejo, o esforço. Eles dão demasiada atenção às palavras dos fariseus: "Agradeço-Te por não ser como os outros homens", e muito pouca atenção às palavras inspiradas do Senhor, relativas aos fundamentos de Sua aceitação e à virtude do precioso sangue na purificação de todos os pecados. Eles esquecem, em seus raciocínios sobre o assunto, que, se fossem perfeitos ou pudessem agir com perfeição, não precisariam de Salvador, nem de advogado. Esquecem-se de que "pela graça sois salvos" e não pelas obras da carne.

Esses precisam aplicar a si mesmos as palavras do apóstolo: "É coisa muito pequena que eu seja julgado por vós, ou pelo juízo de qualquer homem; sim, eu mesmo não me julgo. Pois nada sei contra mim mesmo [como administrador], mas com isso não estou justificado; mas aquele que me julga [e a todos] é o Senhor. Portanto, não julgueis nada antes do tempo, até que venha o Senhor, que trará à luz as coisas ocultas das trevas e tornará manifestos os conselhos [intenções] do coração." ***1 Cor. 4:3-5***

Nossa confiança está no Senhor, e não em nossa carne fraca e caída

[F411]
carne. Aprendemos sobre a graça e a misericórdia de Deus para com todos os que confiam nele e buscam andar *segundo* o espírito do Amor, mesmo que incapazes de *cumprir plenamente* suas exigências perfeitas. Não esperamos, portanto, ser perfeitos na carne, mas perfeitos no espírito, na intenção; e que nossa fé e nosso zelo sejam (pelo mérito de nosso redentor) considerados como compensação por nossas imperfeições reais, que odiamos e contra as quais lutamos diariamente. Ao refletirmos sobre o assunto, perguntamos: Deus nos ama, a nós que, por natureza, éramos filhos da ira, assim como os demais? Ele está do nosso lado, disposto a nos ajudar e a reconhecer cada bom desejo e esforço, mesmo que isso resulte em fracasso parcial ou total? Sim, responde o Senhor: "O próprio Pai vos ama". O Apóstolo acrescenta: se Deus nos amou tanto, enquanto ainda éramos pecadores, a ponto de entregar seu Filho Unigênito para nossa redenção, "não nos dará ele, juntamente com ele, de graça todas as coisas [necessárias para nossa corrida em busca do prêmio que Ele nos apresenta no evangelho]?" Certamente, se Ele nos amou enquanto éramos pecadores, Ele nos ama ainda mais ternamente agora — agora que nos adotou em sua família — agora que vê em nossos corações um desejo sincero de fazer a sua vontade. Tenhamos, então, boa fé e nos aproximemos com coragem do trono da graça celestial, para que possamos *obter misericórdia e encontrar graça para nos ajudar* em todo momento de necessidade***. Hb 4,16***

É necessária, porém, uma palavra de advertência em relação ao outro lado dessa questão. Todos nós já conhecemos casos em que a humildade e a falta de confiança, bem como o medo e a desconfiança na graça de Deus, deram lugar a uma condição oposta de autoconfiança descarada e cegueira total diante das falhas, além de uma gratidão farisaica por ser melhor do que os outros homens. Ai de nós! Esse é um estado extremamente deplorável e, tememos, sem esperança! A fé é necessária, mas deve ser fé em Deus e não em si mesmo. A causa de tal desvio geralmente se encontra na negligência da Lei do Amor e da Regra de Ouro. A perversão do amor pelo Senhor, do amor pelo seu plano gracioso, do amor pelos irmãos da nova criação e do amor solidário pelo mundo da humanidade é — amor próprio, presunção, honra própria, autoglorificação. Tenhamos cuidado com esse desvio que nos afasta do Senhor, do seu espírito e de Seu Reino. Embora os líderes

sejam especialmente suscetíveis a essa armadilha, outros também estão expostos a ela. Alguns, muito deficientes em todas as qualificações para serem mestres, tornam-se tristemente "inchados em suas mentes carnais" — orgulhosos, sem saber nada, "mas deleitando-se em questões e contendas de palavras, das quais provêm inveja, contenda, injúrias, suspeitas maliciosas... afasta-te desses. Pois a piedade com contentamento é grande ganho." ***1 Tim. 6:4-6***; veja também ***1º João 3:9,10***.

A Igreja Deve Julgar Certas Questões

Embora, individualmente, não devamos julgar nem condenar, mas aguardar o tempo do Senhor para a manifestação pública de sua decisão a respeito de cada membro de seu corpo, a "nova criação", ainda assim, em alguns casos, a Igreja [congregação — *Ecclesia*] tem o dever de julgar. Por exemplo, o Apóstolo menciona um caso de fornicação publicamente reconhecido pelo infrator contra a moral e conhecido por toda a Igreja; ele declara que, ao manter comunhão com tal libertino confesso, a Igreja havia errado; e imediatamente exerceu sua autoridade apostólica ao excomungar o transgressor, separando-o da comunhão dos crentes, entregando-o figurativamente a Satanás, para que sofresse castigos, a fim de destruir sua carnalidade, para que o espírito, a nova mente, pudesse assim, em última instância, ser salvo, no dia do Senhor, no tempo do julgamento, no fim desta era. ***1 Cor. 5:5***

Somente o próprio Senhor ou um de seus apóstolos (os doze especiais, dos quais Paulo foi o último, escolhido para ocupar o lugar de Judas) teria a autoridade, o direito, de proceder da maneira declarada; assim como somente um apóstolo poderia ter agido como Pedro agiu com Ananias e Safira. (***Atos 5:1-11***) O apóstolo Paulo explica melhor sua posição, dizendo: "Escrevi-vos em uma epístola que não vos associasseis com os fornicadores. Contudo, não se trata de [proibir relações] com os fornicadores deste mundo, nem com os avarentos, nem com os extorsionários, nem com os idólatras; pois, nesse caso, seria necessário que saísseis do mundo." Ele queria que eles compreendessem que uma coisa é manter relações comerciais com os não santificados e outra coisa totalmente diferente é

[F413]
reconhecê-los como irmãos na nova criação. A redução do padrão moral também não seria uma bondade para com o transgressor; ele seria mais ajudado ao perceber que sua impureza o separava inteiramente do povo do Senhor; e, se realmente gerado pelo espírito de Deus, ele perceberia mais rapidamente e com maior intensidade sua verdadeira posição, aprenderia a lição e se arrependeria. A Igreja praticou uma caridade equivocada para com o infrator e, com isso, arriscou-se a uma desmoralização geral entre seus membros, bem como a um contágio entre todos os crentes de outras congregações que pudessem tomar conhecimento das condições prevalecentes em Corinto.

O apóstolo descreve brevemente o dever dos fiéis em tais casos; e parafraseamos suas palavras da seguinte forma: O que lhes escrevi é que não devem ter comunhão com um homem conhecido como "irmão" se ele for *fornicador*, ou *avarento*, ou *idólatra*, ou *injurioso*, ou *bêbado*, ou *extorsionário* — não, nem mesmo a ponto de comer com tal pessoa. Na verdade, não estou tentando julgar o mundo; mas estou exortando que vocês, como Igreja, julguem aqueles que aceitam como irmãos. Deus julgará os de fora: o dever de vocês é afastar de seu meio as pessoas ímpias. ***1 Cor. 5***

O Apóstolo prossegue esse argumento criticando o fato de que, em disputas entre irmãos, havia uma tendência a recorrer aos tribunais mundanos em busca de justiça, em vez de suportar a injustiça com paciência, se fosse suportável, ou, se insuportável, levá-la à Igreja como instância de última instância. O apóstolo insiste que, se Deus está escolhendo a Igreja para ser a futura juíza do mundo, seus membros certamente não devem ser menos imparciais, honrados e justos em suas decisões do que o mundo, mesmo agora. O menos estimado na Igreja deve ser digno de confiança nessas questões. Não há ninguém entre vocês em cuja sabedoria e integridade todos possam confiar implicitamente, e a cuja decisão os litigantes se submetam?

"Por que não preferis sofrer a injustiça?" Por que não sofreis a injustiça, se considerais a decisão injusta? — por que não sofreis a perda, em vez de perpetuar disputas ou recorrer a tribunais públicos com acusações uns contra os outros? Não, diz o

[F414]
Apóstolo, percebo que não só você não está disposto a sofrer injustiça em nome da paz e da harmonia no corpo de Cristo, mas, pior ainda, e em maior medida: há alguns entre vocês dispostos a praticar o mal e a defraudar — até mesmo seus irmãos. Vocês, como Igreja do Senhor, não estão buscando alcançar o Reino? E "não sabeis que os injustos não herdarão o Reino de Deus? Não vos enganeis: nem *os fornicadores*, nem *os idólatras*, nem *os adúlteros*, nem *os efeminados*, nem *os que se deitam* com homens, nem *os ladrões*, nem *os avarentos*, nem *os bêbados*, nem *os caluniadores*, nem *os extorsionários* herdarão o Reino de Deus. E assim eram alguns de vós; mas fostes lavados; mas fostes santificados; mas fostes justificados em nome do Senhor Jesus e pelo espírito do nosso Deus." ***1 Cor. 6:1-11***

Essa enumeração de ofensas que impediriam a entrada no Reino deve servir de orientação quanto às ofensas que devem impedir a comunhão na Igreja. Com relação a todas essas coisas, portanto, aplicam-se as palavras: "Retirai de entre vós aquele homem mau", seja ele quem for, que seja culpado de qualquer dessas ofensas.

"Se o teu irmão pecar contra ti"

Mas isso não entra em conflito com a ordem de nosso Senhor: "Não julgueis, para que não sejais julgados"? Não devemos primeiro julgar o malfeitor individualmente e, depois, falar — ou fofocar — sobre suas más ações, ou fazer "mal-fala" a respeito dele, para que toda a Igreja saiba e repudie o malfeitor?

De modo algum: o desígnio divino está em plena harmonia consigo mesmo quando corretamente compreendido. Se A e B têm uma divergência, e A *acredita* ter sido prejudicado por B, ele não deve julgar B no sentido de condená-lo. Ele pode apenas dizer: "Há uma divergência entre nós, e tenho certeza de que estou certo; embora B possa se sentir igualmente confiante de que está certo e de que não fui injustiçado." A não deve excluir B por esse motivo, pois fazê-lo seria julgá-lo — condená-lo. Ele pode dizer, para si mesmo: "De qualquer forma, o assunto é trivial entre irmãos, e vou deixar isso para lá, acreditando que B, como irmão no Senhor,

[F415]
não me prejudicaria intencionalmente, e que talvez seja a minha visão, e não a dele, que esteja errada."

No entanto, se ele não for capaz de adotar essa perspectiva, ainda assim não deve julgar, não deve decidir que está certo e que B está errado — mas deve *procurar* B e explicar como a questão lhe parece, e, se possível, chegar a um acordo gentil e fraterno, talvez por meio de concessões mútuas. Mas, se não conseguirem chegar a um acordo, ele pode pedir a dois ou três dos irmãos mais sábios da Igreja, C e D (irmãos em cuja sinceridade tanto B quanto ele próprio teriam grande confiança), que *o acompanhem* para conversar com B sobre o assunto — não para condenar B, pois nem mesmo o próprio A deve tê-lo julgado ou condenado; mas para ouvir o caso na presença de A e B e dar seu conselho a ambos. Isso deveria resultar satisfatoriamente para todos — especialmente se todos tiverem o espírito de amor uns pelos outros e o desejo de agir corretamente uns para com os outros como membros do corpo ungido. Mas, se a paz ainda não for estabelecida, ainda assim não deve haver julgamento nem condenação; pois dois ou três irmãos não podem "julgar", mas apenas a Igreja.

Se, quando A levou consigo C e D, eles deram sua opinião contra A e a favor de B, isso deveria encerrar o assunto. Nessas condições, A não pode levar a questão à Igreja. Ele evidentemente seria bastante teimoso e "impulsivo" se levasse o assunto adiante. As instruções do Senhor não lhe concedem nenhum privilégio adicional (***Mt 18,15***); mas, se ele ainda estivesse insatisfeito, não conhecemos nenhum princípio que seria violado se ele levasse dois ou três outros irmãos capazes e imparciais, E, F, G, até B, para uma nova audiência do caso e para obter o conselho deles.

Mas se, quando A levou C e D até B, todos concordassem com a alegação de A de que B havia agido injustamente com ele e se recusassem a desistir, e se B, após um prazo razoável, se recusasse ou negligenciasse a correção da injustiça, A teria o direito, juntamente com C e D, de convocar uma reunião da Igreja, na qual todo o assunto deveria ser exposto tanto por A quanto por B — pois deve-se supor que, se B ainda se associa à Igreja, ele reconhece seu conselho e autoridade, e deve-se presumir também

[F416]
que B seja consciente. Quando a Igreja ouvir o caso, não se deve esquecer que somente os *justificados e santificados* constituem a Igreja, e que eles estão *julgando* em nome de seu Senhor e Cabeça para proferir *o julgamento Dele*. O objetivo não é promover uma disputa faccional na Igreja, mas preservar sua unidade nos laços da paz. A e B, é claro, não devem votar, nem deve votar qualquer pessoa que sinta algo diferente do desejo de expressar o julgamento do Senhor sobre o assunto. A decisão deve ser unânime, ou praticamente unânime — mesmo que isso exija alguma modificação dos extremos de opinião. Que a justiça seja sempre temperada com misericórdia: "Examina-te a ti mesmo, para que também não sejas tentado." ***Gálatas 6:1***

A decisão da Igreja deve ser aceita como definitiva por todos; e quem se recusar a aceitar e a se conformar às suas exigências em tal questão de moral (não de consciência) deve ser considerado pelos demais "como um pagão ou um publicano" — até o momento em que deixe de desafiar a Igreja — quando, é claro, será perdoado e recebido plenamente na comunhão, como antes. O objetivo não é rejeitar o irmão por completo, mas simplesmente demonstrar desaprovação em relação ao seu caminho errado, com o intuito de ajudá-lo a corrigi-lo. Tratar tal pessoa "como um pagão e um publicano" não significaria caluniá-la ou desonrá-la, mesmo depois de ter sido rejeitada. O povo do Senhor não deve ser caluniador nem difamador sob nenhuma circunstância: o mandamento geral — "Não faleis mal de ninguém" — abrange exatamente esse caso. Não devemos falar mal, nem olhar com desagrado para publicanos e pecadores, nem recusar-nos a fazer negócios com eles; mas devemos negar-lhes a comunhão especial e a cortesia próprias dos irmãos da nova criação, que possuem o espírito santo e seu amor, alegria e paz.

Caso B se recuse a ouvir a Igreja e a desistir de prejudicar A, e depois se arrependa e seja recebido de volta à comunhão plena, sua contumácia deve ser lembrada contra ele caso, em algum momento, seja indicado para as funções de ancião. Ele precisaria manifestar uma mudança decidida

mudança antes de ser considerado apto para esse serviço; pois, mesmo que fosse totalmente consciencioso, sua conduta provaria, no mínimo, que ele é bastante obstinado quando se trata de seus interesses pessoais. De fato, recusar-se a dar ouvidos ao conselho de três irmãos e obrigar que a ofensa fosse levada à Igreja para julgamento seria um indício desfavorável, mesmo que, posteriormente, ele tenha dado ouvidos à Igreja, obedecido a ela e reparado o dano causado a A.

Perdoe setenta vezes sete vezes

Suponha que, quando A foi pela primeira vez até B para discutir a injustiça cometida contra ele, a conversa tenha resultado no reconhecimento da culpa por parte de B e em sua tentativa de corrigir a situação da melhor maneira possível; ou suponha que ele tenha se arrependido dessa forma após a segunda visita de A, acompanhado por C e D. Qual deveria ser a atitude de A em relação a B? Ele deveria perdoá-lo, e da maneira mais sincera possível. Ele pode nem mesmo impor-lhe uma punição, mas deve lembrar-se das palavras: "A vingança é minha; eu retribuirei, diz o Senhor!" Mas quantas vezes isso pode ser mantido? Quantas vezes devemos perdoar se ele se arrepender? Por quanto tempo devemos suportar suas fraquezas? "Sete vezes?", perguntou Pedro. A resposta de Nosso Senhor nos chega da mesma forma: "Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete". Devemos perdoar as ofensas dos outros assim como gostaríamos que nosso Pai no céu perdoasse nossas ofensas contra sua lei divina. Se formos tentados a desprezar nosso irmão por causa de suas fraquezas, devemos pensar em nossas próprias fraquezas e lembrar que aquele que não mostra misericórdia não receberá misericórdia.* ***Tiago 2:13***

Ofensas contra a Igreja

Consideramos o procedimento adequado para julgar ofensas contra o indivíduo; mas, no caso do fornicador mencionado pelo Apóstolo e em outros casos hipotéticos, a ofensa pode não ser contra nenhum membro específico da

---

*Veja, além disso, o Capítulo VI — "Disciplina na *Ecclesia*".

[F418]
a *Ecclesia*; mas contra o todo — contra a causa que representamos em união. Qual deveria ser, então, o modo de proceder?

Poderia ser o mesmo que no caso de uma queixa individual, se o pecado não fosse de conhecimento público. Mas, se o assunto fosse de conhecimento público, caberia aos anciãos citar o infrator perante a Igreja para julgamento, sem as visitas preliminares em particular; pois a publicidade já o havia levado além de qualquer acordo privado. Da mesma forma, se fosse um caso de calúnia contra os anciãos ou qualquer um deles, a audiência deveria ser realizada pela Igreja e não em particular; pois os caluniadores, mesmo que, em sua consciência, acreditassem ter uma boa causa, teriam negligenciado a regra do Senhor ("Vá até ele sozinho" e, depois, 'Leva contigo mais dois ou três'") e tivessem espalhado boatos escandalosos e difamatórios, teriam, com isso, *levado* o assunto além do poder de retificação *individual* e o *transformado em* um assunto para a Igreja.

Nesses casos, seria apropriado que o ancião caluniado convocasse o Conselho de Anciãos como representantes da Igreja, negasse as calúnias e solicitasse que os caluniadores fossem intimados a responder às acusações de calúnia e falso testemunho perante a Igreja; pois sua ofensa foi dirigida contra a Igreja (1) na medida em que foi contrária às regras estabelecidas pelo Chefe da Igreja e contrária à decência e à boa moral; e (2) porque a calúnia, sendo dirigida contra o ancião escolhido pela Igreja, constituía, assim, uma calúnia contra toda a Igreja que o havia escolhido. Os caluniadores deveriam ser condenados e repreendidos e obrigados a reconhecer seu erro; mas, após fazer isso, teriam o direito de proceder contra o ancião supostamente em erro, exatamente como deveriam ter feito desde o início.

Todos Devemos Comparecer perante o Tribunal de Cristo

—2 Cor. 5:10—

O "nós" deste texto, sem dúvida, refere-se à Igreja — a nova criação. Não deve, entretanto, ser confundido com a reunião de "todas as nações" diante do Filho do Homem quando ele vier em sua glória, acompanhado de todos os mensageiros santos

[F419]
ele, conforme registrado em ***Mateus 25:31-46***. Quando o Filho do Homem "se assentar no trono de sua glória", ele prometeu que sua fiel *Ecclesia*, sua Noiva, compartilhará desse trono e dessa glória, e participará do julgamento milenar das nações, incluindo "todos os que estão nos sepulcros".

O julgamento da Igreja é evidentemente retratado e descrito por nosso Senhor em ***Mateus 25:14-30*** e ***Lucas 19:12-26***. Ele ocorrerá no fim desta era e será a primeira obra do Rei em sua segunda vinda, antes que ele comece a lidar com o mundo. Ele primeiro fará as contas com seus próprios servos, a quem confiou várias responsabilidades sobre riqueza e influência, talento e oportunidade, nas quais eles foram mais ou menos fiéis, perseverantes e abnegados ao usá-las. Todos esses devem prestar contas, e os fiéis serão recompensados e receberão autoridade sobre duas cidades, cinco cidades ou dez cidades — também designadas como "as alegrias do teu Senhor". As recompensas não serão todas iguais no que diz respeito à glória e à honra, embora todas sejam gloriosas e honrosas. "Assim como uma estrela difere da outra em glória", assim serão aqueles que participarão da Primeira Ressurreição para "glória, honra e imortalidade". ***1 Cor. 15:41***

A fidelidade, o amor e o zelo serão os critérios de avaliação. Aqueles que possuem talentos e os enterram na terra, nos negócios, nos prazeres ou na preguiça, demonstrarão, assim, falta de amor e de apreço — e, consequentemente, indignidade para o Reino — e não entrarão nas "alegrias do Senhor", nem terão permissão para reinar com ele na bênção do mundo.

[F420]

“O Senhor sabe como”
*—2 Pedro 2:*9—

“Confiarei e não temerei.” ***Isaías 12:2***

“As nuvens de tempestade avançam pelo horizonte, E
se ouvem estrondos sucessivos de trovões:
Os relâmpagos são vívidos e terríveis: No entanto,
nenhum medo se agita neste peito,
Pois não está escrito, e em toda parte demonstrado:
‘O Senhor sabe como livrar os Seus!’

“O brilho da espada pode ser visto à distância, Os gemidos
dos feridos e moribundos ouvimos;
E a guerra e o derramamento de sangue estão se tornando cada
vez mais desenfreados: Mas nada disso consegue despertar
medo,
Pois não está escrito, e em toda parte demonstrado:
‘O Senhor sabe como livrar os Seus!’

“O inimigo contra quem lutamos é astuto e
dissimulado, E muitas, de fato, são as armadilhas
que ele preparou: Não ignoramos as artimanhas de
Satanás, Embora não tenhamos medo de suas
tentações; Pois não está escrito, e demonstrado em
toda parte: ‘O Senhor sabe como livrar os Seus!’

“‘O Senhor sabe como’, embora muitas vezes fiquemos
perplexos, E para nossa compreensão nenhum caminho
seja claro;
Mas, visto que somos guiados pela Sabedoria
Infinita, a palavra que Ele proferiu afasta todo
temor: pois não está escrito, e em toda parte
demonstrado, ‘O Senhor sabe como livrar os
Seus!’

“‘O Senhor sabe como’ é nossa força em nossa fraqueza, A
promessa de luz do sol, mesmo quando nuvens de tempestade
aparecem;
Uma garantia de paz em meio a toda batalha, O
caminho de fuga de cada provação e medo;
Pois não está escrito, e em toda parte demonstrado:
‘O Senhor sabe como livrar os Seus!’”

[F421]

ESTUDO X
O BATISMO DA NOVA CRIAÇÃO

O batismo no século II — Padrinhos no batismo — Cerimônias batismais da Igreja de Roma — O batismo infantil: por que foi introduzido — Testemunho das Escrituras sobre o batismo — Visão "discípula" — A visão "batista" — A visão correta — O batismo na morte de Cristo —"Por um único espírito, todos somos batizados em um só corpo" — O batismo de fogo — O batismo simbólico na água — O batismo simbólico é necessário? — O símbolo adequado — Quem pode administrá-lo —A formulação das palavras — Repetição do símbolo — "Batizados pelos mortos".

Os cristãos são unânimes em compreender que o Novo Testamento ensina o batismo, embora haja uma grande diversidade e confusão de pensamentos a respeito de seu modo e significado.

A grande apostasia da fé, mencionada pelos apóstolos no Novo Testamento, havia ganhado tanto ímpeto no século II que, naquela época, visões muito supersticiosas a respeito do batismo já haviam assumido o controle na igreja nominal. Supunha-se que o batismo na água não apenas colocasse o batizado em relação com Deus, perdoando os pecados passados, mas também lhe trouxesse certas graças ou favores de Deus como membro da Igreja de Cristo, que de outra forma não poderiam ser obtidos. Por isso, naquela época, os crentes buscavam o batismo não apenas para si mesmos, mas também para seus filhos; e como os bebês não podiam nem acreditar nem celebrar promessas da aliança por si mesmos, foi estabelecido um arranjo pelo qual outras pessoas além dos pais poderiam se tornar padrinhos dessas crianças — "pais espirituais". Eles prometiam solenemente que as crianças acreditariam no Senhor e seguiriam seus caminhos, e se comprometiam a zelar por sua formação religiosa. Essas pessoas eram chamadas de padrinhos e madrinhas.

Tanto os mestres quanto os alunos daquele período avançaram rapidamente para o formalismo e para elaborações dos símbolos e de seus significados. Pias batismais especiais

[F422]
foram construídas fora das igrejas no século III. Consistiam em uma sala privada conectada a um pórtico externo, este aberto ao público, na presença do qual os votos batismais eram proferidos; em seguida, o candidato era batizado na pia batismal em particular. O ministro que oficiava o ritual exorcizava o candidato, para expulsar os demônios, soprando três vezes em seu rosto, representando o Pai, o Filho e o espírito santo. A água na qual o batismo era realizado era consagrada por meio de uma fórmula elaborada, tornando-a água sagrada; parte da fórmula consistia no exorcismo, ou seja, na expulsão dos espíritos malignos da água. O candidato era despido de suas vestes, simbolizando a renúncia completa ao velho homem, e era batizado três vezes: uma vez em nome do Pai, uma vez em nome do Filho e uma vez em nome do espírito santo. Tudo isso era feito fora da Igreja, para indicar que o candidato ainda não era membro da Igreja e não poderia sê-lo até que, por meio desse procedimento, fosse admitido. Após a cerimônia de batismo, o candidato à filiação usava roupas brancas até o domingo seguinte. Mais tarde, a separação do batistério da Igreja cessou, e as pias batismais passaram a ser construídas dentro das igrejas.

Os católicos romanos e gregos ainda mantêm, em grau considerável, o elaborado cerimonial do século III, com leves modificações adequadas aos nossos dias. A seguir estão as cerimônias batismais da Igreja de Roma, embora nem todas tenham aplicação universal:

"(1) A criança é mantida fora da Igreja, para simbolizar uma exclusão real do céu, que é simbolizado pela Igreja.

"(2) O padre sopra três vezes no rosto da criança, significando com isso que o diabo só pode ser afastado pelo espírito de Deus.

"(3) O sinal da cruz é feito na testa e no peito da criança.

"(4) O padre, após ter exorcizado o sal, coloca-o na boca da criança, simbolizando com isso a sabedoria que a preservará da corrupção.

[F423]

"(5) A criança é exorcizada.

"(6) O padre toca a boca e as orelhas da criança com saliva, pronunciando a palavra *ephphatha*.

"(7) A criança é despida, simbolizando o abandono do velho homem.

"(8) Ele é apresentado pelos padrinhos, que representam a Igreja.

"(9) É feita a renúncia ao diabo e às suas obras. "(10) A criança é ungida com óleo.

"(11) É feita a profissão de fé.

"(12) Perguntam-lhe se deseja ser batizado. "(13) É-lhe dado o nome de algum santo, que será
será seu exemplo e protetor.

"(14) Ele é imerso três vezes, ou água é derramada três vezes sobre sua cabeça.

"(15) Ele recebe o beijo da paz.

"(16) Ele é ungido na cabeça, para mostrar que, pelo batismo, torna-se rei e sacerdote.

"(17) Ele recebe a vela acesa, para marcar que se tornou um filho da luz.

"(18) Ele é envolto na alva (uma túnica branca), para demonstrar sua pureza batismal." Elliott's *Delineation of Romanism*, vol. I,
p. 240. Veja também Catecismo Católico Romano, p. 252.

As perversões do batismo acima mencionadas foram mantidas por mais de 1.200 anos antes da organização das diversas denominações protestantes de hoje. Sem dúvida, havia alguns membros do povo do Senhor que viam as coisas sob uma luz um pouco mais clara, mas podemos razoavelmente afirmar que eram extremamente poucos e que, na prática, nenhum registro sobre eles e sobre sua divergência de opinião chegou até nós através das páginas da história. Não é surpreendente que os protestantes dos séculos XV e XVI, tendo herdado essas tradições e participado delas, estivessem consideravelmente sob sua influência e que, embora tivessem se desfeito de grande parte das cerimônias extremas, mantivessem as mesmas visões e costumes gerais. Ainda hoje, pessoas que, de resto, são inteligentes, nutrem um medo supersticioso em relação ao que poderia ser o futuro eterno de seus filhos que morrem na infância sem

[F424]
terem sido batizados — portanto, sem terem recebido a remissão dos pecados e sem terem sido admitidos como membros da Igreja. Em consonância com essas superstições, constatamos que, embora se faça todo esforço em todas as denominações para manter todo o poder, privilégio e autoridade nas mãos do clero e fora das mãos dos leigos, no entanto, é amplamente admitido que, em casos extremos, quando não há expectativa de que uma criança sobreviva e quando não é possível garantir a presença de um clérigo a tempo, qualquer pessoa pode realizar o batismo — com base na ideia de que não se deve correr nenhum risco no que diz respeito ao bem-estar eterno da criança. O privilégio dos leigos nessas circunstâncias é claramente reconhecido até mesmo nas Igrejas Católica Romana e Grega; e na rubrica da Igreja da Inglaterra, na época de Eduardo VI, a questão foi regulamentada da seguinte forma: "Os pastores e curadores devem admoestar frequentemente o povo para que, sem grande motivo e necessidade, não batizem crianças em casa; e quando *grande necessidade os obrigar a fazê*-lo, então devem ministrar o batismo."

Citamos a seguinte explicação sobre o batismo, extraída do Catecismo Católico Romano autorizado (página 248):

"O primeiro e mais necessário sacramento é o batismo"; "porque antes do batismo nenhum outro sacramento pode ser recebido"; e "porque sem o batismo ninguém pode ser salvo". "No batismo, o pecado original e todos os pecados cometidos antes do batismo são perdoados: tanto a punição temporal quanto a eterna são remidas pelo batismo." "No batismo, não apenas somos purificados de todos os pecados, mas também somos transformados, de maneira espiritual, tornados santos, filhos de Deus e herdeiros do céu."

A Igreja Luterana mantém uma posição muito semelhante sobre esse assunto.

A Igreja da Inglaterra, embora com uma cerimônia ligeiramente diferente, atribui o mesmo significado ao batismo infantil. Os seguintes trechos do Livro de Oração Comum demonstram isso:

"Santifica esta água para a lavagem mística dos pecados; e concede que esta criança, que agora será batizada nela, receba a plenitude da tua graça e permaneça para sempre entre o número dos teus filhos fiéis e escolhidos."

[F425]

"Recebemos esta criança na congregação do rebanho de Cristo; e a marcamos com o sinal da Cruz."

"Vendo agora, irmãos muito amados, que esta criança foi regenerada e enxertada no corpo da Igreja de Cristo, demos graças a Deus Todo-Poderoso por esses benefícios."

"Nós te damos sinceros agradecimentos, Pai misericordiosíssimo, por ter-te agradado regenerar esta criança com o teu espírito santo."

A visão presbiteriana é menos exagerada. A Confissão de Westminster, Art. 28, diz: "O batismo é um sacramento . ... um sinal e selo da aliança da graça, de sua enxertia em Cristo, da regeneração, da remissão dos pecados", etc. Ela declara que ele se aplica a crianças cujo pai ou ambos os pais sejam cristãos, mas não a outras crianças. Acrescenta: "Embora seja um grande pecado desprezar ou negligenciar esta ordenança, a graça e a salvação não estão tão inseparavelmente ligadas a ela a ponto de que ninguém possa ser regenerado ou salvo sem ela, ou de que todos os que são batizados sejam, sem dúvida, regenerados."

Atribuindo *menos importância* ao batismo, as regras presbiterianas permitem que apenas ministros realizem o serviço; e, como seus ministros enfatizam a importância do batismo e relativamente poucos conhecem a cláusula citada anteriormente, segue-se que os presbiterianos, assim como outros, temem as consequências de seus bebês morrerem sem terem sido batizados.

Os metodistas, a Igreja Episcopal Protestante dos Estados Unidos e a maioria das instituições modernas aceitam essa última visão, mais moderada, sobre a importância do batismo infantil. Para ilustrar essa questão, conta-se uma anedota sobre um certo médico que foi chamado tarde da noite para atender a um bebê moribundo. Ele chegou apenas um instante antes de um clérigo, chamado ao mesmo tempo. Visto que era evidente que o médico não poderia fazer mais nada pela criança, ele imediatamente se afastou, enquanto o pastor, apressadamente, pegava uma bacia com água, aspergia algumas gotas no rosto da criança, dizendo: "Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do espírito santo". A criança faleceu um ou dois instantes depois e, quando o médico e o clérigo saíram juntos da casa, o

[F426]
primeiro comentou com o segundo: “Você chegou bem na hora certa; mais dois minutos e teria chegado tarde demais. Posso perguntar que tipo de calçado você usa?” “Polainas do Congresso”, respondeu o clérigo. “Ah, que sorte!”, disse o médico. “Se você estivesse usando botas com cadarços, não teria chegado a tempo, e imagine que desastre isso teria significado para a criança!”

É verdade que muitos dos cristãos mais esclarecidos negariam qualquer pensamento falso e supersticioso como o de que Deus entregaria uma criança não batizada aos demônios, para atormentá-la eternamente, ou faria qualquer outra coisa em seu detrimento. No entanto, muitas dessas mesmas pessoas demonstram grande preocupação caso, por qualquer motivo, um de seus filhos venha a morrer sem essa cerimônia; e algumas das mais analfabetas certamente têm uma crença muito firme na necessidade do rito e um medo atormentador das consequências caso ele seja omitido — tão forte é a influência que nos chega dos séculos de crenças falsas — “a Idade das Trevas”.

Evidências de que essas visões errôneas sobre a natureza, a necessidade e a eficácia do batismo já haviam se desenvolvido no século II podem ser encontradas na **História das Doutrinas**, de Hagenbach, p. 72. Mais tarde, na época de Constantino, e apoiada por Tertuliano (*De Bapt*., c. 18), surgiu a visão de que o batismo, por possuir um poder mágico de purificar dos pecados *anteriores*, mas não dos subsequentes, deveria ser adiado até o momento mais próximo possível da hora da morte. Mais tarde ainda, a “extrema-unção” tornou-se o consolo dos moribundos, e fez-se um esforço para que todos fossem admitidos na Igreja o mais cedo possível. Foi “São Agostinho” quem propôs a doutrina de que “não há salvação fora da Igreja”; então, como consequência, surgiu o ensinamento de que as crianças estariam “perdidas” a menos que se tornassem membros da Igreja, e a partir daquele momento e daquela teoria data o batismo geral de crianças. O espírito do cristianismo institucional, desde o início, tem sido o de não se deter diante de nada que pudesse aumentar sua influência e seu número. O caráter e o governo de nosso Criador foram, assim, manchados, e o testemunho de Sua Palavra foi anulado, e

[F427]
o verdadeiro cristianismo, o "trigo", prejudicado por essa prolífica semeadura de "joio" pelo adversário.

O batismo infantil rejeitado por alguns

Entre aqueles que reconhecem que o batismo é exigido dos crentes e que uma pessoa não pode crer em nome de outra, o batismo de crianças é rejeitado por não ter fundamento nas Escrituras. Além disso, essas mesmas pessoas geralmente sustentam que nada constitui o batismo ordenado por nosso Senhor e pelos apóstolos, a não ser a imersão na água. Elas chamam a atenção para o fato de que a palavra grega que significa batismo, *baptizo*, tem o significado de imergir, cobrir, mergulhar ou molhar completamente, e que palavras totalmente diferentes são usadas no grego quando se refere a aspergir, derramar ou chuviscar. Esses crentes na imersão na água geralmente praticam uma única imersão, de costas, em nome do Pai, do Filho e do espírito santo, embora alguns a pratiquem de frente três vezes: uma vez em nome do Pai, uma vez em nome do Filho e uma vez em nome do espírito santo. A explicação para essa última forma é que Cristo inclinou a cabeça para a frente quando morreu e que, portanto, seus seguidores deveriam ser imersos à semelhança de sua morte, de frente. Não parece ocorrer a esses amigos cristãos que Cristo não foi sepultado de bruços, e que o Pai e o espírito santo nem morreram nem foram sepultados de forma alguma; e que, portanto, tais simbolizações são totalmente inconsistentes, e que o significado das palavras *"em nome* do Pai, do Filho e do espírito santo" seria, propriamente, *"pela autoridade* do Pai, do Filho e do espírito santo" — ou seja, que o Pai, o Filho e o espírito santo concordam em ordenar o batismo dos crentes. Entre aqueles que praticam a imersão única de costas, há duas grandes denominações, a saber, os "batistas" e os "discípulos", que, no entanto, realizam o ritual com sentimentos muito diferentes quanto ao seu significado e aos resultados. A visão dos "Discípulos", que também se autodenominam "cristãos" (e frequentemente, sem seu consentimento,

designados como “campbellitas”), é de que o batismo (imersão na água) serve *para a remissão dos pecados*, e que aqueles que não foram imersos na água ainda estão em seus pecados, sendo “filhos da ira”. Essa visão do assunto exclui a grande maioria da humanidade, exceto os bebês (cujo pecado original eles parecem ignorar) e até mesmo os cristãos professos de quase todas as denominações — congregacionalistas, metodistas, presbiterianos, presbiterianos unidos, luteranos, episcopais, católicos romanos, católicos gregos, etc.— seriam marcados como pecadores, injustificados diante de Deus e, portanto, expostos à *ira de Deus*, seja qual for a forma como essa expressão venha a ser entendida; e por quase todos, incluindo os “Discípulos”, ela é entendida como significando uma eternidade de tortura.

Essa é uma posição difícil de se assumir, não apenas em relação ao mundo, mas também em relação à maioria dos que professam a fé cristã, e não nos surpreende que nossos amigos “Discípulos” geralmente evitem levar a questão a uma afirmação tão extrema, embora a lógica da proposição seja evidente para eles, assim como para todos os outros que a considerarem. Não podemos aceitar que essa seja uma visão correta do batismo — para nós, ela não é nem bíblica nem razoável. Não podemos acreditar que o Senhor tenha feito o bem-estar eterno de nossa raça depender do conhecimento e da obediência a tal instituição. No entanto, nossos amigos “Discípulos” se fortalecem com certos textos das Escrituras que não devem ser ignorados; a saber: a pregação de João aos judeus a respeito do arrependimento e *da remissão dos pecados*; a pregação dos apóstolos no Pentecostes, aos judeus, para que cressem e fossem batizados *para a remissão de seus pecados*, e para que invocassem o nome do Senhor, *lavando assim seus pecados*. (***Mateus 3:6***; ***João 4:1,2***; ***Atos 2:38,41***) Consideraremos essas passagens bíblicas no momento oportuno e veremos como e por que elas se aplicam apenas aos judeus, e nunca aos gentios, e que, quando certos gentios da Igreja de Éfeso confessaram que haviam sido batizados com o batismo de João — para o arrependimento e a remissão dos pecados —, o apóstolo Paulo ordenou que fossem batizados novamente em nome do Senhor Jesus. ***Atos 19:3-5***

[F429]

Nossos amigos batistas, embora não menos veementes em sua defesa da imersão na água como o único batismo, defendem uma posição totalmente diferente no que diz respeito à sua eficácia. Eles negam que o batismo seja para a remissão dos pecados, que, segundo afirmam, só pode ser experimentada por meio da fé no Senhor Jesus Cristo, o Redentor. Defendem, no entanto, que o batismo é a *porta* de entrada para a Igreja, e que somente aqueles que são imersos realmente entram na Igreja, e que os demais não devem esperar nem receber os privilégios e bênçãos pertencentes à Igreja, seja na vida presente, seja na vida futura. Em consonância com esse pensamento, os batistas, em geral, recusam-se a receber na Mesa da Ceia quem não tenha sido imerso na água, afirmando que a Mesa da Ceia não é para o mundo, mas apenas para *a Igreja*, e que ninguém está na Igreja, exceto aqueles que passaram pela *porta* do batismo na água. As poucas igrejas batistas que, nos últimos anos, flexibilizaram essa regra, fizeram-no contrariando sua própria teoria. Para ilustrar esse assunto, citamos um artigo recente de J. T. Lloyd publicado no *Religious Herald*. Ele diz:

> "O batismo cristão é a imersão de um crente na água em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo — nada mais é [batismo]. As igrejas batistas são as únicas igrejas cristãs existentes. Os pedobatistas [aqueles que batizam crianças] não têm direito à Ceia do Senhor. Sempre que participam da Ceia do Senhor, participam indignamente e comem e bebem a própria condenação."

Se a teoria batista for a correta, segue-se que todos os membros de outras denominações que se professam cristãos, mas que não foram imersos na água, se enganaram ao pensar que, em qualquer sentido da palavra, pertencem à Igreja de Cristo. Pois, dizem nossos amigos batistas, a imersão é a *porta* de entrada para a Igreja; quem não foi imerso não está *na* Igreja de Cristo nem *pertence a* ela, que é o corpo de Cristo. Não nos surpreende que nossos amigos batistas, e especialmente aqueles com o mais elevado padrão de coração e intelecto, hesitem em impor ao público essas, as únicas conclusões lógicas de sua crença. Fazer isso seria atrair sobre si a indignação e

[F430]
desprezo de muitos a quem são obrigados a respeitar como cristãos, apesar de sua teoria em sentido contrário. Mas o que significaria se essa teoria batista fosse verdadeira? Respondemos que, de acordo com todos os diferentes credos do cristianismo, isso significaria que somente as pessoas imersas seriam salvas, e que todos os demais, de todas as denominações, e o mundo fora de todas as denominações, estariam perdidos — pois não é a teoria de todos os credos que somente a Igreja será salva, e que todos os outros estão caminhando para a destruição, para o tormento eterno ou para algum outro futuro terrível — destino que se fixa na morte?

Somos obrigados a discordar de tudo o que foi exposto acima, por se tratar de teorias humanas imperfeitas, cujas inconsistências são claramente evidentes. A mera exposição dessas teorias traz convicção imediata de seu caráter errôneo a toda mente inteligente e imparcial. Não podemos admitir que nem a denominação dos Discípulos nem a denominação Batista, ou ambas, constituam a Igreja do Deus vivo, cujos nomes estão escritos no céu, incluindo todos os seus membros batizados por imersão e excluindo todos os não batizados por imersão de outras denominações. Não podemos admitir que, quando o Filho do Homem semeou a boa semente do evangelho no campo, todo o "trigo" tenha sido colocado dentro da cerca batista e todo o "joio" tenha ficado do lado de fora. Tampouco podemos admitir que todo o "trigo" se encontre entre os imersos na água, e todo o "joio" também, de modo que as outras denominações fossem excluídas da parábola do Senhor sobre o trigo e o joio (***Mateus 13***). Afirmamos que todas essas teorias conflitantes estão erradas — são reprovadas por Deus. Afirmamos que todas as seitas e denominações são contrárias à instituição divina — uma Cabeça, um Corpo, uma Fé, um Batismo. Não estamos afirmando que a Igreja do Senhor, a nova criação, tenha muitos membros, mas admitimos que, no todo, é um "pequeno rebanho".

Devemos incluir nossos amigos batistas e nossos amigos discípulos, juntamente com nossos amigos presbiterianos, metodistas, luteranos, episcopais e católicos romanos, como parte da única cristandade geral, que nas Escrituras

[F431]
denominada “Babilônia”. O Filho do Homem e seus seguidores fiéis semearam a boa semente, que produziu frutos por toda a cristandade, a qual pode ser considerada o campo de trigo da era evangélica. O adversário semeou “joio” de forma tão prolífica que o “trigo” está quase sufocado e, em alguns aspectos, o campo poderia ser mais propriamente chamado de campo de joio do que de campo de trigo. Mas agora, finalmente, de acordo com a promessa do Senhor, tendo chegado a “colheita” da era evangélica, ele está enviando seus ceifeiros para recolher seu “trigo” — cada grão dele — para seu celeiro; e é evidente que ele está encontrando esses grãos de verdadeiro “trigo”, não apenas nas denominações batistas e discípulas, mas também entre os presbiterianos, metodistas, episcopais, luteranos, congregacionalistas, católicos romanos e outros. É em harmonia com isso que a mensagem foi divulgada ao povo do Senhor em toda a Babilônia: “Caiu a Grande Babilônia [a sentença divina recaiu sobre seus sistemas; eles são rejeitados pelo Senhor];... saí dela, meu povo, para que não sejais participantes dos seus pecados e não recebestes das suas pragas.” ***Apocalipse 18:2,4***

Sendo isso verdade, fica muito evidente que os batistas e os discípulos, assim como outros, cometeram erros muito graves no que diz respeito ao que é o batismo e às bênçãos e privilégios que ele confere. Revisamos brevemente toda a situação até o momento, com o objetivo de que fique claro para todos que há algo radicalmente errado em relação a todas as diversas teorias atualmente predominantes sobre o tema do batismo e que todos nós, portanto, estejamos melhor preparados para, com reverência e em espírito de oração, ir além de todas as tradições e teorias humanas e voltar à Palavra do Senhor, por meio de seus apóstolos inspirados sobre este assunto, que, reconhecidamente, é importante — uma instituição divina. Somente depois de vermos claramente a confusão envolvida em todas as diversas teorias da cristandade é que estaremos plenamente preparados para apreciar a simplicidade da mensagem divina sobre este assunto.

O Testemunho das Escrituras sobre o Batismo

O ritual judaico continha várias fórmulas relativas

[F432]
à purificação de vasos e à lavagem e aspersão de pessoas impuras, etc., mas nada a respeito do batismo (*bap-tizo*, imersão) tal como João pregou no final da era judaica. O batismo de João era destinado apenas aos judeus, que já eram reconhecidos como tipicamente purificados pelas ofertas da expiação. Para esses, o batismo de João significava arrependimento do pecado reconhecido, das violações da aliança da Lei e uma purificação simbólica desses pecados — um retorno a uma condição de retidão de coração ou de desejo. Os judeus que assim se arrependiam do pecado e eram simbolicamente purificados, ou lavados, eram considerados restaurados a uma condição de harmonia com Deus, da qual desfrutavam anteriormente sob sua aliança da Lei. O motivo por trás da pregação e do batismo de João era a preparação do povo para o Reino de Deus e para uma revelação do Messias, que a pregação de João declarava ser iminente, e para a qual o povo precisaria estar em uma condição de prontidão de coração se quisesse receber uma bênção apropriada. Todo judeu sob a aliança da Lei era considerado membro da casa de Moisés: "Todos foram batizados em Moisés no mar e na nuvem." (***1 Cor. 10:2***) A casa de Moisés era uma casa de servos, como está escrito: "Moisés foi fiel sobre toda a sua casa *como servo*." (***Hb 3,5***) Sob o arranjo divino, quem quer que fosse fiel como membro do Israel típico ou *da casa dos servos* sob Moisés, o mediador da aliança típica ou da Lei, estaria, assim, em tal condição de prontidão de coração que, quando o Moisés antitípico, o Messias, Cristo, aparecesse, estaria pronto para recebê-lo como o Moisés antitípico. Assim como foram batizados em Moisés no mar e na nuvem, a aceitação de Cristo em lugar de Moisés implicaria que eles estivessem em Cristo como membros de seu corpo, sob ele como sua cabeça e, por meio da associação com ele, ministros da Nova Aliança, da qual o Cristo completo e glorificado, cabeça e corpo, será o mediador.

Portanto, João não batizou seus crentes em Cristo, mas meramente para o arrependimento, levando-os de volta a uma condição de harmonia com Moisés, etc., na qual, como ramos naturais da oliveira (***Rm 11,16-21***), eles não

[F433]
precisariam ser enxertados em Cristo, pois Cristo ocuparia para eles o lugar de Moisés, que, naquela época, apenas simbolizava Cristo. Lembre-se também de que isso, chamado de "batismo de João" e considerado para o arrependimento e a remissão dos pecados, bem como para a "purificação do pecado", não se aplicava a ninguém, exceto aos judeus — pois os gentios, não tendo sido batizados em Moisés e não tendo pertencido à casa típica dos servos em nenhum momento, não podiam, por meio do arrependimento dos pecados, *retornar a* uma condição que nunca haviam ocupado. Os gentios que creram em Cristo deviam, portanto, ser admitidos em sua casa de filhos de maneira diferente. Eles, como explica o apóstolo, eram os ramos de oliveira brava, "por natureza filhos da ira", estranhos, forasteiros, estrangeiros da comunidade de Israel. Nenhuma quantidade de arrependimento e reforma tornaria esses estranhos e forasteiros membros da casa típica dos servos, aos quais somente caberia o privilégio de passar, pela fé em Cristo, da casa dos servos para a casa antitípica dos filhos. Se outros quisessem se tornar ramos na oliveira (Cristo), cuja raiz era a promessa feita a Abraão (***Gálatas 3:16, 29***), eles deveriam ser *enxertados* nos lugares deixados vagos pelo desprendimento dos "ramos naturais" da oliveira original — a casa dos servos, cujos corações não estavam em condição adequada para aceitar o Messias e que, portanto, não podiam ser aceitos por ele como membros de sua casa dos filhos. "Ele veio aos seus [povo, Israel], e os seus [como povo] não o receberam; mas a todos quantos o receberam, a esses deu a liberdade [privilégio] de se tornarem filhos de Deus, a todos quantos crêem no seu nome; os quais foram gerados, não da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus" — e que, assim, tornaram-se membros da nova criação — espiritualmente. ***João 1:12***

O Israel típico abandonou o Egito (símbolo do mundo) para seguir a orientação de Moisés; e quando chegaram à grande prova ou tribulação no Mar Vermelho, que teria significado sua destruição, não fosse pela intervenção de Deus por meio de Moisés, todos foram tipicamente batizados em Moisés no mar e na nuvem — o mar de ambos os lados, a nuvem acima deles — e se tornaram sua casa, ou família, representada

[F434]
por ele como seu chefe. Eles emergiram do mar dedicados a Moisés, comprometidos a segui-lo e obedecê-lo. Comprometeram-se ainda mais com ele como o mediador da aliança da Lei no Monte Sinai, e todas as suas esperanças estavam ligadas àquele que declarou: "O Senhor, o seu Deus, suscitará para vocês um profeta dentre os seus irmãos, semelhante a mim; a ele vocês ouvirão." (***Deuteronômio 18:15,18***; ***Atos 3:22***). Para todo "verdadeiro israelita", já assim consagrado e ligado a Moisés até a morte, e com todas as suas esperanças de vida ancoradas nele, foi apenas um pequeno passo aceitar Cristo em seu lugar e como seu antítipo; e compreender que seus compromissos sob a Lei para com Moisés estavam agora transferidos, por disposição divina, para Cristo, o fiador da Nova Aliança que eles se comprometeram a servir. ***2 Coríntios 3:6***

Para os gentios, a questão era totalmente diferente, e sua aceitação de Cristo significaria, propriamente, tudo o que havia sido prometido pelos judeus a Moisés e, posteriormente, transferido para Cristo. Não deve nos surpreender, portanto, encontrar nas Escrituras um significado muito mais amplo e profundo para o batismo, quando aplicado aos crentes que não eram judeus, não estavam sob a Lei, não estavam em Moisés e, portanto, não haviam sido transferidos de Moisés para Cristo. Para esses, o batismo significava toda a mudança radical descrita pelo apóstolo Paulo (***Rm 11***) por meio do enxerto dos ramos de oliveira brava na boa oliveira. Significava uma transformação completa.

O batismo na morte de Cristo

"Não sabeis que todos nós que fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte?

"Portanto, fomos sepultados com ele pelo batismo na morte, para que, assim como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós andemos em novidade de vida.

"Pois, se fomos plantados juntamente com ele na semelhança de sua morte, também o seremos na semelhança da sua ressurreição." ***Rom. 6:3-5***

Nós, que somos gentios por natureza, não podemos fazer melhor do que aceitar essa explicação tão completa sobre o verdadeiro batismo, dirigida pelo apóstolo Paulo aos crentes em Roma — muitos dos quais, se não todos, haviam sido gentios, "filhos da

[F435]
ira". Nestes três versículos, o apóstolo trata de forma muito completa o tema do batismo no que se refere a nós. Esses versículos são amplamente utilizados para fundamentar as diversas doutrinas sobre o batismo, mas são citados especialmente por nossos irmãos que reconhecem o batismo como significando imersão na água. Que fique bem claro, porém, que o apóstolo não faz nenhuma menção ao batismo na água. O batismo na água é meramente um símbolo, ou imagem do batismo real; e o apóstolo, nesses versículos, explica, sob vários pontos de vista, o verdadeiro e essencial batismo, sem o qual ninguém pode ser considerado membro do corpo, ou da Igreja de Cristo, enquanto todos os que recebem esse batismo, independentemente de nome ou lugar, cor ou sexo, devem ser contados como membros da *Ecclesia*, membros da nova criação.

O apóstolo está se dirigindo àqueles que já são membros de Cristo. Ele diz: "Não sabeis que todos nós que fomos batizados em Jesus Cristo" — fazemos aqui uma pausa para observar que ele não diz: "Todos nós que fomos aspergidos com água", nem "Todos nós que fomos imersos na água", mas "Todos nós que fomos batizados [imersos] *em Jesus Cristo*". O que significa ser imerso em Jesus Cristo? Certamente ele está aqui desenvolvendo o mesmo pensamento que expõe em ***1 Coríntios 12:27***: "Ora, vós sois o corpo de Cristo e, individualmente, membros dele." Como entramos no corpo de Cristo? O apóstolo responde que fomos batizados nele e, portanto, agora somos considerados membros de nosso Senhor, membros sob ele como nossa Cabeça, membros da "Igreja, que é o seu corpo".

Mas vamos nos perguntar, especificamente, qual foi o processo pelo qual nos tornamos membros em Cristo Jesus. O Apóstolo responde à pergunta em sua afirmação seguinte: "Todos nós que fomos batizados em Jesus Cristo fomos *batizados em sua morte*". Nem uma palavra sobre sermos batizados nele por meio do batismo na água. Não, não! Quão evidente é que, mesmo que fôssemos batizados mil vezes na água, isso não nos tornaria membros do corpo de Cristo! Mas, aceitando a afirmação do apóstolo, percebemos que nossa união com Cristo, nossa pertença à sua Igreja ou *Eclesia*,

[F436]
cujos nomes estão escritos no céu, remonta ao momento em que fomos *batizados em sua morte*. Mas, quando e como fomos batizados na morte do Senhor? Respondemos que esse batismo na morte com o Senhor, esse sepultamento de nós mesmos, de nossa carne, que resultou em nossa incorporação por Ele como membros de Seu corpo, como novas criaturas, ocorreu no momento em que entregamos totalmente nossa vontade a Ele — consagrando tudo o que temos para segui-Lo e obedecê-Lo, até a morte.

A *vontade* representa a pessoa inteira e tudo o que ela possui. A vontade tem o controle do corpo, das mãos, dos pés, dos olhos, da boca e do cérebro. Tem o controle, também, do bolso, da conta bancária, dos bens imóveis. Ela controla nosso tempo, nosso talento, nossa influência. Não há nada de valor que possuamos que não esteja, de fato, sob o controle da vontade; e, portanto, quando entregamos nossa vontade ao Senhor, ou, como as Escrituras às vezes representam, nossos "corações", entregamos a Ele tudo o que temos, e esse sepultamento de nossa vontade humana na vontade de Cristo é a nossa morte como seres humanos. "Vós estais mortos; e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus." (***Col. 3:3***) Essa morte, esse sepultamento, é o nosso batismo na morte dele. Daqui em diante, do ponto de vista divino, não devemos nos considerar seres humanos, de natureza humana, da terra, terrenos e com objetivos, propósitos e esperanças terrenas, mas como novas criaturas em Cristo Jesus.

O instante desse sepultamento ou imersão de nossas vontades na vontade de Cristo é seguido pelo nosso renascimento para uma nova vida — para uma nova natureza. Assim como nosso Senhor consagrou sua natureza humana à morte, ao cumprir a vontade do Pai, e, no entanto, não permaneceu na morte, mas foi ressuscitado dentre os mortos para uma nova natureza, assim também nós, que, por meio da consagração, nos tornamos "*mortos com ele*", participando de sua consagração, não somos deixados em um estado de morte, mas podemos ressuscitar instantaneamente, por meio da fé, para a compreensão de nosso parentesco com o Senhor como a nova criatura. Assim, o Apóstolo declara: "Vós não estais na carne, mas no espírito, se é que o espírito de Cristo habita em vós." (***Rom. 8:9***) Para o mundo, tudo isso é um "mistério oculto".* Eles

---

*Vol. I, Cap. V.

[F437]
não apreciam nossa justificação pela fé aos olhos do Pai, mas nos consideram como os demais homens, que ainda estão em seus pecados. Da mesma forma, não veem razão para que sacrifiquemos ou consagremos nossa vontade ao Senhor — para estarmos mortos como seres humanos, a fim de que possamos ter parte com ele como a nova criatura. Tampouco veem nossa consagração e sua aceitação, nem apreciam nossa ressurreição figurativa para uma vida renovada, esperanças renovadas, ambições renovadas e um relacionamento renovado com Deus por meio de Cristo. Confiamos, de fato, que eles possam ver algum fruto em nossas vidas, mas não podemos esperar que seja um fruto que lhes pareça bom, sábio ou proveitoso nas condições atuais. "O mundo não nos conhece [como novas criaturas] porque não o conheceu." ***1º João 3:1***

Em tudo isso, os crentes estão apenas seguindo os passos de Jesus — tomando sua cruz para segui-lo. Sendo santo, inocente, imaculado e separado da raça dos pecadores, ele não precisava esperar por nenhum sacrifício pelos pecados, pois "não conheceu pecado" — mas, imediatamente ao atingir a maioridade segundo a Lei (trinta anos), apressou-se a fazer uma consagração completa de si mesmo, um sacrifício total de todos os seus interesses, esperanças, ambições e desejos terrenos — para que pudesse fazer somente a vontade do Pai. A linguagem de seu coração, ao se apresentar a João no Jordão, foi profeticamente predita: "Eis que venho — no rolo do livro está escrito a meu respeito
— para fazer a tua vontade, ó Deus. Deleito-me em fazer a tua vontade, ó meu Deus; a tua lei está escrita no meu coração." (***Sal. 40:7,8***; ***Hb. 10:7***) Nosso Senhor, sendo consagrado à vontade do Pai, compreendeu que seu batismo exterior simbolizava a entrega de sua vida e natureza terrenas, já imersas, ou sepultadas, na vontade do Pai — até a morte. Sua imersão na água era meramente uma representação simbólica do batismo, ou sepultamento de sua vontade, que o havia precedido. Desse ponto de vista, seu batismo era repleto de significado para ele, embora não para João, que se maravilhou profundamente com o fato de que aquele que "não conhecia pecado" fosse batizado, enquanto o batismo de João era destinado apenas aos transgressores da aliança da Lei — para a remissão dos pecados.

Ninguém, a não ser o próprio Senhor Jesus, compreendeu plenamente por que

[F438]
assim "lhe convinha" cumprir toda a justiça. Ninguém além dele percebeu que, embora tal imersão (purificação figurativa do pecado) não fosse necessária para ele, como se fosse um pecador, no entanto, cabia a ele, que era a futura Cabeça do futuro corpo, dar em si mesmo um exemplo que fosse apropriado como uma lição cheia de significado para todos os seus seguidores — não apenas para aqueles membros do "corpo" que eram da casa de Israel segundo a carne, mas também para aqueles membros que ainda eram estrangeiros, forasteiros e forasteiros. Cabia a ele simbolizar a consagração total de sua vontade e de tudo o que possuía, até a morte, para que nós, que viemos depois, pudéssemos seguir seus passos.

Que nosso Senhor não recebeu a imersão na água pelas mãos de João como a imersão real, mas meramente como sua figura, ou ilustração, pode ser facilmente demonstrado. Como evidência, observe suas palavras sobre o momento da Última Ceia. "Tenho um batismo com o qual devo ser batizado, e como estou angustiado até que isso se cumpra!" (***Lucas 12:50***) Aqui, nosso Senhor mostra que seu batismo não era o batismo com água, mas o batismo da morte — o batismo na morte, em harmonia com o desígnio divino — como preço da redenção do homem, ou oferta pelo pecado.

Tendo-se consagrado a esse batismo de morte no primeiro momento possível, quando completou trinta anos de idade, e tendo, durante os três anos e meio de seu ministério, cumprido cuidadosamente as disposições da consagração — "morrendo diariamente", derramando sua alma até a morte — gastando sua vida, sua energia, sua força, a serviço do Pai, a serviço de seus seguidores e, em um sentido mais amplo, a serviço de seus inimigos. Finalmente, percebendo que se aproximava o fim desse batismo de morte, quando ele estaria plenamente cumprido, e sentindo os fardos, as provações, as dificuldades, tornando-se cada vez mais pesados a cada momento, e não tendo ninguém que o compreendesse — "Entre o povo, não havia ninguém com ele" — nem um sequer que compreendesse as circunstâncias e condições, e que pudesse compartilhar de sua dor oferecendo simpatia, encorajamento ou consolo — então, ansiando pelo fim da provação, ele exclamou: "Quão angustiado estou [em dificuldade]

[F439]
até que [meu batismo de morte] se cumpra!" (***Lucas 12:50***) Seu batismo se cumpriu logo em seguida, quando ele morreu, clamando: "Está consumado!"

O mundo inteiro está morrendo, e não apenas o Senhor e a Igreja, seu corpo; mas o mundo não participa da morte de Cristo, como faz a Igreja, seu corpo. Há uma grande diferença. O mundo inteiro está morto com o pai Adão, sob sua sentença ou maldição; mas nosso Senhor Jesus não era do mundo, não era um daqueles que morreram em Adão. Já vimos que sua vida era santa e separada da de todos os pecadores, apesar de sua mãe terrena* — que ele não estava sob condenação. Por que, então, ele morreu? As Escrituras respondem que ele "morreu por *nossos* pecados" — que sua morte foi sacrificial. E assim acontece com a Igreja, seu corpo, batizada nele pelo batismo em *sua morte* — participantes com ele em sua morte sacrificial. Por natureza, filhos de Adão, "filhos da ira, assim como os demais", eles são primeiro *justificados* da morte adâmica *para a vida*, por meio da fé em nosso Senhor Jesus e em sua obra redentora; e o próprio objetivo da justificação para a vida, saindo da condenação adâmica à morte, é que tenham esse privilégio de serem batizados em Jesus Cristo (tornando-se membros de seu corpo, sua *Ecclesia*) ao serem batizados em sua morte — ao compartilharem a morte com ele como co-sacrificadores. Ah! Que grande diferença há entre estar morto em Adão e estar morto em Cristo!

Esse mistério de nosso relacionamento com Cristo no sacrifício, no batismo na morte agora, e o relacionamento e a união resultantes com ele na glória que se seguirá, é incompreensível para o mundo. Deveria, no entanto, ser apreciado pelos fiéis do Senhor e é afirmado repetidamente nas Escrituras. "Se sofremos com ele, reinaremos com ele"; "se morrermos com ele, também viveremos com ele". Somos "herdeiros de Deus e co-herdeiros com Jesus Cristo, *desde* que soframos com ele [desde que experimentemos o batismo na morte com ele como membros do seu corpo], para que também sejamos glorificados juntamente com ele". ***2 Tim. 2:12***; ***Rom. 6:8; 8:17***

---

*Vol. V, Cap. IV.

[F440]

No quarto versículo do texto que estamos examinando, o Apóstolo repete o mesmo pensamento sob outro ponto de vista, dizendo: "Portanto, fomos sepultados com ele pelo batismo na morte". Mais uma vez, não há qualquer sugestão de batismo com água, mas uma afirmação muito clara do batismo na morte, nossa consagração à morte. Continuando, o apóstolo desenvolve a imagem, expondo o motivo ou a razão do nosso batismo na morte de Cristo, dizendo: "Assim como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós devemos andar em novidade de vida". Apenas indiretamente o apóstolo se refere aqui à nossa participação na Primeira Ressurreição, quando compartilharemos da glória de nosso Senhor em seu Reino: ele se refere principalmente à vida presente. Todos os que fazem plena consagração de suas vidas ao Senhor, para estarem mortos com ele, para serem co-sacrificadores com ele a serviço da Verdade, devem considerar-se, enquanto vivem no mundo, como separados e distintos dos demais ao seu redor. Eles se comprometem a morrer para as coisas terrenas que tanto absorvem os outros e, portanto, podem usá-las apenas como instrumentos a serviço da nova criação. As Novas Criaturas ganham vida, por meio do redentor, para as coisas e perspectivas celestiais, que o mundo ao nosso redor não vê nem compreende. Em harmonia com isso, nossas vidas no mundo devem ser novas, distintas e separadas das dos que nos rodeiam; pois somos animados pelo novo espírito, pelas novas esperanças, pelos novos objetivos — os celestiais.

Chegando ao quinto versículo, o Apóstolo ainda não faz a menor referência ao batismo com água, embora alguns, a princípio, possam pensar o contrário ao ler suas palavras: "Pois, se fomos plantados juntamente com ele à semelhança de sua morte, também o seremos à semelhança da sua ressurreição." Se esse "ser plantados juntamente na semelhança de sua morte" for entendido como significando o batismo com água, isso seria dar mais ênfase ao batismo com água do que qualquer mestre no mundo estaria disposto a admitir. O que é que, como cristãos, mais ardentemente esperamos? Não é talvez que possamos participar da ressurreição do Senhor, a Primeira Ressurreição? O apóstolo expressou isso como o grande ideal e a esperança que tinha em mente, dizendo: "Para que eu possa conhecê-lo e o poder de *sua ressurreição* [como membro

[F441]
de seu corpo, sua Igreja], e a comunhão de seus sofrimentos, tornando-me conforme à sua morte — para que, de alguma forma, eu possa alcançar *a* ressurreição dos mortos." (***Fil. 3:10,11***) Ora, entender ***Romanos 6:5*** no sentido de que a participação na ressurreição de Cristo seria o resultado certo de uma imersão na água seria fazer com que essa passagem contradissesse todas as outras e ofendesse a razão. Por que o fato de ser plantado ou sepultado na água resultaria na participação na Primeira Ressurreição? Podemos afirmar com segurança que milhares foram plantados, ou sepultados, ou imersos na água, mas que nunca participarão da Primeira Ressurreição — a Ressurreição de Cristo.

Mas quando compreendemos esse versículo, em harmonia com os dois que o precedem, como uma referência ao batismo *na morte*, ao plantio *na morte*, à semelhança da *morte de Cristo*, então tudo fica claro, tudo se torna razoável. Tendo sido chamados pelo Senhor para sermos co-herdeiros com seu Filho, e para sofrer com ele e estar mortos com ele, para viver com ele e reinar com ele, quão seguros podemos nos sentir de que, se formos fiéis a esse chamado, se formos plantados ou sepultados em sua morte, assim como ele foi sepultado na morte — como soldados fiéis de Deus e servos da Verdade
—, acabaremos por receber a recompensa plena que Deus promete a tais pessoas, a saber, uma participação na Primeira Ressurreição — para a glória, a honra e a imortalidade.

O batismo na morte é o verdadeiro batismo para a Igreja, assim como foi o verdadeiro batismo para nosso Senhor; o batismo na água é apenas o símbolo, ou imagem disso para nós, assim como foi para ele. Isso é demonstrado de forma conclusiva pelas palavras de nosso Senhor a dois de seus discípulos, Tiago e João, que pediram que lhes fosse dada a promessa de que, no futuro, se assentariam com ele, um à sua direita e o outro à sua esquerda no Reino. A resposta de nosso Senhor a eles foi: "Vocês não sabem o que estão pedindo. "Sois capazes de ser batizados com o batismo com o qual estou sendo batizado?" À declaração deles de que estavam dispostos a compartilhar, não apenas sua ignomínia, mas também seu batismo na morte, nosso Senhor responde com aprovação: "Vós, de fato, bebereis do cálice que eu bebo e sereis batizados com o batismo com o qual estou sendo batizado." (***Marcos 10:35-39***)

[F442]
A quem quer que, dentre os seus chamados, esteja disposto de coração a essas experiências, o Senhor concederá o privilégio — e também a sua assistência. Tais pessoas serão de fato imersas na morte de Cristo e, como consequência, terão parte com ele na Primeira Ressurreição e nas glórias do Reino a ela pertencentes. É evidente que nosso Senhor aqui não fez referência ao batismo na água; pois esses dois discípulos estavam com ele desde o início de seu ministério e, como seus representantes, vinham batizando multidões na água, "para o arrependimento e a remissão dos pecados" — o batismo de João. (***João 3:22, 23; 4:1, 2***; ***Marcos 1:4***) A pergunta de nosso Senhor a respeito da disposição deles para participar de seu batismo não foi mal interpretada pelos apóstolos. Eles não pensaram que ele desejasse que fossem batizados novamente na água; compreenderam bem que se tratava do batismo de suas vontades na vontade dele e na vontade do Pai e, consequentemente, de sua participação com ele em seu sacrifício — morrendo diariamente, entregando suas vidas pelos irmãos, até o fim, até a morte real.

"Por um único espírito, todos nós fomos batizados em um único corpo"
—1 Cor. 12:12,13—

Que ninguém interprete mal o apóstolo, quando se refere ao nosso batismo na morte com nosso Senhor — "na sua morte" — como se significasse o batismo no espírito santo. A morte e o espírito santo são coisas distintamente separadas, e os dois batismos são distintos e separados. O batismo na morte é uma questão individual, na qual cada um que deseja tornar-se membro do corpo de Cristo deve, individualmente, consagrar e sacrificar sua vontade. Posteriormente, uma vez aceito seu sacrifício, o Senhor, por meio de Seu espírito, auxilia cada um a entregar sua vida a serviço da Verdade e pelos irmãos — até a morte. O batismo no espírito santo foi um único batismo para toda a Igreja. Ocorreu no cenáculo no dia de Pentecostes e não precisou de repetição, pois não deixou de permanecer com a Igreja desde então até hoje. Uma repetição de algumas das manifestações externas ocorreu no caso de Cornélio; mas meramente como uma evidência para Pedro e para todos os crentes judeus, e para Cornélio e todos os crentes gentios

[F443]
desde então, de que Deus não faz distinção nem discriminação entre judeus e gentios. A imersão pentecostal foi realizada, segundo nos é dito, pelo enchimento do cenáculo com o espírito santo, de modo que os 120 irmãos presentes "foram todos imersos no espírito santo", tendo os apóstolos recebido, além disso, um símbolo do favor divino na forma de línguas de fogo que se dividiam sobre suas cabeças.

Essa unção com o espírito santo correspondia à unção dos sumos sacerdotes e reis de Israel com o óleo sagrado de unção. O óleo era derramado sobre a cabeça e escorria pelo corpo. O antítipo desse derramamento sobre a cabeça foi a concessão do espírito santo ao nosso Senhor no momento da sua consagração, aos trinta anos de idade, quando o Pai lhe deu o espírito "sem medida". (***João 3:34***) Quando o Pentecostes chegou em sua plenitude, e nosso Cabeça glorificado apareceu na presença do Pai, tendo feito expiação pelos pecados de seu povo, foi-lhe permitido "derramar isto", o espírito santo pentecostal imergindo sua Igreja; significando assim a aceitação deles por ele e pelo Pai, como membros de sua *Ecclesia*, seu corpo — membros da nova criação. Sua Igreja, seu corpo, tem continuado desde então, e o espírito santo tem permanecido nela e sobre ela; e à medida que cada novo membro é acrescentado à Igreja, que é seu corpo, cada um se torna participante do único batismo do espírito santo que pertence ao corpo — a Igreja — e o permeia.

O texto em análise vincula esse batismo pentecostal no Espírito ao nosso batismo individual na morte e nos mostra a relação entre os dois. É como homens justificados que somos batizados na morte; é como membros da nova criação que somos ungidos pelo espírito santo e constituídos membros da *Eclesia*, o corpo de Cristo. Como já vimos, precisamos primeiro ser justificados do pecado e da morte adâmicos, pela fé em nosso redentor, antes que nosso *sacrifício possa ser aceito* e sejamos considerados "mortos com ele" — com nosso Senhor, nossa Cabeça. Assim, da mesma forma, precisamos primeiro fazer a consagração, ou *sacrifício*, de nosso eu justificado, e ser aceitos como membros da nova criação, antes que se iniciem os processos de morte

[F444]
que, pela graça do Senhor, resultarão em nosso *batismo* completo *na morte*, à semelhança do batismo do nosso Senhor na morte, e assim garantirão nossa participação em sua "Primeira Ressurreição". Isso está de acordo com o que já vimos; a saber, que não é nossa justificação que nos constitui novas criaturas — membros do corpo de Cristo —, mas nosso batismo na morte com ele, como diz o apóstolo: "Assim como o corpo é um e tem muitos membros... assim também é Cristo. Pois, por um único espírito, todos fomos batizados em um só corpo... e todos fomos saciados de um único espírito." ***1 Coríntios 12:12,13***

A era evangélica é o "ano aceitável do Senhor", durante o qual Ele tem se disposto a *aceitar* os sacrifícios dos crentes, sua consagração total até a morte. Cada sacrificador que, assim, responde ao Chamado da era (***Rom. 12:1***) tem sido imediatamente aceito em um lugar, como membro da "Igreja dos Primogênitos, cujos nomes estão escritos nos céus". Mas essa aceitação, como vimos, não encerra a questão: exige-se de todos os consagrados que "morram diariamente" — isto é, que sua atitude de consagração total seja mantida diariamente até que também eles possam, finalmente, declarar: "Está consumado". A consagração exige que essa perseverança no sacrifício e nas boas obras seja mantida com paciência e fidelidade, e que o fim, para nós assim como para nosso Senhor e Cabeça, seja a morte literal. Como está escrito: "Eu disse: 'Vós sois deuses [*elohim* — os poderosos], todos vós, filhos do Altíssimo — contudo, morrereis como homens, caireis como um dos príncipes'" — não como o Príncipe Adão, condenados; mas como o Príncipe Jesus — participantes de sua morte. (***Sal. 82:6,7***) Essa fidelidade, esse morrer diário, é necessário para que tornemos segura a nossa vocação e eleição; e é àqueles que caminham fielmente nas pegadas do Senhor que Ele promete a glória, a honra e a imortalidade reservadas aos vencedores fiéis que constituirão os membros "Os Muito Escolhidos" da nova criação. As palavras de nosso Senhor são: "Sê fiel até *a morte*, e eu te darei a coroa da vida." (***Apocalipse 2:10***) Vemos, então, que acontece com a Igreja o mesmo que aconteceu com seu Senhor e Cabeça — que a consagração

[F445]
traz a primícia do espírito, a fidelidade diária mantém a bênção do espírito, com alegrias e frutos crescentes, enquanto o cumprimento fiel da aliança na morte real é essencial para receber a herança completa — uma participação na Primeira Ressurreição e em suas glórias e honras. ***Ef 1:12-14***; ***Rm 8:16,17***

O Batismo de Fogo

Já chamamos a atenção, de forma bastante detalhada*, para a declaração de João Batista, feita aos judeus a respeito de Jesus: "Ele os batizará com o espírito santo e com fogo", (***Mt 3:11***) — apontando assim para a bênção pentecostal sobre os israelitas fiéis e para o fogo da ira de Deus, "ira até o extremo" (***1 Ts 2:16***), que recaiu sobre o restante daquela nação. O batismo de fogo não é uma bênção, nem é sensato que os cristãos, por vezes, orem por ele. Assim como houve tal batismo de fogo no fim da era judaica sobre o "joio" daquela nação, assim nosso Senhor indica que haverá, no fim desta era, um "fogo" semelhante sobre a classe do "joio" da cristandade — um batismo de fogo, de tribulação, que será terrível; "um tempo de angústia, como nunca houve desde que existe uma nação". ***Dn 12,1***

O batismo simbólico na água

Já chamamos a atenção para os diversos batismos com água em voga entre o povo cristão e quase universalmente interpretados erroneamente por eles como sendo o verdadeiro batismo; mostramos quão falsos e inconsistentes são os critérios baseados nesses batismos com água, que não podem afetar o coração e que, no máximo, são símbolos, mas não são vistos como tal por seus advogados, porque estes não discernem claramente o verdadeiro *batismo na morte* com Cristo. Quão simples e, ainda assim, quão preciso se torna esse critério do batismo verdadeiro, no que diz respeito à Igreja de Cristo — o "corpo", a *Ecclesia*, cujos nomes estão escritos no céu —, sem depender

---

*Vol. V, Cap. IX.

[F446]
de um registro terreno! Esse verdadeiro batismo é, de fato, a porta para a verdadeira Igreja, pois ninguém pode ser admitido ou registrado como membro da Igreja, o corpo de Cristo, e ter seu nome escrito no céu como tal, a menos que primeiro tenha experimentado esse batismo de sua vontade, de seu coração, na *morte com Cristo*, e tenha assim sido admitido como membro em sua Igreja, que está "completando o que falta às aflições de Cristo". (***Col. 1:24***) Ah, sim! Tais crentes, que fazem tal consagração, tal batismo na morte com o Senhor, devem ser todos verdadeiro "trigo" — nenhum deles é "joio". A porta da água pode deixar entrar tanto "joio" quanto "trigo" na Igreja Batista; mas o batismo na morte, como porta, admitirá apenas a classe do trigo na verdadeira Igreja, porque nenhum outro se dispõe a se submeter às condições, embora alguns possam imitá-las em certa medida, assim como o "joio" é uma imitação do "trigo".

Desse ponto de vista, observará-se que pode haver membros da verdadeira Igreja — batizados em Jesus Cristo, por terem sido batizados em sua morte — entre presbiterianos, metodistas, luteranos, episcopais, congregacionalistas, católicos romanos etc., assim como entre discípulos e batistas. Por outro lado, sem dúvida a grande maioria em todas as denominações (incluindo Discípulos e Batistas imersos na água) não tem parte nem sorte no corpo de Cristo, a verdadeira *Ecclesia*, por não ter entrado pela *porta verdadeira* na *Igreja verdadeira*, pelo *batismo verdadeiro* na "sua morte". Essa proposição é incontestável.

Tendo, assim, colocado toda a ênfase, como faz o Apóstolo, no verdadeiro batismo, voltamo-nos para o símbolo deste, o batismo na água, e perguntamos, em primeiro lugar: o símbolo é adequado ou necessário para aqueles que receberam o verdadeiro batismo? Em segundo lugar: se for o caso, qual é o símbolo adequado?

O batismo simbólico é necessário?

O testemunho do Senhor e dos apóstolos indica claramente a adequação do batismo simbólico ou com água, pois não apenas eles próprios foram batizados com água, mas também ensinaram o batismo com água a outros — não apenas aos judeus

[F447]
apenas, mas também aos convertidos gentios. Já demonstramos que o batismo de nosso Senhor Jesus era separado e distinto do batismo de João aos judeus em geral — que não era para o arrependimento em vista da remissão dos pecados — que João não compreendia o assunto; e que nosso Senhor, ao instituir assim um símbolo de sua própria morte, não tentou explicar o que João e outros daquela época não poderiam ter compreendido, pois o espírito santo ainda não havia sido dado, já que Jesus ainda não havia consumado seu sacrifício por nossos pecados, nem havia sido glorificado a ponto de apresentar o sacrifício em nosso favor. Observamos a comissão dada por nosso Senhor aos apóstolos, e a nós por meio deles, conforme registrado em ***Mateus 28:19,20***: "Ide, portanto, e ensinai todas as nações, batizando-as em nome [pela autoridade] do Pai, e do Filho, e do espírito santo." Essa comissão se aplica a toda a era evangélica, e sob ela todos os ministros da Verdade hoje trabalham. O Senhor não se referiu aqui ao batismo no espírito do Pentecostes, pois não estava no poder dos apóstolos batizar alguém dessa forma. O próprio Senhor, e somente Ele, possuía essa autoridade e a reteve. Contudo, foi concedido aos apóstolos — e a todos os fiéis instrutores da Palavra do Senhor — instruir as pessoas a respeito da graça de Deus em Cristo — a respeito de sua justificação e de sua santificação, ou consagração, ou batismo na morte com Cristo, caso desejassem ser participantes de sua nova natureza e da glória vindoura. E o batismo incluía também o batismo simbólico, ou batismo na água, que deveria ser o sinal externo pelo qual a consagração interior, ou do coração, do crente seria tornada conhecida aos seus semelhantes, assim como o próprio Senhor primeiro fez a consagração do coração ao Pai e, em seguida, a simbolizou na água.

Que os apóstolos inspirados compreendiam assim sua missão e a nossa fica evidente em todos os seus ensinamentos. Primeiramente, ensinavam ao povo a respeito da graça de Deus na obra da redenção, encorajando-os a crer para a justificação da vida. Assim, exortavam-nos a uma consagração plena do coração, dizendo: *"Rogo-vos*, *irmãos* [não mais pecadores, mas provisoriamente justificados pela fé em Cristo e, portanto,

[F448]
designados membros da 'família da fé', ou 'irmãos'], pelas misericórdias de Deus [das quais já receberam uma parte em sua justificação], que apresentem seus corpos como sacrifícios vivos, santos [justificados], agradáveis a Deus, o seu culto racional." Esse foi o convite para se consagrar, ou sacrificar, ou ser *"batizado na morte de Cristo*". Todos aqueles que ouviram a palavra com alegria, com o coração disposto e com gratidão, foram batizados — não apenas batizados de fato em seu voto de consagração, mas também batizados simbolicamente na água, como testemunho externo disso.

Observe os seguintes testemunhos de que o batismo era prática comum entre todos os apóstolos — não apenas entre os judeus, mas também entre os gentios. Lemos sobre o povo de Samaria: "Quando creram em Filipe... foram batizados, tanto homens quanto mulheres [não crianças]". (***Atos 8:12***) O eunuco etíope convertido pela pregação de Filipe também foi batizado na água. (***Atos 8:35-38***) Depois que Pedro pregou a Cornélio e sua família, "o espírito santo desceu sobre todos os que *ouviram* [apreciaram] a palavra [portanto, sem bebês], ... e ele ordenou que fossem batizados". (***Atos 10:44-48***) Mais uma vez lemos: "Muitos dos coríntios que ouviram creram e foram batizados." (***Atos 18:8***) Mais uma vez lemos: "Lídia, uma vendedora de púrpura, da cidade de Tiatira, que adorava a Deus, nos ouviu; e o Senhor abriu o coração dela para que prestasse atenção às coisas ditas por Paulo...Ela foi batizada, assim como toda a sua família." (***Atos 16:14, 15***) O carcereiro dos Filipenses, depois de ter crido, foi batizado por Paulo e Silas na prisão. (***Atos 16:33***) Mais uma vez, lemos: "Também batizei a família de Estêvão." ***1 Coríntios 1:16***

É verdade que, neste último caso, o apóstolo menciona quantos poucos ele havia batizado, mas isso, sem dúvida, deveu-se ao seu espinho na carne, sua visão imperfeita; e os poucos que ele batizou provavelmente receberam esse serviço de suas mãos porque não havia ninguém mais adequado para realizá-lo por perto. Ele agradeceu a Deus por ter batizado tão poucos; mas isso não implica que ele tivesse mudado de opinião quanto à adequação tanto do batismo real quanto de seu símbolo; mas, tendo em vista o fato de que havia surgido uma disputa na Igreja

[F449]
— o espírito sectário ou faccioso levando alguns a dizer: “Eu sou de Paulo”, outros: “Eu sou de Apolo”, outros: “Eu sou de Pedro”, etc.
— o apóstolo ficou contente por poder dizer que ele próprio havia batizado muito poucos deles, para que nenhum deles fosse levado a alegar que ele estivesse fazendo discípulos pessoais, batizando-os em seu próprio nome, em vez de fazer discípulos para Cristo e batizá-los em nome de Cristo.

À luz dessas declarações claras das Escrituras a respeito do preceito e da prática do Senhor e dos apóstolos, seria realmente ousado alguém que afirmasse que o batismo simbólico ou com água não é ensinado nas Escrituras; ou que ele foi ensinado como aplicável apenas aos judeus; ou que se destinava apenas a uma obra introdutória. Pelo contrário, ele tem sido tanto ensinado quanto praticado desde o início dos tempos até os dias atuais, ainda que com formas e cerimônias variadas e com uma concepção mais ou menos incorreta de seu significado, confundindo o símbolo e perdendo de vista o verdadeiro batismo. Certamente há boa razão para que todo o povo cristão respeite o batismo com água como uma instituição divina. Se alguém ainda se inclina a contestar essa questão, não temos nenhuma disputa com essa pessoa, mas acreditamos que, se tal pessoa for honesta e tiver realizado em seu coração o verdadeiro batismo de sua vontade na vontade do Senhor — se tiver se tornado morta para si mesma e para o mundo, e viva para Deus, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor —, Deus revelará também essa questão a ela no tempo oportuno. ***Fil. 3:15***

Enquanto isso, nos alegraremos com aqueles que encontraram o batismo verdadeiro e se tornaram participantes dele, e os parabenizamos pela verdade de que é muito melhor ver e desfrutar do batismo verdadeiro, mesmo que cegos para o símbolo, do que ver o símbolo e estar cego para a realidade. Diante disso, por mais que defendamos o batismo simbólico, não poderíamos basear a comunhão cristã nele, mas somente no batismo real na morte com Cristo. Todos, portanto, que confessam o Senhor como seu redentor e professam uma consagração total de coração e vida a ele, nós os aceitamos como irmãos em Cristo Jesus, membros da *Eclesia*, cujos nomes estão escritos no céu — novas criaturas

[F450]
em Cristo, sejam judeus ou gentios de nascimento, escravos ou livres, homens ou mulheres, batizados com água ou não batizados com água.

Por outro lado, não se esqueça de que cada elemento de conhecimento traz não apenas um aumento de privilégios e alegria, mas também um aumento de responsabilidade. Quem, portanto, chega a perceber a beleza e a autoridade do símbolo da água, passa, ao mesmo tempo, por outro teste a respeito da *morte* de sua vontade — a respeito de seu verdadeiro batismo na morte com seu Senhor. A desobediência ao símbolo nessas circunstâncias, como se verá facilmente, significaria uma renúncia ao sacrifício e, assim, uma falha em tornar segura a vocação e a escolha.

O Símbolo Adequado do Batismo

Não tentaremos discutir os inúmeros prós e contras entre a aspersão, o derramamento e a imersão — quanto a qual foi o modo apostólico original de realizar o batismo simbólico. Sugeriremos, no entanto, que nenhuma criança poderia estar na condição de mente e coração que lhe permitisse fazer uma consagração ou batismo de sua vontade na vontade de Cristo, de modo a tornar-se morta com ele para si mesma e para o mundo. Insistiremos ainda que o batismo simbólico *não poderia* ser realizado antes do batismo real, com qualquer validade; pois o batismo simbólico destina-se a ser meramente a expressão externa ou a confissão do que já ocorreu entre nossos corações, nossas vontades e o Senhor em segredo.

Sendo isso verdade, segue-se que a grande maioria dos cristãos nunca recebeu o batismo simbólico ou com água, uma vez que só poderiam recebê-lo após fazerem, de forma consciente, seu voto de consagração. A imersão de adultos antes *da consagração* não seria mais eficaz do que um banho comum, nem constituiria um batismo simbólico mais do que a aspersão de uma criança não consagrada. Cabe a todos, portanto, indagar sinceramente qual é o verdadeiro batismo com água, o verdadeiro símbolo, estabelecido por nosso Senhor, e obedecê-lo prontamente. E todo coração consagrado, “verdadeiramente morto” para

[F451]
da vontade própria e da opinião mundana, estará atento para conhecer e cumprir a vontade do Senhor nesta questão, assim como em todas as outras. Tal atenção está implícita na expressão: "Vivos para Deus por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor". ***Rm 6,11***

Suponhamos que a confusão sobre o modo de batismo fosse tão completa, e o testemunho a respeito do procedimento da Igreja primitiva tão confuso, que não tivéssemos absolutamente nada para nos guiar na determinação de se o modo apostólico do batismo com água era por aspersão, derramamento ou imersão; estamos agora em uma posição em que, vendo claramente o que constitui o verdadeiro batismo, é possível percebermos claramente o que constituiria e o que não constituiria símbolos ou imagens dele. Ao examinar minuciosamente todas as formas praticadas, apenas uma parece realmente *representar* a morte e o sepultamento com Cristo. Não conseguimos ver nenhum símbolo de morte para o mundo e para o eu, e com Cristo, em muitas ou poucas gotas de água sobre a testa, ou em um balde cheio de água derramado sobre a pessoa. Se há alguma semelhança simbólica com a morte em qualquer uma dessas práticas, somos incapazes de percebê-la. Mas, quando passamos a considerar a imersão, vemos à primeira vista uma ilustração maravilhosa, impressionante, notável e adequada de tudo o que está implícito no verdadeiro batismo para a morte. Não apenas a palavra grega *baptizo* significa submersão, cobertura, sepultamento, submergição, mas todo o procedimento relacionado à imersão de costas na água em nome de Cristo é uma imagem extremamente marcante de um sepultamento, adequada em todos os detalhes. O ministro, no símbolo, representa nosso Senhor. Assim como o candidato se dirige a ele, também em nossos corações nos dirigimos ao Senhor para o batismo. Confessando que, por nós mesmos, não podemos nos tornar mortos para o eu e para o mundo, entregamo-nos nas mãos do Senhor, pedindo-lhe que aceite a vontade em vez da ação e solicitando que, uma vez que nossas vontades foram entregues, *ele nos sepulte em sua morte* — que ele provoque tais experiências, disciplinas, auxílios e castigos que melhor nos capacitem a cumprir nossa aliança de consagração. Quando o candidato tiver renunciado à sua vontade, o administrador o mergulha suavemente na água e, enquanto ele está assim deitado de costas, indefeso na água, ele oferece uma ilustração completa de nossa

[F452]
impotência de nos socorrermos enquanto estivermos na morte; e, à medida que o administrador o levanta novamente de pé, vemos em imagem exatamente o que nosso Senhor nos prometeu — ressuscitar-nos dentre os mortos no tempo devido por meio de seu próprio poder. Não fazemos nenhuma tentativa de coagir as consciências daqueles que divergem de nós; mas nos parece evidente, pela adequação desse símbolo, que seu autor foi o Senhor. Quem mais poderia ter criado uma imagem ou símbolo tão completo de toda a questão?

Quem já realizou o batismo verdadeiro — quem já se entregou nas mãos de Cristo, para morrer com ele, ser sepultado à semelhança de sua morte — e então percebe a beleza dessa imagem simbólica, deve, acreditamos, sentir um intenso desejo de cumpri-la em seu próprio caso. A linguagem de seu coração certamente será: "Deleito-me em fazer a tua vontade, ó meu Deus!"

Que vantagens advirão da obediência a esse símbolo? Respondemos que a vantagem não advém do cumprimento de qualquer parte isolada do nosso voto de consagração, mas só será nossa se buscarmos cumprir todos os requisitos, do início ao fim — tudo o que está incluído na entrega total de nossa vontade à vontade do Senhor e no esforço completo para seguir seus passos. Mas, embora a vantagem plena venha a ser obtida no fim da jornada, na Primeira Ressurreição, com sua glória, honra e imortalidade, há uma medida dessa vantagem a ser desfrutada já agora. A satisfação da mente, a paz do coração, o fato de que, assim como nosso Senhor, nos esforçamos para "cumprir toda a justiça" — tudo isso contribui para aquela paz de Deus que flui como um rio, de forma regular, constante e vigorosa, através da vida daqueles que são Seus — a paz de Deus que excede todo o entendimento, em nossos corações.

O testemunho do Apóstolo é que há "um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos". (***Ef 4,4-6***) Segue-se que, assim como há apenas um batismo válido, também só pode haver um símbolo válido para ele; e os cristãos em geral concordam que a imersão na água corresponde mais fielmente ao significado da linguagem bíblica. Como ilustração desse consenso, observe os seguintes comentários de pessoas que, embora provavelmente tenham sido realmente batizadas

[F453]
na morte de Cristo, ficaram confusas a ponto de não saberem como identificar seu símbolo aquático e concluíram que ele é irrelevante.

Alguns testemunhos a esse respeito

João Calvino, presbiteriano, diz: "A própria palavra '*baptizo*' significa imergir. É certo que a imersão era a prática da Igreja primitiva." *Instituições*, Livro IV, Cap. XV, p. 19

Dr. Macknight, presbiteriano: "No batismo, a pessoa batizada é sepultada sob a água." "Cristo se submeteu a ser batizado; isto é, a ser sepultado sob a água."

Dr. Philip Schaff, presbiteriano: "A imersão, e não a aspersão, era inquestionavelmente a forma original e normal. Isso é demonstrado pelo próprio significado das palavras gregas *bap-tizo*, *baptisma*, *baptismos*." *História da Igreja Apostólica*, p. 568. Em uma publicação posterior (1885), ele escreve ainda sobre essas "comparações", afirmando que "todas elas favorecem a imersão, em vez da aspersão, como é plenamente admitido pelos melhores exegetas, católicos e protestantes, ingleses e alemães." *Ensinamentos dos Doze Apóstolos*, pp. 55, 56

Martinho Lutero, luterano: "Batismo é uma palavra grega e pode ser traduzida como 'imersão'." "Gostaria que aqueles que vão ser batizados fossem totalmente mergulhados na água." *Obras de Lutero*, vol. I, p. 336

João Wesley, metodista: "'Sepultados com ele pelo batismo' — aludindo ao antigo método de imersão."

Wall, episcopaliano: "A imersão foi, muito provavelmente, a forma pela qual nosso abençoado Salvador foi batizado e, com certeza, foi a forma mais comum e habitual pela qual os antigos cristãos recebiam o batismo." *História do Batismo Infantil*, vol. I,
p. 571, Oxford, 1862

Dean Stanley, episcopaliano: "Durante os primeiros treze séculos, a prática quase universal do batismo era aquela que lemos no Novo Testamento e que é o próprio significado da palavra 'batizar' — ou seja, que aqueles que eram batizados eram mergulhados, submersos, imersos na água." *Instituições Cristãs*, p. 17

[F454]

Brenner, católico romano: “Por 1.300 anos, o batismo foi, de maneira geral e regular, uma imersão da pessoa na água.” *Exposição Histórica da Administração do Batismo*, p. 306

“A pessoa inteira era imersa na água.” *Enciclopédia de Kitto*

“Batismo, isto é, mergulhar ou imersão.” *Enciclopédia Americana*

“O batismo era originalmente administrado por imersão.” *Enciclopédia de Brande*

*“*Batismo significa imersão.” *Dicionário Bíblico de Smith*

“Baptizo, mergulhar na água ou sob a água.” *"Mergulhar; afundar."*

“Imergir; afundar.” *do Robinson* “Imergir, submergir, afundar.” *do Dicionário de Greenfield*

Quem Pode Administrar o Batismo com Água

Visto que todos os consagrados, todos os batizados na morte de Cristo, constituem o “Sacerdócio Real” e são membros do corpo ungido do Senhor, segue-se que eles não apenas são comissionados por ***Mateus 28:19*** para ensinar o povo e, assim, conduzi-lo ao batismo, ou seja, ao sepultamento de suas vontades no Senhor, mas também estariam igualmente comissionados a realizar para eles o símbolo da consagração, o batismo com água. Além disso, se não for possível encontrar uma pessoa consagrada disponível para o serviço do símbolo, não vemos nenhuma objeção válida que possa ser levantada contra sua realização por um crente não consagrado, ou mesmo por uma pessoa mundana, um incrédulo; pois o contrato real é entre o Senhor e o indivíduo que se consagra; e, como o batismo com água não é o verdadeiro, mas meramente uma imagem, assim também o administrador não é o Senhor, mas meramente um homem; e, seja ele um homem bom ou mau, ele atuaria meramente como representante para a conveniência e o serviço daquele que é imerso. No entanto, há uma adequação e uma ordem gerais que convém observar neste assunto, assim como em todas as questões relativas à *Ecclesia*: isso indicaria que as pessoas mais adequadas para tal serviço seriam os anciãos escolhidos.

[F455]

A Forma das Palavras

Nenhuma forma específica de palavras para esse serviço nos é apresentada nas Escrituras, e todos podem perceber facilmente que as palavras são de importância secundária — que o batismo seria igualmente válido se nenhuma palavra fosse usada; porque, como afirmado anteriormente, o contrato real é entre o batizado e o Senhor, e o *ato* do batismo com água é a confissão aberta desse contrato. Não se trata, portanto, do que o administrador possa acreditar ou não, dizer ou deixar de dizer, mas de qual é o pensamento e a intenção do coração daquele que é assim simbolicamente batizado. No entanto, baseando nosso julgamento nas palavras do Senhor, em ***Mateus 28:19***, e nas palavras do Apóstolo em ***Romanos 6:3***, recomendamos como uma forma simples de palavras corretas para a ocasião estas:

"Irmão João [ou outro nome cristão], em nome do Pai, do Filho e do espírito santo, por esta autoridade, eu te batizo em Cristo."

Repetição do Símbolo

Como o verdadeiro significado do batismo há muito tempo foi perdido de vista, recebemos muitas consultas de pessoas que já foram imersas na água, questionando a validade de seu batismo na água e se seria ou não apropriado repetir o símbolo. Nossa resposta é que o símbolo não precisa ser repetido; mas, como ele não teria qualquer significado nem qualquer virtude, a não ser que *fosse seguido* da consagração completa até a morte — não mais do que qualquer outro banho ou imersão na água — , cada um deve decidir por si mesmo se obedeceu ou não a esse testemunho. Mas se o batismo na água seguiu a consagração, ou o batismo na morte, não seria necessário repeti-lo — mesmo que o conhecimento sobre o assunto fosse deficiente.

Batismo pelos Mortos

"Caso contrário, o que farão aqueles que são batizados pelos mortos, se os mortos de modo algum ressuscitam?" ***1 Cor. 15:29***

Um mal-entendido do significado das palavras do apóstolo acima levou, durante a "Idade das Trevas", ao batismo substitutivo:

[F456]
Os cristãos, cujos amigos haviam falecido sem terem sido batizados, eram batizados em nome deles, a título representativo. Uma compreensão correta do que constitui o verdadeiro batismo nos mostra rapidamente a inconsistência de tal procedimento. Uma pessoa não poderia consagrar-se por outra, assim como não poderia transferir sua vida natural ou espiritual para outra pessoa. Esse equívoco quanto às palavras do apóstolo, no entanto, gerou confusão na mente de muitos, que não reconhecem quão grande foi o afastamento que ocorreu logo após a morte dos apóstolos, e quão descabidas e irracionais foram muitas das teorias e costumes introduzidos na época.

O tema do apóstolo era a ressurreição dos mortos, e ele está aqui defendendo e aprofundando essa doutrina. Evidentemente, haviam ocorrido ataques à fé da Igreja em Corinto no que diz respeito à ressurreição dos mortos. Como parte de seu argumento, no versículo em questão, ele chama a atenção da Igreja para o fato de que todos haviam sido batizados e que seu batismo significava ou simbolizava a morte, como vimos logo acima. Ele então, a fim de mostrar-lhes a inconsistência da nova posição, questiona qual seria a sabedoria ou o valor de tal consagração à morte — como sugeria o batismo deles —, se a nova teoria de que os mortos não ressuscitam de forma alguma fosse verdadeira. Eles haviam se consagrado para serem membros, para morrerem uns com os outros e uns pelos outros em comunhão com Cristo e, assim, estarem mortos com ele; e, como membros de seu corpo, membros do grande sacrifício de expiação *em favor do mundo morto*, porque esperavam na ressurreição prometida.

O argumento do apóstolo é que toda a posição cristã se mantém ou ruína em conjunto. Se não há ressurreição dos mortos, então aqueles que adormeceram em Cristo pereceram, assim como o restante do mundo; e se for esse o caso, e não houver esperança futura nem para a Igreja, nem para o mundo por meio da Igreja, por que deveríamos consagrar nossas vidas à morte? Somos batizados na morte com Cristo, batizados pelos mortos, com o propósito de que, no tempo certo, possamos nos unir a ele como o Doador da Vida do mundo — a Semente de Abraão.

ESTUDO XI
A PÁSCOA DA NOVA CRIAÇÃO

O jugo do Egito e a libertação dele, em tipo e antítipo
—"A Igreja dos Primogênitos" — "Nós, sendo muitos, somos um único pão" — A comemoração ainda é apropriada — Quem pode celebrá-la — Quem pode oficiá-la — Uma ordem de culto — Páscoa-Páscoa — Trechos da Enciclopédia de McClintock e Strong.

"Cristo, nossa Páscoa, foi sacrificado por nós; portanto, celebremos a festa, não com o fermento antigo, nem com o fermento da malícia e da maldade, mas com o pão ázimo da sinceridade e da verdade." ***1 Cor. 5:7,8***

DESTACAVA-SE, entre as experiências do Israel típico, a Páscoa. A Festa da Páscoa, celebrada todos os anos durante sete dias, começava no décimo quinto dia do primeiro mês. Ela celebrava, de maneira geral, a libertação do povo de Israel da escravidão do Egito — mas, particularmente, a passagem, ou a poupança da vida, dos primogênitos daquela nação durante a praga da morte que se abateu sobre os egípcios e que, como a última das pragas, finalmente os obrigou a libertar os israelitas de sua servidão forçada. A passagem dos primogênitos de Israel tornou-se o precursor da libertação de toda a nação de Israel e de sua travessia em segurança pelo Mar Vermelho rumo à liberdade da escravidão do Egito. Podemos facilmente perceber que um evento tão portentoso seria devidamente comemorado pelos israelitas como intimamente identificado com o nascimento de sua nação; e, assim, é celebrado pelos judeus até os dias de hoje. Os membros da nova criação têm interesse nesses eventos, assim como têm interesse em todos os atos e disposições de seu Pai Celestial, tanto no que diz respeito ao seu povo típico, Israel segundo a carne, quanto no que diz respeito a toda a humanidade. Mas a nova criação tem um interesse ainda mais profundo nos acontecimentos que ocorreram no Egito, tendo em vista que o Senhor lhes revelou o "mistério" de que as coisas que aconteceram ao Israel natural

[F458]
Israel tinham o propósito de simbolizar e prenunciar coisas ainda mais grandiosas no plano divino a respeito do Israel Espiritual antitípico — a nova criação.

Com relação a essas coisas espirituais, o Apóstolo declara que "o homem natural não as recebe, nem pode conhecê-las, porque são discernidas pelo espírito; mas Deus as revelou a nós [a nova criação] por meio do seu Espírito". (***1 Cor. 2:14, 10***) Deus usou os apóstolos como seus porta-vozes para nos dar certas pistas pelas quais, sob a orientação do seu espírito, possamos compreender as coisas profundas de Deus. Uma dessas pistas encontra-se no texto que encabeça este capítulo. Seguindo a indicação do apóstolo, vemos claramente que Israel, segundo a carne, simbolizava todo o povo de Deus — todos os que, no fim das contas, se tornarão seu povo, até o término da Era milenar; que os egípcios representavam os oponentes do povo de Deus, sendo o Faraó, seu governante, a representação de Satanás, o príncipe do mal e das trevas; e os servos e cavaleiros do Faraó representavam os anjos caídos e os homens que se associaram ou que se associarão a Satanás como oponentes do Senhor e de seu povo — a nova criação e, em geral, a família da fé. Assim como o povo de Israel ansiava pela libertação e gemia sob o jugo de seus capatazes, mas era fraco e incapaz de se libertar por si mesmo, e jamais teria conseguido se livrar do jugo do Egito se não fosse pela intervenção do Senhor em seu favor e pela designação e envio de Moisés para ser seu libertador, assim vemos o mundo da humanidade, no presente e ao longo do passado, gemendo e sofrendo em dor, em conjunto, sob as opressões do "príncipe deste mundo" e de seus servos, o Pecado e a Morte. Essas centenas de milhões de seres humanos anseiam pela liberdade da escravidão aos próprios pecados e fraquezas, bem como pela libertação das penalidades decorrentes deles — a dor e a morte. Mas, sem a ajuda divina, a humanidade é impotente. Alguns lutam vigorosamente e conseguem algo; mas nenhum se liberta. Toda a raça de Adão está escravizada ao pecado e à morte, e sua única esperança está em Deus e no Moisés antitípico, que Ele prometeu que libertaria

[F459]
seu povo no tempo determinado por Ele — conduzindo-os através do Mar Vermelho — representando a Segunda Morte, na qual Satanás e todos os que se afiliam ou simpatizam com ele e com seu caminho maligno serão destruídos para sempre, como foi tipificado no afogamento do Faraó e de suas hostes no Mar Vermelho literal. Mas o povo do Senhor "não será atingido pela Segunda Morte".

O exposto acima é o quadro geral; mas, dentro dele, e ainda assim como parte dele, havia outro quadro, específico, que se referia, não à humanidade em geral e à sua libertação da escravidão do pecado e da morte, mas apenas a uma classe especial entre eles — os primogênitos. Correspondendo a estes como seu antítipo, a palavra inspirada nos chama a atenção para "a Igreja dos primogênitos, que estão inscritos no céu" — a nova criação. No tipo, os primogênitos ocupavam um lugar especial — eram os herdeiros; um lugar especial também no sentido de que eram submetidos a um teste ou provação especial antes de seus irmãos. Eles se tornaram passíveis de morte antes do Êxodo geral e, quando o Êxodo ocorreu, esses primogênitos tiveram um lugar especial nele — uma tarefa especial a cumprir em conexão com a libertação geral, pois se tornaram uma classe separada, representada na tribo de Levi. Eles foram separados de seus irmãos, renunciando inteiramente à sua herança na terra, para que, de acordo com o arranjo divino, pudessem ser os mestres de seus irmãos.

Essa tribo ou casa de Levi representa claramente a família da fé, que, por sua vez, é representada pelo Sacerdócio Real preparatório, o qual renuncia à herança nas coisas terrenas em nome dos irmãos e, no futuro, constituirá efetivamente o Sacerdócio Real, cujo Sumo Sacerdote é o Senhor e que abençoará, governará e instruirá o mundo durante a Era Milenar. Assim como os primogênitos de Israel no Egito estavam sujeitos à morte, mas foram poupados, escaparam dela e, ao perderem a herança terrena, tornaram-se um sacerdócio, da mesma forma a Igreja antitípica dos primogênitos no tempo presente está agora sujeita à Segunda Morte, passando por sua prova ou julgamento para a vida eterna ou a morte eterna antes

[F460]
do restante da humanidade, e passa da morte para a vida, por meio do mérito do sangue do redentor — a morte.

Tornando-se participantes da graça de seu Senhor, eles renunciam ou sacrificam com ele a herança terrena, a porção terrena, a vida terrena, para que possam alcançar o céu e sua "vida mais abundante". Assim, embora a Igreja dos primogênitos, a nova criação, "todos morram como os homens" e, no que diz respeito às coisas terrenas, pareçam perder e renunciar mais do que os outros, no entanto, embora o homem natural não compreenda isso, estes são poupados, ou resgatados da morte, e, como o Sacerdócio Real, serão, com seu Sumo Sacerdote, Jesus, feitos participantes da glória, da honra e da imortalidade. Esses, cuja passagem ocorre durante a noite da era evangélica — antes que a manhã milenar amanheça e seu Sol da Justiça surja —, serão os líderes do exército do Senhor, para libertá-lo da escravidão do Pecado e de Satanás. Observe como isso concorda com as palavras do Apóstolo (***Rom. 8:22, 19***): "Toda a criação geme e sofre dores de parto em conjunto" — "aguardando a manifestação dos filhos de Deus" — aguardando a *passagem* completa da Igreja dos primogênitos na Primeira Ressurreição, para a glória, a honra e a imortalidade.

Mas, agora, outra característica do tipo é importante. A fim de efetuar a passagem dos primogênitos e a consequente libertação de todo o povo do Senhor no tipo, era necessário que o cordeiro pascal fosse sacrificado, que seu sangue fosse aspergido nos umbrais e lintéis da casa, que sua carne fosse comida naquela noite com ervas amargas e com pão ázimo. Assim, cada casa de Israel representava a família da fé, e cada cordeiro representava o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, e o primogênito de cada família representava o Cristo, Cabeça e Corpo, a nova criação. As ervas amargas representavam as provações e aflições do tempo presente, que servem ainda mais para aguçar o apetite da família da fé pelo Cordeiro e pelo pão ázimo.

[F461]
Além disso, como cada família deveria comer com o cajado na mão e cingida para uma jornada, isso representava que o primogênito antitípico e a família da fé, que assim participariam do Cordeiro durante a noite da era evangélica, seriam peregrinos e estrangeiros no mundo, que perceberiam a escravidão do pecado e da morte e desejariam ser conduzidos pelo Senhor à libertação do pecado e da corrupção — à liberdade dos filhos de Deus.

A Comemoração de Nosso Senhor

Foi em harmonia com esse tipo do sacrifício do cordeiro pascal no 14º dia do primeiro mês — o dia que antecede a Festa da Páscoa de sete dias, celebrada pelos judeus — que nosso Senhor morreu, como o Cordeiro Pascal antitípico, "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo". Em nenhum outro momento seria possível ao nosso Senhor ter consumado na morte o sacrifício que ele iniciou aos trinta anos de idade, em seu batismo para a morte. Por isso, embora os judeus muitas vezes tenham procurado prendê-lo, ninguém lhe colocou as mãos, porque "ainda não havia chegado plenamente a sua hora". ***João 7:8, 30***

Assim como os judeus receberam a ordem de escolher o cordeiro para o sacrifício no décimo dia do primeiro mês e de levá-lo para suas casas nessa data, o Senhor, de maneira apropriada, ofereceu-se a eles nessa mesma data, quando, cinco dias antes da Páscoa, entrou na cidade montado em um jumento, enquanto a multidão clamava: "Hosana ao Filho de Davi! Bendito aquele que vem em nome do Senhor!" "Ele veio para os seus, e os seus [como nação] não o receberam; mas a todos quantos o receberam [individualmente], deu-lhes *o direito de se tornarem* filhos de Deus." A nação, por meio de seus representantes, os governantes, em vez de recebê-lo, rejeitou-o e, assim, identificou-se, naquele momento, com o adversário. No entanto, pela graça de Deus, o sangue da Nova Aliança é eficaz também para a casa de Jacó e para todos os que desejam harmonia com Deus, e eles foram participantes dos méritos do Cordeiro — mas se recusaram a comer do Cordeiro antitípico

[F462]
— perderam a oportunidade de se tornarem, como nação, os primogênitos, o sacerdócio real, a nação santa, o povo peculiar do Messias — perderam a oportunidade de *passar para o outro lado* e se tornarem membros da Nova Criação, com vida mais abundante em glória, honra e imortalidade; mas nos alegra saber, em outra passagem das Escrituras, que eles terão, não obstante, uma gloriosa oportunidade de aceitar o Cordeiro de Deus, de comer e assim se apropriar de sua carne, de seu sacrifício, e de, assim, escapar da escravidão do pecado e da morte, sob a liderança do Senhor e de seus irmãos fiéis, o Israel espiritual, a Igreja antitípica dos Primogênitos. ***Rom. 11:11-26***

Foi no final do ministério de nosso Senhor, no 14º dia do primeiro mês, na *"mesma noite* em que foi traído", e no *mesmo dia*, portanto, em que morreu, como o Cordeiro antitípico, que ele celebrou com seus discípulos a Páscoa típica dos judeus — comendo, com seus doze apóstolos, o cordeiro típico que o representava, seu próprio sacrifício pelos pecados do mundo e o "verdadeiro alimento", na força do qual somente se obtêm a vida, as liberdades e as bênçãos dos filhos de Deus. A celebração dessa ceia na noite que antecedeu a morte de nosso Senhor, e ainda assim no mesmo dia, foi possibilitada pelo costume judaico, segundo o qual cada dia começava, não à meia-noite, mas à noite. O Senhor, evidentemente, organizou todos os assuntos de Israel em conformidade com os tipos que eles deveriam expressar.

Como judeus "nascidos sob a Lei", era obrigatório que nosso Senhor e seus apóstolos celebrassem esse tipo, e no momento apropriado; e foi depois de terem assim observado a Ceia judaica, comendo o cordeiro com pão ázimo e ervas, e provavelmente também, como era costume, com o "fruto da vide", que o Senhor — tomando parte do pão ázimo e do fruto da vide que sobraram da Ceia judaica, o tipo — instituiu entre seus discípulos e para toda a sua Igreja, a qual eles representavam (***João 17:20***), uma coisa nova, para que, com eles, como o Israel espiritual, a Igreja do Primogênito, a nova criação,

[F463]
substituir e *suplantar* a Ceia da Páscoa judaica. Nosso Senhor não estava instituindo outro *tipo*, e mais elevado, da Páscoa. Pelo contrário, o tipo estava prestes a iniciar seu cumprimento e, portanto, não seria mais apropriado para aqueles que aceitavam o cumprimento. Nosso Senhor, como o Cordeiro antitípico, estava prestes a ser imolado, como o apóstolo expressa no texto no início deste capítulo: "Cristo, nossa Páscoa [Cordeiro], foi imolado".

Ninguém que aceitasse Cristo como o Cordeiro da Páscoa — e, assim, aceitasse o antítipo substituindo o tipo — poderia, a partir de então, preparar adequadamente um cordeiro típico e comê-lo em comemoração à libertação típica. O que seria apropriado, a partir de então, para todos os que crêem em Jesus como o verdadeiro Cordeiro da Páscoa seria aspergir os umbrais do coração com o seu sangue: "Tendo seus corações aspergidos da consciência do mal" [da condenação presente —percebendo que seus pecados foram expiados por meio de seu sangue e que, por meio dele, agora têm o perdão dos pecados]. Esses, a partir de então, devem comer, ou apropriar-se, dos méritos de seu redentor — os méritos do homem Cristo Jesus, que se entregou como o resgate por todos. Pela fé, eles devem participar desses méritos e compreender que, assim como seus pecados foram colocados sobre o Senhor, e ele morreu por eles, assim também seus méritos e justiça lhes são imputados. Essas coisas eles comem, ou se apropriam, pela fé.

Se, então, a Ceia do Senhor substituiu a Ceia da Páscoa, mas não como um tipo superior — tendo o antítipo já se iniciado —, o que foi ela? Respondemos que foi a *comemoração* do antítipo — uma lembrança para seus seguidores do início do cumprimento da Páscoa antitípica.

Assim, aceitar nosso Cordeiro e, dessa forma, realizar a comemoração de sua morte por nós, significa expectativa em relação à libertação prometida do povo de Deus e, portanto, significa que aqueles que apreciam e realizam a comemoração com sabedoria enquanto estão no mundo não serão do mundo; mas serão como peregrinos e estrangeiros, que buscam condições mais desejáveis, livres das pragas, das tristezas e da escravidão do presente

[F464]
tempo do reinado do Pecado e da Morte. Estes participam do verdadeiro pão ázimo, o antitípico: buscam-no em sua pureza, sem a corrupção (fermento) da teoria humana, da desgraça, das ambições, do egoísmo etc., para que possam ser fortes no Senhor e no poder de sua força. Eles também participam das ervas amargas da perseguição, de acordo com a palavra do mestre, de que o servo não está acima de seu Senhor, e que, se o próprio Senhor foi injuriado, perseguido e rejeitado, eles devem esperar tratamento semelhante, porque o mundo não os conhece, assim como não o conheceu. Sim, seu testemunho é de que ninguém será aceitável a ele cuja fidelidade não atraia sobre si a desonra do mundo. Suas palavras são: "Todo aquele que quiser viver piedosamente sofrerá perseguição." "Dirão falsamente todo tipo de mal contra vocês por minha causa. Alegrem-se e exultem, pois grande é a vossa recompensa nos céus." ***Mt 5,11-12***; ***2 Tm 3,12***

Quando nosso Senhor instituiu sua Ceia Memorial, chamada de Última Ceia, ela foi, como mencionado acima, um novo símbolo, baseado no antigo tipo da Páscoa e relacionado a ele, embora não fizesse parte dele, sendo uma comemoração, ou memorial, do antítipo. Conforme lemos, ele "tomou o pão e, tendo dado graças, partiu-o e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo, que é partido por vós [isso representa a mim, o Cordeiro antitípico; representa a minha carne]. Fazei isto em memória de mim." A intenção evidente de nosso Senhor era fixar na mente de seus seguidores o fato de que ele é o Cordeiro antitípico para os primogênitos antitípicos e a família da fé. A expressão "*Fazei isto* em memória de mim" implica que essa nova instituição deveria substituir, entre seus seguidores, a anterior, que agora se tornaria obsoleta em razão do seu cumprimento. "Da mesma maneira, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança [a aliança] no meu sangue" — o sangue da aliança — o sangue que sela a Nova Aliança. "Fazei isto, sempre que o beberdes, em memória de mim." Não entenderíamos isso como implicando a prática sem levar em conta o tempo, o lugar etc., mas como significando que, quando este cálice e

[F465]
o pão ázimo fossem, dali em diante, usados como celebração da Páscoa, isso deveria, em todas as ocasiões, ser considerado uma celebração, não do tipo, mas do antítipo. Assim como não teria sido lícito, apropriado ou típico celebrar a Páscoa em qualquer outro momento que não fosse o designado pelo Senhor, da mesma forma ainda não é apropriado celebrar o antítipo em qualquer outro momento que não seja seu aniversário. ***1 Coríntios 11:23-25***

O apóstolo acrescenta: "Pois, todas as vezes que comerdes *este* pão e beberdes *este* cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha." (***1 Cor. 11:26***) Isso nos mostra que os discípulos compreenderam claramente que, a partir de então, para todos os seguidores do Senhor, a celebração anual da Páscoa deveria ter um novo significado: o pão partido representando a carne do Senhor, o cálice representando seu sangue. Embora essa nova instituição não tenha sido imposta aos seus seguidores como uma lei, e embora não houvesse penalidades previstas pelo descumprimento de sua observância adequada, o Senhor sabia muito bem que todos os que confiavam nele e o reconheciam como o Cordeiro pascal antitípico ficariam felizes em adotar a comemoração que ele lhes sugeriu dessa forma. E assim continua sendo. A fé no resgate continua a encontrar sua ilustração nesta simples comemoração, "até que ele venha" — não apenas até *a parousia*, ou presença, de nosso Senhor na colheita ou no fim desta era, mas até que, durante sua *parousia,* um por um, seus fiéis tenham sido reunidos a ele, além do "Véu", para ali participar de um modo ainda mais pleno e, como nosso Senhor declarou, desfrutar disso "novamente no Reino"."

"Nós, sendo muitos, somos um único pão"

"O cálice de bênção que abençoamos, não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos, não é a comunhão do corpo de Cristo? Pois nós, sendo muitos, somos um só pão — um só corpo; pois todos somos participantes desse único pão." ***1 Cor. 10:16,17***

O apóstolo, sob a orientação do espírito santo, apresenta-nos aqui uma reflexão adicional a respeito desta comemoração instituída por nosso Senhor. Ele não nega, mas afirma, que, em primeiro lugar, o pão representa o corpo quebrantado de nosso Senhor, sacrificado em nosso favor; e que o cálice representa

[F466]
seu sangue, que sela nosso perdão. Mas agora, além disso, ele mostra que nós, como membros da *Ecclesia*, membros do corpo de Cristo, os futuros Primogênitos, a Nova Criação, nos tornamos participantes com nosso Senhor em sua morte, partilheiros de seu sacrifício; e, como ele afirmou em outro lugar, faz parte de nossa aliança "completar o que falta das aflições de Cristo". (***Col. 1:24***) O pensamento aqui é o mesmo expresso pelas palavras: "Fomos batizados na *sua morte*". Assim, enquanto a carne de nosso Senhor foi o pão partido pelo mundo, os crentes da era evangélica, os fiéis, os escolhidos, a nova criação, são contados como partes desse único pão, "membros do corpo de Cristo"; e, portanto, ao partir o pão, depois de reconhecê-lo como o sacrifício de nosso Senhor em nosso favor, devemos reconhecê-lo, além disso, como o partir ou o sacrifício de toda a Igreja, de todos aqueles consagrados para estarem mortos com ele, para serem partidos com ele, para compartilharem de seus sofrimentos.

Esse é exatamente o pensamento contido na palavra "comunhão" — união comum, participação comum. Portanto, a cada celebração anual desta comemoração, não apenas reconhecemos que o fundamento de todas as nossas esperanças repousa no sacrifício do querido redentor por nossos pecados, mas revivemos e renovamos nossa própria consagração para "estar mortos com ele, para que também vivamos com ele" — para "sofrer com ele, para que também reinemos com ele". Quão grandiosamente abrangente é o significado desta celebração divinamente instituída! Não estamos substituindo a realidade pelos símbolos; certamente nada poderia estar mais distante da intenção de nosso Senhor, nem mais distante do que seria apropriado da nossa parte. A comunhão do coração com ele, o alimento do coração nele, a comunhão do coração com os demais membros do corpo e a compreensão do coração do significado de nossa aliança de sacrifício constituem a verdadeira comunhão, a qual, se formos fiéis, realizaremos dia após dia ao longo do ano — sendo diariamente partidos com nosso Senhor e alimentando-nos continuamente de seu mérito, fortalecendo-nos no Senhor e no poder de sua força. Que bênção nos chega com a celebração desta comemoração!

[F467]
Que ardor no coração por uma maior apreciação e crescimento na graça e no conhecimento, e por uma maior participação nos privilégios do serviço para o qual somos chamados, não apenas no que diz respeito ao presente, mas também no que diz respeito ao futuro!

Notar-se-á que o Apóstolo inclui o cálice pelo qual louvamos a Deus. "Não é a comunhão [união comum, participação comum] do sangue de Cristo?" Oh, que pensamento — que o "pequeno rebanho" verdadeiramente consagrado e fiel da nova criação, ao longo da era evangélica, tem sido Cristo em carne; e que os sofrimentos, as provações, a ignomínia e a morte daqueles a quem o Senhor aceitou e reconheceu como "membros de seu corpo" na carne, são todos contados como partes de seu sacrifício, por estarem associados a, e sob aquele que é nossa Cabeça, nosso Sumo Sacerdote! Quem, ao compreender a situação, quem, ao valorizar o convite de Deus para fazer parte desta *Ecclesia* e a consequente participação no sacrifício até a morte agora, e na obra gloriosa do futuro, não se alegra por ser considerado digno de sofrer reprovações pelo nome de Cristo e de entregar a própria vida a serviço da Verdade, como membros de sua carne e de seus ossos? O que importa para esses que o mundo não nos conheça, assim como não o conheceu? (***1º João 3:1***) O que importa para esses, mesmo que venham a sofrer a perda das mais seletas bênçãos e vantagens terrenas, se, como corpo de Cristo, puderem ser considerados dignos de participar com o redentor de suas glórias futuras?

À medida que crescem em graça, conhecimento e zelo, todos eles são capacitados a ponderar e julgar a questão do ponto de vista do Apóstolo, quando ele disse, a respeito dos favores e vantagens terrenas: "Considero tudo como perda e escória". "Considero que os sofrimentos do tempo presente não são dignos de serem comparados com a glória que será revelada em nós." ***Fil. 3:8***; ***Rom. 8:18***

Outro pensamento diz respeito ao amor mútuo, à simpatia e ao interesse que devem prevalecer entre todos os membros

[F468]
deste "único corpo" do Senhor. À medida que o espírito do Senhor passa a reinar cada vez mais em nossos corações, isso nos levará a nos alegrar em todas as ocasiões para fazer o bem a todos os homens, conforme tivermos oportunidade, mas especialmente à família da fé. À medida que nossa compaixão cresce e se estende a toda a humanidade, ela deve crescer especialmente em relação ao Senhor e, consequentemente, também em relação àqueles que Ele reconhece, que têm o Seu espírito e que buscam seguir os Seus passos. O apóstolo indica que a medida do nosso amor pelo Senhor será demonstrada pelo nosso amor aos irmãos, os membros de seu corpo. Se nosso amor deve ser tal que suporte todas as coisas e tolere tudo em relação aos outros, quanto mais isso será verdade no que diz respeito a esses membros do mesmo corpo, tão intimamente unidos a nós por meio de nossa Cabeça! Não é de se admirar que o apóstolo João declare que uma das evidências proeminentes de termos passado da morte para a vida é o fato de amarmos os irmãos. (***1º João 3:14***) De fato, lembramos que, ao falar de completarmos a medida das aflições de Cristo, o apóstolo Paulo acrescenta: "pelo bem do seu corpo, que é a Igreja". ***Colossenses 1:24***

O mesmo pensamento é expresso novamente nas palavras: "Devemos também dar a vida pelos irmãos." (***1º João 3:16***) Que irmandade está, assim, implícita! Onde mais poderíamos esperar encontrar tal amor pelos irmãos, a ponto de dar a própria vida por eles? Não estamos falando agora de como o Senhor pode se agradar em aplicar o sacrifício da Igreja, representado no "bode do Senhor", como parte dos sacrifícios do Dia da Expiação.* Apenas, com o apóstolo, observamos o fato de que, no que nos diz respeito, o sacrifício, a entrega da vida, deve ser feito principalmente pelos irmãos — a serviço deles; o serviço ao mundo pertence principalmente à era vindoura, o milênio. Nas condições atuais, nosso tempo, nossos talentos, nossa influência e nossos recursos estão, de certa forma, comprometidos com outras pessoas (a esposa, os filhos, os pais idosos ou outras pessoas que dependem de nós), e nós

---

* *Sombras do Tabernáculo dos Melhores Sacrifícios*, p. 59.

[F469]
também somos obrigados a prover "coisas necessárias", "decentes" e "honestas aos olhos de todos os homens" para nós mesmos. Por isso, descobrimos que resta relativamente pouco à nossa disposição para o sacrifício, relativamente pouco para entregar aos irmãos, e esse pouco o mundo, a carne e o diabo estão continuamente tentando reivindicar de nós e desviar do sacrifício ao qual o consagramos.

A seleção da Igreja pelo Senhor, durante este tempo em que o mal prevalece, tem o propósito de que as circunstâncias ao nosso redor provem a medida do amor e da lealdade de cada um para com Ele e os Seus. Se nosso amor for frio, as exigências do mundo, da carne e do adversário serão demais para nós e atrairão nosso tempo, nossa influência e nosso dinheiro. Por outro lado, na mesma proporção em que nosso amor pelo Senhor for forte e ardente, na mesma proporção nos deleitaremos em sacrificar essas coisas a Ele — não apenas para oferecer nosso excedente de energia, influência e recursos, colocando-os à disposição sempre que encontrarmos oportunidade no serviço aos irmãos, mas, além disso, esse espírito de devoção ao Senhor nos levará a restringir, dentro de limites razoáveis e econômicos, as exigências do lar e da família, e especialmente de nós mesmos, para que tenhamos mais para sacrificar no altar do Senhor. Assim como nosso Senhor, durante três anos e meio, ofereceu seu corpo e, durante três anos e meio, derramou seu sangue e deu sua vida, e só concluiu esses sacrifícios no Calvário, assim também conosco: a entrega de nossas vidas pelos irmãos se dá nas pequenas tarefas de serviço, sejam elas temporais ou espirituais, sendo as espirituais as mais elevadas e, portanto, as mais importantes; embora aquele que fechasse seu coração à compaixão por um irmão com necessidade temporal demonstrasse que não tem o Espírito do Senhor governando em seu coração em grau adequado.

A Comemoração Continua Apropriada

A celebração original da Comemoração da morte de nosso querido redentor (com o significado ainda maior que lhe foi atribuído pelo espírito santo por meio do Apóstolo, incluindo nossa participação ou comunhão com ele em seu sacrifício) era,

[F470]
como vimos, em uma data específica — o décimo quarto dia do primeiro mês, segundo o calendário judaico.* E a mesma data, obtida pelo mesmo método de contagem, ainda é apropriada e atrairá todos aqueles que buscam os "caminhos antigos" e desejam trilhá-los. Essa comemoração anual da morte do Senhor, etc., conforme instituída por nosso Senhor e observada pela Igreja primitiva, tem sido revivida recentemente entre aqueles que estão entrando na luz da Verdade Presente.

Não é surpreendente que, à medida que o verdadeiro significado da ceia simbólica do Senhor foi sendo cada vez mais perdido de vista, as normas relativas à sua observância anual também tenham sido negligenciadas. Isso se torna mais fácil de compreender à medida que passamos a entender a história do assunto, conforme segue:

Depois que os apóstolos e seus sucessores imediatos faleceram — por volta do século III —, o catolicismo romano estava ganhando influência na Igreja. Uma de suas falsas doutrinas sustentava que, embora a morte de Cristo garantisse o perdão das culpas passadas, ela não poderia compensar as transgressões pessoais cometidas depois que o crente estabelecesse um relacionamento com Cristo — após o batismo; mas que um novo sacrifício era necessário para tais pecados. Com base nesse erro, foi construída a doutrina da missa, que, como já explicamos anteriormente com alguns detalhes, era considerada um novo sacrifício de Cristo pelos pecados específicos do indivíduo para quem a missa é oferecida, ou sacrificada — o novo

---

*O ano hebraico começa na primavera, com o primeiro aparecimento da lua nova após o equinócio da primavera. O 14º dia é facilmente calculado, mas não deve ser confundido com a Semana da Festa, que começava no dia 15 e se estendia por uma semana a partir daí — a celebração judaica. Essa semana dos pães ázimos, celebrada pelos judeus com alegria, corresponde a todo o futuro de um cristão — representando especialmente o ano inteiro até sua próxima celebração da Comemoração da Ceia. Para o judeu, o sacrifício do cordeiro era um meio para atingir o fim; um início para a festa da semana, que recebia sua atenção especial. Nossa comemoração da Ceia está relacionada ao sacrifício do Cordeiro e, portanto, pertence ao dia 14 de Nisan (o primeiro mês). Além disso, devemos lembrar que, com a mudança na contagem das horas do dia, a noite do dia 14 de Nisan corresponderia ao que hoje chamamos de noite do dia 13.

[F471]
o sacrifício de Cristo era apresentado como razoável pela alegação de que o padre celebrante tinha o poder de transformar o pão e o vinho no próprio corpo e no próprio sangue de Cristo; e, em seguida, ao partir a hóstia, de partir ou sacrificar o Senhor novamente pelos pecados da pessoa para quem a missa era celebrada. Já demonstramos que, do ponto de vista divino, esse ensinamento e essa prática eram uma abominação aos olhos do Senhor — "a abominação que causa desolação". ***Dn 11,31; 12,11 ****

Essa falsa doutrina realmente causou desolação, e em seu rastro vieram os inúmeros erros da Igreja, a grande apostasia que constituiu o sistema romano — o principal de todos os anticristos. Século após século passou, com essa visão predominando e dominando toda a cristandade, até que, no século XVI, o movimento da Grande Reforma começou a suscitar uma oposição e, proporcionalmente, começou a descobrir as verdades que haviam ficado ocultas durante a Idade das Trevas sob as falsas doutrinas e práticas do anticristo. À medida que os reformadores recebiam luz adicional a respeito de todo o testemunho da Palavra de Deus, essa luz incluía visões mais claras do sacrifício de Cristo, e eles começaram a perceber que a teoria e a prática papais da missa eram, de fato, a "abominação da desolação", e a rejeitaram, com graus variados de firmeza. A Igreja da Inglaterra revisou seu Livro de Orações em 1552 e excluiu a palavra "missa".

O costume da missa praticamente substituiu as celebrações anuais da Comemoração da Ceia do Senhor; pois as missas eram celebradas em intervalos *frequentes*, com o objetivo de purificar o povo repetidamente do pecado. Ao perceberem o erro disso, os reformadores tentaram retornar à simplicidade original da primeira instituição e repudiaram a missa romana como sendo uma celebração inadequada da Comemoração da Ceia do Senhor. No entanto, por não perceberem a estreita relação entre o tipo da Páscoa e o antítipo de nossa

---

*Vol. II, Cap. IX, e Vol. III, Cap. IV.

[F472]
morte do Senhor, e a Ceia como *comemoração* do antítipo, eles não compreenderam a ideia da adequação de sua observância em sua recorrência *anual*. Por isso, constatamos que, entre os protestantes, alguns a celebram mensalmente, outros a cada três meses e outros a cada quatro meses — cada denominação seguindo seu próprio julgamento —, enquanto os "Discípulos" a celebram semanalmente, devido a um equívoco das Escrituras um tanto semelhante ao seu equívoco a respeito do batismo. Eles baseiam sua celebração semanal da Ceia nas declarações dos Atos dos Apóstolos, segundo as quais a Igreja primitiva se reunia no primeiro dia da semana e, nessas reuniões, havia o "partir do pão". ***Atos 2:42, 46; 20:7***

Já observamos* que essas celebrações semanais não eram comemorações da morte do Senhor; mas, pelo contrário, eram festas de amor, em comemoração à sua ressurreição e às várias vezes em que partiram o pão com ele em diversos primeiros dias durante os quarenta dias que antecederam sua ascensão. A lembrança dessas partilhas do pão, nas quais seus olhos foram abertos e eles o reconheceram, provavelmente os levou a se reunir em cada primeiro dia da semana a partir de então e, de forma nada inadequada, os levou a compartilhar uma refeição social, uma partilha do pão. Como já observamos, o cálice nunca é mencionado em relação a essas ocasiões, enquanto que, em todas as menções à comemoração da Ceia do Senhor, ele ocupa um lugar tão importante quanto o pão.

Quem pode participar?

Respondemos, antes de tudo, que ninguém deve participar da comunhão se não confiar no precioso sangue de Cristo como sacrifício pelos pecados. Ninguém deve participar da comunhão, a menos que, pela fé, tenha nos umbrais e na verga de seu tabernáculo terreno o sangue aspergido que proclama paz para nós, em vez de clamar por vingança, como fez o sangue de Abel. (***Hb 12,24***) Ninguém deve celebrar a festa simbólica, a menos que, em seu coração, ele

---

*Veja o capítulo anterior.

[F473]
tenha a verdadeira festa e tenha aceitado Cristo como seu Doador de Vida. Além disso, ninguém deve comungar a menos que seja membro do único corpo, do único pão, e a menos que tenha considerado sua vida, seu sangue, sacrificados juntamente com os do Senhor no mesmo cálice. Há aqui uma linha de distinção claramente traçada, não apenas entre os crentes e os incrédulos, mas também entre os consagrados e os não consagrados. No entanto, essa linha deve ser traçada por cada indivíduo para si mesmo — desde que suas profissões de fé sejam válidas e razoavelmente atestadas por sua conduta externa. Não cabe a um membro julgar outro, nem mesmo à Igreja julgar, a menos que, como já foi apontado, o assunto tenha sido levado a ela de alguma forma definida, de acordo com os regulamentos prescritos. Caso contrário, os anciãos, ou representantes da Igreja, devem apresentar àqueles que se reúnem estes termos e condições — (1) fé no sangue; e (2) a consagração ao Senhor e ao seu serviço, até a morte. Devem então convidar todos os que têm essa disposição e estão assim consagrados a se unirem na celebração da morte do Senhor e da própria morte. Isso, e todos os convites relacionados a essa celebração, devem ser expressos de forma tão abrangente que não deixem margem para qualquer suspeita de sectarismo. Todos devem ser bem-vindos a participar, independentemente de sua fé e concordância em outros assuntos, desde que estejam em total concordância no que diz respeito a essas verdades fundamentais — a redenção por meio do precioso sangue e uma consagração total até a morte, que lhes confere a justificação.

É oportuno, neste contexto, considerar as palavras do Apóstolo:

> *"Quem comer este pão e beber este cálice do Senhor indignamente será culpado do corpo e do sangue do Senhor. Mas que cada um examine a si mesmo, e assim coma desse pão e beba desse cálice. Pois quem come e bebe indignamente, come e bebe para si mesmo a condenação, se não discernir o corpo do Senhor."* ***1 Cor. 11:27-29***

A advertência do apóstolo aqui parece ser contra uma celebração descuidada desta comemoração, o que a transformaria em uma festa, e contra convidar pessoas para ela de maneira indiscriminada. Não se trata de uma festa. É uma comemoração solene, destinada apenas aos membros do "corpo" do Senhor; e

[F474]
quem não discernir isso, quem não discernir que o pão representa a carne de Jesus e que o cálice representa seu sangue, ao participar dela, estaria, de fato, sujeito à condenação — não à "condenação eterna", como na versão comum, mas a uma condenação aos olhos do Senhor e também em sua própria consciência. Antes de participar desses emblemas, cada indivíduo, portanto, deve decidir por si mesmo se acredita e confia ou não no corpo partido e no sangue derramado de nosso Senhor como sendo o preço de seu resgate; e, em segundo lugar, se dedicou ou não tudo o que possui para que possa, assim, ser contado como membro daquele "único corpo".

Tendo observado quem está excluído e quem tem acesso adequado à mesa do Senhor, vemos que todo membro verdadeiro da *Ecclesia* tem o direito de participar, a menos que esse direito tenha sido negado por uma ação pública de toda a Igreja, de acordo com a regra estabelecida para tal pelo Senhor. (***Mt 18:15-17***) Todos esses podem celebrar; todos esses certamente desejarão celebrar — certamente desejarão seguir a admoestação do Mestre em seu leito de morte: "Comam todos disso; bebam todos disso". Eles perceberão que, a menos que comamos a carne do Filho do Homem e bebamos seu sangue, não temos vida em nós; e que, se tiverem, de coração e de mente, participado verdadeiramente dos méritos do sacrifício do Senhor e de sua vida, é tanto um privilégio quanto um prazer realizar a comemoração disso e confessá-lo uns aos outros e perante o Senhor.

Quem Pode Oficiar

A falsa doutrina da missa e a criação de uma classe na Igreja chamada clero, para administrar este e outros serviços semelhantes, causaram uma impressão tão profunda na mente do público que os protestantes, até hoje, geralmente sustentam que a presença de "um ministro ordenado", para pedir uma bênção e oficiar na comemoração, é de absoluta necessidade, e que qualquer outro procedimento seria sacrílego. Quão totalmente errada é toda essa teoria ficará muito facilmente evidente quando nos lembrarmos de que todos os que têm o privilégio de participar da comemoração são pessoas consagradas

[F475]
membros do "Sacerdócio Real" — cada um plenamente comissionado pelo Senhor para pregar Sua Palavra de acordo com seus talentos e oportunidades, e também plenamente ordenado para realizar qualquer serviço ou ministério de que sejam capazes para com Ele e os membros de Seu corpo, e, em Seu nome, para com os outros. "Todos vós sois irmãos" é o princípio do Senhor, e não deve ser esquecido quando participamos da comunhão com ele, celebramos sua obra redentora e nossa união comum com ele e uns com os outros como membros de seu corpo.

No entanto, em cada pequeno grupo do povo do Senhor, em cada pequena *Ecclesia*, ou corpo de Cristo, como já apontamos, as Escrituras indicam que deve haver ordem, e que parte dessa ordem é que haja "anciãos em cada Igreja". Embora cada membro da *Eclesia*, a nova criação, tenha uma ordenação suficiente do Senhor para permitir que participe de qualquer forma na Ceia de Comemoração, a Igreja, ao escolher anciãos, indica que eles devem ser representantes de toda a *Eclesia* no que diz respeito a assuntos como este. Portanto, o dever de organizar e ministrar a comemoração da Ceia recairia sobre eles como um serviço para o qual já foram selecionados pela Igreja.

A declaração de Nosso Senhor: "Onde dois ou três de vós estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles" — nos mostra de forma conclusiva que, sempre que possível, a comemoração deve ser realizada em companhia de outros membros do corpo. A bênção associada a ela tinha como objetivo aproximar os membros uns dos outros, não apenas nesta reunião anual, mas sempre que possível. Sempre que, mesmo que sejam apenas dois ou três, se reúnam para reivindicar essa promessa — sendo impossível ou inconveniente reunir-se com um grupo maior —, eles têm o privilégio de celebrar como uma Igreja, como uma *Ecclesia*, completa; e mesmo quando um indivíduo se encontrar em circunstâncias tais que lhe seja impossível reunir-se com outros, sugerimos que sua fé se dirija com força suficiente ao Senhor para reivindicar a promessa — considerando o Senhor e a si mesmo como os dois. Aconselhamos que tal isolamento inevitável não seja permitido que impeça ninguém da celebração anual do grande sacrifício

[F476]
pelo pecado, nem de nossa participação nele com nosso Senhor; que o indivíduo solitário providencie pão — (pão sem fermento, se possível — como biscoito de bicarbonato ou bolacha de água) e fruto da videira (suco de uva passa, suco de uva ou vinho*) — e que celebre em comunhão do espírito com o Senhor e com os demais membros do corpo, dos quais está necessariamente separado.

Uma Ordem de Culto

Visto que o Senhor não estabeleceu nenhuma regra ou ordem de culto, não nos cabe fazê-lo — contudo, sem qualquer impropriedade, acreditamos que podemos sugerir o que nos parece ser uma celebração moderada, razoável e ordenada desta comemoração. Fazemos isso não com a intenção de estabelecer uma regra ou lei, mas com o objetivo de ajudar a formar uma visão moderada sobre o assunto tanto para aqueles que estão acostumados a cultos elaborados quanto para aqueles que não estão acostumados a nada desse tipo. Que nossa exposição, portanto, seja considerada meramente como uma sugestão, sujeita às modificações, etc., que parecerem aconselháveis. Ela é a seguinte:

(1) A abertura da cerimônia com um ou mais hinos, apropriados à ocasião — com o espírito solene e que direcionem a mente para a comemoração.

(2) Oração pedindo a bênção divina sobre a assembleia e, especialmente, sobre aqueles que participarão, lembrando-nos também dos irmãos do mesmo corpo, conhecidos e desconhecidos, em todo o mundo, e especialmente daqueles que estão celebrando a comemoração em seu aniversário.

---

*Pelo que podemos julgar, o Senhor usou vinho fermentado quando instituiu a comemoração. No entanto, tendo em vista que Ele não especificou vinho, mas simplesmente "fruto da videira", e tendo em vista também o fato de que o hábito do álcool adquiriu um poder tão grande e tão maligno em nossos dias, acreditamos ter a aprovação do Senhor no uso de suco de uva não fermentado, ou suco de uva-passa, ao qual, se for conveniente, possam ser adicionadas algumas gotas de vinho fermentado, a fim de satisfazer a consciência de qualquer um que possa estar inclinado a considerar que a obediência ao exemplo do Senhor exigiria o uso de vinho *fermentado*. Dessa forma, não haverá perigo para nenhum dos irmãos do Senhor, nem mesmo para os mais fracos na carne.

[F477]

(3) O ancião que estiver oficiando poderá ler um relato da instituição original da comemoração a partir das Escrituras.

(4) Ele ou outro ancião poderia então apresentar uma explicação sobre o assunto, o tipo e o antítipo, seja falando de improviso ou, com igual propriedade, se assim o desejar, lendo alguma explicação sobre o assunto como um todo, como, por exemplo, a dissertação acima.

(5) Chamando a atenção para o fato de que nosso Senhor abençoou o pão antes de parti-lo, o líder poderá agora convidar algum irmão competente a pedir uma bênção sobre o pão ou — caso não haja ninguém presente, exceto ele mesmo, que seja competente — invocar a bênção divina sobre o pão e sobre aqueles que dele participarão, para que os olhos de seu entendimento sejam amplamente abertos à apreciação ou compreensão das profundezas do significado que lhe são próprias, e que todos os participantes possam ter uma comunhão abençoada com o Senhor ao fazer uso desse símbolo de sua carne e renovar sua própria consagração para serem partilhados com ele.

(6) Uma das bolachas ou pedaços de pão ázimo poderia então ser partido, usando as palavras do Senhor: “Este é o meu corpo, partido por vós; comei-o todos”; e a bandeja poderia ser servida por um dos irmãos ou pelo próprio oficiante; ou, se a congregação fosse numerosa, vários pratos de pão poderiam ser servidos simultaneamente por dois, quatro, seis ou qualquer número necessário de irmãos consagrados.

(7) O silêncio deve ser mantido durante a distribuição dos emblemas, exceto que breves comentários, bem direcionados ao significado do pão e à forma como nos alimentamos do Senhor, podem não ser inadequados — embora, em geral, seja melhor que esse assunto seja abordado pelo líder ou por algum outro orador ao explicar o significado da celebração em geral, antes da distribuição, para que a comunhão dos participantes não seja perturbada.

(8) Deve-se então pedir uma bênção sobre o cálice, assim como lemos que nosso Senhor “tomou o cálice e o abençoou” e o deu a

[F478]
seus discípulos. Algum irmão poderia ser chamado para fazer essa oração de agradecimento e de pedido pela bênção do Senhor sobre os participantes, e ela deveria ser realizada da mesma forma, em silêncio.

(9) Terminado assim o culto, aconselhamos que se siga o exemplo do Senhor e dos apóstolos até o fim
— ou seja, que se cante um hino para encerrar e a congregação seja, assim, dispensada — sem qualquer oração final. Aconselhamos que, nessa ocasião, se dispense das saudações habituais, perguntas sobre a saúde etc., e que cada um vá para sua casa evitando, na medida do possível, qualquer coisa que possa perturbar suas reflexões e comunhão, e que, na medida do possível, cada um procure continuar a comungar, não apenas naquela noite, mas durante o dia seguinte, tendo em memória as experiências do Senhor no Getsêmani, e sua necessidade de compaixão e ajuda, e o fato de que cada membro de seu corpo também pode passar por momentos semelhantes aos do Getsêmani e precisar do conforto e da ajuda de outros discípulos.

Sobre o mestre está escrito: "Do povo, não havia ninguém com ele" — ninguém capaz de simpatizar com ele em sua própria hora de provação. Conosco é diferente. Temos companheiros membros do corpo, igualmente batizados na morte, igualmente comprometidos a serem "partidos" como membros do único pão, e aceitos e ungidos com o mesmo espírito santo. E, ao nos lembrarmos disso, busquemos com ainda mais fervor ser úteis aos outros membros do corpo, lembrando-nos de que tudo o que for feito ao menor membro do corpo é feito à Cabeça e é apreciado por ela. Podemos, ao mesmo tempo, lembrar-nos adequadamente do exemplo de Pedro
— sua impulsividade fervorosa, como servo do Senhor, e, ainda assim, sua fraqueza em um momento de provação, e sua necessidade da ajuda e das orações do Senhor. "Orei por ti, para que a tua fé não desfaleça." Lembrar-nos disso pode ser uma ajuda especial para nós, como sem dúvida foi posteriormente para o apóstolo Pedro. Isso nos capacitará ainda mais a buscar no Senhor a "graça para ajudar em todo momento de necessidade".

Ao mesmo tempo, será bom lembrarmos-nos de Judas e de que sua queda ocorreu por causa do egoísmo — ambição,

[F479]
cobiça; e, ao lembrarmos como, por essa porta do egoísmo, Satanás foi penetrando cada vez mais nele, isso poderá nos ajudar a ficar em guarda para que não caiamos da mesma forma na armadilha do adversário; para que, por qualquer motivo, não neguemos o Senhor que nos resgatou; para que nunca, em nenhum sentido da palavra, traímos o Senhor, seus irmãos ou sua Verdade. Que, ao longo do dia seguinte, tenhamos em memória as experiências de nosso querido redentor; não apenas para que possamos, assim, entrar mais profundamente em solidariedade com ele, mas também para que não consideremos estranhas as provações ardentes que possam ser permitidas sobre nós como seus seguidores, mas para que possamos segui-lo até a consumação e sempre manter em memória suas últimas palavras: "Está consumado", e compreender que isso significou a conclusão de sua oferta pelo pecado em nosso favor, para que, por meio de suas chagas, possamos nos sentir curados, e para que também possamos compreender que ele vive para sempre para interceder por nós e nos prestar assistência em todos os momentos de necessidade.

Páscoa-Páscoa Judaica

A palavra "Páscoa" ocorre uma vez nas Escrituras (***Atos 12:4***), e ali trata-se de um erro de tradução; deveria ser traduzida como "Páscoa judaica". O nome "Páscoa" foi adotado dos pagãos. É de origem saxônica e remete a uma deusa dos saxões, ou melhor, do Oriente, Estera, cujo festival era celebrado na primavera, por volta da época da Páscoa judaica. A adoção desse nome e sua aplicação ao período em que se comemora a morte, a ressurreição e a ascensão de nosso Senhor, até a vinda da bênção de Pentecostes, foi evidentemente uma tentativa de fazer com que as instituições cristãs suplantassem mais facilmente as do paganismo. Como a maioria dessas concessões, ela remonta aproximadamente ao século III. Essa origem pagã do nome "Páscoa" não precisa fazer diferença alguma em nossas mentes, pois já não o usamos para celebrar a deusa do Oriente. Entre os protestantes, o nome foi definitivamente associado a um único dia, em vez de a um período, como nos tempos antigos e como ainda é usado pelos católicos. Esse único dia é chamado de Domingo de Páscoa. A comemoração da

[F480]
a ressurreição de nosso Senhor sempre será preciosa para seu povo, mas, para aqueles que apreciam corretamente a questão, todo domingo é um Domingo de Páscoa, pois todo domingo é uma comemoração da ressurreição de nosso Senhor dentre os mortos.

Nosso objetivo ao abordar o assunto aqui é, mais especificamente, chamar a atenção para a visão mais ampla do termo "Páscoa", defendida pelos católicos, que inclui tanto a Sexta-feira Santa quanto o Domingo de Páscoa, e é usada meramente como sinônimo para a época da Páscoa judaica. Seria de se esperar que a introdução da missa e sua celebração frequente tivessem anulado por completo a celebração anual da morte de nosso Senhor em seu aniversário; mas não foi assim. O costume original da Igreja primitiva, de celebrar o grande fato central e o próprio fundamento de sua existência, continuou, embora a celebração da ceia no momento apropriado tenha cessado, substituída pelos numerosos sacrifícios da missa — e, assim, essa comemoração específica perdeu seu significado.

Durante séculos, era costume contar a data da crucificação de Nosso Senhor de acordo com o calendário judaico, como já explicamos; mas, posteriormente, com o desejo de se afastar, na medida do possível, das instituições judaicas, foi instituída uma mudança no método de contagem da data da morte de Cristo, nossa Páscoa. O "Concílio Ecumênico" de Niceia decretou que, doravante, a Páscoa fosse celebrada na sexta-feira seguinte à primeira lua cheia após o equinócio da primavera. Isso não apenas fixou universalmente a celebração da morte do Senhor em uma sexta-feira, chamada de "Sexta-feira Santa", mas também garantiu que a celebração raramente, ou quase nunca, coincidisse exatamente com a celebração judaica da Páscoa. A diferença no método de contagem, vale lembrar, é que os judeus esperavam — e ainda esperam — até o equinócio da primavera, começam seu mês com a primeira lua nova a partir de então e celebram a Páscoa judaica na lua cheia desse mês, ou seja, no 14º dia. Essa mudança ocasionalmente resulta em uma diferença de quase um mês entre os dois métodos de contagem.

[F481]

Não nos cabe dizer qual é o método superior, mas nossa preferência é seguir aquilo que o Senhor e os apóstolos praticavam — não com uma subserviência que nos fizesse sentir que havíamos cometido um crime caso errasse no cálculo e celebrássemos na data errada, mas, ainda assim, com a satisfação de termos nos esforçado para seguir, da forma mais fiel possível, a instituição divina, o modelo. Alguém talvez sugira que seria ainda melhor fixar a data de acordo com nosso calendário moderno — digamos, 15 de abril ou 1º de abril, ou outra data — e, consequentemente, todos os cálculos etc. seriam desnecessários. Respondemos que o Senhor evidentemente tinha um motivo para organizar o calendário judaico da maneira como o fez, e preferimos, nessa questão, continuar a reconhecer Sua instituição.

Em um sentido específico, vemos que, assim como o sol é o símbolo do Reino espiritual de Deus, a lua é o símbolo da Aliança da Lei e do povo que estava sob essa Aliança da Lei. Assim, houve uma adequação especial no fato de nosso Senhor ter sido crucificado por eles exatamente na lua cheia, e isso por predeterminação de Deus no que diz respeito ao tempo, de modo que eles não pudessem prendê-lo antes, embora desejassem fazê-lo, porque "sua hora ainda não havia chegado". (***João 7:30; 8:20***) Sua crucificação na lua cheia e o fato de que a lua imediatamente começou a minguar apontam para uma lição no sentido de que, ali, Israel trouxe sobre si mesmo, como nação, uma rejeição divina, ou um abandono por um tempo, simbolizado pelo minguar da lua, que representava seu declínio nacional.

* * *

Anexamos aqui alguns trechos pertinentes de uma autoridade reconhecida, que corroboram o exposto acima, como segue:

Da Enciclopédia de McClintock e Strong

"PÁSCOA, ou seja, PÁSCOA JUDÁICA — Páscoa é uma palavra de origem saxônica e remete a uma deusa dos saxões, ou melhor, do Oriente, Estera, em cuja honra eram oferecidos sacrifícios anualmente

[F482]
por volta da época da Páscoa judaica (primavera), o nome passou a ser associado, por associação de ideias, à festa cristã da ressurreição, que ocorria na época da Páscoa judaica: por isso dizemos 'dia de Páscoa', 'domingo de Páscoa', mas de forma muito imprópria, pois isso de modo algum se refere à festa então celebrada em honra da deusa dos antigos saxões. Assim, a palavra alemã atual, Ostern, é usada para Páscoa e se refere à mesma deusa, Estera ou Ostera. O uso dessa palavra na Versão Autorizada (***Atos 12:4***) — "pretendendo, após a Páscoa, levá-lo perante o povo" — é notável principalmente como um exemplo da falta de consistência dos tradutores. ...Na última revisão, "Páscoa judaica" foi substituída em todas as passagens, exceto nesta...

"As Igrejas da Ásia Menor celebravam a morte do Senhor no dia correspondente ao 14º do mês de Nisan, dia em que, segundo a opinião de toda a Igreja antiga, ocorreu a crucificação. As Igrejas ocidentais (Roma), por outro lado, eram da opinião de que a crucificação deveria ser comemorada anualmente no **dia** específico **da semana** em que ocorreu, ou seja, sexta-feira...As Igrejas ocidentais consideravam o dia da morte de Cristo como um dia de luto e não encerravam o período de jejum até o dia da ressurreição. As Igrejas da Ásia Menor, por outro lado, encaravam a morte de Cristo inteiramente como um ato de redenção da humanidade e encerravam o dia de jejum na hora da morte de Cristo, às três horas da tarde, e imediatamente depois celebravam a ágape e a Ceia do Senhor. Ambas as partes (Igrejas ortodoxas orientais e ocidentais) aderiram ao nome PASCHA (Páscoa), pelo qual entendiam, ora, os dias especialmente festivos dessa semana, ora, toda a semana em que se comemorava a Páscoa.

"A primeira disputa séria entre as partes dentro da antiga Igreja eclodiu por volta de 196 (d.C.), quando o bispo Vítor de Roma emitiu uma circular aos principais bispos da Igreja, solicitando-lhes que realizassem sínodos em suas diversas províncias e introduzissem a prática ocidental (a prática de celebrar na sexta-feira e no domingo, em vez de no

[F483]
dia exato, 14 e 16 de Nisan). Alguns atenderam ao pedido, mas o sínodo realizado pelo bispo Polícrates, de Éfeso, recusou-se enfaticamente e aprovou a carta do bispo Polícrates, que, em defesa da prática asiática, remeteu Vítor à autoridade dos apóstolos Filipe e João, a Policarpo e a sete de seus parentes que, antes dele, haviam sido bispos de Éfeso...

"Até então, a controvérsia entre as Igrejas asiáticas e ocidentais (Romanas) havia se limitado a dois pontos, a saber: (1) se deveria ser comemorado o dia da semana ou o dia do mês em que ocorreu a morte de Cristo; (2) se o jejum deveria ser encerrado. Agora, surgiu um terceiro ponto de disputa, referente à data em que o 14º dia de Nisan realmente ocorria. Muitos dos Padres da Igreja são da opinião de que, de acordo com o cálculo original dos judeus até a época da destruição de Jerusalém, o 14º dia de Nisan sempre havia ocorrido após o equinócio da primavera, e que foi somente em consequência desse erro de cálculo dos judeus posteriores que o 14º dia de Nisan ocasionalmente caía antes do equinócio. Por isso, insistiram que o 14º dia de Nisan, que para ambas as partes dentro da Igreja determinava a data da Páscoa, deveria sempre ser após o equinócio.

"Como o ano judaico é um ano lunar e o dia 14 de Nisan é sempre um dia *de lua cheia*, os cristãos que adotaram a visão astronômica acima, sempre que o dia 14 de Nisan caía antes do equinócio, celebravam a morte de Cristo um mês depois da Páscoa judaica. Como os cristãos já não podiam mais basear-se no calendário judaico, tiveram que fazer seus próprios cálculos para determinar a data da Páscoa. Esses cálculos frequentemente divergiam, em parte pelas razões já expostas e em parte porque a data do equinócio era fixada por alguns no dia 18 de março, por outros no dia 19 e por outros ainda no dia 21 de março. O Concílio de Arles, em 314, esforçou-se por estabelecer uniformidade, mas seus decretos não parecem ter surtido grande efeito. O assunto foi, portanto, novamente discutido e deliberado pelo Concílio Ecumênico de Niceia, que decretou que a Páscoa deveria ser

[F484]
celebrada em toda a Igreja após o equinócio, na sexta-feira seguinte ao dia 14 de Nisan. Também foi determinado que a Igreja de Alexandria, por se destacar na ciência astronômica, informasse anualmente à Igreja de Roma em que dia das Calendas deveriam ser celebradas as Ídias da Páscoa, e que a Igreja de Roma notificasse todas as Igrejas do mundo. Mas mesmo esses decretos do Concílio de Nicéia não puseram fim a todas as divergências, e coube ao cálculo de Dionísio Exíguo introduzir gradualmente a uniformidade de prática na antiga Igreja. Alguns países, como a Grã-Bretanha, só abandonaram sua prática antiga após uma longa resistência. Na época de Carlos Magno, *a uniformidade* [na observância da sexta-feira e na desconsideração do cálculo judaico do dia da lua cheia] parece ter sido estabelecida, e [a partir de então] *não se encontra nenhum vestígio* [da observância] *do Quarto decimani (a celebração de acordo com o dia real — o 14 de Nisan, a lua cheia após o equinócio da primavera)....*

"A revisão do calendário pelo Papa Gregório XIII, em geral, manteve a era dionisiana; mas determinou com maior precisão a lua cheia da Páscoa e tomou providências cuidadosas para evitar qualquer desvio futuro do calendário em relação ao tempo astronômico. Por meio desses cálculos minuciosos, no entanto, a Páscoa cristã às vezes, contrariamente aos decretos do Concílio de Nicéia, coincide com a Páscoa judaica."

A mesma autoridade afirma, a respeito da palavra:

PÁSCOA — "Era a festa representativa do ano e, nessa posição única, mantinha uma certa relação com a circuncisão como o segundo sacramento da Igreja Hebraica. (***Êxodo 12:44***) Podemos ver isso no que ocorreu em Gilgal, quando Josué, ao relembrar a aliança divina, celebrou a Páscoa imediatamente após a circuncisão do povo. Mas a natureza da relação entre esses dois ritos só se desenvolveu plenamente quando seus antítipos se cumpriram, e *a Ceia do Senhor assumiu seu lugar* como a festa sacramental do povo escolhido de Deus."

[F485]

ESTUDO XII
PRIVILÉGIOS E OBRIGAÇÕES CONJUGAL E OUTROS DA NOVA CRIAÇÃO

Várias Obrigações da Nova Criatura — "Todos Um em Cristo Jesus"—Não se implica promiscuidade—Homem e mulher na ordem divina—A liderança do homem não é tirania—O casamento da nova criação—Conselhos às novas criaturas nas diversas condições da união conjugal—No caso de abandono—A consciência é o teste final—Eunucos, virgens, celibato—"Somente no Senhor"—Responsabilidades parentais.

"Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher; pois todos vós sois um em Cristo Jesus; [pois] todos quantos fostes batizados em Cristo, revestistes-vos de Cristo." ***Gálatas 3:27,28***

A nova criatura consiste, a princípio, meramente em uma *vontade* recém-gerada, que tem a promessa de um corpo espiritual novo e perfeito na ressurreição, caso se mostre fiel às suas obrigações da aliança com o Senhor. Sua Lei do Amor a obriga, antes de tudo, para com Deus e significa uma obediência muito sincera à vontade divina em todas as coisas. Sua segunda obrigação é para com seus irmãos da nova criação: fazer-lhes o bem. Sua terceira obrigação é fazer o bem a todos os homens, na medida em que tiver oportunidade e conforme as duas primeiras obrigações permitirem. Embora a nova criatura, a nova vontade, não possua um corpo próprio pelo qual funcionar e se manifestar, ela não está desprovida de corpo; pois, como sucessora da vontade da carne e da mente natural, ela desfruta, como parte de seus bens, tanto dos privilégios quanto das obrigações do corpo natural, no qual deve residir temporariamente e por meio do qual, exclusivamente, pode se expressar.

Mesmo que o corpo humano fosse perfeito em todos os aspectos, a nova vontade enfrentaria dificuldades em relação ao seu uso, pois é da terra, terreno. Está adaptado às condições terrenas, e suas ambições e desejos são

[F486]
terrenas, por mais puras e nobres que sejam; enquanto as ambições e os desejos da nova vontade são inspirados pelo céu, pelas promessas extremamente grandes e preciosas da mensagem divina. Esse foi exatamente o caso de nosso Senhor Jesus, cujo corpo era "santo, inocente, imaculado e separado dos pecadores". No entanto, de acordo com sua aliança e com as condições nas quais essa nova natureza prosperaria e estaria pronta para o novo corpo na ressurreição, Ele foi obrigado a crucificar a carne — a subjugá-la, a consagrá-la, a submetê-la e subjugar-la à sua nova vontade. Até mesmo seus gostos, preferências e desejos próprios e naturais precisavam ser sacrificados, sempre que entrassem em conflito com a vontade do Pai, com o desígnio do Pai, com as orientações providenciais do Pai; e isso incluía o sacrifício da carne, até mesmo até a morte, como necessário para a plena adoção da nova criatura e sua glorificação no plano divino.

Os membros da nova criação, o Sacerdócio Real, possuindo corpos imperfeitos, cujo sacrifício não seria aceitável a Deus por serem manchados, pecaminosos e imperfeitos, precisam, antes de tudo, ser justificados pelo sacrifício de seu Senhor Jesus. Pelo mérito de sua expiação, os pecados e as imperfeições de seus corpos mortais são cobertos e não mais imputados; assim, em um sentido contábil, seus corpos tornam-se aceitáveis como sacrifícios. O apóstolo declara essa *justificação* dizendo: "Rogo-vos, pois, irmãos, pela misericórdia de Deus [na cobertura de vossos pecados por meio da fé em Cristo], que apresenteis vossos corpos como sacrifícios vivos, santos, agradáveis a Deus; este é o vosso culto racional." ***Rom. 12:1***

Foi quando esse sacrifício de nossa carne*, justificada,* ocorreu que fomos individualmente gerados pelo Espírito para sermos filhos de Deus — filhos no plano espiritual, em vez de no plano humano. Foi então que a *vontade* consagrada foi aceita como a nova criatura e deu início à sua existência, a qual deve prosperar na medida em que permanecer leal a Deus e à aliança de sacrificar o corpo mortal e seus interesses. O corpo mortal, assim sacrificado e considerado

[F487]
morto com Cristo deve ser assim "vivificado", ou energizado, pela *nova vontade* (a nova criatura), e tão controlado por ela, que o restante da vida é descrito, figurativamente, como uma vida de ressurreição. A nova criatura, a nova vontade, agindo nesses corpos mortais e por meio deles, é declarada, figurativamente, como tendo ressuscitado com Cristo e vivendo para, e buscando, as coisas que estão acima***. Colossenses 3:1***

O Apóstolo se refere a essa novidade de vida, ou ressurreição figurativa, na qual a nova vontade utiliza o corpo mortal no serviço divino, dizendo: "Se o espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo dentre os mortos também vivificará [energizará] vossos corpos mortais pelo seu espírito que habita em vós." (***Rom. 8:11***) Na medida em que, portanto, a nova vontade assim ganha controle sobre nossos corpos mortais e os utiliza na vida presente como o melhor e único substituto que possui para o corpo espiritual — que não pode ser obtido antes da ressurreição —, nessa medida talvez não seja impróprio considerar os corpos mortais da nova criação como substitutos temporários dos corpos espirituais que aguardamos.

Mas toda essa questão de *avaliação* é espiritual e só é compreendida e apreciada por aqueles que são gerados pelo espírito e que, assim, são capacitados a ver as coisas do ponto de vista divino. Do ponto de vista do mundo, tudo isso é falso, irreal — "loucura". Eles percebem uma diferença no objetivo, na ambição e na conduta, mas não sabem como interpretá-la. Tendem a considerá-la uma moda passageira, uma mania, uma atitude de "santinho" ou hipocrisia. Não podemos negar que, ao que tudo indica, existem essas várias imitações da nova criatura — o joio, que tem uma semelhança externa com o trigo, mas é diferente em sua essência. A Nova Criatura não deve se surpreender nem se decepcionar por não ser compreendida pelo mundo; mas deve lembrar-se do conselho divino de que o mundo não nos conhece, assim como não conheceu nosso Senhor. É um teste de nossa fidelidade a Deus o fato de que, para seguir os passos de Jesus, devemos ser menosprezados por aqueles a quem amamos e cuja estima não é irracional desejar.

[F488]

O fato de que a amizade do mundo e sua estima significam inimizade para com Deus e deslealdade à aliança de consagração deve resolver a questão para as novas criaturas.

"Ao meu Senhor devo ser fiel,
Que me comprou com seu sangue."

Nossa investigação atual diz respeito ao curso adequado de conduta dessas Novas Criaturas, essas novas vontades, que funcionam nesses corpos consagrados e por meio deles, que mantêm certas relações com outros seres humanos e, portanto, têm certas responsabilidades para com eles, segundo a carne. É a vontade de Deus que a Nova Criatura respeite essas obrigações de sua carne mortal em todas as questões de justiça — na honestidade, no dever, nas responsabilidades que cabem propriamente à sua carne mortal. Nas condições atuais, portanto, a nova criatura não pode, em todas as questões, agir como preferiria, mas deve, em certos assuntos, ser regida pelas obrigações da carne, pois a injunção divina é "prover o que é honesto aos olhos de todos os homens"; e ainda: "Quem não cuida dos seus próprios, negou a fé e é pior do que um incrédulo." ***Rom. 12:17***; ***1 Tim. 5:8***

Diante desses fatos, fica claro que a nova vontade tem uma tarefa árdua pela frente: (1) Agradar a Deus na realização do sacrifício da carne; (2) discernir claramente quais apetites e exigências das relações carnais devem ser considerados e a que concessões devem ser submetidos; (3) até que ponto essas exigências e concessões podem ser feitas adequadamente sem infringir e invalidar a aliança — que é para a vida ou para a morte

— "Pois, se vivemos segundo a carne, morreremos; mas, se pelo espírito mortificamos [matamos] a carne, viveremos" — alcançando, por fim, a perfeição na ressurreição. Aqui surge outra dificuldade. A carne não morre voluntariamente: ela deve ser morta pela vontade, pela mente, pela Nova Criatura; e assim, ao perceber que há certas concessões a serem feitas, de acordo com a vontade de Deus, a carne tende muito a tirar proveito dessas concessões e a reivindicar não apenas mais concessões do que as "coisas necessárias", mas também liberdades

[F489]
e direitos em áreas que não são obrigações e que constituiriam interferências na aliança prometida.

Essas tentativas de nossos corpos mortais, ora para justificar o pecado, ora para evitar o sacrifício, causam à nova criatura frequente perplexidade e, não raro, tropeços temporários; até que, gradualmente, ela aprenda cada vez mais sobre a falsidade de sua própria carne e de suas fraquezas, e cresça gradualmente na graça e na sabedoria que vem do alto, obtendo cada vez mais domínio para manter o corpo *"sob* controle" — em submissão à nova mente. (***1 Cor. 9:27***) Assim, muitas vezes por meio de amargas experiências, a nova criatura aprende a apreciar a declaração da Palavra do Senhor de que o coração natural, a vontade da carne, embora morta e, em nenhum sentido da palavra, no controle, é *"enganosa* acima de todas as coisas" e, às vezes, "desesperadamente perversa" e desesperadamente determinada em seu esforço para derrubar o domínio da nova vontade e, assim, destruir a nova criatura — com o intuito de que a velha criatura possa reviver e andar segundo a carne, e não segundo o espírito.

Não há indício de associação promíscua

O Senhor nos ensina claramente, por meio do Apóstolo, que suas preferências e favores são iguais para todas as Novas Criaturas — de acordo com seu zelo, de acordo com seu amor por ele e pelos princípios representados nele; e que condições de sexo, raça, cor etc. do corpo mortal não têm qualquer influência sobre ele em seu julgamento de seu povo, em sua avaliação deles e na distribuição das recompensas finais. Conhecendo a visão do Pai sobre esse assunto, toda a nova criação deve adotar uma visão semelhante, deve estimar todas as novas criaturas em Cristo Jesus como "irmãos", deve demonstrar afeto bondoso para com todos, deve procurar servir a todos, não deve fazer distinção entre os irmãos, exceto aquela que o próprio Senhor demonstrou — ao favorecer e honrar aqueles que demonstraram o maior zelo por sua causa. Mas toda essa imparcialidade, essa indiferença em relação a sexo, cor, raça etc., pertence a nós como a nova criação e afeta apenas parcialmente nossos corpos mortais e suas relações entre si e com

[F490]
o mundo. Portanto, as normas de conduta e de relacionamento entre os sexos devem ser mantidas pela nova criação.

Esses, de fato, deveriam possuir um grau maior de sabedoria e prudência do que o mundo, por terem sido gerados pelo espírito de uma mente sã. Assim, devem compreender que, como a nova criação, buscando andar não segundo a carne, mas segundo o espírito, seria apropriado que fossem ainda mais cuidadosos do que os mundanos, o homem natural, respeitando a fraqueza de sua carne e respeitando a adequação de certos limites e restrições de conduta adequada, modéstia, discrição etc., nas relações entre os sexos. Na mesma medida em que a nova criatura busca a vida espiritual e na mesma medida em que percebe que os apetites sexuais guerreiam contra os interesses da nova criação, nessa mesma medida ela deve se esforçar, ainda mais do que o mundo em geral, para traçar caminhos retos para seus pés e para erguer tantas barreiras e tão formidáveis quanto possível entre si mesma e as tentações.

O mesmo argumento se aplica às distinções raciais. Existe um relacionamento do espírito e uma unidade do espírito que são totalmente diferentes de um relacionamento e de uma unidade na carne. Acreditamos que os interesses da nova criação serão, em geral, preservados pela manutenção de uma certa separação na carne, pois os ideais, gostos, apetites, disposições etc. de uma raça estão necessariamente, em maior ou menor grau, em conflito com os ideais etc. de outra; portanto, as diversas raças da humanidade provavelmente descobrirão que seus interesses espirituais, como novas criaturas, serão melhor preservados por meio de uma certa separação. Não haverá dificuldade nesse sentido se a distinção entre as novas criaturas e os corpos carnais for claramente discernida. Assim como as palavras do Apóstolo no início deste capítulo não dariam qualquer justificativa para uma aglomeração comum de homens e mulheres, pois são “todos uma” irmandade em Cristo Jesus, da mesma forma elas não devem ser interpretadas como implicando qualquer tipo de promiscuidade entre raças diferentes. Elas, no entanto, estabelecem para nós o padrão de apreciação e relacionamento espirituais, bem como de

[F491]
obrigação para com cada um e para com todos, tanto em questões espirituais quanto temporais.

Homem e Mulher na Ordem Divina

O Apóstolo declara que "a cabeça de todo homem é Cristo, e a cabeça da mulher é o homem, e a cabeça de Cristo é Deus" (***1 Cor. 11:3***). Esse é o ensinamento uniforme das Escrituras. Como o Apóstolo mostra, a autoridade do homem foi indicada como a intenção divina na criação do homem primeiro e da mulher posteriormente, como uma parte separada dele. O apóstolo está discutindo exatamente esse assunto, e suas palavras são: "Ele [o homem] é a imagem e a glória de Deus; mas a mulher é a glória do homem. Pois o homem não provém da mulher, mas a mulher do homem. Nem o homem foi criado para a mulher [para ser seu auxílio], mas a mulher para o homem [para ser seu auxílio]. Por essa razão, a mulher deve colocar um sinal de autoridade sobre a cabeça." ***1 Cor. 11:7-12***

Observe-se que este não é um argumento sobre a relação existente por contrato entre maridos e esposas, mas um argumento ainda mais amplo, baseado na relação entre os sexos de acordo com a ordem da criação e da intenção divinas. Não há qualquer sugestão no que o Apóstolo diz aqui, nem em qualquer parte das Escrituras, no sentido de que o homem seja o mestre e a mulher sua escrava, o que parece ser o pensamento equivocado às vezes alimentado; mas nunca, acreditamos, por aqueles que têm "a mente de Cristo". No arranjo divino, a família é a unidade no tempo presente, e todo homem que atinge a maioridade tem o privilégio de constituir uma família, da qual deve ser o chefe responsável e o representante perante Deus e os homens.

A liderança do homem não é tirania

Que essa liderança não implica tirania fica evidente na declaração do Apóstolo de que Cristo é a Cabeça da Igreja, a Cabeça do homem; e em sua declaração adicional de que Deus, o Pai, é a Cabeça sobre Cristo. Não encontramos tirania nem na relação do Filho para com a Igreja

[F492]
nem na relação do Pai com o Filho. A posição de cabeça, no entanto, implica uma responsabilidade, uma missão, um cuidado, uma provisão. Assim, o Pai Celestial providenciou para o Filho, e foi uma provisão gloriosa. É verdade que a execução do plano divino envolveu sofrimento e sacrifício por parte do Filho; contudo, o Pai amoroso não tornou o plano mais severo, nem mais crucial, do que o necessário para a realização de seu grande e maravilhoso propósito, no qual o Filho, agora altamente exaltado muito acima dos principados, dos poderes e de todo nome que se nomeia, é um participante tão honroso. O Filho se alegrou com o privilégio de que desfrutou ao oferecer sacrifício e obediência ao plano do Pai, e ele também se alegra com as glórias nas quais entrou e com as que estão por vir. O mesmo se aplica à autoridade do Jesus sobre a Igreja. Longe de sua autoridade significar para nós tirania, ela é sinônimo de amor, cuidado e ajuda a todos os membros da nova criação. Da mesma forma, a autoridade do marido sobre a esposa e os filhos significa uma responsabilidade, um cuidado especial, como provedor, previdente, organizador, protetor, guia e exemplo. Oh, que todos os pais possam enxergar adequadamente seus deveres, suas responsabilidades e seus privilégios por natureza, sob o arranjo divino; e que, ao enxergá-los, possam usá-los e não abusar deles!

Quando lemos em Gênesis, como parte da maldição ou sentença sobre a mãe Eva — e, indiretamente, sobre todas as suas filhas —, as palavras: “Desejarás teu marido, e ele dominará sobre ti”, e depois observamos como essa regra tem sido exercida em todo o mundo, constatamos que, em muitos casos, tem sido uma regra de tirania, e que a força de espírito e de natureza do homem caído tem sido, com frequência, exercida em detrimento, em vez de para o conforto e benefício da esposa e dos filhos. Todos os homens e mulheres bons e nobres devem reprovar tal estado de coisas; nem podemos supor que tal abuso de poder seja outra coisa senão ofensivo e ignominioso aos olhos do Criador.

O uso indevido da força física e mental por parte de alguns maridos e pais, sem dúvida, resultou em

[F493]
sua própria infelicidade e à degradação geral da raça; pois, embora a mulher seja, por natureza, inclinada a buscar um líder e a buscar e obedecer ao que reconhece como autoridade justa ("um desejo por seu marido"), os abusos da liderança e os maus exemplos dados uns aos outros desviaram, em grande medida, o que era — e ainda é — o fundamento da disposição natural da mulher. Compelida pela necessidade de se defender contra exigências irracionais de egoísmo e tirania, o resultado geral tem sido desmoralizante para toda a raça; de modo que, embora a ordem natural e bíblica seja amplamente reconhecida, nem os homens nem as mulheres, em geral, sabem como se adaptar à atual condição desordenada e desorganizada dos assuntos sociais.

Como consequência, frequentemente vemos os homens decaídos lutando por um domínio e uma liderança para os quais são totalmente incompetentes, a fim de poderem abusar deles em prol de interesses egoístas; ao mesmo tempo, deixam de reconhecer e valorizar sua própria autoridade e responsabilidade como protetores da família. Vemos a mulher, também depravada e egoísta, disposta não apenas a se rebelar contra uma liderança irracional e imprópria, mas até mesmo a contestar toda e qualquer proposta, e a regatear e discutir a respeito dela; e, embora não reivindiquem ser as provedoras da família, tentam, direta ou indiretamente, usurpar a autoridade do chefe do lar, para assumir e manter o controle das finanças e da família. Onde quer que essas condições prevaleçam, por serem contrárias à intenção e ao arranjo divinos, elas geram frutos mais ou menos amargos, mais cedo ou mais tarde — por mais sábias ou necessárias que possam parecer no momento. Os frutos pacíficos da justiça só podem ser esperados quando se segue a ordem natural divina. Pode-se argumentar que, na situação atual das coisas, problemas desse tipo são inevitáveis; que homens egoístas ultrapassarão os limites da ordem e da intenção divinas, e que mulheres egoístas farão o mesmo; que, consequentemente, a paz, a ordem e a bênção destinadas ao homem perfeito nunca poderão ser realizadas por seus filhos caídos, e que o único remédio à vista para

[F494]
atual sofrimento familiar causado pela queda de Adão e pelo desrespeito ao plano divino, é a restauração. Concordamos com isso e nos unimos de todo o coração à oração do Senhor: "Venha o Teu Reino. Seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu."

Não estamos considerando agora a possibilidade de trazer ordem a partir da desordem entre a humanidade, mas o arranjo e o curso adequados na vida para a nova criação em relação ao lar, à família etc. — e os deveres uns para com os outros como marido e mulher, pais e filhos. Poderíamos, com toda a razão, abordar esse assunto sob o título de deveres e obrigações dos homens e mulheres cristãos, não fosse o fato de que o termo "cristão" perdeu tanto de seu significado original que agora é geralmente entendido como qualquer indivíduo que não seja judeu nem pagão. A rigor, a palavra "cristão", que significa um crente e seguidor de Jesus de Nazaré, aplica-se apenas à nova criação. É justamente porque esse desvio é tão comum, tão generalizado, que fazemos questão de diferenciar os crentes verdadeiramente consagrados como a nova criação.

O apóstolo destaca claramente que a relação matrimonial entre os seres humanos foi concebida, segundo o desígnio divino, para ser uma figura ou ilustração da relação entre Cristo e a Igreja, sua Noiva — seu corpo. A linguagem é extremamente explícita:

"Esposas, sujeitem-se a seus próprios maridos, como ao Senhor. Pois o marido é a cabeça da esposa, assim como Cristo é a Cabeça da Igreja; e ele é o Salvador do corpo. Portanto, assim como a Igreja está sujeita a Cristo, assim também as esposas estejam a seus próprios maridos em tudo. Maridos, amem suas esposas, assim como Cristo também amou a Igreja e se entregou por ela; para santificá-la, tendo-a purificado pelo banho de água pela Palavra, a fim de apresentá-la a si mesmo como uma Igreja gloriosa, sem mancha, nem ruga, nem coisa semelhante; mas para que fosse santa e irrepreensível. Assim também os maridos devem amar suas esposas como a si mesmos. Quem ama sua esposa ama a si mesmo. Pois ninguém jamais odiou a sua própria carne; pelo contrário, a nutre e cuida dela, assim como o Senhor cuida da Igreja; porque somos membros do seu corpo. Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua esposa, e os dois se tornarão uma só carne. Este é um grande mistério; mas eu

[F495]

falo a respeito de Cristo e da Igreja. Contudo, cada um de vocês, em particular, ame sua esposa como a si mesmo, e a esposa zele por reverenciar seu marido." ***Ef 5,22-33***

O fato de que as uniões típicas são geralmente tão imperfeitas e insatisfatórias não invalida a ideia de que o casamento foi concebido como um tipo, assim como muitos dos sacrifícios dos israelitas eram imperfeitos e insatisfatórios, mas, mesmo assim, constituíam tipos do verdadeiro sacrifício. A nova criação deve valorizar muito mais o casamento típico e terreno, bem como seus devidos deveres e responsabilidades, devido à sua apreciação da união antitípica entre Cristo e sua Igreja. Assim considerado, todo homem cristão encontra a mais grandiosa exemplificação possível de seus deveres e responsabilidades para com sua esposa no cuidado do Senhor pela Igreja e por todos os seus interesses — temporais, espirituais, presentes e futuros —, a ponto de sacrificar a própria vida por ela. Da mesma forma, a esposa, ao apreciar os deveres e responsabilidades da Igreja para com o Senhor, discerne um ideal mais elevado do dever e do relacionamento da esposa para com o marido como sua companheira. Mas não devemos esperar que essas relações peculiares e sua aplicação adequada possam ser discernidas com clareza, a não ser por aqueles que têm a mente de Cristo. Portanto, embora exortemos todos os que contraem a união matrimonial a realizar, tanto quanto possível, o ideal divino, observamos, no entanto, que ninguém pode compreender, apreciar e aplicar todos os princípios e ideais relacionados a esse tipo de união, a não ser aqueles que foram gerados pelo espírito — a nova criação —, pois somente estes possuem a mente de Cristo.

Pode-se argumentar que, como os indivíduos da raça humana não caíram todos no mesmo grau, não é raro que a esposa possua qualidades intelectuais e emocionais superiores às do marido. Surge então a questão: nessas circunstâncias, não se deveria considerar que tal esposa, dotada de talento, discernimento e habilidades superiores, fosse vista como a cabeça da família, e o marido como o companheiro? Respondemos: Não. A ordem divina

[F496]
foi desconsiderada nesse casamento; pois nenhuma mulher deve se casar com um homem inferior a ela em caráter e talentos — alguém a quem ela não pudesse admirar devidamente como seu "chefe". E nenhum homem deveria se casar com uma mulher que lhe fosse superior. Da mesma forma, quem se tornou uma nova criatura em Cristo Jesus não deveria se unir em jugo desigual com alguém que ainda é da terra e terreno — por mais nobre e honrado que essa pessoa possa ser. O conselho de que a nova criatura deve se casar *"somente no* Senhor" não deve ser ignorado, e seu desrespeito trouxe sérias dificuldades a muitos do povo do Senhor.

O Casamento das Novas Criaturas

No entanto, uma vez que a relação conjugal tenha sido estabelecida, é tarde demais para arrependimentos, e nada resta ao filho de Deus a não ser cumprir a aliança matrimonial implicitamente, na letra e no espírito, na medida de sua capacidade. Se ambos forem novas criaturas e a união for adequada, não deve haver dificuldade de nenhum dos lados em decidir sobre os arranjos e regras adequados para o lar; no entanto, a compatibilidade de disposição natural e gostos também deve ser cuidadosamente considerada. O verdadeiro marido cristão, tendo a mente de Cristo, amará sua esposa, lembrará-se de que fez uma aliança para estimá-la, para cuidar dela, para prover para ela não apenas no que diz respeito às necessidades físicas, mas também no que diz respeito ao alimento de seu coração e de seus afetos. Tal marido não considerará que cumpriu seu dever ao prover meramente as necessidades e os confortos de alimentação, vestuário e moradia, mas perceberá a obrigação para com sua esposa de levar em conta também seus interesses mentais, morais e espirituais. Ele não se contentará em que o tempo dela seja inteiramente absorvido pelos deveres e cuidados familiares, mas, na medida de suas possibilidades, buscará o cultivo de sua mente e de seu coração — usando sua liderança na família para organizar os assuntos de tal forma que ela tenha tempo razoável para a comunhão espiritual e o estudo da Verdade. Tal marido não esquecerá que, assim como todo o restante da família humana, o egoísmo está mais ou menos arraigado

[F497]
em sua carne mortal e, como a nova criatura, estará atento para que essa disposição não cause sofrimento ou dano aos outros — especialmente à sua esposa e aos seus filhos, que são carne da sua carne e osso do seu osso.

A liderança na família, assim exercida na promoção do bem-estar daqueles sob seus cuidados — por meio de orientação, aconselhamento etc., bem como no provimento das coisas necessárias a eles —, estará longe de ser tirania. Nem o espírito de amor de tal marido ignorará os gostos e desgostos de sua esposa e os conselhos por ela devidamente dados. Ele reconhecerá o fato de que, embora o Adão perfeito possuísse todas as qualidades da masculinidade, a separação de Eva implicou a separação de algumas dessas qualidades; reconhecerá, também, que, embora a força da mente e do corpo, por disposição divina, resida no homem e o constitua como cabeça da família, há, no entanto, qualidades de caráter possuídas especialmente pela mulher. A humildade, que pertence ao espírito do amor, o impedirá de ser cego às qualidades estimáveis que o Criador atribui à mulher, e ele reconhecerá que suas próprias qualidades de coração e mente precisam ser complementadas pelas outras qualidades que, por natureza, residem especialmente na mulher. Ele, portanto, na medida em que tiver "o espírito de uma mente sã", desejará a *ajuda* de sua esposa, sua cooperação, suas opiniões, sua compaixão, seu amor, e os valorizará profundamente.

Isso não significa que buscar o conselho da esposa implique, em todos os casos, obediência às opiniões dela: cabe ao marido ponderar, considerar, equilibrar e decidir — dando uma interpretação adequada, razoável e benevolente aos sentimentos de sua esposa. A responsabilidade da liderança recai sobre o marido, e ele não deve evitá-la. Trata-se de uma imposição divina, parte de sua administração, pela qual ele será chamado a prestar contas no futuro.

Da mesma forma, a esposa que é a nova criatura e que se casou "no Senhor" e, tendo exercido o devido discernimento, está bem casada, não deve ter grande dificuldade em reconhecer os deveres, as responsabilidades e os privilégios de sua posição segundo a carne. "Que a esposa se certifique de reverenciar

[F498]
ao marido", diz o Apóstolo. Ela não deve esperar que pessoas de fora a admoestem por ser deficiente no respeito conjugal para com o marido, nem esperar que o marido indique que acha que ela não o está tratando com o respeito que lhe é devido, de acordo com a aliança matrimonial e com as descrições bíblicas do dever de uma esposa. Pelo contrário, ao observar ao seu redor para ver quais são as responsabilidades e os deveres de uma esposa, que ela se certifique de reverenciar o marido e compreenda que nada menos do que isso é o significado de seu voto matrimonial segundo as Escrituras — seja lá o que isso signifique segundo o mundo e as diversas concepções humanas. A reverência para com o marido significa muito e, na verdade, permeia todos os aspectos da vida, tocando e influenciando cada ato, palavra e pensamento relativos ao lar e aos seus interesses.

O apóstolo Pedro chama a atenção para essa mesma questão em linguagem um tanto semelhante, dizendo: "Esposas, estejam em sujeição a seus próprios maridos; [...] de espírito manso e tranquilo, o que, aos olhos de Deus, é de grande valor. Da mesma maneira, nos tempos antigos, as mulheres santas, que confiavam em Deus, adornavam-se, estando em sujeição a seus próprios maridos: assim como Sara obedecia a Abraão, chamando-o de senhor." (***1 Pe. 3:1-6***) Assim como o homem que honra sua esposa honra a si mesmo, também a mulher que reverencia seu marido honra a si mesma. Mas essa reverência ao marido como senhor, mestre ou chefe da família não significa escravidão, pois a Igreja não ocupa, em relação ao Senhor, uma posição servil, nem exerce um temor servil, mas uma reverência de amor, de devoção — e esse é o exemplo.

Essa reverência pelo marido não implica que a esposa não deva exercer seu julgamento e chamar a atenção do marido para provações, dificuldades ou fardos pesados demais para ela, etc., mas a apresentação de seus pontos de vista, suas esperanças e desejos não deve ser de maneira imperativa, e sim com deferência, reconhecendo a autoridade do marido e buscando estar feliz e satisfeita com suas decisões, após ter-lhe apresentado suas ideias sobre assuntos de interesse mútuo. Ela deve procurar ser tão atenciosa e

[F499]
sábia na administração dos assuntos domésticos que o marido lhe confiar, a ponto de conquistar cada vez mais a confiança dele e ser capaz, cada vez mais, de cumprir no lar — seja ele grande ou pequeno — os importantes deveres de uma companheira. A ideia de que ela é uma companheira e seu desejo pela aprovação do marido serão vistos como estando em estrita harmonia com a sugestão do Apóstolo a respeito da atitude adequada da Igreja para com o Senhor, em fidelidade e desejo por sua aprovação. Mas, assim como na Igreja seria um crime ignorar o Cabeça, o Senhor, de qualquer forma em relação à obra e aos seus interesses, da mesma forma a esposa deve sentir que sua conduta seria criminosa e uma violação da aliança caso tentasse administrar o lar terreno e, em qualquer medida, ignorasse aquele a quem jurou reverenciar como o chefe da família.

No caso de duas novas criaturas que não formam um bom casal — em que a esposa é evidentemente superior —, há o risco de dificuldades na organização dos assuntos. Se a esposa tiver melhor discernimento no que diz respeito à condução do lar, aos gastos financeiros, à educação dos filhos etc., ela não tem, por isso, liberdade para assumir a chefia da família e dar ordens e orientações ao marido como se ele fosse um de seus filhos ou um servo. Tal violação do arranjo divino certamente trará desvantagens espirituais, se não financeiras e em questões temporais, não apenas para o homem, mas também para a mulher.

O homem, nessas condições, perderia gradualmente o pouco de masculinidade que possuía, entregaria pouco a pouco tudo nas mãos de sua esposa e se tornaria meramente sua ferramenta, seu escravo, para prover o sustento e cumprir seus mandamentos. Tal condição não seria vantajosa para o marido como a nova criatura; tal degradação de sua carne certamente reagiria de forma desfavorável sobre ele, desanimá-lo-ia e impediria seu crescimento na graça, no conhecimento e no serviço à Verdade. Também para a esposa o efeito se revelaria prejudicial na medida em que o caminho errado for seguido — seja em grande ou em pequena escala. Se o caso for extremo, a esposa — à medida que o marido gradualmente delega a ela, ou à medida que ela

[F500]
gradualmente assume as responsabilidades do marido — sentirá o peso disso sobre si, além de seus deveres maternos; e, em sua tentativa de ser ao mesmo tempo marido e esposa, pai e mãe, certamente se tornará, em maior ou menor grau, uma "mulher de negócios", mais ou menos impetuosa e autoconsciente. Seus amigos podem admirar a força de caráter que ela demonstra e podem considerar que o caminho que ela segue é inevitável — podem até encorajá-la e apresentá-la como um exemplo louvável de mulher de mente firme; mas nenhum deles a *amará* como a teria amado se ela tivesse se desenvolvido nos moldes da verdadeira feminilidade e do verdadeiro papel de esposa. Além disso, as qualidades da carne cultivadas por tal caminho reagiriam desfavoravelmente sobre ela como nova criatura em Cristo e, sem perceber, ela se tornaria menos espiritual e mais autoconsciente nas questões relativas à Igreja.

O caminho correto a seguir nesse caso de desavença entre novas criaturas é que o marido diga a si mesmo: "Tomei uma esposa contrariamente ao arranjo divino. Assim, corri um grande risco de infelicidade doméstica. Meu único caminho, agora, é esforçar-me ao máximo para alcançar meu ideal mais elevado de um verdadeiro marido — seguir, tanto quanto possível, o exemplo do Senhor. Precisarei ser ainda mais cuidadoso com cada palavra e ato — buscar com ainda mais fervor a sabedoria que vem do alto, para que eu possa cumprir com maior precisão os deveres de chefe deste lar, para os quais reconheço não estar naturalmente qualificado.

A esposa, em tal caso, deve dizer a si mesma: "Negligenciei a regra divina do Senhor e estou em um casamento inadequado, pois não consigo reverenciar meu marido, mas instintivamente percebo que sou superior a ele em dons naturais. Devo tirar o melhor proveito dessa situação. Devo cumprir minha parte fielmente; e, na medida em que perceber que meu marido é deficiente, procurarei usar de tato e orar por sabedoria do alto para saber como ajudá-lo, *elevá-lo*, torná-lo um homem nobre e ampliar sua capacidade tanto quanto possível, para que eu possa, assim, aumentar meu amor e minha reverência por ele. Nada menos do que

[F501]
Este é o meu dever, nos termos da minha aliança matrimonial — e o cumprirei fielmente, como se fosse para o Senhor. Quanto às fraquezas e ao mau julgamento dele, não só as ocultarei dos estranhos, mas, na medida do possível, também de mim mesma; e, ao mencioná-las ao meu marido, procurarei evitar qualquer referência ou demonstração de minhas habilidades superiores. Esperarei que, no devido tempo, seus próprios fracassos o levem a reconhecer meu melhor discernimento, o qual, no entanto, não imporei a ele nem insistirei nisso, mas simplesmente exporei de maneira gentil, como convém a uma *companheira*. Minha expectativa será de que, em breve, ele busque meu conselho e lhe dê cada vez mais peso em todos os assuntos de sua vida; e assim, dia após dia e ano após ano, possamos amadurecer juntos em harmonia com o modelo divino do relacionamento entre Cristo e a Igreja. Serei abençoada como esposa no cultivo da humildade e da submissão ao arranjo divino; meu marido será abençoado pelas influências edificantes que serei capaz de lhe proporcionar; e, assim, o casamento mal-sucedido que a princípio parecia tão desvantajoso poderá, pela graça do Senhor — seguindo as instruções de Sua Palavra — resultar em nos aproximar ambos do padrão divino estabelecido pelo Apóstolo.

Um caso ainda diferente dos acima mencionados pode ser sugerido como possível, a saber, que duas novas criaturas, bem combinadas segundo a carne, possam, após anos de comunhão e ajuda mútua, tornar-se incompatíveis. Tal desfecho para um começo tão favorável implicaria que um ou outro tivesse perdido o espírito santo do amor — se não inteiramente, pelo menos em grande medida; que um ou outro tivesse negligenciado a injunção apostólica e toda a regulamentação divina dos deveres dos maridos para com as esposas e das esposas para com os maridos. Se a culpa fosse do marido e ele deixasse de sustentar a esposa, deixasse de estimá-la e, ao contrário, a abandonasse — seja no coração, no afeto ou de fato —, isso implicaria que ele se afastara seriamente do Senhor, da orientação do Seu espírito e da “sabedoria que vem do alto, a qual é

[F502]
primeiro pura, depois pacífica, manso e submissa, cheia de misericórdia e de bons frutos". Nessas circunstâncias, não poderíamos considerar tal pessoa aprovada pelo Senhor como um "vencedor" até que se reformasse.

Ou a dificuldade poderia estar na esposa. Ela poderia tornar-se impetuosa, orgulhosa, teimosa e, gradualmente, perder a reverência pelo marido — poderia até mesmo difamá-lo, abandoná-lo e proferir todo tipo de mal contra ele falsamente. Tal situação indicaria uma condição de coração muito errada, muito distante daquela inculcada pela Palavra, e certamente implicaria em degeneração espiritual, independentemente do grau em que uma *forma* exterior de piedade pudesse ser mantida. Tal pessoa certamente estaria em péssima condição para comparecer perante o Noivo Celestial com qualquer esperança de obter sua aprovação; pois tal conduta em relação ao noivo terreno certamente significaria pouca apreciação dos deveres da Igreja para com seu Senhor. Se infiel ao marido terreno a quem ela viu, isso certamente indicaria e implicaria infidelidade ao Noivo Celestial invisível.

O relacionamento terreno como marido ou esposa entre uma nova criatura e alguém que não é uma nova criatura é, para alguns, motivo de grande perplexidade, e há muitos nessa condição. Quando os dois formam um bom casal segundo a carne, o problema já é bastante difícil; mas quando são incompatíveis tanto fisicamente quanto espiritualmente, as dificuldades se multiplicam. Se o marido pertence à nova criação e a esposa tem o espírito do mundo, sua verdadeira religião e o "espírito de uma mente sã" — que ela gradualmente proporciona em todos os assuntos —, bem como a moderação que ela inculca em todos os assuntos, deveriam, aos poucos, elevá-lo cada vez mais na estima de sua esposa mundana, desde que ela tenha um caráter naturalmente nobre e uma disposição amável. Seu tratamento atencioso, a plena liberdade de consciência que ele de bom grado lhe concederia e sua própria devoção aos princípios tenderiam a tornar tal união feliz, exceto pelo fato de que o marido sentiria falta, por parte da esposa, daquela comunhão espiritual que, como Nova Criatura, ele deve valorizar acima de todas as outras comunhões.

[F503]
Mas suas orações em favor de uma mulher de espírito tão nobre, seu exemplo e sua apresentação atenciosa da Verdade, muito provavelmente, conquistarão essa esposa para o Senhor e farão dela uma companheira espiritual, bem como natural. Assim, sua paciência e fidelidade às obrigações conjugais poderão trazer uma grande recompensa, enquanto a fidelidade dela aos princípios trará igualmente bênçãos e felicidade à sua vida.

Se a esposa for membro da nova criação e o marido tiver o espírito do mundo, e eles forem um casal bem compatível, o problema será, da mesma forma, relativamente fácil de resolver. O marido de mente nobre, mesmo que mundano, reconhecerá a consciência de sua esposa em seu exercício moderado; e seu desejo de proporcionar-lhe oportunidades mentais, morais e espirituais — como seria seu dever como marido — dar-lhe-ia tudo o que ela poderia desejar como esposa, exceto o desejo de companheirismo espiritual por parte do marido. Para um homem de mente nobre como o que estamos discutindo, a fidelidade de sua esposa ao Senhor e a ele mesmo em todos os deveres da vida pode, eventualmente, ser abençoada ao levar à consagração do marido ao Senhor. A esposa pode ter bons desejos e ambições em relação a assuntos temporais ou mesmo religiosos que seu marido talvez não consiga apreciar, por mais nobre que ele seja como homem natural. Nesse caso, ela deve considerar o conselho do Senhor ao seu povo, de ser *moderada* em todas as coisas; deve levar em conta a generosidade geral do marido e, sem comprometer nenhuma questão de consciência ou princípio, deve lembrar-se de que, entre seus deveres de esposa, reconhecidos pelo Senhor, está aquele que exige que ela dedique ao marido uma parte de sua companhia. Isso poderia, sem ser impróprio, impedi-la de comparecer a *algumas* das reuniões da Igreja; mas ela deve ter cuidado para que, em seu desejo de agradar ao marido, não viole sua consciência e prejudique suas responsabilidades e obediência ao Senhor, seu Noivo Celestial. Ela deve lembrar-se da exortação de que não devemos esquecer de nos reunir. Tudo o que estamos pedindo aqui é que ela exerça moderação, consideração

[F504]
para com o marido, etc., de modo que possa dividir o tempo, em certa medida, com ele, dedicando-lhe uma parcela razoável de sua companhia.

Quando os dois estão em jugo desigual — um é incrédulo e o outro, a nova criatura — e quando, além disso, são incompatíveis segundo a carne, de modo que a esposa é superior e o marido inferior intelectualmente, etc. — o caso é muito mais complicado e requer maior sabedoria e graça por parte da crente. O Apóstolo adverte especialmente aqueles que se encontram nessa situação, dizendo: "A mulher que tem marido incrédulo e ele se contenta em viver com ela, que não o deixe. ...Mas, se o incrédulo se separar, que se separe; o irmão ou a irmã não está sob servidão nesses casos; mas Deus nos chamou para a paz. Pois como sabes, ó esposa, se salvarás teu marido? Ou como sabes, ó marido, se salvarás tua esposa?" ***1 Cor. 7:13-16***

O ponto que fica claro a respeito do dever do crente é que ele deve cumprir *seu dever* e buscar, de todas as maneiras honrosas e adequadas, preservar a paz do lar e seu bem-estar geral, criando o mínimo possível de motivos de discórdia, na medida em que a devida fidelidade aos princípios e à consciência o permitir. Se houver motivo real para a separação, o crente deve certificar-se de que o *motivo* não esteja nele. O espírito de Cristo nele deve torná-lo, dia após dia, mais manso, mais humilde, mais pacífico, mais prudente, mais sábio, mais longânimo, mais paciente, mais amoroso e mais bondoso. Tudo isso, no entanto, nem sempre atenderá às exigências da situação. Às vezes, o incrédulo possui uma disposição natural tão mesquinha e cede a ela a tal ponto que se torna totalmente irascível; e assim como as ações misericordiosas de Deus para com o Faraó apenas serviram para endurecer seu coração, também o espírito de Deus em seus filhos, resplandecendo da melhor maneira possível em todas as graças e frutos desse espírito, pode às vezes encontrar apenas aquele ódio que as trevas nutrem pela luz, e ao qual nosso Senhor se referiu dizendo: "as trevas odeiam a luz porque são repreendidas por ela".

[F505]
(***João 3:19,20***) Nesses casos, pode ocorrer a separação, como o Apóstolo aponta, seja ela acompanhada ou não por uma sentença de divórcio proferida por tribunais terrenos. De qualquer forma, porém, a nova criatura não tem liberdade para se casar novamente, a menos que o divórcio seja concedido, e isso com base no único motivo mencionado por nosso Senhor — a infidelidade adúltera do cônjuge. ***Mateus 19:9***

No texto citado acima, o apóstolo declara: "Se o incrédulo se separar, que se separe"; mas isso não deve ser entendido como significando que a deserção por parte de um cônjuge concederia liberdade ao marido ou à esposa para se casar com outra pessoa: indica apenas que tal deserção deve ser vista pelo crente como uma das circunstâncias da vida permitidas pela providência divina, que Deus é plenamente capaz de reverter para o seu bem-estar — e, aceitando-a como tal, devem ser esperadas oportunidades correspondentes para ser útil no serviço do Senhor. Embora o Apóstolo saliente muito expressamente que o crente não deve ser o desertor, acreditamos que os tribunais humanos tenham compreendido e interpretado sabiamente ao decidir que existe algo chamado "abandono construtivo" — a saber, que um cônjuge pode abandonar seu parceiro de vida de forma completa sem que haja uma separação definitiva. A esposa incrédula pode exercer, e em alguns casos já exerceu, tantas tiranias mesquinhas no lar a ponto de destruir todas as suas qualidades acolhedoras, transformando-o em um verdadeiro purgatório, destruindo a literatura religiosa do marido e esforçando-se para tornar impossível para ele ler, estudar ou pensar, por causa da comoção propositalmente instigada entre os filhos, influenciados por ela a desconsiderar a palavra e os conselhos do pai e a tratá-lo com indignidade.

Tal mulher pode não abandonar o marido de fato, mas, com um espírito mesquinho, pode preferir usá-lo como seu escravo — para que, graças à energia dele, ela possa desfrutar dos confortos da vida. As leis humanas interpretam tal conduta como abandono — abandono da aliança matrimonial e das obrigações, bem como dos deveres adequados e razoáveis da vida. Tal mulher torna-se um obstáculo e uma fonte de danos, em vez de uma companheira. Nesse caso, acreditamos que o marido está plenamente justificado em considerar

[F506]
ele próprio *abandonado*, e ao estabelecer-se em um lar separado para onde pudesse levar os filhos que não tivessem sido completamente corrompidos pelo comportamento errado da mãe. Suas *obrigações* para com tal esposa já foram extintas por causa do comportamento dela: é ela quem abandonou e rompeu o contrato matrimonial; e, ao retirar seu apoio, ele está simplesmente atendendo às exigências impostas pelo comportamento dela. Se, no entanto, ela se arrepender em algum momento, ele deve ser generoso ao extremo ao perdoá-la e ao restabelecer, sobre uma base adequada, a organização familiar. Nada neste conselho deve ser interpretado como um incentivo à impaciência ou à disposição de se ofender e se sentir prejudicado. O amor exige que todo tratamento *suportável* seja suportado; e que, se o mal tiver sido retribuído com o mal, em palavras ou ações, a injustiça seja considerada compensada e perdoada.

Em outros casos, o abandono pode partir do marido não crente. A mesquinhez de sua depravação pode transformá-lo em um tirano brutal, indiferente à saúde e à felicidade de sua esposa e especialmente hostil às visões religiosas dela. Como já apontamos, o crente deve buscar e alcançar a graça do espírito de amor que lhe permitirá suportar praticamente "todas as coisas" e tirar proveito disso — crescer na graça nessas condições; cultivando o Espírito do Senhor e suas diversas graças. Mas há um limite para todas as coisas, e não seria apropriado ultrapassar esse limite. Além desse limite, a influência sobre o cônjuge injusto seria prejudicial, em vez de benéfica. Cada um deve decidir por si mesmo qual é o limite adequado de submissão nessas questões. Sua própria consciência deve decidir, depois que essa consciência tiver sido educada tanto pela letra quanto pelo espírito da Palavra divina. À medida que se alcança o crescimento na graça, as provações podem se tornar mais severas; mas deve haver maior capacidade de perseverança com mansidão e maior dose do "espírito de uma mente sã" para determinar quando foi atingido o ponto de severidade e dano insuportáveis. A graça do alto é necessária, está prometida e deve ser buscada com fervor nessas condições**.**
Tg 1,5

[F507]

Existem maridos ignóbeis e brutais que não têm noção adequada nem dos deveres de um marido nem das liberdades devidas à esposa — cuja única concepção de esposa é a de uma escrava que trabalha arduamente, melhor do que qualquer outra que ele pudesse contratar, ou a de um substituto barato para uma prostituta. Tal tratamento por parte do marido constitui uma deserção da sua parte, e a lei de Deus, conforme aqui exposta pelo Apóstolo e devidamente interpretada, está, acreditamos, em plena concordância com as leis humanas, que declaram que, para tal homem, o nome "marido" é um equívoco — que, se ele alguma vez celebrou de forma inteligente e genuína um contrato matrimonial com sua esposa, ele o violou de forma completa e decisiva, e, por meio desse tratamento, provou isso de maneira convincente. Uma esposa nessa situação tem a liberdade de se considerar abandonada e de buscar as melhores condições possíveis para si mesma; mas, por esse motivo, não lhe é permitido, nem pelas leis humanas nem pelas divinas, casar-se novamente. Nesse caso, ela deve buscar o Senhor, seja para amenizar sua situação, seja, possivelmente, para abrir um caminho de saída dela. Deve levar em consideração a idade de seus filhos e quais provisões poderiam ser feitas para eles, bem como para si mesma, e deve ponderar as circunstâncias com cuidado e em espírito de oração antes de dar esse passo. Mas, se suas condições forem suportáveis, que ela permaneça, como diz o Apóstolo; e que ela tenha esperança de que, ao manifestar o espírito de mansidão, gentileza, paciência e amor, possa reconquistar o coração de seu cônjuge e, possivelmente, também levá-lo ao Senhor.

Tratamos deste assunto com considerável detalhe, percebendo, por meio de uma ampla correspondência particular, que muitos dos filhos mais fiéis do Senhor vivem em uma fornalha matrimonial de aflição. De acordo com os termos do chamado da nova criação, ninguém deve esperar que a vida presente seja um sonho tranquilo e agradável de felicidade terrena, pois nosso Senhor declarou especificamente a respeito disso: "Os inimigos do homem serão os da sua própria casa." (***Mt 10,36***) Não devem se surpreender ao serem chamados a suportar muito por causa da Verdade e, assim, demonstrar ao Senhor sua fidelidade a Ele e à Sua Palavra; sua disposição de suportar todas as provações ardentes que Ele julga ser o melhor para o

[F508]
desenvolvimento neles das graças do espírito. Devem perceber, também, que não lhes cabe escolher o tipo de provações ardentes que os desenvolverão, prepararão e tornarão aptos para o Reino, mas devem deixar toda a questão nas mãos do Senhor. É nosso dever, no entanto, indicar a todos esses que sofrem que, após provações e desenvolvimento razoáveis, devem estar atentos à libertação divina e à abertura de um caminho de fuga das coisas que lhes são difíceis demais de suportar. Isso está de acordo com a admoestação e o exemplo de nosso Senhor: "Quando vos perseguirem nesta cidade, fugi para outra." ***Mt 10,23; 2,13; 4,12; 12,15***

A consciência, o teste final

Já nos referimos à consciência em relação a esses assuntos, e talvez seja apropriado aqui chamar a atenção para o que entendemos por esse termo. Referimo-nos à convicção sobre o que é certo, o que é o dever. Para o homem perfeito, a consciência seria um guia absoluto, e ele saberia o que é certo e o que é o dever instintivamente; mas os seis mil anos de queda levaram nossa raça a uma condição em que a consciência está certamente desordenada — pervertida por visões erradas. A base da consciência cristã é a fé em Deus, a aceitação de sua vontade como sendo absolutamente correta e o reconhecimento de nossa obrigação de sermos completa e sinceramente obedientes à vontade divina. A consciência, portanto, precisa exatamente da educação que a Palavra de Deus proporciona, e a nova criatura desenvolvida deve, por essa razão, ter "o espírito de uma mente sã" — sua convicção sobre o que é certo e o que é errado se expandindo e se esclarecendo na medida em que cresce na graça, no conhecimento e no espírito de amor. Obedecer à consciência é fazer o que ele acredita que o Senhor deseja que ele faça; e ele não deve tirar conclusões precipitadas sobre esse assunto, mas deve ponderar cuidadosamente o testemunho da Palavra divina e decidir de acordo com ela. Há pessoas que permitem que o medo e a servilidade dominem sua consciência e a corrompam como verdadeira guia. O caminho correto para o povo do Senhor

[F509]
é orientar suas consciências — isto é, orientar suas convicções sobre o que é certo e o que é errado pela *Regra de Ouro* e por todas as instruções complementares que as Escrituras oferecem.

Eunucos, Virgens, Celibato

As questões relacionadas à sexualidade estão entre aquelas que certamente causam considerável perplexidade à nova criação; e, portanto, não devem ser ignoradas aqui. Aqueles gerados pelo Espírito para as alegrias e bênçãos espirituais, para a comunhão e a fraternidade, percebem instintivamente que a relação carnal não é espiritualmente edificante, mas que sua tendência é, ao contrário, na direção oposta. É bom que todos os solteiros dentre os consagrados do Senhor ponderem esse assunto minuciosamente antes de ingressar na relação matrimonial e assumir suas responsabilidades. O Senhor pareceu referir-se ao estado de celibato com aprovação quando disse: "Alguns nascem eunucos, outros são feitos eunucos pelos homens e outros [figurativamente] se tornaram eunucos por causa do Reino dos Céus." (***Mt 19,12***) Ou seja, alguns, pelo exercício de sua vontade, após sua consagração ao Senhor, decidiram não se casar, mas manter sua virgindade levando uma vida celibatária. O próprio Senhor foi um deles e é certamente nosso exemplo mais nobre, cujos passos devemos seguir o mais fielmente possível. O apóstolo chama nossa atenção para esse assunto, dizendo:

"Quanto às virgens [homens e mulheres], não tenho mandamento do Senhor, mas dou meu parecer como alguém que obteve misericórdia do Senhor para ser fiel. Penso, portanto, que isso é bom em razão da angústia atual [ou seja, nas condições atuais — nossas próprias imperfeições e as imperfeições dos outros, por um lado, e, por outro lado, os deveres, privilégios e oportunidades especiais daqueles que realizaram uma consagração plena ao Senhor] — a saber, que é bom que o homem permaneça como está [na condição em que a Verdade o encontrar, casado ou solteiro]. Estás ligado a uma esposa? Não procures

[F510]
se separar. Estás separado de uma esposa? Não busques uma esposa. Mas, se te casares, não terás pecado; e se uma virgem se casar, ela não terá pecado.

"No entanto, aqueles [que são casados] terão tribulação na carne; e eu gostaria de poupá-los disso. Mas digo isto, irmãos: o tempo é curto; resta, pois, que tanto aqueles que têm esposas sejam como se não as tivessem [ignorando, tanto quanto possível, as relações terrenas e voltando os afetos especialmente para as coisas celestiais]; e que aqueles que choram [que estão em aflições terrenas] sejam como se não chorassem [esforçando-se para esquecer as provações, decepções e dificuldades da condição terrena na alegria e no regozijo das promessas melhores que nos pertencem para o futuro]; e que aqueles que se alegram [na prosperidade terrena] sejam como se não se alegrassem [sua alegria nas coisas espirituais ofuscando completamente todas as fontes terrenas de alegria]; e aqueles que compram como se não possuíssem [não voltando seus afetos para as coisas terrenas]; e aqueles que usam deste mundo como se não o estivessem usando indevidamente [permitindo que a moderação e os interesses da Nova Natureza exerçam uma influência controladora em todos os assuntos da vida]; pois a forma deste mundo está passando [somos, como novas criaturas, chamados a viver de acordo com nossas novas esperanças, e não a estar continuamente providenciando para a carne; mas, ao contrário, buscando a todo custo tornar segura nossa vocação e eleição e, assim, sermos co-herdeiros com nosso Senhor na gloriosa dispensação e no mundo vindouro].

"Mas eu gostaria que vocês estivessem livres de preocupações [de natureza terrena; e, portanto, além da admoestação anterior sobre a mudança de afeições e a transformação da mente, chamo agora sua atenção para certos fatos inquestionáveis]. Aquele [totalmente consagrado] que é solteiro se preocupa com as coisas do Senhor, pensando em como agradar ao Senhor; mas aquele que é casado se preocupa com as coisas do mundo, pensando em como agradar à sua esposa. [Ele se verá em perigo constante de uma divisão de seus afetos e de uma necessidade contínua de estar em guarda, para que os afetos terrenos não absorvam todo o seu tempo, amor e interesse, levando-o a violar sua aliança com o Senhor; e os interesses da Verdade devem ser

[F511]
prevalecerem se ele quiser ser um discípulo vencedor e o co-herdeiro no Reino]. E há [da mesma forma] uma diferença entre [a condição de] uma esposa e uma virgem. A mulher solteira [totalmente consagrada] se preocupa com as coisas do Senhor para que seja santa tanto no corpo quanto no espírito; mas aquela que é casada se preocupa com as coisas do mundo, pensando em como agradar ao marido.

"E digo isso para o seu próprio bem [não com o intuito de submetê-los a qualquer tipo de servidão nem de, de forma alguma, aumentar seus fardos, mas para que vocês, que são solteiros, possam ponderar cuidadosamente o assunto e levar em conta seus interesses espirituais e os privilégios que perderão ao se casarem]: não que eu queira lançar uma armadilha sobre vocês [para impedi-los de exercer suas liberdades], mas pelo que é conveniente [o mais favorável a vocês como novas criaturas], e para que possam servir ao Senhor sem distrações. Mas se algum homem achar [que, ao permanecer solteiro], está agindo de maneira imprópria para com sua noiva [para com uma amiga a quem ele deu motivos para esperar que se casasse com ela], se ela já tiver passado da flor da idade [de modo a ter perdido outras oportunidades matrimoniais por causa de seu noivado com ele], e se a necessidade assim o exigir [se ela precisar de um protetor ou provedor], que faça o que quiser [casar-se ou não]; ele não peca; que se casem [se as necessidades do caso assim o exigirem]. No entanto, aquele que permanece firme em seu coração, sem necessidade, mas tendo domínio sobre sua própria vontade [para exercer autocontrole e levar uma vida celibatária, a fim de se dedicar mais plenamente ao Senhor e ao seu serviço], e que assim determinou em seu coração manter sua própria virgindade [sua própria pureza], age bem. Assim, aquele que a entrega [sua virgindade] em casamento faz bem, mas aquele que não a entrega em casamento faz melhor.

"A esposa está vinculada enquanto o marido viver; mas, se o marido morrer, ela está livre para se casar com quem quiser, desde que seja no Senhor. Mas ela é mais feliz se permanecer como está, segundo meu julgamento; e penso também que tenho o espírito de Deus [a mente do Senhor sobre este assunto, que já declarei. Não estou falando por mandamento

[F512]
ou sob inspiração direta, mas de acordo com minha convicção ou julgamento da vontade divina.]" ***1 Cor. 7:25-40***

Depois do casamento, é tarde demais para alguém decidir por si mesmo se prefere ou não viver uma vida de celibato. O apóstolo ressalta isso de forma muito clara, declarando que nem o marido tem controle exclusivo sobre seu próprio corpo, nem a esposa tem controle exclusivo sobre o seu; mas que, no casamento, cada um se entregou ao outro a tal ponto que qualquer recusa de direitos conjugais moderados e razoáveis equivaleria a uma injustiça e a uma violação do contrato matrimonial. O Apóstolo se refere a tal conduta como "privar um ao outro" (***1 Cor. 7:5***). O momento de considerar tais questões é antes do casamento. Também não seria adequado que um dos cônjuges tentasse vincular o outro, nem que ambos fizessem voto conjunto de uma vida de celibato dentro dos laços matrimoniais. A moderação, neste como em todos os outros assuntos terrenos, deve ser a lei, o freio pelo qual a Nova Natureza buscará manter sua ascendência sobre a carne* — submetendo até mesmo os próprios pensamentos do coração ao Senhor. A continência absoluta, por mais desejável que seja, ressalta o Apóstolo, não deve ser imposta por um contra o outro, para que não se torne uma armadilha e uma tentação para a violação das obrigações matrimoniais. Ele diz:

"Que o marido cumpra para com a esposa o que lhe é devido [o que ela possa razoavelmente, naturalmente e justamente exigir], e da mesma forma a esposa para com o marido. A esposa não tem poder [controle] sobre o próprio corpo, mas o marido; e da mesma forma o marido não tem poder [controle] sobre o próprio corpo, mas a esposa. Não se privem um ao outro, a não ser que seja de comum acordo por algum tempo, para que se dediquem à oração; e voltem a se unir, para que Satanás não os tente por causa de sua incontinência. Digo isso a título de permissão e não de mandamento, pois gostaria que todos os homens fossem como eu mesmo [contidos e livres, praticamente eunucos]....Mas digo aos solteiros e às viúvas: é bom para eles que permaneçam assim como eu. Mas, se não tiverem continência, que se casem; pois é melhor casar-se do que arder" — ser consumido por uma paixão incontrolável que impediria sua comunhão com o Senhor e poderia se tornar uma armadilha para eles. ***1 Coríntios 7:3-9***

---

*Restrições judaicas de ***Lev. 20:18; 15:25***.

[F513]

“Somente no Senhor”

Quão razoáveis, quão sábias são as prescrições do Senhor! — quão benéficas para aqueles que têm ouvidos para ouvi-las e que são obedientes aos seus conselhos! O fato de o povo do Senhor dever casar-se “somente no Senhor” pode, à primeira vista, parecer uma limitação, uma restrição, uma escravidão; mas não — trata-se meramente de um conselho. Quem seguir o conselho acabará descobrindo que foi abençoado por isso, e quem desconsiderar o conselho geralmente aprenderá, mais tarde, por meio de experiências severas, a imprudência de seu caminho.

Nenhum outro contrato ou acordo referente às coisas desta vida presente é tão importante quanto o contrato de casamento: no entanto, pessoas de mente razoavelmente equilibrada parecem tratá-lo de maneira leviana e frívola. Alguns pais parecem considerar com mais cuidado e com julgamento mais sensato a questão da compra de uma fazenda, da criação de seu gado, ovelhas, cavalos, cães e porcos, do que consideram sua participação na propagação da espécie humana. É difícil explicar tal falta de sabedoria, a não ser pela suposição de que consideram o matrimônio como uma espécie de loteria, guiada pelo acaso em vez da razão; ou que consideram Deus como o Criador de cada membro individual da raça humana — sem perceber que a obra perfeita de Deus, no que diz respeito à nossa raça, foi realizada no primeiro casal, a quem Ele concedeu poderes reprodutivos que foram transmitidos aos seus descendentes. A visão correta da natureza humana é que ela constitui o tipo mais elevado da criação animal e, como as demais, foi dotada pelo Criador do poder de produzir descendentes segundo a sua própria espécie. Desse ponto de vista, torna-se imediatamente evidente que Deus não é o Criador direto de nenhum membro da família humana atualmente viva, e que as diversas fraquezas, imperfeições e imbecilidades sob as quais a raça sofre não são propriamente atribuíveis à imperfeição em Sua obra, mas à queda de nossa raça no pecado e às operações naturais do pecado — que tendem cada vez mais para a imperfeição, a degradação e a morte.

Mesmo o homem e a mulher naturais, portanto, devem refletir cuidadosamente sobre a questão do acasalamento, de modo que

[F514]
eles façam sua parte para compensar, na medida do possível, as influências degradantes que afetam a raça. Devem compreender, por exemplo, a necessidade de leis de consanguinidade — ou seja, que o casamento entre pessoas com parentesco próximo deve ser evitado. Tais regulamentos eram desnecessários no início, quando os filhos e as filhas de Adão se casavam livremente e sem prejuízo, pois, sendo a raça ainda quase perfeita, nenhuma fraqueza específica seria transmitida aos filhos; mas agora, uma vez que a raça se tornou grandemente desmoralizada e, além de doenças, também características mentais, traços e idiossincrasias são transmitidos por hereditariedade nas famílias, faz parte da sabedoria — sim, mais ainda, parte do dever e da justiça para com os filhos que viriam a ter — que eles não apenas evitem relações de parentesco próximo, que poderiam intensificar as peculiaridades e idiossincrasias mentais e físicas, mas, além disso, que, na medida do possível, reconheçam a conveniência de escolher um cônjuge de temperamento diferente do seu. A natureza parece auxiliar, em certa medida, nessa questão, de modo que loiros ou morenos marcantes geralmente e naturalmente preferem parceiros de temperamento oposto.

Mas, embora essas regras, que pertencem ao homem natural, se aplicassem à nova criatura, caso ela decidisse que seria mais sábio e, em todos os aspectos, melhor para ela se casar, há ainda uma admoestação adicional do Apóstolo para orientar o casamento da nova criação segundo a carne — ela deveria escolher "no Senhor". Assim, ele estaria em harmonia tanto nas questões espirituais quanto nas naturais. Alguns poderiam argumentar que, se um relacionamento íntimo segundo a carne pudesse produzir extremos nos filhos, um relacionamento íntimo segundo o espírito também poderia revelar-se prejudicial — destinado a produzir filhos excêntricos no que diz respeito a questões morais e religiosas. Respondemos: Não; na medida em que a nova mente é recebida, sua influência é contrária às excentricidades da carne. O apóstolo declara: "Temos a mente de Cristo", "o espírito de uma mente sã" — vemos as coisas do ponto de vista de Cristo. A nova criação é gerada pelo seu Espírito, embora ainda imperfeita segundo a carne; e é guiada

[F515]
pelo espírito, por meio da Palavra, na compreensão da mente divina em todas as questões.

É verdade que essa nova mente deve exercer-se por meio do corpo mortal e de seu aparato de pensamento imperfeito; no entanto, embora as imperfeições da carne possam influenciar a nova mente até certo ponto e distorcê-la, afastando-a de sua grandiosa e bela simetria, a vontade é superior, e a carne é mais ou menos influenciada por ela, moldada, guiada e gradualmente transformada, de modo que quem quer que receba a mente de Cristo certamente se tornará, na mesma proporção, mais sóbrio e ainda mais sóbrio em seus raciocínios sobre todas as questões e interesses da vida. Isso pode não significar que ele será considerado pelo mundo como mais sábio do que antes; mas significa que ele será realmente mais sábio, e que a incapacidade do mundo de discernir sua crescente sabedoria se deve ao fato de que o mundo é cego, é insensato, não possui a mente de Cristo e vê as coisas, em geral, a partir de um ponto de vista distorcido de depravação e egoísmo. A sabedoria que desejamos é aquela que vem do alto, que, como explica o Apóstolo, nos tornará mais puros, mais pacíficos, mais misericordiosos, mais bondosos para com os irmãos, para com a família, para com a humanidade em geral — sim, e também para com os animais. A sabedoria deste mundo, como explica o Apóstolo, é terrena, sensual e diabólica. Não que todos os homens e mulheres mundanos sejam sensuais e diabólicos, mas que a tendência geral da sabedoria mundana é nessa direção; e que a humanidade, por mais cega que esteja, está lutando contra as leis do egoísmo às quais está presa, embora possa buscar continuamente esconder as correntes de sua escravidão tanto de si mesma quanto dos outros.

"No Senhor" deve ser entendido como significando muito mais do que uma crença meramente nominal no Senhor, muito mais do que uma mera filiação a uma igreja nominal. Pessoas mundanas devem se casar com pessoas mundanas; membros nominais da igreja devem se casar com membros nominais da igreja; meros crentes, confiantes no sangue meritório de Cristo, devem se casar com companheiros semelhantes. Mas aqueles que deram o passo da consagração plena e se tornaram membros do corpo de Cristo, da nova criação, renascidos, devem se casar apenas com pessoas de seu

[F516]
própria espécie — somente novas criaturas — somente aqueles que estão *"no* Senhor" como membros aceitos do corpo de Cristo, participantes de seu espírito de santidade; e, além disso, como já foi demonstrado, cada um deve zelar para que a relação sexual adequada seja mantida. A mulher deve zelar para que se case apenas com um homem "no Senhor" a quem possa admirar moralmente, intelectualmente e espiritualmente, como cabeça da família — alguém a quem possa "reverenciar". O homem deve zelar para que se case com alguém "no Senhor" que seja, na medida em que ele possa julgar, uma verdadeira companheira, de mente pura, amorosa, gentil, prestativa — alguém que não seja sua superiora, a quem ele naturalmente se sinta obrigado a admirar e estimar como a legítima chefe da família. Todas essas regras de união devem ser observadas pela nova criação, dotada do espírito de uma mente sã, por mais que sejam desconsideradas pelo mundo, que não é guiado pela mente do Senhor, mas inclinado a seguir seu próprio caminho, a ser guiado por seus próprios caprichos ou fantasias, ou pelo engano mútuo entre si. Se surgirem dúvidas, resolva-as pelo lado mais seguro — espere até que sejam esclarecidas.

Pode-se argumentar que, se o casamento fosse considerado sob um ponto de vista tão específico, os casamentos seriam menos frequentes. Respondemos que isso pode ser verdade; mas que uma grande proporção daqueles que hoje estão casados, especialmente aqueles que, pela graça do Senhor, chegaram a uma compreensão mais clara de seu relacionamento com o Senhor como novas criaturas e a um conhecimento de Seus conselhos no interesse de seu desenvolvimento espiritual em assuntos relativos à carne, não se casariam novamente da mesma forma que o fizeram — eles são mais sábios agora. Para muitos dos mundanos, a possibilidade, de acordo com os tribunais e costumes terrenos, de um divórcio completo e de outro casamento, pode parecer torná-los menos exigentes, menos cuidadosos no que diz respeito à escolha do cônjuge. Mas a nova criatura deve lembrar-se de que seu contrato matrimonial é semelhante ao que existe entre o Senhor e a Igreja — perpétuo; que ele não é anulado por nenhum tribunal terreno a ponto de permitir o casamento com outra pessoa, exceto pela única causa especificada. (***Mt 19:9***) Para o povo do Senhor, "no Senhor", o casamento é, portanto, um

[F517]
contrato de grande peso e deve ser assumido somente após consideração e análise, feitas em espírito de oração e reflexão, de todos os aspectos relevantes para a situação, na medida em que possam ser discernidos.

A nova criação tem outra proteção nessa questão. De acordo com sua aliança com o Senhor, eles renunciaram à sua própria vontade e aceitaram, em vez disso, a vontade de seu Cabeça, o Senhor; e se essa for sua atitude mental — um desejo sincero de conhecer a vontade de Cristo (1) a respeito de se devem ou não se casar, e (2) quanto à escolha do Senhor para eles, eles, após exercerem seu melhor julgamento e discrição, entregarão toda a questão ao Senhor e orarão para que Ele conduza os assuntos de acordo com Sua sabedoria, descansando seus corações com satisfação em quaisquer que sejam as orientações subsequentes da providência divina — sejam elas favoráveis ou contrárias ao que seu melhor julgamento havia aprovado. Assim, e de nenhuma outra forma, o povo do Senhor pode ter certeza de que está seguindo o caminho certo. Tendo em vista o exposto, quão importante é que a nova criação tenha claramente em mente as instruções da Palavra do Senhor sobre este assunto; que possua o próprio espírito da Verdade; e que mantenha continuamente em mente o fato de que são novas criaturas — não vivendo como o mundo, simplesmente para desfrutar da vida presente, simplesmente para criar famílias segundo a carne, mas que seu mais alto objetivo, propósito e esforço devam ser andar segundo o espírito e seguir as orientações do Senhor em todas as questões, tanto temporais quanto espirituais. Devem sempre ter em vista o fato de que estão consagrados ao Senhor, mortos com Cristo no que diz respeito a este mundo; e que, doravante, seu principal objetivo e propósito devem ser usar a vida presente e os vasos terrenos como sacrifícios da maneira mais sábia possível, em benefício da nova criatura e de sua obra geral de servir e glorificar o Senhor, bem como de edificar a si mesmos e aos demais que compartilham da mesma fé preciosa nas graças espirituais! Quão importante é que os casados, os solteiros e aqueles que estão pensando em se casar se lembrem de que tudo o que possuem está colocado sobre o altar, e que sua vitória e a conquista das coisas gloriosas

[F518]
prometidas só podem vir por meio da *consumação* do sacrifício; e, portanto, que todos os assuntos da vida presente sejam ordenados, na medida do possível, de maneira a contribuir melhor para seu próprio bem-estar espiritual, para o bem-estar dos irmãos e para a glória de nossa Cabeça!

Ele sabe

"Ele conhece o caminho que eu
sigo — Que importa, então, se
for escuro,
Ou acidentado, ou cercado de
obstáculos — Seu cajado me
confortará.

"E se o Seu amor me privar
O que parece tão próximo, tão querido,
tão doce, aceitarei humildemente essa coisa
E a colocarei aos Seus pés.

"Que doce é *saber* que Ele sabe,
e se importa, e me segura pela mão — Ele
me guiará em segurança até
eu chegar à Terra Celestial!"

[F519]

ESTUDO XIII
OBRIGAÇÕES PARENTAIS DA NOVA CRIAÇÃO

Grandes obrigações estão ligadas ao exercício dos poderes reprodutivos — Influências pré-natais — "Instrua a criança no caminho em que deve andar!" — A influência das escolas dominicais — A confiança das crianças — O poder da sugestão na educação infantil — Nossos filhos em tempos de dificuldade — Diversões adequadas e inadequadas — Casamento dos filhos das novas criaturas.

As obrigações dos pais estão entre as mais importantes no que diz respeito aos assuntos da humanidade. O poder de propagar a espécie humana, com todas as possibilidades ligadas e associadas ao ser assim trazido à existência, é maravilhoso — a aproximação mais próxima da humanidade ao poder divino. De fato, é o exercício do poder divino pelo homem como agente de Deus. As possibilidades ligadas ao nascimento de cada criança se estendem em direções opostas — vantagem ou desvantagem, bem ou mal, honra ou desonra — até extremos maravilhosos. Certamente, se a humanidade compreendesse essa questão a partir de seu verdadeiro ponto de vista, elevaria a concepção de filhos do plano de uma paixão e de um relaxamento dos princípios intelectuais e morais para um plano consagrado, no qual as responsabilidades da paternidade e da maternidade seriam realizadas de uma maneira e em um grau alcançados, até o momento, certamente por muito poucos. Esses pensamentos de obrigação devem estender-se não apenas à criança, cujas características mentais, morais e físicas dependem dos pais, mas também ao Criador, que confiou à humanidade esse maravilhoso poder de propagação e a quem, como administradores, devemos prestar contas do uso desse poder divino.

Esses sentimentos de responsabilidade se intensificam à medida que começamos a perceber que, segundo o desígnio divino, os pais não apenas influenciam o caráter da futura criança no

[F520]
no momento de sua concepção, mas também ao longo de todo o período de gestação. Durante esse período, a mente da mãe, seus pensamentos, seus humores e seus sentimentos estão todos sendo impressos no feto; e não apenas isso, mas, nesse período, a própria mãe está especialmente suscetível às influências que a cercam, muitas das quais — se não todas — estão, de fato, sob os cuidados do marido. Se a mente da mãe for mantida alegre e otimista e seu coração feliz, isso influenciará favoravelmente o embrião; mas, se, ao contrário, ela estiver angustiada, preocupada, perturbada, atormentada por desentendimentos e perplexidades, essa angústia certamente se imprimirá no embrião, conferindo-lhe uma disposição irritadiça, triste ou mal-humorada para o resto da vida. Se as condições do ambiente pré-natal forem de devassidão, egoísmo e mesquinhez, será de se admirar que o embrião, assim marcado, e a criança nascida com tais impressões sejam mesquinhas, ignóbeis e com tendências à devassidão, ao egoísmo etc.?

Não devemos ser interpretados como afirmando que todo o mal do mundo seja diretamente atribuível a um legado parental de pecado e fraqueza transmitido à criança durante o período de gestação, nem mesmo que seja totalmente atribuível a isso e à educação subsequente da criança até a idade adulta. Admitimos que é possível que alguns homens e mulheres maus tenham tido uma origem e uma educação relativamente boas, assim como Satanás foi criado perfeito e pecou deliberadamente sob a orientação do Criador; no entanto, estamos seriamente inclinados a duvidar que muitos dos maus caráter tenham tido essas duas importantes ajudas para a retidão. Concordamos plenamente com a declaração bíblica de uma regra geral: “Instrua a criança no caminho que deve seguir, e, quando envelhecer, não se desviará dele.” Quantos pais, mais ou menos dispostos a questionar a veracidade dessa passagem bíblica, lembram-se de que o momento de começar a educar uma criança é logo no momento de sua concepção, e que uma criança mal concebida precisa ser educada para se livrar da fraqueza, da insensatez e do pecado que lhe foram impressos antes do nascimento?

Não pretendemos sugerir a possibilidade do nascimento

[F521]
de uma criança perfeita nas atuais condições decaídas e imperfeitas. Pelo contrário, lembramos bem da declaração do Senhor: "Quem pode tirar algo puro de algo impuro?" Reconhecemos que é verdade para todos que "nasci em pecado, formado na iniquidade, e em pecado minha mãe me concebeu", e estamos apenas insistindo que, independentemente do que o mundo possa ver ou não ver a respeito desse assunto, o povo do Senhor da nova criação deve perceber a possibilidade de amenizar, em certa medida, as manchas e fraquezas próprias da raça caída. Eles, pelo menos, deveriam zelar para que seus filhos nasçam com o caráter mais nobre que lhes for possível conferir, de acordo com o arranjo divino. Caídos eles ainda serão, e de um Salvador ainda precisarão; e, sem ele, jamais poderiam alcançar nem a perfeição nem a dignidade para a vida eterna. O homem natural pode perceber essa verdade até certo ponto e pode se beneficiar de sugestões como essas, mas não na mesma medida em que a nova criatura pode se beneficiar.

Por mais que se esforce, o homem natural continua sendo natural — da terra, terreno — e, portanto, só pode incutir em sua esposa, e ela no embrião, os pensamentos e sentimentos que eles próprios possuem, e estes são necessariamente deficientes no que diz respeito aos sentimentos mais elevados — os espirituais. Enquanto a mente da nova criatura compreende as esperanças, promessas e ideais espirituais, e busca adequadamente incutir isso em tantos quantos o Senhor nosso Deus chamar por meio de sua verdade e graça — buscando especialmente desenvolver filhos de Deus —, no entanto, se por qualquer motivo eles entrarem em relações matrimoniais e considerarem sensato formar uma família humana, eles têm grande vantagem nesse aspecto sobre o homem e a mulher naturais. Eles têm ideais mais elevados, esperanças mais grandiosas, aspirações mais nobres, alegrias mais puras; e, ao perceberem a influência de seus pensamentos, emoções e sentimentos sobre o feto, tais pais estariam em posição de fazer pela criança muito mais do que outros pais poderiam fazer por seus filhos.

O mundo adquiriu uma sabedoria egoísta que segue, de certa forma, essa linha. Por exemplo, aqueles interessados em animais de raça,

[F522]
gado, cavalos, ovelhas etc., não apenas dedicam atenção cuidadosa ao acasalamento adequado, mas, além disso, especialmente quando se empenham em criar cavalos velozes, dedicam atenção cuidadosa às mães durante o período de gestação. Todas as suas necessidades e conforto são atendidos; seus estábulos são limpos, arejados e bem iluminados; e, sem saber ao certo até que ponto a égua possa apreciar imagens, as paredes de seu estábulo exibem fotos de cavalos em corrida. Além disso, enquanto está prenha, ela é levada a locais onde possa ver cavalos em competição, corridas etc. Tudo isso tem como objetivo despertar na mãe uma ambição, cuja impressão, refletida em seu potro ainda no útero, será benéfica e vantajosa para a velocidade e, assim, lucrativa e gratificante para o proprietário, tanto financeiramente quanto em outros aspectos.

Os pais humanos não têm esse tipo de interesse financeiro em relação aos filhos; mas têm, ou deveriam ter, um interesse muito mais profundo e altruísta. Suas esperanças e ambições em relação ao filho deveriam ser vê-lo bem dotado no que diz respeito às qualidades mentais e morais. E embora a nova criatura não possa esperar gerar em seu filho uma natureza do espírito (já que isso não é de sua competência), ela poderia esperar dar-lhe uma herança terrena de boa índole que estivesse em estreita sintonia com as coisas do espírito. Esse certamente deveria ser o seu desejo, objetivo e esperança. Muitos filhos foram gerados por pais honestos e tementes a Deus e foram abençoados de acordo com isso, e essa influência, favorável a um alto padrão humano, chegou a todos os lugares por onde o evangelho de Cristo passou. Por isso, temos tipos e padrões mais elevados, mais generalizados hoje em terras civilizadas do que em terras pagãs, apesar do fato de que os cristãos, em geral, têm apreciado apenas de forma imperfeita seus privilégios e responsabilidades em relação aos filhos.

A essência do argumento é esta: se as novas criaturas se unirem e decidirem gerar descendentes segundo a carne, devem disciplinar suas mentes e desejos de modo que o momento da concepção não seja apenas de amor e respeito mútuos, mas também de reverência ao Criador e de apreciação do poder divino da procriação que lhes foi concedido. Deve ser, além disso, uma

[F523]
ocasião de oração pela bênção divina; e, a cada dia e a cada hora a partir de então, os interesses da criança devem ser preservados em todos os arranjos da vida. Isso não deve ser considerado um mero incidente da vida, mas a coisa mais importante. Seria uma ocasião especial para o exercício das virtudes do espírito, que deveriam ter sido previamente cultivadas em grande medida — fé em Deus e em suas promessas, esperança, confiança, paciência, bondade fraternal, mansidão, gentileza, amor. Essas virtudes, é claro, prevalecem em todos os momentos entre aqueles que pertencem à nova criação, mas eles devem estar atentos nesse momento, pois estão cientes de que estão influenciando, moldando e imprimindo o caráter em outra geração.

Na medida do possível, o lar deve ser alegre e animado, com a mente direcionada para atividades que sejam benéficas, como leitura, escrita, matemática e os deveres práticos da vida. A formação do coração também deve ser lembrada — o cultivo de acordo com princípios de justiça, amor e sabedoria, com o reconhecimento contínuo do Senhor em todos os assuntos da vida; com confidências amorosas entre marido e mulher e sentimentos bondosos e benevolentes para com o mundo em geral. Com benevolência, justiça e amor associados a todos os assuntos da vida, as condições seriam das mais favoráveis; mas tal condição dificilmente poderia ser imaginada sem a mais plena concordância do marido e sem sua cuidadosa provisão e supervisão; pois, como já sugerido, a mãe, nesse momento, é a menos capaz de assumir a supervisão dos assuntos, mesmo quando se trata daqueles que pertencem propriamente ao seu próprio domínio na família. Além disso, o marido deve ter ainda mais cuidado para conduzir a conversa da maneira correta, para proporcionar alimento adequado e enriquecedor, tanto mental quanto material, e, acima de tudo, para estimular a mente pura de sua esposa no que diz respeito ao Senhor e ao seu glorioso plano, bem como a todas as características do caráter divino: sua sabedoria, amor, beneficência, justiça e poder.

Muitos pais cristãos poderiam responder a isso, alegando que não se encontram em circunstâncias de vida que lhes permitam ter todas as conveniências, confortos e liberdade das tarefas domésticas e de outras preocupações

[F524]
nesse momento. Respondemos que apenas delineamos o ideal, e que cabe a cada um dos filhos do Senhor buscar aproximar-se o mais possível desse ideal. Mas a nova criatura nunca deve esquecer que, nesta como em todas as outras experiências da vida, o Senhor, por meio de sua graça e do seu espírito, compensa todas as desvantagens e carências terrenas. Alguém assim, em circunstâncias desfavoráveis em qualquer grau, deve buscar com ainda mais fervor, em oração, ter o coração cheio da paz de Deus, que excede todo o entendimento, e permitir que ela reine continuamente. Um resultado dessa paz no coração é que, por mais que a desordem inevitavelmente rodeie a mãe, a criança certamente desfrutará de uma medida maior de paz e amor do que teria de outra forma — mais do que seus irmãos e irmãs nascidos em outras circunstâncias teriam. Ela deverá ser menos nervosa e irritadiça, mais serena e pacífica, mais inclinada à retidão em princípios e na conduta.

"Instrua a criança no caminho em que deve andar"

"Quem poupa a vara odeia seu filho." (***Provérbios 13:24***) *"Que filho é aquele a quem o Pai não castiga?" "Se vocês estão sem castigo... então não são... filhos."* ***Hebreus 12:7***

Nada está mais longe de nossa intenção do que incentivar o uso indiscriminado e frequente da vara na educação das crianças. Citamos essas escrituras, no entanto, para mostrar a posição equivocada daqueles que sustentam que o castigo corporal pelos pais, mesmo quando necessário, é errado. O lar que é *governado* com a vara deve, necessariamente, ser um lar infeliz. Os lares das novas criaturas devem ser governados pelo amor, não pela vara. A vara deve ser mantida meramente como uma necessidade ocasional para fazer cumprir as regras do amor; e, quando for aplicada, deve ser empunhada pela mão do amor e nunca pela mão da ira. As novas criaturas, governadas pelo espírito de uma mente sã, aprendem gradualmente que a ordem é uma das primeiras leis do céu e, portanto, deve ser um dos primeiros elementos e características dos lares das novas criaturas.

[F525]

A ordem, no entanto, não significa necessariamente silêncio absoluto; caso contrário, o deserto e as cidades silenciosas dos mortos seriam os únicos lugares onde a ordem reinaria. A ordem pode significar alegria tanto quanto paz, felicidade tanto quanto descanso, liberdade tanto quanto lei. Ordem significa lei — para as Novas Criaturas, a Regra de Ouro e a Lei do Amor regem o chefe da família e sua companheira, bem como regem os filhos, tornando os pais exemplos para os filhos em todas as virtudes cristãs. Lei, mesmo a Lei do Amor, significa recompensas e punições, e, na família, cabe aos pais aplicá-las. De acordo com suas fraquezas reconhecidas, eles, por sua vez, precisam da orientação do Pai Celestial para que possam glorificá-lo não apenas em seus próprios corações e vontades, mas para que seus lares sejam exemplos terrenos dos lares dos justos, dos lares daqueles que têm a mente de Cristo.

Suas recompensas para os filhos devem consistir na provisão de confortos e bênçãos que as circunstâncias, sob o controle de uma providência reconhecida, permitam. Suas punições podem ser mais ou menos severas de acordo com a teimosia da criança, mas nunca de acordo com o padrão da justiça, nunca na tentativa de infligir à criança a medida completa do que sua conduta poderia justamente exigir — porque nós mesmos não estamos sob a justiça, mas sob a misericórdia, sob o amor, e devemos demonstrar misericórdia, não apenas em nosso relacionamento com os outros, mas especialmente em nosso relacionamento com nossos próprios filhos, cujas imperfeições e falhas são, sem dúvida, atribuíveis, em maior ou menor grau, a nós mesmos e aos nossos antepassados. O amor pode, às vezes, punir com a recusa de um beijo, assim como pode, às vezes, recompensar com a oferta de um beijo; pode, às vezes, por um tempo, afastar o desobediente da companhia dos obedientes e dos prazeres proporcionados a eles. A Lei do Amor pode, às vezes, até mesmo exercer a vara da disciplina a ponto de negar o jantar ou de fornecer apenas o necessário — pão e água — e privar de alguns dos confortos e luxos adicionais; ou pode, às vezes, empunhar a vara literal do castigo para impor

[F526]
a obediência e, assim, preservar a ordem e as bênçãos do lar, não apenas para os filhos obedientes, mas também para aquele que é castigado, a quem espera, dessa forma, abençoar e levar à plena harmonia.

Dificilmente é necessário admoestar a nova criação para que não use palavras iradas ou duras com seus filhos; pois sabem que esse tipo de linguagem é imprópria para qualquer pessoa, em quaisquer circunstâncias. Pelo contrário, sua "fala deve ser com graça", com amor, com bondade, mesmo ao repreender. Tampouco é necessário sugerir à classe a que nos dirigimos a impropriedade de um golpe precipitado, que poderia causar dano à criança não apenas fisicamente — talvez prejudicando permanentemente sua audição —, mas também ferir seus sentimentos, desenvolvendo nela um medo dos pais em vez de amor, o que deve ser considerado a única base adequada sobre a qual se constroem a obediência e a ordem no lar. Além disso, o golpe precipitado ou a observação cortante seriam errados, indicariam um estado de espírito inadequado por parte dos pais — um estado desfavorável a uma decisão adequada e justa sobre o assunto, de acordo com a Lei do Amor. O pai ou a mãe deve a si mesmo, como parte de sua própria disciplina, bem como ao filho, nunca infligir uma punição que não tenha considerado suficientemente e, com calma e imparcialidade, concluído que não é *mais*, mas *menos*, do que a justiça poderia adequadamente exigir. Ele deve a si mesmo também que o filho compreenda plenamente a situação, a necessidade de preservar a ordem no lar, para que a felicidade do lar possa continuar a ser uma bênção para todos os seus moradores; que o filho compreenda também profundamente que o pai não nutre raiva por ele, nem malícia, nem ódio, nada além de simpatia, amor e o desejo de fazer-lhe o bem.

Os pais terrenos podem tentar exercer tal controle, mas lhes faltará uma ajuda importante para levá-lo adiante; pois, por não terem se submetido plena e completamente ao Pai celestial, ao seu controle e à sua Palavra, não podem apontar — como faria a nova criatura — para a Lei divina e para sua responsabilidade, bem como para o reconhecimento e os esforços

[F527]
de ser obediente a ela. Os pais cristãos têm — se quiserem usá-la — uma imensa vantagem ao lidar com seus filhos. Devem ler para seus filhos, a partir da Palavra, a sanção divina da autoridade parental — a exigência divina de que um pai deve instruir o filho no caminho que ele deve seguir; e, além disso, devem apontar a necessidade disso — porque todos nós somos pecadores e incapazes de atingir o padrão divino, etc.; que todos esses meios e correções são necessários como auxílios para neutralizar as tendências malignas com as quais nascemos. É um grande erro supor que a mente das crianças não compreenda esses princípios, não compreenda o certo e o errado e a adequação de punições justas para as transgressões, bem como de recompensas pelas boas ações.

Muitos pais se esquecem de olhar para trás e perceber com que antecedência eles próprios aprenderam a valorizar os princípios da retidão — a valorizar o cuidado dos pais, que não deixavam de repreender, corrigir e até mesmo castigar quando parecia necessário. Lembremo-nos também de quão apurado era nosso senso de justiça quando éramos crianças — de como aprovávamos mentalmente a disciplina dos pais quando compreendíamos que seu motivo era o desenvolvimento do caráter, mas de como nos ressentíamos se não enxergávamos um princípio de justiça, se fôssemos repreendidos ou punidos de alguma outra forma por coisas das quais não éramos culpados, ou se fôssemos punidos além de um castigo razoável, compatível com a ofensa. Não só essa é a melhor e mais segura maneira de orientar uma criança, direcionando sua mente segundo os critérios do certo e do errado, da verdade e da falsidade, da justiça e da injustiça, como isso também constitui um treinamento do *caráter* da criança, quando ela está mais suscetível à influência dos pais. Trata-se da formação do caráter em um momento em que a consciência e o julgamento da criança estão em fase de formação e quando ela reconhece adequadamente os pais como seus únicos legisladores. Se esse trabalho de formação do caráter for ignorado na infância, ele se tornará muitas vezes mais difícil nos anos futuros, além das desvantagens que se acumularão tanto para os pais quanto para a criança, vizinhos e amigos nesse intervalo.

[F528]

É, portanto, de suma importância perceber que a educação de uma criança não consiste apenas em ensiná-la a respeitar seu comportamento externo em termos de educação, limpeza, obediência etc., mas, além disso — e, na verdade, principalmente —, no estabelecimento de *princípios corretos no coração*: o reconhecimento adequado, ali, da vontade do Senhor como sendo o único padrão de vida, tanto para os mais velhos quanto para os mais jovens. A Regra de Ouro, a Lei do Amor, da generosidade, da mansidão, da paciência, da gentileza e da tolerância, deve ser inculcada no que diz respeito ao relacionamento da criança com outros membros da família, com colegas de brincadeira etc. A criança a quem se ensina a ser egoísta, ou aquela cujo egoísmo natural não é gentilmente levado ao seu conhecimento (embora não na presença de outras pessoas) e repreendida e corrigida com amor, está perdendo uma lição da maior importância no momento mais oportuno.

O pai ou a mãe que negligencia tal oportunidade de dar orientações e correções à mente e ao julgamento, bem como à conduta externa, não apenas está perdendo a oportunidade mais favorável em relação ao seu filho, mas também está permitindo que ervas daninhas cresçam no jardim do coração, onde apenas as virtudes do espírito deveriam crescer; e, assim, está acumulando mais ou menos dificuldades para si mesmo ao lidar com essa criança nos anos futuros. Muitas das angústias e lágrimas de pais bem-intencionados diante da rebeldia, teimosia, egoísmo e "fase de rebeldia" de seus filhos poderiam ter sido evitados se eles tivessem cumprido seu dever para com essas crianças na primeira infância. Além disso, tais pais perdem uma grande bênção em suas próprias experiências; pois é indubitavelmente verdade que o pai que está educando adequadamente seu filho na abnegação, no amor, na obediência, na reverência a Deus, na disposição para ajudar o próximo, etc., etc., estará adquirindo experiências valiosas para si mesmo — crescendo em graça, crescendo em conhecimento e crescendo em amor, enquanto se esforça para ensinar esses princípios ao seu filho. Ele aprenderá, também, que a criança esperará vê-lo ilustrando, em sua conduta diária e em seu relacionamento com Deus, com os membros de sua família e com seus semelhantes, os princípios que ele procura incutir nos outros. Isso o tornará mais cuidadoso com suas próprias palavras, com sua

[F529]
própria conduta; e tal cuidado, tal circunspecção em todos os pequenos assuntos da vida, públicos e privados, certamente desenvolverá nesse pai cada vez mais as graças do espírito do Senhor, tornando-o assim cada vez mais aceitável aos olhos do Senhor e preparando-o e aperfeiçoando-o para o Reino.

A atmosfera do lar, por mais pobre que seja, deve ser de pureza. Sabemos que a pureza absoluta em pensamento, palavra e ação é impossível em nossas condições atuais, assim como a pureza material é absolutamente impossível onde o ar está cheio de fuligem e poeira. Mas todo lar cristão deve ser o mais próximo possível da limpeza absoluta — tão livre da sujeira e da imundície externas quanto as circunstâncias permitirem, e tão livre da desonestidade moral e da impureza quanto os vasos de barro imperfeitos puderem ser. Toda criança deve ser capaz de olhar para trás e recordar seu lar, por mais humilde que seja, por mais escassamente mobiliado que esteja, como um lugar limpo, uma casa de Deus, um lugar santo. Ela deve ser capaz de relembrar e, na comemoração, evocar a voz da oração no altar familiar, as palavras gentis do pai ou da mãe em diversas ocasiões e o espírito geral de paz e tranquilidade proveniente da satisfação e da submissão à providência divina. Ela deve ser capaz de sentir o doce aroma do amor que permeia o lar e está associado a cada membro da família, manifestando-se em mansidão, gentileza, bondade e disposição para ajudar.

Pode-se esperar que uma criança criada e educada em tal atmosfera de amor deseje agradar ao Senhor e obedecê-Lo desde os primeiros momentos de sua consciência; e, a partir dos dez aos doze anos de idade, deve ser incentivada a refletir sobre a conveniência de uma consagração plena ao Senhor — a lembrar-se de que sua posição diante do Senhor, durante o período de imaturidade de julgamento, é por meio dos pais, mas que, à medida que alcança a maturidade de espírito, o Senhor espera uma consagração pessoal. Caso tal criança, assim educada, negligencie ou se recuse a fazer a consagração ao Senhor, podemos ter certeza de que as influências do lar ainda continuariam; embora

[F530]
quando os anos de maturidade forem alcançados e nenhuma aliança com o Senhor tiver sido feita, tal pessoa poderá, com razão, hesitar em se aproximar do trono da graça — hesitar em reivindicar do Senhor a bênção que Ele prometeu àqueles que são *Seus*, porque se recusou a se tornar Seu. No entanto, a essa pessoa ainda permanecerá uma preciosa lembrança dos momentos de aproximação ao trono da graça e do cuidado divino sobre o lar da infância e sobre si mesma, e haverá continuamente um anseio pela proteção divina e pelo privilégio de se aproximar do Criador com o clamor: "Abba, Pai", e pela compreensão do relacionamento com Ele. Caso tal pessoa se torne pai ou mãe, sentirá instintivamente o desejo de educar seus filhos como foi educado, e todas essas influências irão gradualmente exercer cada vez mais influência sobre seu coração; e é muito provável que, pelo menos nessa altura, ele se consagre. De qualquer forma, as influências de um lar piedoso terão estado com ele, uma proteção sagrada contra muitos dos excessos aos quais, de outra forma, ele poderia ter sucumbido.

Compare-se tal lar, com seu doce aroma de amor, bondade, paciência e gentileza, com o lar em que o espírito do Senhor não se manifesta — o lar em que o egoísmo é a regra, no qual a criança observa as brigas entre os pais e como cada um busca o próprio interesse às custas do outro, no qual a criança ouve pouco além de repreensões, reclamações, críticas, palavras iradas, sons ásperos etc. Isso se torna contagioso entre as crianças, e elas, por sua vez, brigam por causa de suas pequenas questões, falam com raiva umas com as outras e mantêm o lar em constante turbulência. A prática contínua do egoísmo no lar desenvolve esse traço na mente e na conduta da criança.

Se, com voz irada, os pais a chamam de "pequena malandra" e os sentimentos da criança, a princípio feridos por tais reflexões contra seu caráter, se endurecem, ela gradualmente aprende a se orgulhar de ser uma pequena malandra. Quando, pela primeira vez, ouve a mãe zangada e impaciente exclamar: "Vou te dar uma surra que você vai ficar à beira da morte!" ou "Vou quebrar suas costas!", sem dúvida há uma certa dose de terror transmitida pelas palavras ao

[F531]
o coração da criança, mas ela não demora a aprender que se trata de ameaças vazias, das quais tem relativamente pouco a temer; e, gradualmente, à medida que aprende que as leis civis do país não permitiriam que os pais lhe infligissem violência grave, a mente infantil conclui que os pais tinham a vontade de lhe fazer mal, mas simplesmente não tinham a liberdade para isso. Dessa mente tão pequena, grande parte do instinto original de amor é expulso. Ela percebe que seus pais são igualmente falsos no que diz respeito às promessas — que as promessas são frequentemente feitas sem a menor intenção de cumpri-las. Assim, a criança é ensinada a mentir, a ameaçar, a prometer, a enganar os outros quanto às suas reais intenções. É de se admirar que tal criança cresça com um caráter duro? O que é surpreendente, ao contrário, é que, entre a educação ruim, a educação indiferente e a ausência total de educação, o mundo civilizado não seja muito pior do que é.

Crianças Nascidas na Justificação

Em todas essas questões, a nova criatura tem uma vantagem decisiva sobre todas as outras no que diz respeito aos seus filhos. Eles devem, para começar, nascer melhores, mais bem dotados desde o nascimento. E essa dotação pré-natal deve ser estimulada desde os primeiros momentos da infância. É quase certo que um bebê de poucos dias ficará nervoso, irritável e angustiado se a mãe estiver assim; uma influência chega à criança, não apenas através do leite materno, mas telepaticamente, eletricamente, da pessoa da mãe para a criança. Que vantagem geral, então, a nova criatura tem na habitação do espírito do Senhor, com sua paz, amor e alegria; e quão favorecido é o bebê sob tal cuidado! Humanamente falando, quão grandes são suas possibilidades em comparação com as possibilidades de outros no que diz respeito à nobreza masculina e feminina; e, falando do ponto de vista da Palavra do Senhor, quão grande é sua vantagem quando nos lembramos de que os filhos do povo consagrado do Senhor, assim como eles próprios, estão sob a supervisão da providência divina no que diz respeito a todos os seus assuntos; que os filhos dos crentes, também, estão abrangidos pelos termos da promessa de que “todas as coisas cooperam para o bem” deles!

[F532]

Não é difícil perceber que os filhos das Novas Criaturas têm uma posição *provisoriamente justificada* perante Deus, em virtude do relacionamento de seus pais com Ele e com eles. Assim como a desobediência e o afastamento de Adão e Eva do Pai celestial trouxeram afastamento a toda a sua descendência, da mesma forma a reconciliação do povo do Senhor, por meio dos méritos da grande expiação, não apenas os traz de volta à harmonia com Deus, mas também seus filhos são considerados justificados por meio de seus pais e por causa deles, até o momento em que a criança venha a ter inteligência e vontade próprias. A questão é mais complexa, no entanto, quando um dos pais pertence ao Senhor e o outro é um estranho e alheio a Ele; mas o Apóstolo nos assegura que, nesse caso, Deus considera a criança como Sua, por meio de qualquer um dos pais que seja discípulo do Senhor. A influência do pai ou da mãe crente, o pai ou a mãe consagrado(a), é considerada capaz de contrabalançar e anular a influência do pai ou da mãe não consagrado(a), no que diz respeito à criança. Sobre esse assunto, o Apóstolo diz:

"Caso contrário, seus filhos seriam impuros [pecadores, condenados]."

"O marido incrédulo é santificado pela esposa [crente], e a esposa incrédula é santificada pelo marido [crente] [no que diz respeito ao assunto em questão, a saber, os filhos de seu matrimônio]; caso contrário, seus filhos seriam ímpios [pecadores sob condenação, injustificados, sem relação com Deus, alheios ao seu cuidado e bênção]; mas agora [em vista dessa provisão da graça divina] eles são santos [isto é, em um estado de justificação provisória perante Deus, por meio do qual Ele pode tratá-los, não como inimigos]." ***1 Cor. 7:14***

A questão da educação adequada dos filhos pode ser difícil, mas não difícil demais para o Senhor resolver; e, portanto, o pai ou a mãe que se tornou cristão pode esperar que a graça do Senhor abunde proporcionalmente em relação aos seus assuntos, e deve buscar com mais fervor a sabedoria

[F533]
e a ajuda que vem do alto, para que ele seja capaz de cumprir adequadamente suas obrigações mesmo nas circunstâncias mais difíceis. A graça do Senhor é suficiente para nós em qualquer situação. O fato de um ser uma nova criatura e o outro um incrédulo, ou não consagrado, não altera o arranjo divino no que diz respeito à autoridade na família. Esta ainda recai sobre o marido e, se ele for uma nova criatura, deve orientar os assuntos de sua família da melhor maneira possível, dadas as circunstâncias, e guiado pela sabedoria prometida do alto. Se a esposa for a nova criatura, sua sanidade de espírito, sua devoção aos princípios da justiça, sua gentileza, mansidão, consideração e cuidado devem torná-la uma verdadeira joia na família, devem fazer com que sua luz brilhe diante de seu marido, de modo que ele tenha prazer em conceder-lhe, na prática, o controle total sobre os filhos, para o qual ele reconheceria que ela é especialmente apta. Qualquer regra ou autoridade que ela venha a exercer, no entanto, seria delegada por seu marido, que, seja ele santo ou pecador, é o chefe responsável de sua família.

Da mesma forma, o marido, ao deixar sua luz brilhar, deveria esperar que, em pouco tempo, sua esposa, assim como seus filhos, percebessem sua diferença em relação aos homens irreligiosos, seu espírito de amor, sua gentileza e disposição para ajudar, e seu espírito de sanidade. No entanto, se esses resultados, que deveriam ser esperados, não se concretizarem — se, quanto maior for a fidelidade, pior for o tratamento por parte do cônjuge incrédulo — a ponto de uma separação se tornar necessária, lembremo-nos de que o conselho do Senhor já nos advertiu de que tal poderia ser nossa experiência, dizendo: “Não vos espante a provação ardente com que sereis provados”; e ainda: “Os inimigos do homem serão os da sua própria casa”. E ainda: “Não vim trazer paz à terra, mas espada”. Minha mensagem, embora seja uma mensagem de paz e bênção no tempo presente, frequentemente resulta em contenda, porque os filhos das trevas odeiam a luz e porque muitos deles, sob o engano do adversário e as fraquezas de sua

[F534]
própria natureza caída, travarão uma guerra contínua contra ela. Não considerem isso estranho; vejam nisso parte de sua provação; suportem-no como parte da vontade divina, até que o Senhor abra uma porta de escape.

Alguns que se tornaram o povo consagrado do Senhor, membros da nova criação, pedem conselho, dizendo: “Em minha experiência cristã inicial na Igreja nominal, fui mal instruído. Fui levada a entender que, quando me converti, fui salva, não precisava de mais nada, a não ser simplesmente frequentar a igreja regularmente e pagar minhas contribuições. Recebi pouca ou nenhuma instrução a respeito da necessidade de erradicar o pecado e o egoísmo do meu próprio coração e, em seu lugar, receber cada vez mais do espírito do Senhor, com sua riqueza de amor e todas as graças interiores a ele associadas. Dedicava todo o meu tempo e energia extras a ajudar meu marido nos negócios e a me esforçar para subir na vida, e fui deixada na ignorância quanto ao significado do meu renascimento pelo espírito, e de que deveria estar cultivando uma renovação da mente que me levasse a buscar cada vez menos as coisas terrenas e cada vez mais o caráter, as graças, o poder e o crescimento celestiais. Durante esse período, meus filhos nasceram. Presumo que eles tenham herdado esses traços meus que eu cultivava na época em que os carregava, e, após o nascimento deles, percebi que foram tristemente negligenciados no que hoje considero ser a educação adequada que uma criança deve receber, o dever próprio de um pai ou mãe que é a nova criatura em Cristo Jesus. Agora meus filhos são indisciplinados, rebeldes, egoístas e desobedientes. Eles não só carecem de reverência a Deus, mas também de reverência a mim e às minhas visões religiosas. O que posso fazer com eles? Reconheço o perdão do Senhor, por meio de Cristo, pelo meu falho cumprimento do dever para com eles no passado, fruto da minha ignorância. Percebo, também, que estou simplesmente colhendo o que plantei, e que minhas experiências atuais são apenas uma retribuição justa pelo meu descuido com meus deveres no passado. Ah, onde estava meu senso cristão? Quão desprovido eu estava do espírito de uma mente sã, e onde estavam meus instrutores e guias religiosos, que não apenas me ensinaram erroneamente a respeito do caráter e do plano divinos, mas que nem mesmo me instruíram

[F535]
a respeito dos mais simples deveres naturais — minhas obrigações parentais? Ai de mim, percebo que gastei meu dinheiro em seu sustento para aquilo que não era pão, para aquilo que não satisfaz — nem temporalmente nem espiritualmente! Mas agora, qual é o meu dever? Que caminho devo seguir? Como posso corrigir, na medida do possível, minha negligência do passado?"

Nossa resposta a tais indagações é que, neste como em outros assuntos, o povo do Senhor não deve se entristecer como aqueles que não têm esperança. O Senhor, sem dúvida, ficará satisfeito ao nos ver arrependidos por termos falhado em nossos deveres no passado, e sem dúvida ficará satisfeito ao nos ver pedir seu perdão por tais falhas, e ao nos ver prometer maior fidelidade daqui em diante na busca e no cumprimento de nossas obrigações para com aqueles que dependem de nós. Ele certamente ficaria satisfeito em ver-nos encarar as experiências atuais com filhos indisciplinados com paciência e tolerância, como parte do castigo pelos pecados de omissão ou de ação em relação à educação deles; e, assim encaradas, essas provações podem servir para nosso aperfeiçoamento e preparação para o Reino.

Quanto ao dever de tal pai ou mãe para com essas crianças, seria, sem dúvida, começar por ensinar-lhes as lições que deveriam ter sido ensinadas na infância, relativas à responsabilidade para com o Senhor, aos princípios do bem, da justiça e do amor uns para com os outros e para com todos. E essa instrução deveria ser dada com grande amor, tolerância e paciência, o que seria uma lição notável para a criança sobre o poder da graça no coração dos pais. De acordo com a idade da criança e outras circunstâncias relacionadas — até que ponto princípios errados se enraizaram, etc. —, os resultados devem ser aguardados com paciência; e *as restrições* que pareçam absolutamente necessárias devem ser aplicadas com gentileza, consideração e explicações. A autoridade parental deve ser estabelecida com bondade, não com rudeza. Não se deve esperar que crianças que tenham o hábito de mandar na casa se tornem boas e obedientes instantaneamente. Deve-se buscar a sabedoria do alto no que diz respeito aos detalhes da organização e da administração do lar, pois ninguém de fora é competente

[F536]
para compreender a fundo todos os assuntos da família de outra pessoa, nem para dar orientações específicas a respeito de sua administração adequada.

Dois princípios devem servir de orientação: em primeiro lugar, o amor ao Senhor e aos filhos, e esse amor deve ser guiado e direcionado pela Palavra de Deus; e, em segundo lugar, a Palavra de Deus, como fonte de autoridade e instrução, deve ser continuamente invocada. Além disso, todos os pais devem aprender a tratar os filhos com consideração. Sejam eles filhos bem educados ou não, devem perceber que os pais respeitam suas consciências e seus julgamentos, e se esforçam para lidar com eles em harmonia com esses elementos de caráter. Especialmente quando a criança atinge a maturidade, deve-se apelar para sua razão e, na mesma proporção, a força e o castigo físico devem ser abandonados.

O princípio da justiça, ao qual já nos referimos, encontra-se, em certa medida, em quase todos os seres humanos, especialmente quando o senso de justiça coopera com o egoísmo. Assim, ao atingir a idade adulta, a criança sente instintivamente que ultrapassou um limite e não deve mais ser tratada como criança, mas como companheira; não deve mais *receber* ordens, mas sim pedidos; não deve mais ser *obrigada* a prestar contas detalhadas de todo o dinheiro ganho, mas deve ter mais liberdade de decisão e autonomia do que antes. Pais sábios, justos e amorosos não devem tentar violar esses direitos da maturidade; mas, a partir desse período, devem procurar tratar a criança como se fosse um irmão ou uma irmã mais nova — como conselheiro e melhor amigo. Bons pais às vezes são imprudentes e injustos nesse aspecto e se aproveitam da autoridade que a criança reconheceu até aquele momento. Eles ignoram sua nova condição de homem ou mulher e tentam perpetuar o caráter imperativo da autoridade parental como antes; e, às vezes, obtêm certo sucesso, mas nunca, acreditamos, em benefício próprio nem em benefício real de seus filhos. Eles sabem, tão bem quanto seus filhos, que estão

[F537]
se aproveitando da docilidade do filho e que, se ele se rebelasse, as coisas seriam rapidamente resolvidas de maneira diferente. Eles deveriam considerar que sua atitude prejudica o afeto verdadeiro que o filho nutre por eles. Ele percebe essa evidência de egoísmo e injustiça na conduta dos pais, cujos sentimentos ele antes julgava de outra forma. O amor filial é, assim, minado em suas próprias raízes, e os pais tendem a perceber o erro dessa conduta antes de morrerem, mesmo que ela tenha sucesso temporariamente. Não pretendemos sugerir que as obrigações do filho para com os pais cessem quando se alcança a maturidade. Muito pelo contrário. Defendemos, em consonância com o direito civil mundial, que o filho é obrigado a sustentar os pais enquanto estes viverem e enquanto o filho tiver forças para prover o necessário. Nosso argumento é que, embora, antes da maturidade, os pais tivessem controle total, após a maturidade o filho possui uma personalidade e individualidade que devem ser reconhecidas e respeitadas. É dever do filho prover o sustento dos pais, mas, quando devidamente apelado, esse sustento deve ser providenciado com maior prontidão e carinho. A obrigação do filho para com os pais idosos quanto ao seu sustento corresponde exatamente à responsabilidade dos pais pelo cuidado e sustento razoável do filho na infância e na imaturidade. O pai que agiu com justiça e amor para com seu filho certamente raramente será deixado na carência enquanto esse filho tiver forças para prover.

Ao considerar os deveres dos pais para com os filhos, surgem várias questões a respeito da quantidade adequada de educação e das restrições razoáveis quanto ao tipo de leitura e informação com que a mente é alimentada. Somos daqueles que valorizam altamente a educação; e, no entanto, acreditamos que se deve exercer grande sabedoria no que diz respeito ao que constitui uma educação. A educação é como o polimento. Quase qualquer pedra pode ficar bonita com um polimento cuidadoso, mas esse polimento cuidadoso não é igualmente valioso ou útil para todas as pedras. No caso de um diamante, um rubi ou outra pedra preciosa, o polimento é absolutamente necessário para o desenvolvimento das qualidades latentes

[F538]
da pedra; sem as facetas, a beleza e o brilho da pedra não poderiam ser apreciados nem exalar seu esplendor. Mas o mesmo polimento aplicado a um paralelepípedo da rua seria um desperdício de energia; pior do que isso, tornaria o paralelepípedo valioso demais, bonito demais, para ser usado como paralelepípedo. Além disso, ela seria menos adequada para suas funções como pedra de calçada após ser lapidada do que se tivesse sido deixada como estava, ou apenas lascada de maneira geral, para se adequar ao seu lugar.

E assim percebemos que o mesmo se aplica à educação, ao polimento da mente por meio de um "curso clássico" na faculdade. Alguns se beneficiariam com tal curso, enquanto outros seriam prejudicados. Quem nunca viu homens tão instruídos que não conseguiam ocupar o lugar na vida para o qual seus talentos naturais os preparavam? Eles eram superinstruídos e, como o homem da parábola, ainda podiam cavar, mas tinham vergonha de mendigar e eram inadequados para qualquer outra coisa. Se, pela providência do Senhor, os pais descobrissem que tinham um filho de mente muito brilhante, e se essa providência guiasse seus assuntos de modo que considerações financeiras e outras abrissem o caminho para um curso universitário para tal filho, eles poderiam muito bem considerar se essas indicações eram ou não a orientação do Senhor no que diz respeito ao seu dever para com o filho, e deveriam seguir suas convicções. No entanto, ao enviá-lo para a faculdade neste momento, deveriam sentir uma grande apreensão, um grande temor, para que esse refinamento exterior, proveniente da sabedoria deste mundo, não apagasse todo o refinamento da fé, do caráter e do coração que eles, como pais e instrutores adequados da criança, vêm incutindo nela desde a infância e antes mesmo disso.

O povo do Senhor da nova criação deve aprender a valorizar a educação do coração, do caráter e da fé em Deus como uma educação superior, em todos os aspectos, a qualquer coisa que possa ser alcançada nas escolas deste mundo — que a "sabedoria que vem do alto, primeiro pura, depois pacífica, moderada, cheia de misericórdia e de boas obras", é mais desejável do que toda a sabedoria da terra. Devem refletir bem se seus filhos estão tão profundamente enraizados e

[F539]
firmado em caráter, em princípios e na lealdade ao Senhor e à Sua Palavra, de modo que as tendências infiéis das escolas de nossos dias e seus ensinamentos racionalistas, chamados de Crítica Superior, Evolução etc., nunca pudessem suplantar a fé bem fundamentada no Senhor e na Sua Palavra. De fato, o perigo é tão grande que preferiríamos nos contentar com a educação que pudesse ser obtida nas escolas públicas, no ensino médio ou nas escolas preparatórias.

Escrevemos com plena consciência de que, para os de mentalidade mundana, esse conselho é loucura ou algo pior. No entanto, aprendemos a encarar as questões a partir do que acreditamos ser o ponto de vista divino e recomendamos que todo o povo consagrado do Senhor se esforce, nesta e em todas as questões, para buscar esse ponto de vista — a visão do Senhor sobre o assunto. Podemos acrescentar, ainda, que, nos tempos difíceis em que vivemos, com a correria, a agitação e o nervosismo de nossos dias, a pessoa que passa a vida até os 21 anos na escola, sendo preparada para as atividades da vida, perdeu outro tipo de formação que é alcançada pelo rapaz que, ao concluir o ensino médio aos, digamos, 14 ou 15 anos, passa por um curso adicional de treinamento em algum tipo de negócio, "subindo na carreira". Ao completar seis anos de formação prática no mundo dos negócios, é provável que ele esteja muito mais apto a lidar com as condições atuais do que o jovem que passou o mesmo número de anos em formação universitária.

Quanto ao lazer: uma das principais vantagens do lazer é o exercício prazeroso a ele associado, pois é indubitavelmente um fato que o exercício praticado com prazer é muito mais proveitoso do que o mesmo exercício seria se fosse praticado como uma tarefa árdua. Por meio de alguma química desconhecida de nossos organismos, a mente e seus estados de ânimo estão relacionados a todas as funções da vida. Nossos estados de espírito felizes cooperam melhor com todas as forças e funções da natureza para a edificação de nossos organismos e a reparação de seus danos. Mas é uma ideia equivocada insistir que aquilo que é útil é um trabalho árduo e que somente aquilo que é inútil é um prazer, uma brincadeira. Somos da opinião

[F540]
que um pensamento errado relacionado a esse assunto levou muitas pessoas sensatas a cultivar a brincadeira e a ociosidade quando, ao contrário, elas deveriam ter resistido aos impulsos naturais da natureza decaída nessas direções. O jardim de infância é um movimento relativamente recente, no que consideramos ser uma direção muito correta — tornar o aprendizado prazeroso para a criança. E todo prazer subsequente, incentivado pelos pais sensatos, deve seguir, de certa forma, a mesma linha — nada que seja meramente um desperdício de tempo e energia deve ser aprovado.

O relaxamento e a recreação devem ser garantidos principalmente por meio da mudança de ocupação, e não pela ociosidade ou por exercícios inúteis. A menina tem prazer em vestir sua boneca, cuidar dela e "brincar de casinha". O menino "brinca de loja" e, usando areia etc. como substitutos, faz transações imaginárias com chá, café, açúcar e batatas; ou "brinca de cavalo", de carroceiro, ou se imagina como pregador, missionário, professor ou médico. Todas essas brincadeiras vão na direção certa e devem ser incentivadas nas crianças. À medida que crescem, elas devem ser levadas a considerar, como parte de seu lazer, ajudar a manter a casa em ordem ou auxiliar na loja ou no comércio de verdade com seus pais, responsáveis ou outras pessoas. Se forem ensinados a ter prazer em ser úteis e em ajudar os outros, seja financeiramente ou de outra forma; se forem ensinados que a ociosidade é um pecado e uma vergonha, um desprestígio para qualquer pessoa e um desperdício de oportunidades valiosas, eles terão a atitude adequada para enfrentar os deveres da vida com prazer e não invejarão aqueles que desperdiçam tempo e dinheiro assistindo a um jogo de bola ou participando de algo igualmente tolo e inútil.

A economia de tempo, assim como de recursos, deve ser inculcada desde a infância — não com o objetivo de cultivar o egoísmo, mas uma economia em conformidade com a vontade divina de que nada seja desperdiçado. O mestre, depois de alimentar a multidão, ordenou que os pedaços fossem recolhidos e não desperdiçados, indicando assim sua posição em relação a todos os assuntos: que não haja desperdício; que reconheçamos uma responsabilidade

[F541]
para com ele por cada momento, cada dólar, cada dia; não uma responsabilidade que nos mantenha no medo, mas uma responsabilidade que se deleita em perceber a vontade divina, em estar o mais em harmonia possível com ela, e que compreende que tal conduta agrada ao Senhor e, portanto, pode ser plenamente desfrutada.

O Exercício Adequado da Mente Infantil

À medida que a criança cresce e percebe o quanto há no mundo para aprender, ela deve ser incentivada a ler, mas, desde o início, deve ser ensinada a distinguir sabiamente entre as "lascas" da ficção e as "maçãs" do conhecimento. Deve-se mostrar-lhe que cada lasca armazenada em sua mente é pior do que inútil, um dano ou um fardo, além de ter custado tempo valioso, que poderia ter sido usado com proveito para acumular conhecimento, tão necessário para o cumprimento adequado dos deveres da vida. Deve-se incentivá-la a ler livros que forneçam informação, e não romances. Ele deve ter um conhecimento considerável sobre a história de sua terra natal e um conhecimento razoável do restante do mundo. Ele pode adquirir isso por meio de obras de história: não nos referimos apenas às histórias que apresentam a sucessão de reinos, batalhas e generais, mas, mais especificamente, a obras que mostram o desenvolvimento social, moral e intelectual das épocas passadas e do mundo como ele é hoje. De maneira agradável e gentil, deve-se mostrar à criança a importância dessas informações como parte essencial de sua educação para o futuro — deve-se apelar para sua razão e seu discernimento e, assim, conquistar sua vontade a favor dessa leitura educativa e contra toda literatura frívola, de má qualidade e sonhadora, que lhe causará danos e a deixará despreparada para os deveres da vida.

O flagelo das sugestões malignas

O texto a seguir apareceu recentemente em uma crítica a um romance, nas colunas do *Church Standard*. Ele ilustra o pior lado da lição que gostaríamos de incutir:

"Um dos pensamentos mais terríveis relacionados a esse

[F542]
assunto é a permanência de impressões repugnantes na memória humana. Anos atrás — não importa quantos, e se neste país ou em outro, não é preciso dizer — uma senhora estava em seu leito de morte. Ela ainda era jovem e havia levado uma vida mais protegida do que o habitual. Em cada ato e palavra, ela fora a pureza encarnada. Não se acreditava que ela tivesse tido, em toda a sua vida, a menor oportunidade de ouvir uma única sílaba obscena. No entanto, em seu delírio, ela derramou, na presença de amigos e cuidadores, uma torrente de imprecações obscenas que os deixaram horrorizados. Eles não conseguiam imaginar onde ela poderia ter ouvido tais palavras, e nunca descobriram. Mas seria por isso que deveriam inferir que ela as havia secretamente amado e se deleitado com elas? Não é assim. A verdadeira conclusão é esta: que, tendo-as ouvido em algum momento infeliz, ela as havia detestado profundamente e que, justamente em seu esforço para esquecê-las, as havia fixado tão profundamente em sua memória que elas permaneceram com ela até a hora da morte. Essa não é apenas a visão benevolente, é a visão justa e é a visão razoável. Mas isso nem sempre se aplica. Quando a mente e a imaginação foram abertas e mantidas abertas por muitas horas ou dias à recepção de pensamentos impuros e à contemplação de imagens obscenas, quem poderá avaliar o efeito depravador de tal associação mental? De todas as coisas más neste mundo de tantos males, não conhecemos nenhuma tão terrivelmente assustadora em sua sutileza e na permanência de sua influência corruptora quanto um livro ruim escrito por um homem de gênio."

O elemento religioso da mente da criança requer formação especial, e, nesse aspecto, o pai cristão deve ser seu tutor. Na atual condição de confusão do mundo em relação a assuntos religiosos e em sua postura mais avançada no que diz respeito à escola comum e ao ensino público, qualquer tentativa de ensinar qualquer tipo de religião certamente se oporá aos preconceitos ou às convicções de consciência de alguns dos interessados. Portanto, a justiça exige que as escolas públicas sejam livres de qualquer conotação religiosa, instrução, formas e cerimônias. Apesar de nossa reverência pela Bíblia como a Palavra de Deus, acreditamos que o fato de os judeus se

[F543]
se opõem aos ensinamentos do Novo Testamento, que muitos, sob a influência da Crítica Superior, se opõem a grande parte do Antigo Testamento, assim como ao Novo, que alguns infiéis, céticos, budistas, teosofistas etc. se opõem totalmente à Bíblia, enquanto outros discordam da tradução comum — tendo em vista também o fato de que todas essas categorias são tributadas para o sustento das escolas e obrigadas a usufruir delas —, seria justo e sensato omitir os exercícios religiosos nas escolas, e ignorar a Bíblia como livro religioso, abordando-a, se for o caso, meramente como história antiga, em vez de ofender tantos que não concordam conosco.

Tendo em vista nossa reconhecida reverência pela Bíblia como a Palavra inspirada de Deus, essa sugestão pode parecer estranha para alguns; mas acreditamos que seja o caminho correto, em harmonia com a Regra de Ouro. É verdade que podemos ser uma minoria tão pequena que nossa influência, se decidíssemos exercê-la, seria insignificante, nem as novas criaturas devem considerar seu dever tornar-se os advogados disso, mais do que de outras reformas morais. Todas as novas criaturas têm uma missão mais elevada e grandiosa relacionada ao desenvolvimento da nova criação e, portanto, podem muito bem deixar todas essas reformas morais nas mãos do mundo por enquanto, até que o Reino venha. No entanto, é eminentemente apropriado que tenhamos o espírito de uma mente sã e estejamos em plena concordância com a justiça, mesmo que nunca surja uma oportunidade adequada para expressar nossos sentimentos sobre esse assunto.

De qualquer forma, certamente seis horas por dia, durante cinco dias por semana, e por menos de seis anos ao longo da vida, é tempo mais do que suficiente para ser dedicado às inúmeras aulas sobre assuntos seculares que são impostas às crianças de nossos dias. Essa alocação de tempo para o estudo secular deixa aos pais e aos guias espirituais por eles escolhidos tempo de sobra para transmitir qualquer tipo de instrução religiosa que lhes pareça melhor. Das 168 horas de cada semana, os estudos seculares certamente merecem todas as trinta horas

[F544]
por semana que lhes são destinadas — especialmente tendo em vista o fato de que os tempos agitados em que vivemos frequentemente impedem a criança de receber mais de três anos desse tipo de formação.

A influência das escolas dominicais

A Escola Dominical tornou-se uma grande instituição em toda a cristandade. Se for considerada à luz de um clube social infantil, que reúne as crianças uma vez por semana e direciona suas mentes para fora dos canais habituais do dia a dia e para uma direção social e religiosa geral, pode-se considerar que a Escola Dominical realizou muito no mundo — especialmente para as classes mais baixas da sociedade. Quanto ao efeito das Escolas Dominicais sobre os filhos de crentes, consideramos que é prejudicial. Estamos cientes, no entanto, de que tal opinião será considerada extrema até que nossas razões sejam plenamente compreendidas. São elas:

(1) As Escolas Dominicais têm sido prejudiciais aos pais cristãos, na medida em que os levaram a considerar-se isentos da responsabilidade parental que lhes foi confiada pelo Senhor. O professor da Escola Dominical é frequentemente totalmente incapaz de assumir tal responsabilidade, muitas vezes um novato no que diz respeito às crianças e à sua formação adequada — raramente alguém que professe a total consagração e o nascimento do espírito santo. A esse professor é atribuído o lugar dos pais no que diz respeito ao mais importante de todos os deveres parentais. A perda sofrida pelos pais cristãos, por meio desse arranjo, é quase incalculável. É um princípio reconhecido nas questões espirituais que aquele que rega os outros é ele mesmo regado. E assim, o pai que instrui e orienta diligentemente seus filhos em questões morais e espirituais não apenas lhes confere uma bênção, mas recebe ele próprio uma grande bênção em conexão com esse serviço. Essa bênção está faltando aos pais cristãos de hoje, por terem se afastado, sem perceber, do arranjo divino.

(2) A Escola Dominical representa uma desvantagem evidente para os filhos de pais cristãos, pois eles não recebem dos professores da Escola Dominical o tipo de instrução que

[F545]
um pai inteligente e consciencioso poderia e deveria dar.

(3) O sistema da Escola Dominical está repercutindo de forma desfavorável tanto sobre os pais quanto sobre os filhos sob outro ponto de vista: está fazendo com que as crianças percam o respeito pelos pais e, assim, cultivando, por um lado, uma falta de dignidade parental e, por outro, uma falta de reverência filial. Sem dúvida, isso tem muito a ver com a condição atual do chamado "mundo cristão", no que diz respeito à desobediência aos pais, à insubordinação familiar etc. Os órgãos religiosos da mente humana estão localizados no topo da cabeça e devem ser os dominantes quando estão ativos e devidamente desenvolvidos. A veneração é um desses órgãos e precisa ser orientada. Se a criança vê que os pais veneram a Deus e Sua Palavra, e é instruída a partir dessa fonte, ela tem diante de si uma lição prática que deve ser valiosa para ela ao longo da vida, passando, por sua vez, para seus filhos; mas se ela perceber que a veneração dos pais se afasta de Deus e de Sua Palavra e se volta para uma classe clerical, a fim de receber supostas mensagens divinas por meio deles, sem o exercício da razão ou o estudo da Palavra de Deus, a influência sobre a criança será de superstição e subordinação ao clero — uma condição prejudicial no que diz respeito ao desenvolvimento espiritual.

Se, além disso, a criança for enviada a um professor da Escola Dominical para receber instrução a respeito da Bíblia, a lição para a mente infantil é que os pais são incapazes de dar essa instrução; e que, assim como os pais são instruídos por um clero de uma suposta posição superior, se não de natureza diferente, da mesma forma a criança deve considerar seu professor da Escola Dominical de um ponto de vista um tanto semelhante. O efeito geral é privar os pais da estima e da reverência da criança.

Pelo contrário, a criança que foi devidamente ensinada do ponto de vista bíblico, de que Deus falou por meio de Sua Palavra, e que Ele dispôs que alguns de Seus filhos auxiliem outros na exposição e compreensão da Palavra, e que os pais são um desses instruídos e um sacerdote de Deus plenamente autorizado em sua

[F546]
própria família, para ensinar — o professor designado de sua própria família — essa criança, inconscientemente, atribui uma reverência religiosa aos pais, conforme a intenção de Deus. E assim, o arranjo divino concederia a esse pai ou mãe uma influência benéfica ainda maior sobre seu filho enquanto durar a vida. Além disso, o pai ou a mãe, depois de ter inculcado as lições das Escrituras, depois de ter apontado, a partir da Palavra de Deus, os padrões divinos de vida, de caráter, de pensamento, palavra e ação, e a Regra de Ouro da vida — tal pai ou mãe se veria grandemente fortalecido em sua própria prática dos ensinamentos da Palavra. Ele se sentiria compelido a dar o exemplo de seu próprio ensinamento e perceberia que até mesmo as mentes infantis são capazes de aplicar essas regras religiosas aos assuntos da vida cotidiana.

Tal pai ou mãe se veria buscando viver cada vez mais próximo do padrão que proclama como divino; e, em caso de falha em qualquer grau específico, receberia uma bênção ao confessar sua falha diante daqueles que a conhecem, mesmo que fossem seus próprios filhos. Assim, todos — pais e filhos — aprenderiam cada vez mais a valorizar o padrão divino e a buscar no Senhor misericórdia e perdão; e, dessa forma, até mesmo as falhas ocasionais dos pais poderiam se tornar, para a criança, lições permanentes de humildade, contrição e submissão à lei divina.

(4) Evidentemente, muitos cometem um erro tão grande no que diz respeito às funções adequadas da Escola Dominical quanto no que diz respeito à ideia de que o Senhor e os apóstolos erraram ao não estabelecer a Igreja em sua condição sectária atual — ao imaginar que, ao dividir a Igreja de Cristo, realizaram uma obra de sabedoria; que resultados maiores são alcançados por meio do denominacionalismo e das divisões de credos do que teriam sido obtidos se o plano do Senhor tivesse sido rigorosamente seguido, a saber: “Um só Senhor, uma só fé, um só batismo”, uma só Igreja.

A Escola Dominical, tal como foi originalmente criada, era bastante adequada. Ela começou como uma “escola para crianças carentes” em Gloucester, Inglaterra,

[F547]
em 1781 d.C. Robert Raikes, editor do Gloucester *Journal*, um homem cristão, contratou quatro mulheres cristãs para ensinar às crianças de dez a quatorze anos de idade leitura, escrita, costura etc., das 10h até o meio-dia todos os domingos; e, nas tardes de domingo, para lhes ensinar o catecismo e levá-las à igreja. A partir desse pequeno começo, desenvolveu-se a grande obra da Escola Dominical dos dias de hoje. O plano era evidentemente bom e nada destoava das instituições do Senhor e dos apóstolos. Só deixou de estar em harmonia com elas quando substituiu os pais cristãos como preceptores de seus filhos.

Nosso conselho a todos os membros da nova criação é que, quaisquer que tenham sido os erros do passado no que diz respeito à negligência das responsabilidades parentais como mestres religiosos de seus próprios filhos, eles devem começar a reconhecer e cumprir esse dever imediatamente — as circunstâncias, etc., variando de acordo com as idades das crianças e com o grau de insubordinação e desrespeito aos pais que elas já possam ter demonstrado, o que deve ser corrigido com delicadeza, gradualmente, com amor, lembrando-se de que a culpa tem sido, em grande parte, dos pais, por terem negligenciado uma responsabilidade divinamente designada. Nem nós nem os outros somos mais sábios do que Deus, nem devemos nós ou os outros nos atrever a melhorar os princípios gerais estabelecidos pelo Chefe da Igreja e pelos doze apóstolos que ele designou para serem nossos instrutores e guias. Portanto, não devemos reverenciar nem perpetuar instituições criadas pelos homens, por mais arraigadas que tenham se tornado e por mais grandiosas e imponentes que sejam sua aparência e suas pretensões. Todas elas devem ser julgadas por um único padrão — a Palavra divina. Se não estiverem de acordo com a Palavra do Senhor, é porque "não há luz nelas" — elas não são de Deus. ***Isaías 8:20***

A Confiança dos Filhos

Se a confiança da criança nos pais tem suas raízes no reconhecimento do fato de que os pais são membros do

[F548]
do Sacerdócio Real, um filho de Deus, e de que o pai ou a mãe tem comunhão com Deus por meio da oração e é instruído por Deus por meio de Sua Palavra — sendo os ministros meros auxiliares na compreensão da Palavra, etc.— e se, além disso, o espírito de amor e suas diversas graças de mansidão, paciência e bondade permeiem o lar e fluam por seus diversos canais, e se os pais buscarem e exercerem a sabedoria que vem do alto, pura, pacífica e misericordiosa, a confiança da criança repousará naturalmente nesse pai ou nessa mãe no que diz respeito a todos os assuntos da vida. Então, as muitas perguntas que naturalmente surgem na mente em desenvolvimento — religiosas, morais, seculares, sociais e físicas — serão todas levadas de forma muito natural a esse pai ou mãe.

Essas perguntas devem ser esperadas e incentivadas, e devem receber respostas sábias e respeitosas, de acordo com a idade da criança. Perguntas confidenciais nunca devem ser tratadas com leveza, nem as confidências devem ser reveladas. Muitos pais perdem a confiança futura de seus filhos ao menosprezar seus sentimentos ou segredos. Não queremos dizer que todas as perguntas devam ser respondidas por completo (independentemente da idade); uma resposta muito parcial pode ser a mais sensata às vezes, com a sugestão de que uma explicação completa sobre o assunto será dada mais tarde — talvez marcando uma data — como, por exemplo: “Explicarei o assunto a você por completo quando você tiver treze anos de idade, se sua mente e seu caráter parecerem, nessa altura, suficientemente desenvolvidos para que esse seja o caminho adequado. Você poderá vir até mim com a pergunta nessa ocasião e, enquanto isso, deve esquecê-la completamente.”

Para a criança devidamente educada, essa atitude se tornará imediatamente aceitável e, em qualquer caso, ela deve compreender que a palavra dos pais é definitiva, que não foi dada sem madura reflexão e que, uma vez dada, deve ser mantida, até que novas informações sobre o assunto alterem o julgamento dos pais. A observância adequada das palavras do Senhor: “Seja o seu sim, sim, e o seu não, não”, pouparia muitos pais de grande aborrecimento e promoveria grandemente a paz e a ordem gerais no lar. Desde

[F549]
a mais tenra infância, a criança deve aprender a obedecer, e isso sem que seja necessário repetir a ordem. Mas isso, por sua vez, implica o reconhecimento, por parte dos pais, de suas responsabilidades e o desejo de atender a todos os pedidos razoáveis de seus filhos, na medida em que as circunstâncias o permitam. Amor, sabedoria e justiça devem se unir nos pais para que seu poder e autoridade sejam valiosos para o lar e todos os seus membros.

O Poder da Sugestão na Educação Infantil

Poucos reconhecem a importância da *vontade* humana no que diz respeito à saúde e à doença, à alegria e à dor, à obediência e à desobediência, ao fazer o certo e ao fazer o errado — na verdade, no que diz respeito a cada ato, palavra e pensamento da vida. E a vontade da criança é especialmente suscetível a impressões e sugestões enquanto a mente infantil se abre para os assuntos da vida e os alicerces de seu caráter estão sendo estabelecidos. A sugestão e a impressão mental estão relacionadas à clarividência, ao hipnotismo e à influência sutil exercida pelos Cientistas Cristãos — mas defendemos apenas aquelas sugestões que são verdadeiras, úteis, fortalecedoras da vontade da criança e em plena harmonia com a Palavra divina, e nada mais.

A Bíblia está repleta de sugestões — toda pregação adequada tem a natureza de uma sugestão — de que pensamentos e atos egoístas e pecaminosos trazem a desaprovação divina e reagem em nosso desfavor; mas que pensamentos, palavras e ações amorosas rendem frutos abençoados tanto para os outros quanto para nós mesmos, tanto no futuro quanto no presente. Observe como o Apóstolo, depois de apontar que o resultado do pecado deliberado é a Segunda Morte, muda de assunto e declara *de forma sugestiva* — e, portanto, útil para muitos: “Mas nós não somos daqueles que recuam, mas daqueles que crêem para a salvação da alma.” (***Hb 10,39***) As sugestões da Ciência Cristã são, ao contrário, falsas — “Não há pecado, nem doença, nem dor, nem morte”; consequentemente, também não há redenção, nem Salvador, nem restauração. Há uma grande diferença entre tais sugestões falsas e as corretas, que a Palavra de Deus e

[F550]
Os mensageiros de Deus apresentam, a saber, uma sugestão da Verdade — do amor de Deus e da provisão misericordiosa em Cristo para a recuperação plena de todos aqueles que voluntariamente lhe obedecem.

Aplicar essa lei da *sugestão* boa e verdadeira ao próprio filho é o segredo do sucesso dos pais.* Alguns pais aplicam esse princípio continuamente sem perceber, e são esses os pais bem-sucedidos. Por exemplo, a mãe que todas as manhãs cumprimenta seu filho com um rosto e uma voz alegres transmite a ele uma sugestão *feliz*, benéfica tanto para sua saúde mental quanto física. Enquanto o veste, sua conversinha sobre os passarinhos bonitinhos e sobre o sol grande que entra pela janela e chama a todos para acordarem, serem bons e felizes, aprenderem mais lições sobre Deus e ajudarem uns aos outros são *sugestões* adicionais benéficas; já uma reclamação sobre "mais um dia escaldante" seria uma sugestão de calor, desconforto e descontentamento, gerando infelicidade.

Se, em vez de sol, houver chuva e um céu sombrio, só vai piorar as coisas pensar no dia com pessimismo e sugerir pensamentos sombrios aos outros. Os dias chuvosos trazem bênçãos tanto para nós quanto para os outros, e nossas mentes devem estar atentas a percebê-las e transmiti-las por meio de sugestões aos que nos rodeiam. A mãe deve antecipar a decepção da criança, chamando sua atenção para a bela chuva que Deus providenciou para dar às flores, às árvores e à grama um gole de água e um banho para revigorá-las, para que possam ser alegres e radiantes para nós e produzam seus frutos; e também para que o gado e nós possamos beber, tomar banho, ficar limpos e felizes, e louvá-Lo, amá-Lo e servi-Lo. Talvez seja possível introduzir aqui outra sugestão útil, a saber, que esta será uma oportunidade

---

*Empregadores, gerentes, superintendentes de instituições penais e correcionais — na verdade, todos podem aplicar com proveito esse princípio de sugestão boa, verdadeira, nobre e honesta àqueles sob sua influência e às próprias mentes. De fato, muitos dos mais bem-sucedidos na vida já o praticam, mas inconscientemente. O que são a esperança e a ambição louvável senão sugestões mentais?

[F551]
por usarem capa de chuva e botas pesadas, e como devemos ser gratos por termos essas coisas, além de um lar e uma escola à prova de chuva. Ou pode-se dar a sugestão de que: "Meu filho e minha filha devem tomar muito cuidado para evitar lama e poças d'água, a fim de sempre parecerem arrumados e limpos, e não levarem lama para a escola nem para casa". Os porcos gostam da lama e têm pouco senso sobre qualquer coisa; por isso, devem ser mantidos em um curral; mas Deus nos dá razão e poder para apreciar o belo e o limpo. Portanto, imitar os porcos e os animais inferiores na sujeira, etc., é desonrar a nós mesmos e ao nosso Criador e leva à degradação. É honroso para qualquer pessoa se sujar em algum trabalho útil e necessário, mas ninguém deve se sujar mais do que o necessário, nem descansar ou relaxar até que tenha se limpo." Não precisamos salientar o quanto essas lições *de sugestões* se revelariam proveitosas — não apenas para a criança, mas também para os pais.* O descontentamento, um dos males graves de nossos dias, encontraria poucos estímulos para crescer em uma família na qual todos estivessem empenhados em dar sugestões que promovessem a felicidade a si mesmos e uns aos outros.

O mesmo método deve ser adotado na orientação da alimentação da criança, tanto na saúde quanto na doença. Nunca se deve *sugerir* à criança que ela tenha dores ou incômodos, pois a mente quase certamente se fixará neles e tenderá a *agravar* qualquer fraqueza ou dor; nem se deve fazer das dores e doenças o tema da conversa — especialmente à mesa, onde cada pensamento e influência devem ser alegres e saudáveis.

---

*O pai ou a mãe que assim cumprimenta seu filho pequeno deve, é claro, ter primeiro cultivado sugestões felizes em seu próprio coração; e, sendo isso verdade, segue-se que tais sugestões boas e que trazem felicidade não se limitarão às crianças, mas fluirão igualmente para a esposa, o marido, os vizinhos, os funcionários etc.; e até mesmo os animais mudos serão abençoados por isso. É possível que o homem ou a mulher "*natural*" pratique isso até certo ponto, mas certamente somente naqueles gerados pelo espírito santo da Verdade se pode esperar que o Amor de Deus alcance o sucesso na medida mais elevada nesta *nova* vida, que começa já aqui, sob o reinado de Satanás, a espalhar bênçãos que, em breve, sob o Reino do Messias, "abençoarão todas as famílias da terra".

[F552]
A boa sugestão deve ser dada desde cedo e repetida com frequência: "Meu filhinho está se sentindo feliz esta manhã? Ele ama o papai, a mamãe, a irmã, o irmão e o cachorrinho? Sim, isso mesmo — eu já imaginava! Ele está com fome para um bom café da manhã? — um bom mingau com açúcar e leite, biscoito, pão com manteiga e geléia? Agora, precisamos lembrar de não comer pepinos hoje — nem maçãs verdes; isso dá dor de barriga no meu menininho. Em vez disso, vamos preparar algo especial para *ele,* que seja especialmente bom para a saúde. Não vai ser ótimo? Haverá milho na mesa hoje, mas isso não seria bom para o meu garotinho; então, quando o prato passar, ele dirá: 'Não, obrigado!' Ele quer estar bem e forte, como Deus deseja que ele seja e como o papai e a mamãe desejam vê-lo. Isso também será uma boa lição de abnegação, e o papai e a mamãe terão prazer em ver seu filho (ou filha) aprendendo essa grande lição, tão necessária para a verdadeira masculinidade e feminilidade. Deus quer que todos os cristãos pratiquem a abnegação em relação aos pecados e em relação a tudo o que possa impedir a Sua causa, em qualquer grau. E mesmo as pessoas mundanas reconhecem que a pessoa que é escrava de seus apetites é lamentavelmente fraca e pouco viril ou pouco feminina. Agora, o papai e a mamãe estarão observando para ver quão forte é a força de vontade do seu menino, e temos certeza de que ele terá sucesso com coragem." O quanto Deus valoriza o autocontrole é demonstrado pela afirmação das Escrituras: "Melhor é aquele que domina o próprio espírito [vontade] do que aquele que toma uma cidade." ***Provérbios 16:32***

Em questões morais, as lições por sugestão são igualmente poderosas para o bem ou para o mal. *"Vamos* fazer o mal" é um poderoso incentivo para as más ações. *"Vamos* fazer o bem" é um poderoso incentivo para as boas ações. Por isso, o certo e o errado, o verdadeiro e o falso, o nobre e o ignóbil devem ser frequentemente evocados todos os dias, em tudo — o verdadeiro, o nobre e o certo sendo mostrados em sua verdadeira grandeza, como aprovados não apenas por nosso Senhor e Criador, mas também pelos mais nobres e melhores homens e mulheres, a quem somente devemos imitar. A mente da criança, assim ensinada desde cedo e persistentemente a admirar

[F553]
o que é nobre e verdadeiro, tem em sua mente um baluarte erguido contra a conduta mesquinha e desonrosa em geral. Mesmo que nunca seja santificado pela Verdade, mesmo que nunca seja gerado pelo espírito, ela terá profundamente enraizado o caráter necessário para uma vida nobre, seja como homem ou como mulher; e, se for santificada e gerada pelo espírito, terá maiores oportunidades para um serviço bem-sucedido, tanto na vida presente quanto na futura.

No caso de desobediência da criança e, portanto, da necessidade de repreensão ou correção, ela deve ser admoestada com base na compaixão e na confiança em suas boas intenções. "Sei que minha filhinha, a quem amo tanto e me esforço continuamente para fazer feliz e educar de modo que o Senhor aprovaria, não me desobedeceu de propósito. Tenho certeza de que essa desobediência foi, antes, resultado de seguir o exemplo de outras pessoas e de não exercer suficientemente *a vontade* para fazer o que a mamãe lhe disse para fazer. Acredito que, desta vez, vou te perdoar e não te punir de forma alguma, exceto que, hoje à noite, não te darei um beijo de boa noite — apenas para gravar o assunto em tua mente, minha querida. Agora, da próxima vez, você vai se esforçar ainda mais para exercer autocontrole e fazer o que eu mandar — não é, querida? Tenho certeza de que sim!" Da próxima vez, leve o assunto ainda mais a sério, mas nunca questione os *desejos* ou *intenções* legítimas da criança. "Sinto muito que minha filhinha tenha falhado novamente. Não duvido de suas boas intenções, querida, mas lamento ver que você não exerce sua força de *vontade* nessa questão como tenho certeza de que poderia fazer, e como espero sinceramente que faça no futuro. É necessário, minha filha, que eu cumpra meu dever para com você e a castigue, embora fosse muito mais prazeroso para mim elogiá-la. Confio que em breve poderei me alegrar com você por sua vitória sobre essa tentação. O assunto afeta muito mais do que aquilo que está diretamente envolvido na desobediência; afeta todo o seu futuro, pois se você não aprender agora a dizer "não" à tentação, você também fracassará nas questões mais importantes e graves da vida, à medida que elas se apresentarem no futuro. Mas estou confiante de que meu amor, minha confiança e minhas orientações ainda darão frutos. E lembre-se, minha filha, de que nossas próprias derrotas, como neste

esse seu caso, podem se tornar um auxílio para nós, se apenas fixarmos nossa vontade com mais firmeza no que é certo. Aprendemos a ficar especialmente atentos nos pontos em que descobrimos, por experiência própria, que somos fracos. Vamos nos curvar diante do Senhor e pedir Sua bênção, para que esse fracasso seja uma lição proveitosa, e pedir Sua ajuda para levá-la a sério, para que sua conduta seja mais agradável a Ele na próxima vez que você for assaltado pela tentação."

Todas as sugestões devem levar em consideração o Senhor — "O temor [reverência] do Senhor é o princípio da sabedoria." Cartões com versículos bíblicos em todos os cômodos da casa devem lembrar continuamente aos pais, aos filhos e aos amigos que nos visitam que a vontade do Senhor é o único padrão reconhecido, que o Senhor está ciente de todas as nossas ações e assuntos, e que Deus está "a nosso favor", a favor de seus filhos recém-gerados e de todos os que buscam a retidão com humildade.

Nossos filhos em tempos de dificuldade

Aqueles da nova criação que vivem atualmente e reconhecem o fato de que estamos no tempo da "colheita", de que a separação do "trigo" e sua recolha no "celeiro" estão em andamento, e de que, em breve, o grande tempo de angústia se abaterá sobre o mundo inteiro — e especialmente sobre o cristianismo nominal —, sentem um profundo interesse por seus filhos e um desejo de providenciar para eles da maneira mais sábia possível nesse tempo de angústia. Tendo em vista o fato que as Escrituras destacam — de que a tribulação se estenderá a todas as classes e envolverá todas as instituições da atualidade, sejam elas financeiras, sociais, religiosas ou políticas —, não seria razoável esperarmos que os filhos da nova criação fossem milagrosamente isentos dessas tribulações; nem precisamos pensar em encontrar um lugar na Terra onde eles ficariam isolados em condições naturais. Quando chegar o tempo em que os homens lançarão seu ouro e prata nas ruas, e não poderão resgatá-los (***Ez. 7:19***; ***Sof. 1:18***), ouro e prata, notas bancárias e títulos, evidentemente, terão pouco valor e não conseguirão proporcionar proteção, conforto ou luxos. Se voltarmos nosso olhar, então, para as regiões rurais, onde

[F555]
poderíamos supor que pelo menos haveria comida disponível, temos a indicação das Escrituras de que a angústia daqueles dias afetará tanto as regiões rurais quanto as cidades: "Não haverá paz para quem sai nem para quem entra, pois eu coloquei cada homem contra o seu próximo." ***Zacarias 8:10***

Há apenas uma promessa que parece prevalecer durante esse tempo de angústia, e ela parece ser geral, aplicável a *todos* os que são mansos e amantes da justiça. Essa classe deve incluir todos os filhos maduros dos consagrados, que foram devidamente ensinados nos preceitos do Senhor e devidamente instruídos a partir de Sua Palavra. A promessa diz: "Buscai a mansidão, buscai a justiça; talvez sejais escondidos no dia da ira do Senhor." ***Sofonias 2:3***

Os pais cristãos às vezes sentem relutância em deixar seus entes queridos, mesmo estando cheios de confiança de que eles próprios estarão com o Senhor assim que atravessarem o véu — que serão transformados e participarão dos poderes da Primeira Ressurreição, e estarão com o Senhor e todos os seus santos, compartilhando de sua glória. A nova mente, por vezes, fica assim impedida e fica ansiosa em relação aos membros da família que ficaram para trás — desejosa de permanecer com eles para receber seu conselho, assistência e orientação. Tais pessoas devem compreender que, ao terem entregado tudo ao Senhor, ao aceitá-las, o Senhor aceitou todos os seus interesses próprios; e que podem, com sabedoria, confiar a Seu cuidado amoroso todas as preocupações terrenas. À medida que forem aprendendo cada vez mais sobre o comprimento, a largura, a altura e a profundidade do amor divino, e como, em última instância, os benefícios da grande redenção se estenderão a todos os membros da raça de Adão, eles adquirirão maior confiança no Senhor no que diz respeito aos seus entes queridos. Além disso, essas pessoas devem lembrar-se de que elas mesmas, do outro lado do véu, terão uma oportunidade tão boa quanto a que têm agora de zelar pelos interesses de seus entes queridos, e uma oportunidade muito melhor do que a atual de exercer um cuidado protetor sobre eles — uma orientação providencial em seus assuntos sob

[F556]
sabedoria divina, com a qual então concordarão absolutamente.

Qual é, então, a melhor provisão possível que a nova criação pode fazer para seus filhos segundo a carne? Respondemos que a melhor provisão está em sua formação adequada. Isso, como já demonstrado, incluiria uma educação razoável nas disciplinas comuns e um treinamento e instrução específicos em assuntos relativos a Deus — na reverência a Ele e à Sua Palavra, na fé em Suas promessas e no cultivo das características apontadas nas Escrituras como a vontade divina, a Regra de Ouro. Esses filhos, mesmo que fiquem sem um único dólar de riqueza terrena, são ricos; pois possuem no coração, na mente e no caráter moldado um tipo de riqueza que nem a traça, nem a ferrugem, nem a anarquia, nem qualquer outra coisa no mundo pode tirar deles. Serão ricos para com Deus, como expressa o Apóstolo, e como ele declara novamente: "A piedade com contentamento é grande ganho", grande riqueza. Esforçando-se sinceramente, pela graça de Deus, para assim equipar e qualificar adequadamente seus filhos para todas as emergências — tanto para a vida presente quanto para a que está por vir—, as Novas Criaturas podem sentir-se relativamente livres de toda preocupação com relação aos interesses temporais, lembrando-se de que o mesmo Senhor que providenciou o necessário e o conveniente no passado é capaz e está disposto a continuar sua supervisão e provisão, adaptadas a todas as circunstâncias e condições daquela época, assim como desta — para aqueles que O amam e confiam Nele.

Diversões Adequadas

A alegria e o humor são elementos da nossa natureza humana, muitas vezes educados de forma desproporcional em relação às qualidades mais sérias e úteis. Os bebês são mimados ao serem mantidos em um estado constante de excitação por diversão, até que sua satisfação seja destruída e eles passem a chorar por diversão. Esse pensamento de diversão continua durante a infância, quando a criança deveria se entreter investigando os assuntos da vida e pedindo explicações aos pais ou aos livros. O desejo de se divertir, assim cultivado, com o tempo anseia pelo teatro

[F557]
e as palhaçadas do palhaço. Os membros da Nova Criação devem, do início ao fim, educar seus filhos segundo princípios opostos — para que sejam atores no grande drama da vida, para que repudiem as falsidades e busquem realizar, no palco do mundo, atos de utilidade e benevolência tão grandiosos quanto seus talentos e oportunidades permitirem.

O Casamento dos Filhos das Novas Criaturas

Já observamos a injunção apostólica às novas criaturas, de que aqueles que se casam fazem bem, mas aqueles que não se casam fazem melhor. Esse conselho, no entanto, não se aplica aos seus filhos não consagrados. A respeito destes últimos, o Apóstolo escreve: "Aconselho, portanto, que as mulheres mais jovens [da congregação, mas não da Igreja —crentes, mas não consagrados nem santificados] se casem, tenham filhos, cuidem da casa e não dêem ao Adversário motivo para falar mal." ***1 Tim. 5:14***

Acreditamos que muitos da nova criação cometem um grave erro, embora sem intenção, a respeito desse assunto. Eles percebem, com toda a razão, que, na maioria dos casos, o casamento não só traz maiores responsabilidades, mas também amargas decepções, tristezas e angústias. Mas se os filhos ou filhas atingiram a idade de casar e não entregaram seus corações ao Senhor no casamento, tampouco estarão preparados para compreender a sabedoria de seguir o conselho do Apóstolo — dado exclusivamente à nova criação — de que é melhor casar-se "do que arder" com desejos incontroláveis.

Lembremo-nos de que Deus providenciou o casamento para o homem e a mulher naturais — Adão e Eva — antes que o pecado entrasse no mundo, e que, embora a relação conjugal possa ser abusada, como qualquer outra coisa legítima, e embora seja geralmente terrivelmente abusada, isso não é culpa do casamento, mas do seu abuso. "Que o casamento seja honrado por todos, e que o leito conjugal seja imaculado; pois Deus julgará os fornicadores e os adúlteros." ***Hb 13,4***

É natural que os filhos adultos se mostrem relutantes em aceitar os conselhos até mesmo dos melhores pais sobre esse

[F558]
assunto — toda a tendência da natureza vai na direção oposta; além disso, eles têm o exemplo de seus pais. Se, negligenciando o conselho do Senhor de que se entreguem a Ele, decidirem aprender as lições da vida pela experiência em vez de pelos preceitos, quanto mais cedo começarem, melhor. Muitas das lições da vida podem ser melhor aprendidas por meio de experiências conjugais; e, para esse fim, é preferível que os recém-casados sejam, tanto quanto possível, deixados a contar com seus próprios recursos — ou seja, que sejam incentivados a constituir um lar próprio e independente, etc. Assim, aprenderão mais rapidamente a valorizar a autossuficiência, a fortaleza, a paciência, a tolerância mútua e a cooperação.

Sob o que o Apóstolo designa como "a angústia presente" (***1 Cor. 7:26***), defenderíamos até mesmo o que seria considerado casamento precoce. Consideraríamos preferível, em alguns aspectos, que o homem tivesse 21 anos e a mulher 18, em vez de idades mais maduras, antes que os hábitos de pensamento e conduta se tornem muito arraigados. O casal deve entrelaçar-se um ao outro; por isso, a flexibilidade de sentimentos é desejável — especialmente por parte da mulher, que deve aceitar como parceiro apenas alguém a quem possa reverenciar e admirar e, na medida em que os princípios reconhecidos permitam, a quem ela tenha prazer em se submeter. Além disso, a maior elasticidade do constituto físico da jovem mãe será uma vantagem para ela ao suportar sua parcela peculiar da maldição. (***Gênesis 3:16***) Não nos esqueçamos tampouco das valiosas experiências que cabem a todo pai e mãe responsáveis em sua tentativa de prover e educar seus filhos. Essas lições podem aproximá-los do Pai Celestial mais rapidamente do que qualquer outra coisa, e isso é o que a nova criação deve desejar acima de tudo para sua prole.

Pais sábios não tentarão frustrar o desejo natural de seus filhos pelo casamento, mas, cooperando com sabedoria, se empenharão em ajudá-los a formar um casal adequado. E aqueles que foram devidamente educados provavelmente não ignorarão o conselho dos pais amorosos e cuidadosos, na transação mais importante da vida natural. No entanto, nesse

[F559]
momento, que o pai ou a mãe indulgente não se esqueça de que a união deve ocorrer no mesmo plano — incrédulo com incrédulo, justificado com justificado, santificado com santificado — conforme já foi exposto. Em outras palavras, se seus filhos ou filhas não forem consagrados, não devem se esforçar para uni-los a alguém da nova criação, que deve casar-se "somente no Senhor"; mas devem reconhecer que tal união de naturezas diversas provavelmente seria desvantajosa para ambos e, em todo caso, é contrária à injunção divina de que seu povo se case "somente no Senhor".

A responsabilidade pela saúde de nossos filhos

Os pais farão bem em lembrar que, assim como corpos puros ajudarão seus filhos a ter mentes puras, corpos saudáveis são complementos valiosos para mentes saudáveis. Toda Nova Criatura deve, com seu "espírito de mente sã", ser suficientemente sábia para orientar seus filhos a alcançar e preservar o máximo de saúde física que sua constituição permitir. Ar puro, água pura, alimentação pura e exercícios puros, tanto mentais quanto físicos, constituem a base para a melhor utilização do que recebemos de nossos pais e transmitimos aos nossos filhos.

Todo pai ou mãe deve saber que o ar enevoado não é "ar fresco" e que, na medida em que for compatível com uma ventilação razoável, ele deve ser evitado; que a ventilação interna deve incluir o máximo possível de luz solar; e que as crianças mais sensíveis não devem ficar expostas à atmosfera úmida do início da manhã e do final da tarde. Deve-se prestar atenção à limpeza de todos os recipientes, etc., relacionados ao abastecimento de água e incutir um cuidado meticuloso. Deve zelar para que cada criança tenha alguma tarefa prescrita a realizar, proporcional à sua força e idade, e que a execute bem e com cuidado; e essa tarefa deve ser em parte física e em parte mental. A natureza da leitura e do estudo, assim como a do trabalho físico, deve ser objeto de inspeção minuciosa e deve variar de tempos em tempos — para o desenvolvimento harmonioso da mente e do corpo, em preparação para

[F560]
as diversas responsabilidades da vida. A criança deve perceber o interesse dos pais por ela e deve saber que isso é motivado pelo *amor* ao seu bem-estar futuro e constitui uma obrigação divina.

As regras de boa alimentação são, infelizmente, mal compreendidas, e isso, sem dúvida, é a causa de muitas doenças — mentais e físicas. Todo pai e toda mãe devem saber que os alimentos podem ser divididos em três classes:

(1) Os alimentos ricos em nitrogênio, que contribuem para a formação da carne, dos músculos e dos tendões. Entre eles estão carne, peixe, aves, ovos, ervilhas e feijões. Desses alimentos, cinco onças por dia são consideradas uma ração completa para um homem médio com ocupação comum — para crianças, proporcionalmente menos. Esses alimentos são prejudicados pelo cozimento excessivo.

(2) Os alimentos compostos principalmente por amido e açúcar, que fornecem energia nervosa — vigor, atividade, vitalidade, calor. Entre eles estão o trigo, a batata, o milho, a aveia, o arroz e seus diversos derivados — pão, biscoitos, pudins etc. Esses devem ser preparados na hora e bem cozidos para serem mais nutritivos e de fácil assimilação — e isso em proporção à fraqueza natural da digestão. Em nossa era de máquinas e viagens fáceis, o desgaste da energia nervosa é muito maior do que o das fibras musculares; por isso, alimentos desse tipo devem ser consumidos em quantidades muito maiores do que os mencionados anteriormente. A ração para um homem médio seria de vinte onças por dia — crianças em fase de crescimento necessitam de um pouco mais do que a quantidade proporcional, devido à sua intensa atividade mental e física.

(3) Esses alimentos — frutas e vegetais — que, compostos principalmente de água, são ricos em sais bioquímicos, têm grande valor. Não só seus sais de cálcio, potássio etc. auxiliam na formação óssea e atuam como alimentos e reguladores nervosos, mas seus elementos fibrosos aquosos (como no repolho, na nabo etc.), que nada contribuem para nossa nutrição, ajudam a limpar e purificar o intestino, impedindo assim que os alimentos mais concentrados e ricos fiquem retidos no organismo. Alguns deles, como abóbora, beterraba, maçãs doces etc., também possuem valor nutritivo proporcional à sua doçura. E alguns, fortemente ácidos, atuam como diluidores e purificadores do sangue. Entre

[F561]
entre eles estão uvas, maçãs ácidas, limões, laranjas etc. De líquidos em alguma forma — leite, sopas, frutas e vegetais com alto teor de água ou a própria água pura —, um homem médio deve consumir pelo menos cinco libras (equivalentes a cinco pints) por dia; as crianças, proporcionalmente. A alimentação já contém líquido suficiente nas refeições. A ingestão de água deve ser feita uma hora ou mais após as refeições. Esses números mostram que a maioria das pessoas consome água e vegetais em quantidade muito insuficiente.

Deve-se observar, além disso, que muitos dos itens classificados entre os alimentos ricos em amido (trigo, milho, aveia etc.) também contêm qualidades nitrogenadas — de modo que, quando necessário por uma questão de economia ou por qualquer outro motivo, uma dieta puramente vegetal poderia ser organizada a um custo muito baixo, que nutriria bem a família, tanto no que diz respeito ao cérebro quanto à força física e ao vigor.

Um equilíbrio desequilibrado desses alimentos (especialmente dos segundos, os mais importantes) tende a causar doenças — seja o excesso, que torna o sangue muito rico e lento, causando espinhas e furúnculos, ou uma língua com saburra escura, dor de cabeça e gota, levando a um resfriado congestionado; ou uma deficiência de nutrientes para atender às demandas da natureza causa fraqueza, nervosismo, língua com saburra branca e tende a levar também a um resfriado. As crianças devem ser ensinadas a observar seus próprios sintomas e a se alimentar de acordo com eles — para combater a doença logo no início ou, de preferência, para preveni-la por meio da moderação e do bom senso à mesa. Mas nem todos possuem o mesmo bom senso nessas questões; por isso, ainda mais os pais, que pela graça de Deus têm o "espírito de uma mente sã", devem regular, dosar e alternar a oferta de alimentos em suas mesas de modo que quem se alimenta nelas tenha pouca necessidade de cuidados ou seleções especiais — sendo a variedade obtida mais pela rotação do que pela presença de muitos tipos ao mesmo tempo.

Não estamos defendendo uma "moda passageira", nem buscando desviar as mentes da nova criação do alimento espiritual para fixá-las na saúde física e no que devemos comer, no que devemos beber, etc... coisas que os gentios buscam. Não; buscamos principalmente o espiritual. Mas, embora nossas mentes e conversas se ocupem especialmente do espiritual, é nosso dever usar o bom senso mais sólido que possuímos

[F562]
no cuidado de nossos filhos, que nos foram confiados pela providência de Deus.

Uma palavra, para concluir, sobre essa questão da alimentação. Cavalos e gado comem sem aparente reflexão — boa ou má — e alguns dos membros brutalizados da família humana fazem o mesmo, mas são poucos. Portanto, em cada refeição, é provável que haja algo que desperte sentimentos agradáveis ou desagradáveis — amor, alegria, paz, esperança etc., ou raiva, malícia, ódio, discórdia etc. Reconhece-se hoje que os estados de espírito exercem uma influência poderosa sobre a digestão. Por meio de alguma alquimia, ainda não totalmente compreendida, a agitação causada por um estado de espírito irado e malicioso afeta os nervos de modo a interferir na digestão, enquanto influências alegres e que trazem felicidade agem de maneira oposta. A própria nova criatura pode preservar interiormente sua "paz de Deus" em meio a inúmeras circunstâncias desfavoráveis, mas não é assim com os demais: por isso, se ele for o chefe responsável de uma família, é seu dever zelar pela paz do lar, mantendo, na medida do possível, a conversa à mesa sobre temas agradáveis e proveitosos, se não religiosos.

Ao entregar ao Senhor os interesses de nossa própria saúde e a de nossos filhos, devemos ter certeza de que, da melhor maneira *possível*, estamos utilizando *com a maior sabedoria* as bênçãos e privilégios já que nos foram concedidos. Só então, e de nenhuma outra forma, poderemos nos valer, *para nosso conforto,* da certeza de que todas as coisas contribuem para o nosso bem.

ESTUDO XIV
DIVERSAS OBRIGAÇÕES TERRENAS DA NOVA CRIAÇÃO

"Façam o que é honesto aos olhos de todos os homens" — "Não devem nada a ninguém" — "Emprestem, sem esperar nada em troca" — Cortesia cristã — "Não se preocupem com o amanhã" — "Minha meta é Cristo, e somente Cristo" — "É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus" — Seguro — Organizações de benefício mútuo, etc.—Interferência conscienciosa — "Abençoar a Deus e amaldiçoar os homens" — Obrigações sociais — "Honrai a todos os homens" — A nova criação deve participar de eleições públicas? — A nova criatura e as reformas morais — O uso de roupas caras — Esperemos pelo adorno da "glória, honra e imortalidade"

"Pratique o que é honesto aos olhos de todos os homens"
—Rom. 12:17—

AINDA QUE as Novas Criaturas sejam declaradas mortas para o mundo e vivas para Deus por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor, a metáfora se aplica inteiramente às esperanças, objetivos e ambições transformados. Enquanto a nova mente ainda é compelida a funcionar por meio do corpo humano, aguardando o novo corpo na Primeira Ressurreição, ela deve reconhecer certas responsabilidades para com os semelhantes — para com o mundo. Assim como ela tem responsabilidades para com a família terrena e para com "a família da fé" no que diz respeito a assuntos temporais — e essas responsabilidades, em vez de serem enfraquecidas ou diminuídas, são aumentadas pela transformação da mente —, o mesmo ocorre no que diz respeito a certos deveres para com os semelhantes.

Toda a humanidade deve reconhecer o princípio da justiça e da retidão em suas relações mútuas; mas a nova criatura, por ter recebido instruções especiais sobre esses princípios da Lei divina na Escola de Cristo, deve estar muito mais atenta do que os demais no que diz respeito ao

[F564]
exercício dessas qualidades nos assuntos da vida cotidiana. É apropriado, é correto que todos os homens providenciem coisas decentes e honestas aos olhos de seus semelhantes? Certamente que sim; e, portanto, certamente as responsabilidades da nova criatura nessas áreas são aumentadas por sua posição privilegiada. Espera-se que os outros homens sejam honestos, verdadeiros, íntegros, honrados, generosos? Certamente se poderia esperar que o povo do Senhor tivesse instintos ainda mais apurados em todos esses aspectos e se esforçasse diariamente para estar à altura do padrão perfeito em pensamento, palavra e conduta.

"Não devais nada a ninguém, a não ser amar-vos uns aos outros", é a regra divina, conforme expressa pelo Apóstolo. (***Rom. 13:8***) Seria bom se todo o mundo conhecesse essa regra e a seguisse rigorosamente, e sabemos que, no tempo devido, justamente essa regra será rigidamente aplicada — durante a Era Milenar. Mas a nova criação já tem isso como regra agora, e por mais que outros possam deixar de reconhecê-la e segui-la, o povo do Senhor deve obedecer a essa instrução implicitamente. Mesmo ao Israel natural, a casa dos servos, o Senhor estabeleceu a injunção de que, se fossem fiéis a ele, deveriam ser credores, não devedores (***Dt 15:6***), e esse princípio se impõe a toda pessoa dotada de bom senso como sendo a própria essência da sabedoria — sabedoria que seria bom, se fosse possível, aplicar ao mundo — sabedoria que o mundo reconhece, mas que comparativamente poucos, tanto do povo do Senhor quanto do mundo, se esforçam vigorosamente para seguir como uma regra invariável de vida.

Em outras palavras, todo membro da nova criação deve, no que diz respeito às coisas terrenas, viver dentro de suas possibilidades. Se ele puder ganhar apenas um dólar por dia, não deve, nem por um momento, pensar em gastar mais do que isso, exceto em caso de extrema necessidade, mas deve adaptar-se às suas condições, até que haja uma mudança para circunstâncias mais favoráveis. Reconhecendo que o cuidado providencial do Senhor está sobre ele e sobre todos os seus assuntos, ele deve, depois de organizar da maneira mais sábia possível seus assuntos temporais, concluir que tanto estes quanto seus assuntos espirituais estão sujeitos à divina

[F565]
supervisão, e que o Senhor preparou uma bênção para ele em relação a essas condições. Ele deve, portanto, estar plenamente satisfeito com elas, por mais difíceis que sejam — esperando pacientemente no Senhor pelo alívio que o amor e a sabedoria divinos possam trazer no devido tempo. Se a renda for generosa, a moderação deve ser sua regra de conduta nesta questão, assim como em todas as outras. "Que a vossa moderação seja conhecida por todos os homens." A economia faz parte do desígnio divino, conforme exemplificado por nosso Senhor e pelos apóstolos, e particularmente ilustrado na questão da coleta dos pedaços de pão por ordem daquele que tinha poder para criar do nada alimento para uma multidão.

Na medida em que os recursos à nossa disposição são limitados, todas as despesas devem ser reduzidas e ajustadas, não apenas ao nível da renda, mas um pouco abaixo dela — de modo que, por menor que seja o que ganhamos, uma certa proporção possa ser reservada, seja para nossas próprias necessidades futuras, seja como oferta de agradecimento ao Senhor, ou, como sugere o Apóstolo, para que possamos ter com que dar àqueles que se encontram em circunstâncias ainda mais necessitadas. Que se lembre sempre que a confiança no Senhor implica contentamento; e que isso significa paz no coração. Nessas condições, pão e água, ou batatas e sal, terão melhor sabor e produzirão melhores resultados do que alimentos muito mais ricos consumidos com um espírito diferente. A confiança sempre implicará também gratidão e, portanto, o filho de Deus que vive com a alimentação mais simples deve transbordar continuamente de gratidão para com o Doador de todo o bem, com plena confiança em sua sabedoria em todos os assuntos da vida. Isso não significaria indiferença ao progresso, se a porta para esse progresso e maior prosperidade fosse uma porta justa — um meio honroso de melhorar nossa condição. Ao encontrarmos tal "porta" diante de nós, devemos aceitá-la com gratidão como sendo fruto da providência divina e como algo que possivelmente nos conduzirá a lições ainda mais profundas de nosso grande Mestre.

A injunção: "Não devais nada a ninguém, a não ser o amor mútuo", implica que, se em algum momento, inadvertidamente e contrariamente a essa sabedoria divina, nos endividarmos com outros, devemos, de todas as formas razoáveis e honrosas,

[F566]
procurar cancelar essa dívida — pagar nossas dívidas. Se, no entanto, as dívidas foram contraídas no âmbito comercial, com os credores sabendo, na época, que estavam assumindo mais ou menos risco e assumindo esse risco com o objetivo de obter lucros; e se as dívidas foram resultado de um fracasso comercial legítimo e se tornaram "ilegítimas"— e, particularmente, se tivessem sido contraídas antes da mudança de natureza, antes de se tornar uma nova criatura, não seria errado que a nova criatura se valesse do que é conhecido como disposições de falência, ou tirasse proveito da lei, que prevê que uma dívida ou sentença se torne nula e sem efeito após cinco anos, a menos que seja renovada no Tribunal ou por meio de alguma promessa individual.

Um precedente bíblico para tal procedimento encontra-se na Lei dada ao Israel típico, relativa à remissão de dívidas no sábado do sétimo ano e a uma remissão ainda mais completa de todas as obrigações no quinquagésimo ano do Jubileu. O mundo reconheceu a sabedoria desses arranjos divinos, e muitas nações os confirmaram em suas leis civis. As novas criaturas, ao se valerem desses arranjos terrenos, de acordo com a vontade divina, podem sentir-se tranquilas no que diz respeito a tais dívidas, a menos que, pela providência de Deus, venham posteriormente a ser abençoadas com abundância; caso esse aconteça, sem dúvida, a Regra de Ouro lhes ditaria a conveniência de saldar todas as dívidas, independentemente de sua extinção nos termos das leis.

Se, no entanto, a dívida não fosse de natureza comercial, mas uma obrigação de amizade — um empréstimo de dinheiro ou de crédito, sobre o qual o amigo não esperava nem recebia ganho ou lucro —, o caso seria totalmente diferente. Tal dívida deveria ser considerada como vigente enquanto durasse a vida, e os esforços para saldar essa dívida deveriam sempre ter uma influência importante nos assuntos do devedor. Mas, como já foi apontado, depois de se tornarem membros da nova criação, sob a orientação do espírito santo e de Sua Palavra, as Escrituras, e sob a direção do espírito de uma mente sã, nenhum membro da nova criação deve se tornar devedor,

[F567]
mas deve considerar como providência do Senhor o fato de viver estritamente dentro de sua renda. Essa injunção de "não dever nada a ninguém" não se aplicaria necessariamente à constituição de uma hipoteca sobre a propriedade de alguém por um valor supostamente inferior ao seu valor real. Isso não seria um empréstimo no sentido proibido, mas meramente a realização de uma venda temporária de uma parte do patrimônio envolvido, mantendo a oportunidade de resgatá-la novamente.

Viúvas e órfãos não são responsáveis pelas dívidas do antigo chefe da família, nem segundo a lei humana nem segundo a lei divina. Os bens vendidos a um marido ou pai são vendidos sob sua própria responsabilidade e honestidade, e terceiros não podem ser responsabilizados por suas dívidas, a menos que se tornem pessoalmente responsáveis por meio de acordo direto ou implícito. Suas dívidas tinham direito de preferência sobre seu patrimônio (exceto a parte da família reservada por lei); mas, com sua morte, a questão se encerra, a menos que algum membro da família assuma voluntariamente as obrigações. Mencionamos isso porque tomamos conhecimento de casos em que viúvas e órfãos pobres se sentiram obrigados, pela lei divina, se não pela lei humana, a pagar as dívidas do marido e do pai, e permaneceram em angústia por anos tentando fazê-lo.

O conselho do Senhor a seu povo quanto ao outro lado da questão é igualmente explícito. Se virem que seus irmãos têm necessidade, devem praticar o bem e "emprestar, sem esperar nada em troca" — sem pensar em obter favores semelhantes ou outros em retribuição. Devemos, no entanto, entender essa orientação de "emprestar" a um irmão em harmonia com a outra orientação de que não devemos pedir emprestado; e, portanto, a implicação seria que o irmão possuísse recursos e fosse capaz de reembolsar, mas que, temporariamente, estivesse em necessidade e pudesse oferecer algum tipo de garantia ao credor. Mas tal empréstimo, para ajudar um irmão em necessidade, deve ser feito livremente e sem esperança de recompensa — sem estipular juros (usura), mas meramente pela devolução do principal dentro do prazo especificado. Deve ser puramente uma ajuda, uma expressão de amor fraterno.

[F568]

Se o irmão não estivesse em condições de reembolsar ou oferecer garantia pelo dinheiro, o empréstimo não deveria ser concedido, mas, em vez disso, deveria ser uma doação — na medida em que o doador se sentisse capaz de exercer a caridade e proporcionalmente às necessidades do irmão. O irmão pode se comprometer a reembolsar, mas deve-se insistir que se trata de uma doação, a menos que, posteriormente, a situação financeira do irmão mude decisivamente e ele esteja amplamente capaz de devolver a doação; nesse caso, ele certamente deve ter o desejo sincero de fazê-lo. Mesmo assim, se o doador tivesse condições financeiras para isso, ele poderia dizer ao irmão: "Não me sinto à vontade para recuperar a doação; portanto, peço-lhe que a repasse a outra pessoa que você encontrar necessitada, agora ou no futuro". A questão seria totalmente diferente, no entanto, se o irmão ou qualquer outra pessoa desejasse pedir dinheiro emprestado com o objetivo de expandir seus negócios e com a intenção de obter lucro. Emprestar dinheiro a alguém assim, obtendo garantias suficientes e cobrando juros, seria totalmente legítimo; e tais juros não seriam "usura", no sentido opressivo ou errado, mas estariam em harmonia com o que o Senhor ordenou em sua parábola quando disse: "Devias ter entregue meu dinheiro aos cambistas; assim, na minha volta, eu teria recebido o que é meu com juros." ***Mateus 25:27***

Em total concordância com essas instruções, as Escrituras nos dão outra, que bem poderia ser levada em conta e sempre traria benefício, não apenas para a nova criação, mas também para o mundo em geral. A instrução diz: "O homem sem entendimento dá a mão e se torna fiador na presença de seu amigo." (***Provérbios 17:18***) De acordo com essa sugestão, fianças e garantias em favor de terceiros, endossos de notas, etc., seriam proibidos, e seria sensato que todo o povo do Senhor seguisse essa regra cuidadosamente. Mesmo no caso mais urgente que se possa imaginar, em que houvesse uma necessidade quase absoluta de assumir a responsabilidade por um irmão, deveria-se ter cuidado para não assumir nenhuma obrigação que não pudesse ser cumprida sem graves consequências. Se a responsabilidade

[F569]
fosse por uma quantia que se estivesse disposto a emprestar ao irmão, ou a dar a ele em caso de necessidade, então a garantia, o aval ou o endosso seriam permitidos, mas não de outra forma — nunca colocando em risco o próprio crédito, nem os próprios negócios, nem levando à pobreza a própria família. Compare ***Provérbios 22:26; 11:15; 6:1-5***.

Há um tipo de empréstimo e pedido de empréstimo de pouca importância praticado por muitos, especialmente no que diz respeito a utensílios domésticos, sabão, açúcar, bacias, ferramentas etc., que merece consideração aqui. As novas criaturas, sob o controle do espírito de uma mente sã, devem reprovar em seus corações tais aborrecimentos mesquinhos; a tal ponto que se certifiquem de regular seus próprios assuntos e necessidades de modo a tornar tais empréstimos uma questão extremamente rara — uma questão de absoluta necessidade em caso de doença ou outra situação extrema. Deve fazer parte da determinação de todos os santos do Senhor causar o mínimo de incômodo possível às outras pessoas. Se, portanto, por negligência em cuidar adequadamente de seus assuntos, lhes faltar manteiga para uma refeição, devem preferir passar sem ela a incomodar um vizinho e dar um mau exemplo. Se tiverem apenas um ferro de passar e não puderem comprar outro, é melhor que aceitem as consequências e usem apenas aquele.

Aqueles que cultivam regras tão rígidas em relação aos próprios assuntos naturalmente se sentirão mais incomodados do que os demais se um vizinho vier pedir algo emprestado. No entanto, o povo do Senhor deve ser credor, não devedor; e nosso conselho seria que, com toda moderação razoável, o povo do Senhor ganhasse uma reputação de singularidade em ambos os aspectos — que estivesse sempre disposto a emprestar, e isso de todo o coração, com alegria e boa vontade, e com o desejo de agradar e atender, na medida em que pudesse arcar com a perda — e sempre relutante em pedir emprestado. Essas pessoas seriam, sem dúvida, consideradas "bons vizinhos", independentemente de serem ou não vistas como "pessoas peculiares" no que diz respeito à sua devoção ao Senhor e à Sua Palavra. É verdade que quem pede emprestado nem sempre devolve o objeto, e pode

[F570]
dar trabalho ir atrás dele; ou, no caso de empréstimo de alimentos, talvez nunca o devolvessem. Devemos refletir, no entanto, que, se assim pedissem emprestado, consumissem e deixassem de devolver os alimentos, seria menos provável que voltassem para pedir mais. Se as circunstâncias permitissem, preferiríamos nunca pedir a devolução de um objeto emprestado. Preferiríamos considerar essas oportunidades favoráveis para fazer amizade com o "mamona da injustiça" — boas oportunidades para sacrificar interesses terrenos triviais, a fim de que, por meio delas, possamos obter uma influência moral e espiritual maior sobre nossos vizinhos.

Ao refletir sobre esse assunto, podemos mencionar outro, intimamente relacionado a ele de maneira geral, a saber: o hábito que alguns têm de se considerarem à vontade para se intrometer na vida de seus amigos como visitantes — tomando o *tempo* do vizinho. Faz parte do espírito generoso do amor ser hospitaleiro, e todo o povo do Senhor deve cultivar essa disposição em todas as ocasiões adequadas, pois é algo que agrada ao Senhor e que será útil para seu próprio crescimento espiritual. (***Hb 13,2***) Devem ter prazer em receber amigos e vizinhos para uma refeição ou para passar a noite, etc., conforme suas circunstâncias permitirem: um desejo sincero de receber deve estar sempre presente, quer se encontre ou não a oportunidade para pôr esse desejo em prática. A hospitalidade não significa gastos extravagantes além das próprias possibilidades, nem que se deva oferecer ao hóspede algo melhor do que à própria família. Significa, no entanto, a disposição de compartilhar com os outros aquilo que temos.

Mas vamos examinar o outro lado da questão. O povo consagrado do Senhor, da nova criação, nunca deve ser intruso. Deve ter certeza de que recebeu um convite e uma recepção calorosos antes de aceitar a hospitalidade para uma refeição ou para passar a noite. Que bela ilustração desse princípio correto temos no caso de nosso Senhor, caminhando com os dois discípulos para Emaús! Era seu desejo acompanhá-los até a casa deles e compartilhar a refeição da noite, para que pudesse conferir-lhes bênçãos adicionais. No entanto, quando chegaram à casa deles, "ele fingiu

[F571]
se fosse seguir adiante" e esperou até que eles o insistissem ou o convencessem, antes de consentir em permanecer com eles. Isso não foi um engano, nem seria enganoso da nossa parte agir da mesma forma. Nosso Senhor não teria permanecido com eles a menos que o tivessem insistido a fazê-lo, nem devemos ficar com ninguém, a não ser com aqueles que nos dão uma recepção calorosa, nem permanecer mais tempo do que essa recepção calorosa possa durar, sejam quais forem nossas circunstâncias.

A ideia que parece prevalecer na mente de alguns, de que têm liberdade para "aproveitar-se" de parentes naturais ou espirituais, é um grande equívoco. Tal direito não existe. Temos o direito de dar e de ser generosos, mas não estamos autorizados a solicitar ou exigir tais coisas dos outros. Eles têm o direito de dar ou de reter o que lhes pertence, aquilo de que são administradores. Quanto ao quanto as novas criaturas devem permitir que irmãos equivocados ou parentes segundo a carne se aproveitem delas, isso dependeria das circunstâncias, em grande parte das condições físicas e financeiras do visitante. No entanto, por justiça a si mesmo e também ao visitante que tem uma visão equivocada sobre essa questão e que pretende transformar sua visita em uma imposição, o anfitrião deve dizer, de maneira gentil, mas clara: "Talvez eu deva lhe dizer que não será conveniente para mim recebê-lo conosco por mais tempo do que —"; ou outra boa maneira de lidar com tais pessoas é dizer-lhes, no início da visita, que será conveniente recebê-las até uma determinada data, ou convidá-las explicitamente para uma refeição, um dia ou uma semana, conforme o caso — indicando claramente a duração do convite e não deixando espaço para suposições. Tal atitude parece absolutamente necessária no interesse do lar, do orçamento familiar, do próprio tempo, do serviço ao Senhor etc., bem como adequada e útil para o grande número de pessoas que têm julgamentos equivocados a esse respeito. Mas não é necessário que pensemos ou falemos com maldade a essas pessoas ou sobre elas. Talvez elas tenham falhado mais nesse aspecto específico do que nós ou alguns outros, e talvez nós, por natureza, tenhamos falhado mais do que elas em outros aspectos. De qualquer forma, devemos pensar com bondade e generosidade

[F572]
em relação a elas e, mais ainda, nos comprometer a evitar de forma mais completa esse caminho repreensível.

"Não se preocupem com o amanhã"
—*Mateus 6:34, 19,* 20—

A declaração de Nosso Senhor citada acima, e sua outra declaração: "Não acumulem para si tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem corrompem, e onde os ladrões arrombam e roubam; mas acumulem para si tesouros no céu", foram, em nossa opinião, seriamente mal interpretadas por muitos de seus seguidores sinceros e bem-intencionados. Alguns concluíram que o Senhor queria dizer que deveriam viver "dia a dia" e ser totalmente indiferentes ao futuro. Vemos, ao contrário, que nosso Pai celestial não nos deu tal exemplo; que ele continuamente cuida de nós e organizou as estações, os grãos, os vegetais e as frutas em sua ordem. Vemos também que ele pretendeu que reconhecêssemos princípios semelhantes e organizou a natureza de tal forma que é necessário plantarmos se quisermos comer posteriormente, tecermos se quisermos ter roupas e prepararmos com antecedência o óleo que nos dará luz à noite. Esse mesmo princípio se aplica a todos os assuntos da vida, e devemos rejeitar a ideia de que nosso Senhor Jesus pretendesse contradizer ou derrubar esse arranjo divino, conforme se manifesta em toda a natureza.

O que, então, nosso Senhor quis dizer? Respondemos que, no original do primeiro texto, o pensamento é: "Não se preocupem [não se sobrecarreguem] com o amanhã"; "Basta a cada dia o seu mal." O povo do Senhor não deve se *preocupar* com o futuro. Devem ser "não preguiçosos nos negócios, fervorosos no espírito, servindo ao Senhor". Enquanto plantam, semeiam, capinam e cavam, devem reconhecer, pela fé, que todos os seus assuntos estão sujeitos à supervisão divina e que Deus prometeu que todas as coisas cooperarão para o bem daqueles que o amam. Devem aplicar tão profundamente as preciosas promessas do cuidado divino que seus corações fiquem inteiramente livres da ansiedade.

[F573]

Devemos reconhecer uma grande diferença entre descuido e cuidado ansioso. Se nosso Senhor tivesse sido descuidado, extravagante, esbanjador, imprudente em relação ao amanhã, Ele não teria dito aos Seus discípulos para recolherem os pedaços que sobraram após a alimentação das multidões; mas Ele ilustrou, justamente nesse incidente, a importância de se preocupar com a próxima refeição, com o dia seguinte. Contudo, não foi um pensamento ansioso que Ele elogiou. Os discípulos deveriam usar o que lhes fora colocado nas mãos e não desperdiçar nada disso. Mas se seus suprimentos se esgotassem sem culpa alguma da parte deles, e se não tivessem meios de reabastecê-los, deveriam confiar no Senhor de forma tão implícita a ponto de afastar a ansiedade, embora sem diminuir sua energia. Esse mesmo pensamento é ilustrado no caso de José no Egito, onde, sob orientação divina, ele acumulou tesouros de trigo durante sete anos de abundância e, assim, fez provisões para os sete anos seguintes de fome.

O segundo texto também não implica descuido em relação aos assuntos cotidianos da vida — os interesses da vida presente, o sustento adequado para nossas famílias, etc. O que, então, ele significa? Significa que nada de natureza terrena deve se tornar nosso *tesouro* — que devemos valorizar acima de tudo o tesouro celestial. Nele nossos corações devem estar centrados, e nele devemos continuamente deleitar nossas mentes; assim enriquecidos, devemos ter o descanso espiritual pela fé, confiando nas promessas divinas. O mundo não conhece nenhuma dessas coisas extremamente grandes e preciosas que as novas criaturas possuem pela fé. E, como expressa o hino:

> "Cada coração buscará e amará o que lhe pertence; minha meta é Cristo, e somente Cristo."

Ao escolhermos Cristo, estamos escolhendo não apenas a glória, a honra e a imortalidade prometidas àqueles que são Seus, mas também os sofrimentos do tempo presente, as provações, os testes e as experiências especiais prometidas àqueles que seguem Seus passos, como uma educação e preparação necessárias para as glórias que estão por vir. Além disso, todos os que assim buscam a Cristo, todos os que assim se consagraram plenamente ao Senhor, não têm nada de

[F574]
natureza terrena que possam chamar de seu. Quando eram da terra e terrenos, consideravam seus interesses terrenos como bens pessoais; mas, quando se tornaram do Senhor, entregaram-se a ele, com tudo o que possuíam. Casas, terras, filhos, marido, esposa, irmãos, irmãs — tudo foi dedicado e consagrado ao Senhor. Nada disso, portanto, pode agora ser o tesouro da nova criação.

Isso não significa que um homem não possa amar sua esposa, ou a esposa seu marido — apreciando-se mutuamente de forma profunda. Não significa que eles não possam amar seus filhos e valorizar grandemente suas qualidades de coração e mente. Isso não significa que não possam continuar a amar e apreciar as belezas da Natureza. Não significa que não possam possuir uma casa ou ter um animal. Mas significa que nenhuma dessas posses terrenas pode mais ser seu *tesouro*, nem, em qualquer sentido da palavra, competir com o Senhor, a quem aceitaram como "o principal entre dez mil e o único totalmente amável".

O dinheiro não deve ser amado, reverenciado nem adorado: não devemos ser seus escravos ou servos. Prestamos nossa lealdade, como filhos e servos, ao Criador Todo-Poderoso, e o dinheiro é um de seus servos e instrumentos, devendo, portanto, ser considerado assim por nós, que somos administradores de grande parte dele, na medida em que, pela providência divina, ele venha a estar sob nosso controle.

Mas não nos lembramos das palavras do Senhor ao jovem que se aproximou dele perguntando: "O que ainda me falta?", e a quem Jesus respondeu: "Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem, toma a tua cruz e segue-me"; e ele se afastou triste, pois possuía muitos bens. (***Mt 19,16-22***) Isso não nos ensina a necessidade de todo o povo do Senhor se tornar pobre? Sim, respondemos: "Quão difícil será para aqueles que possuem riquezas entrar no Reino de Deus! É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha*

---

*As grandes cidades do Oriente, nos tempos antigos, tinham portões enormes que eram fechados ao pôr do sol e não podiam ser abertos até a manhã seguinte,

[F575]
do que a um rico entrar no Reino dos céus." (***Mateus 19:24***) Os ricos enfrentam tentações nas coisas boas desta vida presente, que tendem a atrair seus corações e a se tornar seus ídolos e seus tesouros. Eles estão, portanto, em situação menos favorável nesse aspecto do que os pobres, que têm poucos bens deste mundo nos quais fixar seus corações e que estão mais inclinados a ouvir com alegria as boas novas da graça divina, as grandes riquezas que o Senhor reserva para seus fiéis. Seria um erro, no entanto, supor que ninguém pudesse possuir os bens deste mundo sem abusar deles, adorá-los, idolatrá-los ou considerá-los seus tesouros. Seria um erro igualmente grave supor que aqueles que carecem de riquezas terrenas não possam adorá-las e transformá-las em tesouros. Quem nunca conheceu ou ouviu falar de pessoas pobres que, evidentemente, adoravam a riqueza, ansiavam por ela, lutavam continuamente por ela e estavam sempre insatisfeitas por não conseguirem deitar as mãos naquilo que seus corações consideravam um tesouro?

Todos os que se aproximam do Senhor, sejam ricos ou pobres no que diz respeito aos bens deste mundo, devem vir com a compreensão da consagração total — um sacrifício completo de seus corações, de suas vontades e de tudo o que possuem — caso contrário, não serão aceitos. O homem pobre que se aproxima do Senhor deve abandonar os ídolos de sua *imaginação* e *ambição*, sua cobiça pela riqueza terrena que ainda não alcançou. O homem rico que se aproxima do Senhor deve, da mesma forma, vir com uma entrega total de sua vontade, renunciando aos seus planos e projetos de natureza terrena, aos quais antes dedicava o melhor de suas energias: ele deve sacrificar, não apenas o que possui, mas tudo aquilo que esperava, almejava e ambicionava conquistar — tudo deve ser colocado no altar do Senhor, ou ele não poderá ser seu discípulo.

---

para que nenhum inimigo se aproveitasse da situação e lançasse um ataque. Mas havia pequenos portões que eram vigiados e pelos quais um homem podia entrar e até mesmo trazer seu camelo, retirando a carga e permitindo que o animal rastejasse para dentro de joelhos. Esses pequenos portões eram chamados de "olhos de agulha". Assim, um homem rico pode ter acesso ao Reino, mas não sobrecarregado com riquezas ou tesouros terrenos. Estes devem ser deixados de lado.

[F576]

O jovem rico poderia ter compreendido melhor as palavras de nosso Senhor se estivesse com a atitude mental correta; pois acreditamos que o Senhor teria lhe explicado melhor a questão. Se ele tivesse dito: "Senhor, aceito as condições; entrego tudo o que tenho a Ti, como representante de Deus". Como devo proceder para cumprir suas instruções? Devo vender meus rebanhos, gados, terras e casas, pegar a quantia bruta assim recebida, reunir os pobres, jogar o dinheiro para o alto e deixá-los disputar por ele, ou como devo proceder? Por favor, dê-me mais instruções.

Podemos imaginar o Senhor dizendo-lhe: "Você chegou agora ao ponto a que eu desejava que chegasse, e explicarei minha orientação mais detalhadamente. Você fez agora a consagração de *tudo o que possui* a Deus, submetendo-o à vontade Dele — para ser usado de acordo com sua compreensão do que é a vontade Dele — e está me perguntando a respeito dessa vontade. Vou lhe dizer: a vontade Dele é que você mesmo se torne Seu administrador, não apenas para guardar os bens, mas para administrá-los, gastando-os e utilizando-os da maneira mais sábia que você souber. E sugiro que comece pegando o dinheiro que você tem no banco e fazendo uso dele. Você pode, se quiser, começar por aqui, com meus apóstolos e seguidores. Veja o bem que você pode fazer a eles. À medida que for gastando esse dinheiro, venda uma casa, um rebanho de ovelhas ou uma manada de gado, e assim prossiga no uso dos meios que Deus colocou sob seu controle — tornando-se seu administrador, esperando que, tendo feito a consagração de tudo a Ele, Ele, por fim, peça prestação de contas. Então, se você for capaz de demonstrar que utilizou aquilo que consagrou a Ele da maneira mais sábia e completa que soube, poderá esperar ouvir as palavras abençoadas: "Bem feito, servo bom e fiel; entra nas alegrias do teu Senhor."

A consagração de tudo o que temos ao Senhor não significa que todos os nossos bens devam ser usados exclusivamente na obra religiosa. Como administradores do Senhor, devemos buscar continuamente saber o que Lhe agradaria, obtendo nossas instruções de Sua Palavra. Lá somos ensinados a glorificá-Lo; e, ao

[F577]
busca de glorificá-Lo, devemos nos empenhar em usar, não apenas nossas vozes e canetas, mas todos os nossos talentos, incluindo o talento do dinheiro ou dos bens. Visto que pertencemos ao Senhor, todas as obrigações que recaem sobre nós são obrigações que recaem sobre o tempo e os bens consagrados. Por exemplo, ter uma esposa significa ter uma obrigação para com ela de prestar atenção e sustento razoáveis e adequados; e, da mesma forma, os filhos são hipotecas sobre tudo o que possuímos em termos de bens, tempo ou talentos.

É a vontade de Deus que reconheçamos essas responsabilidades e que, dia após dia, atendamos às suas exigências de maneira razoável — sem esquecer que se espera de nós que não desperdicemos os recursos do Senhor, mas que procuremos direcionar o máximo possível deles para canais que sejam especialmente úteis na promoção da verdade religiosa — a divulgação das boas novas de grande alegria —, representando nossa mais elevada concepção das coisas boas para a criação em crescimento. O que queremos dizer é que o cuidado com a esposa e os filhos, ou com pais idosos ou outras pessoas que dependam devidamente de nós, é reconhecido pelo Senhor como um uso adequado de uma parte do que consagramos a ele. Mas não devemos permitir que a extravagância ou o desperdício nessas áreas interfiram no uso de nossos recursos de forma mais direta naquilo que, para nós, é a principal obra da vida — a proclamação do Evangelho, as boas novas do Reino.

Não só não devemos privar nossas famílias das coisas necessárias para seu devido cuidado, mas as Escrituras nos ensinam que faz parte de nosso dever prover para elas, olhando, em certa medida, para o futuro. Ouça a mensagem transmitida pelo sábio: “Vai à formiga, preguiçoso; observa os seus caminhos e torna-te sábio.” (***Prov. 6:6***) Vemos a formiga acumulando um bom estoque de alimento para seus futuros filhotes; e assim o Apóstolo nos diz que os pais devem provisionar para seus filhos. (***2 Cor. 12:14***) De acordo com a disposição natural e a tendência de nossa natureza egoísta e caída, provavelmente são menos aqueles que precisam de admoestação nesse sentido do que aqueles que precisam de conselho contra cair no extremo oposto

[F578]
. O pensamento das Escrituras sobre o assunto é expresso novamente nas palavras do apóstolo: "Providai o que é honroso aos olhos de todos os homens"; e ainda: "Quem não cuida dos seus... negou a fé e é pior do que um incrédulo." ***Rom. 12:17***; ***1 Tim. 5:8***

A ideia parece ser que todo pai ou mãe tem o dever para com seu filho de lhe proporcionar um começo de vida melhor do que apenas o corpinho imperfeito e moribundo que nasceu neste mundo. Tendo trazido filhos ao mundo, torna-se dever dos pais zelar por seu estabelecimento razoável e adequado nele. Isso inclui não apenas o fornecimento de alimento e vestuário durante a infância e a juventude, mas também a provisão de instruções intelectuais e morais às quais já nos referimos; e tudo isso significa poupar, reservando parte do consumo pessoal, no interesse dos filhos. Considerando as incertezas da vida, não seria uma aplicação irracional da injunção bíblica que os pais tivessem algo reservado para as necessidades de sua família, caso venham a falecer antes que os filhos atinjam a maturidade. Não é nossa intenção sugerir que o Apóstolo quisesse dizer que os pais deveriam procurar acumular fortunas para que seus filhos disputassem e fossem prejudicados por elas. A criança nascida em boas condições e que recebe educação e orientação razoáveis até a maturidade está bem de vida, possui um rico legado em si mesma; e o pai que tomou tais providências para seus filhos tem todos os motivos para sentir que foi guiado nessa questão pela mente sã, pelo espírito santo e pela disposição correta, aprovada pelo Senhor, mesmo que não deixe nenhum patrimônio para sua família, ou nada além de um abrigo ou lar. Tal homem cumpriu sua responsabilidade e tais filhos certamente apreciarão, no final, sua fidelidade.

Organizações de Benefício Mútuo, etc.

Vivemos em uma época de organizações, e é preciso admitir que algumas delas têm sido e são arranjos verdadeiramente sábios e benéficos. As seguradoras de todos os tipos são, é claro, de natureza comercial, não, estritamente falando, filantrópicas. São esforços por parte da

[F579]
humanidade para superar as incertezas e dificuldades da vida presente — para se precaver com antecedência contra a morte e suas consequências calamitosas para os dependentes. Não precisamos entrar em descrições ou detalhes a respeito dos vários tipos de seguro, mas podemos afirmar de imediato que é puramente uma questão de julgamento comercial, e não uma questão religiosa, se o povo do Senhor deve ou não valer-se das oportunidades de seguro.

Conhecemos circunstâncias em que consideramos que o pai de família agiu sabiamente ao manter uma apólice de seguro em benefício de sua esposa e filhos. Isso é especialmente sensato quando a esposa não concorda com a Verdade Presente e com as visões do marido a respeito do futuro próximo, e quando ela deseja o seguro como proteção e como descanso e alívio para sua mente. Se o julgamento do marido coincidir, em grau considerável, com o de sua esposa, achamos que ele faria bem em manter tal seguro. Não estamos defendendo o seguro e, quanto ao autor, ele não possui nenhum. Estamos meramente apontando que nada nas Escrituras se destina a governar ou regular a conduta das novas criaturas a esse respeito, e que cada um deve usar seu próprio julgamento, em harmonia com suas condições específicas, ao decidir sobre o assunto.

De acordo com nossas expectativas, o peso do grande tempo de angústia recairá sobre nós em breve, em algum momento entre 1910 e 1912 — culminando com o fim dos "Tempos dos Gentios", em outubro de 1914.*

O início da gravidade da tribulação não está claramente marcado nas Escrituras e é, antes, conjectural. Inferimos que uma tribulação tão grande, uma catástrofe de alcance tão mundial, dificilmente poderia se concretizar em menos de três anos, e que, se durasse muito mais do que três anos, "nenhuma carne seria salva". Em consonância com essas antecipações, esperamos que, quando a tempestade financeira varrer

---

*Ver Vol. II, pp. 76-78. Assim, o ápice das forças que a impulsionaram ocorreu no outono de 1914, com a eclosão da grande guerra europeia — uma etapa na derrubada do Império de Satanás.

[F580]
A cristandade, os negócios, os bancos, as seguradoras e os valores imobiliários entrarão em colapso juntos; que isso, de fato, constituirá um aspecto grave da tribulação, trazendo desânimo e amargura aos corações que não têm mais nada em que se apoiar
—nenhum tesouro celestial.

É muito razoável supor que as chamadas sociedades fraternas de seguros entrarão em colapso antes das companhias tradicionais, pois as primeiras carecem de capital e dependem de contribuições; e porque essas contribuições se tornarão mais onerosas à medida que o número de membros das sociedades não apenas deixe de aumentar, mas, sob condições adversas, venha a diminuir. O fracasso dessas diversas associações, sem dúvida, destruirá as esperanças de muitos e os tornará imprudentes em relação a todas as perspectivas terrenas. Cada um, portanto, deve decidir por si mesmo o caminho mais sábio a seguir como administrador de quaisquer bens ou renda que possua; mas nenhum membro da nova criação, controlado e guiado pela fé no Senhor, sentirá tal apreensão em relação ao futuro a ponto de trazer medo ao seu coração; nem essa classe depositará tanta confiança em qualquer agência, proteção ou assistência humana a ponto de se sentir dependente dela como se fosse seu tesouro, e ficar de coração partido caso ela falhe.

Isso nos leva à questão das ordens, sociedades etc., e quais privilégios a nova criação possui em relação a tais organizações. É correto que sejam membros dessas sociedades? Respondemos que, embora as associações eclesiásticas sejam puramente religiosas e as organizações trabalhistas e beneficentes, em geral, sejam puramente seculares, ainda existem outras ordens que combinam características religiosas e seculares. Pelo que entendemos, por exemplo, os Maçons Livres, os Odd Fellows, os Cavaleiros de Pítia etc. realizam certos ritos e cerimônias de caráter religioso. Que fique claro que não estamos travando nenhuma guerra contra aqueles que são membros dessas diversas ordens, assim como não travamos guerra contra os diversos sistemas religiosos sectários. Colocamos no mesmo nível todos aqueles que possuem cerimônias religiosas, ensinamentos etc., e consideramos

[F581]
todos eles como partes da Babilônia, cujos setores ou distritos são, em alguns casos, mais puros e, em outros, menos puros, mas todos, no entanto, cheios de confusão e erro — contrários à intenção divina, conforme demonstrada na organização da Igreja primitiva e nas instruções, por palavra e exemplo, dadas a ela pelo Fundador inspirado e seus doze apóstolos.

Exortamos a nova criação a não ter absolutamente nada a ver com nenhuma dessas sociedades, clubes, ordens ou igrejas semirreligiosas; mas a "Saiam do meio deles, separem-se e não toquem no que é impuro". (***2 Cor. 6:17***) Suas coisas, seu culto, seus ensinamentos, suas doutrinas são impuros para nós, embora possam não ser impuros para eles mesmos. Os olhos do nosso entendimento foram abertos, e agora tudo nos aparece sob uma nova luz, de modo que as coisas que antes amávamos agora odiamos, e as coisas que antes odiávamos agora amamos.

Mas no que diz respeito a outras ordens e sociedades, que não contêm nada de caráter religioso — culto, ensino, doutrina, prática —, mas são meramente sociedades de seguro de benefício mútuo, e que utilizam sinais e senhas apenas como diversão; ou no que se refere a outras sociedades de trabalhadores, sindicatos para benefício mútuo e proteção contra a injustiça e para a manutenção de salários razoáveis — não temos nada a dizer contra elas. Todas elas afirmam estar organizadas segundo princípios de justiça, dos quais poderíamos aprovar. Todas afirmam não ter intenção de violar as leis, sejam elas humanas ou divinas. Não vemos, portanto, nenhuma objeção válida que possa ser levantada contra elas, caso, por qualquer motivo, a nova criatura considere necessário ou conveniente associar-se a elas. Nossa própria escolha e nosso conselho aos outros, na medida em que isso se aplique de forma prática aos seus casos, seria manter-se *livre* de todas as organizações humanas, unidos apenas ao Senhor e àqueles que têm o seu espírito; mas sabemos muito bem as pressões sob as quais as organizações trabalhistas surgiram, e que, se não fosse por sua existência, muito provavelmente os salários dos trabalhadores seriam mais baixos do que são, e suas condições gerais piores.

[F582]

No entanto, embora sintamos uma simpatia geral pelo objetivo dessas associações, não podemos endossar todos os métodos por vezes adotados, pois todos devem admitir que elas frequentemente utilizam o poder da organização de maneira tirânica. Devemos simpatizar com seu propósito geral, a saber: a resistência à pressão que inevitavelmente acompanha a acumulação de riqueza e às tendências gerais, nessas circunstâncias, nas mãos dos egoístas, de oprimir os pobres a ponto de provocar resistência. Nosso conselho aos irmãos que vivem em comunidades onde as organizações sindicais estão no poder e defendem os salários seria que contribuíssem voluntariamente para as despesas da organização com o mesmo valor que contribuiriam se fossem membros, e com a mesma regularidade, e que, em geral, obedecessem às ordens da organização, a menos que fossem contrárias à sua consciência; mas que, se possível, evitem a filiação, explicando sua posição até certo ponto no momento de oferecer sua parte nas contribuições. Isso tornaria evidente a todos que o desejo de se livrar da filiação não era um desejo egoísta de se esquivar da responsabilidade pelas despesas inerentes à preservação das condições favoráveis sob as quais o trabalho funciona.

Se, no entanto, nada menos do que a filiação regular for aceito, não conhecemos nenhum mandamento das Escrituras ou outra razão pela qual eles devam abster-se da filiação — especialmente se a filiação for uma condição da qual dependa seu pão de cada dia. Que se filiem nessas circunstâncias e paguem suas contribuições regularmente, mas evitem comparecer às reuniões, a menos que tenham motivos para acreditar que poderiam dar uma palavra oportuna que pudesse ser útil para a orientação adequada dos interesses da ordem, em harmonia com a paz e a justiça. No caso de uma greve, que obedeçam à ordem de se retirarem, mas que não participem de forma alguma em nada que seja tumultuoso ou contrário aos direitos e liberdades alheios; e que isso seja amplamente divulgado aos dirigentes da sociedade, para que não pensem em exigir tal serviço.

[F583]

Intromissão Conscienciosa

"Intrometer-se nos assuntos alheios" é severamente repreendido pelo Apóstolo, por ser totalmente incompatível com a nova mentalidade da nova criação. (***1 Tim. 5:13***; ***1 Ped. 4:15***) Um intrometido é aquele que se ocupa dos assuntos dos outros, com os quais, na verdade, não tem absolutamente nada a ver. Até mesmo os "filhos deste mundo" são sábios o suficiente em sua geração para discernir que, no breve período da vida presente, uma pessoa de mente razoavelmente sã tem o suficiente para se ocupar em cuidar adequadamente de seus próprios assuntos; e que, se dedicasse atenção suficiente aos assuntos alheios a ponto de ser totalmente competente para aconselhá-los e se intrometer em suas preocupações, certamente estaria negligenciando, em certa medida, seus próprios assuntos. Muito mais ainda as novas criaturas, geradas pelo Senhor com o espírito de uma mente sã, devem compreender essa verdade e, além disso, perceber que têm ainda menos tempo do que o mundo para se intrometer nos assuntos alheios, já que seu tempo não lhes pertence, devido à sua plena consagração de tempo, talento e influência, tudo ao Senhor e ao *seu* serviço.

Mesmo que careçam de uma mente naturalmente sã a respeito desse assunto, tais pessoas serão orientadas na direção correta pelas prescrições das Escrituras e pela compreensão de que o tempo é curto para o cumprimento da aliança de seu sacrifício. Elas também devem compreender que a Regra de Ouro, exigida da nova criação, proíbe tudo o que se assemelhe a intromissão. Certamente não gostariam que outros se intrometessem em seus assuntos e devem ser igualmente cuidadosos em tratar os outros como gostariam de ser tratados. O Apóstolo percebeu, no entanto, que o oposto disso é o espírito mundano geral e, por isso, admoesta os santos a estudar, praticar e aprender nesse sentido. Suas palavras são: "Esforçai-vos por viver com tranquilidade e cuidar de vossos próprios assuntos." ***1 Tess. 4:11***

Essa disposição natural de se preocupar com os assuntos alheios e de ajudar a corrigi-los, bem como de tirar o cisco do olho do irmão, negligenciando a trave no próprio olho — como o Senhor ilustrou a questão (***Mateus 7:3-5***) —,

[F584]
às vezes ataca a nova criatura de uma forma peculiar. Ele imagina que é seu "*dever*" aconselhar, criticar, investigar, repreender, censurar. À medida que reflete sobre o assunto, convence-se de que não fazer isso seria pecado; e assim se torna o que poderíamos chamar de intrometido consciencioso — alguém cuja intromissão se torna duplamente forte e agressiva por causa de uma consciência mal informada e mal orientada. Essas pessoas, muitas vezes sinceras e boas, verdadeiras novas criaturas, são prejudicadas por essa falha em tudo o que tentam fazer a serviço do Senhor. Cada um deve se controlar e aprender a aplicar as regras de justiça e amor já apontadas. Deve educar sua consciência para distinguir entre o dever fraterno e a intromissão; e, pelo que podemos observar, a maioria do povo do Senhor, assim como do mundo, acabaria repreendendo, censurando, criticando e procurando defeitos com muito menos frequência, depois de passar a apreciar as regras da justiça e do amor, combinadas na Regra de Ouro e aplicadas aos assuntos da vida e ao relacionamento com os outros.

É seguro questionar-se a respeito de qualquer assunto que se apresente nesse sentido: "Isso é da minha conta?" Em nosso relacionamento com o mundo, geralmente descobriremos, após uma análise cuidadosa, que não nos cabe repreender, censurar ou admoestar as pessoas. Fomos chamados pelo Senhor e nos desviamos do curso do mundo para seguir o caminho estreito; *essa* é a nossa tarefa. Devemos desejar que o mundo nos deixe em paz, para que possamos seguir o Senhor; e, da mesma forma, devemos deixar as preocupações do mundo de lado, dirigindo-nos — e nossa mensagem do evangelho — àquele que "tem ouvidos para ouvir". O mundo, por não ter sido chamado pelo Senhor e por não ter entrado no "caminho estreito", tem o direito de escolher seu próprio caminho e tem o direito de esperar que não interfiramos, assim como não desejamos que interfiram conosco. Isso não impedirá que nossa luz brilhe e, assim, estaremos indiretamente exercendo uma influência contínua sobre o mundo, mesmo que não

[F585]
repreendamos nem nos intrometamos de qualquer outra forma nos assuntos alheios. Quando se trata de uma questão comercial, na qual temos interesses financeiros, é claro que não será intromissão nos negócios alheios, mas sim cuidar de nossos próprios assuntos, dar a devida atenção a tal questão. Tampouco é intromissão que os pais tenham conhecimento e orientação a respeito de todos os interesses que surgem na família e no lar. No entanto, mesmo aqui, os direitos pessoais de cada membro da família devem ser considerados e preservados. O marido e pai da família, sendo reconhecido como seu chefe e principal autoridade, deve exercer essa autoridade com moderação amorosa e consideração sábia. A individualidade da esposa, seus gostos e preferências, devem ser levados em conta por ele; e, como sua representante, ela deve ter plenos poderes e autoridade em seu próprio domínio específico, como sua companheira e dona de casa; e, na ausência dele, deve representar plenamente sua autoridade em relação a todos os assuntos da família. Os filhos também, de acordo com a idade, devem receber um grau razoável de privacidade e individualidade em seus assuntos, devendo os pais exercer sua autoridade e supervisão apenas nas questões que contribuam para a ordem e o conforto do lar, bem como para o desenvolvimento adequado de seus membros nos aspectos mentais, morais e físicos. As crianças devem ser ensinadas desde cedo a não implicar umas com as outras, nem a se intrometer nos pertences alheios, mas a respeitar os direitos uns dos outros e a tratar-se com bondade e generosidade, de acordo com a Regra de Ouro.

Em nenhum lugar é mais importante lembrar-se dessa advertência contra a intromissão do que na Igreja. Os irmãos devem aprender rapidamente, tanto pela Palavra quanto pelos preceitos e exemplos dos anciãos, que não é intenção divina que se intrometam nos assuntos uns dos outros nem que discutam uns sobre os outros; mas que aqui, como em qualquer outro lugar, se aplica a regra divina: “Não faleis mal de ninguém”. A intromissão — pensar e falar sobre os assuntos particulares dos outros, com os quais não temos relação direta — leva à maledicência e à calúnia, e gera ira, malícia, ódio,

[F586]
conflitos e várias obras da carne e do diabo, como aponta o Apóstolo. (***Col. 3:5-10***) Assim, muitas vezes pequenas sementes de calúnia são plantadas e grandes raízes de amargura se desenvolvem, pelo que muitos são contaminados. Todos os que possuem a nova mente certamente reconhecem a nocividade desse mal, e todos eles devem ser exemplos em seus lares e bairros. A mente mundana consegue perceber que assassinato e roubo são errados, mas é necessária uma concepção mais elevada de justiça para compreender o espírito da Lei divina — que a calúnia é um assassinato de caráter e que roubar a boa reputação do próximo sob qualquer pretexto é um roubo. As pessoas de mentalidade mundana compreendem essa questão até certo ponto, e seus sentimentos são representados nas palavras do poeta: "Aquele que rouba minha bolsa rouba lixo;... mas aquele que rouba meu bom nome rouba aquilo que não o enriquece, mas me deixa de fato pobre."

"Abençoando a Deus e amaldiçoando os homens"

Não é de se admirar que o apóstolo Tiago se refira à língua como um membro indisciplinado, cheio de veneno mortal! Não é de se admirar que ele afirme que ela é o membro do nosso corpo mais difícil de controlar! Não é de se admirar que ele diga que ela incendeia o curso da natureza! (***Tiago, cap. III***) Quem nunca passou por algo parecido? Quem não sabe que pelo menos metade das dificuldades da vida se deve a línguas indisciplinadas; que palavras precipitadas e impetuosas já causaram guerras que custaram milhões e centenas de milhares de vidas; que elas também estão na origem de metade dos processos judiciais e de mais da metade dos conflitos domésticos que têm afetado nossa raça nos últimos seis mil anos! O Apóstolo declara a respeito da língua: "Com ela bendizimos [louvamos] a Deus, e com ela amaldiçoamos [ofendemos, difamamos, destruímos] os homens, feitos à imagem de Deus. Meus irmãos, essas coisas não deveriam ser assim." (Versículo 9) O cristão que apenas alcançou o padrão de não roubar do próximo, ou de não matá-lo, mas que comete depredações contra esse próximo com a língua — ferindo, matando ou

[F587]
rouba sua reputação, seu bom nome — é um cristão que fez muito pouco progresso no caminho certo e que ainda está longe da condição do Reino dos céus.

Todos sabem como é difícil controlar a língua, mesmo depois de percebermos sua disposição perversa em nossa natureza caída. Chamamos, portanto, a atenção para o único método adequado de refrear ou conter a língua, a saber, por meio do coração. A Palavra inspirada declara que "Da abundância do coração fala a boca". Sendo isso verdade, implica que, quando temos grande dificuldade com nossa língua, há muito que não está totalmente certo em nossos corações; e que, na medida em que colocarmos nossos corações em ordem, teremos menos dificuldade em controlar nossa língua. Os lábios que falam continuamente com desdém dos outros indicam um estado de coração orgulhoso, altivo, dominador e egocêntrico. Os lábios que falam continuamente mal dos outros, seja diretamente ou por insinuação, indicam que o coração por trás desses lábios não é puro, não está cheio do espírito de amor do Senhor — pois "o amor não faz mal ao próximo", nem mesmo em pensamento. Ele "não pensa mal". Ele não se permitiria supor o mal a respeito dele. Dar-lhe-á o benefício de toda dúvida e, antes, suporá o favorável do que o desfavorável.

O amor próprio costuma ser forte o suficiente em toda a humanidade para impedir que a língua diga qualquer coisa que possa prejudicá-la; e o amor verdadeiro, altruísta, que ama o próximo como a si mesmo, teria tanta relutância em falar em detrimento do próximo ou do irmão, ou mesmo em lançar uma crítica contra sua conduta, quanto teria em agir dessa forma contra si mesmo. Vemos, então, de qualquer que seja a perspectiva sob a qual analisemos o assunto, que a questão de primordial importância para a nova criação é a conquista do amor perfeito em nossos corações. Esse amor, em relação a Deus, nos estimularia a ter mais zelo, energia e abnegação ao cooperar no serviço divino, o serviço da Verdade; e, em relação aos homens, nos estimularia não apenas a agir com justiça e amor, mas a pensar e falar com gentileza de todos, na medida do possível. Este é

[F588]
o espírito santo, pelo qual nosso redentor nos ensinou a orar, e a respeito do qual Ele declarou que nosso Pai Celestial está mais disposto a concedê-lo a nós do que os pais terrenos estão a dar bons dons terrenos a seus filhos; e a sinceridade ao orar por esse espírito de santidade, espírito de amor, implica um desejo ardente e um empenho para que, em pensamento, palavra e ação, o amor se espalhe por todas as vertentes do nosso ser. Assim seremos filhos de nosso Pai que está nos céus e seremos considerados dignos de seu amor e de todas as coisas preciosas que ele prometeu e reservou para aqueles que o amam.

Obrigações Sociais

A nova criação, enquanto estiver identificada com esses corpos mortais, mantém, por meio deles, um contato social com os homens naturais e tem certas responsabilidades sociais. A nova mente naturalmente anseia pela comunhão com outras mentes novas e, à medida que avança no desenvolvimento das graças da Verdade, encontra-se cada vez mais distante das associações, objetivos, ambições, literatura e temas de conversa mundanos. Para muitos, surge a pergunta: até que ponto as novas criaturas, que se consideram mortas para as questões e interesses terrenos, etc., ainda devem manter a convivência com seus amigos segundo a carne — os não consagrados. Esse é um assunto que merece a atenção séria e cuidadosa de cada indivíduo; não há duas pessoas em circunstâncias exatamente iguais, e nenhum conselho que pudesse ser dado se aplicaria a todos os casos.

O Apóstolo aconselha que não nos associemos com os malfeitores, com aqueles cujas práticas reconhecemos como impuras; que tenhamos nossa companhia em harmonia com a nova mente. Tal conduta, sem dúvida, será benéfica para nós, porque, em primeiro lugar, essa convivência não estimulará continuamente nossos apetites decaídos e nossas tendências naturais e degradadas; e, em segundo lugar, porque será mais útil em nossos esforços para seguir a orientação do apóstolo e para pensar, falar e praticar

[F589]
"tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama". ***Fil. 4:8***

No entanto, é claro que devemos sentir mais interesse por aqueles que nos são ligados por laços de sangue do que pela humanidade em geral. Assim, se o espírito do Senhor nos guia e nos inspira a sermos benevolentes e gentis para com a humanidade em geral, isso implicaria que nossos sentimentos para com nossos parentes devem ser especialmente considerados e, na medida de nossas oportunidades, ser úteis. No entanto, não seria sábio, segundo nosso julgamento, nem estaria em harmonia com as instruções das Escrituras, nem de acordo com os exemplos que elas nos apresentam da conduta de nosso Senhor e dos apóstolos, estendermos uma comunhão muito especial aos nossos parentes terrenos; ou recebê-los ou tratá-los melhor do que, ou mesmo tão bem quanto, trataríamos a família da fé. Excluímos aqui relações tão íntimas que nos imporiam exigências, de acordo com as palavras do apóstolo: "Quem não cuida dos *seus próprios*... negou a fé." (***1 Tim. 5:8***) Em geral, devemos aplicar as palavras do apóstolo: "Fazei o bem a todos, sempre que tiverdes oportunidade, especialmente à família da fé." Em seguida à família da fé devem vir nossos parentes mais distantes.

Evidentemente, era intenção de nosso Senhor reunir seus seguidores como uma nova família, como uma nova casa, a "família da fé". Por isso, encontramos repetidas exortações e encorajamentos à comunhão mútua, à ajuda recíproca e à convivência regular; com a promessa de que, onde dois ou três se reunirem em nome do Senhor, Ele estará especialmente presente entre eles para conceder uma bênção; e de que seu povo não deve esquecer de se reunir. A conduta de nosso Senhor estava em plena concordância com essa atenção especial dada à família da fé, pois vemos que, ao celebrar a última Ceia da Páscoa, que deveria ser realizada separadamente por cada família (***Êxodo 12:1-21***), o Senhor se reuniu com seus doze apóstolos como uma família à parte — separada de

[F590]
todos os seus parentes e os dele. Encontramos o mesmo pensamento em suas palavras quando foi informado de que sua mãe e seus irmãos estavam do lado de fora, desejosos de falar com ele. Ele respondeu e disse: "Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos? Qualquer um que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe." ***Mateus 12:47-50***

Seguindo esse exemplo divino, portanto, devemos esperar que nossos afetos e interesses sejam atraídos mais particularmente para os irmãos do "corpo de Cristo", companheiros na nova criação. Isso, no entanto, não deve ser entendido como algo que anule, de forma alguma, as mais estritas distinções entre os sexos na nova criação; nem implica que o cônjuge incrédulo deva ser negligenciado para que se dedique tempo e comunhão àqueles que possuem a nova mentalidade. Pelo contrário, a obrigação de cada um é para com o cônjuge — zelar para que nenhum conforto, privilégio ou companhia devidos lhe sejam negados. Isso, no entanto, não implicaria uma submissão à tirania, tal que não permitisse nenhuma provisão razoável para o cumprimento do mandamento divino: "Não deixem de se reunir..., e tanto mais quanto virem que o dia se aproxima." ***Hb 10,25***

"Honrai a todos os homens"

"Como livres, e não usando a liberdade como pretexto para a maldade, mas como servos de Deus. Honrai a todos os homens. Amai a irmandade. Temei a Deus. Honrai o rei." "Paga, portanto, a todos o que lhes é devido: imposto a quem se deve imposto; tributo a quem se deve tributo; temor [reverência] a quem se deve temor; honra a quem se deve honra; não devais a ninguém nada, a não ser o amor." ***1 Pedro 2:16,17***; ***Romanos 13:7,8***

A nova criatura, livre das rivalidades e ambições da vontade da carne, e inspirada pelos impulsos generosos e graciosos do espírito santo, não tem motivo para orgulho ou rivalidade cobiçosa, que impediriam a apreciação adequada das boas qualidades do coração ou da mente nos outros. Ele deve se alegrar em reconhecer e admitir plena e livremente os direitos e reivindicações terrenas dos outros — tendo renunciado aos seus próprios direitos e reivindicações de natureza terrena em favor dos espirituais, os celestiais. Tal pessoa seria naturalmente

[F591]
os mais sinceros no reconhecimento dos grandes deste mundo e os mais obedientes às leis e às exigências da lei, exceto quando estas entrassem em conflito com as exigências e os mandamentos celestiais. Poucos, se é que há algum, governantes terrenos em nossos dias encontrarão falhas no reconhecimento de um Criador supremo e em uma lealdade suprema aos seus mandamentos. Portanto, a nova criação deve ser encontrada entre os mais cumpridores da lei da atualidade — não são agitadores, não são briguentos, não são críticos. É verdade que eles enxergam, ainda mais claramente do que os outros, motivos para criticar — eles veem imperfeições em todos os arranjos atuais, baseados na lei do egoísmo. Mas também percebem, através dos olhos de seu entendimento, iluminados pela Palavra divina, que a agitação e a revolução humanas são totalmente impotentes para promover a mudança necessária; que, mesmo dez vezes mais do que o melhor que a humanidade pudesse ser considerada capaz de realizar, ainda estaria longe da perfeição que o Senhor nos aponta e nos encoraja a acreditar que Ele realizará no tempo devido, sob o ministério de Seu Reino — aquela condição em que a vontade de Deus será feita na terra como é feita no céu.

Consciente da impotência do esforço humano, a nova criatura possui um espírito de equilíbrio mental em relação às condições atuais, algo que outros — que enxergam menos do que ela — não possuem. Ela consegue perceber que mesmo a pior forma de governo humano, mesmo o uso mais arbitrário do poder e da autoridade na preservação da lei e da ordem, é de longe melhor do que a ilegalidade e a anarquia. Ele também aprendeu que o grande Jeová se interessa por essas questões e que o tempo e o modo de Jeová são os únicos sábios e adequados para alcançar os resultados desejados. A nova criatura, portanto, é paciente, alegre e esperançosa. Como expressa o apóstolo Tiago: “Sede pacientes, irmãos...A vinda do Senhor se aproxima.” (***Tiago 5:7, 8***) Seu Reino logo trará justiça e bênçãos para toda a humanidade.

A nova criatura também ouve a mensagem do Senhor: “Não te irrite por causa dos malfeitores” — no tempo devido, eles serão

[F592]
exterminados. (***Salmos 37:1,2***) Portanto, enquanto outros podem considerar importante discutir os diversos aspectos da política, do bom governo, das finanças etc., ele percebe, ao contrário, que Deus previu a situação atual e que a decisão já foi tomada contra as instituições egoístas de hoje: "MENE, MENE, TEKEL, UPHARSIN — Foste pesado na balança e achado em falta." (***Dn 5:25-28***) Ele percebe que o julgamento de Deus sobre o assunto, conforme expresso nas Escrituras, é correto e inalterável; e espera pacientemente que o Senhor realize a transformação das coisas de acordo com sua vontade divina e suas promessas graciosas. Embora perceba que isso significará grandes tribulações para o mundo, a nova criatura descansa nas promessas divinas e "deixa nas mãos de Cristo as chaves do amanhã". Ele compreende que suas palavras, pensamentos ou ações não poderiam alterar o resultado final, e seu coração descansa, pela fé, na sabedoria e no poder de Deus. Falando da nova criação em relação ao tempo conturbado que se aproxima, o Profeta disse com propriedade: "Ela [Sião] não será abalada" — sua confiança, segurança e fé estão bem fundamentadas, não na ignorância e na credulidade, mas na Palavra viva e permanente de Deus. ***Salmo 46:5***

Tampouco parece à nova criação ser necessário ou prudente tentar alarmar o mundo a respeito da angústia que se aproxima. Ela se lembra, antes de tudo, de que o Senhor declarou especificamente: "Nenhum dos ímpios compreenderá." (***Dn 12,10***) Ele lembra-se, também, de que a pobre criação, que geme, já tem o suficiente para suportar em suas provações diárias, sem antecipar as tribulações que se aproximam, as quais não poderia evitar; e que "Basta ao dia o mal que ele traz". Portanto, embora não evitem "proclamar todo o conselho de Deus" àqueles que dão qualquer sinal de ter ouvidos para ouvir, eles evitarão, com sabedoria e prudência, desperdiçar energias e despertar a ira daqueles que não apreciam o Senhor e sua Palavra. Não lançarão suas pérolas aos porcos, mas a sabedoria que vem do alto estará neles — primeiro pura, depois

[F593]
pacífica, mansa, cheia de misericórdia e de bons frutos. ***Tiago 3:17***

Honrar os homens, respeitá-los de acordo com seu caráter ou cargo e obedecer às leis não significa necessariamente participar com o mundo nas funções do governo. Foi proposta uma lei que obrigaria todos os homens a votar. Sempre que essa lei for aprovada, as novas criaturas, ao se sujeitarem a ela, deverão prestar obediência, e isso sem murmurar. E, ao cumprir essa exigência, deverão usar seu melhor julgamento e votar naqueles que considerarem os melhores candidatos. Entretanto, enquanto não houver tal exigência imposta a elas, nosso conselho é que mantenham uma estrita neutralidade em relação à política e evitem votar por completo. Nossas razões são estas:

(1) Não poderíamos esperar encontrar em nenhuma chapa eleitoral pessoas totalmente competentes para o cargo, de acordo com nossos padrões de julgamento.

(2) De qualquer forma, não poderíamos esperar que nossos votos tivessem qualquer influência apreciável sobre os resultados da eleição.

(3) Aqueles da nova criação que se envolvem na política e em suas diversas disputas não apenas têm seu tempo consumido por isso, mas também suas energias e seus recursos — todos consagrados ao Senhor, às coisas celestiais e à divulgação das boas novas de grande alegria. E não apenas isso, mas suas mentes ficarão necessariamente ocupadas com esses interesses políticos a tal ponto que isso prejudicará consideravelmente suas meditações particulares sobre as coisas melhores — sua comunhão e companheirismo com o Senhor no espírito.

(4) Aqueles que votam em um candidato ou em um partido tornam-se, em maior ou menor grau, obrigados a apoiar os resultados da eleição, se necessário, com arma e espada. E embora seja verdade que todo cidadão possa, nos termos da lei, ser chamado a defender com espada e arma as leis e instituições sob as quais vive, no entanto, ao participar ativamente das eleições, assume-se, mais especificamente, uma obrigação moral e uma responsabilidade pelos resultados e pelo curso geral do governo

[F594]
que, dessa forma, ajudou a formar. Nossa posição preferível, portanto — a posição mais honrosa perante o Senhor, perante a sociedade e perante nós mesmos — seria aquela que as Escrituras indicam: a posição dos estrangeiros. (***Salmos 39:12***; ***1 Pedro 2:11***) Os estrangeiros devem ser obedientes às leis; nós também. Os estrangeiros devem pagar impostos de acordo com as leis; nós também. Os estrangeiros podem buscar proteção sob as leis; nós também. Mas os estrangeiros não se sentiriam compelidos a lutar contra seu próprio Rei, a quem reconhecem lealdade em primeiro lugar; e nós preferiríamos estar na mesma posição, na medida do possível, pois não fomos nós "transferidos do reino deste mundo para o Reino do Filho amado de Deus" — em seu estado embrionário? ***Col. 1:13***

Não somos súditos do grande Rei? E não são todos os reinos deste mundo, em maior ou menor grau, identificados com "o príncipe deste mundo" e sua lei do egoísmo? Não somos, portanto, estrangeiros e peregrinos aqui e, em certa medida, forasteiros e foras-da-lei? É extremamente apropriado que amemos e valorizemos toda boa lei e todos os servidores das leis terrenas, e que nos regozijemos pelo fato de que a grande maioria da nova criação vive sob as mais elevadas formas de governo civil encontradas no mundo hoje, e que valorizemos isso como um favor e uma bênção divinos. Portanto, não difamamos nosso país natal, seus governantes ou suas leis; mas isso não significa que devamos lutar por eles com armas carnais, nem que devamos aumentar nossas responsabilidades votando neles.

É verdade que o governo nem sempre isenta aqueles que se opõem à guerra de participar dela, embora, no passado, tenha sido feita uma disposição muito generosa desse tipo para alguns que, como nós, acreditam que a guerra é injusta; a saber, os Amigos ou Quakers, isentos do serviço militar por meio de leis especialmente generosas. Podemos, no entanto, ser obrigados a prestar serviço militar, votemos ou não; e, se exigido, seríamos obrigados a obedecer às autoridades estabelecidas e deveríamos considerar que a providência do Senhor permitiu o alistamento e que Ele era capaz de anular essa decisão para o bem de nós mesmos ou de outros. Nesse caso, não consideraríamos

[F595]
impróprio dar uma explicação parcial aos oficiais competentes e solicitar uma transferência para o departamento médico ou hospitalar, onde nossos serviços poderiam ser prestados com o pleno consentimento de nossas consciências — mas, mesmo que fôssemos obrigados a servir nas fileiras e a disparar nossas armas, não precisaríamos nos sentir compelidos a atirar em um semelhante.

A Nova Criatura e as Reformas Morais

Todo membro da nova criação deve, necessariamente, simpatizar com a moralidade, a retidão, a pureza e a bondade de todos os tipos. Ele desejará ser puro não apenas no coração, mas, à medida que isso progredir, certamente o levará a ser limpo em sua pessoa e em seus hábitos, e isso incluirá não apenas o vestuário exterior, mas também sua boca. No entanto, tal pessoa não cometerá aqui o erro que o mundo comete, de considerar o que coloca na boca mais contaminante do que as palavras que saem dela. A pureza de coração levará à pureza e à verdade em seus lábios e, por sua vez, ao cuidado com o que comerá, o que beberá e com o que se vestirá — com o intuito de que possa glorificar a Deus em seu corpo e no espírito, que pertencem ao Senhor. Não nos cabe impor aos outros grilhões e escravidões que não se encontram na Palavra de Deus. Cada membro da nova criação deve compreender, da forma mais completa possível, que seu voto de consagração abrange todos os seus atos na vida. Se, portanto, ele estiver inclinado à gula, à embriaguez ou a hábitos imundos de qualquer tipo, cabe a ele considerar cuidadosamente e em espírito de oração se, em todas as coisas, está glorificando o Senhor e usando sua influência da forma mais ampla possível diante de seus semelhantes. Atrevemo-nos a sugerir que muito poucos da nova criação considerarão que glorificam a Deus ao comer ou beber algo que, em qualquer grau, interfira no melhor exercício de suas funções mentais, morais e espirituais. Certamente a maioria compreenderá que, na melhor das hipóteses, nossas forças, talentos e faculdades estão lamentavelmente enfraquecidos pela queda e precisam ser fortalecidos, em vez de prejudicados.

[F596]

O uso de roupas caras

Poderíamos argumentar com considerável veemência que nada é bom demais para um filho de Deus verdadeiro, fiel e nobre, que fez a consagração da vida e de tudo o que possui ao serviço divino. Poderíamos também raciocinar que, sem dúvida, os anjos do céu e todas as arranjos celestiais são esplêndidos e gloriosos em sua aparência e, portanto, esse esplendor representa a mente e a vontade divinas no que diz respeito ao povo de Deus. Ao considerar a questão desse ponto de vista, poderíamos, a princípio, sentir-nos inclinados a dizer que os membros da nova criação poderiam, com toda a propriedade, adornar seus corpos mortais com ouro, joias e trajes caros da maneira mais luxuosa; mas, antes de decidir isso, vamos examinar o outro lado da questão — as razões pelas quais as novas criaturas *não* deveriam adornar seus corpos mortais de forma luxuosa e extravagante:

(1) O adorno pessoal extravagante leva naturalmente a um certo grau de orgulho; e todos sabemos que o gosto pela ostentação, o desejo de causar boa impressão diante dos outros, é uma tentação peculiar à nossa carne caída e muito desfavorável ao cultivo do espírito de mansidão e humildade. Portanto, qualquer coisa que alimentasse o orgulho e impedisse o desenvolvimento da humildade seria contrária aos interesses da nova criação.

(2) A grande maioria da família humana é impedida de qualquer adorno exterior luxuoso pela pobreza e, enquanto estiverem sob o domínio da mente natural, certamente olharão com inveja para os ricos e, especialmente, para aqueles que fazem ostentação de riqueza. O espírito de amor, portanto, levaria a nova criação a considerar as condições e os sentimentos dos outros — para não provocá-los à cobiça, à inveja etc., nem fazer com que suas vidas e destinos pareçam amargos em comparação.

(3) Cada membro da nova criação consagrou tudo o que possui ao Senhor e ao seu serviço, comprometendo-se a utilizar tudo o que lhe vier a calhar em termos de bens deste mundo, não abusando deles, mas de acordo com o modelo daquele que se tornou nosso redentor, Líder e Senhor. O

[F597]
modelo estabelecido é o do *sacrifício* — não apenas de influência e tempo, mas também de recursos, riqueza etc. "Aquele que era rico, por nossa causa, tornou-se pobre." Todo membro da Nova Criação, portanto, na medida em que valoriza sua aliança e procura viver de acordo com suas condições, pode encontrar um uso melhor para o dinheiro que lhe foi confiado do que em adornos extravagantes, que podem não apenas prejudicá-lo a si mesmo, mas também provocar os outros de forma prejudicial. Ele desejará tornar cada dólar útil, na medida do possível, no serviço do Senhor.

Talvez seja oportuno, neste ponto, chamar a atenção para o fato de que a consagração que não nos permitiria gastar dinheiro com joias, ou com roupas luxuosas ou extravagantes, também não nos levaria, via de regra, a sermos administradores mais fiéis se investíssemos esse dinheiro em ações, títulos, imóveis etc., em vez de usá-lo em nosso próprio corpo ou esbanjá-lo em nossas casas. O dinheiro é valioso pelo uso que podemos dar a ele, e cada membro da nova criação que possua riqueza deve considerar cuidadosamente as responsabilidades da mordomia e estar pronto para usá-la de acordo com seu julgamento da vontade divina. Ele deve lembrar-se de que todas as tendências da natureza caída apontam para o egoísmo e que, portanto, a nova mente deve lutar contra essa disposição na carne e deve vencê-la, se quiser ganhar o prêmio.

Se um homem mundano de elevados princípios, que declara não ser cristão, mas que, se tem alguma religião, é budista, propõe a máxima de que é "uma vergonha para qualquer homem morrer rico", quanto mais os membros da nova criação deveriam sentir o mesmo — que seria uma vergonha para eles, tendo realizado a consagração de tudo o que possuíam ao Senhor, desperdiçarem o dinheiro consagrado de forma extravagante em si mesmos ou acumulá-lo, quando veem tantas oportunidades na vida para usar esse talento de maneira vantajosa! Toda a criação geme, está em dores de parto, como declara o Apóstolo; e, como explicou o mestre, os pobres sempre estarão conosco. Sem dúvida, todos aqueles que têm bons impulsos encontrarão inúmeras oportunidades para atos de benevolência e beneficência, tanto no sentido mundano quanto em questões temporais.

[F598]
Quanto mais a nova criação poderá perceber oportunidades para o uso sábio de sua mordomia e moderação em relação aos seus assuntos pessoais, a fim de que possam aproveitar as oportunidades que veem por toda parte ao seu redor para distribuir as bênçãos espirituais que o Senhor tão generosamente lhes concedeu. Talvez, por meio desse canal, eles sejam capacitados a levar aos outros as *vestes* da justiça de Cristo e o *pão* que desce do céu; para que, por meio dessa mordomia, possam manifestar de forma mais eficaz os louvores daquele que nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz, fazendo com que essa luz brilhe ainda mais claramente. Sem dúvida, é para dar ao seu povo a oportunidade de servir nessa questão e demonstrar sua devoção e fidelidade como administradores que o Senhor deixa sua causa em tal condição a fim de apelar continuamente aos seus consagrados para que neguem a si mesmos, tomem sua cruz e sigam aquele que Deus enviou para ser nosso exemplo.

Não estamos, com isso, exortando que alguém se reduza à miséria e se torne dependente da caridade alheia, doando tudo o que possui a serviço do Senhor, sem deixar nem mesmo a semente da qual se possam esperar rendimentos futuros. Tampouco estamos exortando que os sacrifícios sejam levados a tal extremo que levem o povo do Senhor a parecer estranho, maltrapilho ou mesquinho. A nosso ver, o vestuário adequado é aquele que é arrumado, apropriado ao ambiente e às condições, discreto aos olhos e em razoável harmonia com os recursos financeiros. Certamente, a nova criação deve servir de exemplo para o mundo nesse sentido. Deve-se ter o cuidado de não se vestir — nem tentar se vestir — além do que as circunstâncias permitem, de não exibir riqueza que não se possui e, de fato, longe de se vestir e viver de acordo com a plena medida de suas possibilidades — salário, renda etc.— o povo do Senhor deve viver dentro de suas possibilidades, não apenas para que tenha uma reserva para as necessidades comuns da vida, mas também para que esteja preparado a exercer as qualidades divinas de benevolência e caridade para com os necessitados.

[F599]

ESTUDO XV
OS INIMIGOS E AS PROVAÇÕES DA NOVA CRIAÇÃO

"O Velho Homem" — O Mundo como Inimigo da Nova Criação — O Grande Adversário — Ele Era um Mentiroso e um Assassino desde o Início — Os Cúmplices de Satanás no Mal — Legiões de Demônios — Como a Primeira Mentira de Satanás é Perpetuada — Ciência Cristã e Teosofia — "Não lutamos [apenas] contra carne e sangue" — O ministério do mal — As tentações do adversário — "A oração da fé salvará o doente" — "Se Satanás expulsar Satanás", seu reino definha — Ame a justiça — Odeie a iniquidade — ***Marcos 16:9-20*** — A Igreja nominal como adversária da nova criação — A armadura de Deus.

O PRINCIPAL entre os inimigos da nova criação é "o velho homem" — a velha vontade. Evitemos o erro tão comumente cometido a respeito desse assunto. Não pensemos na nova criatura como tendo duas mentes, duas vontades. "O homem de coração dividido é instável em todos os seus caminhos", insatisfatório para si mesmo e inaceitável para o Senhor. A nova criatura não é de duas mentes. Ela tem apenas uma mente, um espírito, uma intenção, uma vontade; e essa é a nova vontade, o Espírito de Cristo, o espírito santo. Em vez de aceitar parcialmente a mente de Cristo e manter parcialmente sua própria vontade, ela fez uma consagração total de sua velha vontade ao Senhor, e essa velha vontade, a partir de então, estava morta e afastada de qualquer controle sobre seus assuntos. Foi assim que ele foi aceito como membro do corpo de Cristo — para não ter vontade própria, mas permitir que a vontade da Cabeça o controlasse. Foi assim que ele se tornou uma nova criatura em Jesus e descobriu que "as coisas antigas passaram; todas as coisas se tornaram novas". Aqueles que não fizeram tal rendição não se tornaram membros da *Eclesia*, o corpo de Cristo, embora

[F600]
possam ser membros da "família da fé", da qual provêm todos os membros do "corpo", os "escolhidos".

Mas, embora a velha vontade tenha sido assim renunciada de forma completa e para sempre, e declarada morta (pelo Senhor e por todos os que veem as coisas do ponto de vista dele), e embora a carne também tenha sido considerada morta no que diz respeito ao pecado, mas viva para com Deus, vivificada pelas promessas e colocada sob o controle da nova vontade (***Rm 6,11; 8:11***), no entanto, essa morte da carne e de sua vontade, e a ressurreição da carne como serva da nova vontade, para servir ao Senhor, a Verdade, sob a Regra de Ouro, são apenas *questões consideradas como tal*. As condições de "morte" e de "vida" precisam ser mantidas continuamente pela oposição da *nova vontade* a qualquer vida ou atividade da *velha vontade* e à sua influência sobre a carne. Se a nova vontade se tornar indiferente e deixar de usar a carne mortal continuamente como sua serva em coisas mais elevadas e espirituais, a carne logo se reafirmará e terá impulsos e desejos próprios, antagônicos à nova mente, opostos aos interesses da nova criatura. Esta última deve, portanto, estar constantemente em alerta contra insurreições e, como expressa o Apóstolo, deve manter subjugada, manter morta, a velha vontade, com suas afeições e seus desejos — deve continuamente mortificar, ou dar morte, às ambições e aos desejos da carne. O Apóstolo explica isso, dizendo a respeito de si mesmo: "Eu subjugo o meu corpo [morto, no que diz respeito a todo controle da velha e egoísta vontade da carne], para que, depois de ter pregado aos outros, eu mesmo não venha a ser reprovado" — para que não deixe de tornar segura a minha vocação e escolha***. 1 Coríntios 9:27***

A Palavra inspirada declara que "o coração [natural] é enganoso acima de todas as coisas e desesperadamente perverso" (***Jer. 17:9***) — não o órgão chamado coração, mas aquilo que o coração representa nas Escrituras, a saber, os afetos naturais. A nova criatura recebe um novo coração, uma nova vontade, um novo padrão de afeto, no qual Deus, sua justiça, sua verdade, seu plano e sua vontade estão em primeiro lugar; e no qual todas as outras coisas ocupam um lugar de honra e amor na proporção de sua harmonia com o Senhor e sua justiça. Para

[F601]
aqueles que possuem esse novo coração, todos os membros da nova criação são necessariamente os primeiros e os mais próximos: por isso, como diz o Apóstolo, o amor aos irmãos é um dos melhores testes do relacionamento com o Senhor como novas criaturas. Mas isso, como já foi mostrado, não deve interferir no justo reconhecimento das obrigações para com os outros.

A nova criatura, o novo coração, com seus novos afetos, é continuamente atacada por seus inimigos: o velho coração, os velhos afetos, a disposição egoísta; e estes, percebendo que a nova criatura está obrigada, por mandamento divino, a ser atenciosa e generosa para com os outros, frequentemente enganam o novo coração, dizendo, em essência: Agora você me considerou morto; você me afastou, e estou morto, no que diz respeito ao que eu era. Não sou mais o mesmo velho coração que era antes; mas você deve me dar alguma consideração. Não deve me tratar com demasiada rudeza; deve admitir que fiz um progresso considerável e não deve colocar um fardo muito pesado sobre mim; isso não seria justo. Você deve ser egoísta até certo ponto. Vocês devem cuidar de si mesmos e de sua família; não apenas de suas necessidades, mas muito mais do que isso — e devem se esforçar para proporcionar-lhes riqueza e vantagens sociais. Vocês devem se sacrificar por eles.

Quão enganador é esse coração antigo! Quão especiosos são seus falsos raciocínios! Quantos já comprovaram isso para seu pesar! Quantos foram seduzidos e tiveram a nova mente cativada pelo antigo! Quantos se viram levados à escravidão pela astúcia do coração antigo! Um dos argumentos favoritos é que à nova criação é ordenado: “Na medida do possível, vivam em paz com todos os homens”. Esse conselho geral do Apóstolo procura-se exaltar muito acima de seu propósito e torná-lo superior ao mandamento divino (1) de que devemos amar e servir, honrar e obedecer ao Senhor com todo o nosso coração e toda a nossa mente, alma e força; e (2) de que devemos amar o próximo como a nós mesmos. Isso não permite a paz a qualquer preço. Se o coração antigo, a mente antiga, a vontade antiga conseguirem fazer com que o novo se *comprometa*

[F602]
da verdade ou do dever em nome da paz, não haverá fim para as exigências que isso acarretará; e o resultado será que a nova criatura logo, em nome da paz, estaria violando a própria essência de sua aliança com o Senhor e se submetendo totalmente à velha vontade, embora não deseje fazê-lo — na verdade, lutando contra a velha vontade, mas levada cativa por ela por meio de seu engano e de suas habilidosas interpretações errôneas da Palavra divina.

Quando assim atacada, a nova vontade deve declarar livremente que, embora a paz seja desejável no lar e em todos os lugares, ela não é a condição primordial, de acordo com a promessa do Senhor. De fato, o Senhor advertiu aqueles da nova criação de que, com a mesma certeza com que viverão piedosamente, terão de sofrer perseguição — e perseguição não significa paz com todos, mas o contrário. Ele lhes assegurou que, com a mesma certeza com que deixarem a luz brilhar, as trevas odiarão a luz e a combaterão e, se possível, induzirão o dono da luz a colocá-la debaixo do alqueire, a escondê-la; e que, para induzir esse ocultamento da luz, as trevas travarão uma guerra que significará tudo menos paz. Mas o Senhor nos assegura que essas são provações para a nova criatura — que ela deve determinar que a paz que é de maior importância para ela não é a paz da carne, mas a paz do coração, “a paz de Deus, que excede todo o entendimento”.

A nova criatura deve aprender que pode ter essa paz de Deus, que excede todo o entendimento, reinando em seu coração, mesmo quando as condições externas são o oposto da paz; mas que a condição de plena harmonia com o Senhor é uma recompensa pela fidelidade a Ele, custe o que custar, seja qual for o sacrifício. Portanto, quando confrontada pelos desejos da carne e pelos argumentos daqueles que lhe são próximos e queridos por laços terrenos, a nova criatura deve, antes de tudo, considerar sua obrigação primordial, a saber, que deve amar e servir ao Senhor com todo o seu coração, mente, ser e força, e que todas as relações com a família, com a carne ou com os vizinhos devem estar sujeitas a essa lei primordial de obediência a Deus.

[F603]

Por outro lado, a nova criatura deve evitar o fanatismo — evitar fazer coisas meramente porque são desagradáveis para si mesma ou para os outros; evitar julgar que a mente do Senhor seja sempre o oposto de suas próprias inclinações. É necessário um estudo sincero e paciente da Palavra divina, bem como do espírito e dos princípios subjacentes às exigências divinas, para que a nova criatura possa aplicar adequadamente as orientações da Palavra a todos os assuntos cotidianos da vida. Mas poucos, em comparação, são tentados nesse sentido. A maioria é mais tentada à satisfação da carne e, portanto, precisa de cuidado especial nesse aspecto — para que não andem segundo a carne, satisfazendo-a, servindo-a, submetendo-se a ela e, assim, caminhem na direção oposta àquela para a qual foram consagrados a seguir. Ou, se não andarem segundo a carne, no sentido de segui-la e servi-la, precisam estar especialmente em guarda para que a carne não os impeça de andar segundo o espírito, de progredir nas coisas espirituais — para que ela não se esforce por paralisar seu progresso espiritual e, assim, entrave sua fecundidade, crescimento e desenvolvimento em utilidade e, em última instância, impeça que vençam e conquistem o grande prêmio da co-herança com Cristo no Reino, como membros do pequeno rebanho.

O pensamento que deve estar sempre presente na mente é que as novas criaturas consagraram todos os seus interesses terrenos e carnais ao sacrifício; e que nada menos do que o sacrifício desses interesses lhes permitirá, como novas criaturas, ter pleno desenvolvimento e serem "tornadas aptas para a herança dos santos na luz" — para uma participação na primeira ressurreição para a glória, a honra e a imortalidade, como membros do corpo de Cristo. A única restrição que devemos reconhecer nesse sentido de sacrifício total é quando os interesses de outras vidas se entrelaçam com os nossos, e quando a Regra de Ouro impõe suas limitações ao sacrifício, insistindo que se faça uma concessão razoável para com nossos entes queridos segundo a carne, que não se uniram a nós nessa consagração ao sacrifício.

[F604]

O Mundo como Inimigo da Nova Criação

Tudo o que diz respeito a este mundo maligno atual está, em maior ou menor grau, em desacordo com a retidão e, portanto, em maior ou menor grau, contrário à nova criação e ao seu padrão de retidão. A lei do mundo poderia, de maneira geral, ser resumida como egoísmo; não obstante, o mundo reivindica, e com considerável propriedade, um grande reconhecimento da justiça. Não somos daqueles que acreditam que todas as leis e todos os regulamentos do mundo civilizado sejam maus; pelo contrário, frequentemente ficamos admirados ao observar quão grandiosas são as leis da cristandade — quão sábias, quão justas, quão nobres — muitas delas evidentemente promulgadas com o objetivo de proteger os interesses dos fracos contra os fortes e de fazer justiça a todos. No entanto, com o egoísmo entrelaçado a cada pensamento, palavra e ato de todo o mundo, não é surpreendente que suas concepções mais elevadas de justiça sejam, por vezes, distorcidas e deturpadas — deturpadas.

Nossa surpresa, ao contrário, pode muito bem ser o fato de que a pobre humanidade caída tenha chegado a alcançar um sistema de leis tão grandioso quanto o que se encontra nos códigos legais da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos e de outros países. Não podemos duvidar de que a lei dada por meio de Moisés e exemplificada, multiplicada, honrada e exposta por nosso Senhor Jesus e seus apóstolos tenha tido muito a ver com — tenha sido, de fato, a base
— dessas leis humanas. No entanto, como todos admitirão, o egoísmo do homem está continuamente em conflito com as próprias definições de justiça do homem, e buscando deixá-las de lado, seja em parte ou por completo; e isso, que avança incessantemente em grande escala no mundo, é uma das principais dificuldades e batalhas da nova criação.

O mundo e seu espírito de orgulho, egoísmo etc. devem ser reconhecidos como um dos principais inimigos da nova criação. Todo o mundo da humanidade, que funciona sob esse “espírito do mundo” geral, está se movendo em uma direção geral, como um grande rio, em algumas partes do qual há maior velocidade e, em outras, maior lentidão, mas todos, no entanto,

[F605]
segue na mesma direção geral egoísta. A nova criatura, por meio da sua consagração e do espírito de sua nova mente, é obrigada a seguir um curso contrário e, portanto, enfrenta a oposição de toda a corrente do sentimento popular, da teoria, da tradição etc., sendo considerada peculiar. Ela tem que lidar com atritos. Ele está necessariamente em antagonismo com aqueles que seguem na direção oposta e que entram em contato com ele. Essa colisão não pode ser evitada. Isso significa não paz exterior, mas conflito exterior; esse conflito exterior, no entanto, pode significar paz e alegria interiores, pois a aprovação divina é alcançada.

Os objetivos, finalidades e métodos do mundo nem sempre são ignóbeis e injustos; mas mesmo seus objetivos e finalidades mais nobres são, em geral, contrários aos da nova criação, pois o mundo age sob o impulso da sabedoria humana, enquanto a nova criação é movida pela sabedoria que vem do alto. A sabedoria mundana tem suas próprias concepções de religião como um meio de manter as pessoas perversas sob controle. Ela tem sua própria ideia de moralidade, benevolência, fé, esperança, amor — não consegue compreender o ponto de vista diferente da nova criação e tende a considerar suas visões extremas, irracionais etc., sem compreender o plano divino, sem apreciar, do ponto de vista divino, a insignificância da vida presente, em comparação com a futura. A sabedoria mundana também não aprecia a impotência de todo esforço humano no que diz respeito à verdadeira elevação humana, quando contrastada com os grandes e grandiosos planos que Deus tem reservados e que serão plenamente revelados e colocados em prática com sucesso no Reino, assim que sua obra da era atual for concluída — assim que a Igreja escolhida tiver sido selecionada, aperfeiçoada, aprovada e glorificada.

A nova criação não deve, portanto, se surpreender se o mundo a odeia — mesmo aqueles que, no mundo, são moral e religiosamente bem-dispostos. E esse ódio e oposição do mundo, às vezes tão irritantes e difíceis para a fidelidade e a paciência, devem ser recebidos com mansidão; lembrando-se de que o mundo ainda está cego pelo “deus deste

[F606]
mundo" e não vê as "coisas extremamente grandes e preciosas", "as coisas profundas do espírito", à luz das quais nós, pela graça de Deus, somos capacitados a considerar todas as coisas — perdas, provações etc. — como meras "perdas e escória", para que possamos ganhar as coisas maravilhosas que nos foram prometidas na Palavra. Ceder ao espírito do mundo, permitir que seus sentimentos nos dominem em nome de sua paz, seria dar prova de uma apreciação inferior do Senhor, de sua Verdade e dos privilégios de seu serviço. O resultado seria que, se não perdêssemos tudo ao nos voltarmos completamente para a mundanidade, poderíamos, pelo menos, perder o prêmio, ter uma porção com a "grande multidão" e, após passar por grande tribulação, chegar a um lugar inferior em relação às glórias que se seguirão.

A rigorosa injunção do Apóstolo é: "Não ameis o mundo, nem as coisas que há no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele." (***1º João 2:15***) Devemos, portanto, estar em guarda contra qualquer indício de simpatia ou afiliação ao espírito do mundo. Isso não significa que devamos deixar de ter simpatia por nossos amigos, a quem chamamos de mundanos — que devamos ser indiferentes aos interesses deles, etc.; mas significa que, embora devamos cumprir cuidadosamente nossas obrigações para com os mundanos e prestar honra a quem honra é devida, tributo a quem tributo é devido, apoio a quem apoio é devido, bondade a quem bondade é devida, simpatia a quem simpatia é devida, devemos, no entanto, distinguir entre nossos amigos e vizinhos, que ainda estão sob a influência do adversário, e o espírito, ou disposição, que os tem movido e que os está iludindo.

Não devemos simpatizar com nenhuma das instituições atuais, que se baseiam no egoísmo e, em maior ou menor grau, se opõem à lei divina, a Regra de Ouro. Pode ser necessário conduzirmos nossos assuntos, em grande parte, de acordo com o egoísmo predominante no mundo; mas, sem nos determos para contestar a questão continuamente, nossos corações devem manter-se naquela atitude em que não simpatizamos com princípios egoístas

[F607]
e anseiem pelo reinado da Regra de Ouro de forma absoluta em todos os assuntos da vida e, na medida do possível, em nosso próprio relacionamento com o mundo.

Não nos cabe tentar transformar o mundo e revolucionar a sociedade e seus métodos. Essa tarefa hercúlea o Senhor reservou para si mesmo, e ela será plenamente realizada no "grande dia" que se aproxima rapidamente. Enquanto isso, o povo do Senhor, sob a orientação de sua Palavra — embora esteja no mundo e, necessariamente, tenha de lidar com seus assuntos e costumes — não deve nutrir amor nem simpatia por eles. Eles devem perceber, ao contrário, que manter-se em estreito contato com o Senhor e em estreita sintonia com os princípios de sua justiça implicará necessariamente o mesmo tipo de oposição que Deus tem a toda forma e grau de injustiça, desigualdade e ilegalidade — na igreja, no Estado, nas finanças, na política e nos costumes e usos sociais.

Percebendo isso com maior ou menor clareza, alguns, acreditamos, chegaram a um extremo ao denunciar as instituições atuais de uma maneira que nem o Senhor nem os apóstolos ordenaram, sancionaram ou ilustraram em suas palavras e conduta. Devemos lembrar que o mundo como um todo está vivendo de acordo com o padrão mais elevado que aprecia, e que simplesmente criticar questões que os outros são tão impotentes para corrigir quanto nós mesmos é pior do que inútil, pois isso apenas produz infelicidade, irritação etc., sem alcançar os resultados desejados. João Batista deu um conselho sábio nesse sentido quando, questionado por alguns soldados Romanos sobre o caminho correto a seguir, respondeu: "Não cometam violência contra ninguém [não violem as leis e regulamentos sob os quais estão sujeitos pelo governo] e contentem-se com o seu soldo". Simplesmente deixar as pessoas insatisfeitas com suas condições e ambiente atuais é extremamente imprudente. Pelo contrário, a influência, o espírito e a disposição da nova criação devem sempre ser voltados para a paz; e, se não podemos elogiar grandemente as instituições atuais, tampouco precisamos condená-las especificamente.

Nessas questões, podemos muito bem seguir o exemplo do

[F608]
do arcanjo, que nem mesmo proferiu uma acusação injuriosa contra Satanás, mas disse: "Que o Senhor te repreenda!" — no tempo e da maneira que Ele determinar. (***Judas 9***) O mesmo vale para nós. Percebendo que o Senhor repreenderá as instituições atuais em seu próprio tempo e à sua maneira, podemos dizer a nós mesmos, com o Apóstolo: "Sede pacientes, irmãos; a vinda do Senhor está próxima" — o estabelecimento de seu Reino, que está iminente, corrigirá todas essas dificuldades. A agitação antecipada sobre esses assuntos não só será inútil, mas pior ainda — desvantajosa, prejudicial — tanto para quem agita quanto para quem é agitado, gerando descontentamento. Entre os filhos deste mundo, haverá muitos agitadores quando chegar o tempo do Senhor para que essas questões sejam discutidas. Enquanto isso, todos os membros da nova criação demonstrarão sabedoria ao evitar tais questões que tendem a gerar contenda e descontentamento, e ao falar principalmente entre o povo do Senhor e aqueles que "têm ouvidos para ouvir" a respeito das coisas mais profundas do plano divino, incluindo, é claro, nas ocasiões apropriadas, o tempo de angústia pelo qual o Reino será estabelecido.

A nova criação, o Sacerdócio Real, tem uma obra especial, totalmente à parte do mundo e de toda a agitação de seus elementos. Sua obra no momento presente, como já foi mostrado, é tocar as trombetas de prata — proclamar a verdade do plano divino para aqueles que têm ouvidos para ouvir, para aqueles que não estão cegos e ensurdecidos pelos enganos do Adversário. Sua missão é especialmente entre o povo do Senhor, concluindo a obra da era evangélica, colhendo o trigo. ***Mt 13:37-43***

Sob outra imagem, a obra atual da Igreja é mostrada como a Noiva preparando-se para o casamento. (***2 Cor. 11:2***; ***Ap. 19:7***) Com tais chamados urgentes sobre eles a cada momento de seu tempo, por cada partícula de sua influência, recursos etc., as novas criaturas não têm amor pelo mundo, a ponto de buscar perpetuar seus arranjos, instituições etc., nem têm a disposição de antecipar o arranjo sábio e benéfico do Senhor para a transformação deste mundo maligno presente no "mundo

que há de vir", "no qual habita a justiça". ***Hb 2:5***; ***2 Pe 3:13***

O Grande Adversário, Satanás

O Apóstolo escreve: "O seu adversário, o diabo", como se quisesse que compreendêssemos que temos muito mais com que lutar do que as fraquezas de nossa própria carne e as imperfeições dos nossos semelhantes. Ele quer que percebamos que temos em Satanás um inimigo astuto e "ardiloso", e que devemos permanecer próximos ao nosso Pastor se quisermos ser libertos da tentação e do poder do Maligno. Observemos algumas das muitas passagens bíblicas que se referem a esse adversário, cuja própria existência está sendo negada por muitos atualmente:

"O diabo, o seu adversário, anda em volta como leão que ruge, procurando alguém para devorar." ***1 Pedro 5:8***

"Então Jesus foi levado ao deserto para ser tentado pelo diabo." ***Mateus 4:1***

"Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: 'Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno [Geena, destruição], preparado para o diabo e seus anjos'." ***Mateus 25:41***

"Os que estão à beira do caminho são aqueles que ouvem; depois vem o diabo e tira a palavra do coração deles." ***Lucas 8:12***

"Vós sois de vosso pai, o diabo, e quereis cumprir os desejos de vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio e não permaneceu na verdade, porque nele não há verdade. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio; pois é mentiroso e pai da mentira." ***João 8:44***

"Terminada a ceia, o diabo já havia posto no coração de Judas Iscariotes a intenção de traí-lo." ***João 13:2***

"Nem deis lugar ao diabo." ***Efésios 4:27***

"Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais resistir às artimanhas do diabo." ***Efésios 6:11***

"Para que... ele não caia na condenação do diabo." ***1 Timóteo 3:6,7***

"Para que se livrem da armadilha do diabo." ***2 Timóteo 2:26*** *"Para que, pela morte, destruísse aquele que tinha o poder da morte, isto é, o diabo."* ***Hb 2:14***

"Resistam ao diabo, e ele fugirá de vocês." ***Tiago 4:7***

"Quem comete pecado é do diabo; pois o diabo peca desde o princípio. Para isso se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo... Nisto se manifestam os filhos de Deus e os filhos do diabo: quem não pratica a justiça não é de Deus, nem aquele que não ama seu irmão." ***1º João 3:8,10***

[F610]

"O arcanjo Miguel, ao disputar com o diabo a respeito do corpo de Moisés, não ousou proferir contra ele acusação injuriosa, mas disse: 'O Senhor te repreenda'." ***Judas 9***

"O diabo lançará alguns de vocês na prisão, para que sejam provados." ***Apocalipse 2:10*** *"O grande dragão foi lançado fora, aquela antiga serpente, chamada diabo e Satanás, que engana o mundo inteiro; ele foi lançado na terra, e seus anjos com ele."* ***Apocalipse 12:9,12***

"Ele prendeu o dragão, aquela antiga serpente, que é o diabo e Satanás, e o amarrou por mil anos, [...] para que não mais enganasse as nações até que se completassem os mil anos." ***Apocalipse 20:2,3***

"O diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre. Esta é a segunda morte." ***Apocalipse 20:10,14***

"Agora é o julgamento deste mundo; agora o príncipe deste mundo será expulso." ***João 12:31***

"Daqui em diante não falarei muito convosco; pois o príncipe deste mundo vem, e ele nada tem em mim." ***João 14:30***

"Quando ele vier, repreenderá o mundo... quanto ao julgamento, porque o príncipe deste mundo já foi julgado." ***João 16:8,11***

"Nos quais, outrora, vocês andavam segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe do poder do ar, o espírito que agora atua nos filhos da desobediência." ***Efésios 2:2***

"Se o nosso evangelho está velado, está velado para os que estão perdidos; nos quais o deus deste mundo cegou as mentes dos que não crêem, para que a luz do glorioso evangelho de Cristo, que é a imagem de Deus, não lhes resplandeça." ***2 Coríntios 4:3,4***

"Quando os fariseus ouviram isso, disseram: 'Este homem não expulsa demônios senão por Belzebu, o príncipe dos demônios'. E Jesus disse: 'Se Satanás expulsa a si mesmo, ele está dividido contra si mesmo; como, então,
então o seu reino permanecerá?" ***Mateus 12:24-26***

"Como caíste do céu, ó Lúcifer, filho da alva!" ***Isaías 14:12-14***

"O próprio Satanás se disfarça como anjo de luz." ***2 Coríntios 11:14***

"Aquele cuja vinda se dá segundo a obra de Satanás, com todo o poder, sinais e prodígios enganosos, e com todo o engano da injustiça naqueles que perecem." ***2 Tess. 2:9,10***

"Para que Satanás não tire vantagem de nós; pois não ignoramos as suas artimanhas." ***2 Coríntios 2:11***

"Pois não lutamos contra carne e sangue, mas contra os principados, contra as potestades, contra os governadores das trevas deste mundo, contra as forças espirituais do Maligno nos lugares celestiais." ***Efésios 6:12*** Diaglott.

"Quem é gerado por Deus guarda a si mesmo, e o Maligno não o toca. E sabemos que somos de Deus, e que o mundo inteiro jaz sob o Maligno." ***1º João 5:18,19*** Diaglott.

[F611]

"Houve um dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor, e Satanás também veio entre eles." ***Jó 1:6-12; 2:1-7***

"E ele me mostrou Josué, o sumo sacerdote, em pé diante do anjo do Senhor, e Satanás em pé à sua direita para se opor a ele. E o Senhor disse a Satanás: 'O Senhor te repreenda, ó Satanás; sim, o Senhor que escolheu Jerusalém te repreenda'." ***Zacarias 3:1,2***

"Eu vi Satanás cair do céu como um relâmpago." ***Lucas 10:18***

"Apareci-te com este propósito... Eu te envio para abrir os olhos deles e para convertê-los das trevas para a luz, e do poder de Satanás para Deus." ***Atos 26:16,18***

"O Deus da paz esmagará Satanás debaixo dos vossos pés em breve." ***Romanos 16:20*** *"Para entregar tal pessoa a Satanás, para a destruição da carne."* ***1 Coríntios 5:5***; ***1 Timóteo 1:20***

"Não deis ocasião ao adversário para falar de forma injuriosa; pois alguns já se desviaram, seguindo Satanás." ***1 Tim. 5:14,15***

Quando nosso Senhor disse: "Afasta-te de mim, Satanás" [o adversário, o espírito opositor — Young], e novamente quando disse a Pedro: "Afasta-te de mim, Satanás [o adversário, etc.]; tu és um escândalo para mim, pois não compreendes as coisas de Deus" (***Mateus 4:10; 16:23***), estava dizendo, na verdade, que, por estar em oposição a Deus, a mesma posição se aplicava também a todos os que estão em harmonia com Deus. E a declaração de Pedro de que ele anda como um "leão que ruge, procurando a quem possa devorar" parece ensinar que ele não é apenas "seu [da Igreja] adversário", mas o de toda a humanidade. Nosso Senhor faz uma afirmação direta nesse sentido. ***João 12:31; 14:30; 16:11***

A declaração de Nosso Senhor, de que Satanás é o grande adversário, não apenas de Deus, mas da humanidade, não é de forma alguma uma imagem fantasiosa, mas a pura verdade. Ele é nosso adversário num sentido em que o mundo e nossa própria carne não são nossos adversários. Nossa própria carne se opõe à nova criatura, não por amargura ou ódio, nem com qualquer intenção de prejudicá-la temporal ou eternamente; mas meramente no sentido de que os desejos da carne caída apontam para uma direção que está em desacordo com os melhores interesses da nova criatura e com as esperanças com as quais ela foi gerada. A oposição do mundo também não é maliciosa, mas meramente egoísta, por ver as coisas sob perspectivas diferentes e por causa

[F612]
por diferenças egoístas de interesse. Somente Satanás é o conspirador e intrigante deliberado e inteligente que usa uma inteligência sobre-humana e, na medida do permitido, poderes sobre-humanos, para seduzir nossa carne caída, por meio de apetites depravados, etc., e que frequentemente usa os mundanos como suas ferramentas e instrumentos inconscientes na oposição à justiça, à verdade e àqueles que são da Verdade.

Ele era mentiroso e assassino desde o princípio
—João 8:44—

O relato inspirado afirma, de forma persistente e consistente, que Satanás iniciou a rebelião contra a lei divina e seduziu nossos primeiros pais à desobediência, por meio de sua própria ambição de poder; e que, desde a queda do homem, esse mesmo adversário tem sido o oponente implacável de Deus, da justiça e da verdade; e não apenas o enredador da humanidade, mas o opositor do grande plano de expiação que Deus concebeu e está levando adiante por meio de Cristo. Pelo relato bíblico, não parece que Satanás tivesse quaisquer simpatizantes ou cúmplices entre os anjos na época de sua secessão e tentativa de estabelecer um senhorio ou domínio próprio na Terra, tomando como seus súditos a mais recente criação de Deus — a humanidade. Tão certo quanto o próprio Satanás fazia parte da criação geral de Deus, tão certo podemos saber que ele foi criado perfeito e reto, à imagem de Deus; pois toda a obra de Deus é perfeita. (***Ef 3,9***; ***Dt 32,4***) Ele tem apenas um único padrão de retidão, justiça e perfeição, e ele próprio é esse padrão.

Mas ser criado perfeito e permanecer perfeito são duas proposições inteiramente diferentes. Deus não se agradou em criar nenhuma de suas criaturas inteligentes como meras máquinas, incapazes de mudar de motivação e conduta. Pelo contrário, ele se agradou em criar todas as suas criaturas moralmente inteligentes à sua própria semelhança ou imagem, com perfeita liberdade para seguir o que é certo, verdadeiro, puro e bom, de acordo com seu próprio exemplo e preceito; mas com poder

[F613]
também de alterar ou reverter seu curso nesses aspectos, e de se tornarem rebeldes contra sua lei da retidão. Deus, no entanto, protegeu essa questão, mantendo em suas próprias mãos o poder da vida eterna; de modo que Ele tem controle total da situação e pode destruir qualquer uma de suas criaturas, caso elas se recusem a reconhecer e obedecer às suas exigências justas. Ele se propõe a apagá-las da existência, como se nunca tivessem existido, e a permitir que apenas aqueles cujo coração está em harmonia com suas exigências continuem a viver eternamente.

Entre os anjos de alto escalão (dos quais Satanás era originalmente um), havia, aparentemente desde o início, e ainda há, diferentes ordens ou graus, mas todos sob o domínio do amor e que, em obediência à vontade do Criador, funcionavam em uníssono e harmonia provavelmente por eras. Bondade, amor, gentileza, obediência às exigências do Pai celestial e a felicidade resultante disso foram, por muito tempo, suas únicas experiências. Mas, no tempo devido, outra característica do plano divino foi desenvolvida. O homem foi criado, de natureza diferente dos anjos, uma natureza um pouco inferior — humana, não angelical — terrena, não celestial — carnal, não do espírito. Além disso, a humanidade tinha um lar próprio — a Terra — com uma organização familiar, e os seres humanos formavam casais, homem e mulher, e possuíam poderes de procriação — a capacidade de propagar sua própria espécie. Em todos esses aspectos, eles diferiam dos anjos, que não apresentam diferenças sexuais, não possuem a estrutura familiar e não propagam sua própria espécie. A mais recente criação de Deus foi, sem dúvida, uma maravilha aos olhos de todas as hostes angélicas — em relação à qual suas faculdades de raciocínio encontraram abundantes oportunidades para serem exercitadas.

Foi então que um dos de alta posição, ponderando as possibilidades da questão e nutrindo pensamentos egoístas e ambiciosos, concluiu que, se de alguma forma conseguisse capturar o casal humano recém-criado e afastá-los de Deus, poderia, por meio deles, estabelecer um reino ou domínio especial próprio, do qual seria o deus ou senhor, usurpando o lugar e a honra de Jeová

[F614]
respeitando a humanidade e a Terra. Foi justamente a busca dessa ambição criminosa que lhe conferiu seu nome atual, Satanás — o adversário de Deus. Ele não meditou nem tentou usurpar o domínio de Deus sobre os anjos. Tal tentativa teria sido absurda, uma vez que todos os anjos conheciam Deus intimamente e viam Satanás como um dos seus. Portanto, eles nem sequer teriam pensado em consentir em se tornar seus servos e seguidores, preferindo muito mais — e estando plenamente satisfeitos com isso, sem qualquer rebelião — a administração justa, amorosa e sábia de Jeová Todo-Poderoso.

Assim que tais desígnios egoístas e ambiciosos se instalaram no coração de Satanás, ele começou a julgar o Senhor segundo seu próprio padrão falso e a supor que o Senhor Jeová, em toda a sua obra, estivesse meramente realizando desígnios ambiciosos e egoístas. É assim que o coração perverso está sempre pronto a imputar o mal aos outros, por mais puros, honrados e benevolentes que sejam. Sem dúvida, Satanás justificou seu próprio caminho, pelo menos no início, por meio de um raciocínio falacioso, segundo o qual, ao criar a humanidade em um plano inferior ao dos seres do espírito, os anjos, Deus teria sido influenciado por motivos sinistros e egoístas; e que a limitação à Terra como habitat deles teria como objetivo escravizá-los ainda mais plenamente. Uma vez que permitiu que esse pensamento invejoso, rebelde e não santificado entrasse em seu coração, era apenas uma questão de tempo até que o mal se desenvolvesse ainda mais, na sugestão e na manifestação do pecado aberto e da oposição aos desígnios divinos.

Talvez, de fato, tenha sido com a falsa ideia de que estava fazendo justiça aos oprimidos que Satanás se aproximou da mãe Eva no Éden e sugeriu a ela que as rígidas regras pelas quais Adão e ela própria haviam sido cercados pelo decreto divino a respeito de uma das árvores do jardim constituíam, por parte de Deus, o exercício de poderes autocráticos injustificados, — para restringi-los de liberdades que deveriam ser suas por direito e cujo exercício seria claramente benéfico para eles. Ele chegou a sugerir à mãe Eva — e possivelmente expressou com veracidade a opinião dos seus, por

[F615]
agora pervertido, de que Deus os havia enganado ao afirmar que comer o fruto da árvore proibida resultaria em sua destruição — sua morte. Satanás nunca havia visto a morte entre nenhuma das criaturas de Deus feitas à sua própria semelhança, dotadas de razão; e, portanto, em sua atitude mental perversa, ele não apenas atribuiu a Deus motivos sinistros em relação à criação, mas agora presumia que Deus havia mentido deliberadamente para suas criaturas, a fim de promover seus próprios planos de mantê-las em certa ignorância e sob o que Satanás, a essa altura sem dúvida, concluía ser autoridade despótica.

A sugestão maligna surtiu efeito. A mente da mãe Eva — que até aquele momento havia sido grata a Deus e reconhecida por todas as suas misericórdias e bênçãos, e que o havia reconhecido como a fonte da graça e da verdade, da benevolência e do amor — foi envenenada pelo pensamento de que estava sendo enganada; estava sendo privada de liberdades legítimas com a intenção de impedi-la de adquirir maior conhecimento, o que era seu direito legítimo, e que Deus, em sua determinação de mantê-los na escravidão da ignorância, estava deturpando para eles — ameaçando-os de que isso resultaria em sua morte —, enquanto esse amigo recém-encontrado, Satanás, que os amava mais e que zelava por seu bem-estar e sua liberdade, lhes assegurava que comer o fruto proibido não só não traria desastre e morte, mas traria aumento de conhecimento, liberdade e exercício de todas as suas faculdades. O veneno agiu rapidamente; o egoísmo e a ganância despertaram no coração da mãe Eva, que nunca antes havia nutrido tais sentimentos, pois nada em sua experiência anterior jamais havia sugerido tais pensamentos ou sentimentos.

A posição de Satanás sobre esse assunto, é claro, o separou de Jeová. Ele apostou tudo em sua capacidade de conquistar a nova raça humana como seus servos, seu reino; ou, como talvez ele mesmo tivesse expressado, havia apostado tudo em seu esforço para libertar a nova família humana do despotismo divino. Quando viu o efeito da transgressão — que o

[F616]
casal humano foi expulso do Éden e privado de suas árvores que sustentavam a vida, e que eles gradualmente começaram a murchar e a perecer — sem dúvida ele ficou desapontado, assim como a mãe Eva. Adão, segundo nos é informado, não foi enganado: ele sabia o que esperar como resultado da desobediência. Sua participação no ocorrido foi voluntária, um suicídio, poderíamos chamá-la. Inspirado pelo pensamento de que sua esposa deveria morrer, por ter provado do fruto proibido, e sentindo que toda a sua própria alegria pereceria assim, ele resolveu morrer com ela. Se tivesse compreendido melhor o caráter divino, tal como se manifestou desde então por meio das ações de Deus em relação à expiação, sem dúvida teria confiado em Deus para obter ajuda para sair daquela dificuldade e teria sido obediente ao decreto divino a qualquer custo.

Mas, voltando a Satanás: Tendo escolhido um caminho maligno, cada passo de sua jornada desde então parece levá-lo cada vez mais para longe de todos os princípios da retidão; de modo que, embora sua primeira mentira, "Certamente não morrereis", possa ter sido proferida com considerável franqueza, desde então, e até hoje, ele se esforça por todos os meios imagináveis para perpetuar sua falsa afirmação e para enganar a humanidade, levando-a a acreditar que não existe algo como *a morte*
— de que, quando morrem, estão mais vivos do que nunca. É a velha mentira: "Certamente não morrerão", readaptada às condições atuais. Ninguém hoje conhece melhor do que Satanás a realidade da morte, tal como ela se abateu sobre toda a família humana; e ninguém sabe melhor do que ele que, se a família humana compreendesse de forma clara e distinta a questão do pecado, sua pena, o resgate e a restauração resultante, a influência da Verdade seria a de atrair a humanidade para o seu Criador justo, mas misericordioso.

Mas é exatamente isso que Satanás deseja impedir. Por isso, ele tenta cegar as mentes da humanidade quanto ao verdadeiro caráter e plano de Deus e, ao contrário, enchê-las de pensamentos falsos e blasfemos a respeito do caráter e do plano divinos. Em vez de fazer com que os homens percebam que a morte e todos os sofrimentos a ela associados — a saber, a decadência mental,

[F617]
moral e física, bem como as doenças, são resultados da desobediência a Deus, consequências de seguir sua falsidade; ele, ao contrário, quer que pensem — e conseguiu convencer muitos — que o grande Jeová, que se declara a própria personificação da justiça e do amor, ao criar a família humana de forma extremamente injusta e sem amor, o fez com intenções malévolas para com a grande maioria — que ele propôs e predestinou em seu coração, antes mesmo de iniciar a criação do homem, que milhares de milhões deles fossem eternamente atormentados, e que um "pequeno rebanho" fosse levado à glória, como uma amostra do que ele teria poder para fazer por todos se tivesse disposição benevolente. Assim, e com muitas outras ilusões e armadilhas de certa forma semelhantes, o adversário, há seis mil anos, tem pervertido o julgamento humano e desviado o coração dos homens de Deus e da mensagem de sua Verdade. O Apóstolo confirma isso e explica, dizendo: "O deus deste mundo cegou as mentes dos que não crêem, para que a luz do glorioso evangelho de Cristo, que é a imagem de Deus, não brilhe para eles" — não os ilumine, não expulse as trevas da ignorância e do equívoco, e não lhes permita ver o verdadeiro caráter e o plano misericordioso do Pai celestial. ***2 Coríntios 4:4***

Onde quer que a luz da revelação divina (não apenas a Bíblia, mas também "o espírito da Verdade") chegue, isso representa, em maior ou menor grau, um perigo para as trevas das deturpações de Satanás. A Verdade é mil vezes mais razoável do que o erro de Satanás e prevaleceria rapidamente contra ele, não fosse por suas táticas astutas e "ardilosas", pelas quais ele está continuamente mudando de cenário e apresentando novos enganos para sustentar sua velha mentira e "enganar, se fosse possível, até mesmo os escolhidos". Um dos primeiros e mais gigantescos e bem-sucedidos esforços dele para contestar a Verdade e fazer com que o erro parecesse viável e plausível foi o desenvolvimento do grande sistema do anticristo, o papado. Por meio dele, ele exerceu uma influência extraordinária em todo o mundo, de modo que, à luz dos dias de hoje e com uma certa liberdade

[F618]
em relação a essa instituição monstruosa, a humanidade olha para trás, para o período de seu domínio, e o descreve como "a Idade das Trevas" — sombria pela injustiça, sombria pelo erro e pela superstição, sombria pela perseguição, implacável e terrível, contra aqueles que buscavam adorar a Deus de acordo com os ditames de sua consciência — feroz contra eles na medida em que obtinham a verdadeira luz e eram fiéis em apresentá-la ao povo. Tão diabólica era essa grande instituição, em seus métodos e influência, e tão profundamente representava a astúcia, a ambição e a malícia de Satanás, que é simbolicamente descrita pelo Senhor como se fosse o próprio Satanás. Era, no sentido mais amplo da palavra, sua representante, ao mesmo tempo em que afirmava ser representante de Deus.*

Ao longo das profecias, encontramos essa mistura de descrição e denúncia entre Satanás e seu principal representante entre os iluminados. Por exemplo, após descrever a quebra do poder de Babilônia — uma descrição que se aplica, em parte, à Babilônia literal e à escravidão do Israel natural, e mais particularmente à escravidão da Babilônia mística sobre o Israel espiritual —, o Profeta prossegue com uma descrição que se encaixa principalmente no próprio curso de Satanás, e, em um sentido secundário, é aplicável à ascensão e queda da Babilônia natural, e, em um sentido ainda mais amplo, à ascensão e queda da Babilônia mística, dizendo:

"Como caíste do céu, ó Lúcifer, filho da alva! Como foste derrubado até o chão, tu que enfraquecias as nações! Pois disseste em teu coração: 'Subirei ao céu, exaltarei meu trono acima das estrelas de Deus; sentar-me-ei também no monte da congregação [o Reino do povo de Deus] ao norte [as Plêiades, no norte, há muito são consideradas o centro do universo, o trono de Jeová]; subirei às alturas das nuvens; serei semelhante ao Altíssimo'. No entanto, serás lançado ao inferno — *o sheol*, o esquecimento —, às margens do abismo. Aqueles que te virem te observarão atentamente e te considerarão, dizendo: 'É este aquele que fez a terra tremer, que abalou reinos; que transformou o mundo em um deserto e destruiu as suas cidades; que não abriu a casa de seus prisioneiros?'" ***Isaías 14:12-17***

---

*Ver Vol. II, Cap. IX.

[F619]

Assim como era verdade que a Babilônia se exaltava grandemente acima dos outros reinos do mundo, também era verdade que o Papado, o anticristo, se exaltou como um reino acima das nações da Terra e tentou governá-las com uma vara de ferro, alegando autoridade para fazê-lo em nome do verdadeiro Cristo. E assim como aquele foi levado à destruição, muito mais ainda aguarda a queda final de Babilônia, a Grande, a Mãe das Prostitutas, como uma grande pedra de moinho lançada ao mar, para nunca mais ressurgir. Mas, se a ambição desses de exercer domínio sobre os outros era grande, ainda maior era a ambição de Satanás de ser superior aos demais da criação de Deus, de ter um reino próprio e súditos próprios — um reino rival ao de Jeová — sobre a Terra, assim como o domínio de Jeová está no céu. No entanto, isso também fracassará, e o próprio Satanás será primeiro amarrado durante os mil anos do reinado do Redentor e da remoção da maldição, e da bênção do mundo; mas, posteriormente, como as Escrituras mostram claramente, ele será destruído, juntamente com todos os seus anjos — seus mensageiros, todos os que seguem sua orientação e seu caminho. ***Mt 25,41***; ***Hb 2,14***; ***Ap 20,10***

Os Companheiros de Satanás no Mal — Legiões de Demônios

Como já visto, de acordo com o relato bíblico, Satanás não tinha companheiros angelicais em sua conspiração e rebelião no início. Pelo contrário, podemos entender que todos os anjos santos estavam em total solidariedade com o governo divino e que alguns deles foram encarregados de governar o homem caído e de ajudar a humanidade, se possível, a retornar à harmonia com Deus, bem como de impedi-la de cair em maior depravação. Isso ocorreu antes do dilúvio dos dias de Noé. Foi a primeira experiência dos anjos com o pecado, a deslealdade para com Deus e a desviação moral. Isso se tornou para eles um teste, pois sugeria possibilidades de um caminho maligno, contrário à vontade divina. Sugeria prazeres e vantagens como resultado de tal caminho e, assim, tornou-se um teste de sua lealdade e obediência a Jeová. As Escrituras nos informam claramente que, sob esse teste, alguns dos anjos, que anteriormente haviam sido santos e obedientes, tornaram-se transgressores, caíram e

[F620]

foram contaminados pelo pecado. Tanto Judas quanto Pedro falam daqueles "anjos que não mantiveram a sua posição original" e a quem, em consequência, Deus privou de suas liberdades, mantendo-os acorrentados, nas trevas, até um grande dia de julgamento, ainda futuro, quando seus casos serão julgados. ***2 Pedro 2:4***; ***Judas 6*** Isolados dos anjos santos, esses anjos caídos são desde então conhecidos como demônios, ou diabos, e Satanás é reconhecido como o "príncipe dos demônios" — seu líder, com quem cooperam como causadores de mal entre os homens. Não tendo ocupação em boas obras e abandonados à própria sorte no mal, não deve nos surpreender que, neles, o mal atinja grandes proporções e que sejam aliados fiéis de Satanás na inculcação de sua mentira original — "Certamente não morrerás". Aparentemente, logo após o dilúvio, esses anjos caídos, os demônios, começaram a corromper a humanidade, sob o pretexto da religião. Embora acorrentados ou aprisionados, no sentido de não poderem mais aparecer entre os homens em corpos físicos, eles logo encontraram, na raça depravada, aqueles que estavam dispostos a se submeter como seus agentes ou médiuns, e o sistema funcionou por meio dos corpos desses, em vez de seus próprios corpos. Tais "*médiuns*", ou canais humanos de comunicação entre os demônios e a humanidade, eram, nos tempos antigos, conhecidos como "fetiches", "feiticeiros", "bruxas", "necromantes", "curandeiros" e "sacerdotes" de falsas religiões. Seus diversos esforços para obter controle sobre o povo de Israel — a quem Deus havia escolhido para ser seu representante no mundo por um tempo — estão claramente registrados nas Escrituras, e o povo é severamente advertido contra eles. Leis foram promulgadas e, em grande medida, aplicadas contra aqueles que se tornavam agentes de comunicação entre os demônios e Israel — sendo a pena a morte.

O homem, por natureza, é uma imagem de Deus e, como tal, é um ser livre e independente. Essa liberdade se estende ao seu arbítrio moral; daí a expressão de que o homem é um "agente moral livre". Por mais que ele possa perder sua liberdade pessoal ou tornar-se escravo de outras pessoas ou de seus próprios desejos, seu arbítrio moral permanece livre — ele é livre para

[F621]
decidir usar sua mente da maneira que lhe aprouver. Se ele desejar submeter sua mente à vontade do Senhor, poderá fazê-lo; se desejar submeter-se a uma influência maligna, poderá fazê-lo; e se desejar permanecer independente tanto de Deus quanto das influências malignas, poderá fazê-lo, na medida em que suas forças físicas e seu julgamento mental o permitam — mas, prejudicado pela queda e por suas fraquezas herdadas, seu julgamento, assim como seu conhecimento e capacidade de raciocinar, estão grandemente diminuídos e, portanto, sua independência moral está proporcionalmente em perigo quando atacada por "espíritos sedutores e doutrinas de demônios", como as Escrituras declaram ser a influência maligna que atua em todo o mundo. (***1 Tim. 4:1***) Não é surpreendente, portanto, que esses anjos caídos, os demônios, tenham, em todos os países e em todas as épocas, conseguido tomar posse de inúmeros médiuns. E eles são seletivos quanto a quem serão seus médiuns, buscando, na medida do possível, aqueles dotados de capacidade mental, para que, por meio dessas qualidades e habilidades naturais, possam funcionar de forma mais completa no controle das massas em geral. Consequentemente, constatamos que, em terras pagãs e entre os índios, esses médiuns, sacerdotes, feiticeiros, bruxas, necromantes, astrólogos e adivinhos estavam entre os mais sábios e capazes. Nos tempos modernos, na cristandade, esses médiuns dos demônios são frequentemente conhecidos por esse nome específico, "médium", como entre os espíritas. É um dos nomes mais corretos já aplicados, pois, de forma simples e estrita, aqueles que se submetem a essas influências malignas, para servirem de canais de comunicação com os homens, são meramente médiuns por meio dos quais os espíritos malignos se comunicam, seja por palavras, batidas, escritos ou de outra forma.

Os métodos gerais e os ensinamentos gerais desses demônios, por meio desses médiuns, em todas as épocas e em todos os países, têm sido praticamente os mesmos. Eles se apresentam falsamente e se fazem passar pelos mortos, exceto muito ocasionalmente, quando se ousam admitir que são demônios — como, por exemplo, entre os chineses. Veja também ***1 Coríntios 10:20***. Ao se fazerem passar por

[F622]
seres humanos mortos, realizam uma obra multifacetada com grande sucesso:

(1) Eles sustentam a mentira original promulgada por Satanás no Éden: "Certamente não morrerás".

(2) Por meio dessa falsidade, eles prejudicam a mente da humanidade contra o evangelho e todas as suas provisões.

(3) As provisões divinas para a redenção do homem e sua recuperação do pecado, bem como de sua pena, a morte, são assim apresentadas por eles como inconsistentes, irracionais e sem sentido. Ao negarem que o salário do pecado é a morte e alegarem que o salário do pecado é o tormento eterno, sua teoria não apenas blasfema contra o caráter divino, representando-o como a personificação da injustiça e da crueldade, mas também ridiculariza a doutrina bíblica do resgate; pois até mesmo a razão caída é capaz de discernir que a morte de nosso Senhor no Calvário não poderia redimir a humanidade da tortura eterna; e que não haveria correspondência alguma entre a pena e o preço do resgate.

(4) Isso faz com que a doutrina da ressurreição pareça inútil e irracional, pois, se não há mortos, como poderia haver uma ressurreição dos mortos? Se todos, ao morrerem, se tornam mais vivos do que jamais foram antes e estão em condição muito melhor do que anteriormente, a que propósito serviria uma ressurreição? Ou por que ela deveria ser apresentada como a esperança — e a única esperança — que nos é oferecida no evangelho?

(5) Isso abre caminho para erros que levam à escravidão. Entre os pagãos, isso, em grande medida, assume a forma da adoração aos pais e da crença na transmigração das almas — de que aqueles que morrem como homens, após permanecerem por algum tempo em um estado desencarnado, renascerão no mundo como cães ou gatos, cavalos ou vacas, ratos ou camundongos, e passarão pelas diversas experiências desses animais mudos; ou, se forem dignos, passarão para condições mais nobres.

(6) Na cristandade, esse mal assumiu sua forma mais satânica, e a falsa doutrina tornou-se o fundamento de todos os erros grosseiros e superstições contra os quais o cristianismo tem lutado. Não poderia ter havido nenhuma teoria da tortura eterna

[F623]
tortura, a não ser que se baseasse nessa doutrina demoníaca de que os mortos estão *vivos* — capazes de sofrer. Não poderia ter havido nenhuma teoria nem doutrina do purgatório, a não ser por esse mesmo ensinamento; consequentemente, não poderia ter havido orações pelos mortos, nem o pagamento de missas pelos mortos. Consequentemente, também, as grandes instituições sacerdotais que se enriqueceram com essas falsidades não poderiam ter se desenvolvido para escravizar a humanidade com suas falácias e deturpações do caráter e do plano divinos.

(7) Embora o poder do papado tenha sido quebrado no grande movimento da Reforma do século XVI, essa falácia fundamental, ensinada pelos demônios e por eles sustentada entre todas as nações com diversas provas, demonstrações e manifestações, foi cuidadosamente preservada; e os reformadores surgiram, ainda presos a essa mentira original, ensinada pelo pai da mentira e sustentada por suas legiões de espíritos malignos. Assim, tornou-se também no protestantismo a base de todas as dificuldades e erros com os quais as diversas denominações têm lutado desde então. Isso as cegou em grande medida para a luz da Palavra divina, impedindo-as de "compreender, com os santos, a extensão, a largura, a altura e a profundidade do amor de Deus". ***Ef 3,18***

(8) Adaptando-se à nova condição, assumiu, nos últimos cinquenta anos, o papel de portador de luz para a Igreja e fingiu guiar todos os que desejam a verdade. Nisso, ela se mantém fiel ao caráter que lhe foi atribuído na Palavra inspirada, pois o apóstolo declara: "O próprio Satanás se transforma em anjo de luz." ***2 Coríntios 11:14***

(9) O espiritismo não teve sucesso em conquistar a maioria dos cristãos. Embora prejudicados pela falsa teoria de que seus amigos falecidos estão vivos, os cristãos em geral, de alguma forma, perceberam instintivamente que os médiuns (os melhores que Satanás conseguiu obter) não eram o tipo de médiuns que Deus designaria para transmitir informações e servir de canais de comunhão entre Ele e seus amigos, que eles erroneamente acreditam estar vivos e, frequentemente, próximos a eles, embora invisíveis; consequentemente,

[F624]
O grande adversário, ao mesmo tempo em que permite que o Espiritismo reúna, retenha e seduza para o mal o maior número possível de pessoas, considerou necessário introduzir tentações ainda mais sutis, imitações ainda mais fiéis do verdadeiro cristianismo, sob os nomes de

Ciência Cristã e Teosofia

Esses sistemas, fingindo reverência pela Palavra divina e tomando o nome de Cristo em vão, sem ter fé nele como o redentor, são usados como iscas para os cristãos que estão despertando nos dias atuais — a fim de satisfazer seus anseios por algo novo e melhor do que as cascas da tradição humana, das quais se alimentaram por tanto tempo. Eles professam alimentar seus seguidores com a verdade científica, enquanto ignoram a verdade e a ciência, em todos os sentidos da palavra.

(10) Vendo que a restauração é o plano divino para o futuro próximo, o adversário está tentando desviar a atenção humana desse plano por meio de curas mentais, por meio de Cientistas Cristãos, Teosofistas e clarividentes. Essas falsificações enganosas da verdade, ao negarem o próprio fundamento da verdade das Escrituras (o resgate), são para nós evidências de que o poder de Satanás para iludir a cristandade está enfraquecendo, de que sua casa está vacilando rumo à ruína, no que diz respeito às pessoas inteligentes. A luz da Aurora milenar está surgindo sobre o mundo da humanidade, e o grande defensor do erro está à beira do abismo. Louvado seja Deus, pois ele logo será acorrentado e impedido de enganar o mundo durante os mil anos do reinado milenar de Cristo, no qual a luz do conhecimento encherá toda a terra, assim como as águas cobrem o grande abismo!

Ao olharmos para o paganismo, vemos claramente a obra terrível e degradante desses demônios, como eles fixaram suas correntes sobre os povos pelo exercício de poderes milagrosos, por meio de seus agentes humanos — como, por exemplo, os faquires da Índia hoje, e a “Magia Negra” praticada de maneira geral em todo o mundo nos dias mais sombrios do passado. As Escrituras nos mostram o efeito do evangelho

[F625]
sobre essas obras do diabo e indicam que a luz da verdade divina é "a luz do mundo", a única capaz de dissipar as trevas do adversário. Observe o conflito entre a luz e as trevas, conforme registrado nas experiências do apóstolo Paulo, quando ele viajou pela Ásia e pela Europa, erguendo a verdadeira luz, quando "muitos dos que creram vieram, confessaram e revelaram suas obras. Muitos também, dos que praticavam artes mágicas, reuniram seus livros e os queimaram diante de todos; e, calculando o valor deles, descobriram que somava cinquenta mil moedas de prata; assim, a palavra de Deus crescia poderosamente e prevalecia." ***Atos 19:18-20***

Os apóstolos estavam continuamente em conflito com esses espíritos malignos, que às vezes procuravam se opor ao evangelho, mas, em geral, percebiam que eram totalmente incapazes de lidar com os poderes espirituais superiores que funcionavam por meio dos apóstolos. Em uma ocasião, lemos que o espírito maligno procurou se afiliar ao evangelho e incitou o médium a seguir o apóstolo e aqueles que o acompanhavam, exclamando: "Estes são os servos do Deus Altíssimo, que nos mostram o caminho da vida eterna." Mas não podemos julgar se isso foi uma tentativa de associar o evangelho ao demonismo e à mediunidade, ou se foi um ardil astuto pelo qual os demônios esperavam alcançar exatamente o resultado que se seguiu, a saber, uma perturbação entre o povo e uma oposição aos apóstolos. De qualquer forma, um ponto claramente destacado é que o apóstolo reconheceu esses médiuns, não como médiuns dos mortos, mas como médiuns dos demônios, os anjos caídos. E, em conversas com os apóstolos, esses demônios nunca negaram sua própria identidade. Veja ***Atos 16:16-19; 19:15***; ***Tiago 2:19***.

Da mesma forma, no ministério de nosso Senhor, esses espíritos malignos encontraram muitos entre os judeus dispostos a recebê-los — conhecidos como "possuídos por demônios". Quando possuída por muitos desses demônios, como frequentemente acontecia, a vítima quase não tinha controle sobre si mesma. Seus pensamentos, palavras e atos eram controlados por numerosos espíritos malignos, e sua

[F626]
comportamento era o de um louco. Muitos possuídos por demônios foram curados no tempo de nosso Senhor, tanto por ele mesmo quanto por aqueles que ele enviou, munidos de seu espírito, poder e influência. Um relato interessante de um desses casos de expulsão de espíritos malignos encontra-se em ***Lucas 4:34-37*** e ***Mateus 8:28-33***, onde os demônios não apenas não tentaram negar sua própria identidade ao conversar com o Senhor, mas admitiram sua soberania e poder sobre eles, bem como sua expectativa de algum fim futuro de seu atual confinamento ou aprisionamento — um desfecho ou julgamento em seu caso.*

"Não lutamos [apenas] contra carne e sangue"

Pelo exposto acima, vemos que o próprio Satanás e os demônios, seus cúmplices no mal, são, na verdade, o grande poder que atua na humanidade, sobre ela e por meio dela, em oposição a Deus e ao plano de expiação que Ele concebeu e que começou a ser posto em prática na primeira vinda e na morte de nosso Senhor, como preço do resgate para os pecadores. Somente desse ponto de vista podemos compreender claramente o significado das palavras do Apóstolo: "Não lutamos contra carne e sangue, mas contra os principados e potestades, e contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais [exaltadas]." (***Ef 6:12***) E, visto que o homem caído é tão incapaz de se defender contra esse adversário astuto, e que o povo do Senhor só pode escapar de suas maquinações na medida em que seus corações sejam totalmente leais ao Senhor e atentos à Sua Palavra — e porque a tais pessoas Ele concederá assistência especial e libertação do mal, o qual, se não fosse por essa assistência, enganaria até mesmo os escolhidos —, somos levados a perguntar: Por que Deus permite que esse grande adversário cerque assim o homem com erros ilusórios, falsas doutrinas e, até certo ponto, com milagres que as sustentam?

---

*Para uma discussão mais aprofundada sobre Espiritismo — Demonismo, consulte "O que dizem as Escrituras sobre o Espiritismo?". Entre em contato com os editores.

[F627]

A resposta a essa pergunta, e a única resposta satisfatória que se pode encontrar, é que Deus, no tempo presente, não está buscando a reconciliação do mundo inteiro, nem tentando trazer toda a humanidade à harmonia consigo mesmo, mas, pelo contrário, está meramente selecionando, dentre a raça redimida, o pequeno rebanho predestinado, a nova criação, que tornará segura sua vocação e escolha, sob a providência divina, tornando-se, no coração, cópias do amado Filho de Deus, o redentor, seu Senhor, seu Noivo. A experiência do mundo, sob essas ilusões do adversário, será, durante a Era Milenar, completamente exposta. Todos verão então e compreenderão plenamente as influências enganosas, sedutoras e degradantes de todo caminho que não seja o caminho da justiça, e de todo espírito e influência que não seja o Espírito de Deus, o espírito da Verdade. Todos descobrirão, assim, quão profundamente foram enredados e "levados cativos por Satanás à sua vontade" (***2 Tim. 2:26***); quão profundamente foram cegados pelo deus deste mundo contra a verdadeira luz do caráter de Deus, que brilha por meio de Cristo (***2 Cor. 4:4***), e terão aprendido uma lição com várias partes: (1) Que Deus é o verdadeiro amigo de todas as suas criaturas, e que suas leis são em benefício delas e para o seu bem-estar. (2) Terão aprendido sobre o caráter insidioso do mal, exemplificado em Satanás, nos anjos caídos e em suas próprias experiências pessoais. (3) Terão aprendido que não podem confiar implicitamente em seu próprio julgamento; e que, com o conhecimento limitado do homem, nessas condições, é possível que a luz pareça trevas, e que as trevas sejam feitas para parecer luz — que o bem pareça mal, e que o mal pareça bem. Essa lição terá valor eterno, de modo que toda a humanidade aprenda a confiar mais implicitamente na sabedoria divina, bem como na bondade e no poder divinos.

O Ministério do Mal

Enquanto isso, esses erros e superstições entre os homens estão servindo, no entanto, para mantê-los em um estado de escravidão, em um momento em que seriam incapazes de usar a liberdade

[F628]
de maneira correta; pois somente os homens perfeitos, somente aqueles que possuem a plena "imagem de Deus" e que são guiados por Ele, estão devidamente preparados para um autocontrole que lhes traria benefício. Enquanto isso, também, essas oposições de Satanás e de seus associados no mal, bem como a oposição do mundo, influenciado por seus erros e ilusões, são dirigidas contra a Verdade, contra aqueles que se tornam seus servos, na medida em que são leais à Verdade e enérgicos nesse serviço. Foi nosso mestre real, o servo mais fiel do Deus vivo, quem declarou àqueles que seguiriam seus passos: "Se o mundo vos odeia, sabei que ele me odiou antes de vos odiar. Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que é seu; mas, porque não sois do mundo, e eu vos escolhi do mundo, por isso o mundo vos odeia." (***João 15:18, 19***) Consequentemente, pela ação de uma lei natural, poderíamos dizer, segue-se que "todos os que quiserem viver piedosamente em Cristo Jesus sofrerão perseguição". (***2 Tim. 3:12***) E essas perseguições e oposições vindas do mundo, da carne e do diabo são o martelo, o cinzel e os instrumentos de polimento do Senhor, que Ele está utilizando no desenvolvimento da nova criação.

Deus está fazendo uso dessas ferramentas de oposição que o adversário próprio está fornecendo, e está fazendo com que a ira e a oposição (tanto dos homens quanto dos demônios) O louvem, na medida em que essas mesmas experiências e tribulações de Sua Igreja escolhida estão *produzindo para nós* "um peso de glória muito mais excelente e eterno". (***2 Cor. 4:17***) Essas são as ferramentas pelas quais as pedras vivas do grande Templo de Deus estão sendo moldadas e esculpidas, polidas e preparadas, em harmonia com o projeto do grande Arquiteto — com o propósito de que, em breve, nesse Templo vivo e por meio dele, todas as famílias da terra possam ser abençoadas e todos aqueles que forem levados à reconciliação com o Senhor. Quando perceberem, assim, que as oposições dos homens são, em grande parte, resultado de sua condição decaída e dos erros e da cegueira que se abatem sobre eles por meio das maquinações do grande adversário de Deus e da justiça,

[F629]
O povo do Senhor pode nutrir grande compaixão, não apenas pelo mundo em geral, mas também por aqueles que são seus adversários e perseguidores. Longe de desejar vingar-se deles, pode muito bem amar seus inimigos e fazer o bem àqueles que os perseguem, compreendendo, ao mesmo tempo, que, no sentido mais pleno e verdadeiro da palavra, "eles não sabem o que fazem".

Entre os homens que se opõem à expiação, reconhecemos muitos que, de várias maneiras e por diversos motivos, estão todos cooperando com o grande adversário na oposição a Deus e à obra da expiação. Se mencionássemos, em primeiro lugar entre esses, o dono de bordel, o dono de bar, o dono de casa de apostas, bem como os fetichistas, médiuns, feiticeiros e sacerdotes, estaríamos apresentando a questão de uma forma que provavelmente agradaria à maioria. Mas, do ponto de vista divino, que nos esforçamos por adotar, parece ser o contrário disso — que aqueles que são os líderes intelectuais em terras civilizadas e que se opõem à luz da Verdade, embora nominalmente sejam seus servos, ocupam um lugar de maior responsabilidade aos olhos de Deus e são, de forma mais completa, os instrumentos terrestres de Satanás — muitas vezes sem saber. ***Atos 3:17***

Nossa esperança para muitos daqueles que entraram em contato com a luz da Verdade ao longo da era evangélica, e agora no fim da era, é que sua oposição a ela tenha sido, pelo menos parcialmente, fruto de cegueira, como declara o Apóstolo com referência àqueles que crucificaram nosso Senhor: "Sei que o fizestes por ignorância, assim como também vossos governantes." (***Atos 3:17***) Desse ponto de vista, podemos nutrir uma certa esperança em relação a alguns dos mais violentos opositores da Verdade — evolucionistas, teosofistas, espiritualistas, cientistas cristãos, católicos romanos e protestantes. Nossas esperanças para o futuro são necessariamente menores no caso daqueles que foram esclarecidos sobre esses assuntos pela Verdade Presente, mas que, por ambição, inveja ou orgulho — em seu desejo de serem alguém —, tornaram-se oponentes da obra do Senhor. Tais pessoas geralmente caem nos erros do universalismo, tendo

[F630]
ficado cegos no que diz respeito à presença do Senhor e até mesmo no que diz respeito ao resgate. Não nos cabe julgar esses, mas nos cabe temer por eles e observar, no caso deles, a aplicação da Escritura que declara: "É impossível que aqueles que, uma vez iluminados, provaram o dom celestial, tornaram-se participantes do espírito santo, provaram a boa Palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, se caírem, sejam renovados novamente para o arrependimento; visto que crucificam de novo para si mesmos o Filho de Deus e o expõem à vergonha pública." (***Hb 6:4-6***) Cabe a nós conhecer o cumprimento dessas escrituras e não ter comunhão com tais obras infrutíferas das trevas, mas, ao contrário, repreendê-las e afastarmo-nos da companhia daqueles que não andam segundo os ensinamentos do Apóstolo e que não mantêm a fé que uma vez foi entregue aos santos, nem o seu espírito; pois todos esses estão do lado de Satanás, são oponentes do Senhor e de seu plano, do qual a *expiação*, o *resgate*, é o centro ou eixo. ***2 Pedro 2:21***; ***2 Tessalonicenses 3:6***; ***Judas 3***

Ao considerar este assunto das tentações, é bom lembrar que as tentações de nosso Senhor no deserto* ilustraram com muita clareza todas as tentações às quais a nova criação está sujeita.

As tentações do adversário

Uma tentação do adversário que parece se alinhar bem com os anseios da carne é o argumento de que a nova criação deveria estar sob proteção divina a ponto de todos os seus interesses temporais serem prosperados. Esse, no entanto, é o raciocínio do homem *natural* e não encontra apoio na Palavra de Deus, que deve guiar o julgamento da nova criatura. A velha mentalidade insiste que, certamente, a estreita relação da "adoção" e sua promessa de futura co-herança no Reino *devem* trazer consigo bênçãos, proteções e favores em relação a todos os assuntos temporais. O principal argumento diz respeito à saúde: Por que nossa

---

*Vol. V, p. 110.

[F631]
corpos mortais consagrados estejam doentes ou sofram dores? Certamente Deus não enviaria as dores e os sofrimentos; e, portanto, eles devem ser obra do diabo. Esses são os argumentos, e se forem do nosso adversário, não deveríamos considerar isso uma evidência de desfavor divino ao dar-lhes atenção e orar por libertação deles?

O adversário, por diversos meios, está sugerindo essas questões hoje com grande persistência; e está sugerindo uma resposta afirmativa que muitos não suspeitariam ser instigada por ele — que a doença nos corpos do povo de Deus é um sinal do desagrado de Deus; que usar remédios seria evidência de falta de fé em Deus; que, em vez disso, se deve confiar na oração da fé; que até mesmo os israelitas naturais tinham tais privilégios e os exerciam, e muito mais os israelitas espirituais deveriam confiar em Deus como seu curador. Mórmons, Cientistas Cristãos, membros da Aliança Cristã e seguidores de Dowie — todos usam esses argumentos de maneira muito convincente, para enganar e cativar — "se fosse possível, até mesmo os próprios escolhidos" —, a fim de desviar sua atenção da verdade.

O fato é que os verdadeiros interesses da nova criação e suas condições físicas e interesses são frequentemente opostos. O Profeta Davi, falando em nome deles, declara: "Antes de ser afligido, eu me desviei". As novas criaturas — e não seus corpos mortais — são os verdadeiros filhos de Deus; de fato, como já vimos, Deus fez do *sacrifício da carne* (mesmo depois de ela ter sido justificada) uma condição prévia para nossa geração, ou aceitação. Esse não foi o caso do Israel carnal, cujos favores físicos e bênçãos temporais, etc., simbolizavam os termos e condições que prevalecerão durante a Era Milenar, quando o Rei e o Reino antitípicos estarão no controle. ***Êxodo 15:26***; ***Levítico 26:3-15***; ***Deuteronômio 28:1-14***

Pelo contrário, constitui uma parte importante do teste das novas criaturas o fato de que, no que diz respeito às coisas terrenas, elas devem "andar pela fé e não pela visão". Sim, mais do que isso — devem sofrer perseguição, devem praticar a abnegação, devem ser como enganadores, e ainda assim verdadeiros; como se nada tivessem, embora realmente (pela fé) possuam todas as coisas; como insensatos, embora realmente sábios para com Deus. Tanto é assim que a descrição profética

[F632]
descrição do mestre deve ser, em grande medida, aplicável a todos os que seguem de perto seus passos, a saber: "Nós o considerávamos ferido, castigado por Deus e afligido". O Profeta declara: "O castigo que nos traz a paz recaiu sobre ele, e pelas suas chagas nós [como pecadores] fomos curados". Não nos esqueçamos de que nossa cura, ou a justificação, precedeu nossa aceitação como membros do corpo de Cristo — membros da nova criação; e que nossa aceitação nesse plano superior de filiação e co-herança se deu sob a condição especial de que *"sofremos com ele*"; ou, como expresso novamente, de que "completamos o que falta às *aflições de Cristo*". ***Isaías 53:4,5***; ***Rom. 8:17***; ***Col. 1:24***

É verdade que nosso Senhor não tinha doenças próprias, pois era perfeito; mas está escrito, no entanto, que "ele se compadeceu das nossas [da humanidade] enfermidades" e "tomou sobre si as nossas enfermidades" — as fraquezas que se dirigiam a ele, pois "saía dele uma virtude que curava" a multidão. ***Hb 4:15***; ***Mt 8:17***; ***Lucas 6:19***

Nós, como sub-sacerdotes, também devemos ser "comovidos" e levados a ter compaixão pelo mundo, sobre o qual em breve seremos reis, sacerdotes e Juízes. Mas não é necessário nem possível que doemos grande parte de nossa força física, ou que assumamos as fraquezas e doenças dos outros — cada um de nós já tem, de qualquer forma, algumas experiências desse tipo, em razão de nossa participação na queda; pois, segundo a carne, éramos "filhos da ira, assim como os demais", e compartilhamos com a criação que geme em suas aflições. O gasto de vitalidade de nosso Senhor não foi em favor da Igreja; pois ela (a Igreja) não poderia ser reconhecida até que seu sacrifício tivesse sido consumado, apresentado ao Pai e aceito por ele em nosso favor — não antes do Pentecostes. Até que o espírito tivesse descido sobre seus seguidores, era inútil tentar falar-lhes de coisas celestiais. (***João 3:12; 16:13***; ***1 Coríntios 2:10-12***) Por isso, a energia de nosso Senhor foi em grande parte empregada em proferir parábolas e palavras enigmáticas, a serem compreendidas posteriormente com a ajuda do espírito; mas principalmente em curar enfermidades físicas e, assim, manifestar, de forma simbólica, as obras maiores e as curas mais grandiosas das quais podemos participar, agora e no

[F633]
o Reino — a abertura dos olhos do entendimento, fazer com que os moralmente mortos ouçam a voz do Senhor e, já agora, comecem a nova vida. Assim, declara o Apóstolo, temos o privilégio de "dar a vida pelos irmãos" — para completar "as aflições de Cristo *em favor do seu corpo*, que é a igreja". ***1º João 3:16***; ***Colossenses 1:24***

Não adianta privar essas palavras de seu verdadeiro significado e alegar que dar a vida pelos irmãos não nos custará nenhum sacrifício de vigor físico; e que as "aflições de Cristo" não acarretam dor física. O cansaço de nosso Senhor, a perda de "força" (vitalidade) e o fato de Ele ter sido "tocado por um *sentimento* de nossas fraquezas" contradizem qualquer pensamento desse tipo. Não devemos, portanto, esperar nos sair melhor do que o mundo em nossos interesses terrenos, mas sim passar por *perdas*, "*sofrer* com ele". Tais perdas são abertamente admitidas no que diz respeito à honra entre os homens e à prosperidade financeira — pois nosso mestre foi feito "sem reputação" e "tornou-se pobre" em sua disposição de enriquecer os outros — e os apóstolos tiveram experiências semelhantes e nos deram o exemplo. Por que, então, nem todos conseguem ver que as "frequentes enfermidades" de Timóteo, o "espinho na carne" de Paulo e a "doença" de Epafrodito eram aflições físicas semelhantes às que são permitidas hoje aos fiéis do Senhor? É verdade que todas elas provinham do diabo, no sentido de que o pecado foi iniciado por Satanás e que essas aflições são alguns dos resultados; mas elas não eram mais do diabo do que o foram suas prisões, açoites, naufrágios e morte.

Satanás provavelmente foi, indiretamente, se não diretamente, o instigador de todos esses desastres físicos — todos comuns aos homens. No entanto, o apóstolo não se considerava rejeitado por Deus diante de tais experiências, mas se gloriava nelas como partes do *sacrifício* que lhe era permitido fazer, parte dos sofrimentos que lhe era permitido suportar por causa do Senhor, por causa da verdade
— e quanto mais esses sofrimentos excediam os de outros homens, mais ele se alegrava e considerava que sua glória futura seria, por isso, aumentada.

No entanto, devemos distinguir entre sofrer por *causa da justiça* e sofrer por causa de más ações. O

[F634]
Apóstolo ressalta que grande parte do sofrimento recai sobre as pessoas por se intrometerem nos assuntos alheios e por outras más ações; e poderíamos citar a gula (***Fil. 3:19***) e a falta de autocontrole entre esses males que trazem sofrimentos que não podem ser considerados sofrimentos por causa da justiça. Que ninguém se regozije com tais sofrimentos; mas, ao contrário, que se lamente, ore e jejuem — que pratique o autocontrole. Mas quando, segundo seu melhor julgamento, a nova criatura vê a porta da oportunidade se abrir para ela pela Providência e entra nela com zelo e abnegação, e isso resulta em doenças físicas — que os mundanos poderiam considerar sinais de indiscrição —, que ela não se envergonhe, mas glorifique a Deus por causa dessas aflições — regozijando-se por ser considerada "digna de sofrer" por causa de Cristo.

De fato, se as doenças surgirem por qualquer causa que não seja pecaminosa ou egoísta, elas podem ser recebidas com paciência e gratidão, e podem servir de lição de compaixão pela criação que geme, bem como de esperança e confiança na prometida remoção da maldição na manhã milenar. A graça no coração certamente exerce uma influência muito favorável sobre todas as funções da vida; mas ela não poderia (sem uma intervenção milagrosa) recriar ou reparar nossos corpos mortais; e Deus não propõe tais milagres, que seriam prejudiciais ao nos levar a andar pela visão e não pela fé, e atrairiam para a Igreja uma classe que Deus não busca atualmente. Como vimos, Ele nos justifica pela *fé* — considera-nos *inteiros*, embora nos deixe, na verdade, tão imperfeitos como sempre. A graça no coração não nos torna insensíveis às influências do calor e do frio, nem da fome e da sede, embora nos dê paciência para suportá-las quando inevitáveis, com confiança no cuidado de nosso Pai celestial e em Sua promessa de que *todas* as coisas acabarão por resultar em bem para nós, se forem recebidas corretamente com paciência e fé.

Isso implica que, enquanto o mundo pode buscar raízes, ervas e bálsamos para seus males, a nova criação não deve buscar nem usar nada disso, que ela deve suportar a dor para demonstrar sua fé? De modo algum. Lembremo-nos e gravemos profundamente em nossas mentes que o modo como Deus lida com seu

[F635]
povo durante a era evangélica não são segundo a carne, mas como novas criaturas. “A carne nada aproveita” — nós a consagramos à morte, à destruição, de qualquer forma, e nossos interesses como novas criaturas são nossa principal preocupação. Temos, no entanto, o privilégio, no que diz respeito aos nossos corpos mortais, de fazer *o que for razoavelmente possível* para mantê-los em ordem, livres das distrações da doença (falta de bem-estar), mas sempre como nossos servos, a fim de nos capacitar a cumprir nossa aliança de serviço até o sacrifício. Eles sentem fome e exigem comida e bebida? — podemos satisfazer suas exigências, dentro de limites razoáveis, fornecendo os alimentos que acreditamos que nosso Senhor aprovaria, aqueles que melhor nos capacitem a realizar sua obra fielmente. Eles sentem frio e estão desconfortáveis? — é nosso privilégio fornecer roupas do tipo que acreditamos que nosso Senhor aprovaria. Estão com febre alta? Ou estão atormentados pela dor? — é nosso privilégio reduzir a febre e aliviar a dor com o uso de quaisquer remédios que acreditemos ser benéficos, mas não nos submeter a clarividentes, Cientistas Cristãos, hipnotizadores ou outros que usem feitiços para afastar o mal com a ajuda do nosso adversário, que assim tentaria enredar nossas mentes. A nova criação tem todos *os privilégios* de que o homem natural desfruta no que diz respeito aos cuidados com seus corpos pobres, frágeis e moribundos. Mais ainda, é *dever* de toda criatura cuidar razoavelmente de seu corpo; e esse *dever* é intensificado no caso da nova criação, pelo fato de que seus corpos foram dedicados ao serviço do Senhor como sacrifícios — até a morte — e eles devem prestar, por meio deles, o maior serviço de sacrifício possível.

Alguns estarão prontos para dizer: “Sim, eu aplicaria rapidamente um creme ou outra pomada simples de minha própria fabricação para uma queimadura, ou regularia meu organismo selecionando cuidadosamente o uso de diferentes alimentos; mas consideraria totalmente diferente comprar remédios e pomadas, ou consultar um médico”. Mas tais distinções não fazem sentido. Poderíamos muito bem dizer, quando estivermos com frio: “Vou me vestir e me aquecer, se eu puder ter ovelhas, tosquiar a lã, cardá-la e tecê-la, e cortar, ajustar e confeccionar as roupas necessárias para me proteger

[F636]
do frio; mas não usarei roupas confeccionadas por outros, por mais superiores ou convenientes que possam ser." Ou, quando estivermos com fome, iludimos a nós mesmos achando que precisamos semear, colher, debulhar, moer e assar nosso pão antes que seja adequado consumi-lo? E podemos recorrer ao trabalho e à habilidade de agricultores, açougueiros, padeiros e alfaiates para cuidar do nosso bem-estar físico, e considerar um pecado recorrer à habilidade de um irmão, vizinho ou estranho para aliviar a dor física? Certamente que não. Não devemos ser interpretados como defensores do uso de medicamentos, mas sim do bom senso. O uso de medicamentos pode, sem dúvida, chegar ao ponto da loucura ou até mesmo do crime. A regulação do organismo por meio de cuidados com a alimentação é de longe preferível sempre que possível. As instruções à nova criação dizem: "Que a vossa moderação seja conhecida por todos", e isso se aplica tanto à medicina quanto à alimentação, etc., etc.

Como Jesus agiu? E que caminho seus apóstolos seguiram, seguindo seus passos? Respondemos que não há registro de que Jesus ou os apóstolos tenham curado alguém da Igreja. Argumenta-se que a cura dos enfermos pelo Senhor indicava a vontade divina sobre o assunto? Respondemos que não são os curados, mas o curador que é nosso modelo. Nosso Senhor alimentou milagrosamente a multidão; deveríamos, portanto, esperar ser alimentados milagrosamente? Não — pelo contrário. Assim como o Chefe da nova criação se recusou a usar *o poder divino* para seu conforto pessoal, assim também devemos fazer. (***Mt 4:2-4; 26:53***) Se, quando sentia fome, ele enviava seus discípulos para comprar pão, e quando estava cansado descansava junto ao poço ou em outro lugar — e se, embora a perda ou o sacrifício de sua vitalidade o "comovessem", ele nunca orava por libertação dessas dificuldades naturais, mas as suportava com alegria como parte de seu sacrifício — assim também devemos fazer.

Mais do que isso: nosso Senhor dá a entender que teria sido um uso pecaminoso do poder se ele tivesse recorrido à ajuda do espírito santo para o alívio de tais necessidades temporais, pois esse poder estava à sua disposição para outro propósito. Ter invocado o poder divino para seu alívio ou proteção contra qualquer parte do processo de morte teria sido pecado; *porque* ele havia feito uma aliança de sacrifício, e qualquer apelo contra seus

efeitos teria sido "retroceder". "Se alguém recuar, minha alma não terá prazer nele." ***Hb 10,38***; ***Mt 26,53***

A situação é exatamente a mesma com a Igreja, pois estamos seguindo nosso Capitão. Para nós, implorar por *ajuda divina* para nossos corpos mortais, que foram consagrados à morte, seria uma violação de nossa aliança, pela qual entregamos todas as nossas vantagens e direitos terrenos como homens (nos privilégios de restituição adquiridos pelo precioso sangue) em troca do privilégio de correr, como novas criaturas, a corrida pelo grande prêmio de "glória, honra e imortalidade". Pedir de volta o que entregamos implica um desejo de retirar o sacrifício, de cancelar a aliança e de abrir mão de nossa herança como novas criaturas. Essa visão da oração por coisas terrenas será nova para alguns, e para outros, sem dúvida, causará um choque ao refletirem que, sem saber, fizeram exatamente isso, e que Deus atendeu à oração. Será que isso significa que foram, assim, rejeitados da corrida pelo prêmio? Achamos que não. Acreditamos que, assim como um pai terreno seria longânimo com seu filho pequeno e ignorante, também o Senhor é paciente para com seu povo, perdoando seus erros não intencionais e levando em conta a intenção, em vez de apenas as palavras. E assim como um pai pode atender ao pedido impróprio de seu filho pequeno, assim acreditamos que o Senhor frequentemente honra a fé de seu povo, mesmo quando exercida de maneira imprópria. Mas o caso é diferente à medida que crescemos na graça e no conhecimento; então, isso seria pecado e poderia significar uma retirada do favor divino — uma rejeição da aliança.

A Oração da Fé Salvará o Doente

—*Tiago 5:*14-16—

Essa passagem, juntamente com a encontrada em ***Marcos 16:17,18***, é invocada como texto de prova para demonstrar que é intenção divina que a nova criação confie no poder divino para a cura de doenças. A passagem em Marcos é facilmente refutada: ela não se encontra nos manuscritos gregos mais antigos e, portanto, deve ser considerada uma interpolação, feita por volta do século V.

[F638]

Quanto à declaração de Tiago: fica evidente, a partir do versículo 16, que a doença mencionada é reconhecida como um castigo pelos pecados — não uma doença leve, mas grave, o que justifica a convocação dos anciãos da *Eclesia*. A implicação parece ser que o pecado estava tão próximo que o pecador doente se sentia praticamente separado da comunhão com Deus. E, nessas circunstâncias, seria de se esperar que os *pecados fossem confessados e que se orasse por seu perdão*; e é exatamente isso que o texto diz: "A oração da fé salvará o doente [da condenação em que se encontrava] e o Senhor o restaurará [à saúde
— sendo a restauração um sinal do perdão do pecado]
— *mesmo que* tenha cometido pecados, eles lhe serão perdoados. Veja o versículo 15.

Se Satanás Expulsar Satanás, Seu Reino Declina
—*Mateus 12:*26—

Quando, na primeira vinda, os fariseus acusaram nosso Senhor de expulsar demônios por meio do poder satânico, sua resposta implicava claramente que tal ação por parte de Satanás era possível, mas não devia ser considerada provável; e que, caso ocorresse, seria uma prova de que seu poder estava em declínio; de que ele estava sob forte pressão e de que havia recorrido a isso como último recurso, em vez de perder o controle sobre seus enganados. Não defendemos uma rejeição generalizada das curas e dos milagres como sendo satânicos; mas sim um exame cuidadoso de toda pessoa ou sistema que busque se estabelecer por meio de milagres. A nova criação deve lembrar-se da orientação inspirada: "Examinai os espíritos para ver se são de Deus" — ou de Satanás. Testai-os e lidai com eles de acordo com o resultado. ***1º João 4:1***

É pertinente a esta investigação que recordemos que os milagres foram usados no início desta era para estabelecer a Igreja, mas que tal objetivo não pode ser invocado agora — depois que a Igreja já está estabelecida há quase dezenove séculos e está quase completa. É bom, também, que tenhamos em mente que o apóstolo inspirado apontou para o nosso fim da era ao indicar que Satanás se transformaria

[F639]
se em um anjo de luz (um mensageiro de paz, saúde e ciência, falsamente chamado assim) com todo o poder de engano do erro. O apóstolo chega a sugerir que Deus deseja permitir que esse curso tenha um certo sucesso, a fim de enganar todos os que habitam na terra cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro. Ele diz: "Por isso, ele lhes enviará *um forte engano* [uma obra do erro] para que acreditem na mentira: a fim de que todos sejam condenados os que não creram na verdade, mas tiveram prazer no erro." "Poderes, sinais e prodígios enganosos" devem ser esperados neste momento, como provações nesta época de "colheita" da era. (***2 Tess. 2:9-12***) Não nos esqueçamos também das palavras de nosso Senhor: "Muitos me dirão naquele dia: 'Senhor, Senhor, não profetizamos [pregamos] *em teu nome*? E *em teu nome* expulsamos demônios? E *em teu nome* fizemos muitos milagres [curas]?' E então lhes direi: *'Nunca vos conheci*; afastai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade'." ***Mateus 7:22,23***

Certamente é hora de que todos — cujos olhos do entendimento foram abertos para a compreensão de que agora vivemos no fim dos tempos, em que se espera que todas essas profecias se cumpram — fiquem atentos a elas e sejam capazes de identificá-las entre os ensinamentos sedutores e os milagres que prevalecem por toda parte na cristandade.

Mas como podemos ter certeza de que todas essas são ilusões de Satanás? — de que nenhuma delas é de Deus? Respondemos com a linguagem inspirada: "Se não falarem de acordo com esta Palavra, é porque não há luz neles." (***Isaías 8:20***) Seus desvios da Palavra são diversos — alguns em uma direção, outros em outra. A grande maioria deles pode ser rapidamente identificada como espúria ao se observar que estão em desacordo com a doutrina fundamental do evangelho, a saber, o *resgate*. Eles podem não afirmar que negam o resgate; podem até alegar que acreditam na necessidade e na eficácia da grande oferta pelo pecado consumada no Calvário, como o resgate para todos e a base de todo o perdão dos pecados e da reconciliação com o Pai. No entanto, a tentativa de enganar não confundirá por muito tempo

[F640]
aqueles que se lembram de que a palavra grega traduzida como o resgate é *anti-lutron* e significa *"um preço correspondente*". Essa pedra de toque da verdade divina mostrará rapidamente que a evolução é o oposto da verdade, pois nega a queda e toda necessidade de redenção dela. Ela condena prontamente a Ciência Cristã como totalmente não cristã, na medida em que nega o pecado, a morte e todo o mal, alegando que são ilusões mentais. Ela condena a teoria de que Deus foi o instigador, o autor do pecado e da maldade, ao mostrar que Ele sempre se opôs ao pecado e tem em andamento um plano para libertar o homem de sua escravidão por meio da *redenção*, cujos frutos surgirão mais adiante nos "tempos da restauração".

Mas o que diremos daqueles que blasfemam contra o santo nome de Deus ao ensinar doutrinas de demônios — no sentido de que uma eternidade de tormento aguarda a grande massa da humanidade viva e que já tem controle sobre a vasta maioria dos 50 bilhões de pessoas que as Escrituras, ao contrário, declaram estar "em seus túmulos", aguardando a bênção prometida a todas as famílias da terra? Se tais pessoas realizarem curas *"em meu* nome", devemos considerar que o Senhor está agora endossando suas falsas doutrinas? Não devemos supor isso, agora que a Aurora milenar está surgindo e, com ela, toda desculpa para tal escuridão profunda está desaparecendo. Não podemos incluir tais pessoas entre aqueles a quem o Apóstolo escreveu: "Vós, irmãos, *não* estais *nas trevas,* para que aquele dia vos surpreenda como um ladrão." Não importa que, com suas "obras maravilhosas", proclamem fé em Cristo como seu Rei vindouro, que está próximo. Com tais doutrinas de demônios em suas bocas e corações, devemos concluir que suas curas pela fé e obras maravilhosas são tão obras do diabo quanto as curas semelhantes praticadas pelo Espiritismo, pela Ciência Cristã, pelo Mormonismo etc.

Suponha-se, porém, diz alguém, que eles demonstrem grande zelo ao enviar missionários aos pagãos? Respondemos que isso não deve alterar nossa visão geral do *movimento* como um todo (admitimos de bom grado, sim, esperamos sinceramente, que alguns "capturados", "enredados" por esse movimento sejam verdadeiros filhos

[F641]
de Deus, em quem confiamos que nos libertará deste distrito da Babilônia mística). Recordemos a avaliação que nosso Senhor fez dos esforços missionários zelosos de sua época. Ele disse aos fariseus (o "povo da santidade" daquele tempo e daquela nação): "Vós percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito, e, quando ele é feito, vós o tornais duas vezes mais filho do Gehenna [a Segunda Morte] do que vós mesmos." (***Mt 23:15***) Que vantagem pode advir para os pagãos ao lhes serem ensinadas as *falsas doutrinas* do adversário? Os poucos que possam ser alcançados terão muito mais a desaprender quando os tempos da restauração começarem. É tão verdadeiro hoje quanto era na época da primeira vinda que — "Vós sois servos daquele a quem prestais serviço". Certamente, então, Satanás está fazendo um grande negócio nas igrejas nominais da cristandade, e especialmente em seus púlpitos. Não é de se admirar que os sumos sacerdotes, escribas e doutores em teologia de hoje odeiem a Verdade — odeiem a luz e a combatam de todas as maneiras possíveis. "Sai dela [Babilônia], *ó meu povo*, para que não sejais participantes dos seus pecados e não recebestes das suas pragas." ***Apocalipse 18:4***

Satanás encontra-se exatamente na situação extrema indicada pelas palavras de nosso Senhor citadas acima. (***Mateus 12:26***) O levantamento do véu da ignorância — o aumento geral do conhecimento sobre todos os assuntos — torna impossível usar as antigas superstições como antes. Novos enganos devem ser introduzidos; caso contrário, as pessoas alcançariam a Verdade e escapariam dele. Ele está muito ocupado "como um anjo de luz" — como pregador da Evolução para alguns; como missionário do tormento eterno e das más notícias para os pagãos; como um Elias que se proclama o Restaurador da humanidade; como um cientista (?) que persuade as pessoas a negar suas dores e sofrimentos, e recompensa suas mentiras curando-as de uma doença física, enquanto a distorção da verdade as torna, a partir de então, incapazes de distinguir a verdade da falsidade. Satanás pode acreditar que está tendo sucesso, mas, segundo a palavra de nosso Senhor, sua casa logo ruirá — e essa necessidade de ele se fazer passar por reformador e bom médico é uma evidência de que a queda está próxima. Graças a Deus, não demorará muito

[F642]
até que ele seja completamente "amarrado", restringido, para que "não *engane* mais as nações"! ***Apocalipse 20:3***

Ame a justiça — odeie a iniquidade

Se quisermos compreender a filosofia dos desígnios de Deus para com a nova criação neste tempo presente, não devemos esquecer que é Sua intenção que todos os que forem aperfeiçoados neste plano divino de existência sejam não apenas bem-intencionados, no sentido de que preferirão o certo ao errado, mas que, além disso, por meio de uma ampla experiência, compreendam claramente e apreciem plenamente os confortos e as vantagens do bem — da justiça — e a confusão e as desvantagens do mal. É por essa razão que a nova criação está sendo submetida a provações e testes peculiares, mais pronunciados em todos os aspectos do que aqueles que recairam sobre os anjos, mais pronunciados também do que os que recairão sobre o mundo da humanidade durante o dia do seu julgamento, a Era Milenar. Pelo que sabemos, nenhum teste específico jamais recaiu sobre os anjos santos até depois da desobediência de Satanás em sua tentativa ambiciosa de usurpar o domínio da Terra; mas temos todos os motivos para supor que sua queda no pecado e a consequente queda da humanidade se tornaram a ocasião para um teste, não apenas para aqueles anjos que não mantiveram seu estado original e se tornaram demônios, mas que foi também um teste para todos os anjos santos. Deve ter sido um teste à sua fé no poder de Jeová testemunhar o curso do mal e a aparente falta de poder de Deus para contê-lo e destruí-lo. Ao ver isso, todos, sem exceção, devem ter sido tentados, ou provados, com o pensamento de que também poderiam cometer pecado impunemente; e o fato de terem permanecido leais ao Senhor evidencia que seus corações estavam em uma condição correta de humildade e obediência aos princípios da justiça. Eles já vislumbram a grandiosa realização do plano divino por meio de Cristo e, em breve, verão que sua confiança na sabedoria, no amor, na justiça e no poder de Jeová está mais do que justificada na grandiosa consumação de seu plano por meio de Cristo Jesus e da Igreja glorificada.

[F643]

Esse teste dos anjos santos, no entanto, não foi, em alguns aspectos, tão crucial quanto o teste que recai sobre as novas criaturas em Cristo Jesus, em contato contínuo com a imperfeição humana, provações de fé, paciência, amor e zelo —até mesmo até a morte. Da mesma forma, a provação do mundo durante a Era Milenar, embora seja crucial e completa, e demonstre de forma absoluta quem é e quem não é totalmente leal no coração ao Senhor e aos princípios da retidão, será, no entanto, diferente das provações da Igreja na era atual, pois, para eles, tudo será favorável a uma apreciação plena e adequada da retidão e da obediência a ela. Pelo contrário, a nova criatura, no tempo presente, constata, como declarou o Apóstolo, que "todos os que quiserem viver piedosamente" sofrerão. Essa disposição de sofrer por lealdade ao Senhor e aos princípios de seu governo, bem como a fé que isso implica, são aceitáveis a Deus como evidências de caráter especial. Suas ações para com as novas criaturas durante esta era atual têm como objetivo aperfeiçoar esses caráteres em santidade — até o mais alto nível, a ponto de sofrerem alegremente desvantagens por causa do Senhor e da Verdade; sim, de buscarem servir à Verdade à custa de confortos terrenos, honras, emolumentos e até mesmo da própria vida.

É porque essa filosofia do plano divino não é claramente compreendida que tantos estão confusos a respeito do modo providencial como Deus lida com o pequeno rebanho. Eles não percebem que, assim como processos especiais de calor e resfriamento são necessários para o temperamento de um instrumento de aço fino, também provações especiais de fogo e experiências de resfriamento são necessárias para a preparação daqueles que o Senhor se propõe a usar em breve como seus representantes e instrumentos especiais na grande obra da restauração humana, etc. O mal nunca é bom, e Deus nunca é o autor do mal moral, o pecado, em qualquer sentido ou grau. No entanto, sua sabedoria e poder são tais que Ele é capaz de anular seus efeitos para o bem. Por exemplo, como vimos, Deus não fez com que Satanás pecasse. Ele o criou perfeito, íntegro, puro, e foi justamente uma das bênçãos que Ele concedeu

[F644]
a ele, a bênção da liberdade de vontade, que — ao ser exercida contrariamente à ordem divina — transformou o outrora santo anjo em um adversário, Satanás. Estava ao alcance do Todo-Poderoso ter destruído seu adversário instantaneamente; mas Ele previu as lições mais amplas da experiência que poderiam surgir, não apenas para os anjos, mas para a humanidade, a respeito do bem e do mal, por meio da contaminação deste último e da amargura de seu fruto. Da mesma forma com o pecado entre a humanidade: Deus era plenamente capaz de erradicá-lo a qualquer momento, como acabará por fazer; mas, por enquanto, sua sabedoria previu como a ira do homem poderia ser utilizada para glorificá-lo. Os filhos de Deus, portanto, não precisam temer o triunfo final do Senhor sobre os pecadores e o pecado em todos os sentidos da palavra. Eles podem ter confiança de que nem o arqui-conspirador nem qualquer de seus seguidores — mais ou menos obstinados ou mais ou menos iludidos — no caminho do mal alcançarão o domínio definitivo. O plano de Deus já está tão avançado a ponto de revelar o fim do grande mistério de permitir, por um tempo, o florescimento do pecado e dos pecadores, bem como sua prosperidade em oposição ao Senhor e aos seus fiéis.

Não nos esqueçamos de observar que, embora todas as doenças e mortes no mundo possam, com maior ou menor directividade, ser atribuídas ao grande adversário, por meio do qual o pecado entrou na mente do homem para sua corrupção e ruína, ainda assim, tanto no caso do mundo quanto da nova criação, Deus está controlando, para instrução e educação do homem, os diversos elementos da maldição que recaiu sobre a raça humana por causa do pecado. Quanto ao mundo, pelo menos em sentido geral, toda a criação que geme está aprendendo algo a respeito da extrema pecaminosidade e indesejabilidade do pecado; e quanto à Igreja, a nova criação, sua permissão para participar dos sofrimentos de Cristo inclui e implica uma participação nos sofrimentos que são comuns ao restante da humanidade. No caso de nosso Senhor, somos informados especificamente de que era conveniente que ele, para ser o grande Sumo Sacerdote da humanidade, fosse tocado por um sentimento de nossas fraquezas, e isso deve ser verdade no que diz respeito a cada membro

[F645]
do corpo desse Sumo Sacerdote, bem como da Cabeça, o Senhor. Certamente não haverá um membro insensível em todo o corpo de Cristo. Todos terão sido tocados por experiências e saberão plenamente como simpatizar com o pobre mundo quando chegar o tempo da sua restauração por meio de julgamentos, pela obediência sob as provações, testes e correções da era futura. Nosso Senhor, que era perfeito na carne e que, portanto, não poderia ter sido assim tocado se não tivesse despendido sua vitalidade na cura dos enfermos, experimentou, em vez de vitalidade, uma sensação da fraqueza e do sofrimento daqueles a quem aliviou, conforme está declarado: "Ele mesmo tomou nossas enfermidades e carregou nossas doenças." (***Mt 8:17***) Aqueles que são chamados a fazer parte do corpo de Cristo geralmente têm pouca vitalidade para manifestar de maneira milagrosa; mas, ao compartilharem as experiências comuns do mundo, em conexão com seus próprios organismos humanos imperfeitos, também são tocados por um sentimento das enfermidades da raça humana, o que lhes permite simpatizar plenamente com o sofrimento geral.

Percebe-se, a partir disso, que não compartilhamos da ideia defendida por alguns de que o corpo de Cristo deveria esperar estar isento das provações e dificuldades do mundo — físicas, sociais e financeiras. É verdade que esse era o caso dos israelitas típicos. Suas recompensas pela fidelidade ao Senhor e à Sua Lei consistiam nessa imunidade contra o sofrimento, as provações etc.; mas, com a nova criação, a questão é inteiramente o oposto, pois eles não são israelitas segundo a carne, mas segundo o espírito — eles são da semente espiritual de Abraão. Os antítipos das bênçãos de Israel na nova criação são espirituais. Todas as coisas contribuem para o seu bem espiritual. As bênçãos de Deus lhes são garantidas enquanto permanecerem na fé e na obediência a Cristo, de modo que nada de mal possa se aproximar de sua morada, onde são mantidos em segredo, protegidos de tudo o que pudesse causar dano. No entanto, sua apreciação desse relacionamento espiritual é continuamente testada, para provar se eles valorizam ou não o espiritual acima

[F646]
ao natural, para que possam desfrutar mais abundantemente do espiritual e, por fim, serem aperfeiçoados como novas criaturas quando os sacrifícios terrenos tiverem sido plenamente consumados.

Portanto, quando as novas criaturas em Cristo Jesus perceberem que enfrentam inúmeras provações ardentes, independentemente da forma como elas lhes cheguem, devem reconhecê-las como evidências de sua fidelidade — como evidências de que Deus as considera filhos e de que estão sendo testadas de acordo com sua relação de aliança, para que possam ser capacitadas e preparadas para o aperfeiçoamento no espírito e para as glórias que se seguirão. Se, portanto, o Senhor permitir que calamidades se abatam sobre tais pessoas, que elas não sejam consideradas da mesma forma como se tivessem acontecido ao mundo. O mundo, sob a sentença divina de morte, está sujeito a diversos acidentes e mutações, com os quais o Senhor não tem absolutamente nada a ver, conforme explicado por nosso Senhor quando se referiu aos dezoito sobre os quais caiu a torre de Siloé, e aos outros cujo sangue Pilatos misturou com os sacrifícios, e que nosso Senhor declarou não deverem, por causa dessas coisas, ser considerados pecadores acima dos demais e sob reprovação divina. (***Lucas 13:1-5***) Deus permite a ira dos homens e de Satanás, dentro de certos limites, no que diz respeito ao mundo da humanidade; mas, no que se refere à sua Igreja escolhida, a situação é diferente. Nada do que lhes acontece é por acaso. "Preciosa é, aos olhos do Senhor, a morte dos seus santos." Nem mesmo um fio de cabelo de suas cabeças pode cair sem que Ele perceba. (***Salmos 116:15***; ***Mateus 10:30***) Como nosso Senhor declarou a Pilatos, quando este perguntou: "Não sabes que tenho poder?" — "Tu não terias nenhum poder, se não te fosse dado por meu Pai." (***João 19:10,11***) E isso é igualmente verdadeiro para cada membro do corpo de Cristo, desde o momento em que é gerado como nova criatura. Sim, temos todos os motivos para acreditar que, em certa medida, a providência divina se estende até mesmo além da nova criação, abrangendo aqueles cujas vidas e interesses estão intimamente ligados aos deles. Se, então, as novas criaturas passam por provações ardentes, não devem considerá-las peculiares, como se algo estranho lhes tivesse acontecido, mas devem saber que provações correspondentes

[F647]
provações aconteceram a todos os membros do corpo de Cristo, da Cabeça para baixo, e acontecerão a todos até que os últimos membros da classe dos pés tenham sido testados, aperfeiçoados, aceitos e glorificados. Se essas provações, então, vierem na forma de oposições e perseguições no lar, ou por parte de antigos amigos ou vizinhos, ou de membros nominais da igreja, ou se vierem na forma de desastre financeiro e pobreza, ou se vierem na forma de doença, dor, acidente físico etc., não importa como, o povo do Senhor deve estar contente, consciente do amor do Pai e do cuidado providencial em relação a todos os seus interesses. Ter plena confiança nisso faz parte do teste de fé. Ter a certeza, por parte do Senhor, de que somos filhos e herdeiros, e sermos informados da supervisão de Deus, e, ao mesmo tempo, sermos permitidos a sofrer tribulações, é um severo teste de fé para aqueles a quem é exigido que andem pela fé e não pela visão, se quiserem, por fim, ser aceitos como vencedores. Recebamos, então, com confiança, amor e fé, quaisquer benefícios ou dificuldades que a providência do Senhor nos envie, e tiremos proveito deles, aprendendo com suas lições.

Essa compreensão do cuidado divino em todos os aspectos da vida, tanto terrenos quanto celestiais, não deve nos levar à indiferença em relação aos nossos assuntos temporais. Pelo contrário, devemos lembrar que somos administradores de privilégios, oportunidades e responsabilidades — sociais, financeiras e no que diz respeito à saúde. Torna-se, portanto, nosso dever fazer o que pudermos para sanar quaisquer rupturas sociais que possam ocorrer. Devemos ser gentis e atenciosos, dar explicações e fazer tudo o que estiver razoavelmente ao nosso alcance para evitar mal-entendidos sobre nossas motivações e intenções. Devemos procurar, com sabedoria, evitar tudo o que possa parecer supersticioso e fanático e, assim, recomendar nosso Deus, seu caráter, seu livro e sua Igreja aos outros. Dessa forma, devemos deixar nossa luz brilhar. Em questões financeiras, devemos agir com prudência e economia e não ser preguiçosos nos negócios, como se não tivéssemos Deus, como se tudo dependesse de nossos próprios esforços; no entanto, em nossos corações e em nossa

[F648]
discussão de assuntos na família da fé, devemos reconhecer e expressar nossa confiança no Senhor, pois, por sermos Seus, todos os nossos interesses estão sob Seu cuidado protetor. Se, então, apesar de exercitarmos ao máximo a sabedoria, a prudência etc., resultar em pobreza ou perda financeira, devemos considerar que nosso Pai celestial viu que tais experiências seriam melhores para nós, como novas criaturas, do que uma maior prosperidade. Devemos reconhecer Sua abençoada supervisão sobre nossos assuntos, sejam quais forem Suas orientações e nossas experiências. Da mesma forma, no que diz respeito à saúde: se a doença nos atingir, nossa boa administração desses corpos mortais exigirá que empreguemos a energia necessária na aplicação de remédios, na medida de nosso conhecimento e discernimento. Se os esforços forem bem-sucedidos, nosso reconhecimento de coração deve ser dirigido ao Senhor, e não meramente em relação ao medicamento. Se forem malsucedidos, não devemos duvidar de seu poder, mas, ao contrário, buscar mais bênçãos em conexão com as provações que estamos enfrentando. De fato, pois, diante de cada angústia ou calamidade, as novas criaturas, ao mesmo tempo em que se empenham na resolução da dificuldade, devem elevar seus corações ao Senhor com confiança e fé, desejando saber que lição podem aprender com suas experiências e se essas lições são da natureza de um castigo por transgressões ou da natureza da vara e do cajado, destinados a trazer de volta a ovelha de algum caminho que a leva na direção errada, afastando-a dos passos do Pastor. “Tua vara e teu cajado me consolam.” O povo do Senhor não depende, para sua alegria, paz e consolo, meramente de possuir um nível razoável de saúde, prosperidade financeira e social, mas pode regozijar-se na paz de Deus em todas as circunstâncias e condições, e ser capaz de regozijar-se de todo o coração tanto na vara quanto no cajado do Pastor. Assim como o Profeta de outrora, muitos da nova criação podem dizer: “Antes de ser afligido, eu me desviei”. Muitos deles aprenderam que há grandes bênçãos ligadas às aflições.

Está escrito profeticamente sobre a Igreja e sobre o cuidado do Senhor para com ela: “Que cura todas as tuas enfermidades.” (***Salmo 103:3***)

[F649]
Qualquer tentativa de aplicar isso à Igreja do Evangelho no que diz respeito às condições físicas deve, necessariamente, ser falha e fraca. Quem não sabe que, desde a Cabeça da Igreja até os últimos membros dos "pés", não foi do agrado do Senhor curar todas as suas doenças físicas? Quem não sabe que muitos, muitos dos santos morreram de suas doenças físicas? De acordo com a ciência médica, nosso querido redentor, embora fisicamente perfeito, foi acometido por uma doença não desconhecida pelos cientistas, quando experimentou o suor de sangue no Getsêmani. De acordo com a mesma ciência, e em total concordância com os fatos, aquele que era perfeito na carne morreu mais rapidamente do que os dois malfeitores crucificados com ele por causa de uma doença — o rompimento de seu coração. Quem não sabe que o apóstolo Paulo carregou consigo até o dia de sua morte um "espinho na carne" e que o Senhor se recusou a removê-lo, assegurando-lhe que sua paciência em suportá-lo traria uma bênção de graça mais do que compensatória? Quem não sabe que muitos dos mais nobres santos de Deus ao longo dos tempos sofreram com doenças e que, longe de terem todas as suas doenças curadas e de serem aperfeiçoados, eles morreram? Uma aplicação dessa passagem às doenças físicas, portanto, seria inconsistente com as Escrituras, mas sua aplicação como profecia à condição espiritual da nova criatura é, de fato, muito apropriada. A Nova Criação realmente luta contra males e enfermidades espirituais, e esta passagem bíblica lhes dá a garantia de que podem esperar que toda doença seja curada com o Bálsamo de Gileade, enfaixada com as promessas grandiosas e preciosas da Palavra do Senhor, e compensada pela paz e alegria que o homem não pode nem dar nem tirar, de modo que a doença do coração, a inquietação, não possa mais se intrometer onde o amor, a alegria e a paz do espírito santo habitam e reinam.

Marcos 16:9-20 é espúrio

Todos os estudiosos admitem que esses versículos são uma interpolação. Eles não são encontrados em nenhum dos manuscritos gregos antigos e certamente não são autênticos. Não é verdade que todos os

[F650]
os crentes no Senhor Jesus possam beber substâncias venenosas e ter contato com serpentes venenosas, doenças contagiosas etc., impunemente; nem todos possuíram o poder de curar doenças e expulsar demônios. Notar-se-á que a passagem foi omitida pela Versão Revisada e por todas as versões modernas das Escrituras. Portanto, aceitá-la ou citá-la como Escritura seria acrescentar algo à Palavra de Deus e aumentar a confusão geral sobre um assunto importante.

A ideia de que o povo do Senhor possa ser especialmente favorecido por Ele no que diz respeito à saúde física e a outros confortos materiais (mais do que o mundo) é uma ilusão e uma armadilha, e contrária a todas as expectativas adequadas da nova criação, conforme demonstrado anteriormente. O Senhor e os apóstolos foram os exemplos da Igreja e, em vez de esperarem ser libertos das dificuldades gerais que assolam a criação que geme, sua consagração consistiu em compartilhar dessas aflições, para que pudessem ser tocados pelo sentimento das fraquezas humanas. Nosso Senhor rejeitou, como uma tentação do Adversário, a sugestão de usar o poder divino para aliviar sua fome durante os quarenta dias de jejum no deserto. (***Mateus 4:3,4***) Quando cansado, ele descansou junto ao poço de Samaria, enquanto seus discípulos foram comprar comida, embora pudesse ter invocado e usado o poder divino para restaurar suas forças. (***João 4:6***) Nesses casos, a comida era o remédio adequado para as dores da fome, e o descanso era o remédio adequado para o cansaço do corpo, e nosso Senhor utilizou esses remédios. Não temos conhecimento de que ele tivesse alguma doença crônica, mas não duvidamos de que ele teria sido livre para usar quaisquer raízes, ervas ou outros remédios tão livremente quanto usava a comida e o descanso. A doença nervosa que causou o suor sangrento e sua doença final, a ruptura cardíaca, ocorreram no final de seu ministério. Ele sabia que sua hora havia chegado. Aquele que se recusou a pedir ao poder celestial proteção angelical (***Mateus 26:53***) e que se recusou a invocar esse mesmo poder para saciar sua fome e aliviar seu cansaço estava, no entanto, perfeitamente à vontade para invocar

[F651]
a esses poderes em benefício de seus seguidores, como, por exemplo, ao alimentar as multidões, ao acalmar a tempestade e ao providenciar o pagamento dos impostos. ***Mateus 14:15-21***; ***Marcos 4:36-41***; ***Mateus 17:24-27***

Da mesma forma, constatamos que os apóstolos não fizeram uso de privilégios e bênçãos especiais que lhes pertenciam para o alívio de aflições e necessidades temporais. É verdade que não temos registro da doença de nenhum dos doze, exceto Paulo, cujos olhos fracos (***Atos 9:8, 18***; ***Gálatas 4:15; 6:11*** — R.V.) o Senhor não se dispôs a aliviar, mesmo após súplica, assegurando ao apóstolo que isso, que se tornou um mensageiro de Satanás ao atormentá-lo, provando sua paciência, sua humildade etc., seria mais do que compensado pela "graça suficiente" do Senhor. (***2 Coríntios 12:7-9***) A fé e a confiança do apóstolo no Senhor têm sido uma fonte de consolo para todos no caminho estreito, desde aquela época até o presente; e, no entanto, ele não foi, como alguns desses, ao Senhor com pedidos de bens materiais, dinheiro, casas, terras, comida, vestuário etc. Temos sua própria palavra de que, às vezes, ele passava por necessidades e que, nesses casos, ele se empenhava, trabalhando com as próprias mãos no ofício comum de confeccionar velas e tendas. Alguns, muito menos santos do que ele e muito menos próximos do Senhor, não apenas teriam desprezado uma ocupação tão humilde, mas, rejeitando o trabalho, teriam procurado fazer o que chamam de "viver pela fé", ou seja, viver sem trabalhar — algo que esse mesmo apóstolo repreende de forma muito decidida, dizendo: "Se alguém não quer trabalhar, também não deve comer". "Quem roubava, não roube mais; antes, trabalhe, fazendo com as próprias mãos o que é bom, para que tenha com que ajudar quem tem necessidade." (***Ef 4,28***; ***2 Ts 3,10***) Muitos que, assim, erroneamente pensam ser a vontade divina que vivam pela fé, enquanto outros vivem do trabalho e os sustentam, frequentemente ousam orar por dinheiro, comida, roupas etc., pelos quais não estão dispostos a trabalhar. Não queremos sugerir que todos esses sejam ímpios; acreditamos que alguns do povo do Senhor se encontram nessa atitude mental errada por causa de falsos ensinamentos e de um equívoco quanto aos desígnios divinos e ao caráter

[F652]
de seu chamado. Também não estamos contestando que o Senhor, às vezes, ouve e responde às orações dessas pessoas, mesmo quando tais orações não estão em total conformidade com a vontade divina. Acreditamos que o caminho correto para as novas criaturas
— o que mais agrada ao Senhor — é aquele que segue de forma mais direta e específica as instruções e práticas de nosso Senhor e dos apóstolos. O fato de serem considerados novas criaturas implica que reconheceram que as bênçãos terrenas pertencem propriamente ao homem natural em harmonia com seu Criador e, portanto, pertencem imputadamente a todos os que estão vitalmente justificados perante Deus, por meio da fé em Cristo; e que esses direitos humanos eles ofereceram, consagraram, dedicaram e colocaram sobre o altar, em troca das bênçãos e privilégios celestiais, espirituais e superiores da nova criação, para a qual os crentes são chamados durante a era evangélica. E se esses direitos terrenos foram assim dedicados ao Senhor, trocados por privilégios espirituais, esperanças etc., por meio de que raciocínio as novas criaturas poderiam pedir — para não dizer "exigir" — essas bênçãos terrenas, já consagradas ou oferecidas? Uma coisa é pedir ao Senhor as bênçãos temporais que Sua sabedoria julgar melhores para nós, e outra coisa, também, é pedir bênçãos para os outros, incluindo nossos entes queridos segundo a carne, e não segundo o espírito. No entanto, em todos os nossos pedidos, o amor e a sabedoria do Senhor devem ser reconhecidos como superiores aos nossos, e uma submissão total de nossa vontade à Sua em todas as questões deve não apenas ser realizada, mas também expressa a Ele nessas petições. A nova criatura, devidamente instruída pela Palavra de Deus e compreendendo seu espírito, deve valorizar seus interesses espirituais muito além de qualquer bem-estar temporal e deve, certamente, desejar aquelas — e somente aquelas — experiências na carne que sejam mais proveitosas para o desenvolvimento da nova natureza e para a preparação para o Reino. O Novo Testamento trata mais das experiências do apóstolo escolhido pelo Senhor para ocupar o lugar de Judas do que de todas as outras juntas, e começa com o momento de sua aceitação de Cristo no caminho para Damasco. Ao examinar suas

[F653]
experiências variadas, percebemos que, ao exercer o dom dos milagres, então presente na Igreja, ele o utilizava em muitos casos sobre aqueles que se convertiam à Verdade. Mas, tanto quanto os registros mostram, nem uma única vez esse poder de cura foi usado para seu próprio alívio, nem para o alívio de qualquer um daqueles que nos são apresentados como os santos, os plenamente consagrados. E isso não se deveu ao fato de os santos daquela época estarem livres de doenças: pelo contrário, sabemos que Timóteo sofria do que hoje designaríamos como dispepsia crônica, ou indigestão, e que Epafrodito não foi impedido de adoecer, sim, de estar "à beira da morte", não por causa do pecado, mas, como explica o apóstolo, "porque, pela obra de Cristo, ele estava à beira da morte", arriscando a própria vida. (***Fp 2,25-30***) Não sabemos quais alimentos ou remédios especiais o Senhor se agradou em abençoar no último caso; mas, no que diz respeito ao primeiro, o apóstolo não orou nem enviou um lenço ou guardanapo para curar a doença, mas escreveu a Timóteo, dizendo: "Usa um pouco de vinho por causa do teu estômago e das tuas frequentes enfermidades." (***1 Tim. 5:23***) O vinho foi recomendado, não como bebida nem como substância intoxicante, mas puramente como remédio. O ponto a ser especialmente observado é que o poder divino, tanto quanto sabemos, não foi invocado nem exercido em favor de nenhum desses dois irmãos consagrados. Eles suportaram suas enfermidades e aflições e obtiveram bênçãos a partir delas, utilizando, ao mesmo tempo, os alimentos e remédios mais adequados de que tinham conhecimento. E acreditamos que isso seja uma ilustração adequada do caminho que deve ser seguido por todos os consagrados, todas as novas criaturas; eles não devem pedir cura física, luxos da vida, etc. No máximo, o modelo de oração de nosso Senhor justifica que peçam o que o próprio Senhor julgar melhor para eles no que diz respeito ao alimento diário; e mesmo enquanto oram pelo alimento diário, devem dedicar-se ao trabalho de suas mãos e esperar que a bênção do Senhor recaia sobre ele, de acordo com a sabedoria Dele, no que for de maior proveito para o desenvolvimento de seu caráter por meio de experiências, etc. Se Ele julgar adequado conceder-lhes apenas o mínimo

[F654]
necessidades de alimento e vestuário, isso será para eles um teste de amor, paciência e fé Nele. Se Ele lhes fornecer em abundância, isso será para eles um teste da mesma fé, amor e devoção, em uma direção oposta — demonstrando em que proporção desses bons dons estão dispostos a sacrificar em prol de Sua causa, a serviço de Seus irmãos. Da mesma forma, se a sabedoria divina julgar melhor conceder saúde robusta e vigor, o teste de fidelidade será se o amor e a devoção estarão dispostos a sacrificar e utilizar plenamente esse vigor em prol da causa do Senhor, ou se ele será absorvido por buscas egoístas; ou, por outro lado, se o Senhor, em sua providência, conceder apenas uma quantidade limitada de vitalidade e vigor, o teste de fé e devoção será a partir do ponto de vista oposto, para provar o amor e a obediência, a submissão e a paciência, bem como o zelo com que pequenas oportunidades serão buscadas e utilizadas com persistência.

A Igreja Nominal como o adversário da nova criação

Como seu primeiro contato com o Senhor ocorreu enquanto estavam na igreja nominal, ou por meio de alguns de seus representantes ou instituições, muitos tendem a ver os sistemas sectários como suas mães espirituais e, consequentemente, a sentir amor e obrigação para com eles. Essas pessoas têm dificuldade em perceber que esses são sistemas terrenos — Babilônia —, na verdade, oponentes da nova criação. Sua dificuldade decorre de uma visão muito limitada e estreita do assunto. Eles precisam elevar seus olhos mais alto e perceber que, do ponto de vista divino, há uma grande diferença entre a igreja nominal e a verdadeira, entre o joio e o trigo. O joio não pode gerar trigo, nem a cristandade nominal pode produzir verdadeiros cristãos. Suas tendências apontam na direção oposta. As Escrituras declaram que é o poder de Deus que opera em nós, para "querer e fazer segundo o seu bom prazer". É o poder da nova vida que, posteriormente, se desenvolve sob o cuidado providencial. Não é a geração do espírito da mundanidade que produzirá esse resultado. A igreja nominal, em contraste

[F655]
da verdadeira, é aquela classe de pessoas que viram e ouviram certos aspectos da Verdade divina, que foram mais ou menos esclarecidas a respeito do certo e do errado, mais ou menos, portanto, levados a uma certa convicção sobre o que é certo ou errado, mas que, apesar dessa informação, são descuidados, negligentes em relação à vontade divina e dispostos a usar das misericórdias divinas na medida que lhes convém, especialmente na medida em que isso lhes traga vantagem pessoal ou social no presente, e nada mais. A verdadeira Igreja, ao contrário, como já vimos, consiste naqueles que não apenas ouviram a Verdade, mas consagraram tudo o que têm àquele que os amou e os resgatou — aqueles que seguiram em frente para conhecer o Senhor e obedecê-lo na medida de suas capacidades, e que, ao segui-lo assim, não consideram suas vidas preciosas para si mesmos. A igreja nominal não é a luz do mundo, mas meramente um grupo de pessoas que prefere a luz às trevas e que gosta de ter um pouco da luz que brilha dos verdadeiros cristãos misturada com as luzes do paganismo e das diversas ciências. Cada membro da verdadeira Igreja é uma luz que arde e brilha, onde quer que esteja.

Quanto maior for a diferença entre essas duas classes, melhor será, em geral, para a verdadeira Igreja; de fato, as lâmpadas dos fiéis portadores da luz costumam brilhar mais intensamente na medida em que o sistema nominal está imerso em trevas densas e superstição, e na medida em que a verdadeira Igreja é perseguida pelo sistema nominal — de quem, de fato, todas as perseguições provêm.

Quando reconhecemos o fato de que Deus está no leme, dirigindo os assuntos da nova criação em todos os detalhes, não apenas em seu chamado, mas também nas dificuldades, provações e perseguições necessárias para seu aperfeiçoamento e preparação para o Reino, isso diminui nossa valorização do papel desempenhado nesse plano divino pelas instituições humanas, que o Senhor nunca organizou nem autorizou a serem organizadas, mas que, em harmonia com a sugestão do Senhor, sabemos que são carnais, mundanas, contrárias ao espírito. Não estamos afirmando, com isso, que a verdadeira Igreja não tenha estado, em certa medida,

[F656]
em estreita associação com os sistemas nominais; mas estamos afirmando que, embora tenham estado separados deles, no sentido de que sempre tiveram um espírito diferente. A geração desses filhos espirituais de Deus, por meio da Palavra de sua graça, e o fato de eles, em certa medida, serem acolhidos, nutridos e promovidos por esses sistemas sectários humanos, que são como joio, é bem ilustrado por certos insetos, cujas crias são injetadas nas costas de seus inimigos e ali aquecidas, nutridas e desenvolvidas até o momento de seu nascimento completo e libertação, o que significa, geralmente, a morte do inseto que as carregou temporariamente. Assim, agora, as novas criaturas, geradas pelo Senhor, estão mais ou menos intimamente ligadas às instituições de Babilônia e foram, em maior ou menor grau, conduzidas adiante contrariamente à vontade de Babilônia, mas sob supervisão e disposição divinas, até que agora o ponto da libertação tenha sido alcançado, e aquele que gerou a nova criação clama a elas: "Saiam dela, meu povo, para que não sejam participantes dos seus pecados e não recebam as suas pragas." ***Apocalipse 18:4***

Há uma tentação contínua para a nova criação por parte do sistema eclesiástico nominal — não apenas por meio de falsas doutrinas, mas também na piedade formalista e na hipocrisia, nas quais se aproximam do Senhor com os lábios, enquanto o coração está longe dele — enquanto os pensamentos, sentimentos, palavras e ações estão totalmente em desacordo com o espírito da verdade e com a consagração que ele inculca. As tentações à nova criação vindas do mundo seriam comparativamente fracas, não fosse pelo fato de que a igreja nominal combina o espírito, os objetivos e as ambições mundanas com o nome de Cristo e um serviço humilde a Ele. A comodidade, a honra dos homens, os emolumentos, a ausência de sacrifício e a certeza de alcançar as melhores coisas que este mundo pode oferecer são as iscas e seduções, as armadilhas e laços que Babilônia apresenta à nova criação, e isso continuamente. Nenhuma outra armadilha do adversário é tão sedutora, tão enganosa, tão poderosa quanto esta.

[F657]

A Armadura de Deus

—Ef. 6:11-13—

"Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais resistir às artimanhas do diabo... no dia mau."

Aqui, mais uma vez, o Apóstolo nos adverte que nosso tempo, no fim dos tempos, seria o "dia mau" em que os poderes de Satanás seriam exercidos de maneira peculiar — "para enganar, se possível, até mesmo os escolhidos". Ele nos fala de uma armadura que será à prova de todas as ilusões de Satanás. Não é uma armadura para a carne, mas para a mente — para a Nova Criatura. Deus é seu criador, por meio de instrumentos humanos. É a sua provisão, a sua Palavra, a sua mensagem, a sua Verdade. Nenhuma outra armadura será útil neste "dia mau", e para esta situação extrema será necessária a armadura *completa* — embora outros, em tempos anteriores, tenham se virado com apenas partes dela.

O cinto dos lombos representa a consagração ao serviço; e o apóstolo nos exorta a zelar para que não estejamos consagrados ao serviço do erro, mas ao serviço da Verdade. Que cada um examine seu cinto, certifique-se de que possui um adequado, cinge-se com ele, torne-se um servo da Verdade ou, pelo menos, tenha o espírito de serviço.

A Couraça da Justiça (ou a justificação) vem em seguida na ordem, pois o Senhor não pode reconhecer como soldados da cruz aqueles que não discernem e não reconhecem seu padrão de justiça, ou que rejeitam seu arranjo gracioso de justificação (por meio da fé e da consagração) pelo precioso sangue de seu Filho.

As sandálias da paz não devem ser esquecidas; o soldado da cruz que parte para a campanha sem a paz de Deus para ajudá-lo a superar os trechos difíceis realizará menos, e com maior dificuldade, do que aquele que busca seguir a paz com todos os homens — viver pacificamente com todos, na medida do possível, sem comprometer a Verdade. Aqueles que andam descalços vão à procura de problemas e certamente encontrarão pouco mais do que isso.

O Escudo da Fé é indispensável para a proteção contra os dardos inflamados do adversário — ceticismo, crítica superior,

[F658]
a evolução e a demonologia. “Sem fé é impossível agradar a Deus.” “Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé.” ***Hb 11,6***; ***1º João 5,4***

O Capacete da Salvação representa a apreciação ou compreensão intelectual, ou filosófica, do plano divino. Aparentemente, era menos necessário no passado do que agora; mas agora, na “colheita”, quando o adversário está atacando furiosamente a Verdade e transformando tudo o que é científico e educacional em uma arma de destruição — agora o capacete é indispensável. E agora, e somente agora, ele é fornecido em tamanho e forma tais que até o mais humilde soldado da cruz possa colocá-lo. O Senhor conteve o Adversário dentro dos limites em que o escudo da fé serviria de proteção; mas agora toda a armadura é fornecida, e não é cedo demais para as necessidades de seus fiéis.

A Espada do Espírito — a Palavra de Deus — é a única arma ofensiva do pequeno grupo do Senhor. O Capitão prevaleceu em sua “boa luta” contra o adversário, dizendo: “Está escrito”; e este é o grito de guerra de seus seguidores. Outros, além dos verdadeiros soldados, lutaram pelo Senhor com armas carnais, com filosofias humanas, sabedoria mundana e organização, e com decretos de concílios, sínodos e presbitérios; mas, na luta deste “dia mau”, devemos confiar na Palavra de Deus — “Está escrito!” Não devemos usar dardos como os de Satanás — ira, malícia, ódio, contenda. E “a Espada do Espírito” só pode ser obtida por meio do estudo cuidadoso e da orientação do espírito após a consagração — após o alistamento neste exército.

[F659]

ESTUDO XVI
A HERANÇA PRESENTE DA NOVA CRIAÇÃO

Uma das primícias do espírito — Esperanças verdadeiras versus falsas — Nossa esperança — O ladrão no Paraíso — O desejo ardente de São Paulo — "Nossa morada terrena" e "nossa morada celestial" — A cena da Transfiguração — "O primeiro a ressuscitar dentre os mortos" — Alegrias atuais da nova criação — "Pedi, e recebereis, para que a vossa alegria seja completa"— A fé, um fruto do espírito e parte da herança da nova criação.

NEM TODAS as bênçãos da nova criação pertencem ao futuro — além do véu. Uma primícia do espírito, um antegozo da bênção vindoura, é concedida às novas criaturas na vida presente. Entre essas primícias podem ser enumerados os diversos frutos e graças do espírito santo — fé, esperança, alegria, paz, amor, etc. Alguns podem alegar que essas são intangíveis e irreais; mas respondemos que elas são tão reais quanto as novas criaturas são reais; e exatamente na mesma proporção em que a nova criatura cresce, esses elementos de suas experiências, bênçãos e desenvolvimento aumentam. De fato, deve-se admitir que essas mesmas qualidades, na medida em que se referem às coisas terrenas, são as principais bênçãos do homem natural, as qualidades que lhe conferem seu maior grau de bênção e privilégio. As novas criaturas em Cristo, tendo trocado as esperanças, os privilégios e os amores terrenos pelos celestiais, consideram estes últimos muito mais preciosos do que aqueles a que renunciaram. Os amores terrenos são frequentemente inconstantes, geralmente egoístas. As esperanças terrenas são geralmente efêmeras e ilusórias. As alegrias terrenas são, na melhor das hipóteses, de curta duração e superficiais. As ambições terrenas raramente são satisfeitas e, mesmo quando o são, têm um sabor amargo

[F660]
ao lado de sua doçura. No entanto, vemos o mundo inteiro se esforçando para alcançar essas ambições, alegrias, esperanças e amores, e todos somos testemunhas de que seu maior prazer está na busca
— de que, com a conquista de qualquer uma delas, vem uma certa dose de decepção.

Não é assim com a nova criação. Suas esperanças, suas alegrias, seus amores, suas ambições crescem continuamente, alimentados pelas promessas extremamente grandes e preciosas da Palavra divina. E elas não trazem decepção, mas satisfação e a paz de Deus, que excede todo o entendimento, que se instala cada vez mais em seus corações, à medida que os olhos de sua fé se abrem cada vez mais para compreender o comprimento, a largura, a altura e a profundidade da sabedoria e do amor divinos, cujas mais ricas bênçãos eles são herdeiros e co-herdeiros por meio de Jesus Cristo, o Senhor.

Essa terra da promessa, na qual as novas criaturas entram figurativamente no momento da consagração total, quando recebem o espírito de adoção, é uma terra que mana leite e mel; e, embora tenha suas provações, suas conquistas, suas lutas internas e externas, não só suas vitórias significam alegria e paz, mas, sob instrução e orientação divinas, até mesmo suas derrotas são transformadas em fontes de esperança, fé e alegria, por aquele que é capaz e está disposto a fazer com que todas as coisas contribuam para o bem deles.

Esperanças Verdadeiras Versus Falsas

O Apóstolo chama nossa atenção para o fato de que Satanás procura prejudicar a nova criação, apresentando-se a ela como um anjo ou mensageiro da luz. Quando alguém confessa ter sido gerado pela luz, pela Verdade, pelo espírito santo, o adversário percebe que essa pessoa está a caminho de escapar totalmente das trevas, da superstição e do engano com os quais ele envolveu a humanidade. Ele então se transforma e, em vez de continuar tentando conduzi-los diretamente às superstições e às trevas, finge ser um guia rumo a mais luz; e, embora devamos estar especialmente alertas nesse sentido no momento atual, em que prevalece uma luz mais clara,

[F661]
não devemos esquecer que ele tem sido enérgico nesse mesmo caminho desde que o Apóstolo escreveu essas palavras. Encontramos evidências disso nos diversos credos da cristandade, que marcam esforços para sair das trevas, mas estão repletos de teorias falsas e falsas esperanças de caráter sedutor. Essas, embora aleguem ser auxílios para o cristão, aleguem honrar a Deus e aleguem expor Sua Palavra, são, na verdade, armadilhas e emaranhados para impedir uma concepção adequada da Verdade. A maravilhosa provisão de amor e misericórdia de Deus, tão razoável em todos os aspectos, tem sido combatida pelo adversário, não apenas diretamente, mas indiretamente, ao apresentar ao povo do Senhor algo que, a seu julgamento imperfeito, possa a princípio parecer oferecer esperanças e perspectivas mais grandiosas do que aquelas apresentadas pela Verdade. A tendência do erro, no entanto, é afastar-se cada vez mais da Verdade, do plano divino, da simplicidade do evangelho, levando à confusão de pensamento, à superstição e à hipocrisia clerical.

Entre essas esperanças ilusórias está a de que, quando os homens morrem, eles não estão mortos — que, quando mortos, estão mais vivos do que jamais estiveram. Essa esperança é introduzida pelo Adversário para se opor à esperança bíblica da ressurreição dos mortos. Uma ou outra dessas esperanças deve ser falsa. O Adversário teve notável sucesso em impor à "cristandade" essa falsa esperança, que a Palavra de Deus não apoia e que está em conflito direto com os ensinamentos da Palavra a respeito da ressurreição dos mortos; pois, se ninguém estivesse morto, não poderia haver "ressurreição dos mortos".

Outra dessas falsas esperanças diz respeito ao momento da recompensa dos fiéis do Senhor. O adversário tem sido igualmente bem-sucedido em iludir a igreja nominal, levando-a a acreditar que, em vez de esperar pela ressurreição dos mortos, em vez de esperar por uma participação na Primeira Ressurreição como o momento de receber a recompensa, eles deveriam esperar que os mortos (não estejam mortos, mas) recebam sua recompensa pela porta da morte, em vez de pela porta da ressurreição, conforme exposto em todas as Escrituras. Essas falsas esperanças, como todas as outras coisas falsas, são prejudiciais, por mais agradáveis que possam

[F662]
parecerem momentaneamente. A Palavra de Deus deve ser nosso guia, e ela nos ensina que nossas esperanças a respeito de bênçãos futuras, alegria etc., todas repousam na ressurreição dos mortos.

As falsas expectativas do passado, de que o momento da morte seria o momento da glória celestial (contrárias não apenas a todos os fatos e circunstâncias demonstráveis à mente humana, mas também em oposição a uma grande quantidade de testemunhos bíblicos relativos à ressurreição — cujo cumprimento aguarda a segunda vinda de nosso Senhor), têm sido muito prejudiciais ao povo do Senhor, na medida em que o afastaram de Sua Palavra e das verdadeiras esperanças que ela incute, e que estão em plena concordância com a razão mais sólida e com todos os fatos que observamos ao nosso redor.

Pode-se sugerir que essa esperança de uma mudança instantânea para a condição celestial no momento da morte é, para os últimos membros da nova criação, a própria esperança defendida nesta obra. Isso é verdade, mas há uma razão para apoiarmos tal esperança no tempo presente que não poderia ser aduzida antes de 1878, data a partir da qual afirmamos que essa ampliação da esperança do povo do Senhor teve início. Essa ampliação das esperanças da nova criação neste tempo de colheita está em plena concordância com as Escrituras. Nosso pensamento não é que todos os homens, nem mesmo os membros da nova criação ao longo de toda a era, tenham sido transformados no momento de sua morte; mas, concordando com as Escrituras de que adormeceram em Jesus, afirmamos também com a mesma autoridade que sua esperança está no despertar que Deus prometeu que lhes chegaria no novo dia, o dia milenar. Nossa esperança, fundamentada no testemunho da Palavra divina, é que já estamos no alvorecer desse novo dia; que Emanuel já está presente, estabelecendo seu Reino; que a primeira parte é o acerto de contas com seus servos, como ele destacou particularmente em suas parábolas que ilustram a obra a ser realizada em seu retorno para assumir o Reino da terra. As parábolas declaram que ele chamará seus próprios servos, a quem confiou as minas

[F663]
e os talentos, e que fará contas com eles antes de iniciar o acerto de contas com o mundo. ***Lucas 19:15***; ***Mateus 25:14***

Essa obra começa primeiro com a casa de Deus, a Igreja, a nova criação; e, como já foi destacado,* o ano de 1878 d.C. marcou a data em que os "mortos em Cristo" deveriam ressuscitar "em primeiro lugar". Está, portanto, em plena harmonia com as Escrituras que acreditemos que os apóstolos e os santos fiéis de toda a era, até os nossos dias, já estejam glorificados, já possuam os gloriosos corpos espirituais que lhes foram prometidos, mas, por terem sido "transformados" e tornados semelhantes ao próprio mestre e, portanto, como seres espirituais, estejam ocultos da vista humana, além do véu. É em plena concordância com essa esperança fundamentada nas Escrituras que ensinamos que cada membro da nova criação ainda na carne não precisará agora "adormecer" e esperar pelo tempo e pelo estabelecimento do Reino, pois o Rei e o Reino já estão aqui, a obra vivificante da nova dispensação já começou, a maior parte dos escolhidos da nova criação já foi glorificada, e os membros vivos estão simplesmente recebendo a conclusão de seu aperfeiçoamento, adaptação e provação, em preparação para experimentar sua parte na Primeira Ressurreição — para serem "arrebatados" ou "transformados" em um instante, num piscar de olhos — para, no momento da morte da carne, serem revestidos com a nova morada, o corpo espiritual. ***2 Cor. 5:1***; ***1 Tess. 4:17***

Ao considerar esse assunto, porém, devemos ter em mente não apenas essas esperanças especiais deste tempo de "colheita", mas também, de forma abrangente, quais têm sido as esperanças de todos os irmãos, de todos os membros da nova criação — as esperanças que nos são apresentadas no evangelho. Que a Palavra inspirada declare essas esperanças e, então, que o fato de elas serem muito diferentes daquelas geralmente nutridas pelo chamado mundo cristão não nos cause preocupação. É verdade que o "mundo cristão", em seus credos, professa a crença na segunda

---

*Vol. II, Cap. VII.

[F664]
vinda de Cristo e na ressurreição dos mortos, mas essas são meras expressões verbais pelas quais ele busca manter alguma relação com as Escrituras. Essas não são as *esperanças* do mundo cristão — a igreja nominal; ao contrário, são seu *temor*. Eles temem a segunda vinda de Cristo em vez de esperá-la; e temem a ressurreição dos mortos em vez de esperá-la; porque foram enganados pelo grande adversário, levando-os a uma compreensão errônea do caráter e do plano divinos, e geralmente acreditam que a segunda vinda de Cristo significa o fim da esperança, o fim do período de prova, o fim da misericórdia; em vez de compreendê-la, como as Escrituras indicam, como sendo, na verdade, o início da grande bênção para todas as famílias da Terra, que Deus prometeu há muito tempo e vem preparando há quatro mil anos.

A ressurreição, também, é vista com temor, porque ensinamentos falsos levaram à suposição de que o espírito, ou sopro de vida, possui consciência sem um corpo, e que o corpo é uma espécie de prisão da qual os espíritos ficam felizes em se libertar — um retorno ao qual seria, por natureza, um castigo. Assim, as tradições dos homens anularam a Palavra de Deus, sob a influência do grande adversário, o deus deste mundo, que agora cega tantos. Mas examinemos o testemunho bíblico sobre esse assunto e vejamos como ele aponta, de forma clara e explícita, em todos os casos, para a segunda vinda de Cristo e para a ressurreição como, em primeiro lugar, a esperança da Igreja, a nova criação, e, em segundo lugar, a esperança do mundo.

"Cingam os lombos da vossa mente, sejam sóbrios e coloquem a vossa esperança inteiramente na graça que vos será trazida na revelação de Jesus Cristo." ***1 Pedro 1:13*** — R.V.

"Nós mesmos também, que temos a primícia do espírito, até nós mesmos gememos interiormente, aguardando nossa adoção, a saber, a redenção [libertação] do nosso corpo [a Igreja, o corpo de Cristo]. Pois somos salvos pela esperança [ainda não salvos de fato, mas meramente em um sentido antecipatório]." ***Rm 8,23-24*** — R.V.

"Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, nos regenerou para uma esperança de vida pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível,

[F665]

imaculada e que não se desvanece, reservada nos céus para vocês, que, pelo poder de Deus, são guardados pela fé para a salvação que está prestes a ser revelada nos últimos tempos. Nessa esperança vocês se alegram grandemente, embora agora, por um pouco de tempo, se for necessário, tenham de passar por aflições em múltiplas provações; para que a prova da sua fé, sendo muito mais preciosa do que o ouro que perece, ainda que provado pelo fogo, resulte em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo, o Cristo." ***1 Pe. 1:3-7***

"Para mim está reservada a coroa da justiça, que o Senhor, o Juiz justo, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amam a sua vinda." ***2 Tim. 4:8***

"Não me envergonho, pois conheço aquele em quem creio e estou convencido de que ele é capaz de guardar o que lhe confiei até aquele dia." ***2 Tim. 1:12*** — R.V.

"Devemos viver com moderação, justiça e piedade neste mundo presente, aguardando a bendita esperança e a gloriosa vinda do grande Deus e nosso Salvador Jesus Cristo, que se entregou por nós." ***Tito 2:12-14***

"Isto eu [Paulo] te confesso [Félix]: que, segundo o caminho que eles chamam de heresia, assim adoro o Deus de nossos pais, crendo em todas as coisas que estão escritas na Lei e nos profetas, tendo esperança em Deus, coisas essas que também eles mesmos esperam, de que haverá a ressurreição dos mortos." ***Atos 24:14,15***

"Vocês estão mortos, e a sua vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então vocês também se manifestarão com ele em glória." ***Colossenses 3:3,4***

"É por causa da esperança da ressurreição dos mortos que hoje estou sendo interrogado." ***Atos 23:6***

"Jesus disse-lhe: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo aquele que [então] viver e crer em mim nunca morrerá." ***João 11:25,26*** — R.V.

"Chegará a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz e sairão; os que praticaram o bem, para a ressurreição da vida [a Primeira Ressurreição]; e os que praticaram o mal [cujo curso na vida presente não passará pela aprovação divina como digno da vida eterna], para a ressurreição do juízo [a ressurreição gradual sob disciplinas e recompensas durante a Era Milenar]." ****João 5:28,29*** — R.V.

"Na casa de meu Pai há muitas moradas; se assim não fosse, eu lhes teria dito; vou preparar um lugar para vocês. E, se eu for e preparar um lugar para vocês, voltarei e os receberei para mim, para que, onde eu estiver, vocês também estejam." ***João 14:2,3***

"O Filho do Homem virá na glória de seu Pai, com seus anjos; e então recompensará cada um segundo as suas obras." ***Mateus 16:27***

"Eis que venho depressa, e o meu prêmio está comigo." ***Apocalipse 22:12*** *"Eis que vem a tua salvação; eis que o seu prêmio está com ele."* ***Isaías 62:11***

---

*Veja o cap. xvii.

[F666]

"Sede, pois, pacientes, irmãos, até a vinda [parousia] do Senhor;... fortalecei os vossos corações, pois a vinda do Senhor está próxima." ***Tiago 5:7,8***

"Diga aos que têm o coração temeroso: 'Sede fortes, não temais; eis que o vosso Deus virá com vingança, com a recompensa de Deus; ele virá e vos salvará. Então os olhos dos cegos serão abertos e os ouvidos dos surdos serão destapados,... pois no deserto jorrarão águas e riachos no deserto'." ***Isaías 35:4-6***

"Naquele tempo, o teu povo será libertado, todos os que forem encontrados inscritos no livro [da vida], e muitos dos que dormem no pó da terra despertarão, uns para a vida eterna [a Primeira Ressurreição] e outros para a vergonha e o desprezo eterno [desonra — da qual, no entanto, poderão ser recuperados pelos processos de restauração então postos em operação]; e os sábios [o pequeno rebanho, as virgens sábias] brilharão como o esplendor do firmamento [como o sol — ***Mt 13:43****], e aqueles que conduzirem muitos à justiça, como as estrelas [luminares] para todo o sempre. Mas segue o teu caminho até que chegue o fim [até que a "colheita" ou o fim da era chegue]: pois tu descansarás e ocuparás a tua parte no fim dos dias."* ***Dan. 12:1-3,13***. Vol. III, p. 83

"Um livro de memória foi escrito diante dele [Jeová] para aqueles que temiam ao Senhor; e que pensavam em seu nome; e eles serão meus, diz o Senhor dos Exércitos, naquele dia em que eu reunir minhas joias." ***Ml 3:16,17***

Teorias distorcidas e imaginações fantasiosas provêm principalmente de filósofos humanos, que não tiveram a orientação da luz da Palavra divina, e que perverteram de tal forma os julgamentos de muitos dos queridos santos do Senhor, a ponto de as declarações acima mencionadas e muitas outras declarações explícitas relativas às verdadeiras esperanças do povo do Senhor serem negadas e privadas de sua força, beleza e poder por outras escrituras mais ou menos figurativas, que são tão distorcidas de sua verdadeira posição e significado a ponto de torná-las antagônicas a essas afirmações claras. Devemos examiná-las a fim de que o caminho da fé, da esperança e da obediência se torne claro e evidente aos olhos do nosso entendimento. Passaremos então a observar várias outras bênçãos, além de nossas esperanças, que nos pertencem na vida presente, como parte da primícia de nossa herança.

O Ladrão no Paraíso

"Ele disse a Jesus: 'Lembra-te de mim quando entrares no teu Reino'. E ele [Jesus] disse-lhe [ao ladrão arrependido]: 'Em verdade te digo hoje: estarás comigo no Paraíso'." ***Lucas 23:42,43***

[F667]

Aqueles que consideram a salvação como uma fuga da tortura eterna para um paraíso de prazer, e dependente apenas de circunstâncias acidentais de favor, pensam ver exemplificada nesta narrativa a doutrina da *eleição* — de que nosso Senhor Jesus, satisfeito com as palavras consoladoras de um dos ladrões, o escolheu para o céu e, da mesma forma, determinou que o outro sofresse por toda a eternidade, sem piedade e sem alívio. Na verdade, se Deus tivesse feito da salvação uma loteria, algo tão aleatório, aqueles que acreditam nisso teriam pouco a dizer contra as loterias da Igreja e menos ainda contra as mundanas.

Mas não é esse o caso. Essa passagem bíblica tem sido muito mal interpretada. Para compreender seu verdadeiro significado, consideremos o contexto e as conexões.

O Senhor acabara de ser condenado e agora estava sendo executado sob a acusação de traição contra o governo de César, por ter afirmado que era rei; embora tivesse dito a eles que seu Reino "não era deste mundo". Ali, na cruz acima de sua cabeça, escrito em três idiomas, estava o crime de que era acusado: "ESTE É O REI DOS JUDEUS". Os que estavam por perto sabiam de suas afirmações e zombavam dele, exceto um dos ladrões crucificados ao seu lado. Sem dúvida, ele havia ouvido falar de Jesus e de seu caráter e obras maravilhosas, e disse em seu coração: Este é realmente um homem estranho e maravilhoso. Quem pode saber se não há fundamento para suas afirmações? Ele certamente vive próximo a Deus. Vou falar com ele com simpatia: isso não fará mal algum. Então, ele repreendeu seu companheiro, mencionando a inocência do Senhor; e então ocorreu a conversa acima mencionada.

Não podemos supor que esse ladrão tivesse ideias corretas ou definidas sobre Jesus — nada mais do que um mero sentimento de que, ao estar prestes a morrer, qualquer fio de esperança era melhor do que nada. Atribuir-lhe mais do que isso seria colocá-lo, *em termos de fé*, à frente de todos os apóstolos e seguidores do Senhor, que naquele momento haviam fugido consternados e que, três dias depois, disseram: "Nós [*havia*] confiado que seria ele quem redimiria Israel." ***Lucas 24:2***

[F668]

Não podemos ter dúvidas quanto ao significado de seu pedido. Ele queria dizer que, sempre que Jesus alcançasse o poder de Seu Reino, desejava ser favorecido e cuidado. Agora, observe a resposta de nosso Senhor. Ele não diz que não tem reino; pelo contrário, indica, por meio de sua resposta, que o pedido do ladrão era legítimo. A palavra traduzida como "em verdade" ou "de fato" é a palavra grega "*amen*" e significa *"Assim seja*" ou "Seu pedido está concedido". "Eu te digo hoje [neste dia sombrio, em que *parece* que sou um impostor e estou morrendo como um criminoso], tu estarás comigo no Paraíso." A essência dessa promessa é que, quando o Senhor tiver estabelecido seu Reino, ele será um Paraíso, e o ladrão será lembrado e estará nele. Observe que mudamos a vírgula de antes para depois da palavra "hoje".

Isso torna as palavras de nosso Senhor perfeitamente claras e razoáveis. Ele poderia ter dito mais ao ladrão, se assim o tivesse escolhido. Poderia ter-lhe dito que a razão pela qual ele teria o privilégio de estar no Paraíso era porque seu *resgate* estava sendo pago naquele exato momento. Poderia ter-lhe dito ainda que estava morrendo e resgatando também o *outro* ladrão, bem como toda a multidão boquiaberta e zombeteira diante dele, os milhões então enterrados e os milhões ainda por nascer. Sabemos disso porque sabemos que "Jesus Cristo, pela graça de Deus, provou a morte por todos os homens", "entregou-se a si mesmo como o resgate por todos", para que, no tempo devido, todos tivessem a oportunidade de retornar à condição edênica, perdida pelo pecado do primeiro homem e redimida para os homens pelo sacrifício justo de Cristo. ***Hb 2:9***; ***1 Tm 2:5,6***; ***Atos 3:19***

Como já foi mostrado, o jardim do Éden não passava de uma ilustração do que a Terra será quando estiver totalmente livre da maldição — aperfeiçoada e embelezada. A palavra "paraíso" é de origem árabe e significa *jardim*. A Septuaginta traduz ***Gênesis 2:8*** da seguinte forma: "Deus plantou um *paraíso* no Éden". Quando Cristo tiver estabelecido seu Reino e subjugado o mal, etc., esta Terra se tornará gradualmente um paraíso, e os dois ladrões e todos os outros que estiverem em seus túmulos entrarão nele; e então, ao se tornarem obedientes às suas leis, poderão

[F669]
viver nele e desfrutá-lo para sempre. Não duvidamos, porém, de que as palavras gentis proferidas naquela hora sombria ao Salvador sofredor não deixarão de receber uma recompensa especial e adequada, assim como o presente de um copo de água ou outras pequenas gentilezas concedidas àqueles a quem este Rei "não se envergonha de chamar de *irmãos*". ***Mateus 10:42***

Nas Escrituras, o termo "Paraíso" é usado para descrever o estado primitivo de bem-aventurança do homem, em harmonia com seu Criador, antes que a maldição e a desgraça do pecado entrassem no mundo. Esse Paraíso perdido pela humanidade tem a promessa de ser restaurado; e, de maneira mais ou menos vaga, toda a criação tem esperado e espera pela Idade de Ouro que assim será inaugurada. As Escrituras nos apresentam a ideia de que o estado do Paraíso foi redimido para o homem pela morte de nosso Senhor Jesus e que, como consequência, parte de sua gloriosa obra de restauração consistirá em restaurar o Paraíso — "aquilo que se perdeu" — a posse adquirida. ***Mateus 18:11***; ***Efésios 1:14***; ***Apocalipse 2:7***

Mas temos o direito de alterar a posição da vírgula? Certamente: a pontuação da Bíblia não é inspirada. Os escritores da Bíblia *não* usavam *pontuação*. Ela foi inventada há cerca de quatrocentos anos. É meramente uma conveniência moderna e deve ser usada de modo a realçar o sentido, em harmonia com todas as outras escrituras.

Exemplos de um uso semelhante da palavra "hoje" na literatura moderna são bastante frequentes; e nas Escrituras chamamos a atenção para o seguinte:

"Por isso te ordeno hoje esta coisa." ***Dt 15,15***
"Hoje coloquei diante de ti a vida e o bem, a morte e o mal." ***Deuteronômio 30:15***
"Eu te ordeno hoje que ames o Senhor, teu Deus." ***Deuteronômio 30:16*** *"Quem dera que não apenas tu, mas também todos os que me ouvem hoje*
fossem quase e totalmente como eu sou, exceto por estas correntes." ***Atos 26:29***

Não só o sentido desta passagem exige a pontuação sugerida, mas sua harmonia com todas as demais escrituras também o exige, e não há como apresentar nenhuma objeção razoável ou válida a isso. Supor que nosso Senhor tenha ido para o Paraíso imediatamente seria supor

[F670]
uma impossibilidade, pois o Paraíso ainda não foi restabelecido. Além disso, afirma-se claramente que o corpo de nosso Senhor foi sepultado no túmulo de José, e que sua alma, ou ser, foi para o Sheol, o Hades, o esquecimento, e que ele estava *morto*, e não vivo no Paraíso ou em qualquer outro lugar, nesse intervalo. As Escrituras nos asseguram claramente, não que nosso Senhor tenha descido do céu, ou do Paraíso, na sua ressurreição; mas que ele "ressuscitou dentre os mortos, no terceiro dia, conforme as Escrituras" (***1 Cor. 15:4***). As próprias palavras de nosso Senhor, após sua ressurreição, foram: "Assim está escrito, e assim convinha que Cristo sofresse e ressuscitasse dentre os mortos no terceiro dia." (***Lucas 24,46***) Mais uma vez, ele disse a Maria: "Ainda não subi ao meu Pai; mas vai aos meus irmãos e diz-lhes: Subo ao meu Pai e ao vosso Pai; ao meu Deus e ao vosso Deus." ***João 20,17***

O desejo ardente de São Paulo

"Para mim, viver é [viver] para Cristo, e morrer, ganho. Mas, se viver na carne, isso é para mim fruto do trabalho; e o que devo escolher, não sei exatamente. Na verdade, estou em dilema entre as duas coisas [tenho um desejo ardente de partir e estar com Cristo, pois isso é de longe o mais preferível]; mas permanecer na carne é mais necessário por causa de vocês." ***Filipenses 1:21-24***, tradução Diaglott

Observe-se que a principal diferença entre o texto acima e a versão comum em inglês dessa passagem é a substituição da palavra "partir" pela palavra "retornar". Para a justificação do uso da palavra "retornar", o tradutor afirma em uma nota de rodapé:

"Analusai, o *desligar-se novamente* ou o *retorno*, sendo o que Paulo ardentemente desejava, não poderia ser *a morte* ou *a dissolução*, como sugere a palavra *'partir'* na versão comum; pois parecia-lhe indiferente qual das duas — *vida* ou *morte* — ele deveria escolher; mas ele ansiava pelo *analusai*, que era uma *terceira* coisa, e muito mais preferível a qualquer uma das outras *duas* coisas mencionadas. A palavra *analusai* ocorre em ***Lucas 12:36***, e ali é traduzida *como 'retornar'* — 'Sede como homens que esperam pelo seu mestre, quando ele *voltar*,'

[F671]
etc. Jesus havia ensinado aos seus discípulos que voltaria, ou *retornaria* (***João 14:3, 18***); assim também lhes disseram os anjos na sua ascensão. (***Atos 1:11***) Paulo acreditava nessa doutrina e a ensinava aos outros, e estava esperando e aguardando o retorno (*analusai*) do Salvador do céu (***Filipenses 3:20***; ***1 Tessalonicenses 1:10; 4:16,17***), quando ele "estaria para sempre *com o Senhor*".

Uma análise da palavra grega *analusai* mostra que ela é usada na literatura grega por Platão de ambas as maneiras — significando, às vezes, *"partir*" e, às vezes, *"retornar*"; mas a palavra ocorre apenas duas vezes no Novo Testamento, aqui e em ***Lucas 12:36***. No último caso, conforme mencionado acima, ela é traduzida como "retornar" e, manifestamente, não poderia ser traduzida de outra forma sem perder o sentido. No caso que estamos discutindo (***Fil. 1,23***), sustentamos que ela deve ser traduzida *como "retornar*", pela razão muito simples de que, mesmo quando usada para significar *"partir*", ela deve conter a ideia de partir *novamente* — partir para um lugar onde já se esteve anteriormente. O prefixo grego *ana* em *analusai* significa *"novamente"*, assim como nosso prefixo *re* em *re*
-turn significa *"novamente*". Portanto, se traduzido *como "partir*", seríamos obrigados a acrescentar a ideia *de* "re-partir" ou "partir *novamente*". E isso prejudicaria o contexto no que se refere a São Paulo; pois ele nunca estivera com Cristo na glória e, portanto, não poderia "partir *novamente*" para estar ali com Cristo. Mas quando traduzimos *analusai* como "retornar" e o aplicamos a nosso Senhor, todas as dificuldades parecem ser removidas.

Observemos as circunstâncias que deram origem à expressão. O apóstolo estava há algum tempo preso em Roma e, embora às vezes fosse bem tratado por alguns dos imperadores, corria constantemente o risco de ser condenado à morte por algum capricho. Ele escreveu esta epístola em agradecimento por uma doação substancial da Igreja de Filipos e aproveitou a oportunidade para lhes relatar detalhadamente sua própria situação, o andamento da obra do Senhor etc., e para encorajá-los a permanecerem firmes até o fim.

Como eles gostariam de saber suas perspectivas de libertação, ele lhes diz que os inimigos (vendo que ele estava em liberdade há dois anos —

[F672]
Atos 28:30) estavam divulgando o cristianismo, na esperança de, com isso, acrescentar aflição e talvez a morte às suas prisões. (***Fil. 1:16-19***) Mas ele percebia as orações da Igreja em seu favor e esperava que seu julgamento perante Nero resultasse em sua *libertação* — seja por absolvição, seja pela morte. Em seguida, ele lhes diz que, quanto às suas *próprias* preferências, seria difícil para ele escolher entre a vida (com seus sofrimentos) e a morte (com seu descanso do trabalho árduo); mas, embora não tivesse escolha entre essas duas possibilidades, ele nutria um anseio, um desejo intenso, por algo que bem sabia ser impossível, algo que ele conhecia — e havia ensinado à Igreja — estar muito distante (***2 Tess. 2:1-8***): o *retorno* de Cristo e estar com ele. Então, deixando de lado o impossível e voltando às possibilidades, ele lhes assegura que tem a convicção de que Deus ainda tem uma obra para ele realizar pela Igreja, e que ele seria libertado. E embora as Escrituras não façam menção a isso, a tradição afirma que ele foi absolvido por Nero e teve cerca de cinco anos de liberdade e serviço antes de ser preso novamente e executado.

Vale a pena notar aqui que outras palavras são repetidamente usadas nos escritos tanto de Paulo quanto de Lucas quando se refere manifestamente a *"partir*". E deve-se lembrar que Lucas era o amanuense do apóstolo, que viajava muito com ele e estava acostumado a usar palavras no mesmo sentido.

Mas se alguém ainda defender a palavra "partir", em vez de "retornar", apresentamos o seguinte:

Sem dúvida, Paulo teria desejado, especialmente sabendo que a segunda vinda do Senhor não ocorreria em breve, que pudesse partir para o céu ou para qualquer outro lugar a fim de estar com o Senhor imediatamente. Mas ele sabia que tal desejo não poderia ser atendido em harmonia com o plano divino; e, portanto, embora fosse seu desejo sincero, isso não foi considerado como uma das possibilidades. Ele ainda se encontrava em um dilema de indecisão quanto à sua própria preferência entre as duas possibilidades — viver e servir à Igreja no sofrimento, ou morrer e descansar de seus trabalhos —, aguardando "aquela bendita esperança e a gloriosa aparição

[F673]
do grande Deus [nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo]", "que transformará o nosso corpo vil para que se torne semelhante ao seu corpo glorioso". ***Tito 2:13***; ***Fil. 3:21***

"Nossa morada terrena" e "nossa morada celestial"
—2 Coríntios 5:1-10—

O apóstolo escreve à nova criação a respeito de sua condição — sem incluir o homem natural. Ele reconhece a nova vontade como a nova criatura e o corpo antigo como seu "tabernáculo", ou tenda, que é muito melhor do que nada, embora bastante insatisfatória. A nova criatura não consegue se sentir perfeitamente em casa nela, mas anseia ardentemente pelo corpo perfeito, que será seu na ressurreição — seu lar permanente, ou sua parte na "mansão" que nosso Senhor prometeu preparar para a nova criação. (***João 14:2***) "Sabemos que, se a nossa casa terrena, esta morada temporária, for desfeita, temos uma estrutura permanente de Deus, uma casa não feita por mãos [não produzida por poderes humanos], eterna, celestial."

É verdade que, neste corpo atual, ou morada temporária de peregrinação, gememos — oprimidos não apenas pela influência maligna do mundo e do diabo por todos os lados, mas também e especialmente pelas fraquezas de nossa própria carne. Pois, quando queremos fazer o bem, o mal está presente entre nós, de modo que muitas vezes somos impedidos de praticar o bem que desejamos, enquanto o mal que não aprovamos frequentemente se impõe a nós e exige que seja continuamente resistido e vencido. Como o Apóstolo declara em outro trecho, nós, "que temos a primícia do espírito, até nós mesmos gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção, a saber, a libertação do nosso corpo" — a Igreja — à gloriosa semelhança de nosso Senhor.

Mas nosso gemido não é motivado pelo desejo de ficar sem corpo. Não desejamos ficar sem corpo, pois isso, na melhor das hipóteses, ao longo da era evangélica, significaria estar "adormecidos", aguardando a manhã da ressurreição para sermos "revestidos

[F674]
com nossa morada no céu", nosso corpo novo, perfeito e permanente, nosso "lar". O que preferimos é que a pequena centelha da vida presente não se extinga, mas que seja absorvida pelas condições perfeitas da vida perfeita para a qual fomos gerados. Ansiamos pelo nascimento da ressurreição, com seu corpo perfeito.

"Ora, aquele que nos preparou para isso mesmo é Deus, que também nos deu as garantias do espírito." Essa condição perfeita, que devemos alcançar na ressurreição, será a grande consumação de nossa salvação, que Deus prometeu; e a nova mente, a nova vontade gerada pela Palavra da verdade, é considerada o início daquela nova criatura, que será aperfeiçoada na natureza divina quando a primeira ressurreição a tiver completado. O espírito santo que nos foi concedido no tempo presente é um adiantamento, por assim dizer — uma "garantia" ou certeza dos grandiosos e graciosos resultados pelos quais esperamos e nos esforçamos, gemendo e orando.

"Por isso, estamos sempre confiantes, sabendo que, enquanto estivermos em casa no corpo [enquanto nos sentirmos inteiramente satisfeitos com as condições atuais — a nós mesmos e ao nosso entorno], estamos ausentes do Senhor." Se estivéssemos vivendo perto dele, "caminhando com Deus", não nos sentiríamos perfeitamente satisfeitos com as conquistas, condições atuais etc.; mas nos sentiríamos como peregrinos e estrangeiros, buscando um descanso melhor, um lar melhor, "que Deus tem reservado para aqueles que o amam". Mas isso, como explica o Apóstolo, é verdade apenas para aqueles que caminham pela fé e não pela visão.

Mas estamos confiantes [cheios de fé em Deus, nos alegramos em andar pela fé] e nos agradamos mais em estar longe de casa [sem lar, peregrinos e estrangeiros na terra] e em estar em casa com o Senhor", no espírito de nossa comunhão.

Por essa razão, nos esforçamos para que, seja no futuro, quando chegarmos ao nosso lar, seja no presente, quando estamos de fato longe de casa, como peregrinos e estrangeiros, possamos ser aceitos pelo Senhor; para que tenhamos seu favor e sua bênção e experimentemos

sua comunhão e presença e saibamos que, no fim das contas, seremos aceitos por ele.

"Pois todos devemos comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba o que fez enquanto estava no corpo, conforme tenha feito, seja para o bem, seja para o mal." Ao longo de toda essa peregrinação, estamos diante do tribunal do julgamento de nosso Senhor: ele está nos testando, nos provando, para ver se o amamos ou não e se amamos as coisas que conduzem à justiça e à paz; e, se sim, o quanto estamos dispostos a sacrificar em nome da justiça. Ele avalia o grau do nosso amor pela medida de nossas renúncias e sacrifícios por causa dele, por causa da Verdade.

Mas falar assim de nossos corpos como casas só pode ser verdadeiro para os "santos", as "novas criaturas" em Cristo. Os demais seres humanos não possuem dualidade de natureza e não poderiam aplicar a si mesmos, de maneira adequada, expressões como a de ***Romanos 8:10, 11***: "Se Cristo está em vós, o *corpo* está [considerado] *morto* por causa do pecado; mas o espírito está vivo por causa da [imputada] justiça" de Cristo. A nova natureza dos santos, gerada pela Palavra da verdade, é, na verdade, apenas a nova *vontade*, que, no entanto, passa a ser tratada como a pessoa real, e somente ela é reconhecida por Deus, que nos conhece não segundo a carne, mas segundo o espírito de nossas novas mentes — mentes de Cristo. Observe também ***Romanos 6:3,4***. Essas "novas criaturas" têm um homem velho, ou homem exterior, que está perecendo, e um homem novo, homem interior, ou homem oculto do coração, que está sendo renovado dia após dia. ***2 Coríntios 4:16***; ***Colossenses 3:9,10***; ***Efésios 4:23,24***; ***1 Pedro 3:4***

A cena da Transfiguração

Os discípulos mal imaginavam que a declaração de nosso Senhor de que alguns deles não provariam a morte até que tivessem visto o Filho do Homem vindo em seu Reino se cumpriria em seis dias para Pedro, Tiago e João no Monte da Transfiguração. No entanto, assim foi; e, evidentemente, isso produziu um efeito grandioso e intencional sobre as testemunhas, uma das quais, ao escrever a respeito disso, diz (***2º Pedro 1:16-18***):

[F676]
"Não seguimos fábulas engenhosamente inventadas quando vos anunciamos o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, mas fomos testemunhas oculares de sua majestade. Pois ele recebeu de Deus Pai honra e glória, quando lhe chegou esta voz da glória sublime: 'Este é o meu Filho amado, em quem me agrada'. E ouvimos essa voz que veio do céu, quando estávamos com ele no monte sagrado."

A cena da transfiguração não era exatamente o que parecia. Era uma "visão", como nosso Senhor explicou aos discípulos quando desciam do monte. Nessa visão, como em todas as visões, o irreal parece real. Assim também foi na visão de João, na ilha de Patmos, descrita no livro dos Apocalipses. Ele viu, ouviu, conversou; no entanto, as coisas que lhe foram mostradas na visão não eram realidades — não eram bestas com muitas cabeças e muitos chifres, nem anjos, nem taças, nem tronos, nem dragões reais, etc., mas apenas uma *visão*. E uma visão era, em todos os sentidos da palavra, tão boa quanto — e, na verdade, mais adequada ao propósito — do que as realidades teriam sido.

"O Primeiro a Ressuscitar dentre os Mortos"

Moisés e Elias não estavam presentes na montanha, pessoalmente, mas foram meramente representados aos discípulos na visão. Sabemos disso não apenas pela afirmação de nosso Senhor de que se tratava de uma "visão", mas também por sua afirmação de que nenhum homem havia subido ao céu. (***João 3:13***; ***Atos 2:34***) Sabemos também que Moisés e Elias não poderiam estar ali, uma vez que não haviam experimentado a ressurreição dentre os mortos; pois o próprio Jesus era a "primícia dos que dormem" — "o primogênito dentre os mortos, para que em todas as coisas tenha a preeminência". ***1 Coríntios 15:20***; ***Colossenses 1:18***

Além disso, o Apóstolo aos Hebreus menciona claramente Moisés e os profetas (o que incluiria Elias) e sua fidelidade no passado e sua aceitação diante de Deus; mas ele ressalta que eles ainda não haviam recebido sua recompensa, e que não a receberiam até que nós (a Igreja do Evangelho) tenhamos recebido nossa recompensa como

[F677]
co-herdeiros com Cristo em seu Reino. "Todos esses, tendo obtido bom testemunho pela fé, não receberam as [bênçãos da] promessa; pois Deus providenciou algo melhor para nós, a fim de que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados." ***Hb 11:39,40***

Visto que, portanto, o aparecimento de Moisés e Elias com nosso Senhor foi meramente uma aparição, perguntamos com razão: Qual foi o significado ou o sentido dessa visão? Respondemos: Foi um quadro ilustrativo do glorioso Reino de Cristo, conforme nosso Senhor havia predito e conforme Pedro o compreendeu e expressou. Nesse quadro, os três discípulos não faziam parte. Eles eram meramente testemunhas. Cristo era a figura central; suas feições e vestes, resplandecentes com brilho milagroso, representavam simbolicamente as glórias próprias da natureza do espírito, que nosso Senhor recebeu em sua ressurreição, "a imagem expressa da pessoa do Pai". É essa mesma glória do espírito que é representada nas visões do Apocalipses, onde nosso Senhor é descrito com olhos como chamas de fogo e pés brilhantes como bronze incandescente, etc. (***Ap. 1:14,15; 2:18***) Em sua segunda vinda, nosso Senhor não será mais carne, pois, como ele testificou: "A carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus". Ele é agora, e sempre será, um glorioso ser do espírito da mais alta ordem — a natureza divina; e a transfiguração teve o objetivo de transmitir às mentes de seus discípulos uma vaga concepção da glória que supera todas as outras.

Moisés representava os vencedores fiéis que precederam nosso Senhor, descritos pelo Apóstolo (***Hb 11:39,40***), que não *podem ser aperfeiçoados* até que o Reino tenha sido estabelecido. Elias representava os vencedores da era evangélica. Veja o Vol. II, Cap. VIII.

Alegrias Presentes da Nova Criação

"Estas coisas vos tenho dito, para que a minha alegria permaneça em vós e a vossa alegria seja completa." ***João 15:11*** Todos aqueles que, de um ponto de vista fora da "casa dos filhos" — aqueles que não se consagraram e não

[F678]
portanto, tornam-se membros da nova criação, do Sacerdócio Real — visto que os membros do corpo de Cristo, assim como seu Senhor, fizeram uma consagração total de si mesmos e de todos os interesses terrenos ao Senhor e à sua causa, tendem a considerar que, nesse sacrifício, toda alegria se perde. Mas todo membro da nova criação sabe que o contrário é verdade, e pode testemunhar que isso é um grande equívoco — que, embora algumas alegrias terrenas, outrora muito queridas, sejam sacrificadas uma a uma, em seu lugar surgem alegrias celestiais que mais do que compensam a perda. Como nosso Senhor disse novamente: "Vós estareis tristes, mas a vossa tristeza se transformará em alegria." (***João 16:20***) Todos os da nova criação devem provar o cálice amargo que o Senhor esvaziou até as heuras; todos devem ser tocados pela compaixão pelas fraquezas da carne; todos devem perceber claramente a extrema pecaminosidade e amargura do pecado; todos devem ser provados quanto à sua lealdade ao Pai celestial e à sua disposição de sacrificar todas as coisas terrenas, conforme o interesse de Sua causa e a fidelidade ao que é certo possam exigir. Mas bênçãos vêm por meio de todas essas lágrimas, tristezas e decepções — a bênção de perceber a aprovação divina, uma alegria superior à do homem natural, as alegrias do Senhor, a comunhão com o Pai.

Não haveria tais alegrias se não fossem nossas benditas esperanças. Se nossas alegrias dependessem meramente das circunstâncias desta vida, estaríamos sem alegria; e, como declarou o Apóstolo, seríamos "os mais miseráveis de todos os homens". (***1 Cor. 15:19***) É quando a esperança se apega firmemente às promessas extremamente grandes e preciosas da Palavra de Deus que as alegrias brotam como flores no deserto, vivificadas por nossas lágrimas — flores de alegria e bênção que o pobre mundo, em sua condição de deserto, não poderia produzir nem imaginar. E, assim como nossas alegrias dependem de nossas esperanças, elas também dependem de nossas atividades. Não basta que uma promessa nos tenha sido deixada e que nossa esperança tenha se agarrado a ela. Por disposição divina, a alegria que brota por meio das esperanças e perspectivas implantadas deve ser alimentada pela oração,

[F679]
e pela atividade a serviço do Senhor. Nosso Senhor indica a estreita relação entre a oração e a perpetuação de nossas alegrias, dizendo:

"Pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja completa"
—João 16:24—

"Na tua presença há plenitude de alegria; à tua direita há prazeres para sempre", declara o profeta. (***Salmo 16:11***) É porque a oração leva a alma à presença do Senhor que ela prepara o caminho para a bênção divina e para alegrias supremas. Evidentemente, a abertura do caminho para que o povo do Senhor se aproxime do trono da graça não tem como objetivo que eles alterem a vontade ou os planos divinos. Tal pensamento é incompatível com qualquer consideração razoável sobre o assunto; por isso, o Senhor nos ensina que a oração correta não consiste em fazer pedidos para que nossa vontade seja feita, em oposição à vontade divina, mas sim na submissão total a esta última. O apóstolo declara a respeito de alguns: "Pedeis e não recebestes, porque pedis mal" — em harmonia com vossos próprios desejos, e não em harmonia com o arranjo e o plano divinos. ***Tiago 4:3***

Na mesma linha, nosso Senhor advertiu: "Não useis de vãs repetições, como fazem os gentios, pois pensam que serão ouvidos por falarem muito; mas vosso Pai celestial *sabe do que tendes necessidade antes de lho pedirdes*. Não vos preocupeis, portanto, com o que haveis de comer ou beber, nem com o que haveis de vestir, pois é dessas coisas que os gentios buscam; mas buscai, antes de tudo, o Reino de Deus e a justiça que está em harmonia com ele, e todas essas coisas terrenas necessárias vos serão acrescentadas — por vosso Pai que está nos céus, de acordo com a sua sabedoria." (***Mt 6,25-34***) Mais uma vez, nosso Senhor diz: "Se permanecerdes em mim e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes e vos será concedido." (***João 15,7***) As seguintes condições são de suma importância:

(1) Aquele que faz a oração deve estar em Cristo — deve

[F680]
ter estabelecido um relacionamento vital com Ele mediante a aceitação do mérito da sua expiação e por meio de uma consagração à Sua vontade e ao Seu serviço; e, mais do que isso, deve continuar a permanecer assim em Cristo como membro de Seu corpo, como membro da nova criação, a fim de desfrutar dos privilégios da oração aqui mencionados.

(2) Ele também deve permitir que a Palavra do Senhor permaneça nele; deve se alimentar da Palavra da verdade e da graça se quiser ter a sabedoria necessária para pedir, em harmonia com a vontade do Senhor, coisas que Ele se agrade em conceder — caso contrário, mesmo sendo, em Cristo, uma nova criatura, suas orações podem frequentemente ficar sem resposta, por serem "incorretas". Somente aqueles que professam ambas essas qualificações podem esperar aproximar-se do trono da graça celestial com plena confiança, com plena certeza de fé de que seus pedidos serão atendidos — no tempo devido de Deus. Somente esses podem alcançar a plenitude da alegria.

Conforme explicam as Escrituras, a oração é a tentativa de obter acesso à presença de Deus e de manter comunhão com ele. Quem, então, pode aproximar-se do trono da graça celestial para "obter misericórdia e achar graça para socorro em todo momento de necessidade?" (***Hb 4:16***) Respondemos, com o Apóstolo, que o mundo em geral não tem esse acesso, não tem esse privilégio da oração. É verdade, de fato, que milhões de pagãos estão oferecendo orações à Divindade com concepções variadas sobre quem e o que ela é; mas suas orações não são aceitáveis a Deus. "Quem se aproxima de Deus deve crer que ele existe [deve reconhecê-lo como o Ser que existe por si mesmo] e que ele é o recompensador daqueles que o buscam diligentemente [buscam conhecê-lo, obedecê-lo, servi-lo]." (***Hb 11:6***) Cornélio era um desses últimos, que reconhecia o Deus verdadeiro e o reverenciava, e buscava conhecer e fazer a sua vontade; e, assim que o plano divino atingiu o estágio necessário de desenvolvimento para permitir que a graça de Deus fosse estendida aos gentios, suas orações e suas esmolas receberam resposta. No entanto, não lhe foi permitido ter comunhão com Deus no sentido pleno e próprio; mas foi instruído a

[F681]
mandar buscar Pedro, que lhe diria "*pal*avras" pelas quais ele pudesse ser conduzido de sua condição de alienação e separação para uma condição de harmonia e filiação, na qual teria o privilégio de um filho — o privilégio de acesso ao Pai no trono da graça celestial.

As ideias geralmente vagas que prevalecem a respeito desse assunto — segundo as quais se supõe que qualquer pessoa, em qualquer lugar, a qualquer momento e sob quaisquer condições, possa aproximar-se do trono da graça e ser aceita — são errôneas. Assim como foi necessário, antes que Cornélio pudesse fazer uso desse privilégio de comunhão em oração, que ele ouvisse, acreditasse e aceitasse as *palavras* de Pedro — explicando-lhe a redenção pelo sangue de Cristo, a reconciliação assim efetuada e o privilégio assim concedido de ser trazido para a família de Deus —, assim também um conhecimento semelhante é igualmente necessário para toda pessoa.

O apóstolo Paulo expressa o mesmo pensamento, declarando que Cristo abriu para *nós* "um caminho novo e vivo", ou "um novo modo de vida", através do véu — isto é, sua carne; e que possamos ter ousadia, como *irmãos,* para entrar no Santo dos Santos pelo sangue de Jesus. Tais "irmãos", ligados ao grande Sumo Sacerdote da casa de Deus, são exortados a "aproximar-se com coração sincero, em plena certeza de fé", reconhecendo que seus pecados e iniquidades foram totalmente cobertos e que eles próprios foram plenamente aceitos pelo Pai. (***Hb 10:17-22***) Mais uma vez, o mesmo apóstolo declara que somos *nós* que temos um Sumo Sacerdote capaz de compadecer-se de nossas fraquezas, a quem podemos "portanto, aproximar-nos com ousadia do trono da graça, para que recebamos misericórdia e encontremos graça para socorro em tempo oportuno". ***Hb 4:15,16***

Mas, embora apenas a classe consagrada, o sub-sacerdócio, a nova criação, seja assim encorajada a aproximar-se do trono com coragem e confiança, é muito evidente que todos aqueles que, mesmo que apenas provisoriamente, pertençam à "família da fé" podem, em certa medida, desfrutar dos privilégios de ação de graças e louvor, e podem regozijar-se em Deus, na compreensão da

[F682]
provisão que Ele fez para o perdão completo dos pecados por meio do mérito da expiação. No entanto, não lhes cabe o privilégio de entrar com ousadia, ou de qualquer outra forma, no Santo dos Santos. Somente os consagrados, a nova criação, os membros do corpo do Sacerdote, têm o privilégio de entrar na presença de Deus em oração nesse sentido especial; e somente eles, portanto, podem ter a plenitude da alegria que o mestre prometeu. Portanto, embora não devamos sequer sugerir aos incrédulos a adequação da oração, mas devamos primeiro instruí-los com as "palavras", como Pedro instruiu Cornélio, para que conheçam aquele em quem devem crer antes de poderem ter qualquer posição diante de Deus, podemos, no entanto, encorajar todos os que creram no Senhor Jesus a dar graças e a oferecer louvor ao Pai por meio de Jesus Cristo. No entanto, deve-se deixar claro a esses que sua justificação provisória pela fé não é a realização da vontade divina neles, mas meramente o início do caminho correto de aproximação a Deus — o primeiro passo nessa aproximação — e que o segundo passo, de consagração plena à vontade divina, deve ser dado por aqueles que desejam desfrutar dos privilégios próprios da oração, da comunhão com Deus e da plenitude de alegria a ela associada.

Deve-se salientar a eles que a omissão de dar o segundo passo implicaria uma disposição de receber a graça de Deus [a justificação] em vão. (***2 Cor. 6:1***) Depois de desfrutarem por algum tempo desses privilégios de oração e se recusarem a prosseguir para uma consagração plena de si mesmos ao Senhor, essas pessoas deveriam, com toda a razão, sentir uma certa timidez em relação à oração — deveriam considerar impróprio receber continuamente favores divinos e pedir mais, enquanto negam ao Senhor a consagração de seus corações — seu serviço razoável. Assim como a classe consagrada é designada nas Escrituras como a noiva de Cristo, da mesma forma a família geral da fé representaria adequadamente aqueles a quem os privilégios do noivado estão abertos. A nova criação, como a Noiva de Cristo, tendo entregado o coração

[F683]
, a língua e todo poder e energia ao seu Senhor e ao seu serviço, pode, de forma razoável e com gratidão, aceitar dele as bênçãos, privilégios, proteção, supervisão e dons que Ele se agradou em prometer a ela como sua Noiva desposada.

Assim como uma mulher que rejeitou um pretendente e se recusou a lhe dar sua mão e seu coração não poderia, razoavelmente, esperar dele, posteriormente, o cuidado, a proteção, as bênçãos, os privilégios e as alegrias que ele já lhe havia oferecido de graça, assim também aqueles que rejeitam continuamente o favor divino, a ponto de se recusarem a realizar a consagração do pouco que têm ao Senhor, não poderiam, com qualquer propriedade, esperar dele ou pedir-lhe as bênçãos que Ele prometeu àqueles que O amam e que manifestam seu amor por meio de sua devoção e consagração. Deve-se reconhecer adequadamente essa distinção entre aqueles que meramente acreditam no perdão dos pecados pelas mãos do Senhor e aqueles que valorizaram essa graça e avançaram para a consagração e um relacionamento pleno com o Senhor. O fato de essas linhas divinamente traçadas entre as diferentes classes de crentes não serem reconhecidas com mais clareza é uma desvantagem para ambas. A distinção entre os crentes e os incrédulos deve ser nitidamente definida. Todos os primeiros devem ser reconhecidos como irmãos, "da família da fé", mas não os segundos. Da mesma forma, a distinção entre os crentes que se consagraram e aqueles que não o fizeram deve ser claramente traçada, e os primeiros devem ser reconhecidos como a Igreja, a nova criação, o Sacerdócio Real, a quem pertencem todas as promessas grandiosas e preciosas.

Se essas distinções fossem claramente reconhecidas, isso seria vantajoso (1) para o mundo, levando a uma investigação mais aprofundada e a uma fé mais tangível; (2) vantajoso também para os crentes não consagrados, levando-os a perceber que, a menos que avancem para uma consagração plena, não são co-herdeiros com os santos em nenhum sentido da palavra, seja nas glórias futuras, seja nos privilégios e alegrias presentes. (3) Perceber isso, acreditamos, teria também um efeito estimulante sobre os não consagrados, levando-os com mais frequência a uma

[F684]
decisão positiva, dissipando suas suposições infundadas de que, de alguma forma, o simples fato de crer em Cristo, sem a consagração, os torna filhos de Deus e herdeiros, e lhes dá o direito de participar das mais ricas promessas divinas que abrangem a vida presente e a que está por vir.

Não quebraríamos a cana quebrada, nem apagamos o pavio fumegante; mas faríamos com que as canas quebradas compreendessem que, para participar adequadamente das bênçãos de Deus, presentes ou futuras, elas devem valer-se do favor divino sob condições divinas — devem consagrar-se totalmente, se quiserem deixar de ser canas quebradas e tornar-se úteis no serviço do Senhor. A fé que arde lentamente não a extinguiríamos, mas a avivaríamos até transformá-la em uma chama de amor sagrado que induzisse a uma consagração total de si mesmo
— um sacrifício total, de acordo com o convite divino, e que, assim, conduzisse à participação nas alegrias presentes e futuras.

Como já observamos*, o Apóstolo declara que os filhos dos crentes são contados junto com eles como participantes da graça divina da justificação — não mais como impuros, mas justificados em um sentido *provisório*. Essa condição de justificação e sua relação com o cuidado e a providência divinos perduram desde o nascimento até a idade da razão; e tais filhos evidentemente têm praticamente o mesmo privilégio que os justificados no que diz respeito à oração, recebendo também, na mesma proporção, as alegrias e bênçãos resultantes. Desde a mais tenra infância, elas devem ser ensinadas a considerar o Todo-Poderoso, o Deus de seus pais, como seu Deus; e, desde cedo, devem compreender que, assim como os pais têm sua posição diante de Deus por meio de Cristo, também a criança, indiretamente, tem sua posição e relação com Cristo por meio de seus pais. Os pais consagrados em todo lar cristão podem ser considerados, portanto, em certo sentido, os sacerdotes da família; e, embora a criança deva ser devidamente incentivada a orar ao Senhor, não se deve negligenciar a lição de que a família e todos os seus interesses e preocupações

---

*Página 532

[F685]
estão sob supervisão divina como família, por conta do pai ou dos pais consagrados, membros da Nova Criação. A criança deve ser ensinada a aguardar ansiosamente o momento em que o amadurecimento de sua mente e de seu discernimento lhe permita, de maneira adequada, fazer a consagração plena de si mesma ao Senhor e, assim, desfrutar dos privilégios e alegrias prometidos a tais pessoas.

Embora as novas criaturas em Cristo Jesus sejam exortadas no texto acima a não buscar, não se preocupar e não orar por coisas terrenas — o que comerão, o que beberão e com que se vestirão —, mas a confiar todas essas questões à sabedoria e ao amor do Pai
—, elas são instruídas a respeito de uma coisa pela qual o Pai terá grande prazer em que orem e a respeito da qual Ele terá prazer em atender amplamente às suas súplicas. Essa única coisa pela qual devem buscar e orar especialmente é o espírito santo — o espírito de santidade, o Espírito de Deus, o Espírito de Cristo, o Espírito da Verdade, o espírito de uma mente sã, o espírito do amor. As palavras do mestre são: "Se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas [terrenas] a vossos filhos, quanto mais vosso Pai celestial dará o espírito santo àqueles que lho pedirem?" ***Lucas 11:13***

Aqui, então, temos informações claras sobre o que deve ser a base de todas as nossas súplicas, se quisermos que elas sejam atendidas. Assim devemos orar para não pedir em vão. Nossos afetos devem estar voltados para as coisas do alto, e não para as coisas da terra — para o manto da justiça de Cristo e para nossas futuras vestes gloriosas, quando seremos semelhantes ao nosso Senhor e o veremos como ele é, em vez de nos concentrarmos em vestimentas terrenas. Nossos afetos devem estar voltados para o alimento espiritual — para o pão que desceu do céu e para todas as preciosas promessas de Deus, das quais Cristo é o centro e a essência. É isso que devemos buscar, é isso que devemos fazer nosso; e, portanto, será disso que consistirá o conteúdo de nossas orações. Assim, nossa vigília, nossa oração e nossa busca diária estarão em plena harmonia. Além disso, a ação de graças deve, em grande parte, substituir os pedidos, a partir do momento em que compreendermos a extensão

[F686]
e larguras, alturas e profundidades da provisão divina, tanto para a nova criação quanto para nossos entes queridos segundo a carne e para todas as famílias da terra. O que poderíamos pedir de mais ou de melhor do que o que Deus já prometeu?

Certamente não poderíamos pedir nada além do que foi prometido a respeito das glórias futuras da nova criação; nem poderíamos pedir mais a respeito das alegrias presentes da mesma classe. Toda provisão que a razão pudesse imaginar, toda carência, toda necessidade, já foi antecipada para nós e providenciada — dada a nós para que a recebamos. Apenas nos falta sabedoria quanto à maneira de receber, de nos apropriarmos dessas provisões divinas. Dando graças, portanto, pedimos apenas sabedoria e graça para desfrutá-las de modo que nossa alegria seja plena. Nossos pedidos, portanto, devem ser por um maior enchimento com o espírito santo — sabedoria do alto.

O que mais poderíamos pedir em nome do mundo além do que a providência divina já providenciou? Nada! Os gloriosos "tempos de restauração" prometidos na Palavra superam amplamente todas as mais grandiosas expectativas ou esperanças que o mais sábio dos homens jamais poderia ter alimentado. Podemos, portanto, apenas agradecer a Deus e reconhecer sua bondade, buscando cooperar com ela e perceber nossa necessidade de sabedoria. Daí o convite para que peçamos essa ajuda do espírito santo de Deus ou do seu poder — "sabedoria que vem do alto". "Se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá generosamente e sem repreensão." (***Tiago 1:5***) Por meio dessa sabedoria, seremos capacitados a nos comportar, a falar e agir de maneira que seja útil aos outros; e, nesse sentido, portanto, devem ser nossas orações, para que possamos cooperar com Deus seguindo as linhas generosas e benevolentes que Ele já traçou — cuja melhoria seria um absurdo.

Esse grande privilégio de acesso à presença de Deus, de entrar pela fé no Santo dos Santos, de nos aproximarmos do trono da graça, de obter misericórdia e encontrar ajuda em todos os momentos de necessidade, pode ser adaptado a todas as diversas condições que nos cercam.

[F687]

É nosso para uso pessoal — para que possamos, individualmente, nos retirar com o Senhor e comungar com Ele; e, por Sua misericórdia, essa comunhão com Ele, esse afastamento das coisas que distraem, possa ser desfrutada quando estivermos efetivamente afastados da companhia dos outros. Onde isso for impossível, e onde não houver oportunidade de dobrar os joelhos e elevar a voz, mesmo que seja apenas um sussurro, é privilégio da nova criação ter acesso ao Pai em comunhão mental. Quando na rua, quando cercado pela confusão e pela agitação, o coração pode elevar-se e buscar tanto sabedoria quanto força no trono da graça. Quão abençoados são esses privilégios! Aqueles que mais os utilizam são os que mais deles desfrutam. Ao contrário das coisas terrenas, eles se tornam mais preciosos à medida que se tornam mais familiares.

A oração no círculo familiar é a entrada da família no "quarto secreto" — na presença do Senhor, longe do mundo. Isso pode nem sempre ser possível; mas, quando houver oportunidade, não deve ser negligenciada. Se, no entanto, não for possível criar uma ocasião favorável, sem dúvida o Senhor aceitará a boa vontade em vez da ação e concederá bênçãos de acordo com isso. A influência do altar familiar e do incenso da oração que dele ascende ao Pai celestial, bem como o reconhecimento feito ali de Sua graça, misericórdia, poder e bênção, certamente trarão bênçãos adicionais, não apenas ao Sacerdote Real que serve assim à sua família, mas a cada membro dessa família. Um sentimento de reverência a Deus, de responsabilidade para com Ele e a percepção de Seu cuidado amoroso e protetor acompanham essa família ao longo do dia. E se, à noite, for possível reunir-se novamente em família para reconhecer as misericórdias divinas e dar graças, a bênção só se multiplica, assim como o jarro de óleo da viúva, que era derramado continuamente de um vaso para outro. ***2º Reis 4:1-7***

A oração na Igreja é a entrada da família do Senhor no "quarto secreto" da presença divina, afastada do mundo. É de vital importância para o seu progresso, sua saúde e seu desenvolvimento espiritual. Negligenciá-la certamente resultará em perda de poder, perda de privilégios e de serviço, e uma correspondente

[F688]
perda da alegria. No entanto, discordamos totalmente do tipo de oração pública a que se referiu um jornal de Boston quando, ao reportar uma reunião religiosa, afirmou: "O Rev. Dr. ——— proferiu a oração mais bela e eloquente já dirigida a um público de Boston!" Há um excesso dessa prática de orar para o público em vez de orar a Deus. As Escrituras não apenas incentivam orações públicas e audíveis entre o povo do Senhor, mas também ressaltam que aquele que ora deve ter em mente sua audiência no contexto de seu ministério e conduzir o culto de modo que quem o ouve possa dizer "Amém", seja em voz alta ou em seu coração. ***1 Coríntios 14:13-17***

Foi a sabedoria do alto, o espírito santo, que guiou o apóstolo Paulo, ao entrar em uma nova cidade com o evangelho, a procurar aqueles que se reuniam em um lugar "onde se costumava fazer oração" (***Atos 16:13***). E ainda é fato que tanto o conhecimento quanto o amor de Deus abundam mais entre aqueles de seu povo que oram uns pelos outros e uns com os outros, para que sua alegria seja plena. Por mais reuniões que o povo do Senhor possa ter para o estudo de Sua Palavra e para a edificação mútua na fé santíssima, defendemos que nenhum culto seja considerado devidamente iniciado a menos que a bênção do Senhor sobre o estudo seja primeiro invocada; e que nenhuma reunião seja considerada devidamente encerrada até que se agradeça ao Senhor pelo privilégio e pela bênção desfrutados, e pela bênção concedida — para que a Palavra de sua graça seja verdadeiramente alimento para os corações daqueles que ouviram com sincero desejo de conhecer e cumprir a sua vontade.

A fé, fruto do espírito e parte da herança presente da nova criação

A fé deve ser nossa antes que possamos nos tornar filhos de Deus — sim, antes mesmo da nossa justificação — pois somos "justificados pela fé" antes de recebermos a paz com Deus e o perdão dos pecados. Essa fé que tínhamos antes de recebermos o espírito santo não pode, portanto, ser a fé que é fruto do Espírito
— o dom do espírito. A fé é a operação, o exercício,

[F689]
de nossas mentes em relação a Deus e às suas promessas. Aqueles que não conseguem exercer confiança em Deus, seja por ignorância, seja devido às condições decaídas da mente, encontram-se em um estado no qual lhes é impossível serem abençoados sob as provisões da era evangélica; mas não em uma condição que os impediria de participar das bênçãos da era vindoura — a era milenar. O chamado da era evangélica é dirigido àqueles que podem e que desejam andar pela fé, não pela visão
— e quem não puder ou não quiser andar assim não pode, neste momento, andar com Deus. "Sem fé é impossível agradar a Deus." Quem não tiver essa fé desde o início não poderá dar o primeiro passo no momento presente; e mesmo que tenha a fé para começar, a menos que ela cresça e se desenvolva, lhe faltará o poder de ser um vencedor; pois "esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé." ***1º João 5:4***

Devemos reconhecer uma grande diferença entre fé e credulidade. Milhões de pessoas são crédulas e supersticiosas, e acreditam em mil e uma coisas irracionais para as quais não têm evidências adequadas. Nem essas pessoas supersticiosas, que acreditam no que não deveriam acreditar, são encontradas apenas em terras pagãs. Milhões delas levam o nome de cristãos, com alguma filiação denominacional. A superstição e a credulidade devem ser condenadas, repreendidas, evitadas e vencidas. A verdadeira fé deve ser incentivada, edificada, fortalecida e levada a crescer. A fé em Deus é a fé, a confiança, a segurança que se baseia nas promessas divinas e não em tradições humanas, filosofias ou imaginações.

Se acreditarmos que Deus é o que seu nome implica — o Ser que existe por si mesmo, o Criador todo-poderoso, onisciente, totalmente justo e cheio de amor —, e se acreditarmos que ele é aquele que recompensa aqueles que o buscam diligentemente, o resultado será que o buscaremos — buscaremos conhecer e compreender sua Palavra; e, ao conhecê-la e compreendê-la, teremos confiança nela; e que, tendo confiança nela, orientaremos nosso caminho na vida de acordo com ela. Esse início da fé, sob o favor divino, aponta para Cristo como o caminho novo e vivo

[F690]
caminho de reconciliação com Deus e de retorno ao seu favor. À medida que essa fé se apega a Jesus e se exercita na obediência, ela cresce, e a bênção do Senhor recai sobre ela cada vez mais, iluminando-a quanto aos termos de aceitação e de pertencimento à nova criação. A fé crescente se apega às promessas de Deus — de nos tornarmos herdeiros de Deus e co-herdeiros com Jesus Cristo, o Senhor e o redentor. O resultado é a bênção do espírito — a geração, a unção, a adoção como filhos.

O resultado adicional é o maior esclarecimento com a luz do candelabro de ouro no Lugar Santo, permitindo que o olho da fé veja coisas que não se veem do exterior — para reconhecer o ministério especial do Sumo Sacerdote no que diz respeito à luz, ao pão da proposição, ao incenso do altar de ouro e ao propiciatório além do véu. À medida que a fé viva e obediente assimila gradualmente esses diversos aspectos do favor e da bênção divinos, conforme revelados na Palavra divina, ela se torna cada vez mais forte, cada vez mais clara e passa a ser parte essencial da nova mente. Desse ponto de vista, ela vê coisas que antes não podia ver e a respeito das quais o Apóstolo declara: "O que olho não viu, nem ouvido ouviu, nem subiu ao coração do homem [o homem natural] são as coisas que Deus reservou para aqueles que o amam." ***1 Coríntios 2:9***

Por meio da Palavra da promessa, ilustrada pelo espírito, ela vê coisas extremamente grandes e preciosas, coisas celestiais, as glórias a serem alcançadas na Primeira Ressurreição
— o Reino, que então será estabelecido — o reinado da justiça, trazendo bênçãos a todas as famílias da terra
— a subjugação do pecado e a destruição de todo indivíduo e coisa que não cooperar para a glória de Deus e de acordo com a lei divina do amor. A nova criatura vê tudo isso com o olho da fé, o olho do entendimento; e o Apóstolo nos assegura que esse olho pode contemplar muitas dessas coisas que não são claras e distintas para o homem natural — porque "Deus as revelou

[F691]
a nós por meio do seu espírito, que sonda todas as coisas, sim, as coisas profundas de Deus". ***1 Cor. 2:9,10***

Essa fé, gerada pelo espírito, nas coisas ainda não vistas, faz parte da herança presente da nova criação e está intimamente associada a cada uma de suas esperanças e alegrias — proporcionando a única antecipação possível das "glórias que hão de vir". De fato, como explica o Apóstolo, ela é o alicerce sobre o qual todas as nossas alegrias e esperanças são edificadas. "A fé é a substância das coisas esperadas; a evidência das coisas não vistas." Por meio dela, as coisas que ainda não são vistas tornam-se tão tangíveis para nossas mentes quanto as coisas que são vistas; sim, diz o apóstolo, desse ponto de vista aprendemos a reconhecer que as coisas que vemos com nossos olhos naturais são temporárias, enquanto as coisas que não vemos com nossos olhos naturais, mas contemplamos com os olhos da nossa fé, são as reais, as tangíveis, as eternas.

Quão necessária é a fé para alcançarmos e conservarmos nossa herança presente, o antegozo das bênçãos vindouras, é claramente demonstrado pelo apóstolo Tiago, que, depois de dizer: "Se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá generosamente e sem repreensão, e ela lhe será dada" — acrescenta: "Mas peça com fé, sem duvidar. Pois aquele que vacila é como uma onda do mar, levada pelo vento e agitada. Pois não pense esse homem que receberá alguma coisa do Senhor. Um homem de dois espíritos é instável em todos os seus caminhos." (***Tiago 1:5-8***) O apóstolo mostra, assim, como seria impossível para qualquer pessoa tornar-se um vencedor sem se fortalecer na fé. Por isso, as Escrituras, em toda parte, inculcam o crescimento na fé, e todo o povo do Senhor precisa orar como fizeram os apóstolos: "Senhor, aumenta a nossa fé"; e, ao orar assim, precisam usar os meios que Deus designou para o cumprimento dessa oração. Se sua oração for sincera, eles usarão esses meios com fervor — buscarão o Senhor em oração, buscarão conhecer Sua Palavra, buscarão obedecê-la, buscarão e desfrutarão de Seu serviço, buscarão revestir-se de todas as graças do espírito; e, sendo essa a sua atitude, terão fé forte, plena certeza da fé e "nunca

[F692]
cair, mas assim lhes será concedida, em abundância, a entrada no Reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" — no tempo devido. ***2 Pedro 1:10,11***

O Canto da Vida da Nova Criação

Minha vida flui em canção sem fim;
Acima das Lamentações da terra,
Eu capto o hino doce e próximo, Que
saúda a nova criação.
Em meio a todo o tumulto e contenda,
ouço a música ressoar;
Ela encontra eco em minha alma
— como posso deixar de
cantar?

E daí se minhas alegrias e meu conforto se forem!
O Senhor, meu Salvador, vive;
E daí se a escuridão se aproxima!
Ele me dá canções na noite.
Nenhuma tempestade pode abalar minha
paz interior, Enquanto me agarro a
esse refúgio;
Já que Cristo é o Senhor do céu e da terra,
como poderia eu deixar de cantar?

Levanto meus olhos; a nuvem se
dissipa; Vejo o azul acima dela;
E, dia após dia, esse caminho se torna
mais suave, Desde que aprendi a amá-
lo.
A paz de Cristo renova meu coração, uma
fonte que jorra sem cessar;
Tudo é meu, pois sou dele — como
poderia deixar de cantar?

[F693]

ESTUDO XVII
A HERANÇA DA RESSURREIÇÃO DA NOVA CRIAÇÃO

Os olhos e os ouvidos da fé devem ser treinados para que se possam apreciar as coisas espirituais com clareza — "Assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo" — A vida após a ressurreição — Anastasis — Levantar-se novamente ou ressurreição — Não é um julgamento ou provação pelos pecados passados, mas outra provação para a vida — "Considerados dignos de alcançar a ressurreição"—Castigo pelos pecados desta vida — "Os pecados de alguns homens precedem o julgamento" — "Assim é a [principal] ressurreição dos [especiais] mortos" — "Ainda não se manifestou o que seremos" — "Seremos semelhantes a Ele."

SÓ na medida em que o olho da fé e o ouvido da fé forem treinados por meio da Palavra divina é que as novas criaturas serão capazes de apreciar com alguma clareza a grandeza e as glórias de sua herança futura. Elas não podem sequer começar a apreciá-las como homens naturais, nem poderão fazê-lo até que uma consagração completa tenha sido feita e o espírito santo tenha sido recebido como garantia do futuro. Até aquele momento, seu conhecimento do futuro — mesmo depois de terem entrado em comunhão com Deus pela fé e pela justificação — é representado pelos levitas, que, embora fossem adoradores e servos aceitáveis do Tabernáculo, não tinham permissão para entrar nele e oferecer incenso em seu altar de ouro, nem mesmo para contemplar sua grandeza. Qualquer conhecimento que os levitas pudessem ter das glórias do "Santo", de seu candelabro e da luz que dele emanava, de sua mesa dos pães da proposição, de seu altar de ouro e do incenso, era o que aprendiam sobre isso com os sacerdotes consagrados, os únicos que tinham acesso a ele.

Dirigindo-se a esses Sacerdotes Reais da nova criação, o Apóstolo mostra que, mesmo com o pleno alcance da graça, do conhecimento, da fé e da visão espiritual, eles não serão capazes, nesta vida, de compreender com clareza as coisas do futuro, mas ainda deverão aceitá-las pela fé.

[F694]
Suas palavras são: “Ainda não se manifestou o que seremos, mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, pois o veremos como ele é.” (***1º João 3:2***) Isso é satisfatório para o povo do Senhor, pois, embora possam, sem qualquer impropriedade, sentir curiosidade em conhecer todos os detalhes relativos aos seus corpos espirituais — forma, tamanho, elementos etc. —, eles podem muito bem imaginar que as novas condições serão tão diferentes das atuais a ponto de estarem além da capacidade de compreensão do cérebro humano, por mais detalhada que seja a descrição fornecida. Mas toda a questão está resolvida com a certeza de que a Igreja será semelhante ao seu Senhor e o verá — não como ele era nos dias de sua humilhação, o homem Cristo Jesus, nem como apareceu aos discípulos após sua ressurreição, revestido de carne em várias formas, com várias vestes
—, mas vê-lo “como ele é”, contemplar sua glória e ser como ele, compartilhando de sua glória. Isso é suficiente.

No entanto, nos alegramos que o Senhor tenha levantado o véu em certa medida, permitindo-nos um breve vislumbre das novas condições de nossa herança futura na descrição da Primeira Ressurreição, conforme nos foi dada pelo apóstolo Paulo. (***1 Cor. 15:41-44***) O capítulo inteiro é profundamente interessante para todos os membros da nova criação — não apenas os versículos que se referem à Primeira Ressurreição, pela qual a Igreja, o pequeno rebanho, o Sacerdócio Real, será aperfeiçoada e entrará nas alegrias do Senhor, mas também por causa de suas sugestões a respeito da esperança futura do mundo. De fato, embora o apóstolo tenha dirigido sua epístola aos santos e não a outros, no entanto, ter descrito apenas a Primeira Ressurreição poderia ter justificado alguns a supor que não resta nenhuma bênção digna de menção para o mundo da humanidade, ou poderia ter justificado outros a pensar que a ressurreição do mundo seria semelhante e simplesmente posterior. A menção das duas ressurreições é especialmente útil, portanto, por corroborar o testemunho bíblico de que Deus tem uma porção especial reservada no céu para a Igreja — uma porção espiritual — e que Ele tem uma porção terrena que, no tempo devido, será revelada e

[F695]
oferecida ao mundo em geral. Devido a essa relação entre a Primeira Ressurreição dos abençoados e santos, a Igreja (***Apocalipse 20:6***), e a ressurreição subsequente de todos os homens que eventualmente aceitarão o favor de Deus, será aconselhável que abordemos esse assunto exatamente como o Apóstolo o apresenta e consideremos ambas as ressurreições.

"Assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo"
—1 Cor. 15:22—

Essa declaração é apresentada como a conclusão do argumento do Apóstolo que a precede. Ele discute com alguns que se dispõem a negar a ressurreição dos mortos, a qual ele afirma. Ele ressalta que a argumentação deles é irracional, pois, se os mortos não podem ressuscitar, então Cristo também não ressuscitou dentre os mortos; e, se Cristo não ressuscitou dentre os mortos, não temos Salvador, nem advogado, nem ajudador, e a situação tanto da Igreja quanto do mundo é desesperadora. Sendo a pena pelo pecado *a morte*, era necessário que Cristo *morresse* por nossos pecados, de acordo com as Escrituras; mas se ele nunca ressuscitou dos mortos, nossa situação é tão desesperadora como se ele nunca tivesse assumido nossa redenção, porque, mesmo que a humanidade fosse libertada da maldição da transgressão de Adão, libertada da sentença *de morte*, ainda assim estaria em uma condição desesperadora, necessitando de restauração; e, para obtê-la, precisaria do Grande Médico, do grande Restaurador.

Depois de colocar a ênfase mais forte que se pode imaginar na necessidade da ressurreição de Cristo, bem como na morte, dizendo: "Se Cristo não ressuscitou, vossa fé é vã; ainda estais em vossos pecados. Então também aqueles que dormem em Cristo pereceram" — o Apóstolo passa a tratar do assunto como comprovado, como estabelecido além de toda controvérsia, dizendo: "Mas agora Cristo ressuscitou dentre os mortos e tornou-se a primícia dos que dormiram."

Tendo assim demonstrado seu argumento e estabelecido a fé de seus leitores na verdade geral de que a ressurreição não é apenas possível, mas necessária, e que a prova disso

[F696]
isso reside no fato de que nosso Senhor não apenas fingiu estar morto, mas realmente "*morreu* por nossos pecados" e, da mesma forma, realmente ressuscitou dentre os mortos, ele ressalta que é com base nessa fé que temos o privilégio de considerar nossa raça como morta em Adão
—não como extinta, não como realmente morta, mas como adormecida. Temos o privilégio de esperar por eles, de acordo com a promessa do Senhor, que pela manhã — a manhã da ressurreição — todos serão despertados de seu sono e sairão para condições mais favoráveis do que as do tempo presente — para uma condição em que o pecado e a morte não reinarão; para uma condição em que Satanás não terá o poder da morte, mas estará acorrentado; e na qual o redentor terá pleno poder e exercerá esse poder para libertar os prisioneiros da grande prisão da morte. Essa elevação será para aqueles que, nessas condições favoráveis, ouvirem (obedecerem) à sua voz e caminharem pela estrada da santidade, para cima, para cima, para cima, saindo do vale da sombra da morte rumo à plena perfeição de vida, paz e bênção originalmente providenciadas para eles por seu Criador, mas que perderam por causa da desobediência do pai Adão, e que devem recuperar por meio do mérito do segundo Adão e pela obediência a ele. Isso leva o Apóstolo à proposição (versículo 21) de que é o plano de Deus que "visto que pela morte veio pelo *homem*, também pela ressurreição dos mortos venha *pelo homem*". Não há como interpretar erroneamente o que o Apóstolo quer dizer: que o primeiro homem por meio do qual veio a morte foi Adão, e que o segundo homem por meio do qual vem a ressurreição é "o homem Cristo Jesus", que declarou nos dias de sua carne: "A minha carne darei pela vida do mundo". E, novamente, falando dos resultados pretendidos desse sacrifício, ele disse: "Eu sou a ressurreição e a vida." ***João 6:51; 11:25***

A declaração da nossa versão comum da Bíblia, de que "Assim como em Adão todos morrem, assim também em Cristo todos serão vivificados", é manifestamente um erro de tradução. Nessa forma, ela entra em conflito com outras passagens das Escrituras, que *limitam* distintamente o número daqueles que serão *vivificados* por meio de Cristo. O erro de tradução favorece a doutrina da salvação universal,

[F697]
na medida em que parece sugerir que o favor e a bênção de Deus por meio de Cristo não levarão em consideração, em nenhum sentido da palavra, o caráter daqueles a quem será dada a vida. Outras passagens bíblicas, no entanto, deixam bem claro que nem todos "entrarão na vida", mas apenas aqueles que "fazem a vontade do Pai que está nos céus". Uma afirmação clara sobre o assunto é encontrada nas palavras do Senhor: "Quem tem o Filho tem a vida; e quem não tem o Filho de Deus *não tem a vida*." ***1º João 5:12***

Muitos, ao lerem este texto, não atribuem o devido peso às palavras "serem *vivificados*". Eles interpretam a passagem como significando meramente um despertar do sono da morte; mas seu significado é muito mais abrangente e mais precioso do que isso. A morte que veio por meio de Adão não foi meramente a perda do pequeno fragmento de vida que o mundo possui hoje; mas a perda da vida em seu sentido mais completo e em sua medida mais plena, na qual Adão a possuía como representante de toda a família humana. Assim como "morrer" significava a perda de toda a vida, e a morte de Adão começou imediatamente após sua sentença, da mesma forma "ser vivificado" significaria não apenas um recomeço em direção à vida perfeita e para fora da morte, mas seria corretamente entendido como a restauração à plena perfeição da vida que Adão possuía antes do pecado — ser vivificado no sentido de ser elevado para fora da morte. É importante que esse significado completo da palavra "vida" seja compreendido ao considerarmos este texto, e devemos lembrar que, do ponto de vista do Senhor, toda a raça de Adão está morta; não apenas aqueles que já foram para o túmulo, mas também aqueles que estão a caminho dele. A visão de nosso Senhor sobre a vida e a morte é ilustrada por suas palavras: "Deixem que os mortos enterrem seus mortos; vá você e pregue o evangelho." (***Mt 8,22***) Aqui, os incrédulos são referidos como ainda mortos, por não terem união com o Doador da Vida; enquanto os crentes são igualmente referidos como vivos, embora estejam salvos da morte, por enquanto, apenas pela esperança, e não possam experimentar a libertação efetiva do poder da morte até à ressurreição. ***2 Cor 1,10***; ***Rm 8,24***

[F698]

A ressurreição para a vida

Traduzimos esse texto corretamente quando o expressamos assim: "Assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo." Somente aqueles que estavam vitalmente ligados a Adão morreram por causa de seu pecado. Satanás, embora seja o pai da mentira e um assassino desde o princípio, não morreu por causa do pecado de Adão, pois não estava em Adão quando este foi condenado à morte; da mesma forma, os anjos que não mantiveram sua posição original não participaram da morte adâmica, porque não estavam *em Adão*. O argumento do apóstolo é que Adão foi o pai, ou o doador de vida, de uma raça, e que, por meio da desobediência, ele — assim como a raça que estava em seus lombos — herdou condições de morte que os levam ao túmulo com maior ou menor rapidez. Ora, assim como todos os que estavam *em Adão* compartilharam de sua sentença e condenação, da mesma forma todos *os que estão em Cristo* compartilharão do favor divino por meio dele.

A raça de Adão estava nele de fato e legalmente, sem qualquer escolha ou vontade própria — nele por natureza. Aqueles que *estão em Cristo* entram nele pela graça — individualmente e sob certas condições. Sob o arranjo divino, a *redenção* de Adão da condenação à morte acabará por afetar toda a sua descendência, na medida em que os libertará da sentença de morte e, além disso, lhes proporcionará a luz, o conhecimento e a oportunidade de entrar *em Cristo*; mas somente aqueles que se valerem desse privilégio e entrarem em Cristo serão *vivificados*, no sentido pleno e próprio da palavra — completamente ressuscitados da morte. A esposa de Adão era *parte* dele e por ele representada, assim como seus filhos que saíam de seus lombos; e o mesmo ocorre com Cristo. Sua noiva, ou Igreja, é a primeira a ser desenvolvida e a receber vida da vida dele; e, mais tarde, o mundo, despertado do "sono" da morte e levado ao conhecimento da Verdade durante o milênio, terá o privilégio de vir *para ele*, como seu "pai", por meio da consagração (***Isaías 9:6***); e, se permanecerem nesse relacionamento, isso significará seu desenvolvimento até a plena restauração da perfeição humana — tudo o que foi perdido no primeiro Adão. Assim, todos *em* Cristo serão levados à perfeição da

[F699]
vida — "vivificados" no sentido absoluto e completo. Eles estavam, por natureza, no primeiro doador de vida e falharam por causa da falha dele. Em breve lhes será concedida a oportunidade de entrar em relação com o segundo Adão, ou doador de vida, e, se, como filhos legítimos, obedecerem à sua voz, viverão — serão vivificados.

Essa interpretação, e nenhuma outra, se encaixa no texto e no contexto. O apóstolo prossegue com o argumento: depois de dizer: "Assim também todos os que estão em Cristo serão vivificados", ele acrescenta: "Mas cada um na sua própria ordem". Ele menciona como primeira ordem a Igreja, a Noiva, o corpo de Cristo, "o Cristo", "a primícia", a Primeira Ressurreição. (***Fil. 3:10***) Esses entram em relação com Cristo durante a era evangélica sob seu "alto chamado", constituem o "tesouro peculiar" de Cristo e receberão vida em um plano especial, com a glória, a honra e a imortalidade adicionais aqui vislumbradas e que mais tarde serão reveladas mais plenamente.

"Depois disso", declara o Apóstolo, como se tratasse de uma ordem diferente, o restante daqueles *considerados dignos da vida* será vivificado, ou totalmente elevado acima do pecado e da morte. A elevação dessa segunda classe será a obra da Era Milenar; o fato de *serem* "vivificados" será uma operação gradual, alcançada ao final desse período. Uma exceção — e, portanto, talvez deva ser propriamente chamada de outra ordem ou grupo — serão os vencedores do período anterior ao Pentecostes, os antigos dignos e fiéis, aos quais o apóstolo se refere. (***Hb 11:39,40***) Tendo esses sido aprovados por Deus, "tendo obtido bom testemunho" — já que sua provação já ocorreu —, não será necessário que sua restauração *da morte para a vida* seja uma obra gradual. Suas falhas já foram julgadas anteriormente. Sua ressurreição, portanto, será instantânea, mas de uma ordem, grupo ou classe diferente do Cristo, Cabeça, e do corpo.

Após a ressurreição dos antigos heróis à plena perfeição da mente e do corpo humanos — como a primeira ordem do homem natural —, podemos esperar que a obra da ressurreição comece com as nações, ou povos da Terra, no momento

[F700]
do estabelecimento do Reino — na verdade, nove décimos mortos, mas, pelo uso comum, chamados de vivos. Embora não estejam em seus túmulos, do ponto de vista divino estarão *mortos*, e os processos de dar vida, ou de restauração, começarão imediatamente com eles. O Reino do Senhor, que funciona no mundo e governa-o sob leis de justiça e amor, estará claramente diante deles; e o conhecimento do Senhor encherá toda a terra para o seu esclarecimento. Eles terão então plena oportunidade de escolher a justiça, a obediência e a vida eterna; ou de escolher a injustiça, a desobediência e a Segunda Morte. Somente aqueles que escolherem a vida por meio da obediência à voz do Filho do Homem, e que se tornarem receptivos aos requisitos do Reino para sua elevação, alcançarão a plena restituição, a plena perfeição, *a vida*.

Depois que esses tiverem sido iniciados no caminho da vida, alguns daqueles que se encontram na grande prisão da morte, o túmulo, serão chamados, despertados, para serem tratados exatamente da mesma maneira. À medida que o mundo se preparar para recebê-los, outros, e ainda outros, sairão do túmulo para desfrutar dessas oportunidades abençoadas de restauração e ressurreição, providenciadas para eles pela graça de Deus por meio da redenção que está em Cristo Jesus, nosso Senhor. Mas, em todos os casos, o teste será o mesmo: "Aquele que não ouvir [obedecer] a esse profeta [o Cristo] será exterminado de entre o seu povo [na Segunda Morte — 'não verá *a* vida']. Aquele que ouvir esse profeta, ao contrário, será elevado pouco a pouco, passo a passo, para fora da condição de morte, até que, em Cristo e totalmente subordinado a ele, alcance *a vida* em sua plenitude, em sua totalidade.

Surgi-rá a pergunta para alguns: Não será necessário que todos os membros da família humana desçam ao túmulo antes de experimentar os poderes dessa ressurreição? Respondemos que será necessário que todos aqueles que participarão da Primeira Ressurreição desçam à morte real antes de participar das bênçãos dessa ressurreição, pois tal foi a sua aliança, e tal foi a promessa do Senhor a eles: 'Sê fiel até *a morte*,

[F701]
“e eu te darei a coroa da vida.” Era necessário que o Senhor, o Capitão da nossa salvação, não apenas se consagrasse até a morte como um sacrifício vivo, mas também que completasse a consagração na morte real. E o mesmo princípio se aplica a toda a Igreja, que é o seu corpo, e que deve “completar o que falta das aflições de Cristo, a fim de ser participante com ele na glória e na bênção de *‘sua* ressurreição’”, a Primeira Ressurreição. Mas, no que diz respeito ao mundo da humanidade, não é necessário que todos entrem primeiro no túmulo antes de participarem da restauração, da ressurreição e da elevação.

Como já vimos, o mundo inteiro, do ponto de vista divino, tem sido considerado morto desde que a condenação recaiu sobre Adão por causa da desobediência. O mundo inteiro está na prisão atualmente, acorrentado por fraquezas mentais, físicas e morais. Existem diferentes alas nessa prisão, e aqueles a quem os homens chamam de vivos, mas a quem Deus chama de mortos (em transgressões e pecados, e sob sentença divina), estão, por assim dizer, ainda caminhando pelo pátio da prisão e ainda não foram confinados em suas celas, o túmulo; mas estão na prisão, e nenhum deles pode se libertar das algemas da morte que pesam sobre eles. Se a ordem de libertação de todos os prisioneiros fosse enviada a um carcereiro, entenderíamos que ela se aplicaria não apenas àqueles que estavam trancados em suas celas, mas a todos os que, em qualquer sentido da palavra, estivessem atrás das grades da prisão e sob seu poder e controle como carcereiro. O mesmo ocorre com a morte, o grande carcereiro. Ele enviou milhões de seres humanos para o túmulo, e outras centenas de milhões ainda se encontram em liberdade parcial no pátio da prisão, mas mantidos de forma firme e segura, prestando serviço com gemidos e sofrimentos, aguardando a libertação.

O Senhor não explica os detalhes de como aqueles que entraram no recinto da prisão que é o túmulo serão trazidos para fora, para que possam ouvir a voz do Filho do Homem e, ao obedecerem, possam viver (***João 5:25***). Não podemos, portanto, decidir arbitrariamente qual será exatamente a natureza do

[F702]
procedimento será. Evidentemente, não é necessário que compreendamos os detalhes desse assunto. No entanto, é interessante refletirmos sobre isso, e podemos supor que não será ofensivo ao Senhor que imaginemos um pouco a respeito do procedimento. Nossa conjectura já foi brevemente exposta*, de que cada um que for beneficiário da graça, à medida que crescer em conhecimento e em amor, desejará cooperar tanto quanto possível para a bênção dos outros, especialmente daqueles que lhe são próximos por laços de parentesco, e que o canal geral de aproximação ao Senhor a esse respeito seria por meio da oração e da preparação, em resposta às quais ocorrerão os despertares. Supomos que o mundo então se voltará para o "Sacerdócio Real" em busca de ajuda em caso de doença, etc., assim como os judeus costumavam recorrer ao sacerdócio mosaico. Portanto, a oração será o canal habitual para as bênçãos.

Anastasis — Levantar-se Novamente ou a Ressurreição

O verdadeiro significado da *ressurreição*, como promessa apresentada a nós nas Escrituras, tem sido amplamente perdido de vista, em parte porque nossa palavra em inglês "ressurreição" é usada de diversas maneiras. Por exemplo, não é incomum falar em "a ressurreição" de uma peça de roupa que havia ficado guardada por algum tempo; e quando um cemitério é abandonado, é comum falar em "a ressurreição" dos cadáveres que ali estavam enterrados para que sejam removidos e enterrados novamente. Aproximando-se mais do uso legítimo da palavra, muitos cristãos falam da *ressurreição* de Lázaro, da *ressurreição* do filho da viúva de Naim, da *ressurreição* da filha de Jairo etc., e têm o mesmo pensamento em mente quando falam das promessas de ressurreição das Escrituras, que ocorrerão na manhã da Era Milenar. Esse grave equívoco obscureceu profundamente todo o pensamento sobre esse importante assunto. Não é verdade que Lázaro e os outros mencionados tenham experimentado a ressurreição; eles foram meramente despertados, reanimados. Há uma grande diferença entre

---

*Vol. IV, cap. XIII, p. 640.

[F703]
um mero despertar e a ressurreição plena e completa da morte para a perfeição da vida. Despertar significa meramente reiniciar o mecanismo da vida — ressuscitação — e isso é tudo o que foi feito por Lázaro, pelo filho da viúva de Naim ou pela filha de Jairo. Eles ainda estavam sob a sentença de morte e simplesmente experimentaram um pequeno prolongamento de suas condições atuais de agonia. Eles não foram elevados, ressuscitados da morte para condições de vida perfeita.

A palavra "ressurreição", tal como aparece no Novo Testamento em inglês, deriva da palavra grega *anastasis* em todos os casos, exceto um (***Mt 27,53***, onde provém do grego *egersis* e deveria ser traduzida corretamente como *ressurgimento* ou reanimação). A palavra *anastasis*, que ocorre quarenta e três vezes no Novo Testamento, significa *levantar-se novamente* ou *ressuscitar*. Ela nunca é usada no sentido de levantar um cadáver de um túmulo para a posição ereta, nem significa a mera reanimação ou o reinício do mecanismo da vida. Significa algo muito mais importante. É usada como a antítese, ou o oposto, da morte — a recuperação da morte. Para ter uma visão correta do significado de *anastasis*, devemos, antes de tudo, ter uma visão correta do que constitui a vida do ponto de vista divino. Devemos, então, ver o que constitui o morrer e a morte; e, com esses dois conceitos em mente, poderemos compreender o conceito de ressurreição, ou o levantar-se novamente da morte para a plena perfeição da vida, da qual todos nós, em Adão, caímos.

Apenas dois homens já possuíram a vida: primeiro, Adão, antes de sua transgressão, antes de atrair sobre si a maldição ou sentença de morte e seus processos de morrer; e, segundo, o homem Cristo Jesus. No momento em que a sentença de morte foi proferida contra Adão, sua vida foi perdida, o processo de morrer começou, e ele estava na *morte* — portanto, não mais na *vida*. Ele foi afundando cada vez mais na morte, até que finalmente estava completamente morto, assim como estava judicialmente morto desde o momento da sentença. A posteridade de Adão nunca teve vida; a centelha que cintila por alguns anos não é reconhecida por Deus, tendo em vista que a sentença de morte recai sobre todos e que aqueles que nascem no

[F704]
mundo não recebem a vida no sentido pleno da palavra, mas meramente uma condição de morte. Como já foi apontado, o mundo inteiro já está morto, do ponto de vista da Justiça; e Deus reconhece como tendo vida (mesmo que apenas por consideração) apenas aqueles que se uniram ao Filho de Deus, o Redentor dos homens, o Doador da Vida.

Se esse pensamento sobre o que constitui a vida e o que constitui a morte for mantido em mente — se for lembrado de que altura gloriosa e perfeição de vida o homem caiu para a atual condição de degradação e morte — então, e somente então, o significado da palavra *anastasis* poderá ser corretamente apreciado como significando um levantar-se novamente, *uma elevação de volta à condição da qual ocorreu a queda,* para a condição de perfeição na qual o pai Adão foi criado. É a essa condição de perfeição que Deus se propõe a levar todos os que quiserem, do mundo da humanidade, por meio de Cristo. A condição é que, quando levados ao conhecimento da Verdade, aceitem o favor divino e demonstrem sua lealdade por meio da obediência ao espírito da Lei divina.

Essa palavra *"anastasis"* nunca é usada em conexão com a mera ressurreição dos mortos. Um exame cuidadoso dos quarenta e três textos das Escrituras em que essa palavra *"anastasis"* ocorre revelará que todos estão em absoluta concordância com a definição e o significado aqui atribuídos à palavra — uma *re*
- ressurreição, uma recuperação da morte, um retorno à vida perfeita. Apenas um dos quarenta e três textos pode ser considerado obscuro por alguns: ele se encontra em ***Hb 11,35***. Lá, *a palavra anastasis* é traduzida como "ressuscitado à vida". A frase completa diz: "As mulheres receberam seus mortos *ressuscitados*". A suposição geral a respeito dessas palavras parece ser que o apóstolo se referiu às duas mulheres cujos filhos foram ressuscitados, um pelo profeta Elias e o outro pelo profeta Eliseu. (***1º Reis 17:17-23***; ***2º Reis 4:18-37***) Discordamos dessa interpretação por duas razões:

(1) Não está de acordo com o significado da palavra *anastasis*, conforme indicado pelos outros quarenta e dois usos da palavra no Novo Testamento.

[F705]

(2) Porque tal interpretação não se coadunaria muito bem com o argumento do apóstolo em ***Hb 11***. O argumento apresentado é a fé dos antigos heróis em Deus e em uma ressurreição futura, que deveria ser recompensada após a glorificação da Igreja, conforme especificado no versículo 40. A "melhor ressurreição" pela qual eles poderiam esperar, e que constituía a base de sua fé, ainda está por vir, conforme declarado no versículo 39 — eles "não receberam a promessa" — não receberam a recompensa; portanto, qualquer *despertar* de seus entes adormecidos não era a recompensa, nem a promessa que eles buscavam. O apóstolo tem mencionado Gideão, Baraque, Sansão, Jefté, Davi, Samuel e os profetas, que realizaram coisas maravilhosas sob o poder do Senhor e de acordo com sua fé, arriscando — e, em muitos casos, sacrificando — suas vidas a serviço do Senhor. As mulheres tiveram menos oportunidades nesse sentido; no entanto, o apóstolo quer que saibamos que as esposas, mães e filhas de Israel — cuja fé no Senhor era tal que as levava a solidificar-se e cooperar com os homens que se engajavam nessas batalhas e sacrifícios — eram participantes ao lado de seus maridos, filhos e pais; e, ao encorajá-los à fidelidade, tornaram-se participantes com eles nos sacrifícios da fé; e, pela fé, olharam para o futuro e vislumbraram a melhor ressurreição que, por fim, viria para os fiéis do Senhor. Olhando com os olhos da fé para o futuro, elas, *na fé,* receberam seus mortos *ressuscitados à vida*, ou "pela ressurreição". (R.V.) E quem contestará que, se a fé de Abraão, ao se dispor a oferecer seu filho Isaque, foi aceitável a Deus, a fé das esposas, mães e filhas de Israel, que se uniram plenamente ao espírito dos representantes masculinos nos sofrimentos, guerras, provações etc., seria igualmente agradável ao Senhor; e isso não indicaria que, se possuíssem forças masculinas, elas também teriam sido valentes na luta, fiéis nas provações de zombarias cruéis, açoites, prisões e cativeiros, etc.? Tais mulheres (provavelmente poucas, assim como os homens descritos pelo apóstolo) foram, sem dúvida,

[F706]
aprovadas pelo Senhor também, e sem dúvida receberão uma parte na "melhor ressurreição" providenciada pelo Senhor para esses antigos dignos.

Embora *"anastasis"* signifique ressurgir, completamente, da morte, em nenhum sentido da palavra ela limita o processo de modo a torná-lo instantâneo ou gradual. De fato, observamos que a ressurreição de nosso Senhor foi instantânea, da morte à perfeição da vida, enquanto o mundo em geral terá uma ressurreição gradual, ou elevação à vida, que ocupará grande parte dos mil anos designados para essa obra de ressurreição, ou restauração. *A anastasis* também não altera a natureza do ser que será ressuscitado, pois o ressuscitado terá a mesma natureza que possuía quando morreu. O Apóstolo destaca isso em seu discurso sobre o assunto, assegurando-nos que, na ressurreição, o Senhor dará a cada semente o tipo de corpo que lhe é próprio. (***1 Cor. 15:35-38***) Um ser *humano* que tenha descido à morte não teria sua natureza alterada pelos processos da ressurreição, de acordo com o significado da palavra *anastasis*. Ela significa simplesmente que o ser que está na morte é o mesmo ser que será levado a se levantar novamente à vida.

Aqui observamos a harmonia do ensinamento das Escrituras de que

(1) nosso Senhor Jesus mudou sua natureza quando deixou a glória do Pai e se tornou homem, assumindo nossa natureza; (2) que ele mudou sua natureza novamente quando se sacrificou como homem e foi gerado como a nova criatura *no momento de seu batismo*, aos trinta anos de idade. Foi essa nova criatura, não mais terrena, mas celestial, que teve a ressurreição no terceiro dia e recebeu um corpo conforme agradou ao Pai — um corpo do espírito, um corpo de natureza adequada. Ele foi ressuscitado completamente da morte para a perfeição da vida no plano em que havia sido gerado anteriormente. Da mesma forma, a Igreja, a nova criação, sob a autoridade e em união com seu Senhor, a Cabeça, terá parte na mesma ressurreição; e, por serem contados como membros de seu corpo, diz-se que têm parte em "sua ressurreição" — a Primeira Ressurreição (a principal, a mais importante). Eles também são "gerados de novo",

[F707]
"gerados pelo espírito" como novas criaturas — daí sua ressurreição diferente.

O homem natural, que não se torna uma nova criatura, que não experimenta um renascimento para uma nova natureza, permanece um homem natural, e sua *anastasis*, ou ressurgimento, significará sua elevação como ser humano à plena perfeição da natureza humana, da qual toda a raça caiu representativamente na pessoa de Adão. A "melhor ressurreição", pela qual o Apóstolo nos diz que os antigos dignos esperavam, não será a Primeira Ressurreição, que se limita àqueles chamados durante a era evangélica — Cristo, a Cabeça, e a Igreja, seu corpo. A "melhor ressurreição" que esses antigos dignos receberão, superior à de seus semelhantes, consistirá em ser uma ressurreição instantânea à perfeição humana, no início da Era Milenar, em vez de uma ressurreição gradual "por meio de julgamentos" durante essa era. Isso lhes permitirá ser os servos honrados de Cristo, os servos do Reino, durante o milênio, e, como homens perfeitos, serem feitos "príncipes [chefes] em toda a terra" (***Salmo 45:16***). Será privilégio desses dignos administrar as leis do Reino, como agentes e representantes do Cristo espiritual, invisível aos homens. Sua bênção, portanto, em relação aos seus semelhantes,* será dupla; primeiro, porque sua provação já pertence ao passado e sua recompensa pela perfeição será instantânea, o que lhes dará, por esse motivo, quase mil anos de vantagem sobre os demais; e, segundo, porque, sob a providência do Senhor, isso lhes permitirá participar da grande obra de restauração e bênção como a

---

*A grande multidão, embora não possa ser considerada participante da Primeira Ressurreição, nem partilhar de sua glória, honra e imortalidade, nem ser incluída entre os antigos justos, deve, no entanto, ser considerada vencedora, mesmo que a vitória seja alcançada por meio de grande tribulação. E, como vencedores, devem ser considerados como passando da morte para a vida e, portanto, como sujeitos da ressurreição instantânea, e não gradual, como no caso do mundo, cuja provação ainda está por vir.

[F708]
fase terrena do Reino, os agentes humanos, ou canais, por meio dos quais o Cristo atuará amplamente.

A *anástase* do mundo em geral dependerá, no caso de cada indivíduo, de seu próprio progresso na "estrada" da santidade.* Como explicou o mestre: "Todos os que estiverem em seus túmulos ouvirão a voz do Filho do Homem e *sairão*". Mas a ressurreição é meramente o despertar no caso daqueles cujo julgamento, ou provação, não tiver sido previamente superado com sucesso; e como somente os vencedores da era evangélica ressurgirão para a Primeira Ressurreição, e os vencedores das eras passadas para uma ressurreição melhor no plano humano, o restante do mundo ressurgirá, como o Senhor declarou, para uma ressurreição por meio do julgamento. ***João 5:29*** +

Em ***João 5:25***, nosso Senhor indica como se realiza a passagem da morte para a vida, dizendo: "Vem a hora, e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e aqueles que a ouvirem viverão." Tendo em mente que o mundo inteiro está morto do ponto de vista divino, vemos que os apóstolos e a Igreja primitiva foram chamados para fora desse mundo morto e, como membros dela, receberam a oportunidade de ouvir a mensagem de vida do Filho de Deus. Na medida em que prestavam atenção, eles entravam em um relacionamento vital cada vez mais íntimo com o Doador da Vida; e assim todos os que se tornaram um com ele desde aquele dia até o presente ouviram [obedeceram] à sua voz, à sua mensagem, e, proporcionalmente, entraram em seu favor e compartilharão de sua

---

*Vol. I, p. 205.

+A tradução da nossa Versão Comum, "a ressurreição da condenação", é um grave erro que contribuiu enormemente para obscurecer a compreensão de muitos quanto ao verdadeiro significado desta passagem. Muitos parecem deduzir dela a ideia de que alguns ressuscitarão meramente para serem condenados novamente. A verdade é exatamente o contrário. A palavra traduzida como "condenação" neste versículo é a palavra grega *krisis*, que ocorre repetidamente no mesmo capítulo e é corretamente traduzida como "julgamento". Deveria ser traduzida assim neste caso, e é assim traduzida na Versão Revisada.

[F709]
recompensas. Semelhante será o procedimento na era vindoura: "O conhecimento do Senhor encherá toda a terra", e "Não haverá necessidade de dizer ao próximo: Conheça o Senhor, pois todos o conhecerão, desde o menor até o maior." "Todos os que estão em seus túmulos sairão", serão despertados para que possam "ouvir a voz do Filho de Deus, e aqueles que ouvirem [obedecerem] viverão".

Assim como na Igreja do Evangelho da atualidade, ouvir a voz do Filho de Deus é um processo gradual, linha sobre linha, preceito sobre preceito; assim será com o mundo durante a Era Milenar. Os obedientes chegarão gradualmente a uma compreensão cada vez mais clara do comprimento, da largura, da altura e da profundidade do amor, da justiça e da provisão divinas. Mas aqueles que obedecerem aos mandamentos daquele grande Mestre não sofrerão, então, perseguições e oposições, como acontece com aqueles que buscam seguir sua Palavra agora, pois, naquele momento, Satanás estará acorrentado, e as leis do Reino estarão em vigor; e aqueles que estiverem em conformidade com a justiça serão abençoados e exaltados, enquanto aqueles que lutarem contra o Reino e se opuserem ao seu governo em qualquer aspecto, após um julgamento razoável, serão considerados desprezadores da graça de Deus e serão excluídos do meio do povo. ***Atos 3:23***; ***Isaías 65:20***

Vemos, então, que a declaração de nosso Senhor sobre um despertar geral dos mortos significa uma grande bênção, fruto de sua obra redentora. Vemos que aqueles que praticaram o bem, que ressuscitarão para "a ressurreição da vida" — isto é, que ressuscitarão plenamente vivos — referem-se exclusivamente às classes vencedoras, à Igreja, aos antigos dignos e à grande multidão. Somente estes podem ser considerados como tendo praticado o bem, tendo agido bem na avaliação do Senhor — tendo obtido a aprovação divina. Não devemos entender a expressão "praticaram o bem" como significando ter agido perfeitamente, de acordo com o padrão divino em pensamento, palavra e ação, pois o Apóstolo nos explica expressamente que "não há justo, nem um sequer", em todos esses aspectos. A aproximação mais próxima da justiça que é possível a qualquer um de nós é a pureza de coração — a retidão de intenção.

[F710]

O restante do mundo está todo incluído no termo "aqueles que praticaram o mal" — que não foram aceitáveis a Deus. Isso inclui não apenas aqueles que não foram aceitáveis como pagãos, por não terem conhecido o grande redentor e, portanto, não terem tido o privilégio de se aproximar do Pai por meio dele, mas inclui, também, todos aqueles que ouviram algo a respeito de Jesus, que compreenderam algo a respeito de sua obra de reconciliação e que, possuindo esse conhecimento em vários graus, não responderam aos privilégios e oportunidades que lhes foram concedidos — não se consagraram plena e completamente. Todos esses, do ponto de vista divino, "praticaram o mal" — são reprovados.

Notar-se-á imediatamente que essa classe inclui muitos "altamente estimados entre os homens", tanto dentro quanto fora dos sistemas eclesiásticos nominais — muitos dos nobres, dos sábios, dos ricos, dos grandes e dos eruditos. Certamente deve fazer nossos corações se alegrarem, então, que o Senhor tenha providenciado o despertar também desses, e que, embora eles não "venham" para a ressurreição à vida, eles "virão" para ter as oportunidades de participar da ressurreição gradual *por meio de julgamentos*, de modo que, durante a Era Milenar — o dia de julgamento* ou provação de mil anos —, possam passar por suas provações sob condições tão favoráveis quanto a Palavra de Deus indicou.

Eles ouvirão a voz do Filho de Deus — não o jargão de credos conflitantes, conforme expresso pelas diferentes seitas da cristandade e do mundo. Será uma linguagem pura, ou uma mensagem pura, que lhes será dada. (***Sof. 3:9***) Os olhos cegos de todos serão abertos; os ouvidos surdos de todos serão destapados; eles ouvirão; eles saberão; e será inteiramente culpa deles se não se beneficiarem da mensagem alegre e não se apegarem às graças de Deus que lhes são concedidas por meio do Doador da Vida, o Cristo, e assim, passo a passo, centímetro a centímetro, conquistarem vitórias sobre suas fraquezas e imperfeições — mentais, morais e físicas —, até que,

---

*Vol. I, p. 137.

[F711]
no término de seu julgamento, ou período de provação, tenham alcançado as condições de vida — a perfeição — tudo o que foi perdido em Adão e redimido pelo precioso sangue de Cristo.

Não um julgamento ou provação por pecados passados; mas outra provação para a vida

Devemos lembrar que as provações e testes que então recairão sobre o mundo em geral não terão a natureza das provações a que os criminosos são submetidos atualmente, quando o tribunal e o júri examinam as provas para determinar se o culpado é ou não culpado e, em caso afirmativo, qual deve ser a punição. Não há dúvida quanto à culpa de nossa raça, e nenhum julgamento ou processo é proposto para determinar se o homem foi culpado de desobediência a Deus, nem para determinar se a pena de morte imposta por Deus foi justa ou não.

O julgamento, ou processo, da Era Milenar seguirá linhas totalmente diferentes e corresponderá mais de perto ao tratamento dado a uma criança que os pais consideraram culpada e merecedora de castigos físicos, à qual os castigos foram aplicados e que, após receber sua punição, seria questionada pelos pais: “Agora, você reconhece sua culpa? Você reconhece a justiça da punição que recebeu? E está disposto, daqui em diante, a ser uma criança obediente?” Diante de uma resposta afirmativa, o pai poderia dizer: “Vamos ver! Vou julgar-te, ou pôr-te à prova, durante o dia de hoje, e, se eu perceber que estás sinceramente arrependido e sinceramente disposto a fazer a minha vontade, à noite te trarei de volta à plena comunhão e te concederei todos os privilégios que tinhas antes da transgressão.” Essa é a natureza do julgamento, ou provação, da próxima era — uma provação para determinar quais membros do mundo culpado, após terem sofrido o salário do pecado, a morte, por seis mil anos, com gemidos e dores, terão aprendido a lição da extrema pecaminosidade do pecado e da grande bênção que acompanha a retidão, e desejarão conformar-se à vontade de Deus em todas as coisas.

[F712]

A obediência será exigida desde o início, e somente aqueles que se recusarem categoricamente a progredir serão excluídos, mesmo após cem anos de provação; aqueles que demonstrarem progresso, ainda que superficial, e se conformarem externamente às leis do Reino, terão permissão para prosseguir e receberão oportunidades de crescer na graça, no conhecimento e no amor. Mas, no final da Era Milenar, haverá um teste crucial para todos — não no que diz respeito à sua conduta exterior, que deve ter sido boa, caso contrário não teriam conseguido manter sua posição, mas teriam sido previamente excluídos da vida, na Segunda Morte. Esse teste final será no que diz respeito à *lealdade* de seu *coração* aos princípios da retidão. Todos serão testados nesse aspecto; e todos aqueles que não forem considerados totalmente leais e obedientes ao Senhor serão excluídos na Segunda Morte — não lhes será permitido prosseguir no desfrute dos favores divinos. Mas quão graciosa é a provisão divina assim estabelecida! Quão longânimo este plano divino mostra que nosso Pai celestial e nosso redentor são para com os filhos dos homens! Certamente, tal paciência e tolerância atrairão para o Senhor todos os que forem dignos da vida eterna; e, no que diz respeito à destruição dos demais, todos os que estiverem em harmonia com o Senhor estarão preparados para dizer, na linguagem da inspiração: "Verdadeiros e justos são os teus juízos, Senhor Deus Todo-Poderoso!" ***Apocalipse 16:7***

Considerados dignos de alcançar a ressurreição

Desse ponto de vista, percebemos o significado das palavras do Senhor: "Aqueles que forem considerados dignos de alcançar aquele mundo e a ressurreição." (***Lucas 20:35***) Extremamente poucos, apenas um "pequeno rebanho", são considerados dignos de alcançar aquele mundo e a "melhor" ressurreição antes do Milênio. A grande maioria da humanidade, incluindo aqueles a quem o Senhor dirigiu essas palavras, ressuscitará para a "ressurreição pelo julgamento", e então caberá a eles provarem-se dignos da vida perfeita, a única que terá permissão para perdurar além da Era Milenar, rumo às eras eternas do futuro. Somente aos obedientes

[F713]
serão os únicos a quem será permitido *alcançar* a ressurreição, sendo totalmente e completamente retirados da morte — um progresso gradual e uma conquista gradual. Como já vimos, aqueles que então trilharão a estrada da santidade deverão "*subir* por ela". Será um caminho ascendente e exigirá esforço e vitória por parte daqueles que desejam recuperar tudo o que foi perdido — a perfeição humana.

Ao examinarmos minuciosamente essa característica do plano divino, ficamos impressionados com sua razoabilidade e consistência, bem como com as vantagens que ela oferecerá àqueles para quem foi prevista. Podemos perceber facilmente, por exemplo, que qualquer outro plano seria desvantajoso para aqueles a quem as vantagens do Milênio foram especialmente destinadas. Tomemos, por exemplo, Nero. Suponhamos que lhe fosse concedida uma ressurreição instantânea à vida — suponhamos que ele "saísse" do túmulo perfeito, mentalmente, moralmente e fisicamente: esse não seria Nero. Aquele ser perfeito não poderia, em nenhum sentido da palavra, identificar-se com o Nero do passado; nem aqueles que haviam sido seus companheiros poderiam identificá-lo. Tampouco poderíamos imaginá-lo "saindo" perfeito no que diz respeito ao organismo humano, mas imperfeito em mente e caráter. Todos os que aprenderam até mesmo os princípios básicos das leis da fisiologia devem perceber imediatamente o absurdo de tal proposição. Essas leis nos ensinam muito claramente que caráter e organismo são um só; que um organismo perfeito certamente indicaria um caráter perfeito. Mas se, por um momento, assumíssemos qualquer uma dessas proposições irracionais, de imediato nos depararíamos com a objeção de que mil anos seriam um período muito longo para testar a obediência ou a desobediência de um ser *perfeito*. Adão, como ser perfeito, passou por uma provação muito breve, tanto quanto podemos julgar pelas Escrituras.

Além disso, se pudéssemos imaginar o mundo perfeito e em provação, seríamos obrigados a imaginá-lo também sujeito à lei perfeita; e, por ser isento de imperfeições, ele também estaria sem qualquer máscara ou cobertura para encobrir suas falhas e, portanto, na mesma posição em que

[F714]
Adão se encontrava no início, em seu julgamento. Nessa visão das coisas, não haveria necessidade do Reino mediador de Cristo e do reinado de mil anos; porque a lei perfeita representa a justiça divina, a mesma que se aplicou a Adão no início e a mesma que deve ser aplicada à humanidade no fim — no término do milênio, antes que o mundo pudesse ser aceito por Deus para o favor eterno. Tais visões, vemos, portanto, estão inteiramente em desacordo com o arranjo divino.

Observemos agora a beleza, a harmonia, a razoabilidade e a consistência do plano divino da ressurreição por meio de julgamentos. (1) O mundo, ressurgindo praticamente na mesma condição mental, moral e física em que entrou no túmulo, identificaria-se imediatamente, tanto pessoalmente quanto em relação aos outros. "Como a árvore cair, assim ficará", e o despertar, ou a chamada do túmulo, será como o fim de um sono — a mesma figura que o Senhor usa não apenas em relação ao corpo de Cristo, mas ao mundo em geral, cujo despertar futuro, sendo parte de seu plano, é descrito como um despertar do sono. Assim como alguém que desperta de um sono se encontra praticamente na mesma condição em que se deitou, com um leve revigoramento, e é capaz de relembrar rapidamente os eventos e circunstâncias que precederam seu sono, assim acreditamos que será com o mundo em geral, quando "ouvirem a voz do Filho do Homem e saírem".

Não queremos dizer com isso que eles ressuscitarão exatamente na mesma condição física em que se encontravam no momento da morte, pois isso seria um absurdo. Por exemplo, não devemos esperar que aquele cujos pulmões estavam deteriorados a ponto de seu último suspiro ser um ofego retorne ofegante e sem pulmões; aquele cuja cabeça havia sido decepada do corpo não seria despertado sem cabeça; e, da mesma forma, não seria razoável esperar que aquele que tivesse perdido braços, pés, dedos das mãos ou dos pés "ressuscitasse" sem esses membros. Na ausência de qualquer indicação definitiva nas Escrituras para orientar nossos julgamentos, devemos supor

[F715]
que a ressurreição ocorrerá com o que hoje seria considerado saúde e força médias; tal como, por exemplo, o Senhor se agradou em conceder àqueles que curou em sua primeira vinda. Os curados não foram restaurados à perfeição, caso contrário muitos deles poderiam ter vivido por séculos, como fez o Adão perfeito. Em vez disso, devemos presumir que as restaurações se referiam a saúde e força médias, e que assim será no tempo do despertar, quando a mesma voz os chamará do sono da morte, para que possam ouvir suas palavras e, pela obediência, "alcançar" a vida eterna e suas perfeições de mente e corpo, para as quais ele dispôs os tempos de restauração e as disciplinas, julgamentos e bênçãos do Reino.

Como os fios da existência serão retomados exatamente de onde foram interrompidos pela morte, a trama da experiência prosseguirá e se adaptará rapidamente às novas condições; e, entretanto, o indivíduo não perderá sua identidade, nem se perderá para o mundo e o círculo social do qual fazia parte. Assim, as experiências passadas com o pecado e o egoísmo constituirão um valioso acervo de conhecimento, útil para avaliações adequadas no futuro, permitindo que o ressuscitado aprecie as vantagens decorrentes do reinado da justiça e da vida, em contraste com o reinado anterior do pecado e da morte. Será também para seu benefício que ele deva, antes de tudo, aceitar Cristo, o Rei, como seu redentor, reconhecendo sua própria imperfeição e indignidade — deva agarrar-se ao Doador da Vida antes mesmo de poder iniciar a caminhada pela estrada da santidade. Será também para seu benefício que ele próprio deva tomar medidas para vencer suas próprias fraquezas e alcançar a perfeição que lhe foi apresentada como meta.

As lições da experiência assim adquiridas ficarão profundamente gravadas em sua memória e em seu caráter, e o prepararão para a prova final no término da Era Milenar, quando será exigida *lealdade* absoluta *do coração*. Entretanto, suas imperfeições não funcionarão em seu detrimento ou como obstáculo, pois, na proporção de sua fraqueza ou

[F716]
força de caráter, serão as exigências dos Juízes
— todos os quais estão sendo preparados agora por meio de suas próprias experiências com o pecado e a fraqueza para julgar com compaixão e ser verdadeiramente úteis. Tais experiências por parte dos Juízes não seriam tão essenciais se este não fosse o plano divino de recuperação gradual — "a ressurreição por meio do julgamento".

Essa visão está também em total concordância com a declaração divina proferida pela boca do profeta Daniel a respeito da ressurreição: "Muitos dos que dormem no pó da terra despertarão, uns para a vida eterna [duradoura], e outros para a vergonha e o desprezo eterno [duradouro]." (***Dan. 12:2***) Aqui vemos a mesma divisão entre os despertados que nosso Senhor explica mais detalhadamente. Uma classe é despertada para a vida em seu sentido pleno e completo — a vida duradoura; a outra classe é despertada, mas não para a vida. Ao despertar, ainda se encontra na morte, porque não é aprovada por Deus — não está vitalmente ligada ao Filho. "Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho não verá a vida." O mundo em geral, então, "sai" para que seja levado ao conhecimento do fato de que *a vida* e *a restauração* foram providenciadas pela graça de Deus por meio do grande sacrifício de expiação; de que o Doador da Vida assumiu seu grande poder e glória, como Profeta, Sacerdote e Rei, e de que, ao entrar nele, possam gradualmente, passo a passo, alcançar a vida.

A afirmação do profeta a respeito dessa segunda classe — de que eles vêm à luz para a vergonha e o desprezo duradouro — é significativa. Se eles viessem à luz perfeitos, não estariam em uma condição vergonhosa e desprezível, pois a perfeição é sempre admirável. Essas palavras, portanto, atestam que eles surgem imperfeitos, e a explicação adicional de nosso Senhor nos assegura que eles surgem em sua imperfeição, para que possam, se assim o desejarem, alcançar a ressurreição e a perfeição, sob as provações ou julgamentos aos quais serão submetidos — recompensando suas obediências e castigando e disciplinando suas desobediências.

Já usamos Nero como ilustração; e, como ele certamente será um daqueles que ressurgirão para a vergonha e

[F717]
ao desprezo duradouro, podemos muito bem usá-lo para uma ilustração adicional. Quando nos lembramos de que o despertar do mundo adormecido não começará até que a atual geração do mundo tenha sido submetida ao poder do Reino, alcançando um grau considerável de retidão e inteligência, perceberemos prontamente que Nero, ao ressurgir, se encontrará em meio a condições sociais muito diferentes daquelas que prevaleciam quando ele morreu. Ele encontrará vícios como aqueles que praticava e cultivava amplamente desacreditados, e as virtudes que ele rejeitava e perseguia estarão no poder e gozarão de favor geral. Ele estará totalmente em desacordo com todo o seu entorno, muito mais do que outros menos obstinados, menos devassos, menos perversos, menos desprezíveis. Ele se verá bem conhecido pelas páginas da história e será alvo de *desprezo* geral por causa do abuso de seus poderes e oportunidades — não apenas como assassino de sua própria mãe, mas também como perseguidor e torturador dos fiéis do Senhor.

Toda pessoa boa e de disposição virtuosa é obrigada a considerar tal personagem como ele com "desprezo", e, nessas circunstâncias, ele será obrigado a sofrer grande "vergonha". No entanto, ele terá a ressurreição por meio do julgamento
— com o propósito de receber a oportunidade de *se erguer* de sua condição vergonhosa e desprezível até a plena perfeição da natureza humana; e até que ponto ele alcançará a vida, até que ponto alcançará a ressurreição da morte, dependerá inteiramente dele mesmo. Em primeiro lugar, ele deve conhecer a Verdade; deve ver a si mesmo como realmente é; deve ver, em contraste, o homem perfeito — tal como representado nos antigos homens de virtude, os "príncipes" daquela época. Deve ver em ação as leis da justiça, em contraste com seu conhecimento anterior do funcionamento do reinado do pecado e da morte. Se, então, ele persistir deliberadamente em uma influência maligna, endurecer seu coração e recusar a obediência, deverá morrer a Segunda Morte — após ter desfrutado e rejeitado os privilégios e oportunidades que o Senhor providenciou para ele e para toda a humanidade.

[F718]

Mas se, ao contrário, ele se humilhar, reconhecer seu pecado e tornar-se obediente às leis do Reino, ele assim iniciará imediatamente sua trajetória ascendente em direção à vida — sua ressurreição, ou ascensão, rumo à recuperação completa da queda. Se ele assim "*subir*" pela estrada da santidade, estará, ao mesmo tempo, purificando-se do "desprezo" de seus semelhantes e, consequentemente, livrando-se da "vergonha". Pois não podemos duvidar de que, se há alegria no céu por um pecador que se arrepende, haverá alegria na terra entre todas as pessoas de boa vontade, à medida que, de tempos em tempos, virem os pecadores se afastando dos erros de seus caminhos para a obediência ao Senhor; e o louvável desprezo dos primeiros pelo pecado e sua mesquinhez deve, gradualmente, dar lugar a uma apreciação solidária dos esforços que estão sendo envidados na direção da retidão. De modo que, caso Nero venha a tornar-se plenamente obediente ao Senhor e alcance a vida eterna na "ressurreição pelo julgamento", ele será altamente respeitado e seu passado será totalmente esquecido — assim como agora, ao pensarmos no apóstolo Paulo, lembramos de seus nobres sacrifícios e de sua fidelidade ao Senhor, dissociando-o de Saulo, o perseguidor a quem ele chamou de "o principal dos pecadores".

Castigos pelos pecados desta vida

Alguém pergunta: "Não haverá punições pelos pecados do tempo presente?" Respondemos que a Justiça certamente aplicará uma punição por cada pecado. O pecado de Adão, como todos reconhecemos, vem sendo punido há seis mil anos, e sob essa punição toda a criação tem gemido, sofrido dores de parto e mergulhado na morte. Esse pecado e todos os pecados adicionais influenciados pelas fraquezas e depravações resultantes do pecado de Adão estão todos incluídos na expiação realizada pelo grande sacrifício pelos pecados. Os pecados que necessitam de punição adicional seriam aqueles que não resultam diretamente da queda adâmica e da depravação — aqueles que, em certa medida, foram cometidos deliberadamente. Tais pecados deliberados devem todos ser punidos; mas, evidentemente, não estamos, no momento presente,

competentes para julgar qual seria a pena correta ou razoável para tais pecados — total ou parcialmente deliberados.

Sem dúvida, essa foi uma das razões pelas quais o Senhor nos instruiu a "não julgar nada antes do tempo". Eventualmente, o julgamento estará em nossas mãos — como está escrito: "Não sabeis que os santos julgarão o mundo?" — sendo nosso Senhor Jesus o chefe desses Juízes. A declaração do Senhor é que aquele que conheceu a vontade do seu mestre e não a cumpriu receberá muitos açoites, enquanto aquele que não a conheceu e fez coisas dignas de açoites receberá poucos açoites. (***Lucas 12:47,48***) Isso nos indica que a culpa do pecado deliberado deve ser medida, em grande parte, pelo nosso conhecimento do Senhor e de sua vontade. Portanto, a Igreja e aqueles que, durante a era evangélica, estiveram sob a luz e a influência da Igreja, serão responsabilizados em maior grau do que os demais. Nero, embora não pertencesse à Igreja, não tivesse sido gerado pelo espírito e, portanto, fosse proporcionalmente menos responsável do que a Igreja, teve, no entanto, contato considerável com os filhos da luz; e, por isso, podemos presumir que teve uma grande parcela de responsabilidade em relação aos seus crimes.

"Os pecados de alguns homens precedem o julgamento"

Ao considerarmos as punições pelos pecados cometidos deliberadamente em virtude da luz de que se desfrutou, não devemos esquecer a afirmação do apóstolo de que "os pecados de alguns homens precedem o julgamento, e os de outros o seguem". (***1 Tim. 5:24***) Não sabemos até que ponto os pecados de Nero já receberam alguma medida de punição; não sabemos até que ponto ele sofreu mental ou fisicamente; não sabemos, portanto, até que ponto a punição por seus pecados virá depois e o alcançará durante a Era do Julgamento. A título de argumentação, suponhamos que ele não tenha recebido punições especiais no passado e que todos os castigos por seus pecados venham a seguir; e perguntemo-nos qual será a natureza do registro contra ele e como os castigos lhe serão infligidos? Não temos competência para responder a essas perguntas sem

reservas ou condições, mas todos reconhecemos um princípio geral já funcionando em cada homem, que registra os resultados de suas próprias violações do conhecimento e da consciência. Vemos que, na mesma proporção em que a verdade, a luz, o conhecimento e a consciência são violados, na mesma proporção o caráter é minado; e, seja qual for a extensão disso, a restauração será tanto mais difícil para ele.

Podemos razoavelmente julgar que Nero deve ter minado seu caráter e sua consciência em uma extensão realmente muito grande. Se, então, no despertar ele "ressurgir" como morreu, meramente para uma oportunidade de desenvolvimento, podemos ver facilmente que cada passo para baixo que ele deu no passado, cada violação da consciência, cada oposição conhecida à retidão, causou um dano ao seu caráter que, se alguma vez for vencido, exigirá esforço proporcional para refazer seus passos e reconstruir aquela parte do caráter que ele destruiu de forma imprudente. Não nos cabe afirmar que isso, e somente isso, será o castigo pelos pecados do tempo presente; mas que assim seja nos parece razoável. Estamos satisfeitos, de qualquer forma, em encerrar o assunto aqui, confiantes de que as decisões da Igreja glorificada terão o pleno endosso de todos os que possuem o espírito do Senhor. Não podemos supor que nosso Senhor tenha prazer em retribuir o mal com o mal, ou em causar dor desnecessária mesmo aos mais vilões, mas que a decisão da grande Corte Suprema já proferida permanecerá, a saber: "O salário do pecado é a morte" — a Segunda Morte.

"Assim é a [principal] ressurreição
dos [especiais] mortos"
—1 Cor. 15:42—

A ressurreição da Igreja é designada como *a Primeira* Ressurreição, não no sentido de prioridade (embora tenha prioridade), mas no sentido de ser principal, melhor, superior. Já vimos que há diferentes ordens na ressurreição — três das quais são *para a vida*, para a perfeição, embora em diferentes planos de existência; a Igreja ocupando

[F721]
o primeiro lugar, com a "grande multidão" e os antigos dignos seguindo em ordem; e que, posteriormente, ou por último, ocorrerá a ressurreição geral do mundo, aberta a toda a humanidade, a todos quantos aceitarem as provisões e disposições divinas — a ressurreição pelo julgamento, a ser concluída somente com o fim da Era Milenar. Nesse sentido da palavra, será de fato um fato que "os demais mortos" não *viverão* "até que os mil anos se completem" — eles não terão vida em seu sentido pleno, próprio e completo; não serão ressuscitados completamente *da morte* até então. Assim considerada, a cláusula espúria de ***Apocalipse 20:***5 * revela-se em total concordância com o teor geral das Escrituras. Todas essas ressurreições subsequentes à primeira, ou principal, estarão, sem dúvida, sob o poder e o controle da Igreja glorificada, cuja gloriosa Cabeça recebeu, para esse fim, todo o poder e autoridade do Pai.

Tendo considerado a obra de ressurreição da Igreja em favor dos outros, consideremos agora o que as Escrituras têm a mostrar especificamente a respeito da Primeira Ressurreição. Com que corpos a nova criação surgirá? Quais serão algumas de suas qualidades e poderes?

O apóstolo declara: "Como é o terreno, assim também são os terrenos; e como é o celestial, assim também são os celestiais." (***1 Cor. 15:48***) Entendemos que essas palavras significam que o mundo em geral, que experimentará a restauração à perfeição humana, será como o terreno — como o primeiro Adão, antes de pecar, e como o perfeito "Homem Cristo Jesus" era antes de ser gerado para a novidade da natureza. Nós nos regozijamos com o mundo nessa grandiosa perspectiva de nos tornarmos novamente imagens terrestres plenas e completas do Criador divino. Mas nos regozijamos ainda mais nas preciosas promessas

---

*Já chamamos a atenção para o fato de que a frase "Os demais mortos não voltaram a viver até que os mil anos se completassem" não encontra qualquer apoio em manuscritos antigos anteriores ao século V; no entanto, ela está em total concordância com o que estamos apresentando aqui, pois o termo *"não voltaram a* viver" deve ser entendido como referindo-se não ao despertar, mas à plena restauração à vida em seu grau perfeito. Ver nota de rodapé no Vol. I, p. 288.

[F722]
destinada à Igreja do Evangelho, "os chamados" de acordo com o propósito divino, que terão a imagem do Ser Celestial — a imagem do Criador, em um sentido ainda mais elevado e específico — não como imagens carnais, mas como imagens do espírito. "Seremos como ele [o Jesus glorificado e 'transformado'], pois o veremos *como ele é*." Ele é um ser do espírito, "a *imagem expressa da pessoa do Pai*", "muito acima dos anjos, dos principados e das potestades, e de todo nome que se nomeia", e, portanto, muito acima da humanidade perfeita. Se formos como ele e compartilharmos de sua glória e de sua natureza, isso significa que também seremos imagens da pessoa do Pai, "a quem nenhum *homem* viu nem pode ver, habitando em luz à qual nenhum *homem* pode se aproximar"; mas a quem podemos nos aproximar e a quem podemos ver como ele é, porque fomos "transformados". ***1º João 3:2***; ***1 Timóteo 1:17; 6:16***; ***Êxodo 33:20***

Para que ninguém o interprete mal, o Apóstolo esclarece a afirmação acima acrescentando: "Assim como *nós* [a Igreja] temos a imagem do [Ser] terreno, também teremos a imagem do [Ser] celestial". Não é intenção do Apóstolo que todos venham a ter a imagem do Ser celestial, nesse sentido, para sempre. Esse não era o desígnio do nosso Criador. Quando criou o homem, Ele planejou ter um ser *carnal, humano e terreno*, à Sua própria semelhança [mentalmente, moralmente], para ser o senhor e governante da terra, como representante de seu Criador celestial. (***Gênesis 1:26-28***; ***Salmos 8:4-7***) A seleção da nova criação, como vimos, é totalmente separada e distinta da criação terrena. Eles são escolhidos *dentre* o mundo e constituem, no todo, apenas um "pequeno rebanho", chamado para ser a classe do Reino do Senhor, a fim de abençoar o mundo durante os mil anos da Era milenar — posteriormente, podemos ter certeza, ocupando alguma posição muito elevada e de grande responsabilidade, e realizando algum trabalho muito importante na execução de outros propósitos divinos — talvez em conexão com outros mundos e outras criações.

Mas o Apóstolo aprofunda ainda mais a questão, dizendo, em explicação ao que foi exposto anteriormente (versículo 50): "Ora, isto digo, irmãos: que carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus." Assim, ele distingue entre nossa

[F723]
condição atual na carne e nossa condição futura como seres do espírito; declarando de forma muito categórica que, enquanto estivermos na carne, não podemos constituir o Reino do Senhor em nenhum sentido real, pois esse Reino será espiritual, composto de seres do espírito. O próprio Senhor, a Cabeça, o chefe, o líder, o exemplo para sua Igreja, é o glorioso ser do espírito, de quem foi concedido um vislumbre ao apóstolo Paulo (***1 Cor. 15:8***) e uma visão ao apóstolo João na visão apocalíptica. "Seremos como ele" — não de carne e sangue, como o restante da raça da qual fomos selecionados, e cuja restauração, ou a ressurreição por meio de julgamentos, os trará de volta à perfeição das condições de carne e sangue, assim como os mesmos tempos de restauração levarão a Terra à condição representada pelo Jardim do Éden no início.

Mas o apóstolo reconheceu o fato de que seria difícil para nós compreender plenamente a ideia de uma *mudança* tão completa da Igreja — das condições carnais e terrenas para as condições celestiais e do espírito. Ele percebeu que nossa dificuldade seria menor em relação àqueles que adormeceram na morte do que em relação aos que estão vivos e permanecerão até a presença do Senhor. É muito mais fácil para nós compreender a ideia de que os que dormem serão ressuscitados em novos corpos espirituais, tais como o Senhor prometeu proporcionar, do que compreender a ideia de como os santos que estiverem vivos na época da segunda presença do Senhor serão aceitos por ele em seu Reino do espírito. O Senhor, por meio do apóstolo, deixa isso muito claro para nós, dizendo: "Há um mistério relacionado a esse assunto, que eu explicarei: nem todos adormeceremos, embora todos tenhamos de ser transformados — num instante, num piscar de olhos, ao som da última trombeta — a sétima trombeta." ***1 Coríntios 15:51,52***

Embora o Senhor, por meio do apóstolo, tenha esclarecido um mistério até certo ponto com essas palavras, ainda assim uma parcela considerável de mistério tem, desde então, obscurecido até mesmo essa explicação clara; pois muitos dos queridos filhos do Senhor confundiram a palavra "adormecer" com a palavra "morrer", e

[F724]
supuseram que a explicação fosse de que os santos que permanecessem até a vinda do Senhor seriam transformados sem morrer, o que não é de forma alguma o que foi afirmado. Tomemos o caso dos apóstolos, por exemplo; eles morreram e, a partir do momento da morte, foram considerados como estando "adormecidos" até o momento da ressurreição. A morte foi um ato momentâneo, enquanto o sono, ou inconsciência, continuou por séculos.

Esse significado da palavra "sono" deve ser associado às palavras do apóstolo, para que possam ser compreendidas, a saber: Não será necessário que o povo do Senhor que permanecer até a sua segunda presença *durma* em morte inconsciente, nem mesmo por um momento. Eles *morrerão*, no entanto, conforme declarado pelo Senhor, por meio do profeta, ao falar da Igreja: "Eu disse: Vós sois deuses, todos vós, filhos do Altíssimo; contudo, todos vós morrereis como homens e caireis como *um* dos príncipes." (***Sal. 82:6,7***) O mundo em geral morre como o Príncipe Adão, como seus filhos, participantes de sua sentença; mas os fiéis em Cristo Jesus morrem com ele — com o Príncipe Jesus. (***Isa. 9:6***; ***Atos 3:15; 5:31***) Justificados por meio de seu sacrifício, eles se tornam *mortos com ele*, como co-sacrificadores. Eles "caem" sob a morte de forma sacrificial — como o segundo Príncipe. "Se *morremos com ele*, também *viveremos com ele*." Mas, como o Apóstolo nos aponta, a morte desses não significará *um sono* de inconsciência — o próprio momento da morte será o próprio momento da "transformação", ou do revestimento com a morada do céu, o corpo espiritual.

A "transformação" que acontecerá àqueles da Igreja que permanecerem até a vinda do Senhor é, assim, apresentada como sendo, em todos os sentidos da palavra, parte da Primeira Ressurreição. Em nenhum aspecto ela difere da experiência da morte que deve ser comum a todos os membros do único corpo. O único ponto de diferença entre os outros membros do corpo e estes será aquele que o Apóstolo especifica; a saber, eles não "*dormirão*". Esses últimos membros do corpo não precisarão dormir — não precisarão esperar pela vinda do Reino, pois ele já estará estabelecido. Eles passarão imediatamente das

[F725]
as atividades do serviço deste lado do véu, na carne, para as atividades do serviço do outro lado do véu, como novas criaturas aperfeiçoadas, membros de Cristo.

"Ainda não se manifestou o que seremos"

Com relação aos poderes e qualidades das Novas Criaturas, aperfeiçoadas, o Apóstolo nos diz que nem todas terão os mesmos graus de glória, embora todas tenham o mesmo *tipo* de glória — todas serão seres celestiais ou celestiais. Haverá uma glória comum a todos esses seres celestiais e outra glória comum aos seres humanos, ou terrestres. Cada uma, em sua perfeição, será gloriosa, mas as glórias dos seres celestiais serão superiores — transcendentais. As Escrituras nos dizem que a Igreja como um todo "brilhará como o sol". (***Mt 13:43***) Essa descrição da futura glória, feita pelo próprio Senhor, aplica-se a todos os que pertencem à classe do "trigo"; contudo, à luz da explicação do apóstolo (versículo 41), percebemos que, individualmente, haverá diferenças nas posições e honras da igreja. Todos serão perfeitos, todos serão supremamente felizes, mas, assim como o Pai está acima de tudo, e assim como Ele exaltou o Filho para estar ao seu lado, e como isso indica diferenças de glória, majestade e autoridade, assim também entre os seguidores do Senhor, todos os quais são aceitáveis, haverá diferenças de posição, "assim como uma estrela difere da outra" em magnitude e brilho. ***1 Coríntios 15:41***

Nosso Senhor, em duas de suas parábolas, sugere a mesma diferença entre seus seguidores glorificados. Aquele que havia sido fiel com cinco talentos receberia um elogio especial na volta do Senhor; enquanto os outros fiéis, que possuíam um número menor de talentos, seriam tratados proporcionalmente. Aquele que fora fiel no uso de sua libra, de modo a ganhar dez libras, receberia o governo sobre dez cidades; e aquele que fora fiel sobre sua libra, ganhando cinco libras, teria talentos, bênçãos, oportunidades e autoridade aumentados proporcionalmente. ***Mateus 25:14-30***; ***Lucas 19:11-27***

[F726]

Também não precisamos nos surpreender com isso, pois, olhando para trás, vemos que, embora o Senhor tenha escolhido doze apóstolos e os amasse a todos, havia três entre eles a quem Ele amava especialmente e que, em várias ocasiões, estavam mais próximos Dele e mantinham uma relação ainda mais íntima do que os demais. Podemos ter certeza, também, de que, quando o "Livro da Vida" for aberto e quando os lugares mais próximos do mestre no trono forem distribuídos, aqueles à direita e à esquerda (os mais próximos de sua pessoa) serão reconhecidos por todos como dignos da honra e da distinção que lhes são concedidas. (***Mt 10:41***) Não nos surpreenderia nem um pouco encontrar o apóstolo Paulo ao lado do mestre, com, possivelmente, João à sua outra mão. A ideia não é a de localização ou posição em um banco — trono —, mas a proximidade de relacionamento no poder e na majestade do Reino. Podemos ter certeza de que todos os que constituirão o "pequeno rebanho" estarão tão cheios do espírito do Senhor que, por honra, se darão preferência uns aos outros; e podemos saber com certeza que não haverá ciúmes, mas que o julgamento divino a respeito da dignidade será plenamente aprovado por toda a nova criação. Assim é no tempo presente, e muito mais podemos esperar disso no futuro. No tempo presente, lemos que "Deus dispôs os diversos membros no corpo como lhe aprouve", e todos os que estão em harmonia com o Senhor buscam continuamente, não alterar o arranjo divino, mas reconhecê-lo e cooperar com ele. Assim também será certamente no futuro.

Ao descrever as diferenças entre as condições atuais e as do futuro, o Apóstolo diz: "É semeado na corrupção; é ressuscitado na incorrupção". "É" — a Nova Criatura, cuja existência teve início no momento da consagração e da concepção pelo espírito. A nova criatura que vem se desenvolvendo e buscando controlar a carne e torná-la sua serva, de acordo com a vontade divina — a nova criatura que, segundo se diz, viveu na carne, como em um tabernáculo, enquanto aguardava o novo corpo. "Ela" foi semeada na corrupção, em um corpo corruptível: "*E*la" desceu à morte; e, no entanto, "*Ela*" não é representada como morta, mas meramente

[F727]
adormecido, enquanto seu tabernáculo terreno se dissolvia. É esse mesmo "*Ele*", a nova criatura, que será revestido com a morada celestial, o corpo espiritual, na Primeira Ressurreição.

Esse corpo espiritual no qual "*isso*" será ressuscitado, declara o apóstolo, será incorruptível — um corpo que não pode se corromper, que não pode morrer. A palavra aqui traduzida como "incorrupção" é *aphtharsia* e significa aquilo que é *à prova da morte*, aquilo que não pode se corromper, morrer ou perecer. É a mesma palavra traduzida como "incorrupção" nos versículos 50, 53 e 54 deste capítulo, e a mesma palavra traduzida como *"a* imortalidade" em ***Romanos 2:7*** e, novamente, em ***2 Timóteo 1:10***.

A declaração de que nossos corpos espirituais serão incorruptíveis e imortais é de suma importância, pois nos é claramente informado que essa qualidade de imortalidade pertence inerentemente somente a Jeová; enquanto se declara a respeito de nosso Senhor Jesus que, por causa de sua fidelidade, sua elevada exaltação consistiu, em parte, em lhe ter sido concedida *vida em si mesmo*, assim como o Pai tem vida em si mesmo. O pensamento aqui é o mesmo — de que a gloriosa Cabeça da Igreja experimentou exatamente essa "transformação" para a imortalidade, para a incorruptibilidade, para a participação na natureza divina. Não nos surpreende que o plano de Deus seja assim generoso para com nosso querido Redentor; mas certamente nos espanta que essa qualidade da natureza divina, *concedida* a ninguém além de nosso Mestre, seja prometida aos membros de seu corpo, que seguem seus passos e buscam glória, honra e a imortalidade. ***2 Pedro 1:4***; ***Romanos 2:7***

"É semeado em desonra; é ressuscitado em glória." Aqui, novamente, a nova criatura é referida pela palavra "isso". Durante a vida presente, o mundo não nos conhece; não percebe que fomos gerados pelo Pai para sermos seus filhos no plano espiritual e que estamos apenas temporariamente peregrinando na carne, para fins de nossa provação, para o teste de nossa fidelidade à nossa aliança de sacrifício. "Agora somos filhos de Deus." Mas, por não sermos reconhecidos, somos menosprezados pelo mundo; e, devido à nossa consagração ao Senhor, podemos

[F728]
nem mesmo ocupar posições tão honrosas entre os homens quanto poderíamos, se nossos talentos naturais fossem dedicados a atividades mundanas. De qualquer forma, tanto individual quanto coletivamente, a Igreja na carne está agora, como o Apóstolo aqui declara, "em desonra", em desprestígio; e, como ele afirma em outro trecho, nosso corpo é, no momento, um corpo de humilhação (erroneamente traduzido em nossa tradução comum como "um corpo vil"). (***Fil. 3:21***) Mas qual será a condição no futuro? Será que toda a desonra terá passado? Será que a Igreja (Cabeça e "corpo") será tal que tanto os anjos quanto os homens a apreciarão e honrarão? Será que a nova criação estará, assim, "na glória"? Oh, sim! Essa é a garantia.

"É semeado em fraqueza; é ressuscitado em poder." Ainda se refere-se à nova criatura — sendo a fraqueza mencionada a dos atuais corpos mortais, suas imperfeições, que todas as novas criaturas lamentam, e que Deus, em Sua graça, considera não serem as fraquezas da nova criatura, cujos propósitos ou intenções para com o Senhor são puros, perfeitos, leais e fortes. É afirmado de forma muito específica que essas fraquezas não se apegarão aos novos corpos de ressurreição dos "escolhidos". "É ressuscitado em poder" — o poder da perfeição, o poder da nova natureza, o poder de Deus.

"É semeado como corpo natural; é ressuscitado como corpo do espírito." O mesmo *"ele"*, a mesma nova criatura. Agora é um corpo natural — a única coisa tangível é a carne. Somente pela graça de Deus nos é permitido *considerar* a nova mente como uma nova criatura e aguardar o tempo em que a essa nova mente será concedido um corpo do espírito, adequado a ela. O corpo do espírito será então *"ela*", no mesmo sentido em que o corpo natural é agora *"ela*". Que perspectiva gloriosa é essa! Na verdade, é incompreensível para nós, que não temos outras experiências além daquelas comuns ao homem natural — a não ser que nossas mentes tenham compreendido, pela fé, as promessas e revelações do Senhor e tenham entrado no espírito das "coisas ainda não vistas".

Mas se o próprio *pensamento* das glórias vindouras já nos elevou acima do mundo e de suas preocupações, de suas provações, de suas loucuras e de suas

[F729]
Se essas são as alegrias, quanto mais significativas serão as realidades para nós quando formos perfeitos, semelhantes ao nosso Senhor, e compartilharmos de sua glória! Não é de se admirar que nosso Senhor tenha dito a Nicodemos: "Se eu vos falei das coisas terrenas e não credes, como podereis crer se eu vos falar das coisas celestiais?" Não é de se admirar que se afirme que devemos primeiro nascer do espírito santo antes mesmo de podermos começar a compreender as coisas celestiais. Inquestionavelmente, portanto, nossa capacidade de correr a corrida que nos foi proposta no evangelho, nosso esforço para vencer o espírito do mundo e as tentações do adversário, será proporcional à nossa obediência ao conselho divino, a não amar o mundo, a deixar de lado todo peso e o pecado que facilmente nos assalta, a não esquecer de nos reunirmos, a examinar as Escrituras diariamente e, em todos os sentidos da palavra, a fazer uso dos privilégios, misericórdias e bênçãos que nos são conferidos como filhos de Deus. Se fizermos essas coisas, nunca falharemos, mas assim nos será concedida, em abundância, a entrada no Reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo." ***1º João 3:2,3***; ***Rom. 8:17***; ***João 3:12***; ***1 Cor. 2:14***; ***1º João 2:15***; ***Efésios 6:10-18***; ***Hebreus 12:1,2; 10:25***; ***João 5:29***; ***Atos 17:11***; ***2 Pedro 1:4-11***

[F730]

Anseio pelo Lar

Assim como o cervo anseia por
correntes de água, assim minha
alma anseia por Ti.
Ah, quando contemplarei a Tua face?
Quando Tu me chamarás?

Quantas vezes, à noite, volto meus
olhos Para o meu lar celestial,
E anseio por aquele tempo abençoado em
que Tu, meu Senhor, me dirás: “Vem!”

E, no entanto, sei que somente
aqueles verão Teu rosto
abençoado,
cujos corações, livres de toda mancha de
pecado, estejam purificados e livres.

E, oh, meu mestre e meu Senhor, sei
que estou longe de ser digno
Para, junto a todos os Teus santos
abençoados na luz, desfrutar da
doce comunhão.

Sei que aqueles que compartilham Teu
trono Devem ser à Tua semelhança,
E que o Pai veja neles todos os
preciosos frutos do espírito.

Senhor, concede-me graça para, com
mais paciência, lutar com meu pobre
coração,
E *aguardar o Teu tempo* para estar
Contigo E ver-Te como Tu és!

G.W.S.